

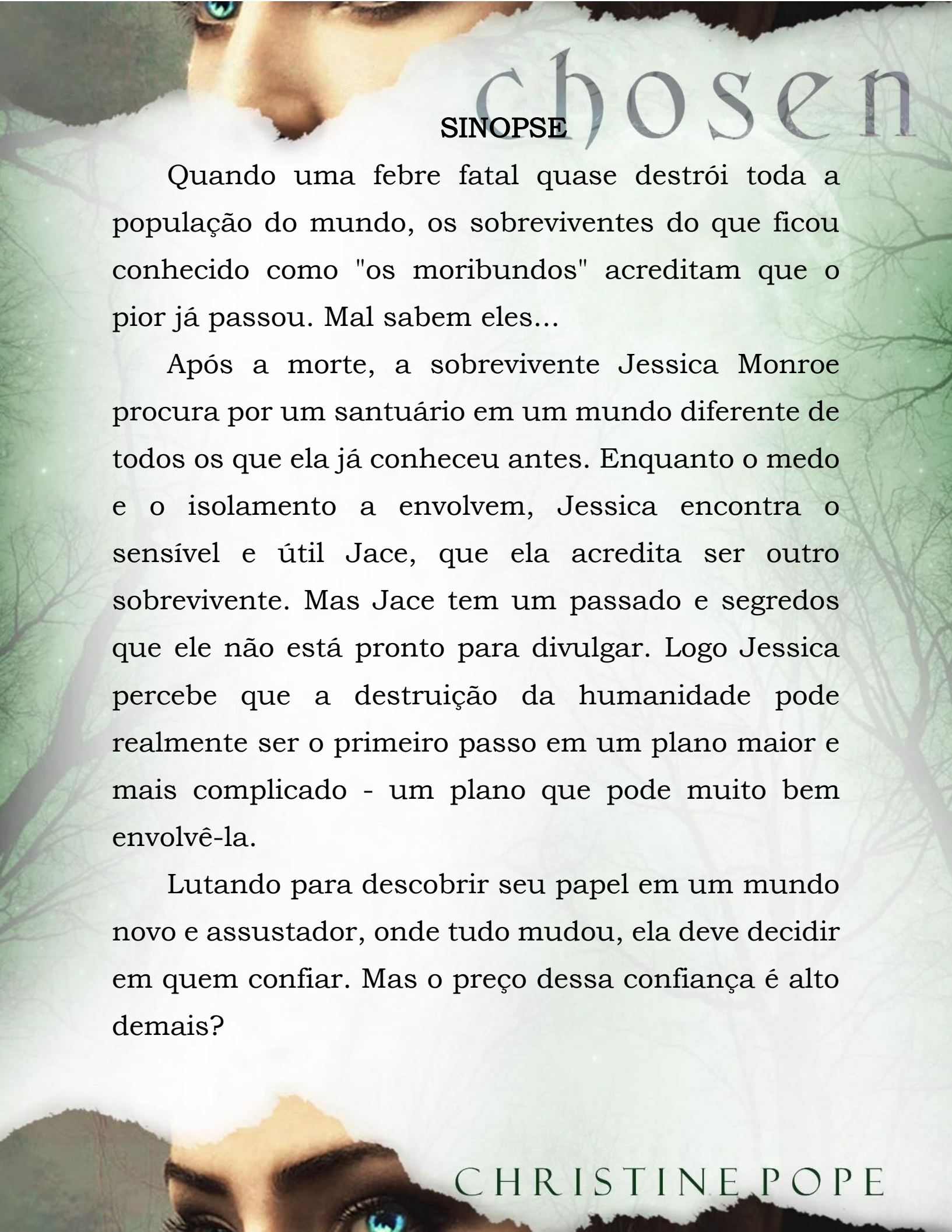
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
CHRISTINE POPE



CHOSEN

THE DJINN WARS – BOOK 1





chosen

SINOPSE

Quando uma febre fatal quase destrói toda a população do mundo, os sobreviventes do que ficou conhecido como "os moribundos" acreditam que o pior já passou. Mal sabem eles...

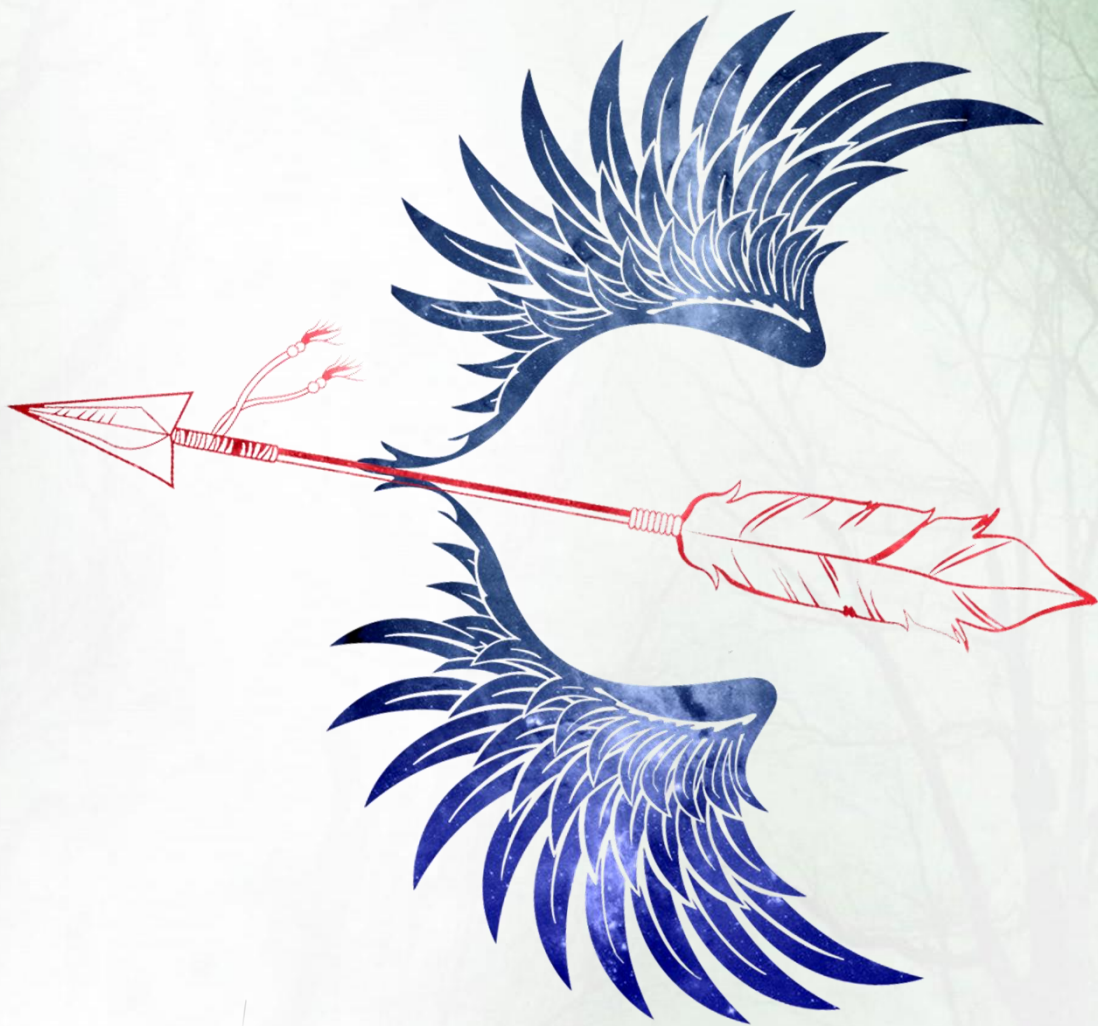
Após a morte, a sobrevivente Jessica Monroe procura por um santuário em um mundo diferente de todos os que ela já conheceu antes. Enquanto o medo e o isolamento a envolvem, Jessica encontra o sensível e útil Jace, que ela acredita ser outro sobrevivente. Mas Jace tem um passado e segredos que ele não está pronto para divulgar. Logo Jessica percebe que a destruição da humanidade pode realmente ser o primeiro passo em um plano maior e mais complicado - um plano que pode muito bem envolvê-la.

Lutando para descobrir seu papel em um mundo novo e assustador, onde tudo mudou, ela deve decidir em quem confiar. Mas o preço dessa confiança é alto demais?

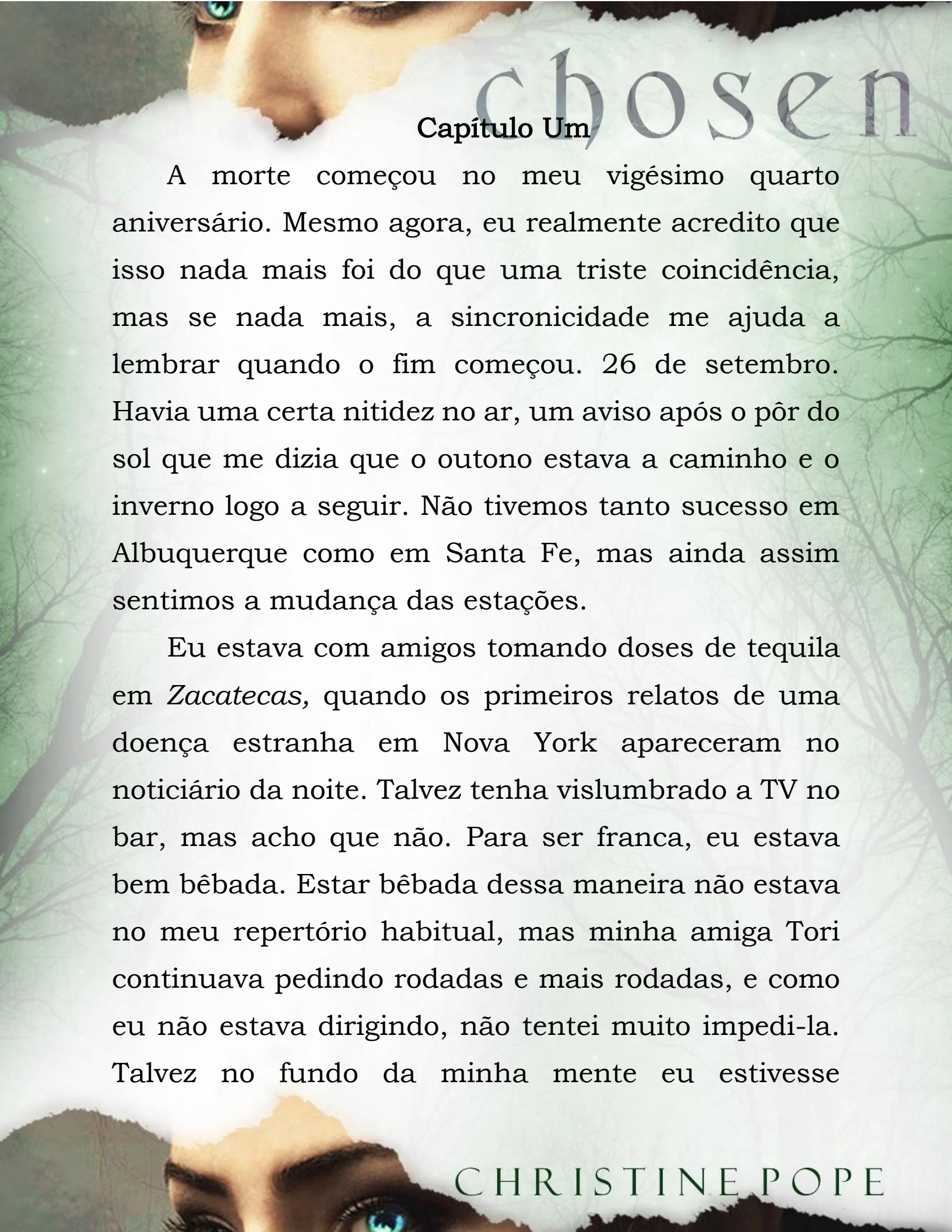
CHRISTINE POPE

chosen

*Parceria Huntress Universe
e Darkness Angel*



CHRISTINE POPE

The background of the book cover features a close-up of a woman's face, focusing on her eyes and nose, with a soft, ethereal glow. The image is overlaid with a dense network of thin, dark green branches, resembling a tree or a web, which adds a mysterious and organic feel to the design. The title 'Chosen' is written in a large, elegant, serif font, with the 'C' being particularly large and stylized. Below the title, the chapter title 'Capítulo Um' is written in a smaller, simpler font.

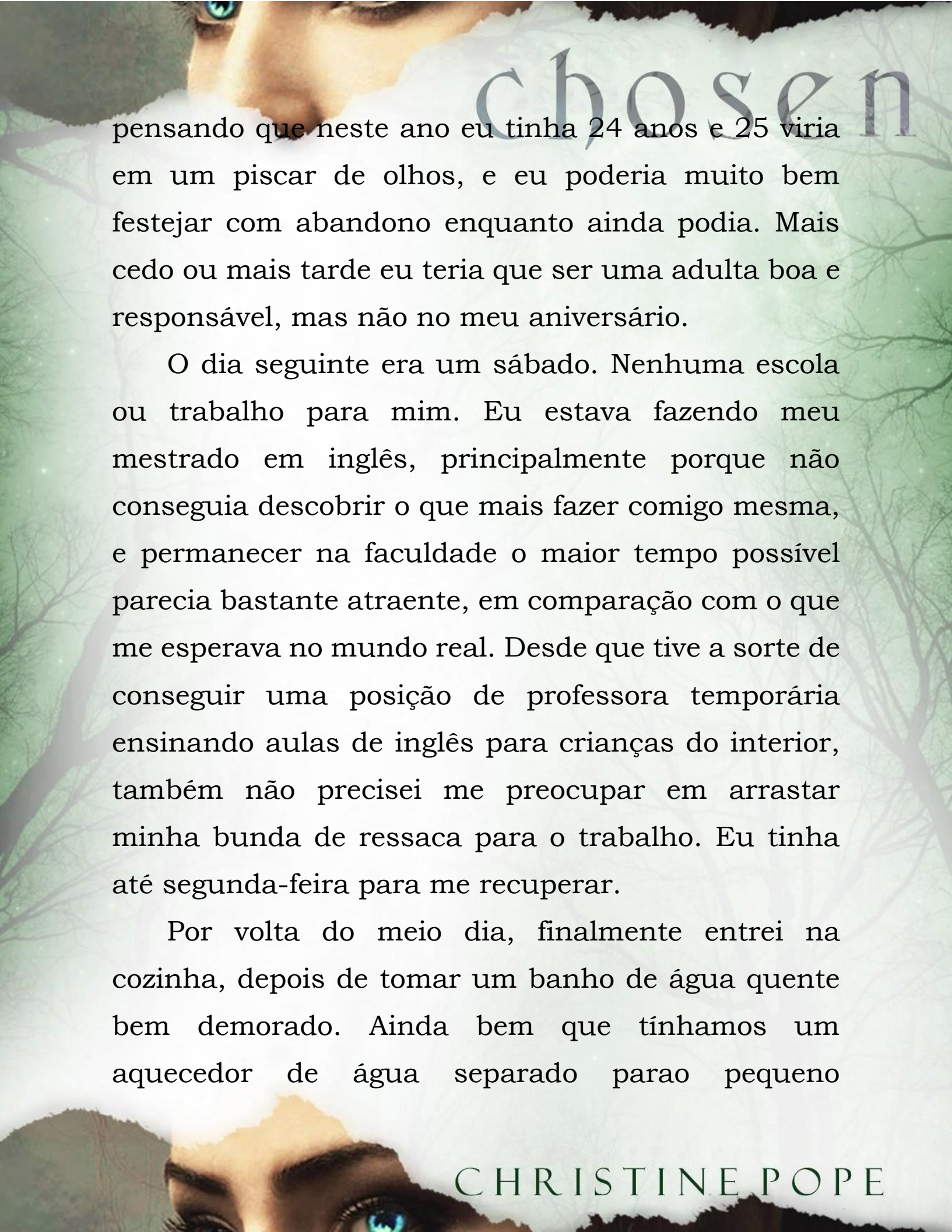
Chosen

Capítulo Um

A morte começou no meu vigésimo quarto aniversário. Mesmo agora, eu realmente acredito que isso nada mais foi do que uma triste coincidência, mas se nada mais, a sincronicidade me ajuda a lembrar quando o fim começou. 26 de setembro. Havia uma certa nitidez no ar, um aviso após o pôr do sol que me dizia que o outono estava a caminho e o inverno logo a seguir. Não tivemos tanto sucesso em Albuquerque como em Santa Fe, mas ainda assim sentimos a mudança das estações.

Eu estava com amigos tomando doses de tequila em *Zacatecas*, quando os primeiros relatos de uma doença estranha em Nova York apareceram no noticiário da noite. Talvez tenha vislumbrado a TV no bar, mas acho que não. Para ser franca, eu estava bem bêbada. Estar bêbada dessa maneira não estava no meu repertório habitual, mas minha amiga Tori continuava pedindo rodadas e mais rodadas, e como eu não estava dirigindo, não tentei muito impedi-la. Talvez no fundo da minha mente eu estivesse

CHRISTINE POPE



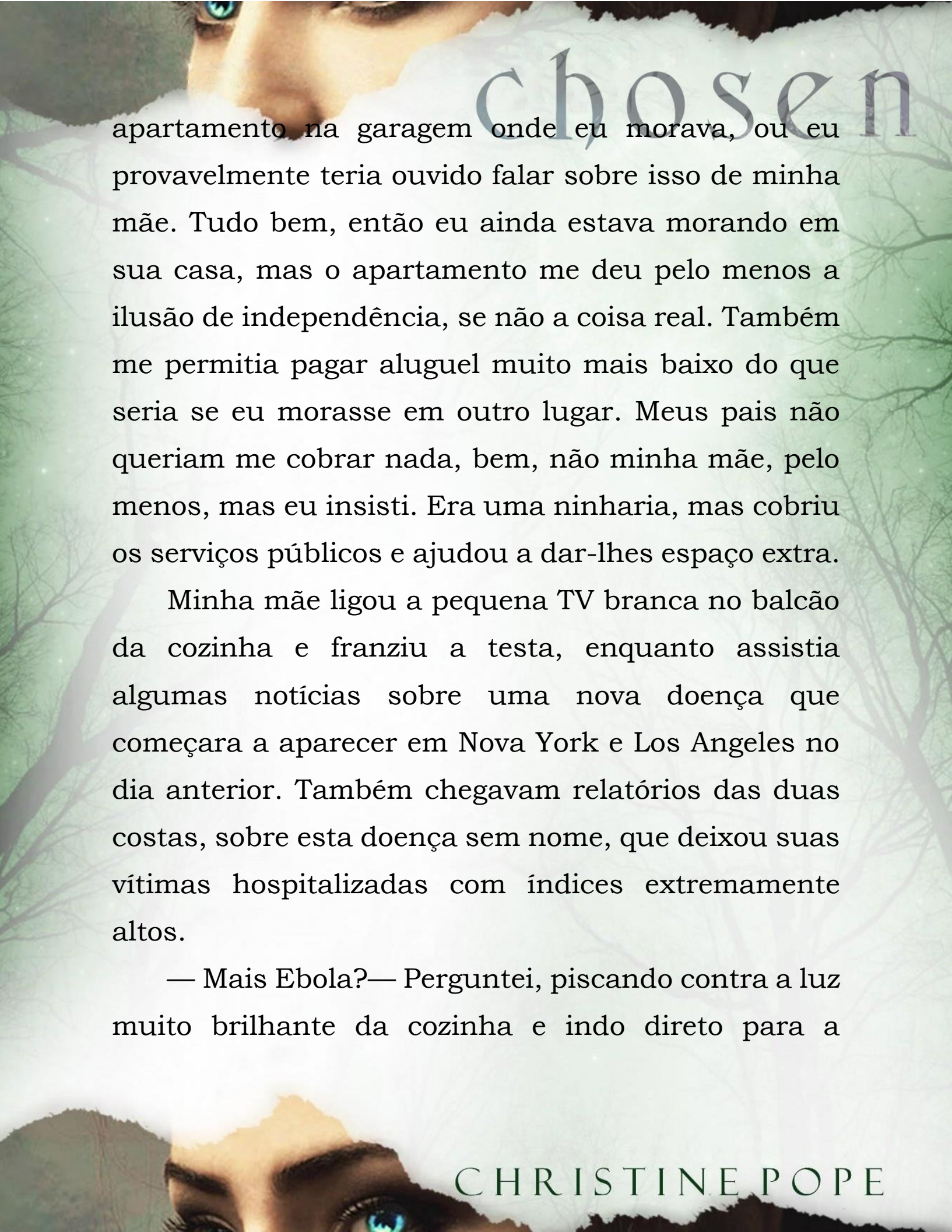
Chosen

pensando que neste ano eu tinha 24 anos e 25 viria em um piscar de olhos, e eu poderia muito bem festejar com abandono enquanto ainda podia. Mais cedo ou mais tarde eu teria que ser uma adulta boa e responsável, mas não no meu aniversário.

O dia seguinte era um sábado. Nenhuma escola ou trabalho para mim. Eu estava fazendo meu mestrado em inglês, principalmente porque não conseguia descobrir o que mais fazer comigo mesma, e permanecer na faculdade o maior tempo possível parecia bastante atraente, em comparação com o que me esperava no mundo real. Desde que tive a sorte de conseguir uma posição de professora temporária ensinando aulas de inglês para crianças do interior, também não precisei me preocupar em arrastar minha bunda de ressaca para o trabalho. Eu tinha até segunda-feira para me recuperar.

Por volta do meio dia, finalmente entrei na cozinha, depois de tomar um banho de água quente bem demorado. Ainda bem que tínhamos um aquecedor de água separado para o pequeno

CHRISTINE POPE



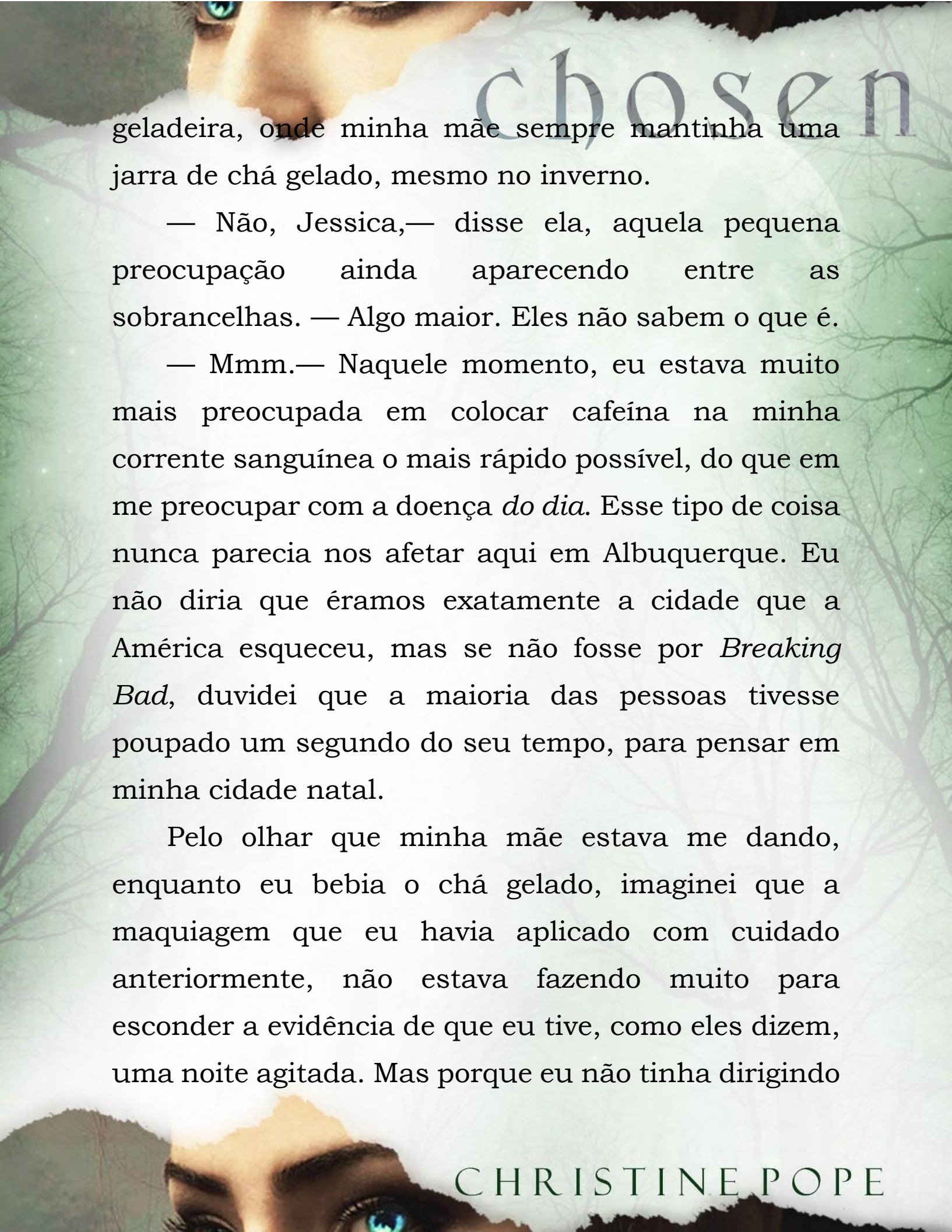
Chosen

apartamento na garagem onde eu morava, ou eu provavelmente teria ouvido falar sobre isso de minha mãe. Tudo bem, então eu ainda estava morando em sua casa, mas o apartamento me deu pelo menos a ilusão de independência, se não a coisa real. Também me permitia pagar aluguel muito mais baixo do que seria se eu morasse em outro lugar. Meus pais não queriam me cobrar nada, bem, não minha mãe, pelo menos, mas eu insisti. Era uma ninharia, mas cobriu os serviços públicos e ajudou a dar-lhes espaço extra.

Minha mãe ligou a pequena TV branca no balcão da cozinha e franziu a testa, enquanto assistia algumas notícias sobre uma nova doença que começara a aparecer em Nova York e Los Angeles no dia anterior. Também chegavam relatórios das duas costas, sobre esta doença sem nome, que deixou suas vítimas hospitalizadas com índices extremamente altos.

— Mais Ebola?— Perguntei, piscando contra a luz muito brilhante da cozinha e indo direto para a

CHRISTINE POPE



Chosen

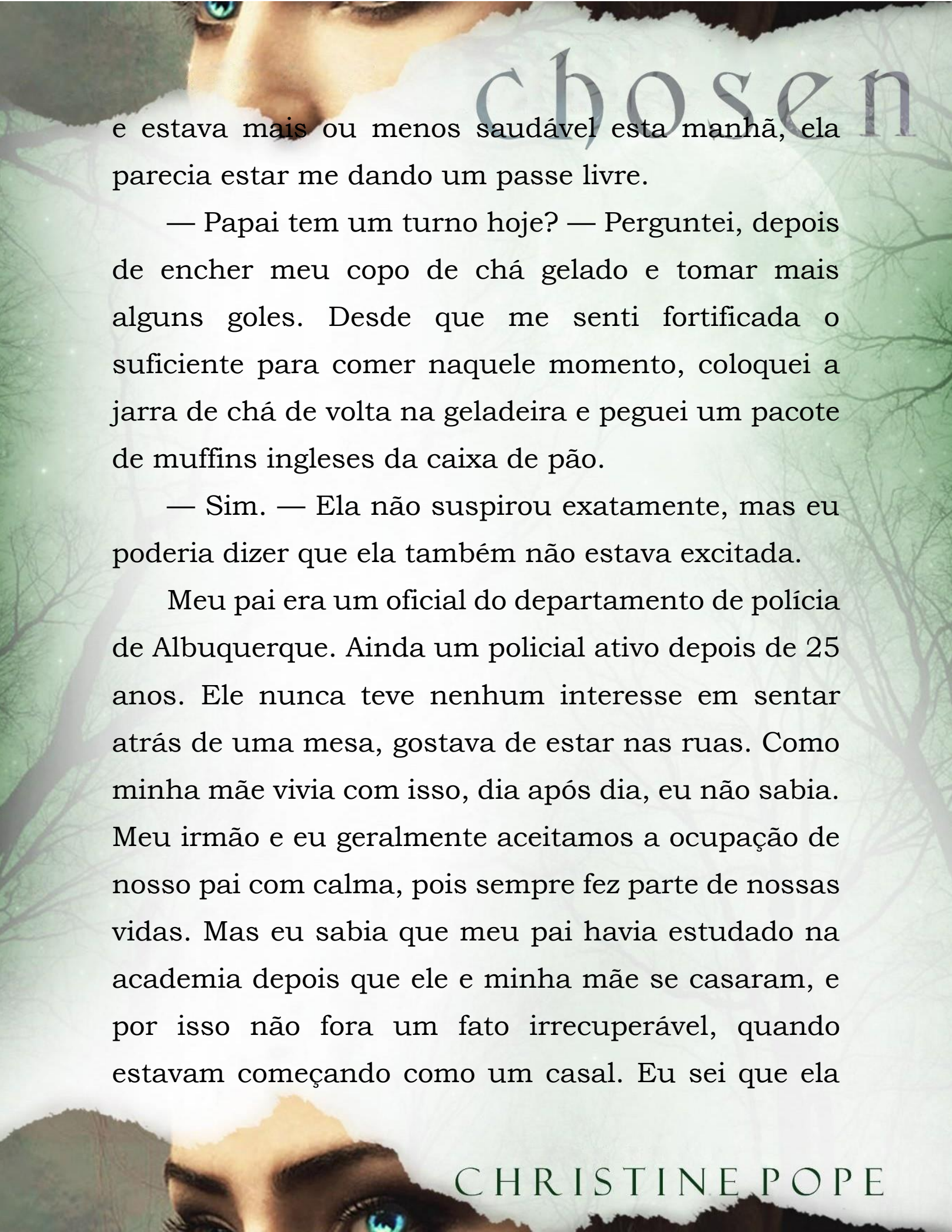
geladeira, onde minha mãe sempre mantinha uma jarra de chá gelado, mesmo no inverno.

— Não, Jessica,— disse ela, aquela pequena preocupação ainda aparecendo entre as sobrancelhas. — Algo maior. Eles não sabem o que é.

— Mmm.— Naquele momento, eu estava muito mais preocupada em colocar cafeína na minha corrente sanguínea o mais rápido possível, do que em me preocupar com a doença *do dia*. Esse tipo de coisa nunca parecia nos afetar aqui em Albuquerque. Eu não diria que éramos exatamente a cidade que a América esqueceu, mas se não fosse por *Breaking Bad*, duvidei que a maioria das pessoas tivesse poupado um segundo do seu tempo, para pensar em minha cidade natal.

Pelo olhar que minha mãe estava me dando, enquanto eu bebia o chá gelado, imaginei que a maquiagem que eu havia aplicado com cuidado anteriormente, não estava fazendo muito para esconder a evidência de que eu tive, como eles dizem, uma noite agitada. Mas porque eu não tinha dirigindo

CHRISTINE POPE



Chosen

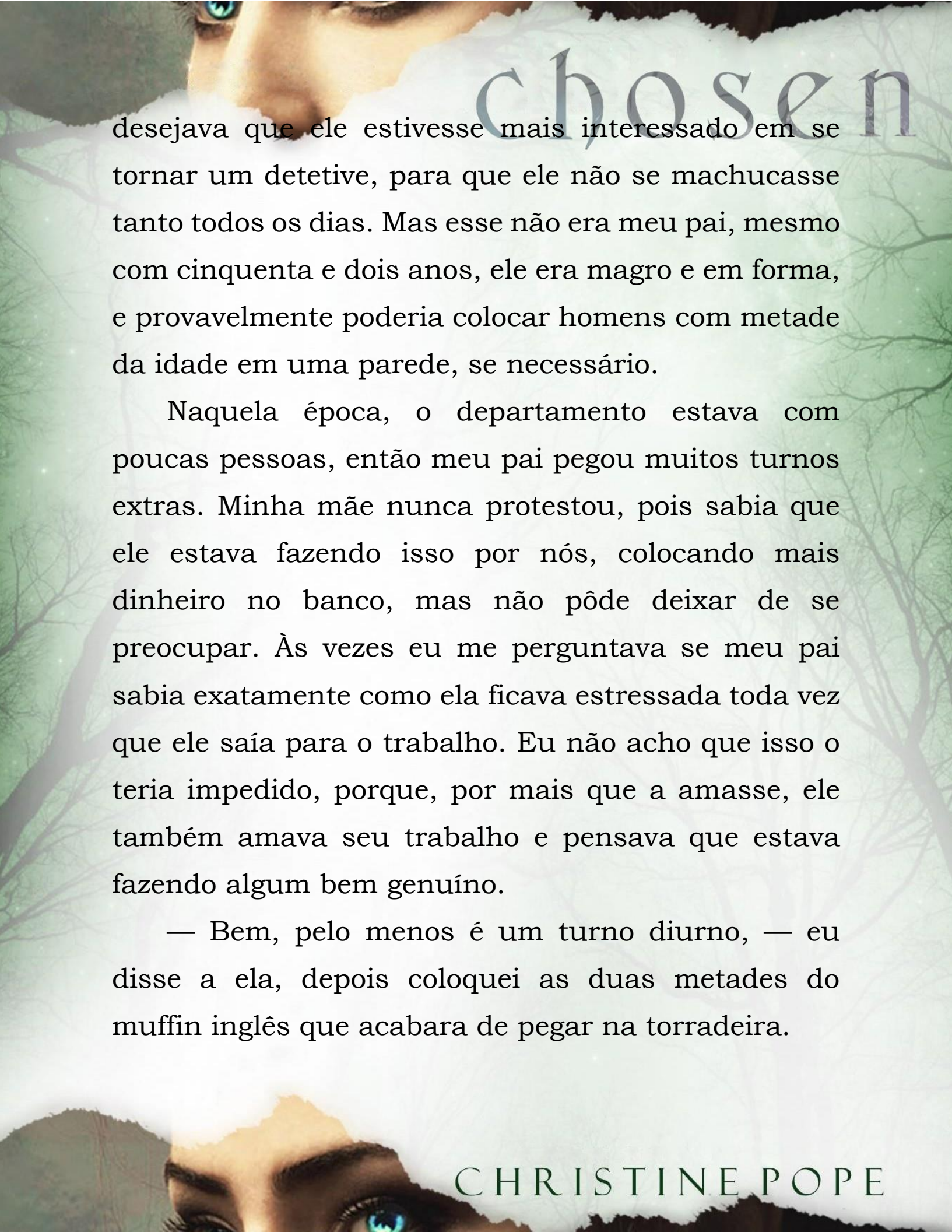
e estava mais ou menos saudável esta manhã, ela parecia estar me dando um passe livre.

— Papai tem um turno hoje? — Perguntei, depois de encher meu copo de chá gelado e tomar mais alguns goles. Desde que me senti fortificada o suficiente para comer naquele momento, coloquei a jarra de chá de volta na geladeira e peguei um pacote de muffins ingleses da caixa de pão.

— Sim. — Ela não suspirou exatamente, mas eu poderia dizer que ela também não estava excitada.

Meu pai era um oficial do departamento de polícia de Albuquerque. Ainda um policial ativo depois de 25 anos. Ele nunca teve nenhum interesse em sentar atrás de uma mesa, gostava de estar nas ruas. Como minha mãe vivia com isso, dia após dia, eu não sabia. Meu irmão e eu geralmente aceitamos a ocupação de nosso pai com calma, pois sempre fez parte de nossas vidas. Mas eu sabia que meu pai havia estudado na academia depois que ele e minha mãe se casaram, e por isso não fora um fato irreversível, quando estavam começando como um casal. Eu sei que ela

CHRISTINE POPE



Chosen

desejava que ele estivesse mais interessado em se tornar um detetive, para que ele não se machucasse tanto todos os dias. Mas esse não era meu pai, mesmo com cinquenta e dois anos, ele era magro e em forma, e provavelmente poderia colocar homens com metade da idade em uma parede, se necessário.

Naquela época, o departamento estava com poucas pessoas, então meu pai pegou muitos turnos extras. Minha mãe nunca protestou, pois sabia que ele estava fazendo isso por nós, colocando mais dinheiro no banco, mas não pôde deixar de se preocupar. Às vezes eu me perguntava se meu pai sabia exatamente como ela ficava estressada toda vez que ele saía para o trabalho. Eu não acho que isso o teria impedido, porque, por mais que a amasse, ele também amava seu trabalho e pensava que estava fazendo algum bem genuíno.

— Bem, pelo menos é um turno diurno, — eu disse a ela, depois coloquei as duas metades do muffin inglês que acabara de pegar na torradeira.

CHRISTINE POPE

— Eu sei. — A linha de preocupação ainda estava lá, e parecia aprofundar quando ela voltou sua atenção para a TV. As cabeças falantes foram substituídas por uma médica, uma mulher de quase 40 anos que provavelmente seria bonita se não parecesse tão cansada.

— A doença se manifesta como uma febre muito alta, chegando a 40° graus. Estamos tendo dificuldade em controlar a febre, mesmo com analgésicos e compressas de gelo. — Ela fez uma pausa, empurrando uma mecha de cabelo louro para trás da orelha. Obviamente, ela não tinha se incomodado em se preparar antes de fazer sua declaração na frente das câmeras. — Nenhum outro sintoma foi observado neste momento. Se você ou alguém da sua família tiver febre acima de 39,4°, ligue para o seu médico ou vá para a sala de emergência local.

A câmera foi cortada para o repórter entrevistando o médico. — Dr. Leviton, alguma

palavra sobre de onde veio esta doença? Está ligado aos médicos que retornaram da África Ocidental?

— Não, — respondeu o Dr. Leviton imediatamente, parecendo quase irritado. — Nenhuma das vítimas trazidas para o Mount Sinai ou qualquer outro hospital da cidade parece ter qualquer conexão. Muitos deles nem deixaram Nova York nos últimos meses. Dos que viajaram, voltaram para casa de destinos tão diversos quanto o Taiti, Paris e Austrália. Mais uma vez, parece não haver nenhuma conexão.

Nesse momento, uma enfermeira apareceu e sussurrou no ouvido do médico. Sua expressão mudou de aborrecimento para preocupação total antes de dizer rapidamente: — Sinto muito, um paciente precisa de mim. É tudo o que posso lhe dizer agora. — Ele se afastou das câmeras e começou a correr pelo corredor, a enfermeira logo atrás dele.

A câmera retrocedeu para o repórter, que estava usando o que ele provavelmente pensava ser um olhar de preocupação... mas para mim, ele apenas parecia

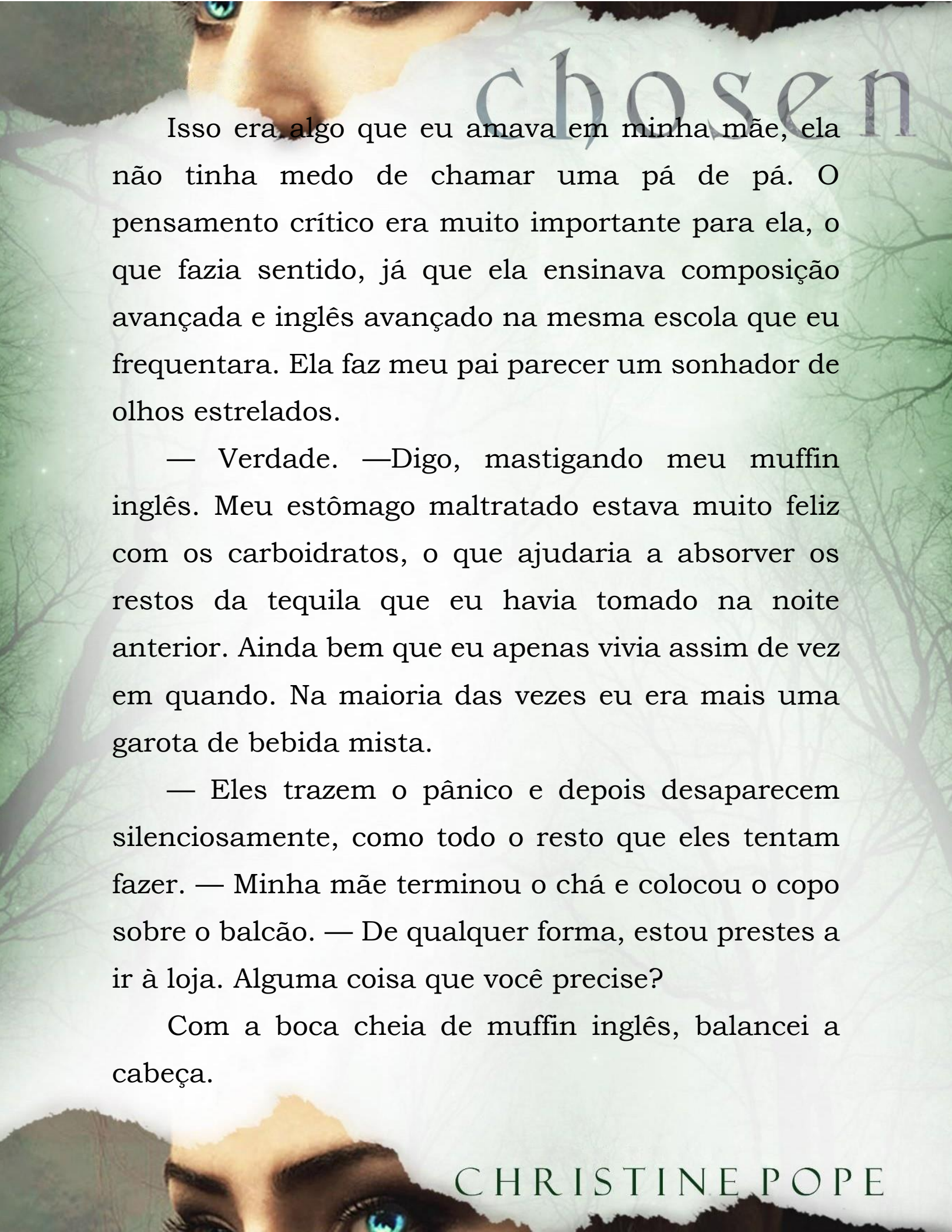
assustado. Me pergunto o que a enfermeira dissera ao médico.

Fosse o que fosse, o repórter não mencionou. Ele apenas disse: — Essa é a última notícia do Hospital Mount Sinai, em Nova York. Mais uma vez, como afirmou o Dr. Leviton, procure assistência médica imediatamente se tiver febre acima de...

Minha mãe desligou a TV. Arqueei uma sobrancelha para ela, e ela balançou a cabeça. — É sempre alguma coisa, — disse ela. — Eu não deveria nem ligar, suponho, mas esperava recuperar o tempo.

— Você não está preocupada?

— Não. — ela tinha seu próprio copo de chá gelado no balcão e tomou um gole enquanto me observava pegar o muffin inglês da torradeira, e começar a espalhar um pouco de manteiga nele. — As notícias da tv a cabo sempre precisam de algo para alimentar o monstro. E doenças inexplicáveis são uma ótima maneira de manter as pessoas atentas às atualizações.



Chosen

Isso era algo que eu amava em minha mãe, ela não tinha medo de chamar uma pá de pá. O pensamento crítico era muito importante para ela, o que fazia sentido, já que ela ensinava composição avançada e inglês avançado na mesma escola que eu frequentara. Ela faz meu pai parecer um sonhador de olhos estrelados.

— Verdade. —Digo, mastigando meu muffin inglês. Meu estômago maltratado estava muito feliz com os carboidratos, o que ajudaria a absorver os restos da tequila que eu havia tomado na noite anterior. Ainda bem que eu apenas vivia assim de vez em quando. Na maioria das vezes eu era mais uma garota de bebida mista.

— Eles trazem o pânico e depois desaparecem silenciosamente, como todo o resto que eles tentam fazer. — Minha mãe terminou o chá e colocou o copo sobre o balcão. — De qualquer forma, estou prestes a ir à loja. Alguma coisa que você precise?

Com a boca cheia de muffin inglês, balancei a cabeça.

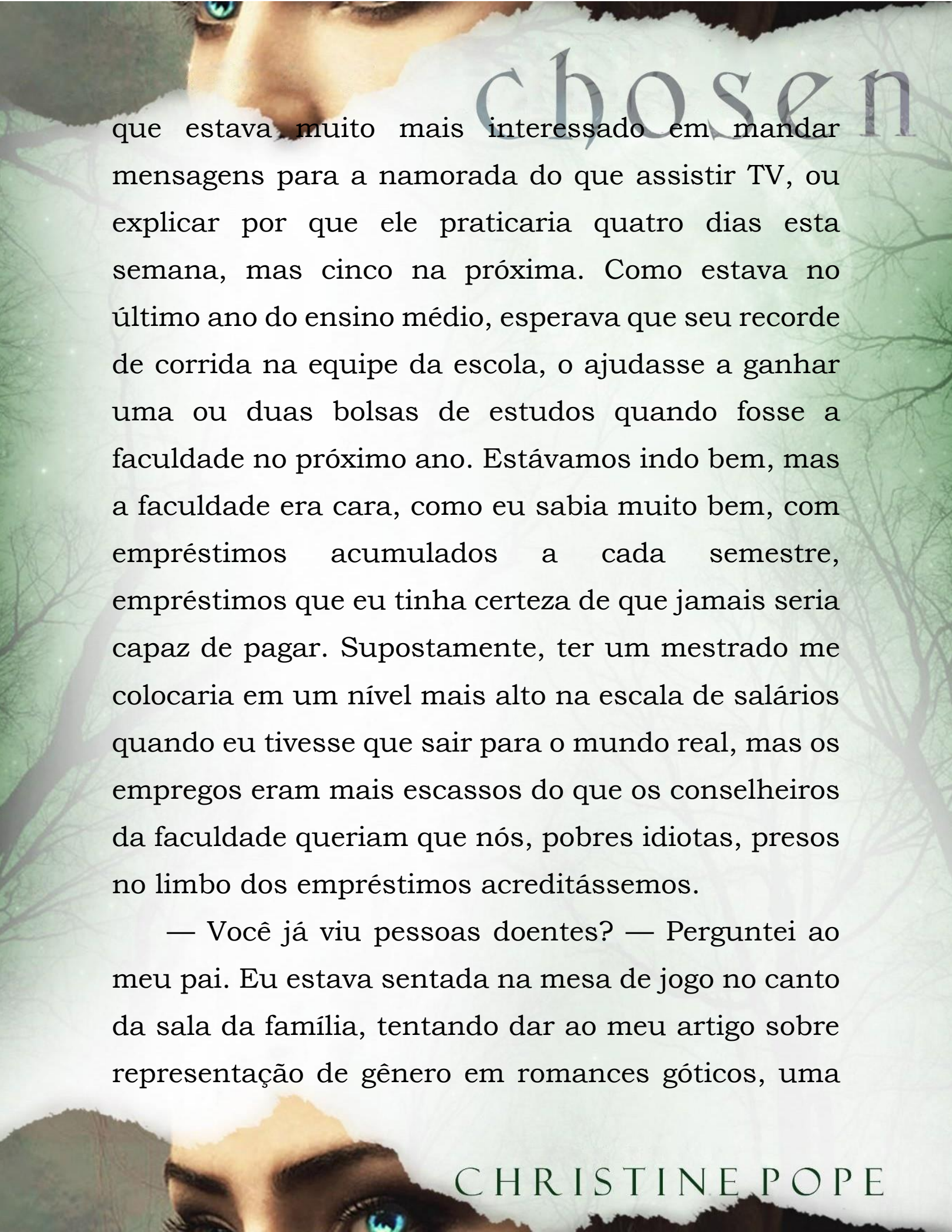
CHRISTINE POPE

— Certifique-se de limpar o balcão quando terminar. — Ela me advertiu, depois pegou sua bolsa e saiu, aparentemente não preocupada com o que tínhamos acabado de assistir.

Se ao menos ela estivesse certa, mas a preocupação do médico e do repórter de aparência assustada, não foi exagerada.

Na manhã seguinte, o noticiário estava cheio de relatos de pessoas adoecendo nas duas costas, e casos também foram registrados no Centro-Oeste, Chicago, Detroit, St. Louis, e a doença, qualquer que fosse, não se limitou às fronteiras dos EUA. O povo estava adoecendo em Londres e Munique, Moscou e Cingapura. Os hospitais estavam se enchendo.

Meu pai sentou-se em sua poltrona na sala da família e assistiu ao noticiário com os olhos estreitados. Minha mãe parecia estar se esforçando ao máximo para ignorar a televisão e, em vez disso, estava tentando minar os detalhes mais recentes sobre o calendário de futebol do meu irmão Devin,



chosen

que estava muito mais interessado em mandar mensagens para a namorada do que assistir TV, ou explicar por que ele praticaria quatro dias esta semana, mas cinco na próxima. Como estava no último ano do ensino médio, esperava que seu recorde de corrida na equipe da escola, o ajudasse a ganhar uma ou duas bolsas de estudos quando fosse a faculdade no próximo ano. Estávamos indo bem, mas a faculdade era cara, como eu sabia muito bem, com empréstimos acumulados a cada semestre, empréstimos que eu tinha certeza de que jamais seria capaz de pagar. Supostamente, ter um mestrado me colocaria em um nível mais alto na escala de salários quando eu tivesse que sair para o mundo real, mas os empregos eram mais escassos do que os conselheiros da faculdade queriam que nós, pobres idiotas, presos no limbo dos empréstimos acreditássemos.

— Você já viu pessoas doentes? — Perguntei ao meu pai. Eu estava sentada na mesa de jogo no canto da sala da família, tentando dar ao meu artigo sobre representação de gênero em romances góticos, uma

CHRISTINE POPE

leitura final em sua cópia impressa para detectar eventuais erros de digitação. Infelizmente, meu cérebro estava tremendo de um jeito e de outro, preocupado com as notícias, rezando para que estivessem exagerando, e com medo de não estar. Eu não conseguia nem dizer por que estava tão preocupada, pois na maioria das vezes ignorei esse tipo de relatório, sabendo que as doenças discutidas raramente nos tocavam aqui em nosso cantinho do sudoeste. Algo sobre a velocidade com que este se espalhou me incomodou. Isso me incomodou muito.

Meu pai apontou o controle remoto para a TV e abaixou o volume, depois balançou a cabeça. — Não com essa coisa. Eu vi viciados em metanfetamina vomitando nos becos, e viciados em heroína com os shakes porque eles não conseguiram uma solução, mas isto? Eu não acho que está aqui.

A palavra “*ainda*” pairava no ar, não dita, mas não menos ameaçadora por isso. Mais e mais pessoas estavam ficando doentes, e as primeiras mortes foram relatadas na Costa Leste. Ainda não muito, mas,

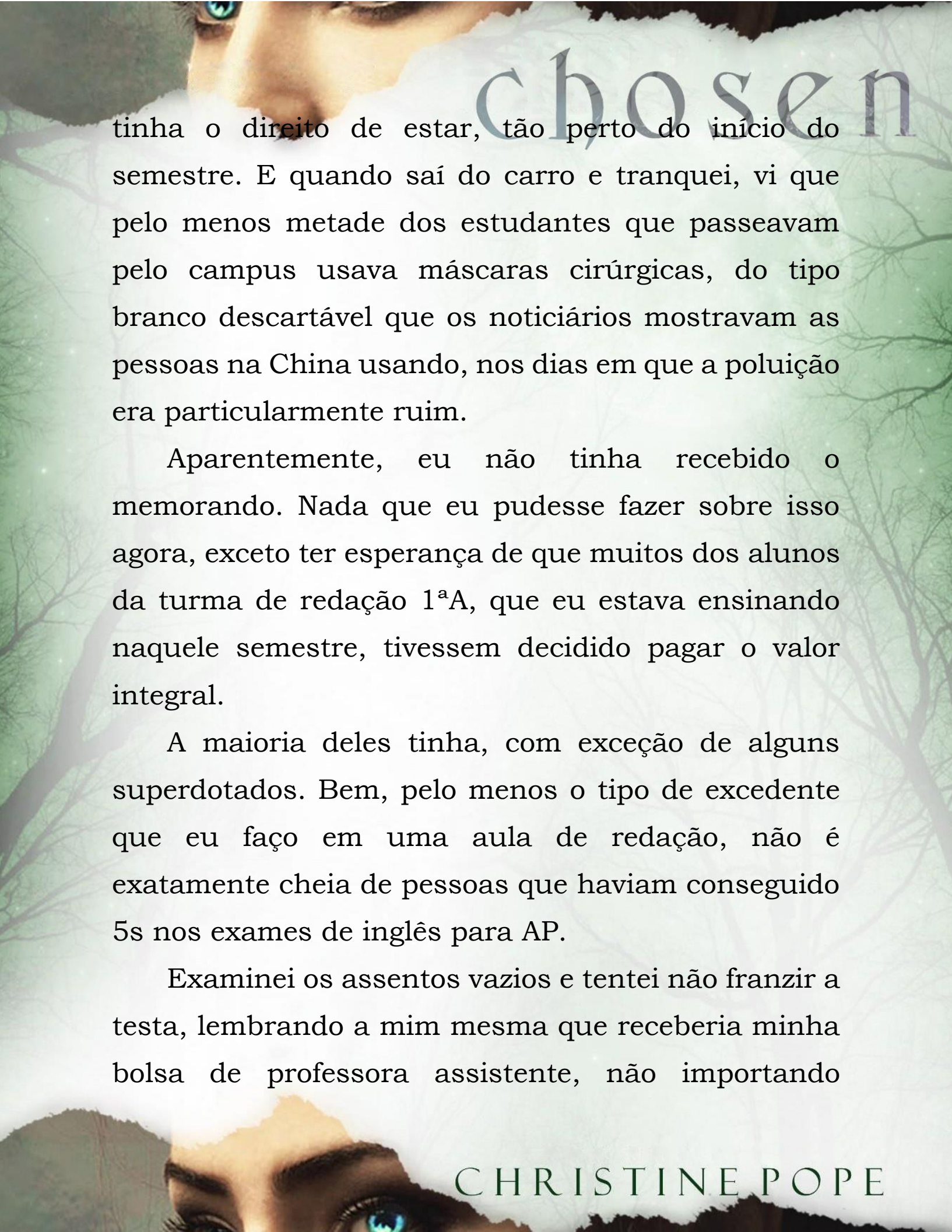
embora as notícias estivessem tentando adoçar as coisas, já começaram a surgir rumores na Internet de que ninguém que contraiu essa nova doença sobreviveu. O que era loucura. Até o Ebola, *inferno*, até a peste pneumônica, que tinha uma taxa de mortalidade insana quando não tratada, não era cem por cento fatal. Isso simplesmente não era possível.

— Talvez não. — Disse, embora soubesse, mesmo quando falei, que as palavras eram meras ilusões. — Talvez isso apenas... sobre ao nosso redor, ou queime antes que chegue aqui.

— Talvez. — Ele concordou, seus olhos não encontraram os meus, no entanto, e eu sabia o que ele devia estar pensando.

Sabia, porque era a mesma coisa que eu pensava. Não era questão de se, mas sim quando.

Na segunda-feira, quando cheguei à escola, notei que o estacionamento estava visivelmente menos cheio, do que um estacionamento da universidade



Chosen

tinha o direito de estar, tão perto do início do semestre. E quando saí do carro e tranquei, vi que pelo menos metade dos estudantes que passeavam pelo campus usava máscaras cirúrgicas, do tipo branco descartável que os noticiários mostravam as pessoas na China usando, nos dias em que a poluição era particularmente ruim.

Aparentemente, eu não tinha recebido o memorando. Nada que eu pudesse fazer sobre isso agora, exceto ter esperança de que muitos dos alunos da turma de redação 1ªA, que eu estava ensinando naquele semestre, tivessem decidido pagar o valor integral.

A maioria deles tinha, com exceção de alguns superdotados. Bem, pelo menos o tipo de excedente que eu faço em uma aula de redação, não é exatamente cheia de pessoas que haviam conseguido 5s nos exames de inglês para AP.

Examinei os assentos vazios e tentei não franzir a testa, lembrando a mim mesma que receberia minha bolsa de professora assistente, não importando

CHRISTINE POPE

quantas bundas estivessem nessas cadeiras em um determinado dia. — Tudo bem, — falei, surpresa com o leve tremor na minha voz, — na sexta-feira estávamos começando a descobrir a diferença entre uma frase de tópico e uma declaração de tese.

Taylor Ortiz, que estava sentada na primeira fila, olhou para mim com uma aparente incompreensão. Pela primeira vez, notei as gotas de suor em sua testa, do jeito que ela parecia estar balançando na cadeira. Sob sua pele quente, ela parecia pálida.

— Taylor, você está bem? — Perguntei.

Ela piscou novamente. — Hum...

Ao lado dela, Troy Lenz se levantou. — Puta merda!

—Troy... — Comecei talvez pretendendo repreendê-lo por xingar na aula, possivelmente com a intenção de pedir para ele se sentar, mas eu tinha quase certeza de que nenhum desses anúncios teria qualquer efeito. Por toda a turma, os poucos alunos que foram corajosos o suficiente para aparecerem dispararam de seus assentos, olhando para Taylor

como se ela tivesse acabado de vomitar sopa de ervilha ou algo assim. Não importa que o vômito não fosse um dos sintomas do “*calor*”, apelido de rua dado à doença por causa das febres extremas que causou.

— Oh, Deus, afaste-se dela. — Disse uma garota na parte de trás da classe, e antes que eu pudesse abrir a boca para falar novamente, todos estavam correndo para a porta, alguns deles até virando as mesas na pressa.

Alguns segundos depois, eu estava sozinha na sala de aula com Taylor, que continuou olhando em volta, sem perceber que ela havia conseguido limpar o espaço em cerca de cinco segundos.

Uma parte covarde de mim queria correr também, mas disse a mim mesma que não poderia fazer isso, eu era a professora (*tudo bem, professora temporária*), e tinha algum tipo de responsabilidade, ao menos teria que garantir que ela estivesse bem. Além disso, se ela realmente tivesse o calor, então eu já estava exposta, e não havia nada que pudesse fazer sobre isso agora.

Me aproximei dela e coloquei a mão na testa dela. *Jesus Cristo*. Ela parecia que estava pegando fogo por dentro. Não é à toa que estava tendo dificuldade para se concentrar em qualquer coisa. Taylor estava tão quente, que seu cérebro devia estar cozinhando dentro de seu crânio.

O hospital da universidade estava do outro lado do campus. Eu era mais forte do que parecia, graças a uma infância passada caminhando e indo ao campo de tiro com meu pai, mas eu sabia que não conseguiria levar Taylor sozinha por toda essa distância.

Tremendo, fui para minha mesa e puxei minha bolsa da gaveta onde sempre a guardava. Meus dedos tremiam também enquanto eu pegava meu telefone. Graças a Deus não era muito trabalho discar 911.

Tocou... e tocou... e tocou. O pânico começou a entrar. Eu podia sentir meu coração começar a bater forte e meu suor nervoso começar, embora eu não achasse que estivesse com febre. Ainda não, pelo menos.

Então, finalmente: — *Nove um um, qual é a sua emergência?*

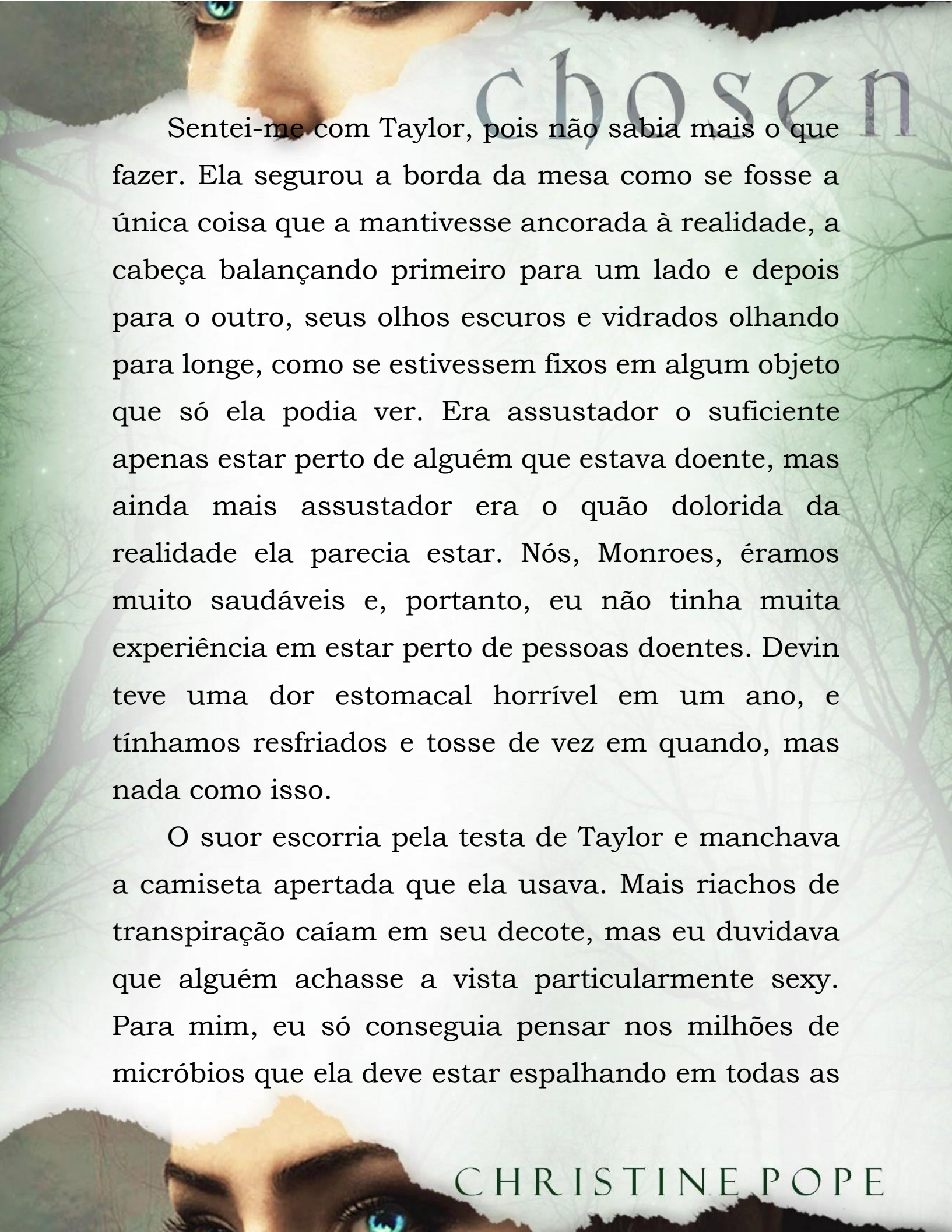
Eu limpei minha voz. — Olá, meu nome é Jessica Monroe e estou no edifício 81 no campus da UNM. Um dos meus alunos está muito doente e incapaz de andar. Tenho certeza de que ela precisa ir ao hospital.

— Sintomas?

— Uma febre muito alta.

Eu poderia jurar que ouvi um “*merda*” murmurado no outro extremo da linha, seguida por uma longa pausa. — Senhorita Monroe, estamos enfrentando tempos de resposta maiores que o normal para ambulâncias devido ao volume pesado. Vamos chamar alguém para você, mas pode demorar um pouco.

Não era preciso um cientista de foguetes para descobrir o que aquilo significava. Talvez estivesse ficando para trás, mas o Calor finalmente chegara a Albuquerque.



chosen

Sentei-me com Taylor, pois não sabia mais o que fazer. Ela segurou a borda da mesa como se fosse a única coisa que a mantivesse ancorada à realidade, a cabeça balançando primeiro para um lado e depois para o outro, seus olhos escuros e vidrados olhando para longe, como se estivessem fixos em algum objeto que só ela podia ver. Era assustador o suficiente apenas estar perto de alguém que estava doente, mas ainda mais assustador era o quão dolorida da realidade ela parecia estar. Nós, Monroes, éramos muito saudáveis e, portanto, eu não tinha muita experiência em estar perto de pessoas doentes. Devin teve uma dor estomacal horrível em um ano, e tínhamos resfriados e tosse de vez em quando, mas nada como isso.

O suor escorria pela testa de Taylor e manchava a camiseta apertada que ela usava. Mais riachos de transpiração caíam em seu decote, mas eu duvidava que alguém achasse a vista particularmente sexy. Para mim, eu só conseguia pensar nos milhões de micróbios que ela deve estar espalhando em todas as

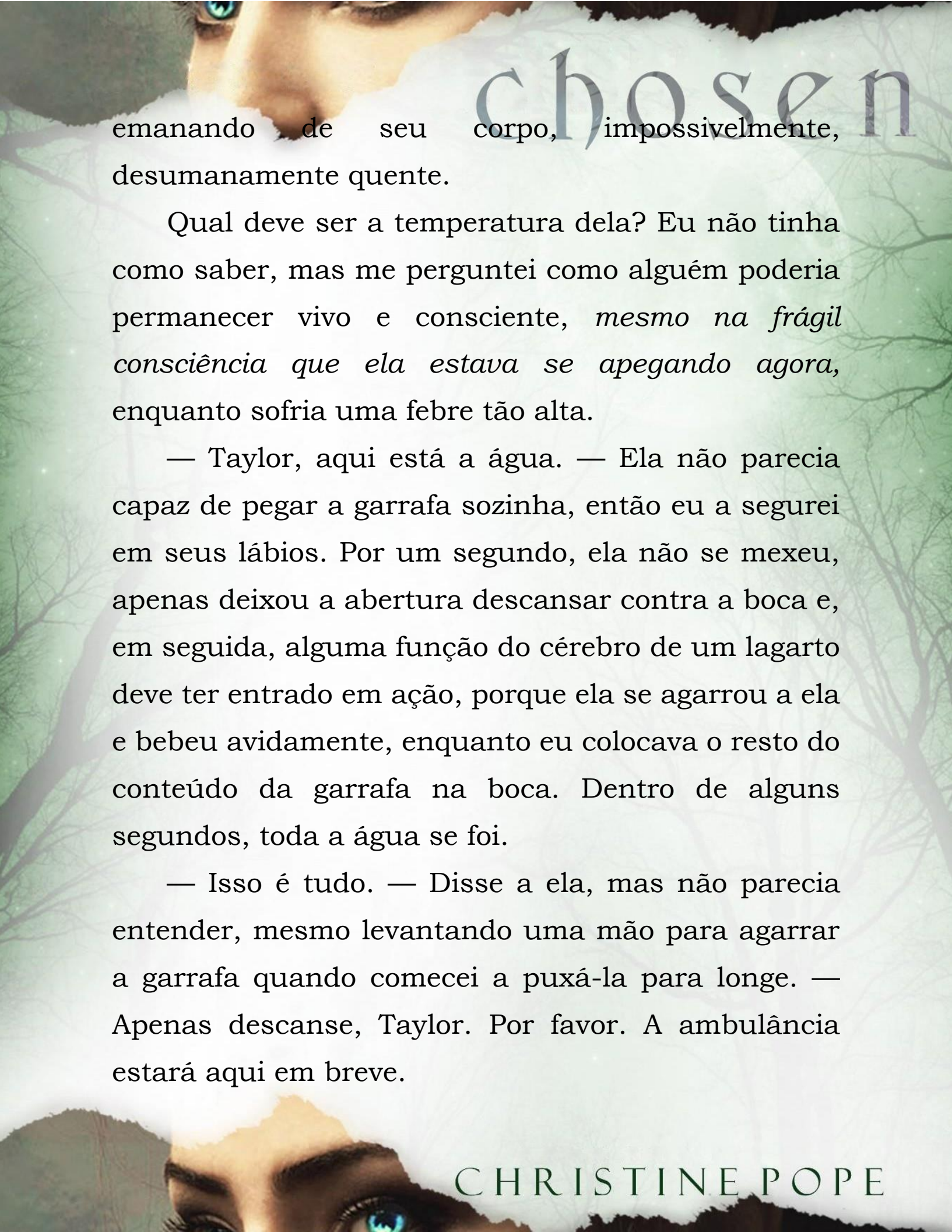
CHRISTINE POPE

direções, toda vez que se mexe no assento. De repente ela treme como um cachorro, e pequenas gotas de suor pulverizaram por toda parte, algumas me acertando na cara.

Levou cada grama de força de vontade que eu não tinha, para não jurar alto. No final, lembrei que tinha uma garrafa de água parcialmente cheia na bolsa. Eu duvidava que isso ajudasse muito, mas pelo menos era alguma coisa. E tive a sensação de que ela estava muito longe de se preocupar com quaisquer germes que eu poderia ter deixado para trás na garrafa.

— Taylor? — Chamei, mas nenhum reconhecimento veio naqueles olhos escuros tensos, que ainda estavam olhando para algo apenas visível para ela. — Que tal um pouco de água?

Ela piscou. Talvez fosse a única maneira de ela responder, ou talvez fosse simplesmente um reflexo involuntário. De qualquer maneira, me deu uma desculpa para me levantar da mesa ao lado dela, ir para minha bolsa e buscar a garrafa de água. Ao me aproximar dela, eu quase podia sentir o calor



emanando de seu corpo, impossivelmente, desumanamente quente.

Qual deve ser a temperatura dela? Eu não tinha como saber, mas me perguntei como alguém poderia permanecer vivo e consciente, *mesmo na frágil consciência que ela estava se apegando agora*, enquanto sofria uma febre tão alta.

— Taylor, aqui está a água. — Ela não parecia capaz de pegar a garrafa sozinha, então eu a segurei em seus lábios. Por um segundo, ela não se mexeu, apenas deixou a abertura descansar contra a boca e, em seguida, alguma função do cérebro de um lagarto deve ter entrado em ação, porque ela se agarrou a ela e bebeu avidamente, enquanto eu colocava o resto do conteúdo da garrafa na boca. Dentro de alguns segundos, toda a água se foi.

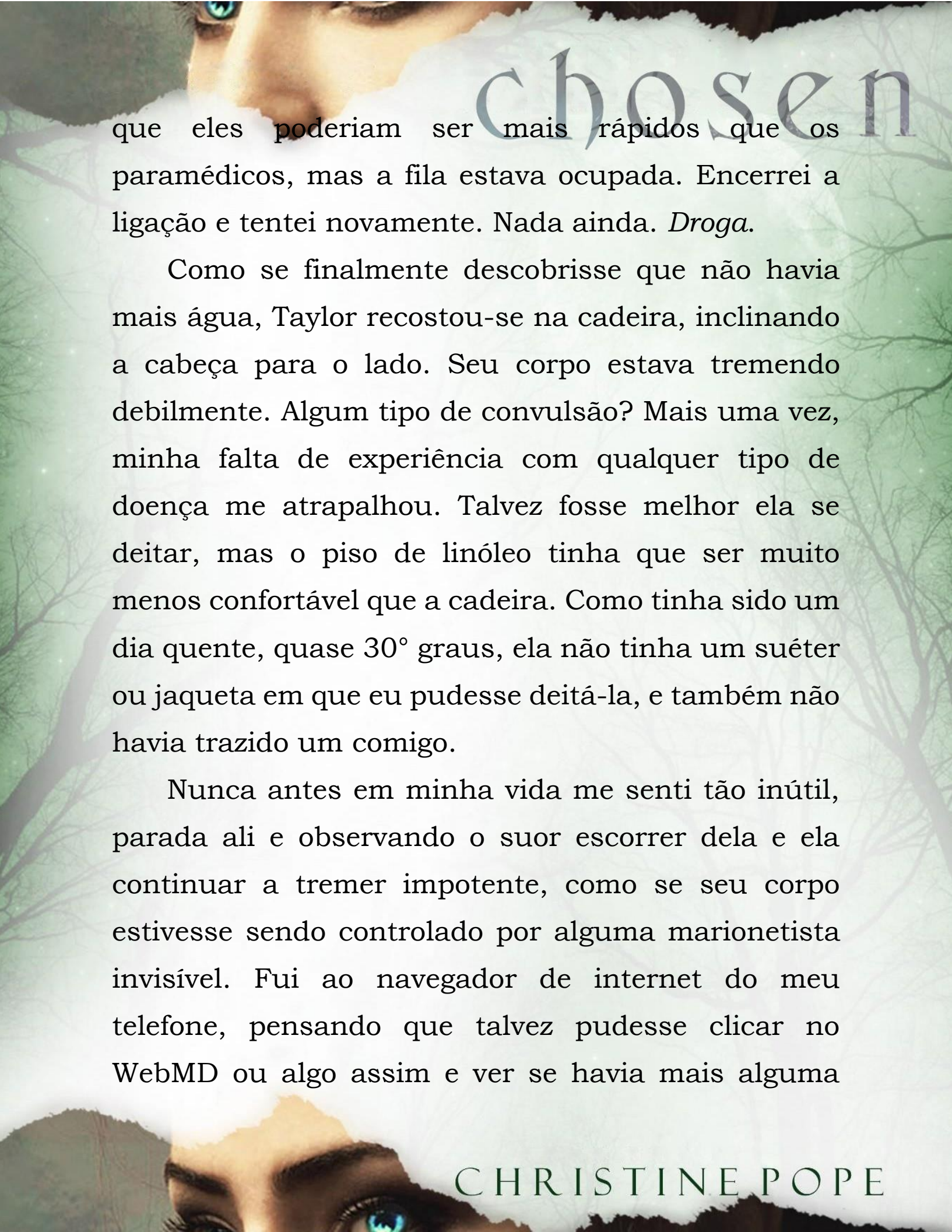
— Isso é tudo. — Disse a ela, mas não parecia entender, mesmo levantando uma mão para agarrar a garrafa quando comecei a puxá-la para longe. — Apenas descanse, Taylor. Por favor. A ambulância estará aqui em breve.

CHRISTINE POPE

Isso, é claro, era uma mentira. Eu não tinha ideia do que “*tempos de resposta mais longos do que o normal*” poderia significar, já que eu nunca havia chamado uma ambulância para ninguém na minha vida. Meu pai poderia saber, mas mesmo que eu pudesse contactá-lo, o que duvidava, ele provavelmente me leria o ato de revolta por não sair de lá no segundo em que Taylor começou a apresentar sintomas. Ou talvez não. Ele era muito grande em toda a mentalidade de “*servir e proteger*”.

Agora, porém, eu tinha a sensação de que estava sozinha.

Puxei meu celular do bolso da calça jeans, onde o guardara e olhei para a hora, quinze minutos desde que liguei para o 911, agora era quase dez vezes isso. O tempo de resposta de um quarto de hora não era ótimo, mas também não parecia muito fora do que poderia ser considerado normal. Eu posso estar esperando muito, muito mais tempo do que isso. Mordendo o lábio, fui para minha lista de contatos e apertei o botão para segurança do campus, pois achei



Chosen

que eles poderiam ser mais rápidos que os paramédicos, mas a fila estava ocupada. Encerrei a ligação e tentei novamente. Nada ainda. *Droga.*

Como se finalmente descobrisse que não havia mais água, Taylor recostou-se na cadeira, inclinando a cabeça para o lado. Seu corpo estava tremendo debilmente. Algum tipo de convulsão? Mais uma vez, minha falta de experiência com qualquer tipo de doença me atrapalhou. Talvez fosse melhor ela se deitar, mas o piso de linóleo tinha que ser muito menos confortável que a cadeira. Como tinha sido um dia quente, quase 30° graus, ela não tinha um suéter ou jaqueta em que eu pudesse deitá-la, e também não havia trazido um comigo.

Nunca antes em minha vida me senti tão inútil, parada ali e observando o suor escorrer dela e ela continuar a tremer impotente, como se seu corpo estivesse sendo controlado por alguma marionetista invisível. Fui ao navegador de internet do meu telefone, pensando que talvez pudesse clicar no WebMD ou algo assim e ver se havia mais alguma

CHRISTINE POPE

coisa que eu pudesse fazer para ajudá-la, mas não importa quantas vezes eu tenha saído do aplicativo do navegador e tentei para atualizá-lo, não consegui conectar nada. Não foi a primeira vez que meu telefone não funcionou dessa maneira, mas em geral eu tinha boa conectividade aqui na escola. Tive a sensação de que o telefone não era o verdadeiro problema.

Mas não, eu não queria pensar nisso. Não queria pensar no que estava acontecendo do lado de fora da minha sala de aula, o que poderia estar acontecendo com meus pais ou meu irmão.

Não, pensei ferozmente. Eles estão bem. Eles têm que estar.

Quando estava prestes a desistir e ligar novamente para o 911, a porta se abriu e dois homens carregando uma maca entraram na sala de aula. O *Graças a Deus* morreu *aqui* nos meus lábios, porque eles não usavam as jaquetas e calças escuras habituais dos paramédicos, mas os equipamentos de risco biológico da cabeça aos pés, o tipo de

equipamento que eu já vira na TV em médicos e enfermeiras que tratam pessoas com Ebola.

Eles foram direto para Taylor, a tiraram da mesa e a deitaram na maca. Uma vez que eles terminaram com isso e ela foi amarrada, um deles virou-se para mim.

— Nome?

Imaginei que eles estavam perguntando sobre Taylor, não eu. — Taylor Ortiz, — eu disse a ele. — Essa é a bolsa dela ali no chão, deve ter a identificação dela.

O médico emergencial pegou sua bolsa pela alça e a levantou do chão, depois tirou a carteira de dentro. Ele a abriu, olhou para a carteira de motorista e, em seguida, assentiu e colocou a carteira de volta na bolsa. — Você?

— Eu? — Pisquei para ele e respondi: — Jessica Monroe. Eu sou o a professora assistente

— Como você está se sentindo?

Assustada. — Bem. Ou seja, não sinto febre ou nada. — Isso importava? Eu não tinha ouvido falar

sobre o período de incubação do Calor, mas presumi que não tivesse início instantâneo. Nenhuma doença tem.

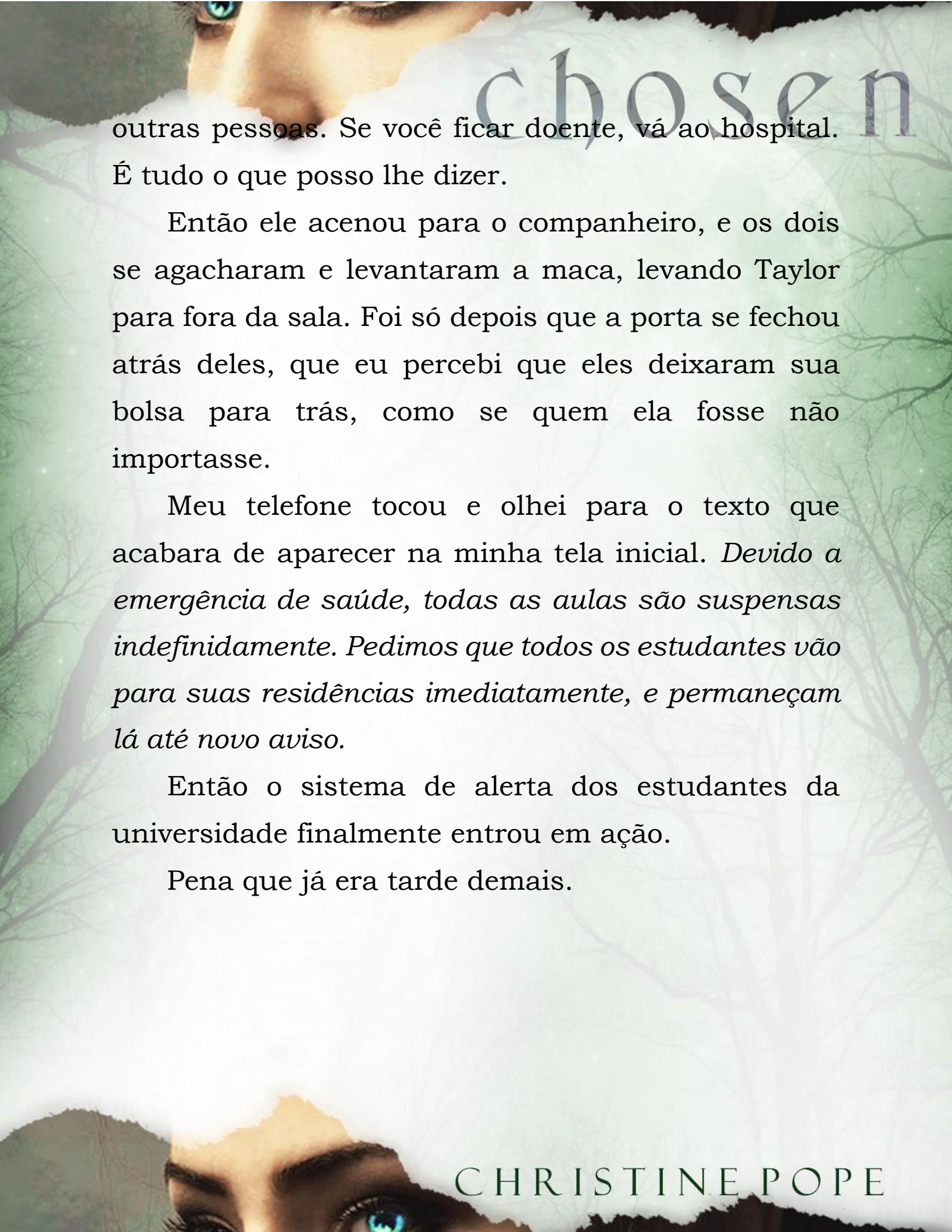
— Vá direto para casa, — Disse o paramédico. — Nenhum contato com mais ninguém. Se você começar a apresentar sintomas, não ligue para o seu médico. Vá direto para o hospital.

— Mas... — a palavra parou quando tentei reunir meus pensamentos. Algo sobre isso não parecia certo. Não, espere, risque isso, *nada parecia certo*. Eu fui exposta a alguém que obviamente tinha o calor. Eles não deveriam me colocar em quarentena ou algo assim?

A cabeça encapuzada do paramédico inclinou-se para um lado, enquanto esperava que eu falasse.

— Se ela está doente, eu também não fui infectada? Não sei, não tenho que ficar isolada ou algo assim? — Falei.

— Nós não temos as faculdades para isso. A melhor coisa a fazer é ir para casa e ficar longe de



Chosen

outras pessoas. Se você ficar doente, vá ao hospital. É tudo o que posso lhe dizer.

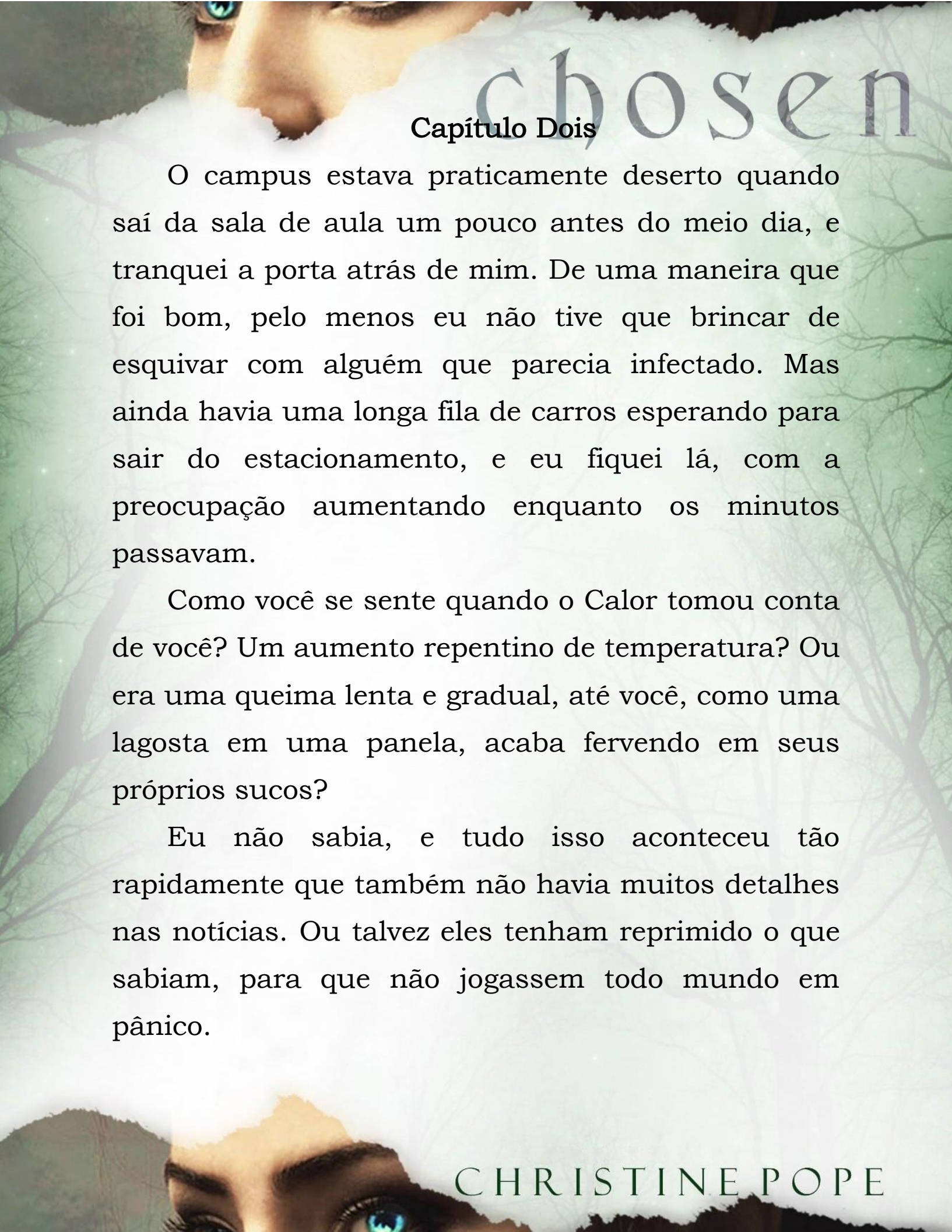
Então ele acenou para o companheiro, e os dois se agacharam e levantaram a maca, levando Taylor para fora da sala. Foi só depois que a porta se fechou atrás deles, que eu percebi que eles deixaram sua bolsa para trás, como se quem ela fosse não importasse.

Meu telefone tocou e olhei para o texto que acabara de aparecer na minha tela inicial. *Devido a emergência de saúde, todas as aulas são suspensas indefinidamente. Pedimos que todos os estudantes vão para suas residências imediatamente, e permaneçam lá até novo aviso.*

Então o sistema de alerta dos estudantes da universidade finalmente entrou em ação.

Pena que já era tarde demais.

CHRISTINE POPE



Chosen

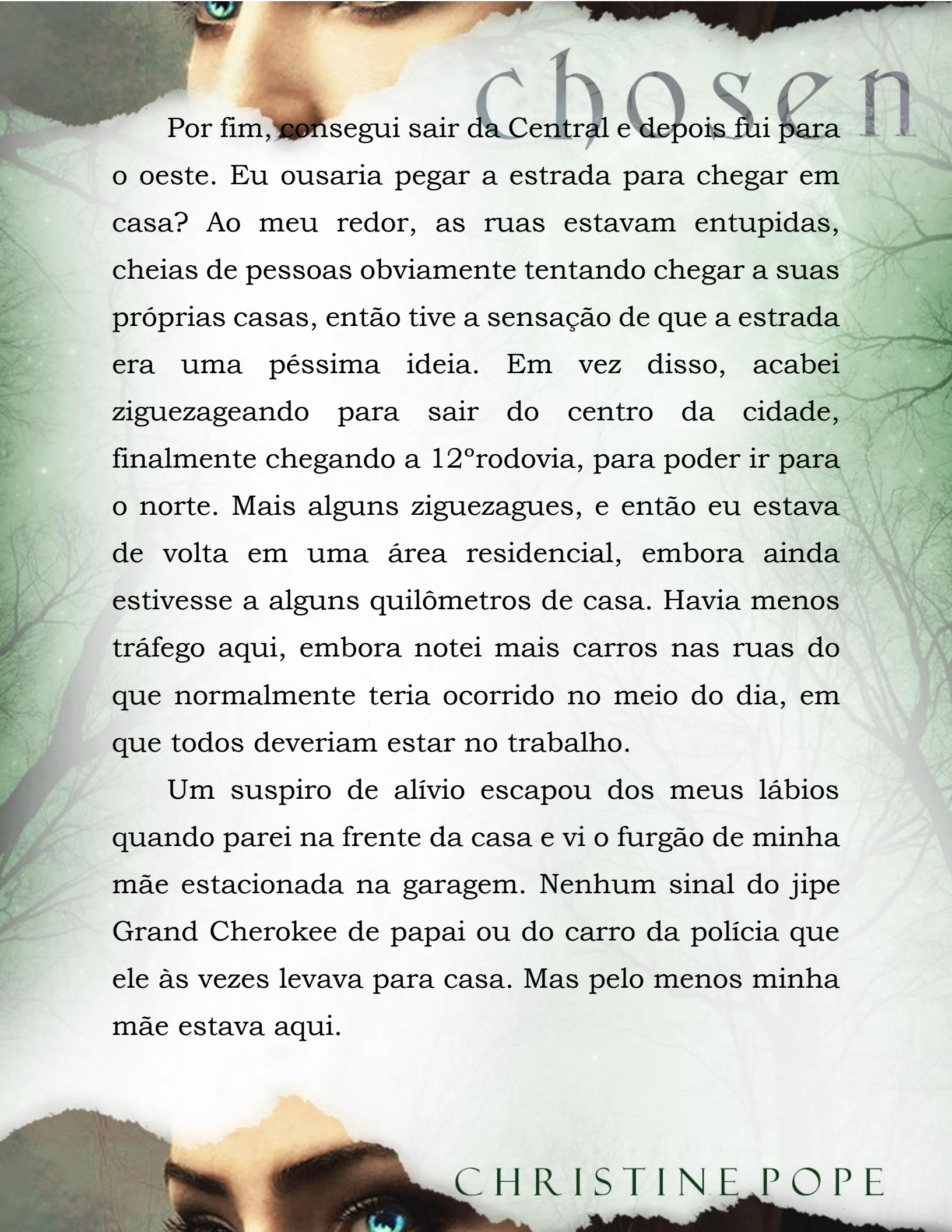
Capítulo Dois

O campus estava praticamente deserto quando saí da sala de aula um pouco antes do meio dia, e tranquei a porta atrás de mim. De uma maneira que foi bom, pelo menos eu não tive que brincar de esquivar com alguém que parecia infectado. Mas ainda havia uma longa fila de carros esperando para sair do estacionamento, e eu fiquei lá, com a preocupação aumentando enquanto os minutos passavam.

Como você se sente quando o Calor tomou conta de você? Um aumento repentino de temperatura? Ou era uma queima lenta e gradual, até você, como uma lagosta em uma panela, acaba fervendo em seus próprios sucos?

Eu não sabia, e tudo isso aconteceu tão rapidamente que também não havia muitos detalhes nas notícias. Ou talvez eles tenham reprimido o que sabiam, para que não jogassem todo mundo em pânico.

CHRISTINE POPE



Chosen

Por fim, consegui sair da Central e depois fui para o oeste. Eu ousaria pegar a estrada para chegar em casa? Ao meu redor, as ruas estavam entupidas, cheias de pessoas obviamente tentando chegar a suas próprias casas, então tive a sensação de que a estrada era uma péssima ideia. Em vez disso, acabei ziguezagueando para sair do centro da cidade, finalmente chegando a 12ª rodovia, para poder ir para o norte. Mais alguns ziguezagues, e então eu estava de volta em uma área residencial, embora ainda estivesse a alguns quilômetros de casa. Havia menos tráfego aqui, embora notei mais carros nas ruas do que normalmente teria ocorrido no meio do dia, em que todos deveriam estar no trabalho.

Um suspiro de alívio escapou dos meus lábios quando parei na frente da casa e vi o furgão de minha mãe estacionada na garagem. Nenhum sinal do jipe Grand Cherokee de papai ou do carro da polícia que ele às vezes levava para casa. Mas pelo menos minha mãe estava aqui.

CHRISTINE POPE

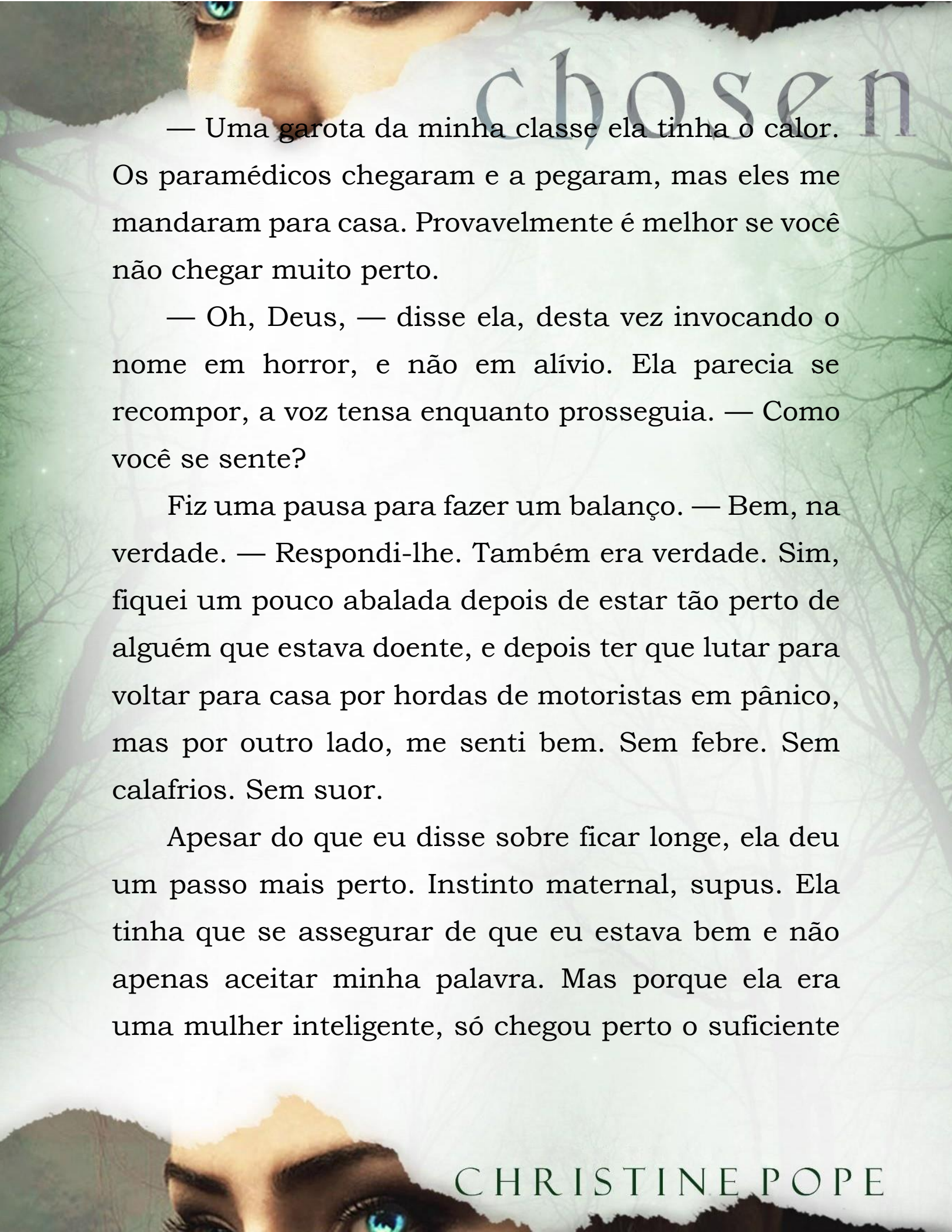
Saí do carro, depois me apressei pela entrada, para me deixar entrar pela porta dos fundos. Quase nunca chegávamos e passávamos pela frente, principalmente porque minha mãe era desnecessariamente preocupada com o tapete berbere na sala de estar. Melhor rastrear a sujeira na cozinha, que abusara do linóleo que ela queria se livrar havia anos.

— Mamãe? — Gritei quando entrei na área de serviço e depois entrei na cozinha.

— Jess? — Ela gritou de volta. Ouvi pés se aproximando do corredor que corria pelo meio da casa. Quando ela dobrou a esquina, vi que seu rosto estava branco. Ela soltou um soluço sufocado quando me viu. — Oh, graças a Deus.

Em qualquer outro momento, a reação dela teria me assustado, mas não agora. Não depois do que acabara de acontecer com Taylor Ortiz. — Eu estou bem, — falei. — Somente...

As sobrancelhas dela se uniram. — Somente?



chosen

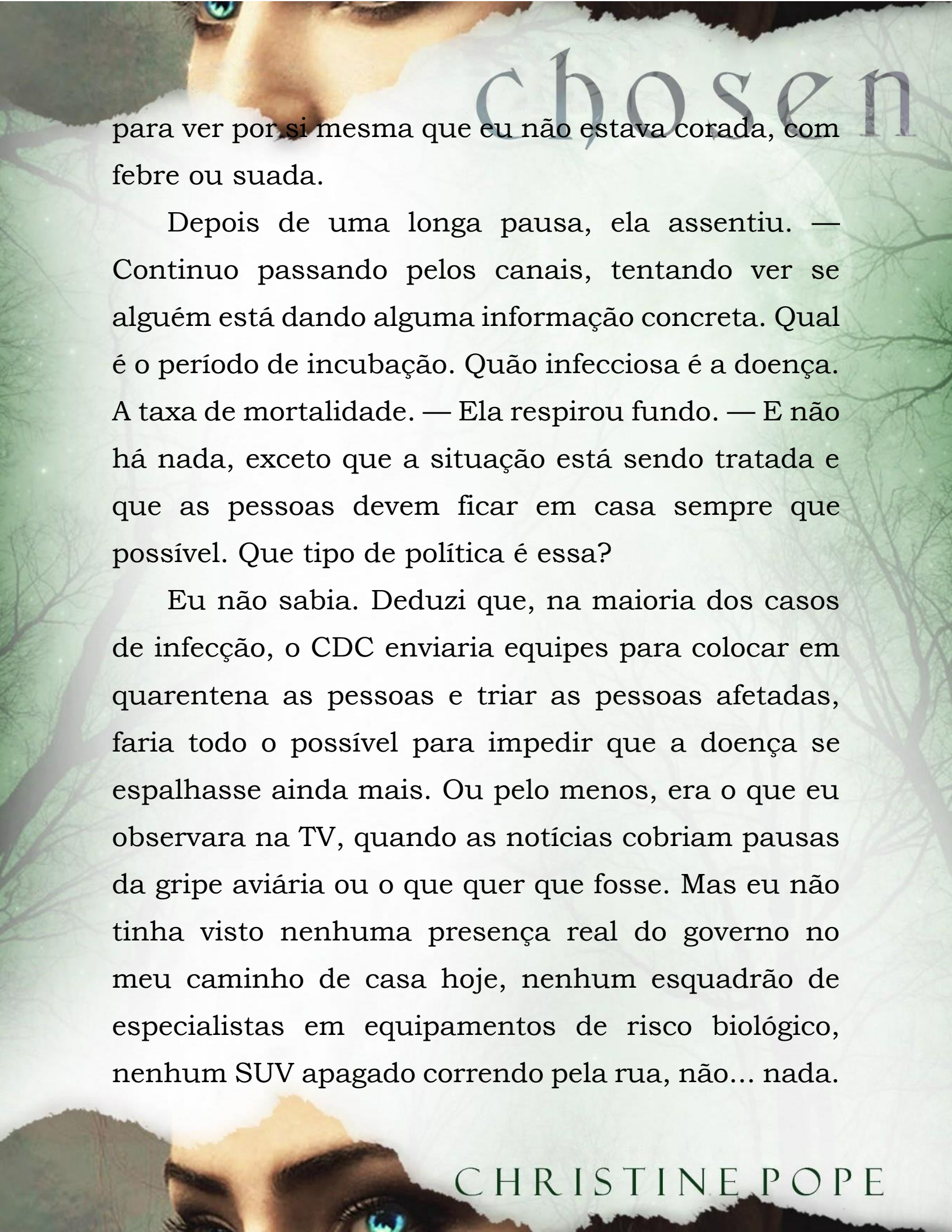
— Uma garota da minha classe ela tinha o calor. Os paramédicos chegaram e a pegaram, mas eles me mandaram para casa. Provavelmente é melhor se você não chegar muito perto.

— Oh, Deus, — disse ela, desta vez invocando o nome em horror, e não em alívio. Ela parecia se recompor, a voz tensa enquanto prosseguia. — Como você se sente?

Fiz uma pausa para fazer um balanço. — Bem, na verdade. — Respondi-lhe. Também era verdade. Sim, fiquei um pouco abalada depois de estar tão perto de alguém que estava doente, e depois ter que lutar para voltar para casa por hordas de motoristas em pânico, mas por outro lado, me senti bem. Sem febre. Sem calafrios. Sem suor.

Apesar do que eu disse sobre ficar longe, ela deu um passo mais perto. Instinto maternal, supus. Ela tinha que se assegurar de que eu estava bem e não apenas aceitar minha palavra. Mas porque ela era uma mulher inteligente, só chegou perto o suficiente

CHRISTINE POPE



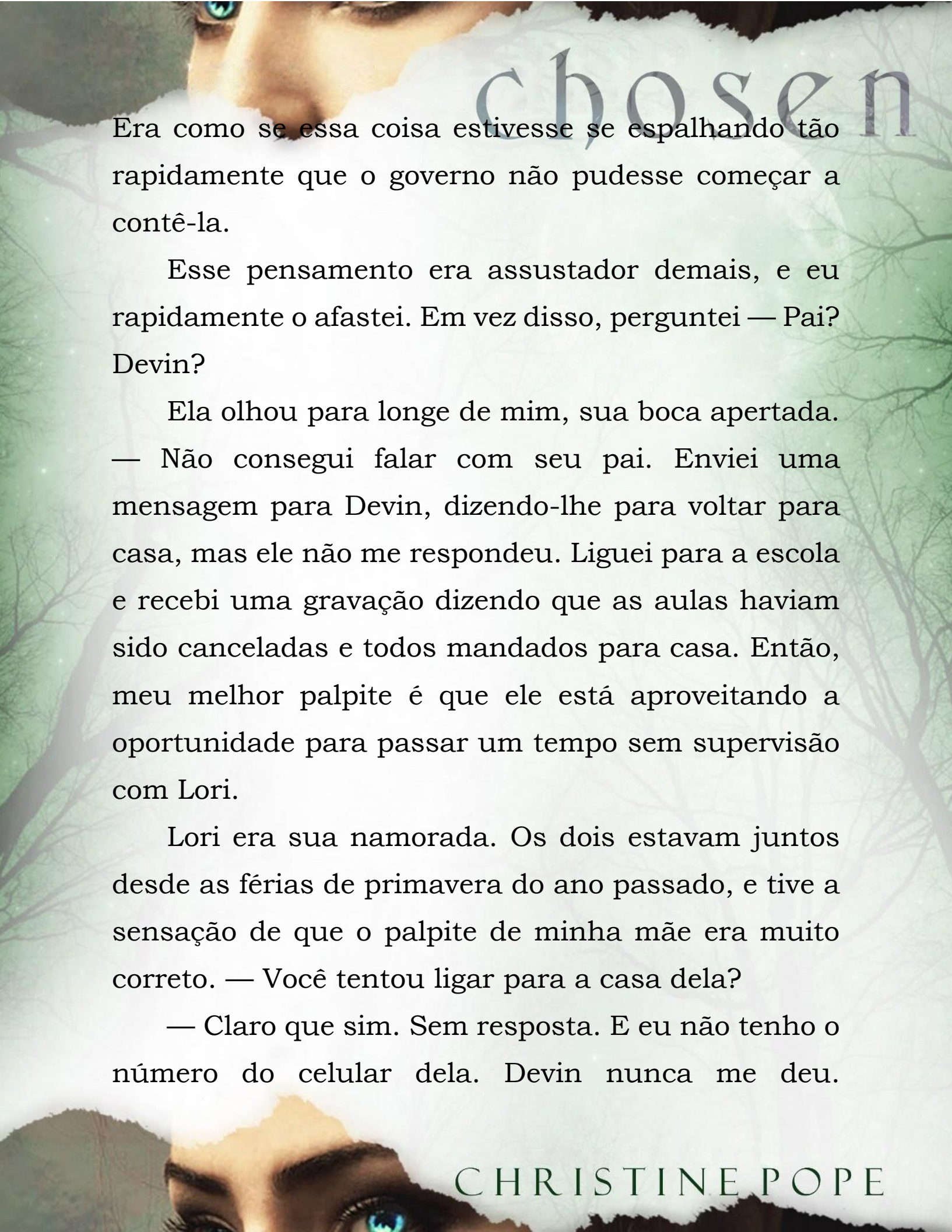
chosen

para ver por si mesma que eu não estava corada, com febre ou suada.

Depois de uma longa pausa, ela assentiu. — Continuo passando pelos canais, tentando ver se alguém está dando alguma informação concreta. Qual é o período de incubação. Quão infecciosa é a doença. A taxa de mortalidade. — Ela respirou fundo. — E não há nada, exceto que a situação está sendo tratada e que as pessoas devem ficar em casa sempre que possível. Que tipo de política é essa?

Eu não sabia. Deduzi que, na maioria dos casos de infecção, o CDC enviaria equipes para colocar em quarentena as pessoas e triar as pessoas afetadas, faria todo o possível para impedir que a doença se espalhasse ainda mais. Ou pelo menos, era o que eu observara na TV, quando as notícias cobriam pausas da gripe aviária ou o que quer que fosse. Mas eu não tinha visto nenhuma presença real do governo no meu caminho de casa hoje, nenhum esquadrão de especialistas em equipamentos de risco biológico, nenhum SUV apagado correndo pela rua, não... nada.

CHRISTINE POPE



chosen

Era como se essa coisa estivesse se espalhando tão rapidamente que o governo não pudesse começar a contê-la.

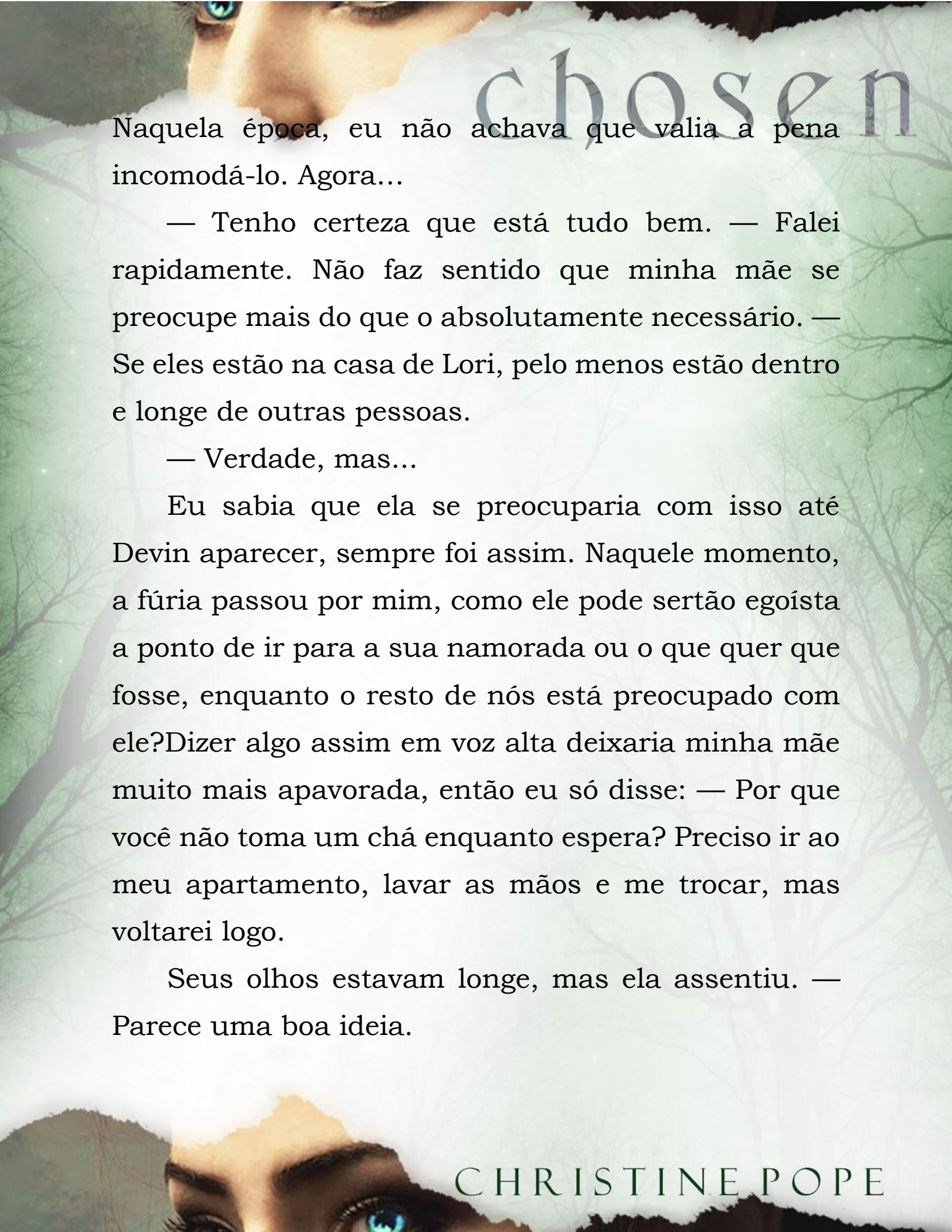
Esse pensamento era assustador demais, e eu rapidamente o afastei. Em vez disso, perguntei — Pai? Devin?

Ela olhou para longe de mim, sua boca apertada. — Não consegui falar com seu pai. Enviei uma mensagem para Devin, dizendo-lhe para voltar para casa, mas ele não me respondeu. Liguei para a escola e recebi uma gravação dizendo que as aulas haviam sido canceladas e todos mandados para casa. Então, meu melhor palpite é que ele está aproveitando a oportunidade para passar um tempo sem supervisão com Lori.

Lori era sua namorada. Os dois estavam juntos desde as férias de primavera do ano passado, e tive a sensação de que o palpite de minha mãe era muito correto. — Você tentou ligar para a casa dela?

— Claro que sim. Sem resposta. E eu não tenho o número do celular dela. Devin nunca me deu.

CHRISTINE POPE



chosen

Naquela época, eu não achava que valia a pena incomodá-lo. Agora...

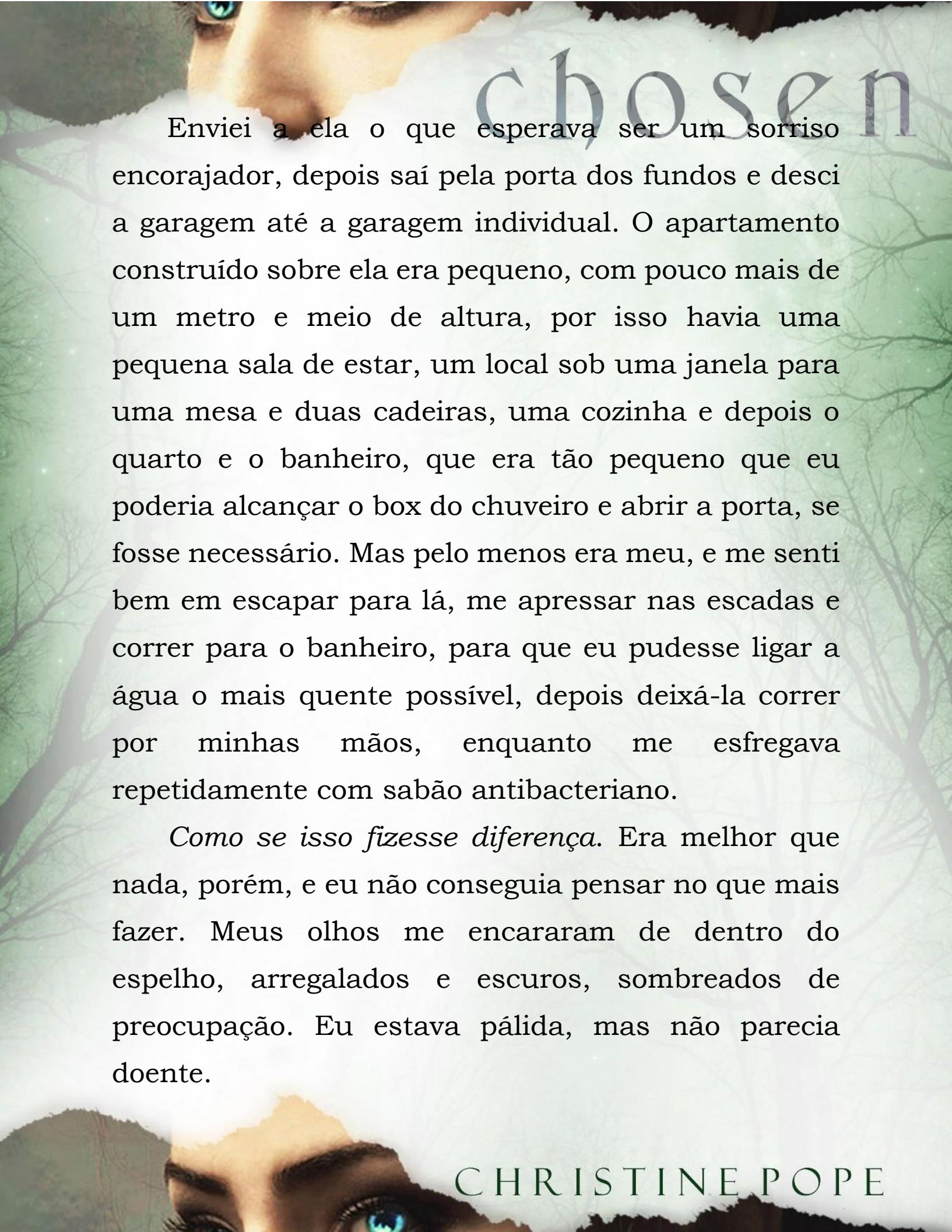
— Tenho certeza que está tudo bem. — Falei rapidamente. Não faz sentido que minha mãe se preocupe mais do que o absolutamente necessário. — Se eles estão na casa de Lori, pelo menos estão dentro e longe de outras pessoas.

— Verdade, mas...

Eu sabia que ela se preocuparia com isso até Devin aparecer, sempre foi assim. Naquele momento, a fúria passou por mim, como ele pode ser tão egoísta a ponto de ir para a sua namorada ou o que quer que fosse, enquanto o resto de nós está preocupado com ele? Dizer algo assim em voz alta deixaria minha mãe muito mais apavorada, então eu só disse: — Por que você não toma um chá enquanto espera? Preciso ir ao meu apartamento, lavar as mãos e me trocar, mas voltarei logo.

Seus olhos estavam longe, mas ela assentiu. — Parece uma boa ideia.

CHRISTINE POPE



chosen

Enviei a ela o que esperava ser um sorriso encorajador, depois saí pela porta dos fundos e desci a garagem até a garagem individual. O apartamento construído sobre ela era pequeno, com pouco mais de um metro e meio de altura, por isso havia uma pequena sala de estar, um local sob uma janela para uma mesa e duas cadeiras, uma cozinha e depois o quarto e o banheiro, que era tão pequeno que eu poderia alcançar o box do chuveiro e abrir a porta, se fosse necessário. Mas pelo menos era meu, e me senti bem em escapar para lá, me apressar nas escadas e correr para o banheiro, para que eu pudesse ligar a água o mais quente possível, depois deixá-la correr por minhas mãos, enquanto me esfregava repetidamente com sabão antibacteriano.

Como se isso fizesse diferença. Era melhor que nada, porém, e eu não conseguia pensar no que mais fazer. Meus olhos me encararam de dentro do espelho, arregalados e escuros, sombreados de preocupação. Eu estava pálida, mas não parecia doente.

CHRISTINE POPE

Depois de secar as mãos em uma toalha, estendi a mão e senti minha testa. Não parecia muito quente, mas eu sempre ouvi dizer que você não podia realmente detectar sua própria temperatura fazendo isso. Então, abri o armário de remédios e peguei o termômetro digital que eu mantinha lá. Depois de limpá-lo com um pouco de álcool, coloquei-o na boca e esperei.

Os segundos se passaram com lentidão agonizante. Fui até a sala de estar e sentei-me no *futon*, imaginando se deveria ligar minha TV, ver se encontraria algo que valesse a pena assistir. Mas então, se minha mãe foi incapaz de achar, o que me faz pensar que teria qualquer sorte melhor?

Em vez disso, olhei pela janela a árvore do lado de fora, um gafanhoto de mel, suas folhas começando a ficar amarelas. Fazia calor durante o dia, mas as noites já estavam frias. A árvore sabia que estava chegando a hora.

Será que eu?

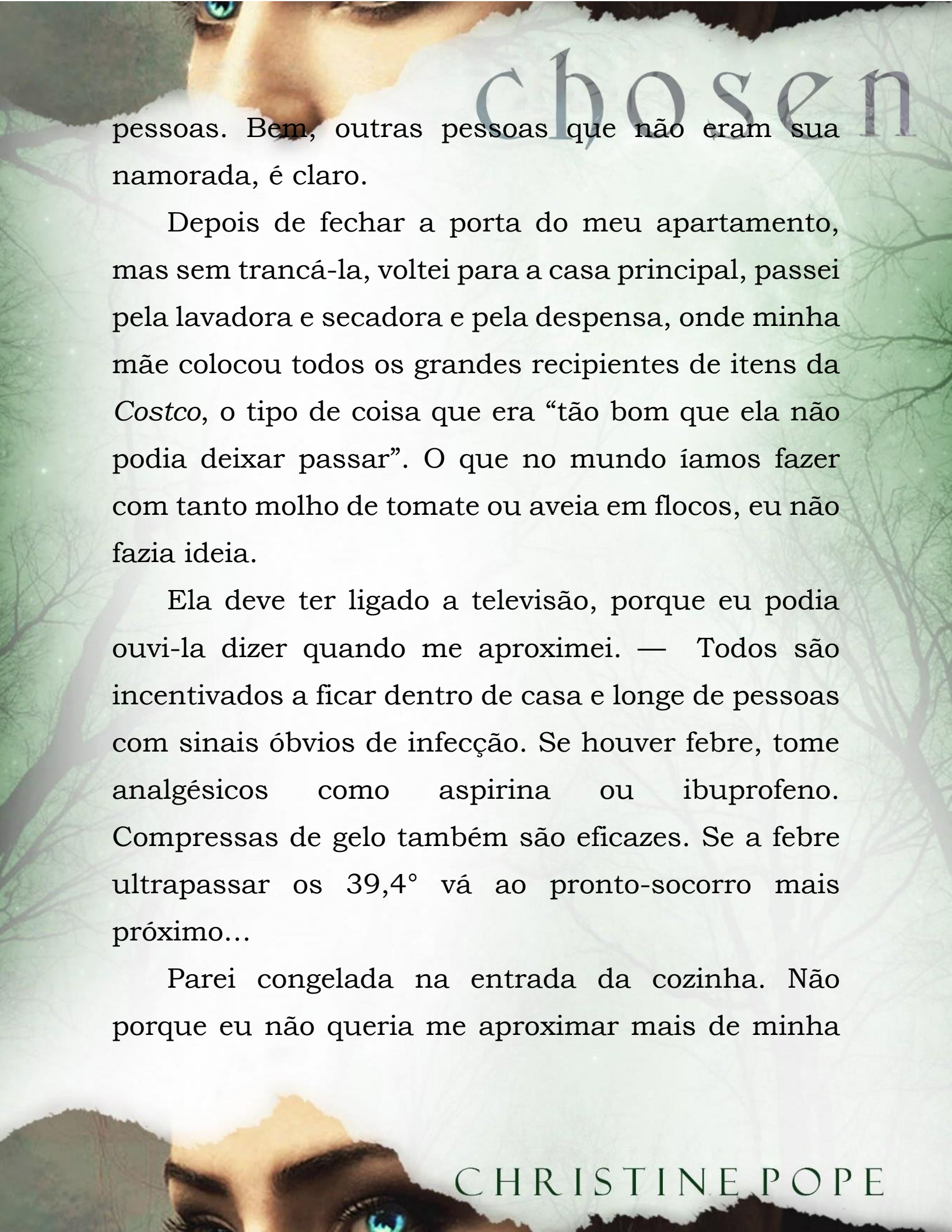
O termômetro apitou, indicando que tinha terminado de medir minha temperatura, e eu o tirei da boca. Por um longo momento, eu apenas o segurei, com medo de olhar para o que a leitura poderia dizer. Finalmente, me forcei a olhar para baixo.

36,4°.

Minha respiração saiu de mim e deixei cair o termômetro em cima da mesa de café. Temperatura baixa.

Mas o que isso significava? Depois que você foi infectado, quanto tempo demora para começar a sentir?

Eu não sabia. Tudo que eu sabia era que não estava doente. Ainda não, pelo menos. E eu deixei minha mãe sozinha por tempo suficiente. Mesmo se eu não pudesse me sentar ao lado dela, estaria perto o suficiente para podermos conversar, e isso ajudaria a impedir que ela se preocupasse até Devin chegar em casa. Eu amava meu irmãozinho, mas às vezes ele não era atencioso com os sentimentos de outras



chosen

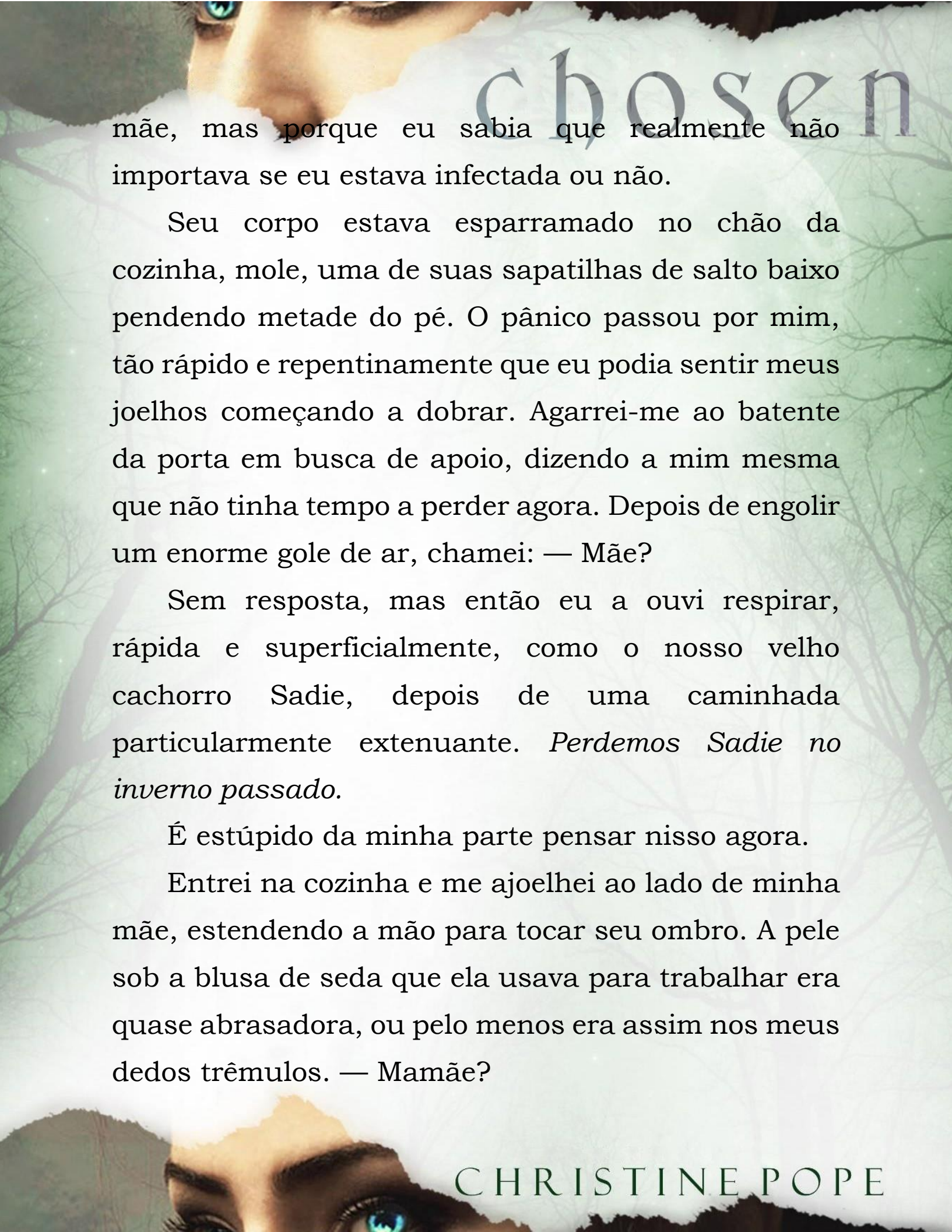
pessoas. Bem, outras pessoas que não eram sua namorada, é claro.

Depois de fechar a porta do meu apartamento, mas sem trancá-la, voltei para a casa principal, passei pela lavadora e secadora e pela despensa, onde minha mãe colocou todos os grandes recipientes de itens da Costco, o tipo de coisa que era “tão bom que ela não podia deixar passar”. O que no mundo íamos fazer com tanto molho de tomate ou aveia em flocos, eu não fazia ideia.

Ela deve ter ligado a televisão, porque eu podia ouvi-la dizer quando me aproximei. — Todos são incentivados a ficar dentro de casa e longe de pessoas com sinais óbvios de infecção. Se houver febre, tome analgésicos como aspirina ou ibuprofeno. Compressas de gelo também são eficazes. Se a febre ultrapassar os 39,4° vá ao pronto-socorro mais próximo...

Parei congelada na entrada da cozinha. Não porque eu não queria me aproximar mais de minha

CHRISTINE POPE



Chosen

mãe, mas porque eu sabia que realmente não importava se eu estava infectada ou não.

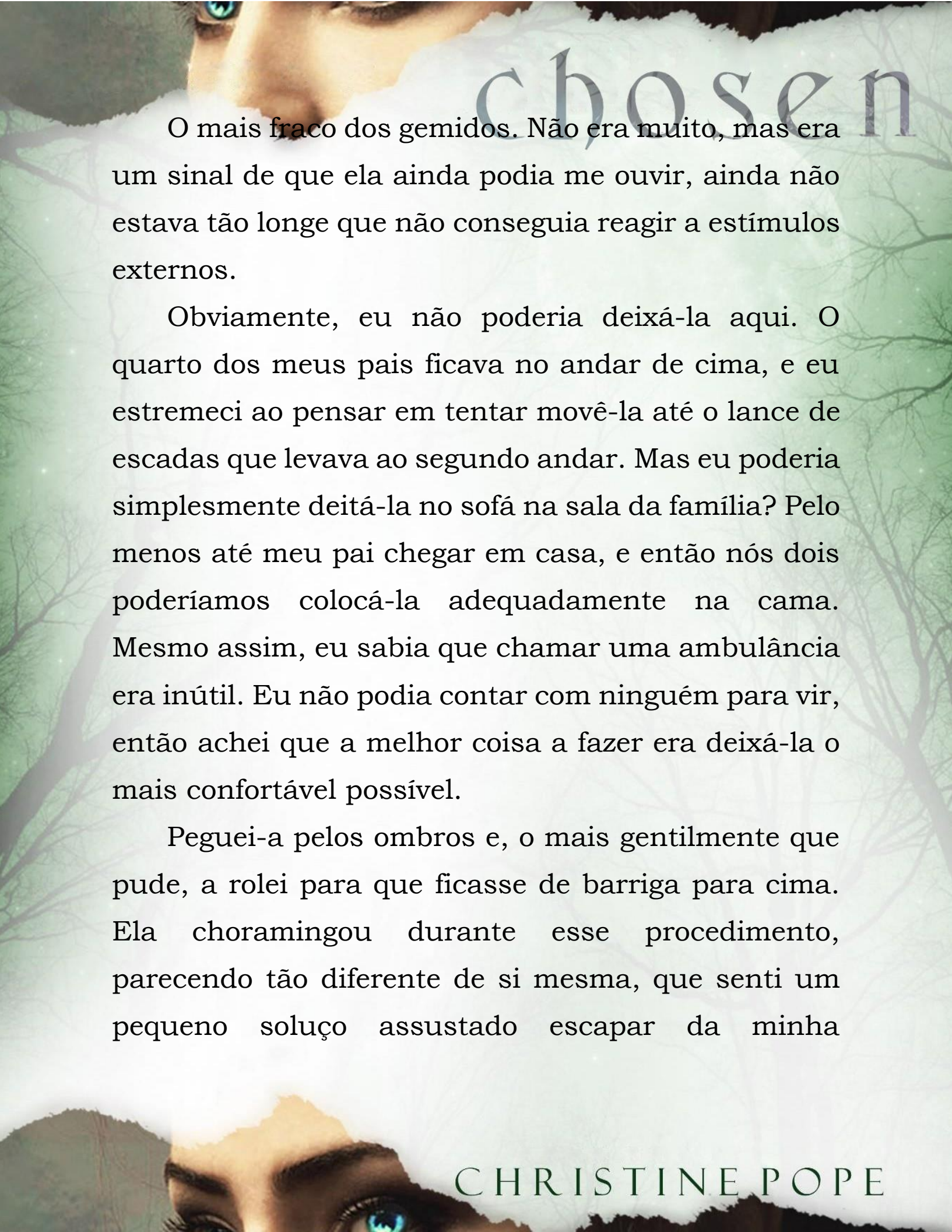
Seu corpo estava esparramado no chão da cozinha, mole, uma de suas sapatilhas de salto baixo pendendo metade do pé. O pânico passou por mim, tão rápido e repentinamente que eu podia sentir meus joelhos começando a dobrar. Agarrei-me ao batente da porta em busca de apoio, dizendo a mim mesma que não tinha tempo a perder agora. Depois de engolir um enorme gole de ar, chamei: — Mãe?

Sem resposta, mas então eu a ouvi respirar, rápida e superficialmente, como o nosso velho cachorro Sadie, depois de uma caminhada particularmente extenuante. *Perdemos Sadie no inverno passado.*

É estúpido da minha parte pensar nisso agora.

Entrei na cozinha e me ajoelhei ao lado de minha mãe, estendendo a mão para tocar seu ombro. A pele sob a blusa de seda que ela usava para trabalhar era quase abrasadora, ou pelo menos era assim nos meus dedos trêmulos. — Mamãe?

CHRISTINE POPE



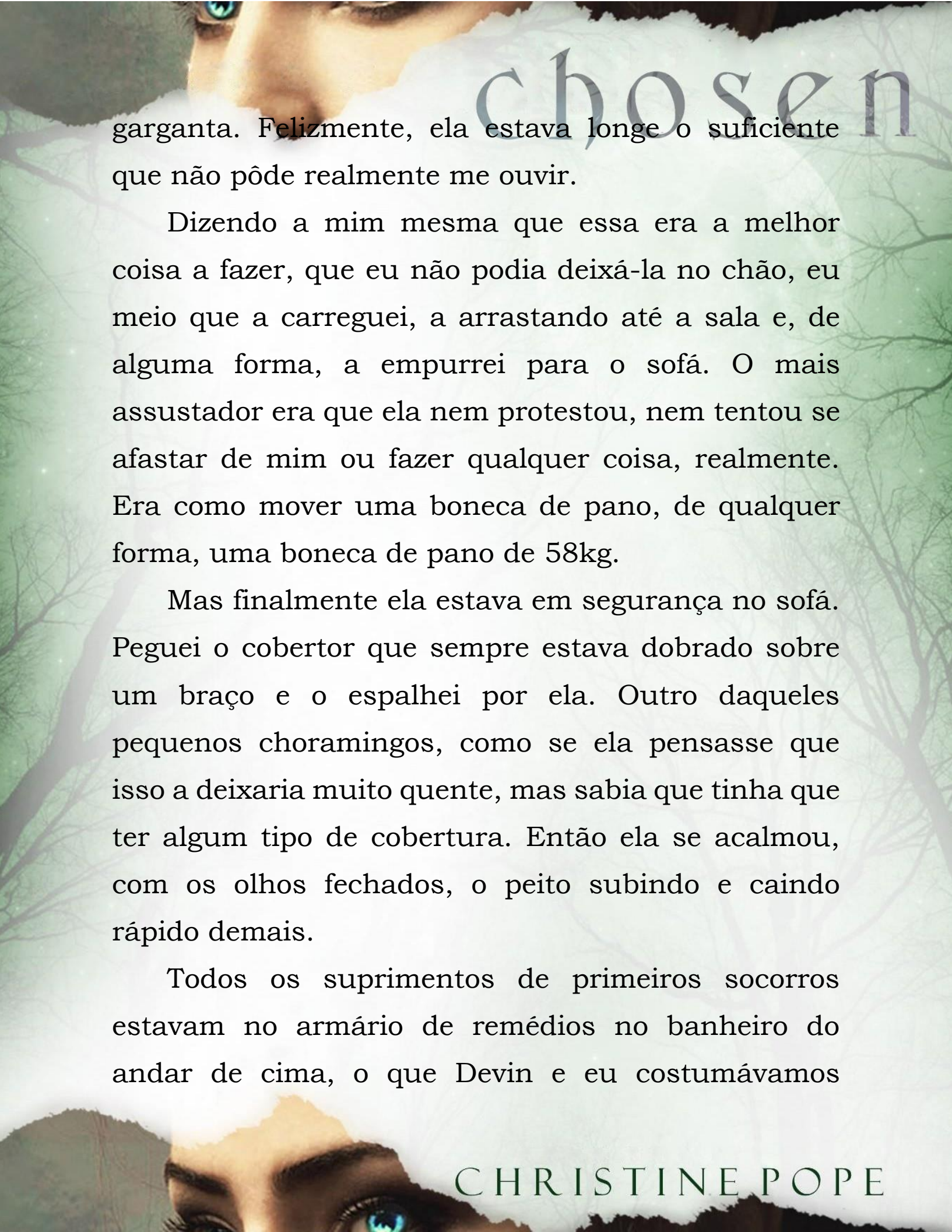
chosen

O mais fraco dos gemidos. Não era muito, mas era um sinal de que ela ainda podia me ouvir, ainda não estava tão longe que não conseguia reagir a estímulos externos.

Obviamente, eu não poderia deixá-la aqui. O quarto dos meus pais ficava no andar de cima, e eu estremeci ao pensar em tentar movê-la até o lance de escadas que levava ao segundo andar. Mas eu poderia simplesmente deitá-la no sofá na sala da família? Pelo menos até meu pai chegar em casa, e então nós dois poderíamos colocá-la adequadamente na cama. Mesmo assim, eu sabia que chamar uma ambulância era inútil. Eu não podia contar com ninguém para vir, então achei que a melhor coisa a fazer era deixá-la o mais confortável possível.

Peguei-a pelos ombros e, o mais gentilmente que pude, a rolei para que ficasse de barriga para cima. Ela choramingou durante esse procedimento, parecendo tão diferente de si mesma, que senti um pequeno soluço assustado escapar da minha

CHRISTINE POPE



garganta. Felizmente, ela estava longe o suficiente que não pôde realmente me ouvir.

Dizendo a mim mesma que essa era a melhor coisa a fazer, que eu não podia deixá-la no chão, eu meio que a carreguei, a arrastando até a sala e, de alguma forma, a empurrei para o sofá. O mais assustador era que ela nem protestou, nem tentou se afastar de mim ou fazer qualquer coisa, realmente. Era como mover uma boneca de pano, de qualquer forma, uma boneca de pano de 58kg.

Mas finalmente ela estava em segurança no sofá. Peguei o cobertor que sempre estava dobrado sobre um braço e o espalhei por ela. Outro daqueles pequenos choramingos, como se ela pensasse que isso a deixaria muito quente, mas sabia que tinha que ter algum tipo de cobertura. Então ela se acalmou, com os olhos fechados, o peito subindo e caindo rápido demais.

Todos os suprimentos de primeiros socorros estavam no armário de remédios no banheiro do andar de cima, o que Devin e eu costumávamos

CHRISTINE POPE

compartilhar antes de me mudar para o apartamento sobre a garagem. Depois de dar outra olhada em minha mãe e decidir que ela ficaria bem por mais ou menos um minuto, subi as escadas correndo, me movendo o mais rápido que pude sem realmente correr. Quando cheguei ao banheiro, abri o armário, peguei o recipiente enorme de ibuprofeno e apertei um par na minha mão. Também peguei o termômetro. Sim, era óbvio que minha mãe estava com febre alta... mas *quão* alta? Passando o número mágico de 39,4°?

Eu tinha que esperar que não.

Corri de volta pelas escadas. Ela não se mexeu, embora, eu tenha notado que ela empurrou o cobertor do peito até a cintura. Sua blusa e saia estavam ficando enrugadas, mas eu não podia fazer muito sobre isso. Outra coisa que meu pai teria que me ajudar quando chegasse em casa.

Se ele chegasse em casa.

Não pense assim, eu disse a mim mesma. *Ele estará aqui. Ele chegará.*

Eu simplesmente não sabia o que ele encontraria quando finalmente chegasse em casa.

As pílulas estavam frescas na minha palma. Percebi então que tinha esquecido de pegar água para a minha mãe, então fui para a cozinha, enchi um copo pela metade e voltei para a sala da família. Ela não havia se mexido, estava lá, se contorcendo e tremendo como Taylor Ortiz.

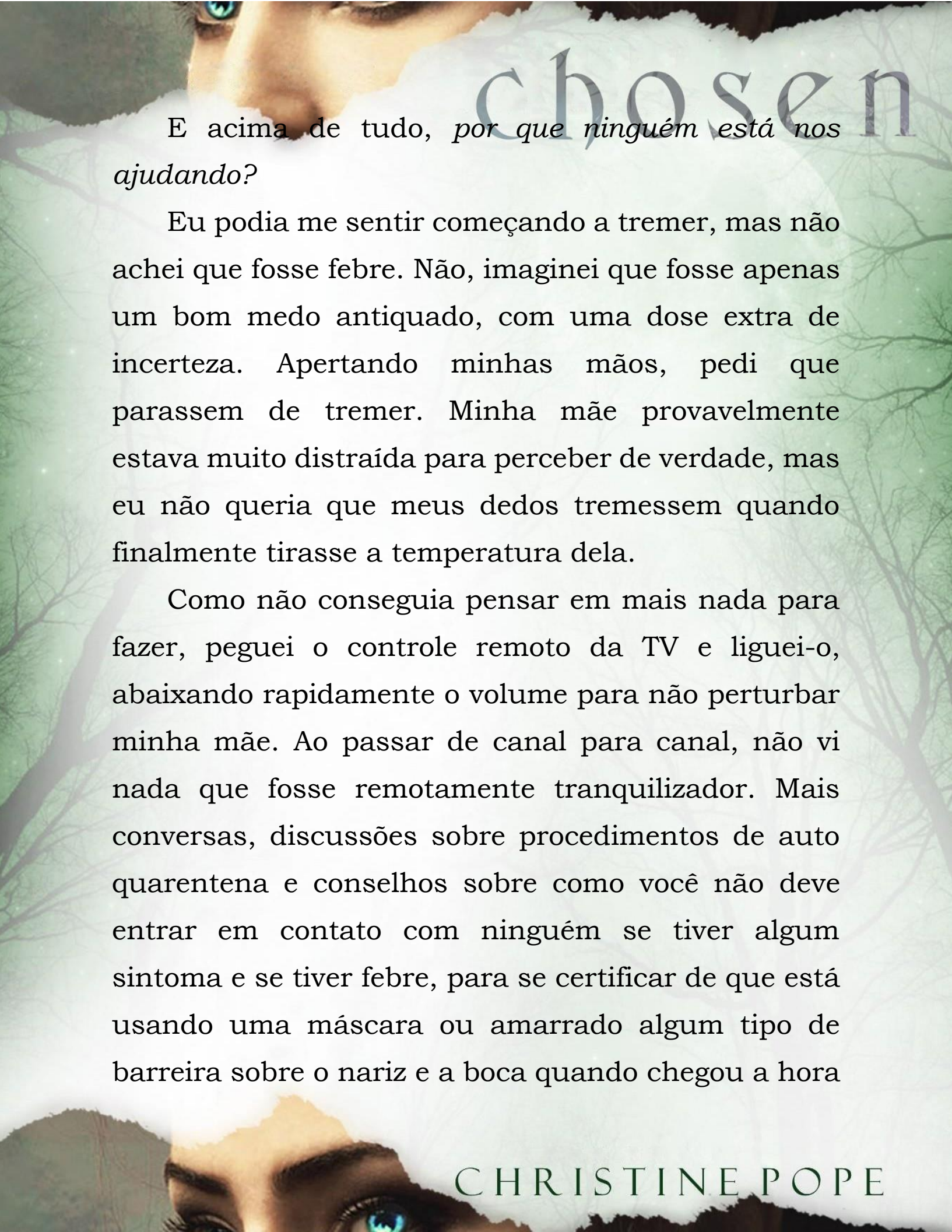
— Mãe. — Falei suavemente. Ela não parecia me reconhecer, então eu não sabia se ela realmente me ouviu ou não. Talvez eu estivesse dizendo o nome dela para me tranquilizar tanto quanto para que soubesse que eu estava lá. — Aqui está um pouco de água e algumas pílulas para a febre.

Deslizei meu braço sob seus ombros e a levantei alguns centímetros, apenas o suficiente para que eu pudesse levar a água aos seus lábios. Como Taylor, ela bebeu avidamente, engolindo tanto que eu tinha que puxar o copo para que restasse o suficiente para ela tomar as pílulas.

— Ok. — Eu disse a ela, deslizando uma das cápsulas de ibuprofeno entre os lábios. Ele meio que ficou lá na língua dela, então, derramei mais água em sua boca. E seu reflexo fez com que ela tomasse a pílula sem muita dificuldade. O segundo foi um pouco mais difícil, mas ela finalmente aceitou.

Após esse procedimento, percebi que deveria ter medido a temperatura dela primeiro, que a água poderia tornar a leitura imprecisa. Como não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso no momento, sentei-me em uma das poltronas, imaginando que, se esperasse alguns minutos, provavelmente seria seguro tentar o termômetro.

Esperar foi ruim, no entanto. Se tudo o que eu estava fazendo era sentar lá e assistir minha mãe tremer e tremer no sofá, então eu tinha muito tempo para pensar... e pensar era a última coisa que eu queria fazer. Meus pensamentos me perseguiram, me preocupando. E se meu pai nunca voltasse para casa? E se Devin tivesse ficado doente na casa de Lori? E se *ambos* estivessem doentes?



chosen

E acima de tudo, *por que ninguém está nos ajudando?*

Eu podia me sentir começando a tremer, mas não achei que fosse febre. Não, imaginei que fosse apenas um bom medo antiquado, com uma dose extra de incerteza. Apertando minhas mãos, pedi que parassem de tremer. Minha mãe provavelmente estava muito distraída para perceber de verdade, mas eu não queria que meus dedos tremessem quando finalmente tirasse a temperatura dela.

Como não conseguia pensar em mais nada para fazer, peguei o controle remoto da TV e liguei-o, abaixando rapidamente o volume para não perturbar minha mãe. Ao passar de canal para canal, não vi nada que fosse remotamente tranquilizador. Mais conversas, discussões sobre procedimentos de auto quarentena e conselhos sobre como você não deve entrar em contato com ninguém se tiver algum sintoma e se tiver febre, para se certificar de que está usando uma máscara ou amarrado algum tipo de barreira sobre o nariz e a boca quando chegou a hora

CHRISTINE POPE

de ir à sala de emergência. Todos pareciam pálidos e tensos, e olhavam um para o outro, quando pensavam que os outros não estavam olhando, como se tentassem detectar sinais de que um de seus colegas apresentadores de jornal estivesse começando a mostrar sintomas. Em um canal, peguei uma moça bonita que não parecia muito mais velha do que eu, lançando olhares furtivos para algum lugar fora da câmera, como se alguém estivesse parado e monitorando o que todos estavam dizendo. Isso não poderia ser bom.

Com todas as pessoas sendo enviadas para as salas de emergência, os hospitais ficaram sobrecarregados. Eu me perguntava quantas pessoas estavam doentes e quantas eram como eu, expostas, mas ainda assim assintomáticas. Talvez 50%. Eu não podia nem começar a adivinhar. Tudo o que eu sabia era que não via como os hospitais podiam começar a acompanhar.

Irritada por todas as estações repetirem a mesma informação inútil, desliguei a televisão e peguei o

termômetro. Minha mãe realmente não queria deixar, mas depois de um pouco de luta, enfiei-o entre os lábios e mais ou menos sob a língua. A pele dela estava pegajosa e quente ao mesmo tempo, o que eu duvidava que fosse um bom sinal. Talvez dois ibuprofeno não tenham sido suficientes. Talvez eu devesse ter dado a ela três ou até quatro.

Ou talvez eu pudesse ter derramado toda a maldita garrafa em sua garganta, e ainda não teria feito nada de bom.

Apertando minha mandíbula, sentei-me e olhei pela janela, as árvores que se moviam na suave brisa de setembro, o pardal que pousou em um galho e inclinou a cabeça em minha direção, quase como se ele pudesse me ver sentada lá dentro, observando-o. A janela da sala de estar ficava de frente para o pátio lateral e a cerca que nos separava dos Montoyas no andar seguinte. Não vi nenhum movimento por lá, que na maioria dos dias não teria sido tão incomum. Era meio do dia, os Montoyas trabalhavam em período integral e os filhos estavam no ensino

fundamental, mas as escolas estavam fechadas e parecia que a maioria dos locais de negócios estavam parando e mandando seus funcionários para casa também.

Eles estavam em casa, mas doentes? Ou bem, mas escondido, não querendo correr o risco de ser exposto? Eu não sabia, e tinha minhas mãos cheias aqui. Se meu pai chegasse em casa, eu provavelmente iria examiná-lo, mas até então...

O termômetro apitou para mim, e eu gentilmente o tirei da boca de minha mãe e olhei para a leitura. Então, fechei meus olhos, certo de que eles estavam lendo errado, de que estavam me enganando de alguma forma.

Eu os abri novamente.

41,55°Graus

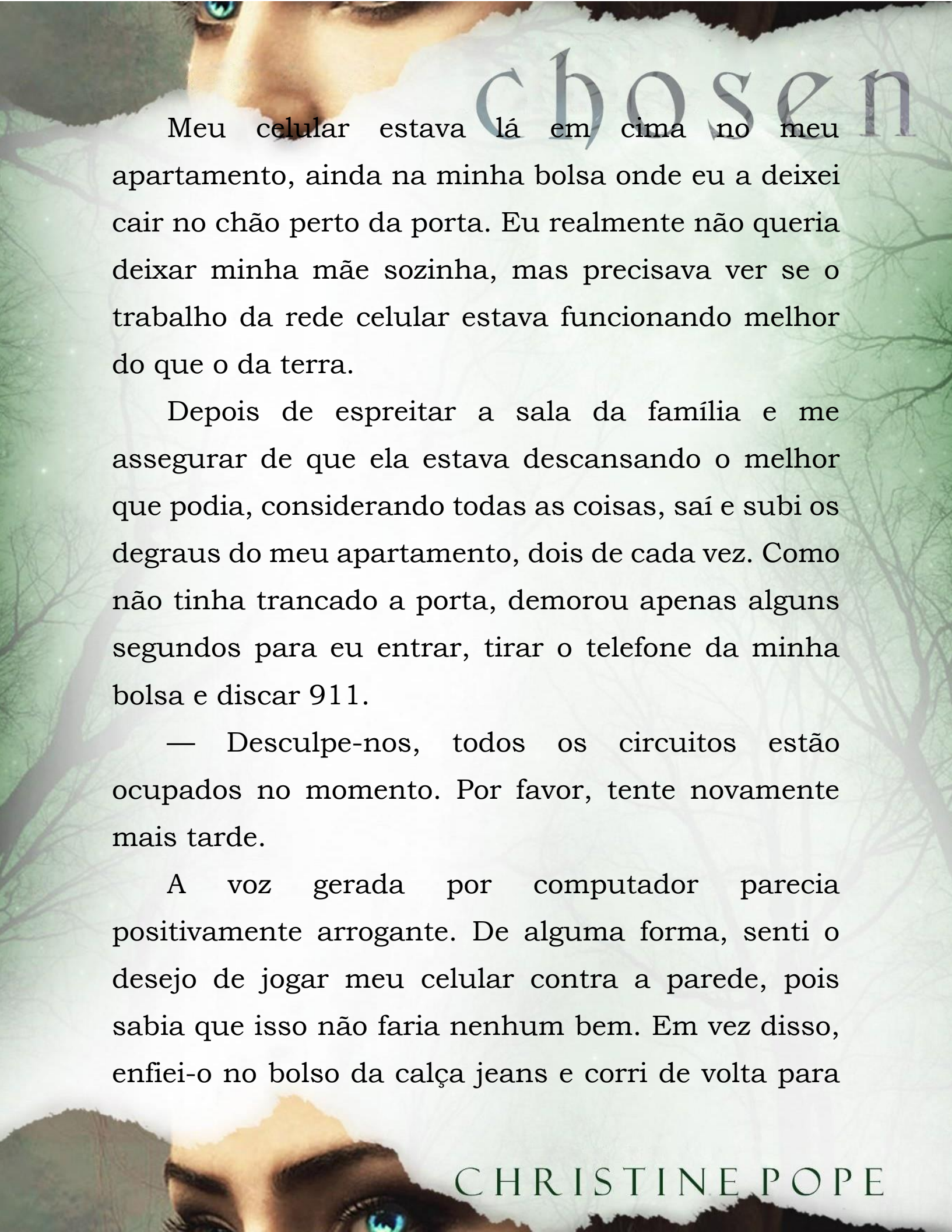
Isso era possível?

Eu supunha que tinha que ser, já que era isso que o termômetro estava dizendo. Eu também tinha a sensação de que dois ibuprofeno talvez não o cortassem aqui. Ok, nas notícias que eles diziam para

aplicar panos frios, para que veja o médico como o próximo passo. Bem, logo depois que liguei para o 911. Talvez isso não fosse bom, mas naquele momento, eu estava tão assustada com a temperatura da minha mãe que tive que pelo menos tentar obter ajuda.

Depois de colocar o termômetro de volta na mesa de café, levantei-me e fui para a cozinha, onde meus pais ainda tinham um telefone com fio antiquado montado na parede. Devin e eu rimos, mas meu pai nos deu um olhar mal e disse que as linhas terrestres eram muito mais confiáveis do que os telefones celulares e que, no dia seguinte, poderíamos estar muito contentes com aquele telefone antigo de botão.

Eu levantei o receptor do suporte, mas quando o coloquei no ouvido, tudo o que ouvi foi um sinal de ocupado rápido, do tipo que você recebe quando o serviço telefônico está fora do ar. Franzindo a testa, balancei o gancho e ouvi um barulho. Nada ainda. Tanta coisa para uma boa tecnologia antiquada.

The background of the page features a close-up of a woman's face, focusing on her eyes and nose, with a soft, ethereal glow. The image is partially obscured by a green, leafy texture that resembles a forest or garden. The title 'Chosen' is written in a large, elegant, serif font, with the 'C' and 'h' being significantly larger than the other letters, creating a unique visual effect.

Chosen

Meu celular estava lá em cima no meu apartamento, ainda na minha bolsa onde eu a deixei cair no chão perto da porta. Eu realmente não queria deixar minha mãe sozinha, mas precisava ver se o trabalho da rede celular estava funcionando melhor do que o da terra.

Depois de espreitar a sala da família e me assegurar de que ela estava descansando o melhor que podia, considerando todas as coisas, saí e subi os degraus do meu apartamento, dois de cada vez. Como não tinha trancado a porta, demorou apenas alguns segundos para eu entrar, tirar o telefone da minha bolsa e discar 911.

— Desculpe-nos, todos os circuitos estão ocupados no momento. Por favor, tente novamente mais tarde.

A voz gerada por computador parecia positivamente arrogante. De alguma forma, senti o desejo de jogar meu celular contra a parede, pois sabia que isso não faria nenhum bem. Em vez disso, enfiei-o no bolso da calça jeans e corri de volta para

CHRISTINE POPE

casa. Eu certamente tentaria novamente mais tarde, mas, enquanto isso, eu tinha que fazer o que podia para cuidar de minha mãe.

Sua condição não parecia ter piorado durante os minutos em que saí. Isso era alguma coisa. Peguei alguns panos de prato na gaveta e umedeci-as com água fria, depois fui para a sala e os coloquei em sua testa. Um pouco da umidade pingava em sua blusa de seda cinza, deixando manchas úmidas. Eu esperava que não deixassem manchas.

Sério, você está se preocupada com algumas manchas ao mesmo tempo?

Eu supunha que estava me fixando nisso, apenas porque era mais fácil se preocupar com algo como arruinar as roupas da minha mãe, do que as coisas reais, como o fato de nenhum dos telefones estar funcionando. Sim, ouvi como isso poderia acontecer depois de algum tipo de desastre, mas Albuquerque não era propensa a desastre, seja natural ou artificial.

A porta dos fundos bateu e minha mãe começou a tremer novamente. Droga. E eu acabei de levá-la a

um lugar onde ela parecia estar mais ou menos descansando confortavelmente. Mas talvez aquela porta batendo significasse que meu pai chegara em casa.

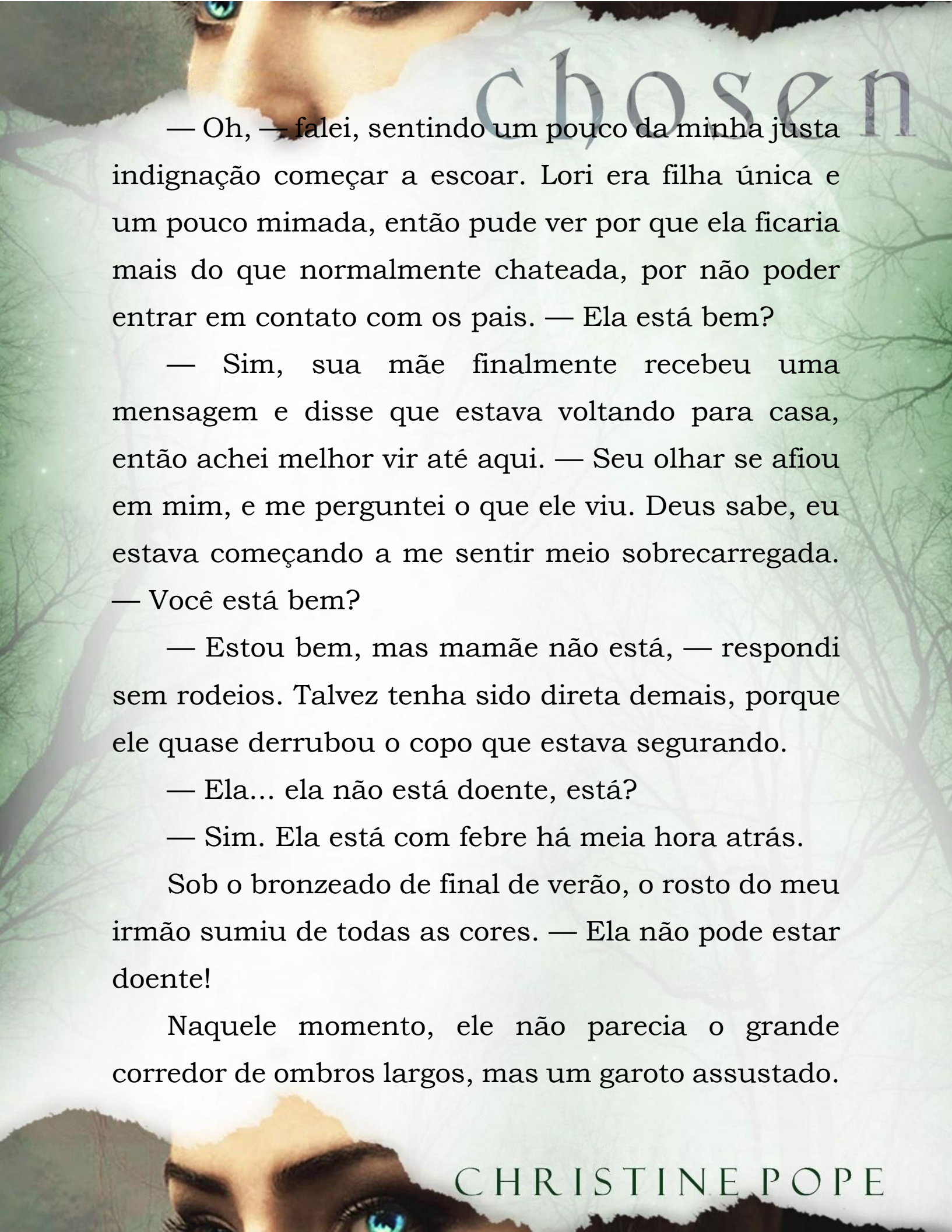
Eu reajustei a toalha úmida na testa da minha mãe, depois me levantei e fui para a cozinha. Devin estava pegando um copo do armário quando entrei. Ele parecia bem, sem bochechas coradas, sem brilho de suor, naquele momento eu não tinha certeza se queria abraçá-lo em alívio, ou socá-lo no braço por nos fazer se preocupar assim com ele.

— Onde diabos você estava? — Exigi.

— Lori. — Respondeu ele, indo para a geladeira e pegando um pouco de gelo e água do fundo.

— Bem, você assustou a mamãe. Ela não conseguiu falar com você...

Ele encolheu os ombros. — Enviei uma mensagem. Talvez não tenha chegado. Enfim, eles nos mandaram para casa, e Lori não conseguiu entrar em contato com nenhum dos pais, então ela estava surtando. Então, fiquei com ela.



Chosen

— Oh, — falei, sentindo um pouco da minha justa indignação começar a escoar. Lori era filha única e um pouco mimada, então pude ver por que ela ficaria mais do que normalmente chateada, por não poder entrar em contato com os pais. — Ela está bem?

— Sim, sua mãe finalmente recebeu uma mensagem e disse que estava voltando para casa, então achei melhor vir até aqui. — Seu olhar se afiou em mim, e me perguntei o que ele viu. Deus sabe, eu estava começando a me sentir meio sobrecarregada. — Você está bem?

— Estou bem, mas mamãe não está, — respondi sem rodeios. Talvez tenha sido direta demais, porque ele quase derrubou o copo que estava segurando.

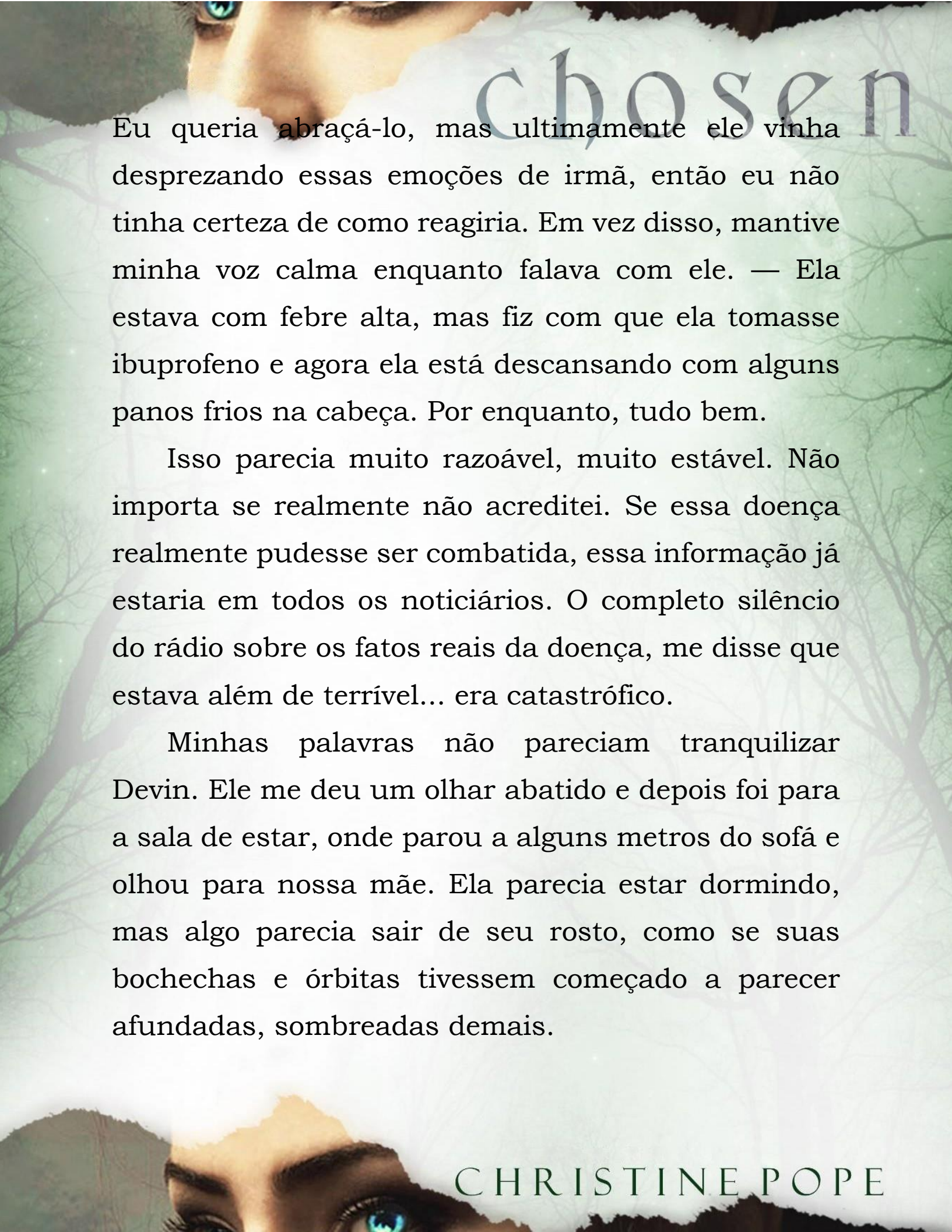
— Ela... ela não está doente, está?

— Sim. Ela está com febre há meia hora atrás.

Sob o bronzeado de final de verão, o rosto do meu irmão sumiu de todas as cores. — Ela não pode estar doente!

Naquele momento, ele não parecia o grande corredor de ombros largos, mas um garoto assustado.

CHRISTINE POPE



Chosen

Eu queria abraçá-lo, mas ultimamente ele vinha desprezando essas emoções de irmã, então eu não tinha certeza de como reagiria. Em vez disso, mantive minha voz calma enquanto falava com ele. — Ela estava com febre alta, mas fiz com que ela tomasse ibuprofeno e agora ela está descansando com alguns panos frios na cabeça. Por enquanto, tudo bem.

Isso parecia muito razoável, muito estável. Não importa se realmente não acreditei. Se essa doença realmente pudesse ser combatida, essa informação já estaria em todos os noticiários. O completo silêncio do rádio sobre os fatos reais da doença, me disse que estava além de terrível... era catastrófico.

Minhas palavras não pareciam tranquilizar Devin. Ele me deu um olhar abatido e depois foi para a sala de estar, onde parou a alguns metros do sofá e olhou para nossa mãe. Ela parecia estar dormindo, mas algo parecia sair de seu rosto, como se suas bochechas e órbitas tivessem começado a parecer afundadas, sombreadas demais.

CHRISTINE POPE

Não, isso não poderia estar certo. Tinha que ser um truque da iluminação na sala; eu fechei as cortinas para que a luz da tarde, que estava começando a se inclinar para o espaço, não a perturbasse. Apenas algum tipo de estranha ilusão de ótica.

Mas eu temia que não fosse.

Devin parecia ter o mesmo pensamento. Ele ficou lá, com as mãos penduradas desamparadamente ao lado do corpo, enquanto a olhava. Finalmente, ele sussurrou: — Ela vai morrer, não é?

Naquele momento, fiquei furiosa com ele por dar voz a esse pensamento, como se, ao dizer em voz alta, ele pudesse, de alguma forma, fazer com que isso acontecesse. — Não, ela não vai, — eu respondi, minha voz tremendo.

— Ela vai, — ele insistiu, e naquele momento fiquei feliz por ela estar mais ou menos em coma. Pelo menos assim, ela não podia ouvir o que estávamos dizendo. — Quando eu estava na casa de Lori, estávamos no computador, tentando obter mais

informações. Muitos dos sites que visitamos estavam no ar, mas encontramos um com esse cara em vídeo dizendo que todos que são levados morrem, e que o governo está derrubando quem tenta divulgar a verdade.

Lembrei-me daquele apresentadora loira, e a maneira como o olhar dela tremulava nervosamente para algo, ou alguém, fora da tela. Agentes do FBI... ou da CIA... ou da NSA, parados e assistindo, para garantir que todos os repórteres falassem a mesma coisa?

Em qualquer outro momento, isso pareceria uma paranoia. Agora, porém...

— Isso é loucura, — falei, embora não parecesse convencida, nem para mim mesma. — Nenhuma doença é totalmente fatal.

— Isso nós sabemos. — Devin respondeu. Então, seu rosto se contorceu quando ele olhou de volta para nossa mãe, para seus traços estranhamente cerosos e afundados. — Há mais alguma coisa que possamos

fazer? Tipo, eu não sei, compressas de gelo ou algo assim?

— Talvez — falei. Valeu a tentativa. Cobri-la em sacos de gelo completaria a ruína de sua roupa, mas eu duvidava que isso importasse muito no momento.

Feliz por ter algo para fazer, Devin e eu fomos para a cozinha, pegamos alguns sacos plásticos grandes de armazenamento de galões e começamos a enchê-los de gelo. Isso esgotou seriamente o nosso suprimento de gelo atual, mas eu sabia que o fabricante de gelo começaria fabricar mais, em uma tentativa de compensar o déficit.

— Como você está se sentindo? — Perguntei, enquanto fechávamos a última bolsa.

— Tudo bem, — disse ele. — Quero dizer, me sinto... estranho... mas não me sinto doente.

Isso era tudo. Estranho, mas não doente. O mundo estava se inclinando embaixo de nós, mas nenhum de nós sabia o que fazer sobre isso.

Coloquei as sacolas que carregava na mesa de café, sem me preocupar se o frio e a umidade

danificariam a superfície de madeira. Tais preocupações pareciam quilômetros de distância de onde estávamos agora. — Quero verificar a temperatura dela novamente primeiro. — falei a Devin, pegando o termômetro e deslizando-o na boca de nossa mãe, ela se contorceu um pouco, mas segurei firme, e ela diminuiu. Esperamos enquanto os segundos passavam, e quando o termômetro apitou, eu o estava retirando antes mesmo de terminar.

Quando olhei para a leitura, não pude acreditar no que dizia.

— 41,7° — li quando meu estômago começou a dar um nó. O ibuprofeno e as toalhas frias, não resolveram.

Os olhos escuros de Devin que eram praticamente redondos, e arregalaram muito. — Isso não é possível... é?

— Bem, é possível ter uma febre tão alta. — Respondi, depois parei lá. Não seria muito bom ressaltar que uma febre tão alta que não era natural, poderia resultar em danos cerebrais e de órgãos... e

que não havia nada que pudéssemos fazer para detê-la, aparentemente. Respirei fundo e acrescentei: — Vamos colocar o gelo nela. Obviamente, as compressas frias não foram suficientes.

Ele assentiu e eu peguei as sacolas cheias de gelo que eu tinha colocado na mesa de café. Eu nem tinha certeza do melhor posicionamento das bolsas de gelo, mas imaginei que ela precisaria de uma na cabeça e algumas contra as laterais do corpo, talvez no peito...

A bolsa na minha mão esquerda foi na testa dela, e a da minha direita no peito. Ela estremeceu, embora seus olhos não se abrissem. A bolsa que eu coloquei em seu peito mudou um pouco, e eu a reposicionei. — Me dê a sua. — pedi a Devin, supondo que ele não se sentiria muito confortável em colocar sacos cheios de gelo no corpo da nossa mãe. Pela rapidez com que ele os entregou, tive a sensação de que meu palpite estava correto. Coloquei os dois em ambos os lados da cintura dela, tentando posicioná-los de tal maneira que eles tivessem o máximo contato com seu torso.

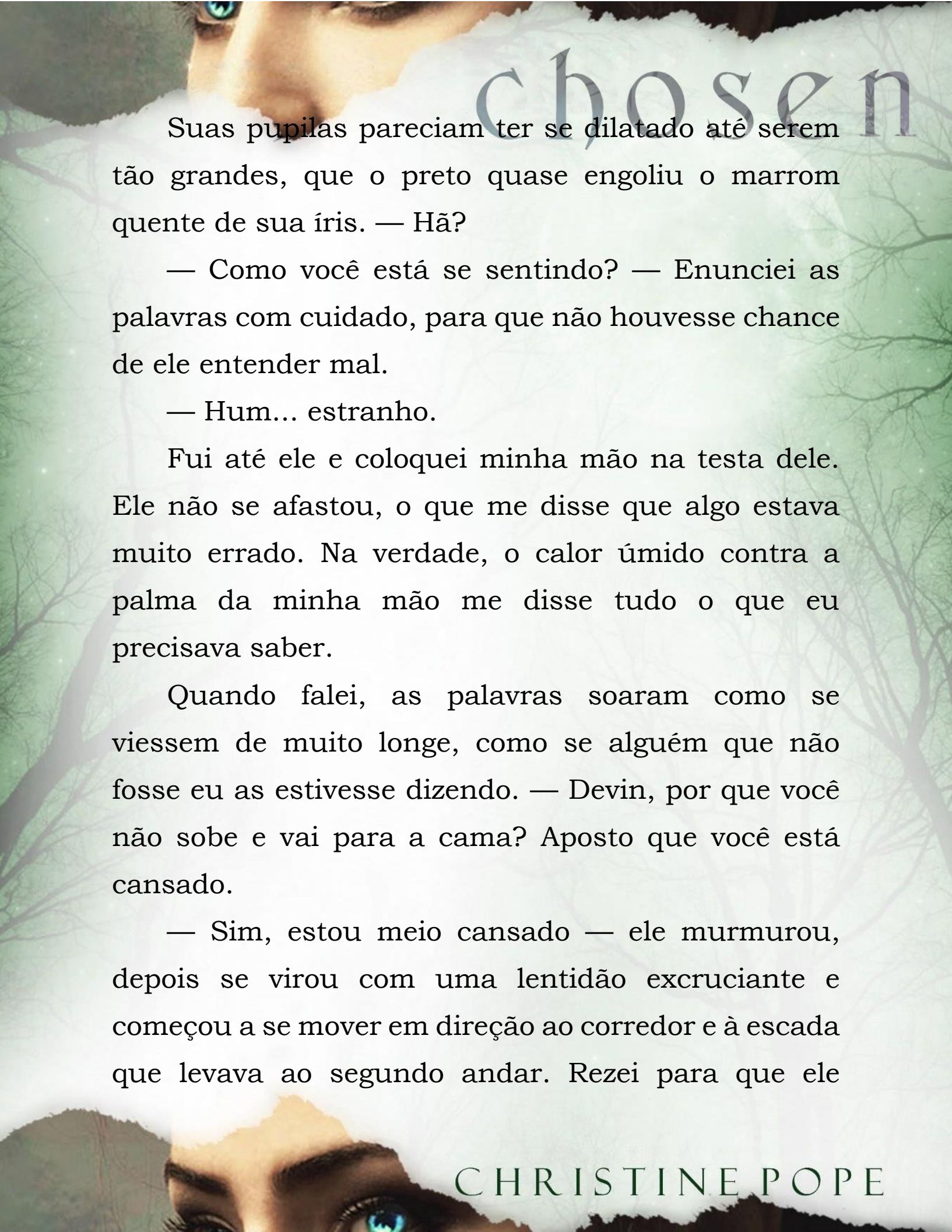
Era o núcleo que precisava ser resfriado. Ou pelo menos, pensei que era assim que funcionava.

Ela não gostou, eu percebi, continuava se mexendo um pouco, tentando se afastar do frio, mas estava tão fraca que seus movimentos eram ineficazes. Ainda assim, se ela se movesse muito mais do que isso, eu teria que encontrar uma maneira de fixar os sacos de gelo no lugar. Tinha que haver alguma corda ou barbante ou algo parecido na garagem.

Me perguntei se eu deveria enviar Devin para buscá-lo. Ele estava olhando para nossa mãe, de olhos vidrados, como se não fosse capaz de entender o que estava acontecendo com ela.

Então, vi o jeito que ele balançava sobre os pés, e uma onda de frio, que não tinha nada a ver com os sacos de gelo que eu acabei de manusear, tomou conta de mim.

— Devin? — Chamei, e parecia que demorou muito mais do que deveria para ele olhar para mim.



Chosen

Suas pupilas pareciam ter se dilatado até serem tão grandes, que o preto quase engoliu o marrom quente de sua íris. — Hã?

— Como você está se sentindo? — Enunciei as palavras com cuidado, para que não houvesse chance de ele entender mal.

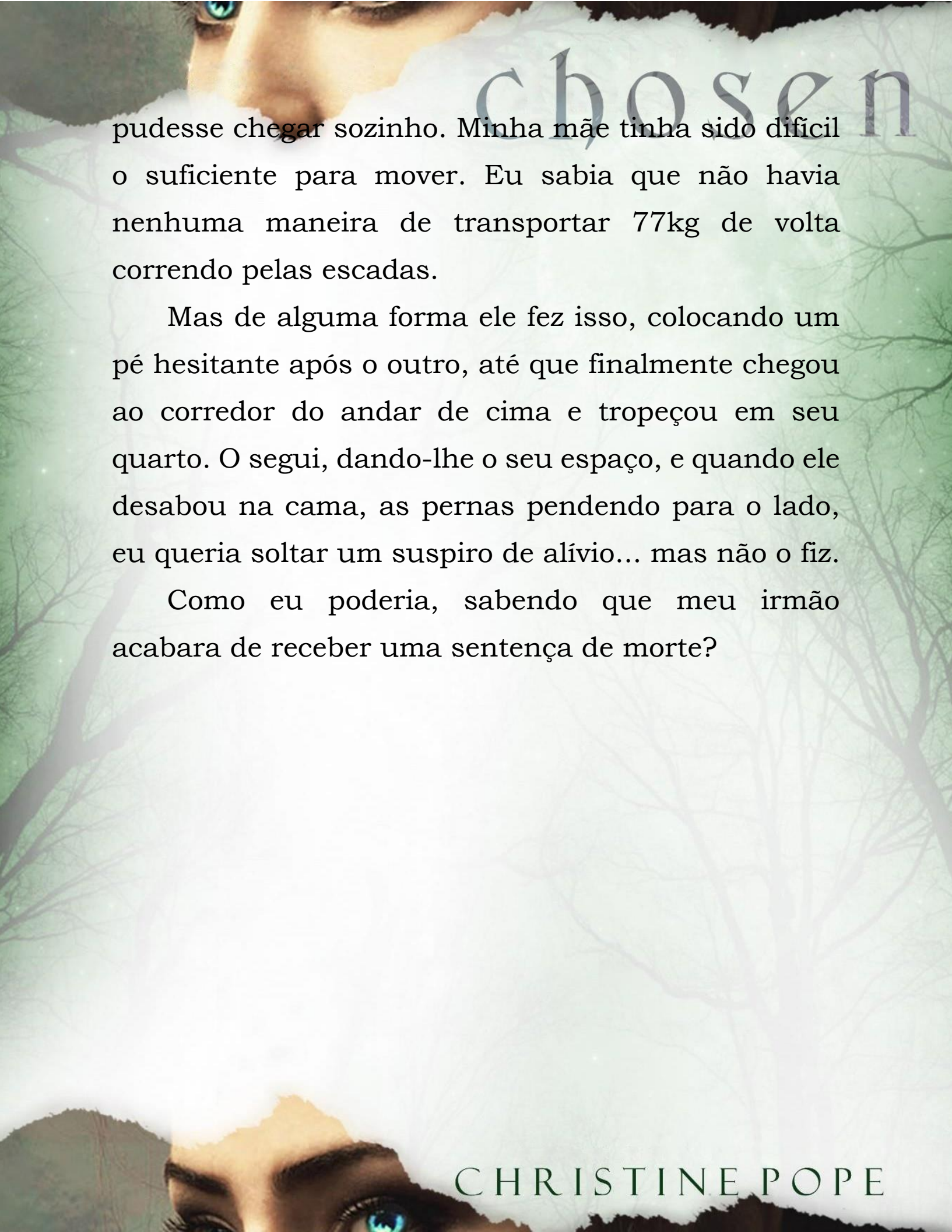
— Hum... estranho.

Fui até ele e coloquei minha mão na testa dele. Ele não se afastou, o que me disse que algo estava muito errado. Na verdade, o calor úmido contra a palma da minha mão me disse tudo o que eu precisava saber.

Quando falei, as palavras soaram como se viessem de muito longe, como se alguém que não fosse eu as estivesse dizendo. — Devin, por que você não sobe e vai para a cama? Aposto que você está cansado.

— Sim, estou meio cansado — ele murmurou, depois se virou com uma lentidão excruciante e começou a se mover em direção ao corredor e à escada que levava ao segundo andar. Rezei para que ele

CHRISTINE POPE



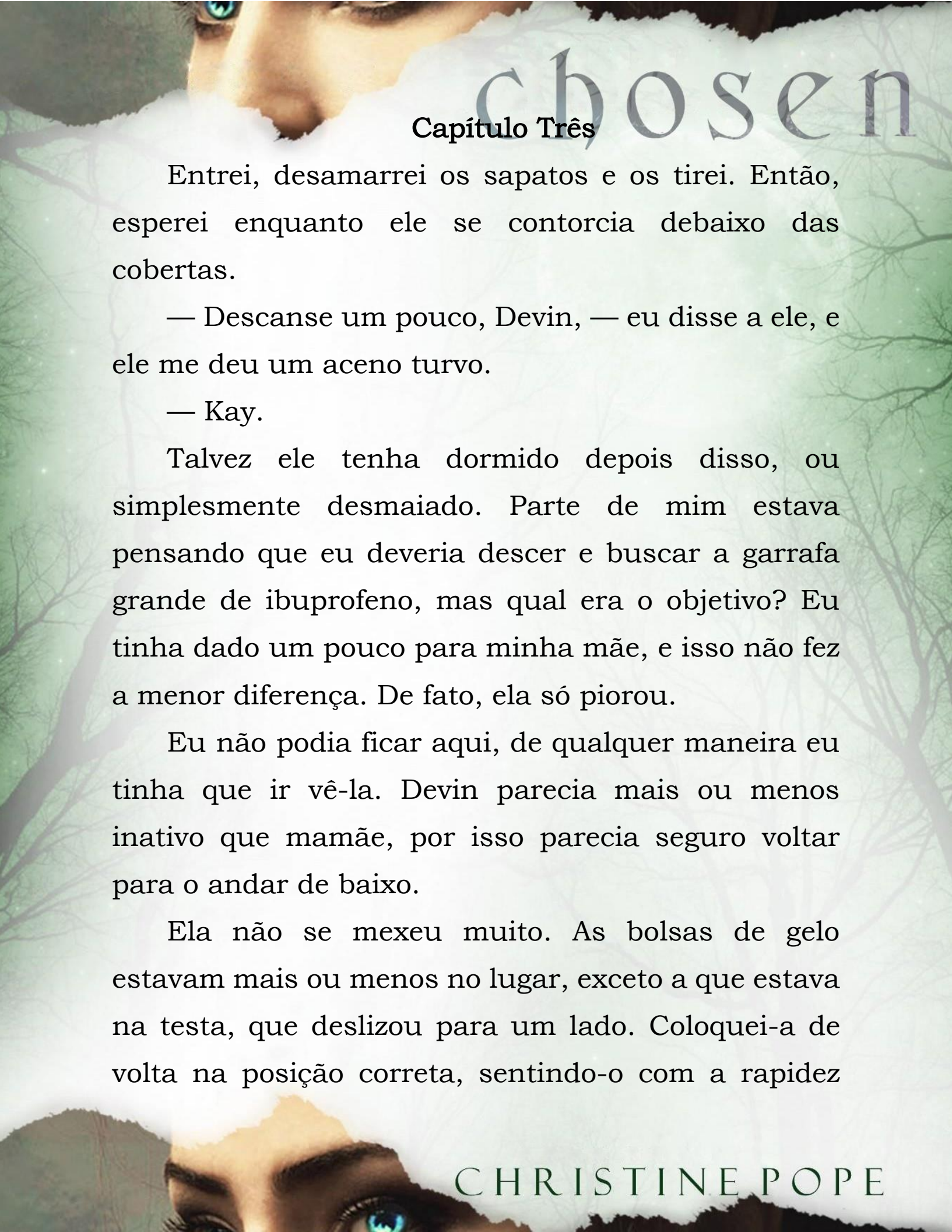
Chosen

pudesse chegar sozinho. Minha mãe tinha sido difícil o suficiente para mover. Eu sabia que não havia nenhuma maneira de transportar 77kg de volta correndo pelas escadas.

Mas de alguma forma ele fez isso, colocando um pé hesitante após o outro, até que finalmente chegou ao corredor do andar de cima e tropeçou em seu quarto. O segui, dando-lhe o seu espaço, e quando ele desabou na cama, as pernas pendendo para o lado, eu queria soltar um suspiro de alívio... mas não o fiz.

Como eu poderia, sabendo que meu irmão acabara de receber uma sentença de morte?

CHRISTINE POPE



Chosen

Capítulo Três

Entrei, desamarrei os sapatos e os tirei. Então, esperei enquanto ele se contorcia debaixo das cobertas.

— Descanse um pouco, Devin, — eu disse a ele, e ele me deu um aceno turvo.

— Kay.

Talvez ele tenha dormido depois disso, ou simplesmente desmaiado. Parte de mim estava pensando que eu deveria descer e buscar a garrafa grande de ibuprofeno, mas qual era o objetivo? Eu tinha dado um pouco para minha mãe, e isso não fez a menor diferença. De fato, ela só piorou.

Eu não podia ficar aqui, de qualquer maneira eu tinha que ir vê-la. Devin parecia mais ou menos inativo que mamãe, por isso parecia seguro voltar para o andar de baixo.

Ela não se mexeu muito. As bolsas de gelo estavam mais ou menos no lugar, exceto a que estava na testa, que deslizou para um lado. Coloquei-a de volta na posição correta, sentindo-o com a rapidez

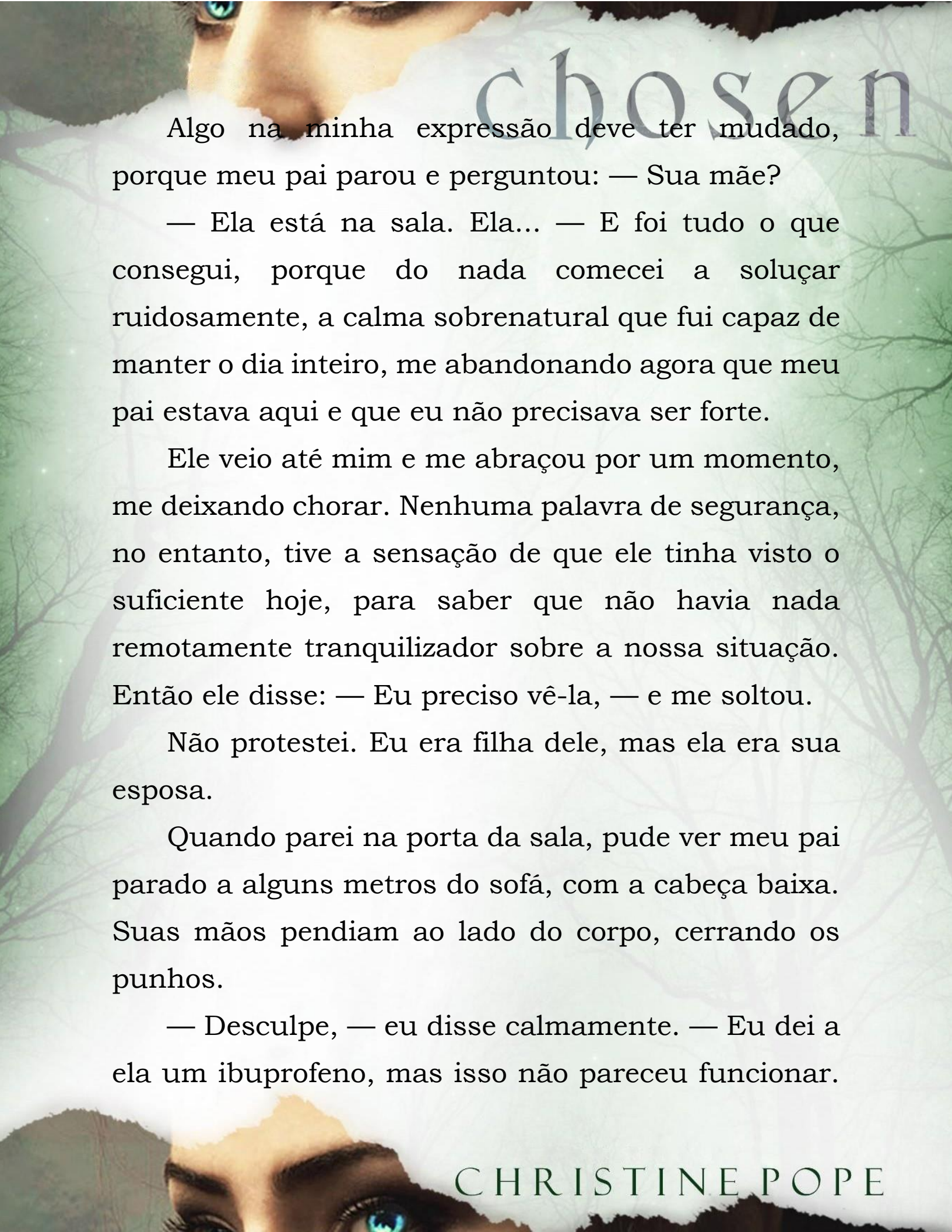
CHRISTINE POPE

com que o gelo derretia, como metade da bolsa agora era apenas água fria. *Isso era possível?*

Por outro lado, eu não tinha muita experiência com a rapidez com que uma febre de 41° graus, poderia derreter o gelo. Se a temperatura dela estava em 41°, poderia ter subido novamente.

Na direção da frente da casa, a porta bateu e pulei. Então a alegria passou por mim quando percebi quem deveria ser. Graças a Deus.

Saí correndo da sala e entrei no corredor, vi meu pai vindo em minha direção. O alívio que se espalhou por seu rosto quando ele me viu ali, aparentemente segura e bem, me fez sentir quente e feliz por dentro... por cerca de um segundo. Então pensei em minha mãe, deitada no sofá, camisa de seda manchada além do reconhecimento, olhos parecendo afundar cada vez mais fundo em sua cabeça a cada minuto que passava, Devin subindo as escadas, a febre começando a consumi-lo também, e não havia uma coisa maldita que eu possa fazer sobre isso.



chosen

Algo na minha expressão deve ter mudado, porque meu pai parou e perguntou: — Sua mãe?

— Ela está na sala. Ela... — E foi tudo o que consegui, porque do nada comecei a soluçar ruidosamente, a calma sobrenatural que fui capaz de manter o dia inteiro, me abandonando agora que meu pai estava aqui e que eu não precisava ser forte.

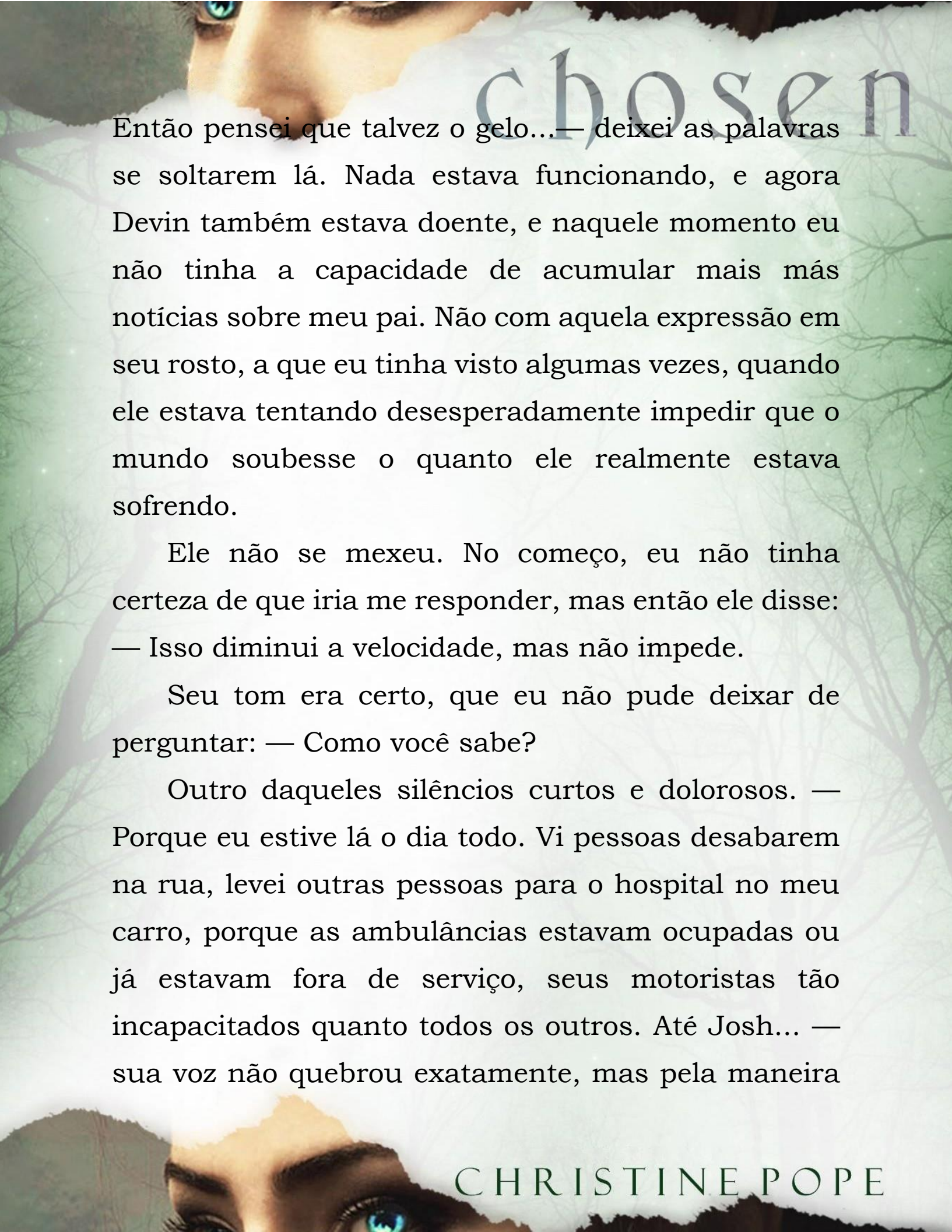
Ele veio até mim e me abraçou por um momento, me deixando chorar. Nenhuma palavra de segurança, no entanto, tive a sensação de que ele tinha visto o suficiente hoje, para saber que não havia nada remotamente tranquilizador sobre a nossa situação. Então ele disse: — Eu preciso vê-la, — e me soltou.

Não protestei. Eu era filha dele, mas ela era sua esposa.

Quando parei na porta da sala, pude ver meu pai parado a alguns metros do sofá, com a cabeça baixa. Suas mãos pendiam ao lado do corpo, cerrando os punhos.

— Desculpe, — eu disse calmamente. — Eu dei a ela um ibuprofeno, mas isso não pareceu funcionar.

CHRISTINE POPE



chosen

Então pensei que talvez o gelo... — deixei as palavras se soltarem lá. Nada estava funcionando, e agora Devin também estava doente, e naquele momento eu não tinha a capacidade de acumular mais más notícias sobre meu pai. Não com aquela expressão em seu rosto, a que eu tinha visto algumas vezes, quando ele estava tentando desesperadamente impedir que o mundo soubesse o quanto ele realmente estava sofrendo.

Ele não se mexeu. No começo, eu não tinha certeza de que iria me responder, mas então ele disse: — Isso diminui a velocidade, mas não impede.

Seu tom era certo, que eu não pude deixar de perguntar: — Como você sabe?

Outro daqueles silêncios curtos e dolorosos. — Porque eu estive lá o dia todo. Vi pessoas desabarem na rua, levei outras pessoas para o hospital no meu carro, porque as ambulâncias estavam ocupadas ou já estavam fora de serviço, seus motoristas tão incapacitados quanto todos os outros. Até Josh... — sua voz não quebrou exatamente, mas pela maneira

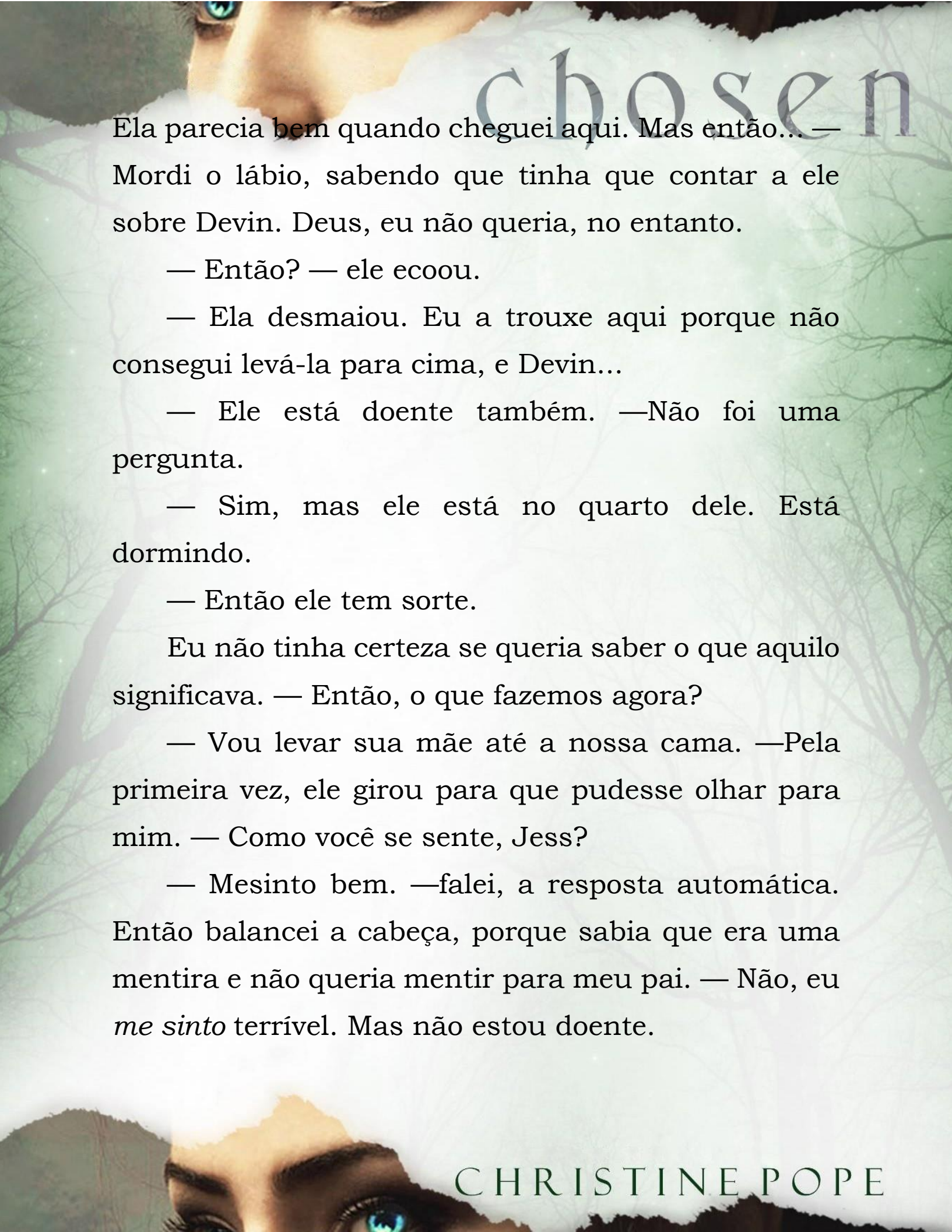
CHRISTINE POPE

como ele se deteve, tive a impressão de que estava prestes a fazê-lo.

Josh era o parceiro de meu pai. Eles eram parceiros desde, bem, desde que eu conseguia me lembrar. Para o meu pai ter visto o homem que ele considerava irmão, cair com essa coisa terrível...— Sinto muito, pai. — falei, embora soubesse que as palavras eram completamente inadequadas.

— Eu tentei levá-lo ao hospital. Ele não deixou, disse que ia morrer com dignidade em sua própria casa. — Mais uma vez, ouvi a mais fraca oscilação nos cantos da voz de meu pai, antes que ele se controlasse novamente. — Eu tive que carregá-lo para dentro. Ele já estava queimando. E depois disso, não pude... não via mais razão em continuar trabalhando. Metade da força já estava doente com essa coisa e o resto estava prestes a cair nela. Eu sabia que tinha que voltar para casa. Casa... — ele repetiu, encarando a forma flácida da minha mãe.

— Sinto muito, — falei novamente. Apenas palavras, apenas algo para preencher o silêncio. —



chosen

Ela parecia bem quando cheguei aqui. Mas então... —
Mordi o lábio, sabendo que tinha que contar a ele
sobre Devin. Deus, eu não queria, no entanto.

— Então? — ele ecoou.

— Ela desmaiou. Eu a trouxe aqui porque não
consegui levá-la para cima, e Devin...

— Ele está doente também. — Não foi uma
pergunta.

— Sim, mas ele está no quarto dele. Está
dormindo.

— Então ele tem sorte.

Eu não tinha certeza se queria saber o que aquilo
significava. — Então, o que fazemos agora?

— Vou levar sua mãe até a nossa cama. — Pela
primeira vez, ele girou para que pudesse olhar para
mim. — Como você se sente, Jess?

— Mesinto bem. — falei, a resposta automática.
Então balancei a cabeça, porque sabia que era uma
mentira e não queria mentir para meu pai. — Não, eu
me sinto terrível. Mas não estou doente.

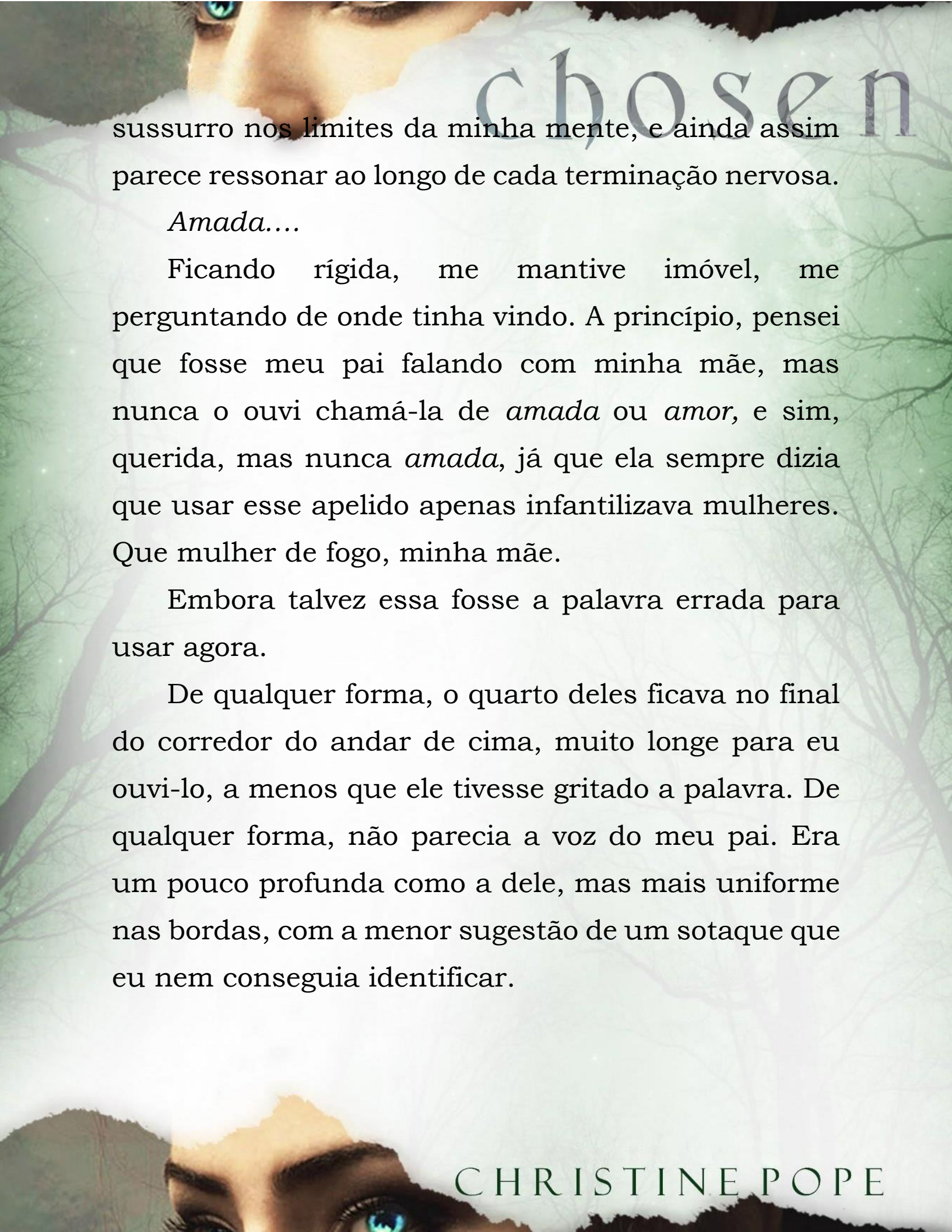
CHRISTINE POPE

— Compreendo. Eu me sinto da mesma forma. —

Ele virou-se para minha mãe novamente, gentilmente ergueu os blocos de gelo, *que agora eram principalmente água*, e depois passou os braços por baixo dela para que pudesse levanta-la. Seus braços e pernas balançavam, tão moles como se tivessem ficado desossados, ela não se mexeu, nem soltou um gemido de protesto. Isso era um bom sinal, ou um sinal de que ela estava se afastando cada vez mais de nós?

Cruzei os braços e tentei reprimir o arrepio que passou por mim. Pela expressão do meu pai, eu poderia dizer que ele queria ficar sozinho para deitá-la na cama que eles compartilhavam, para ficar com ela agora, mesmo que fosse provavelmente tarde demais. Eu entendi isso, e ainda assim, eu queria subir as escadas e ficar com ele, para não me sentir tão sozinha.

Enquanto eu estava lá, deixando meu pai subir as escadas e me forçando a ficar onde estava, para lhe dar privacidade, ouvi algo. A palavra era apenas um



chosen

sussurro nos limites da minha mente, e ainda assim parece ressonar ao longo de cada terminação nervosa.

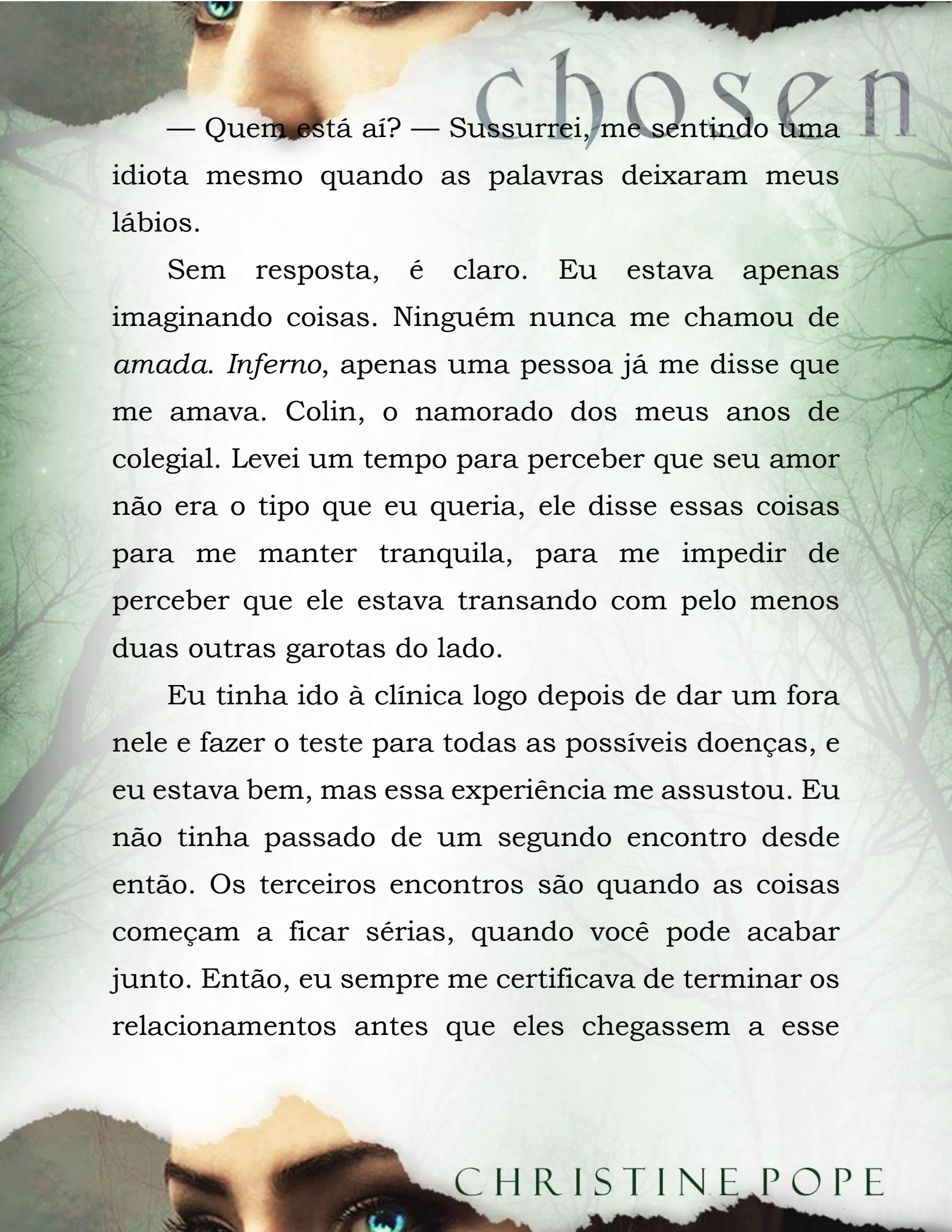
Amada....

Ficando rígida, me mantive imóvel, me perguntando de onde tinha vindo. A princípio, pensei que fosse meu pai falando com minha mãe, mas nunca o ouvi chamá-la de *amada* ou *amor*, e sim, querida, mas nunca *amada*, já que ela sempre dizia que usar esse apelido apenas infantilizava mulheres. Que mulher de fogo, minha mãe.

Embora talvez essa fosse a palavra errada para usar agora.

De qualquer forma, o quarto deles ficava no final do corredor do andar de cima, muito longe para eu ouvi-lo, a menos que ele tivesse gritado a palavra. De qualquer forma, não parecia a voz do meu pai. Era um pouco profunda como a dele, mas mais uniforme nas bordas, com a menor sugestão de um sotaque que eu nem conseguia identificar.

CHRISTINE POPE



Chosen

— Quem está aí? — Sussurrei, me sentindo uma idiota mesmo quando as palavras deixaram meus lábios.

Sem resposta, é claro. Eu estava apenas imaginando coisas. Ninguém nunca me chamou de *amada*. Inferno, apenas uma pessoa já me disse que me amava. Colin, o namorado dos meus anos de colegial. Levei um tempo para perceber que seu amor não era o tipo que eu queria, ele disse essas coisas para me manter tranquila, para me impedir de perceber que ele estava transando com pelo menos duas outras garotas do lado.

Eu tinha ido à clínica logo depois de dar um fora nele e fazer o teste para todas as possíveis doenças, e eu estava bem, mas essa experiência me assustou. Eu não tinha passado de um segundo encontro desde então. Os terceiros encontros são quando as coisas começam a ficar sérias, quando você pode acabar junto. Então, eu sempre me certificava de terminar os relacionamentos antes que eles chegassem a esse

CHRISTINE POPE

estágio. Não havia oportunidades para alguém me chamar de “*amada*”, isso era certo.

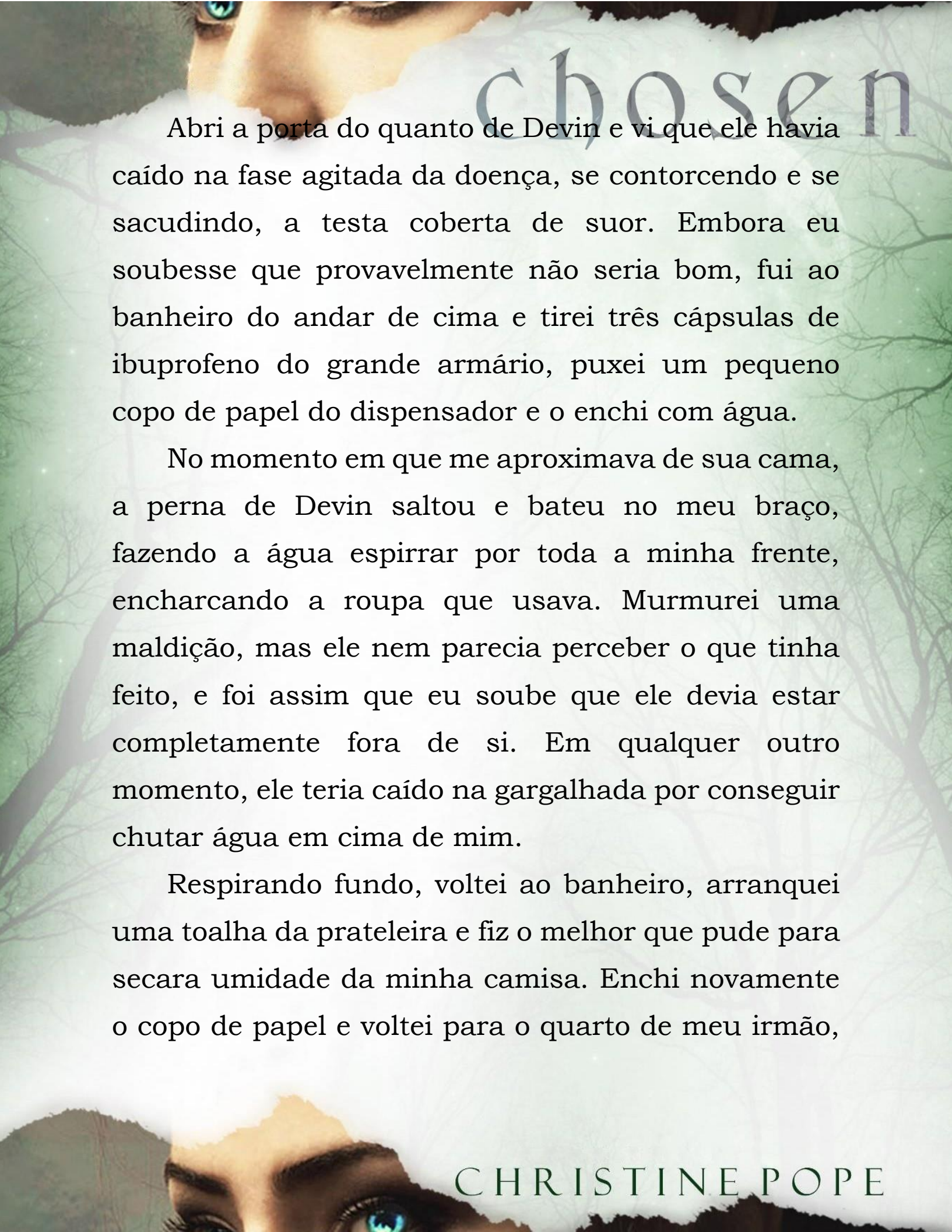
E então, decidi que o estresse do dia havia me atingido, e eu estava ouvindo coisas. Ou as alucinações auditivas eram outro subproduto da febre alta? Eu não sabia ao certo; aparentemente, eu não havia passado tempo suficiente saindo no WebMD.

Mesmo sabendo que isso não me diria nada concreto, não pude deixar de colocar a mão na testa. Nenhuma mudança discernível de temperatura que eu poderia dizer, o que significava que eu não estava correndo risco. Nenhum formigamento, calafrio ou qualquer um dos outros indicadores da minha temperatura interna, sendo outra coisa que não deveria ser.

Decidi que ficar lá e tentar determinar se eu estava doente ou louca não estava ajudando ninguém, então, subi as escadas para ver Devin. A porta do quarto dos meus pais estava fechada e eu sabia que não devia bater. Meu pai sairia quando

estivesse pronto. Não pude começar a imaginar o que ele tinha visto hoje, e sabia que ele precisava desse tempo a sós com sua esposa. Não era uma questão de se, mas quando, o corpo humano simplesmente não poderia sobreviver a temperaturas assim. Deveria estar em um hospital fazendo gotejamentos intravenosos e banhos de gelo e sabe o que mais. Uma garrafa de ibuprofeno do tamanho econômico e alguns sacos de gelo meio congelados do freezer não iam cortá-la.

Lágrimas começaram a picar meus olhos, e eu os pisquei. Eu já tinha chorado uma vez hoje e sabia que provavelmente teria muito mais motivos para chorar quando tudo acabasse. Ou talvez até então, eu também estivesse doente e não saberia o que estava acontecendo comigo. Essa era uma coisa abençoada por todo esse pesadelo, uma vez que as pessoas são atingidas por essa febre, ela mexe tanto com o cérebro, que parece não estar ciente do que está acontecendo com elas. Graças a Deus pelas pequenas misericórdias.



Chosen

Abri a porta do quarto de Devin e vi que ele havia caído na fase agitada da doença, se contorcendo e se sacudindo, a testa coberta de suor. Embora eu soubesse que provavelmente não seria bom, fui ao banheiro do andar de cima e tirei três cápsulas de ibuprofeno do grande armário, puxei um pequeno copo de papel do dispensador e o enchi com água.

No momento em que me aproximava de sua cama, a perna de Devin saltou e bateu no meu braço, fazendo a água espirrar por toda a minha frente, encharcando a roupa que usava. Murmurei uma maldição, mas ele nem parecia perceber o que tinha feito, e foi assim que eu soube que ele devia estar completamente fora de si. Em qualquer outro momento, ele teria caído na gargalhada por conseguir chutar água em cima de mim.

Respirando fundo, voltei ao banheiro, arranquei uma toalha da prateleira e fiz o melhor que pude para secar a umidade da minha camisa. Enchi novamente o copo de papel e voltei para o quarto de meu irmão,

CHRISTINE POPE

aproximando-me com cuidado pela lateral, para que ele não me pegasse de surpresa novamente.

Aquele chute parecia ter consumido o máximo de sua força, porque ele estava deitado de costas, um braço caído ao lado da cama. Fui até ele e murmurei: — Aqui está um remédio para você, Dev.

A água primeiro, pois isso funcionara bem com Taylor e minha mãe. Ele bebeu e não protestou quando eu joguei uma pílula em sua língua e o fiz engolir, depois lhe dei um pouco mais de água. Repeti o processo mais duas vezes, dando-lhe um último gole para esvaziar o copo, meu braço sob sua cabeça para firmá-lo. Ele bebeu e depois caiu no travesseiro quando terminou.

Isso faria algum bem a ele? Ou eu estava apenas fazendo algo... qualquer coisa... para me sentir menos impotente?

Provavelmente o último, embora eu não estivesse pronta para admitir para mim mesma.

Como Devin parecia estar dormindo de novo, decidi que poderia deixá-lo um pouco. Puxar a cadeira

e sentar ao lado dele parecia demais, vigiar o leito de morte de alguém, e eu não estava pronta para fazer isso ainda. Além disso, eu acabei de perceber que estava com sede também, não bebi nada desde que voltei para casa várias horas antes.

Então saí do quarto do meu irmão e desço as escadas. A porta do quarto dos meus pais ainda estava fechada, e senti uma punhalada completamente indigna de irritação. Sim, deve ser terrível para meu pai, mas duvidei que minha mãe soubesse que ele estava lá, enquanto eu precisava dele, precisava de alguém com quem conversar. Mas eu sabia que nunca iria incomodá-lo, então continuei indo para a cozinha. Uma vez lá, puxei um copo do armário e o segurei no dispensador de gelo. Alguns cubos derramaram sem entusiasmo, e imaginei que estava trabalhando horas extras para reabastecer o que eu já havia usado em minha tentativa fútil de reduzir a febre de minha mãe.

Sentei-me em um dos bancos no balcão do café da manhã e olhei pela janela, sem realmente focar em

nada. Como nossa casa ficava numa esquina, a vista incluía as sebes baixas de zimbro plantadas contra a cerca e um vislumbre bastante desobstruído da rua além. Enquanto eu observava, um carro prateado desceu a rua, passeando indiferentemente de um lado da rua residencial estreita para o outro, atingindo um meio-fio antes de corrigir e se mover em direção ao outro lado, como o maior e mais lento pinball do mundo. Finalmente, parou na metade da calçada, na esquina em frente à nossa propriedade, quase tocando o gramado verde e suave em que D'Ambrosio se orgulhava, quando a maioria das pessoas do bairro já havia desistido da grama e da terra. O anúncio passou para um paisagismo tolerante à seca, repleto de cactos e sempre verdes.

Ninguém saiu da casa de D'Ambrosio para verificar o motorista, o que me disse que o Sr. e a Sra. D'Ambrosio deviam estar tão incapacitados quanto quem estava dirigindo aquele Camry. Naquele momento, fiquei feliz que o motorista só andasse trinta quilômetros por hora, no máximo. Qualquer

outra coisa, e eles poderiam ter causado muito mais dano.

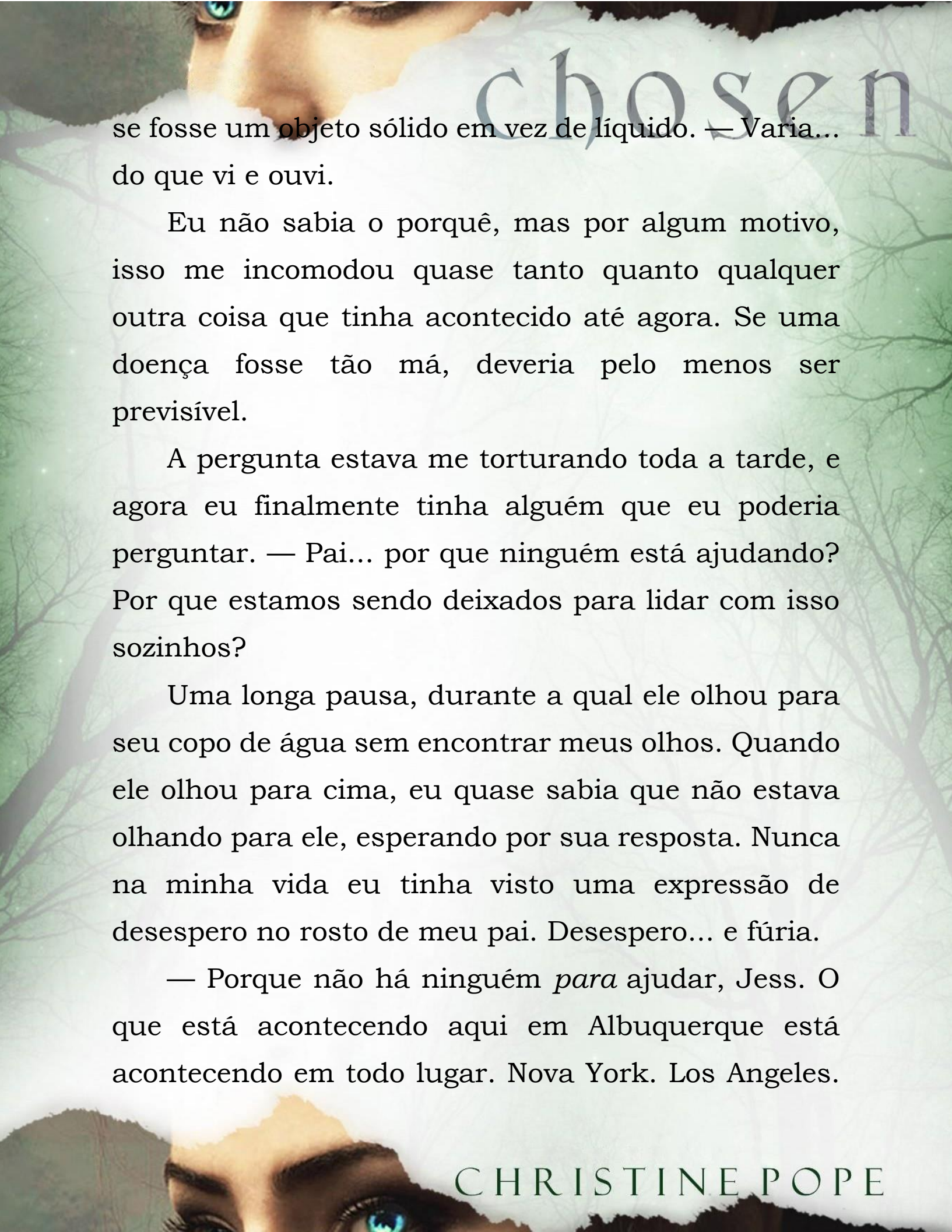
Passos vindo pelo corredor me fizeram virar e vi meu pai se aproximando. Seus olhos pareciam vermelhos, mas por outro lado seu rosto estava calmo, como se ele tivesse feito as pazes com o que estava acontecendo com minha mãe, com Devin... com o mundo.

As palavras chegaram aos meus lábios antes que eu percebesse que estava dizendo. — É ela...?

— Não. — Seu olhar mudou para o copo de água sentado no balcão na minha frente, e ele deu um leve aceno de cabeça. Ele foi buscar seu próprio copo no armário e tomou um pouco de água, embora eu tenha notado que ele não se importava com o gelo. Depois, sentou-se ao meu lado em uma das banquetas e acrescentou: — Ainda não, pelo menos.

— Quanto... quanto tempo?

— Eu não sei. — Ele bebeu um pouco de água, e eu decidi que também deveria, embora parecesse estar presa no meio da garganta, alojando-se ali como



se fosse um objeto sólido em vez de líquido. — Varia... do que vi e ouvi.

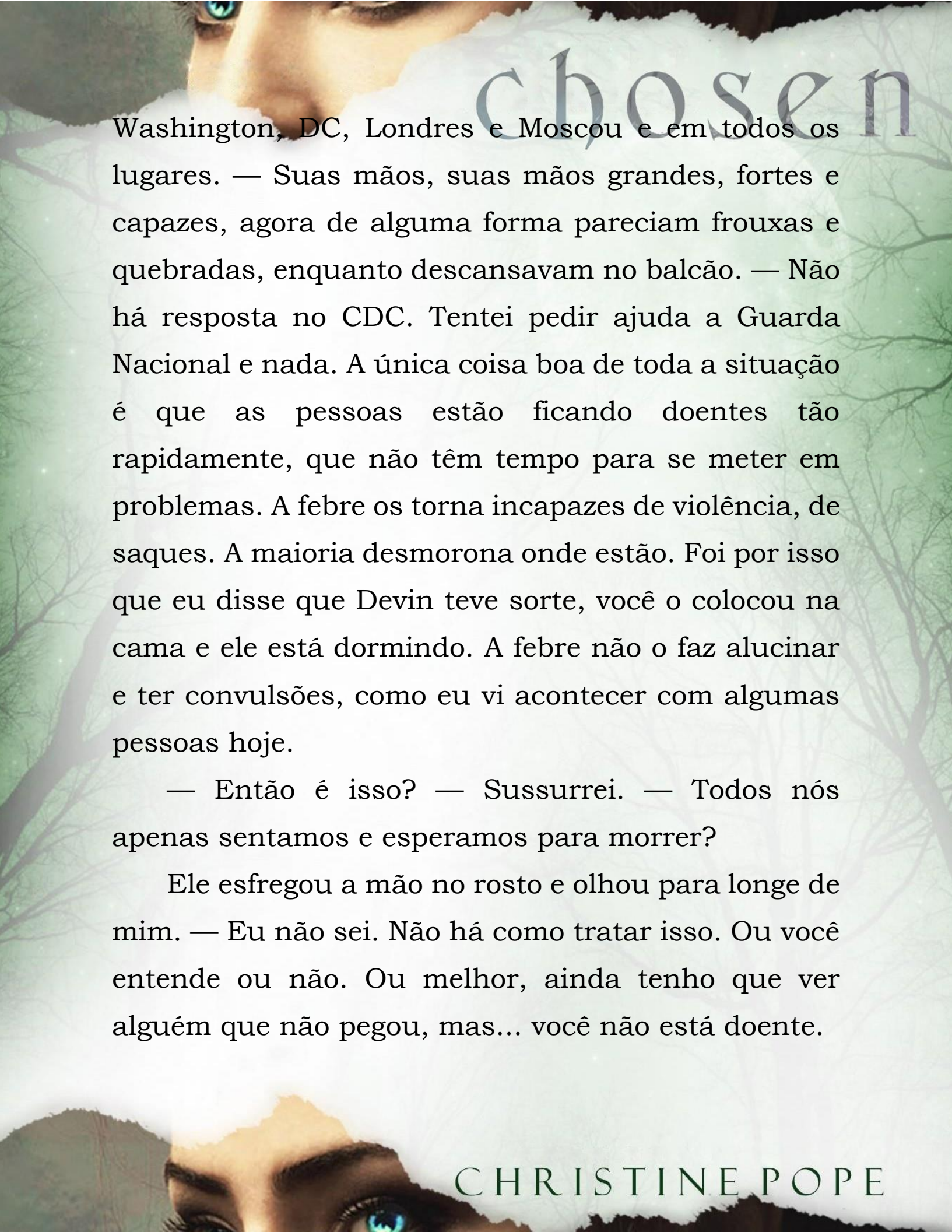
Eu não sabia o porquê, mas por algum motivo, isso me incomodou quase tanto quanto qualquer outra coisa que tinha acontecido até agora. Se uma doença fosse tão má, deveria pelo menos ser previsível.

A pergunta estava me torturando toda a tarde, e agora eu finalmente tinha alguém que eu poderia perguntar. — Pai... por que ninguém está ajudando? Por que estamos sendo deixados para lidar com isso sozinhos?

Uma longa pausa, durante a qual ele olhou para seu copo de água sem encontrar meus olhos. Quando ele olhou para cima, eu quase sabia que não estava olhando para ele, esperando por sua resposta. Nunca na minha vida eu tinha visto uma expressão de desespero no rosto de meu pai. Desespero... e fúria.

— Porque não há ninguém *para* ajudar, Jess. O que está acontecendo aqui em Albuquerque está acontecendo em todo lugar. Nova York. Los Angeles.

CHRISTINE POPE



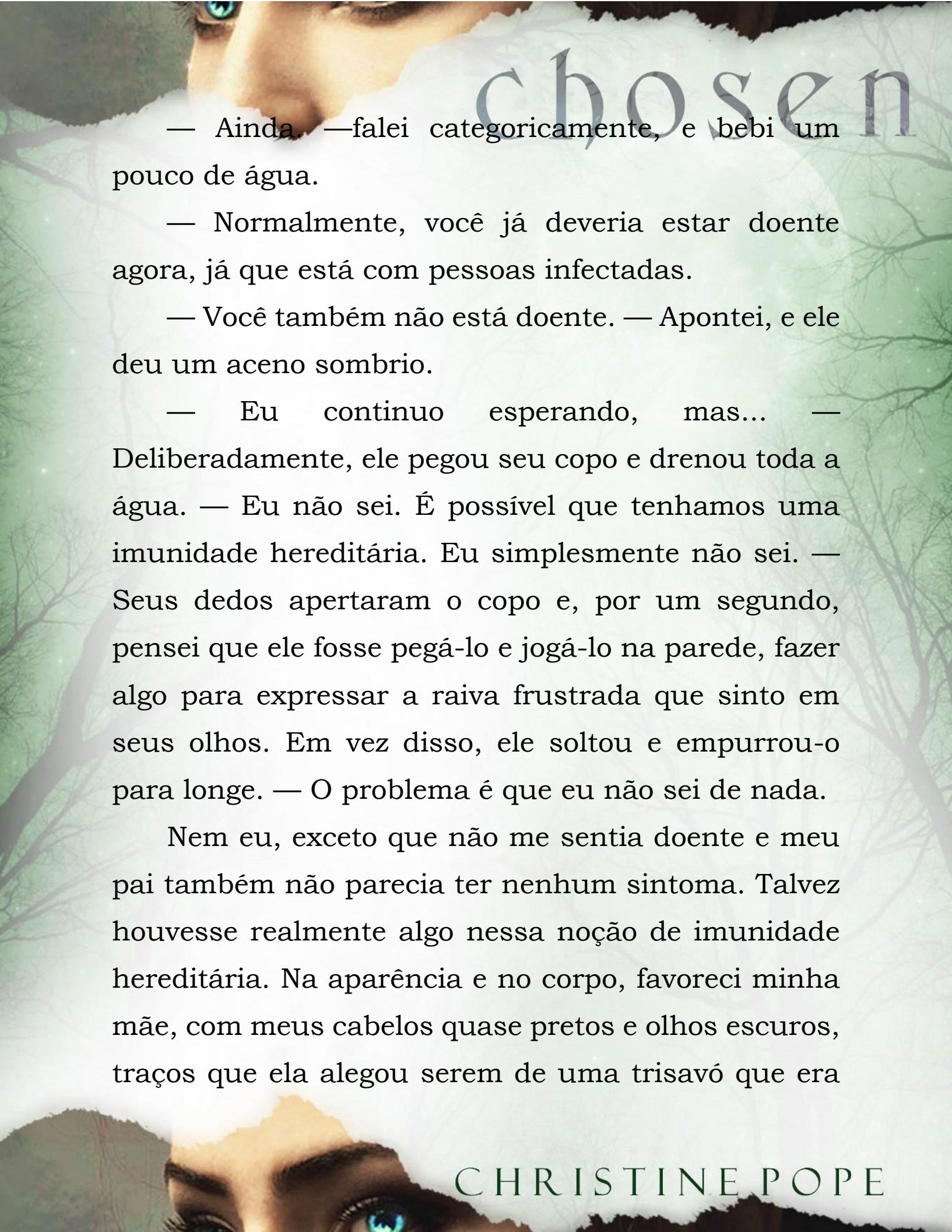
Chosen

Washington, DC, Londres e Moscou e em todos os lugares. — Suas mãos, suas mãos grandes, fortes e capazes, agora de alguma forma pareciam frouxas e quebradas, enquanto descansavam no balcão. — Não há resposta no CDC. Tentei pedir ajuda a Guarda Nacional e nada. A única coisa boa de toda a situação é que as pessoas estão ficando doentes tão rapidamente, que não têm tempo para se meter em problemas. A febre os torna incapazes de violência, de saques. A maioria desmorona onde estão. Foi por isso que eu disse que Devin teve sorte, você o colocou na cama e ele está dormindo. A febre não o faz alucinar e ter convulsões, como eu vi acontecer com algumas pessoas hoje.

— Então é isso? — Sussurrei. — Todos nós apenas sentamos e esperamos para morrer?

Ele esfregou a mão no rosto e olhou para longe de mim. — Eu não sei. Não há como tratar isso. Ou você entende ou não. Ou melhor, ainda tenho que ver alguém que não pegou, mas... você não está doente.

CHRISTINE POPE



chosen

— Ainda. — falei categoricamente, e bebi um pouco de água.

— Normalmente, você já deveria estar doente agora, já que está com pessoas infectadas.

— Você também não está doente. — Apontei, e ele deu um aceno sombrio.

— Eu continuo esperando, mas... — Deliberadamente, ele pegou seu copo e drenou toda a água. — Eu não sei. É possível que tenhamos uma imunidade hereditária. Eu simplesmente não sei. — Seus dedos apertaram o copo e, por um segundo, pensei que ele fosse pegá-lo e jogá-lo na parede, fazer algo para expressar a raiva frustrada que sinto em seus olhos. Em vez disso, ele soltou e empurrou-o para longe. — O problema é que eu não sei de nada.

Nem eu, exceto que não me sentia doente e meu pai também não parecia ter nenhum sintoma. Talvez houvesse realmente algo nessa noção de imunidade hereditária. Na aparência e no corpo, favoreci minha mãe, com meus cabelos quase pretos e olhos escuros, traços que ela alegou serem de uma trisavó que era

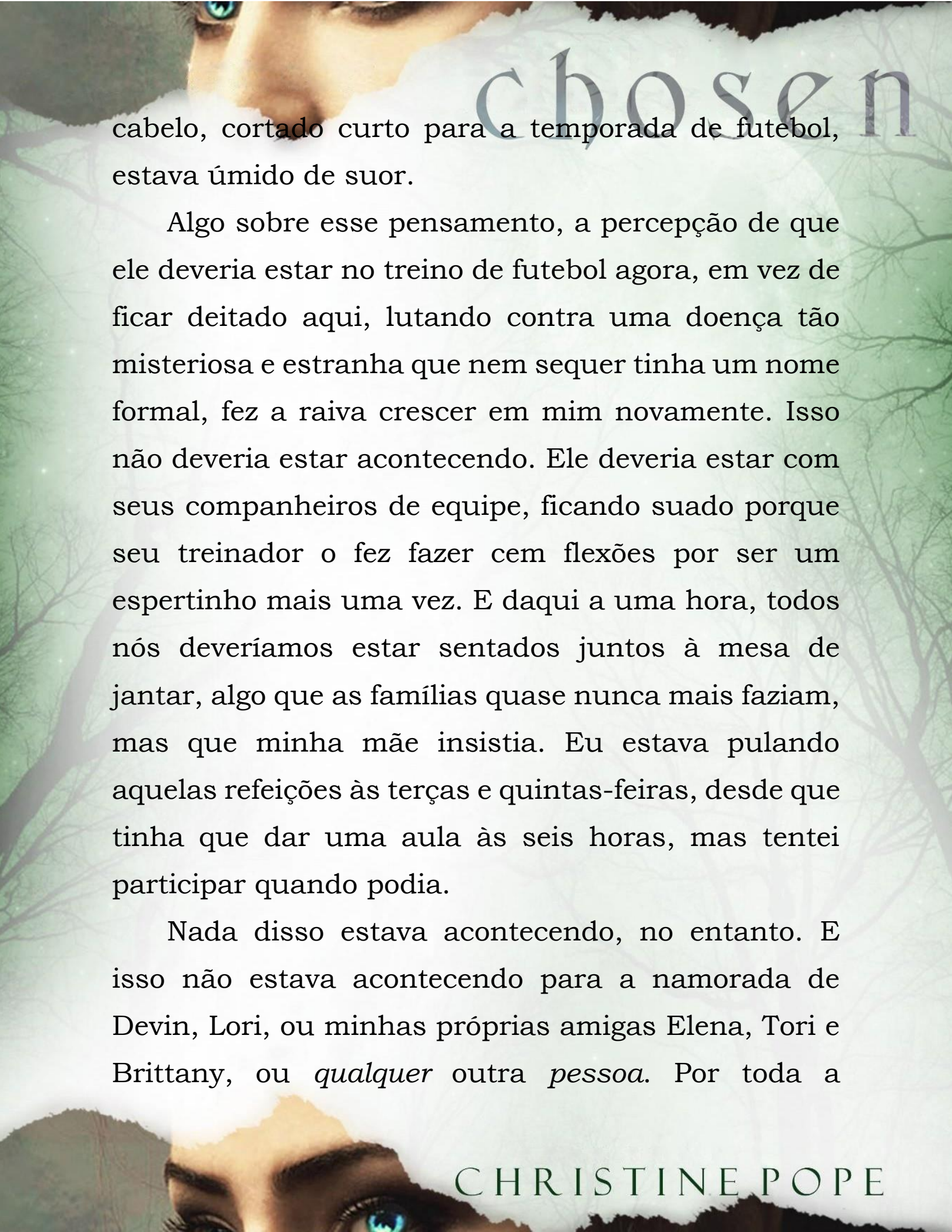
CHRISTINE POPE

Ute de sangue total, enquanto Devin e meu pai eram mais parecidos, cabelos ainda escuros mas não tão excêntricos quanto os meus, seus olhos um marrom mais claro e quente. Então, por que eu e meu pai não apresentamos sintomas, não pude começar a adivinhar. Obviamente, a aparência não tinha muito a ver com essa peculiaridade particular da hereditariedade.

— Eu também não sei de nada. — Eu disse. — Mas acho que vou começar verificando Devin.

— E eu vou procurar sua mãe. — Meu pai levantou-se do banco e eu o segui.

Quando estava no andar de cima, percebi que não houve nenhuma mudança real com meu irmão. Ele nem parecia ter se mexido, ainda estava deitado com um braço caído ao lado da cama, os olhos bem fechados. Na verdade, ele estava tão quieto que me aproximei e coloquei dois dedos contra sua garganta, preocupada por não sentir um pulso. Estava lá, mas rápido, o que não poderia ser um bom sinal. Seu



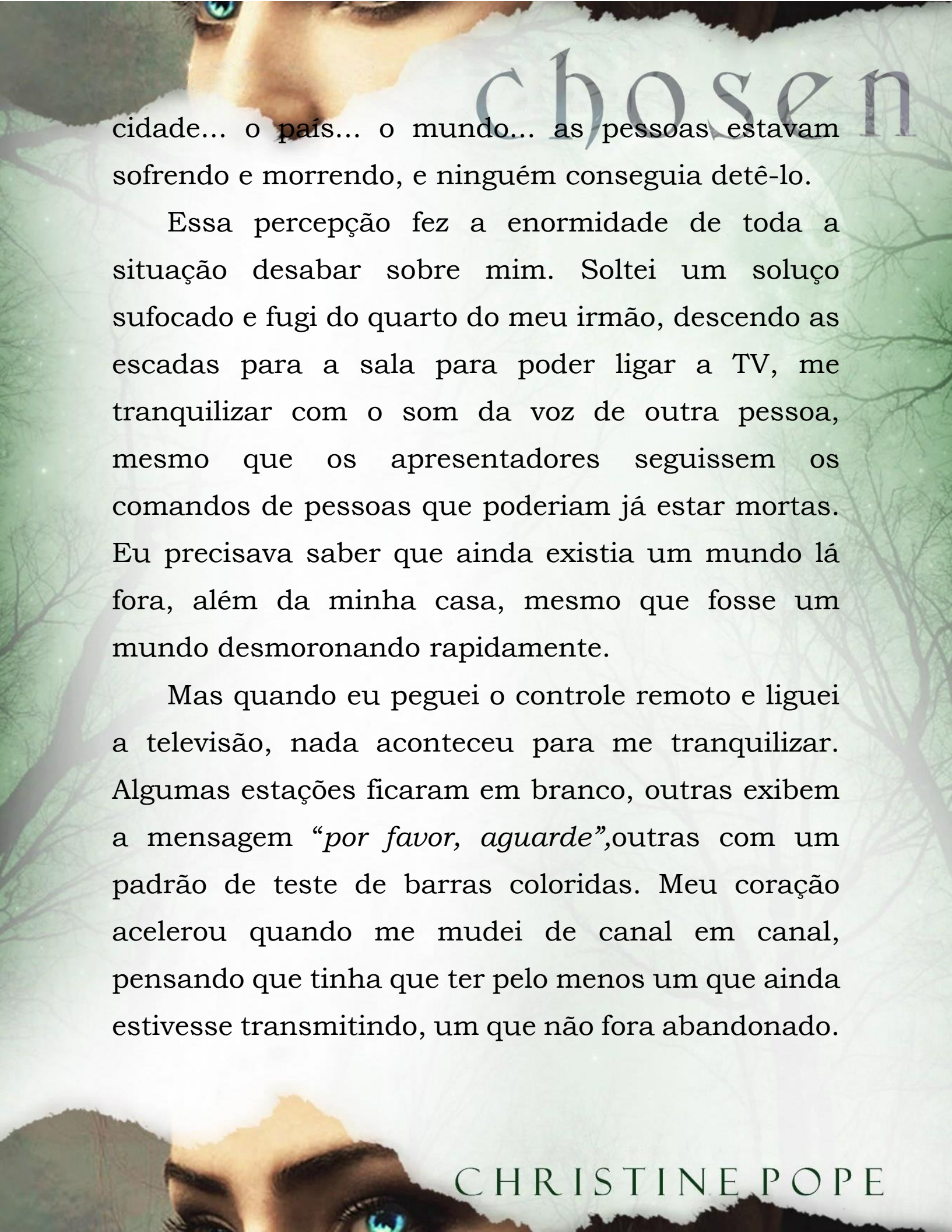
chosen

cabelo, cortado curto para a temporada de futebol, estava úmido de suor.

Algo sobre esse pensamento, a percepção de que ele deveria estar no treino de futebol agora, em vez de ficar deitado aqui, lutando contra uma doença tão misteriosa e estranha que nem sequer tinha um nome formal, fez a raiva crescer em mim novamente. Isso não deveria estar acontecendo. Ele deveria estar com seus companheiros de equipe, ficando suado porque seu treinador o fez fazer cem flexões por ser um espertinho mais uma vez. E daqui a uma hora, todos nós deveríamos estar sentados juntos à mesa de jantar, algo que as famílias quase nunca mais faziam, mas que minha mãe insistia. Eu estava pulando aquelas refeições às terças e quintas-feiras, desde que tinha que dar uma aula às seis horas, mas tentei participar quando podia.

Nada disso estava acontecendo, no entanto. E isso não estava acontecendo para a namorada de Devin, Lori, ou minhas próprias amigas Elena, Tori e Brittany, ou *qualquer* outra *pessoa*. Por toda a

CHRISTINE POPE



chosen

cidade... o país... o mundo... as pessoas estavam sofrendo e morrendo, e ninguém conseguia detê-lo.

Essa percepção fez a enormidade de toda a situação desabar sobre mim. Soltei um soluço sufocado e fugi do quarto do meu irmão, descendo as escadas para a sala para poder ligar a TV, me tranquilizar com o som da voz de outra pessoa, mesmo que os apresentadores seguissem os comandos de pessoas que poderiam já estar mortas. Eu precisava saber que ainda existia um mundo lá fora, além da minha casa, mesmo que fosse um mundo desmoronando rapidamente.

Mas quando eu peguei o controle remoto e liguei a televisão, nada aconteceu para me tranquilizar. Algumas estações ficaram em branco, outras exibem a mensagem “*por favor, aguarde*”, outras com um padrão de teste de barras coloridas. Meu coração acelerou quando me mudei de canal em canal, pensando que tinha que ter pelo menos um que ainda estivesse transmitindo, um que não fora abandonado.

CHRISTINE POPE

A AMC parecia estar mostrando uma reprise de *The Walking Dead*, que tinha que ser a ideia de piada doentia de alguém, pois eu não achava que esse programa fosse exibido antes das nove horas da noite devido ao seu conteúdo. E isso não foi o pior. Mais adiante, em um canal que eu não reconhecia, a tela era preta, com palavras em branco forte estampadas:

E vi quando ele abriu o sexto selo, e eis que houve um grande terremoto; e o sol ficou preto como pano de saco de cabelos, e a lua ficou como sangue...

Eu não lia a Bíblia, mas até reconheceria a citação de Apocalipse.

Fazendo um som de nojo, desliguei a TV e me virei quando ouvi meu pai parar e se encostar na moldura, seus ombros caídos.

— É o fim do mundo, — Ele disse suavemente.

Aquele não poderia ser meu pai, meu pai duro e prático, aquele que se certificou de que eu sabia atirar, como pegar um peixe e limpá-lo, como trocar o óleo do meu carro e trocar um pneu furado. Nada o abalava, ou incomodava, mas agora algum aço

subjacente em sua estrutura parecia ter cedido, sua mandíbula firme de alguma forma frouxa, seus olhos embaçados de tristeza.

— Papai? — Eu disse incerta.

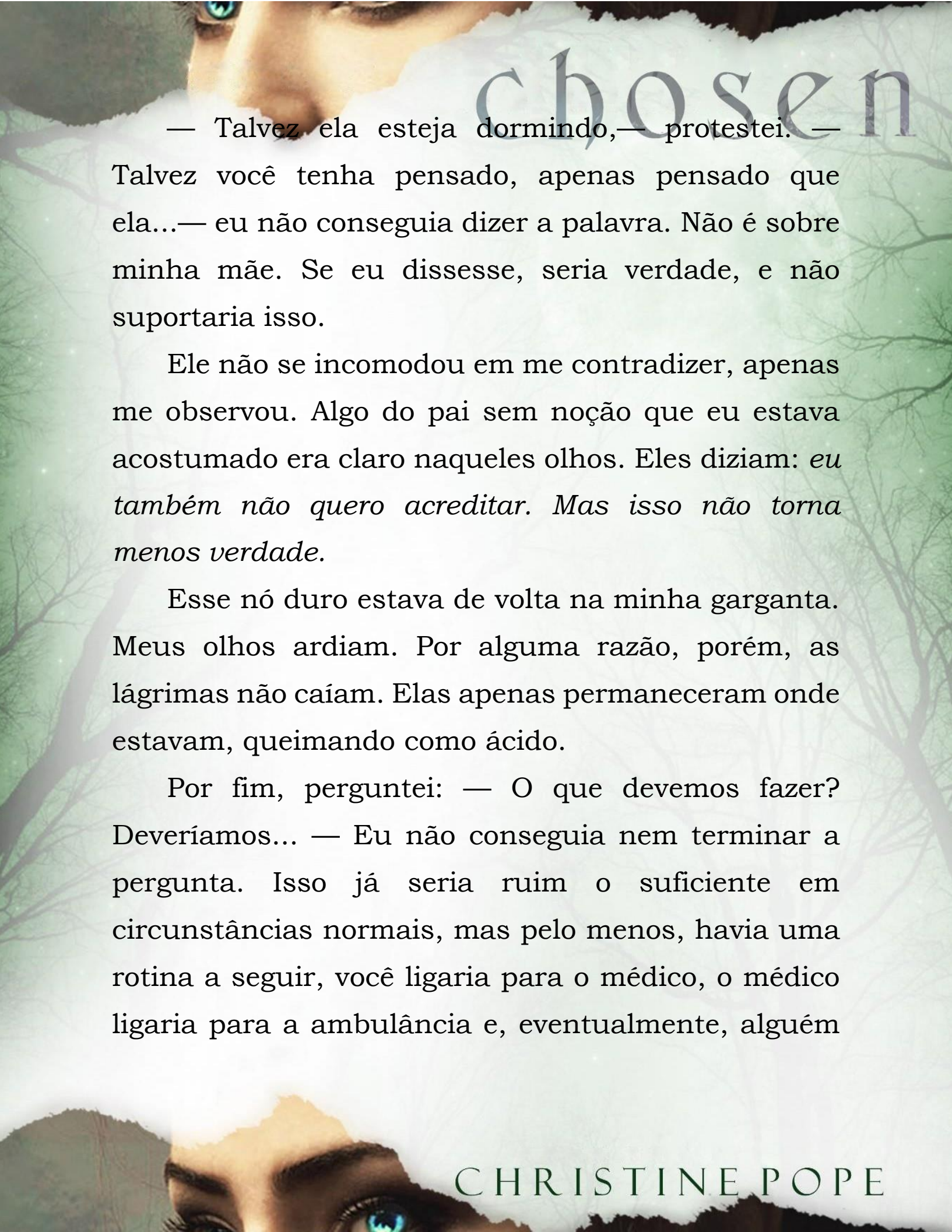
— Ela se foi. — Ele me disse, a voz plana. — Enquanto estávamos na cozinha.

As palavras não pareciam fazer nenhum sentido. Ou melhor, minha mente se recusava a compreendê-las, porque se eu entendesse essas palavras, saberia naquele momento que minha mãe estava morta e simplesmente não conseguia encarar isso. Ainda não.

Por longos minutos, eu não disse nada, apenas olhei para ele, enquanto girava o controle remoto que eu segurava repetidamente em minha mão, sua familiar forma retangular de repente estranha, fria e dura. Não querendo segurar mais, coloquei na mesa de café.

— Não. — Falei finalmente.

— Sim, — ele disse suavemente. — Não parece que ela sofreu. Pelo menos, não como alguns que eu já vi. Você quase pensaria que ela estava dormindo.



chosen

— Talvez ela esteja dormindo,— protestei. — Talvez você tenha pensado, apenas pensado que ela...— eu não conseguia dizer a palavra. Não é sobre minha mãe. Se eu dissesse, seria verdade, e não suportaria isso.

Ele não se incomodou em me contradizer, apenas me observou. Algo do pai sem noção que eu estava acostumado era claro naqueles olhos. Eles diziam: *eu também não quero acreditar. Mas isso não torna menos verdade.*

Esse nó duro estava de volta na minha garganta. Meus olhos ardiam. Por alguma razão, porém, as lágrimas não caíam. Elas apenas permaneceram onde estavam, queimando como ácido.

Por fim, perguntei: — O que devemos fazer? Deveríamos... — Eu não conseguia nem terminar a pergunta. Isso já seria ruim o suficiente em circunstâncias normais, mas pelo menos, havia uma rotina a seguir, você ligaria para o médico, o médico ligaria para a ambulância e, eventualmente, alguém

CHRISTINE POPE

entra em contato com a funerária. Foi assim que a avó Ivy, a mãe da minha mãe, morreu.

Agora, porém...agora você não pode nem fazer uma ligação. E se, por algum milagre conseguir, não importa, porque não haverá ninguém do outro lado para responder.

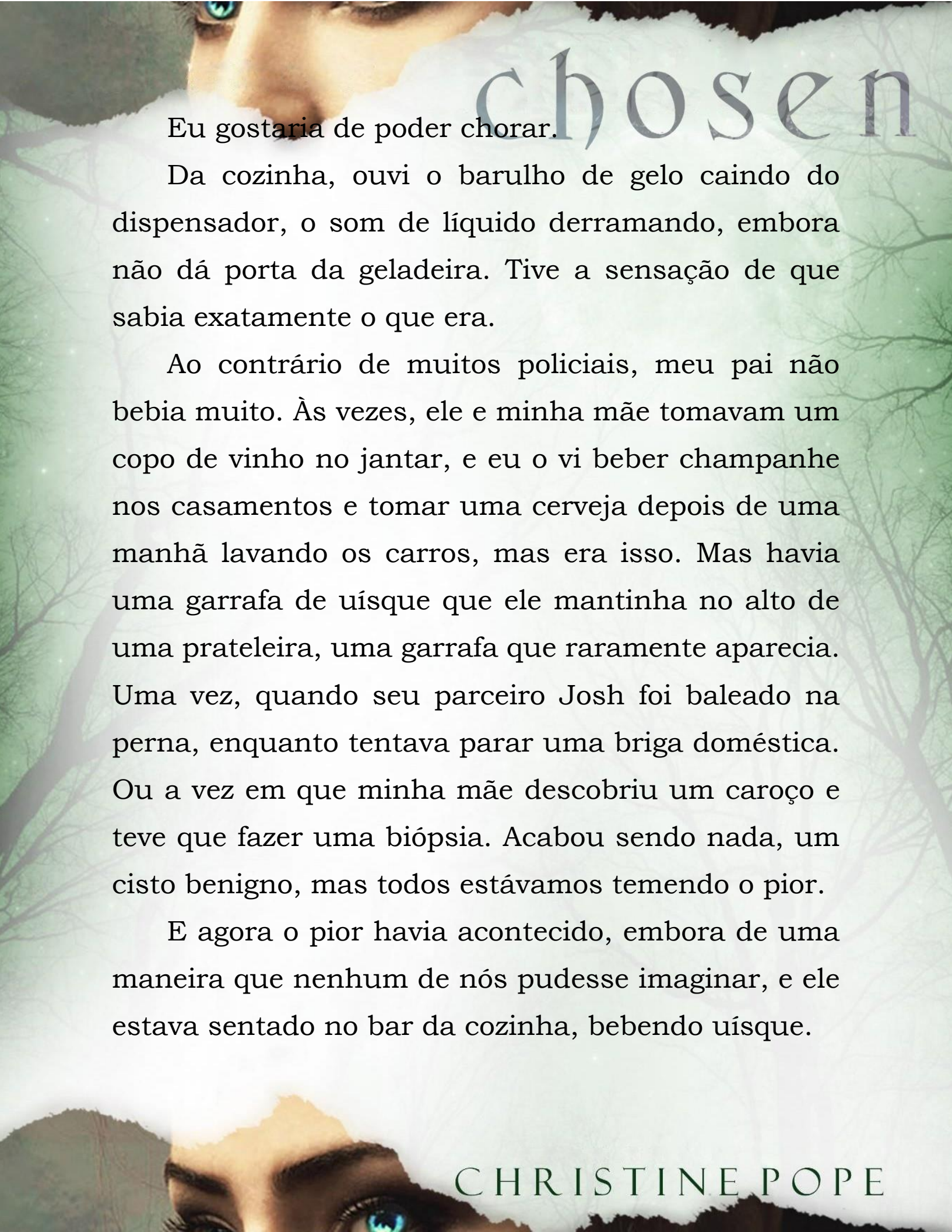
Meu pai não encontrou meus olhos. — Não precisamos fazer nada, — disse ele, com aquele tom monótono assustador em sua voz. — Vai cuidar de si mesmo.

E algo na maneira como ele disse essas palavras me deixou muito assustada para perguntar o que no mundo ele queria dizer.

Capítulo Quatro

Ele foi para a cozinha depois disso. Não o segui, apenas fiquei ali na sala da família, sentindo todo o meu corpo como se tivesse sido envolto em gelo. Um pensamento continuou martelando na minha cabeça, uma e outra vez.

Ela está morta. Ela está morta. Sua mãe está morta.



Chosen

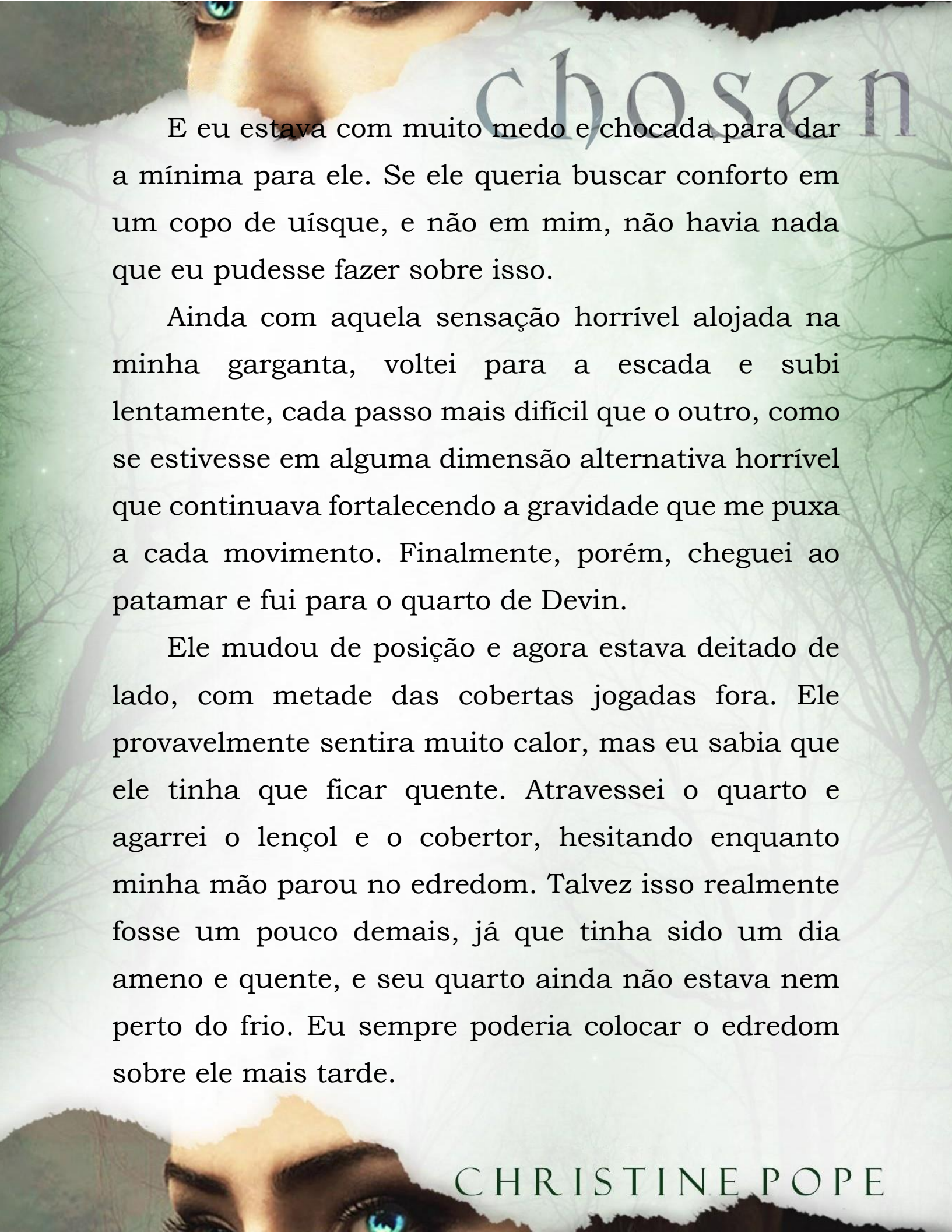
Eu gostaria de poder chorar.

Da cozinha, ouvi o barulho de gelo caindo do dispensador, o som de líquido derramando, embora não dá porta da geladeira. Tive a sensação de que sabia exatamente o que era.

Ao contrário de muitos policiais, meu pai não bebia muito. Às vezes, ele e minha mãe tomavam um copo de vinho no jantar, e eu o vi beber champanhe nos casamentos e tomar uma cerveja depois de uma manhã lavando os carros, mas era isso. Mas havia uma garrafa de uísque que ele mantinha no alto de uma prateleira, uma garrafa que raramente aparecia. Uma vez, quando seu parceiro Josh foi baleado na perna, enquanto tentava parar uma briga doméstica. Ou a vez em que minha mãe descobriu um caroço e teve que fazer uma biópsia. Acabou sendo nada, um cisto benigno, mas todos estávamos temendo o pior.

E agora o pior havia acontecido, embora de uma maneira que nenhum de nós pudesse imaginar, e ele estava sentado no bar da cozinha, bebendo uísque.

CHRISTINE POPE



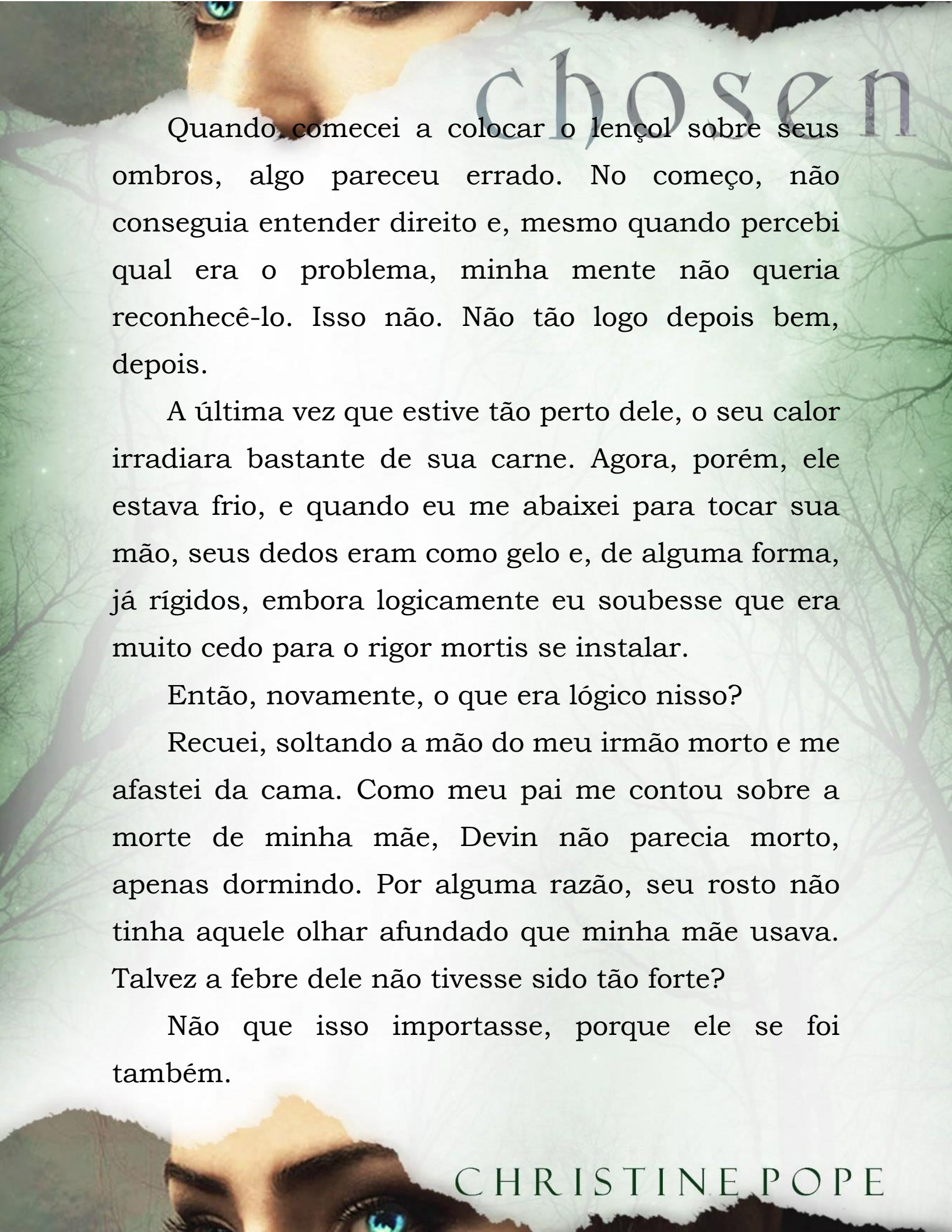
Chosen

E eu estava com muito medo e chocada para dar a mínima para ele. Se ele queria buscar conforto em um copo de uísque, e não em mim, não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso.

Ainda com aquela sensação horrível alojada na minha garganta, voltei para a escada e subi lentamente, cada passo mais difícil que o outro, como se estivesse em alguma dimensão alternativa horrível que continuava fortalecendo a gravidade que me puxa a cada movimento. Finalmente, porém, cheguei ao patamar e fui para o quarto de Devin.

Ele mudou de posição e agora estava deitado de lado, com metade das cobertas jogadas fora. Ele provavelmente sentira muito calor, mas eu sabia que ele tinha que ficar quente. Atravessei o quarto e agarrei o lençol e o cobertor, hesitando enquanto minha mão parou no edredom. Talvez isso realmente fosse um pouco demais, já que tinha sido um dia ameno e quente, e seu quarto ainda não estava nem perto do frio. Eu sempre poderia colocar o edredom sobre ele mais tarde.

CHRISTINE POPE



chosen

Quando comecei a colocar o lençol sobre seus ombros, algo pareceu errado. No começo, não conseguia entender direito e, mesmo quando percebi qual era o problema, minha mente não queria reconhecê-lo. Isso não. Não tão logo depois bem, depois.

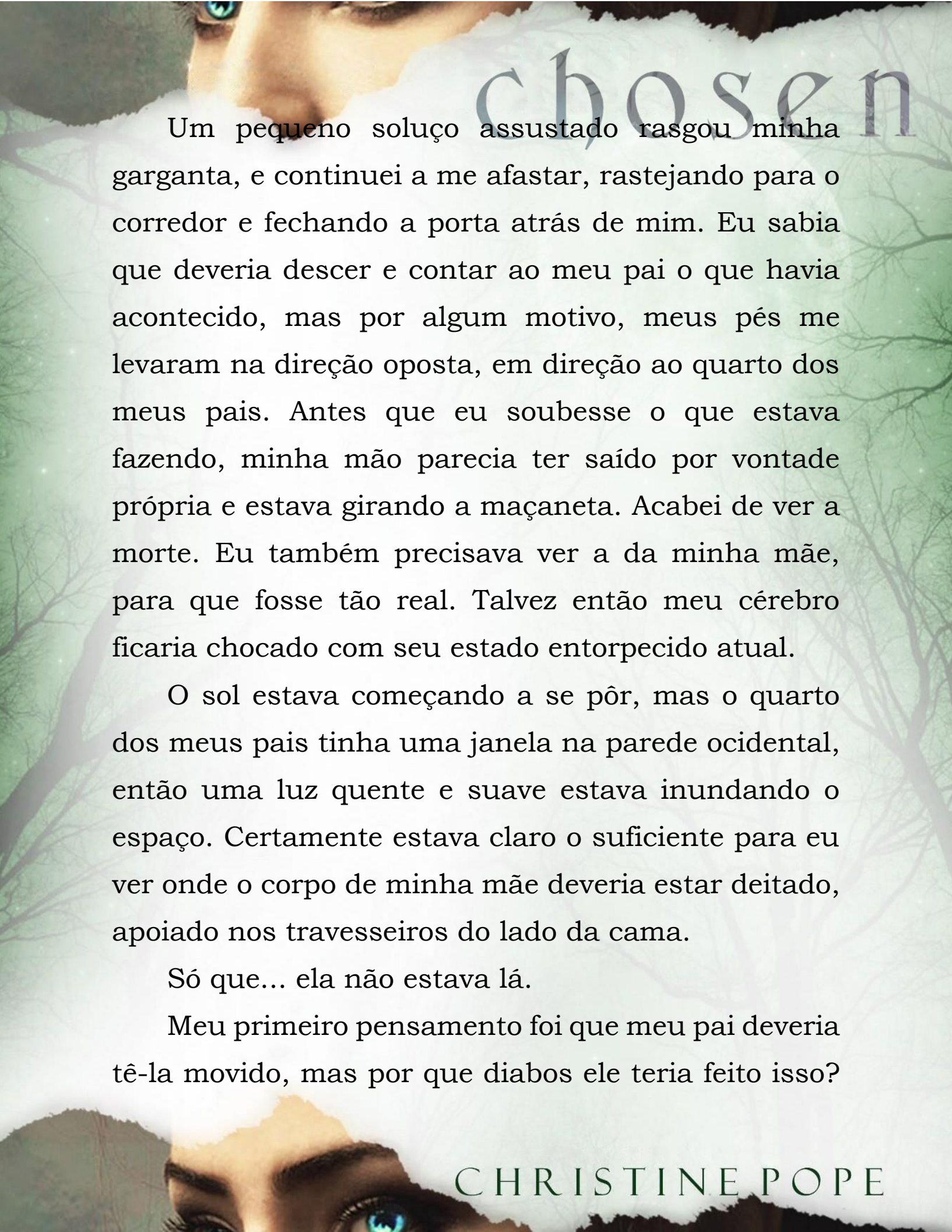
A última vez que estive tão perto dele, o seu calor irradiara bastante de sua carne. Agora, porém, ele estava frio, e quando eu me abaixei para tocar sua mão, seus dedos eram como gelo e, de alguma forma, já rígidos, embora logicamente eu soubesse que era muito cedo para o rigor mortis se instalar.

Então, novamente, o que era lógico nisso?

Recuei, soltando a mão do meu irmão morto e me afastei da cama. Como meu pai me contou sobre a morte de minha mãe, Devin não parecia morto, apenas dormindo. Por alguma razão, seu rosto não tinha aquele olhar afundado que minha mãe usava. Talvez a febre dele não tivesse sido tão forte?

Não que isso importasse, porque ele se foi também.

CHRISTINE POPE



Chosen

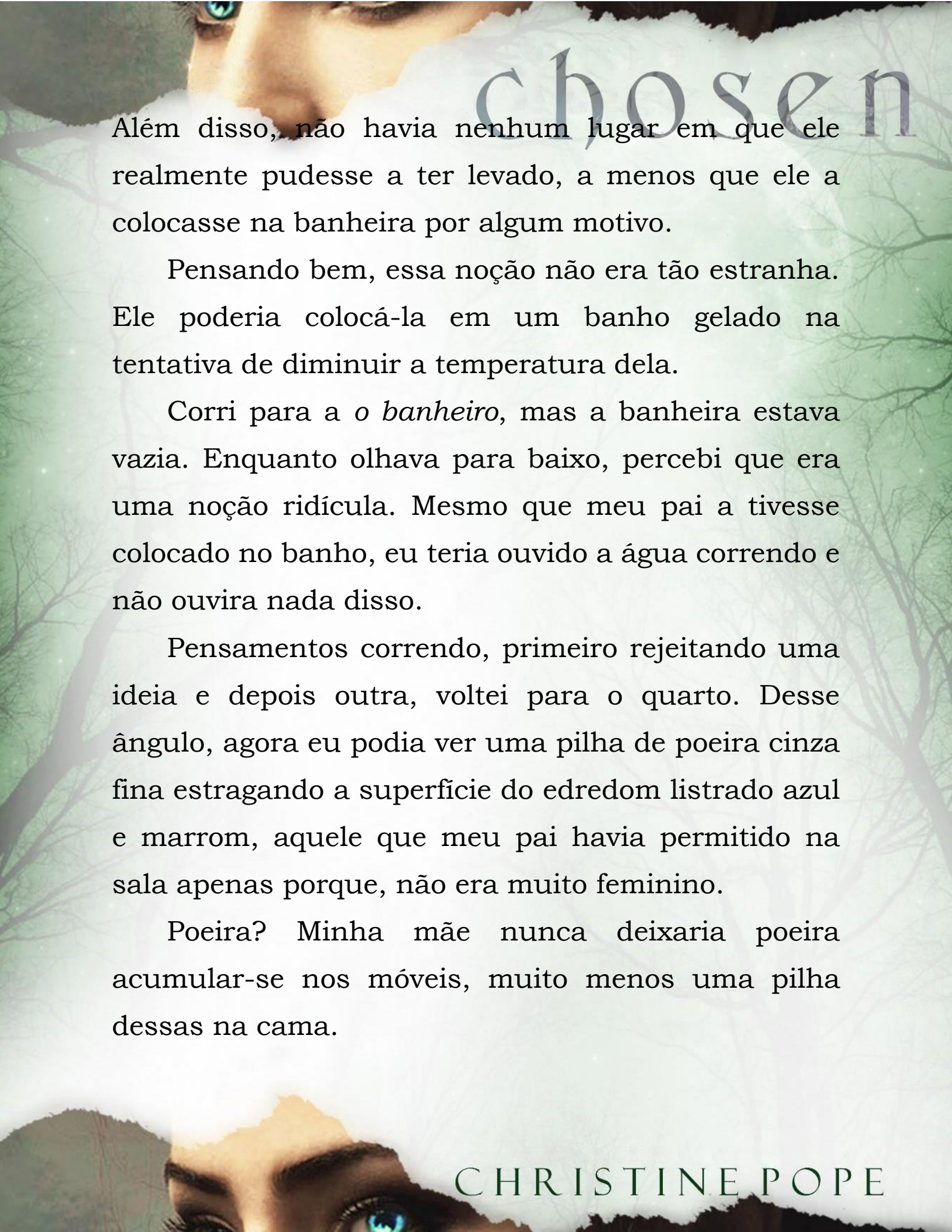
Um pequeno soluço assustado rasgou minha garganta, e continuei a me afastar, rastejando para o corredor e fechando a porta atrás de mim. Eu sabia que deveria descer e contar ao meu pai o que havia acontecido, mas por algum motivo, meus pés me levaram na direção oposta, em direção ao quarto dos meus pais. Antes que eu soubesse o que estava fazendo, minha mão parecia ter saído por vontade própria e estava girando a maçaneta. Acabei de ver a morte. Eu também precisava ver a da minha mãe, para que fosse tão real. Talvez então meu cérebro ficaria chocado com seu estado entorpecido atual.

O sol estava começando a se pôr, mas o quarto dos meus pais tinha uma janela na parede ocidental, então uma luz quente e suave estava inundando o espaço. Certamente estava claro o suficiente para eu ver onde o corpo de minha mãe deveria estar deitado, apoiado nos travesseiros do lado da cama.

Só que... ela não estava lá.

Meu primeiro pensamento foi que meu pai deveria tê-la movido, mas por que diabos ele teria feito isso?

CHRISTINE POPE



Chosen

Além disso, não havia nenhum lugar em que ele realmente pudesse a ter levado, a menos que ele a colocasse na banheira por algum motivo.

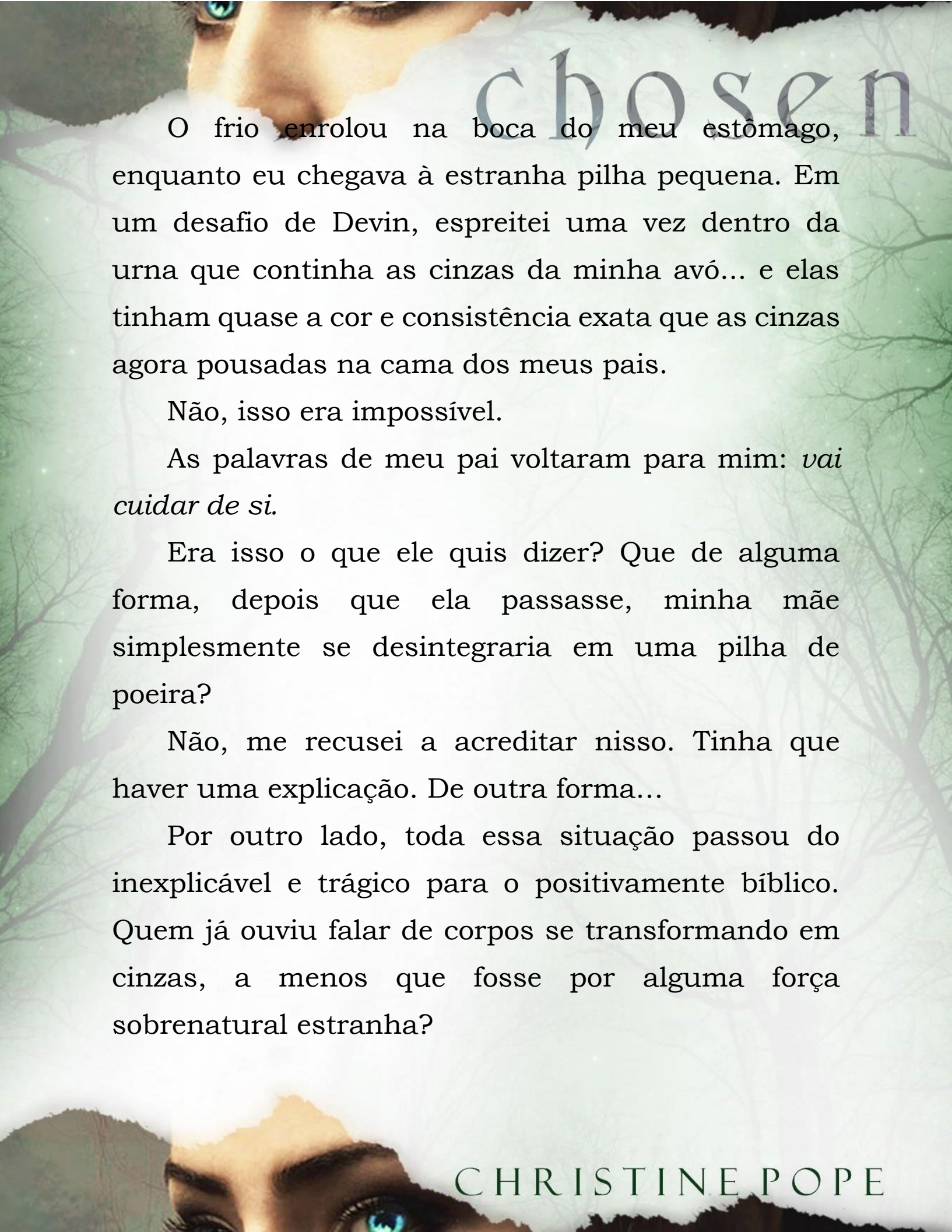
Pensando bem, essa noção não era tão estranha. Ele poderia colocá-la em um banho gelado na tentativa de diminuir a temperatura dela.

Corri para a *o banheiro*, mas a banheira estava vazia. Enquanto olhava para baixo, percebi que era uma noção ridícula. Mesmo que meu pai a tivesse colocado no banho, eu teria ouvido a água correndo e não ouvira nada disso.

Pensamentos correndo, primeiro rejeitando uma ideia e depois outra, voltei para o quarto. Desse ângulo, agora eu podia ver uma pilha de poeira cinza fina estragando a superfície do edredom listrado azul e marrom, aquele que meu pai havia permitido na sala apenas porque, não era muito feminino.

Poeira? Minha mãe nunca deixaria poeira acumular-se nos móveis, muito menos uma pilha dessas na cama.

CHRISTINE POPE



chosen

O frio enrolou na boca do meu estômago, enquanto eu chegava à estranha pilha pequena. Em um desafio de Devin, espreitei uma vez dentro da urna que continha as cinzas da minha avó... e elas tinham quase a cor e consistência exata que as cinzas agora pousadas na cama dos meus pais.

Não, isso era impossível.

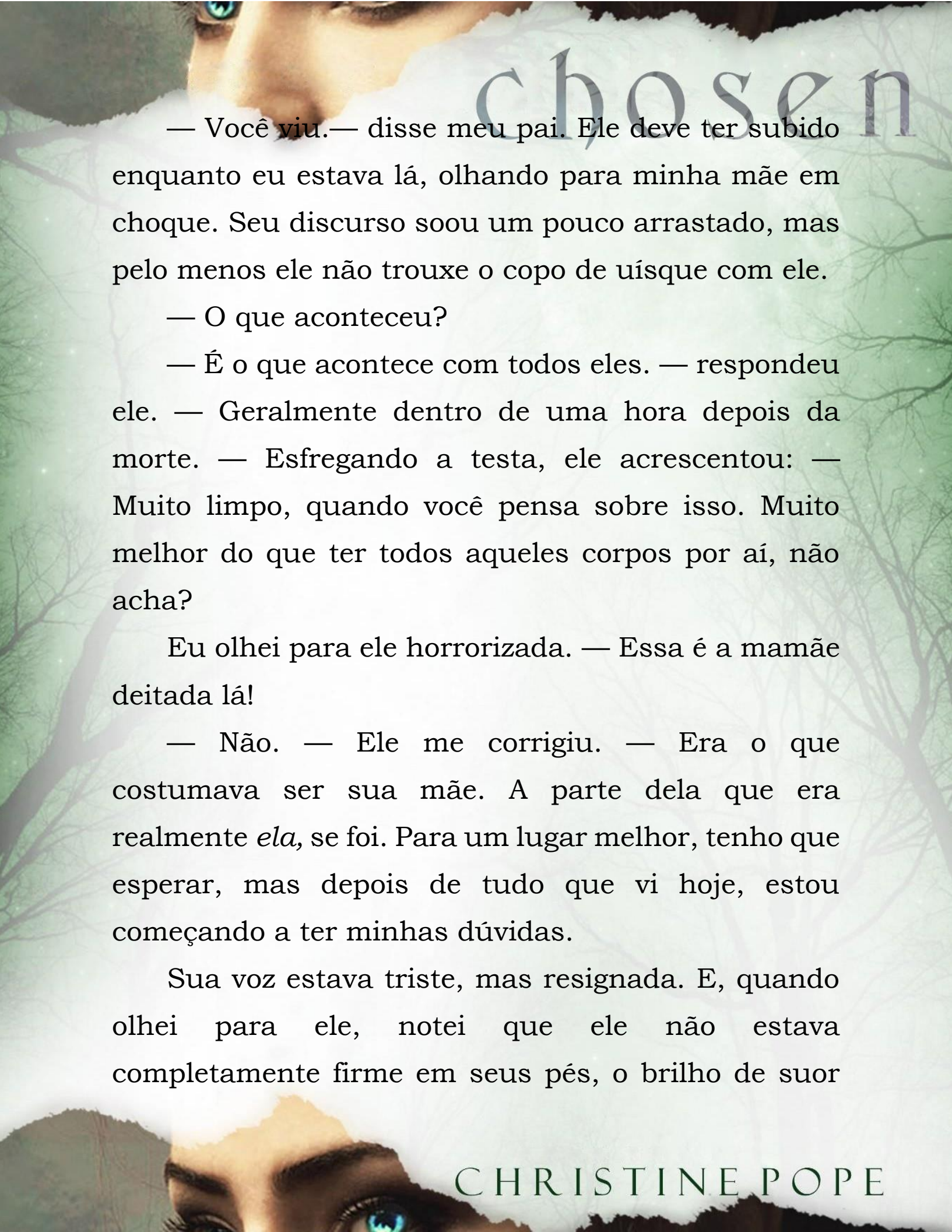
As palavras de meu pai voltaram para mim: *vai cuidar de si*.

Era isso o que ele quis dizer? Que de alguma forma, depois que ela passasse, minha mãe simplesmente se desintegraria em uma pilha de poeira?

Não, me recusei a acreditar nisso. Tinha que haver uma explicação. De outra forma...

Por outro lado, toda essa situação passou do inexplicável e trágico para o positivamente bíblico. Quem já ouviu falar de corpos se transformando em cinzas, a menos que fosse por alguma força sobrenatural estranha?

CHRISTINE POPE



chosen

— Você viu.— disse meu pai. Ele deve ter subido enquanto eu estava lá, olhando para minha mãe em choque. Seu discurso soou um pouco arrastado, mas pelo menos ele não trouxe o copo de uísque com ele.

— O que aconteceu?

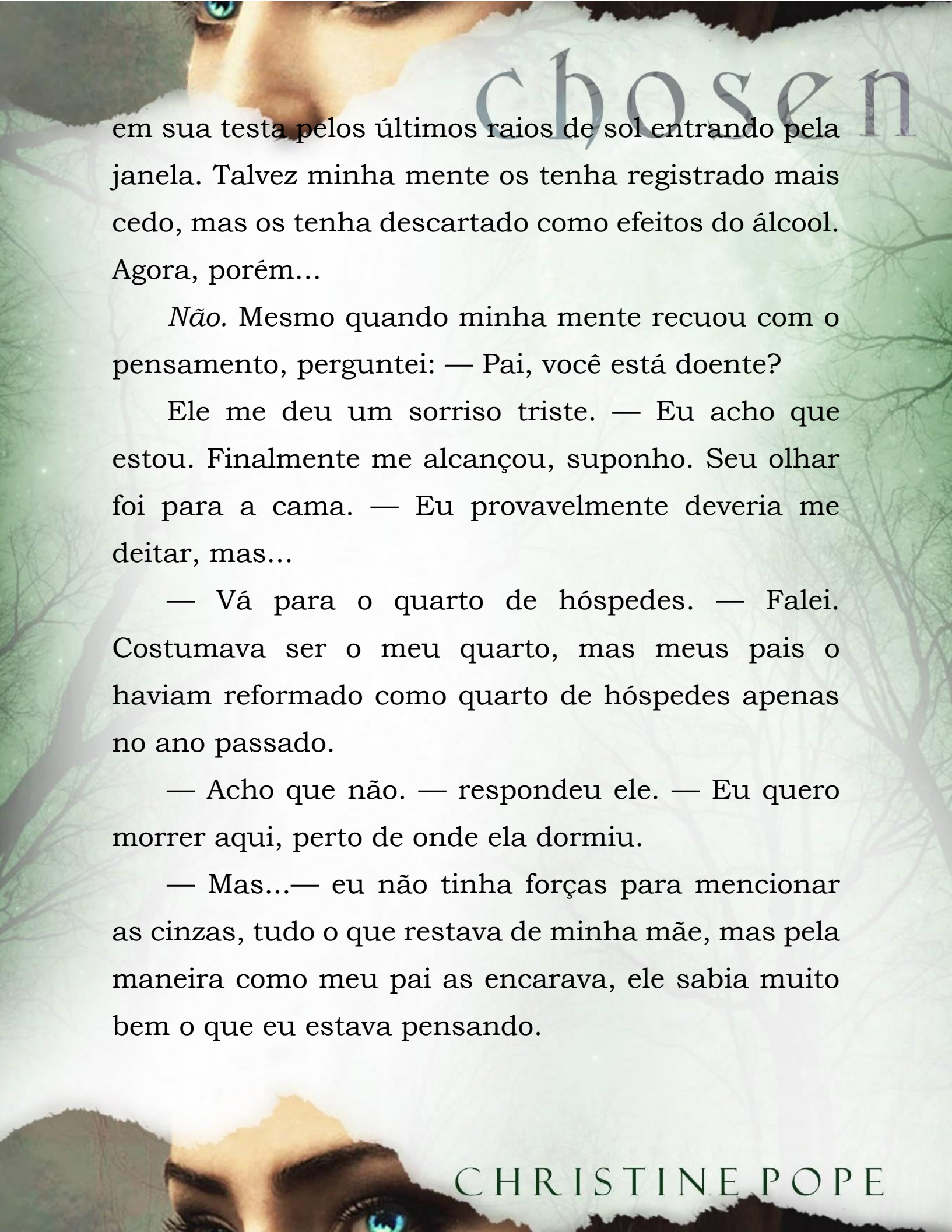
— É o que acontece com todos eles. — respondeu ele. — Geralmente dentro de uma hora depois da morte. — Esfregando a testa, ele acrescentou: — Muito limpo, quando você pensa sobre isso. Muito melhor do que ter todos aqueles corpos por aí, não acha?

Eu olhei para ele horrorizada. — Essa é a mamãe deitada lá!

— Não. — Ele me corrigiu. — Era o que costumava ser sua mãe. A parte dela que era realmente *ela*, se foi. Para um lugar melhor, tenho que esperar, mas depois de tudo que vi hoje, estou começando a ter minhas dúvidas.

Sua voz estava triste, mas resignada. E, quando olhei para ele, notei que ele não estava completamente firme em seus pés, o brilho de suor

CHRISTINE POPE



chosen

em sua testa pelos últimos raios de sol entrando pela janela. Talvez minha mente os tenha registrado mais cedo, mas os tenha descartado como efeitos do álcool. Agora, porém...

Não. Mesmo quando minha mente recuou com o pensamento, perguntei: — Pai, você está doente?

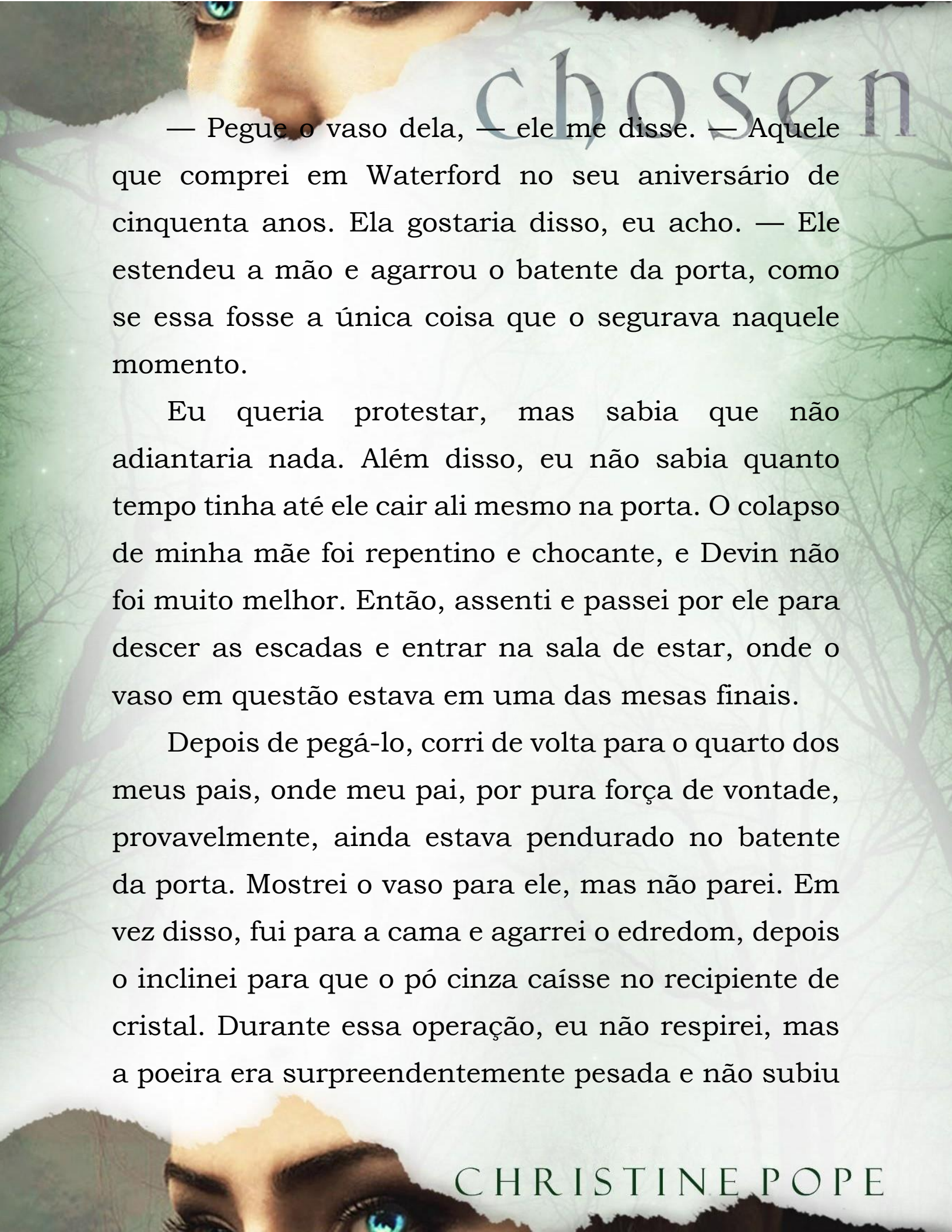
Ele me deu um sorriso triste. — Eu acho que estou. Finalmente me alcançou, suponho. Seu olhar foi para a cama. — Eu provavelmente deveria me deitar, mas...

— Vá para o quarto de hóspedes. — Falei. Costumava ser o meu quarto, mas meus pais o haviam reformado como quarto de hóspedes apenas no ano passado.

— Acho que não. — respondeu ele. — Eu quero morrer aqui, perto de onde ela dormiu.

— Mas...— eu não tinha forças para mencionar as cinzas, tudo o que restava de minha mãe, mas pela maneira como meu pai as encarava, ele sabia muito bem o que eu estava pensando.

CHRISTINE POPE

The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, specifically her eyes and nose, which are partially obscured by a torn paper effect. The background is a soft green with faint, dark green silhouettes of trees or foliage. The title 'chosen' is written in a large, light blue, serif font at the top right.

chosen

— Pegue o vaso dela, — ele me disse. — Aquele que comprei em Waterford no seu aniversário de cinquenta anos. Ela gostaria disso, eu acho. — Ele estendeu a mão e agarrou o batente da porta, como se essa fosse a única coisa que o segurava naquele momento.

Eu queria protestar, mas sabia que não adiantaria nada. Além disso, eu não sabia quanto tempo tinha até ele cair ali mesmo na porta. O colapso de minha mãe foi repentino e chocante, e Devin não foi muito melhor. Então, assenti e passei por ele para descer as escadas e entrar na sala de estar, onde o vaso em questão estava em uma das mesas finais.

Depois de pegá-lo, corri de volta para o quarto dos meus pais, onde meu pai, por pura força de vontade, provavelmente, ainda estava pendurado no batente da porta. Mostrei o vaso para ele, mas não parei. Em vez disso, fui para a cama e agarrei o edredom, depois o inclinei para que o pó cinza caísse no recipiente de cristal. Durante essa operação, eu não respirei, mas a poeira era surpreendentemente pesada e não subiu

CHRISTINE POPE

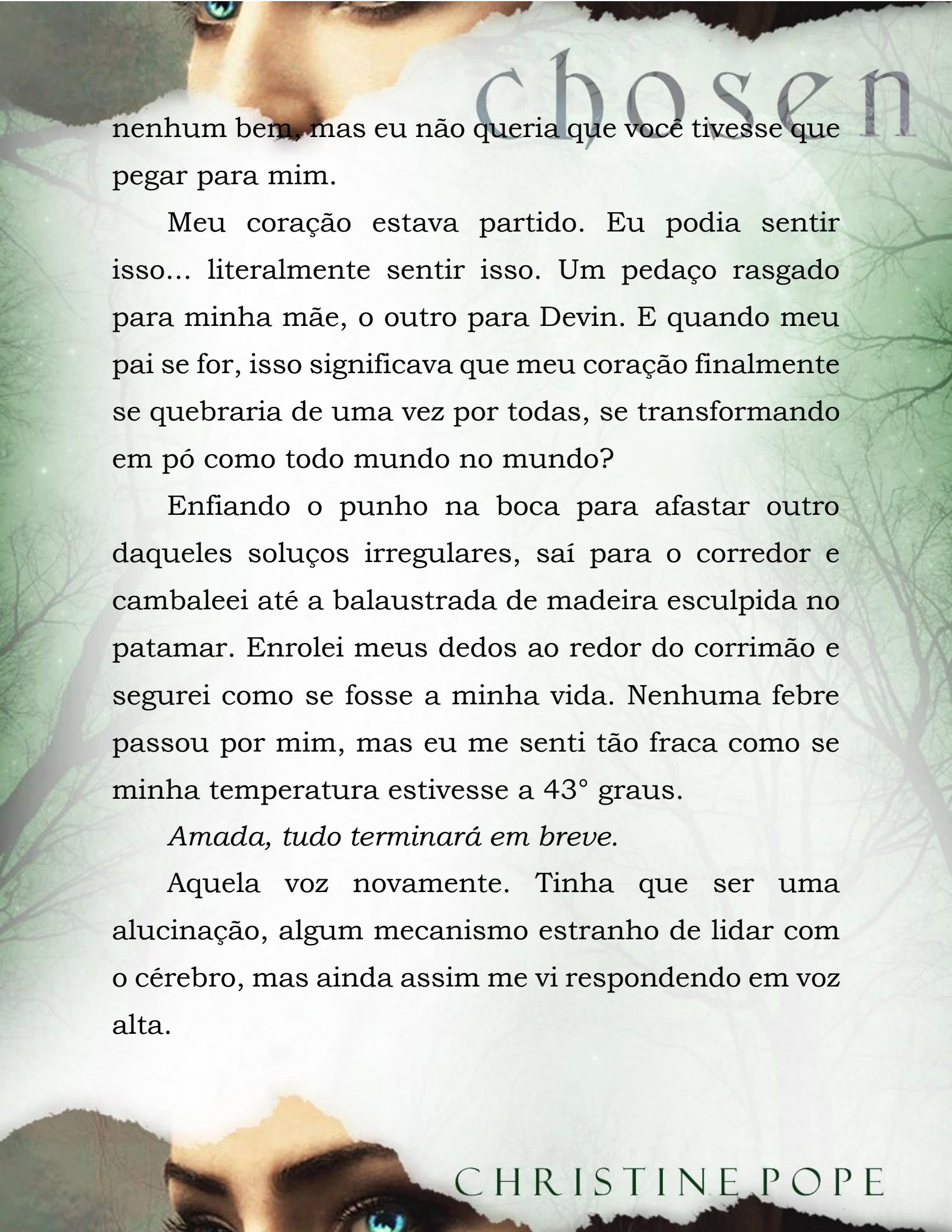
no ar da maneira que eu temia. Em vez disso, deslizou para dentro do vaso, enchendo-o aproximadamente pela metade. Não me deixando pensar no que continha, levei para a cômoda e o coloquei no chão.

Como não havia como colocar o edredom de volta de onde ele veio, dobrei-o para prender a poeira restante e o coloquei no chão, aos pés da cama. — Tudo bem. — eu disse, minha voz tremendo.

Meu pai não pareceu notar o tremor naquela pequena palavra, mas apenas se afastou do batente da porta e depois cambaleou até a cama. Depois de parar para tirar os sapatos e tirar o cinto, com coldres e crachá, que caíram no colchão. Isso parecia ter levado o máximo de suas forças, porque sua cabeça caiu contra o travesseiro de uma só vez e seus olhos se fecharam. Inconvenientemente, notei como seus cílios eram pesados e grossos, encostados em suas bochechas coradas.

— Papai?

Ele levantou uma mão. — Só cansado. Tomei ibuprofeno no caminho para cá. Não vai fazer



Chosen

nenhum bem, mas eu não queria que você tivesse que pegar para mim.

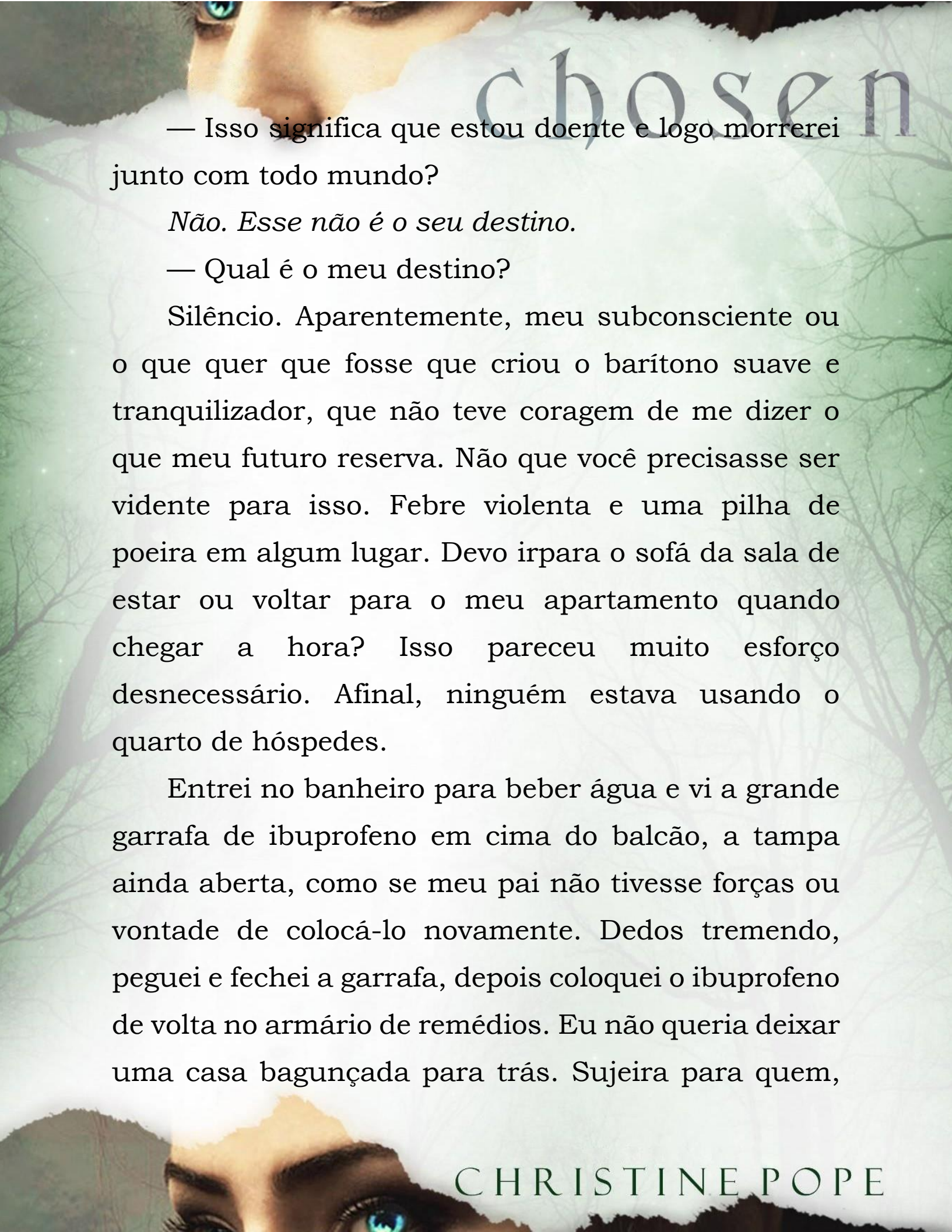
Meu coração estava partido. Eu podia sentir isso... literalmente sentir isso. Um pedaço rasgado para minha mãe, o outro para Devin. E quando meu pai se for, isso significava que meu coração finalmente se quebraria de uma vez por todas, se transformando em pó como todo mundo no mundo?

Enfiando o punho na boca para afastar outro daqueles soluços irregulares, saí para o corredor e cambaleei até a balaustrada de madeira esculpida no patamar. Enrolei meus dedos ao redor do corrimão e segurei como se fosse a minha vida. Nenhuma febre passou por mim, mas eu me senti tão fraca como se minha temperatura estivesse a 43° graus.

Amada, tudo terminará em breve.

Aquela voz novamente. Tinha que ser uma alucinação, algum mecanismo estranho de lidar com o cérebro, mas ainda assim me vi respondendo em voz alta.

CHRISTINE POPE



chosen

— Isso significa que estou doente e logo morrerei junto com todo mundo?

Não. Esse não é o seu destino.

— Qual é o meu destino?

Silêncio. Aparentemente, meu subconsciente ou o que quer que fosse que criou o barítono suave e tranquilizador, que não teve coragem de me dizer o que meu futuro reserva. Não que você precisasse ser vidente para isso. Febre violenta e uma pilha de poeira em algum lugar. Devo ir para o sofá da sala de estar ou voltar para o meu apartamento quando chegar a hora? Isso pareceu muito esforço desnecessário. Afinal, ninguém estava usando o quarto de hóspedes.

Entrei no banheiro para beber água e vi a grande garrafa de ibuprofeno em cima do balcão, a tampa ainda aberta, como se meu pai não tivesse forças ou vontade de colocá-lo novamente. Dedos tremendo, peguei e fechei a garrafa, depois coloquei o ibuprofeno de volta no armário de remédios. Eu não queria deixar uma casa bagunçada para trás. Sujeira para quem,

CHRISTINE POPE

eu não sabia. Pelo que meu pai disse, não parecia que alguém sairia vivo disso.

O termômetro estava deitado na prateleira superior do armário de remédios. Eu já sabia que não estava doente, mas precisava do lembrete externo. Tirei-o, abri a garrafa de álcool e limpei uma extremidade do termômetro. Então, coloquei na minha boca e esperei.

36,1°. Até um pouco mais do que da última vez, mas ainda baixa.

Eu o enxaguei e guardei. Então, movendo-me tão lentamente que senti como se estivesse arrastando os pés na lama, voltei para o quarto dos meus pais, meio que esperando ver uma pilha de poeira lá. Para minha surpresa, os olhos do meu pai se abriram quando entrei na sala. Eles estavam brilhando com febre e tinham aquelas olheiras escuras embaixo deles, mas pareciam lúcidos o suficiente. Talvez ele não estivesse tão longe quanto pensara.

— Pai, eu poderia tentar um pouco de gelo...

Um pequeno movimento da cabeça dele.

— Não. Uma vez que você tem a doença, está feito.

— Seus olhos se fecharam, e eu pude ver como sua grande figura estremecia, mesmo que ele tivesse puxado o cobertor até o queixo. — Sinto muito.

— O que? — Repeti, me perguntando o que ele tinha que se desculpar. — Nada disso é culpa sua.

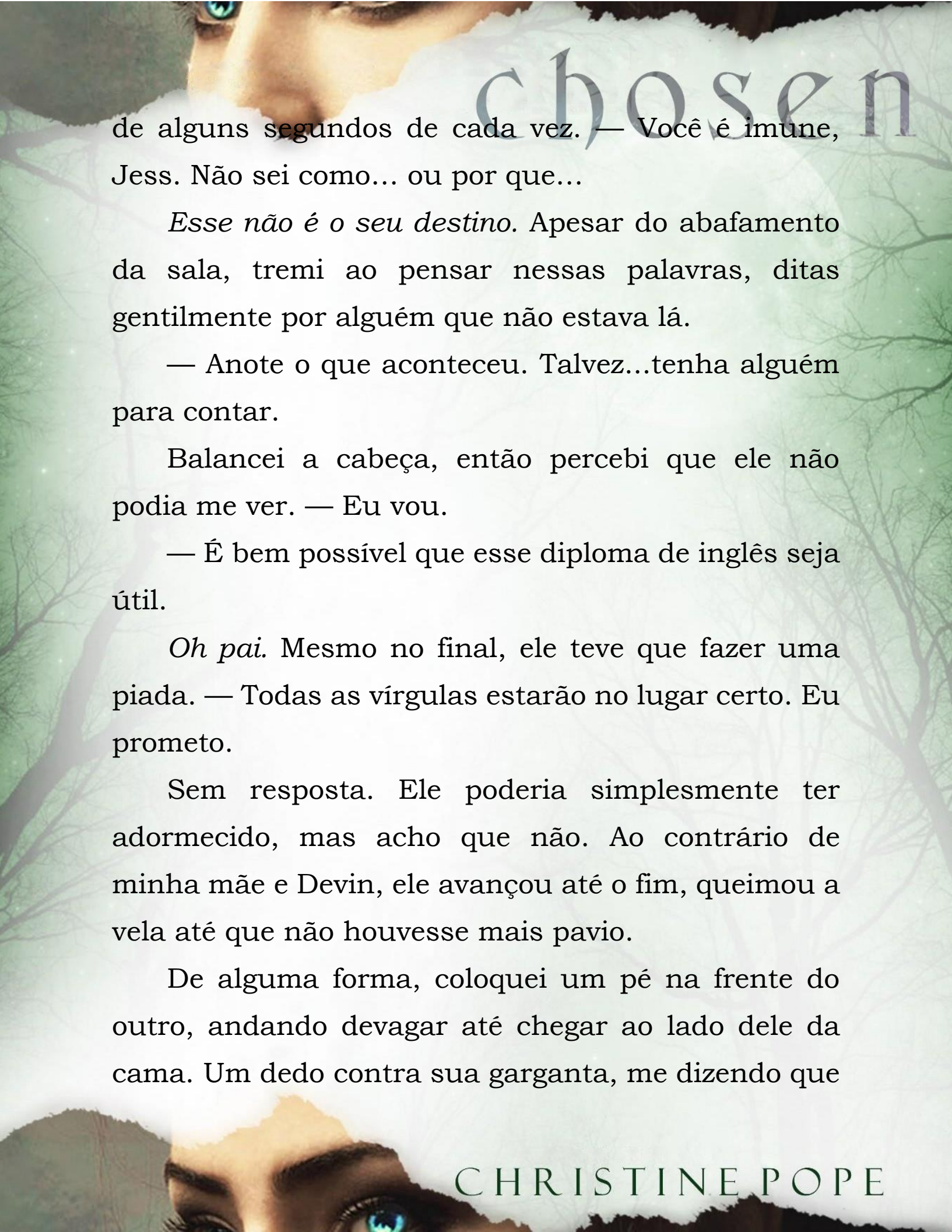
— Não, não isso. — Ele se mexeu embaixo das cobertas, depois abriu os olhos novamente. — Desculpe por todos termos ido embora, e você ainda estará aqui.

Algo em suas palavras me gelou. Naquele momento, pude ver como é preferível morrer junto com todos os outros, do que ficar em um mundo sem ninguém com quem conversar, ninguém para saber que eu de alguma forma consegui sobreviver. Com uma voz quebradiça, respondi: — Oh, tenho certeza de que também não estou ansiosa por este mundo.

— Febre?

— Não.

Ele fechou os olhos. Parecia que ele não tinha forças para mantê-los abertos e me ocorreu por mais



chosen

de alguns segundos de cada vez. — Você é imune, Jess. Não sei como... ou por que...

Esse não é o seu destino. Apesar do abafamento da sala, tremi ao pensar nessas palavras, ditas gentilmente por alguém que não estava lá.

— Anote o que aconteceu. Talvez...tenha alguém para contar.

Balancei a cabeça, então percebi que ele não podia me ver. — Eu vou.

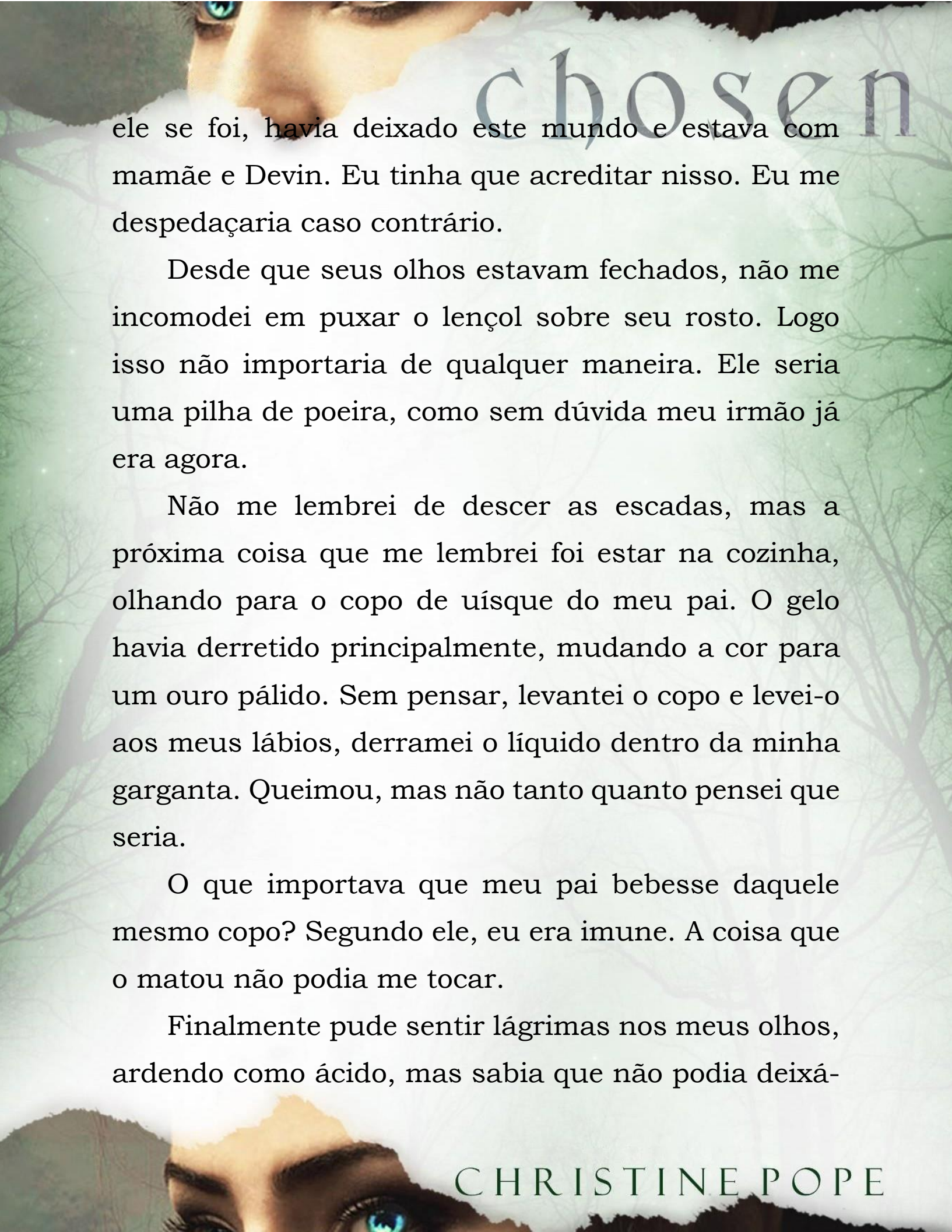
— É bem possível que esse diploma de inglês seja útil.

Oh pai. Mesmo no final, ele teve que fazer uma piada. — Todas as vírgulas estarão no lugar certo. Eu prometo.

Sem resposta. Ele poderia simplesmente ter adormecido, mas acho que não. Ao contrário de minha mãe e Devin, ele avançou até o fim, queimou a vela até que não houvesse mais pavio.

De alguma forma, coloquei um pé na frente do outro, andando devagar até chegar ao lado dele da cama. Um dedo contra sua garganta, me dizendo que

CHRISTINE POPE



chosen

ele se foi, havia deixado este mundo e estava com mamãe e Devin. Eu tinha que acreditar nisso. Eu me despedaçaria caso contrário.

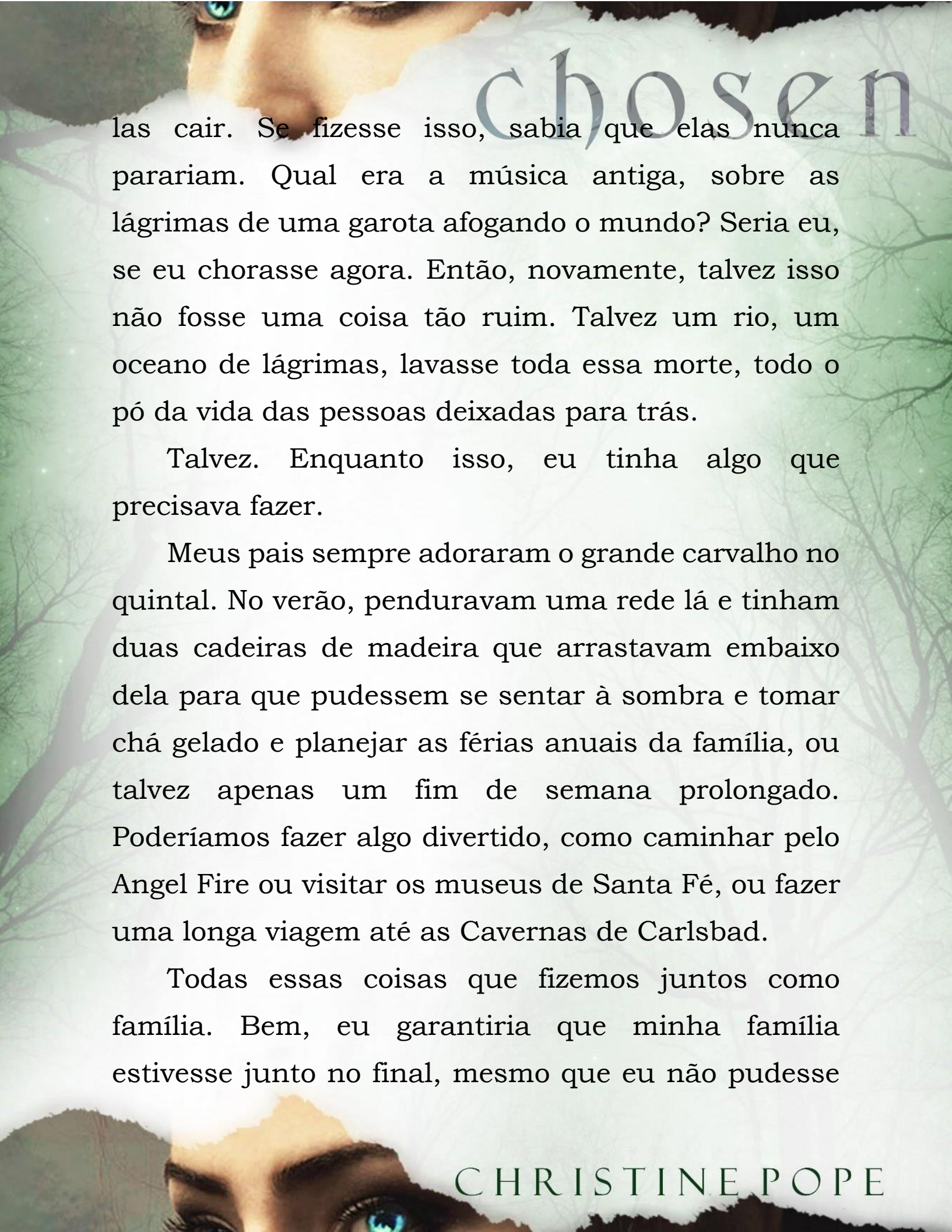
Desde que seus olhos estavam fechados, não me incomodei em puxar o lençol sobre seu rosto. Logo isso não importaria de qualquer maneira. Ele seria uma pilha de poeira, como sem dúvida meu irmão já era agora.

Não me lembrei de descer as escadas, mas a próxima coisa que me lembrei foi estar na cozinha, olhando para o copo de uísque do meu pai. O gelo havia derretido principalmente, mudando a cor para um ouro pálido. Sem pensar, levantei o copo e levei-o aos meus lábios, derramei o líquido dentro da minha garganta. Queimou, mas não tanto quanto pensei que seria.

O que importava que meu pai bebesse daquele mesmo copo? Segundo ele, eu era imune. A coisa que o matou não podia me tocar.

Finalmente pude sentir lágrimas nos meus olhos, ardendo como ácido, mas sabia que não podia deixá-

CHRISTINE POPE



Chosen

las cair. Se fizesse isso, sabia que elas nunca parariam. Qual era a música antiga, sobre as lágrimas de uma garota afogando o mundo? Seria eu, se eu chorasse agora. Então, novamente, talvez isso não fosse uma coisa tão ruim. Talvez um rio, um oceano de lágrimas, lavasse toda essa morte, todo o pó da vida das pessoas deixadas para trás.

Talvez. Enquanto isso, eu tinha algo que precisava fazer.

Meus pais sempre adoraram o grande carvalho no quintal. No verão, penduravam uma rede lá e tinham duas cadeiras de madeira que arrastavam embaixo dela para que pudessem se sentar à sombra e tomar chá gelado e planejar as férias anuais da família, ou talvez apenas um fim de semana prolongado. Poderíamos fazer algo divertido, como caminhar pelo Angel Fire ou visitar os museus de Santa Fé, ou fazer uma longa viagem até as Cavernas de Carlsbad.

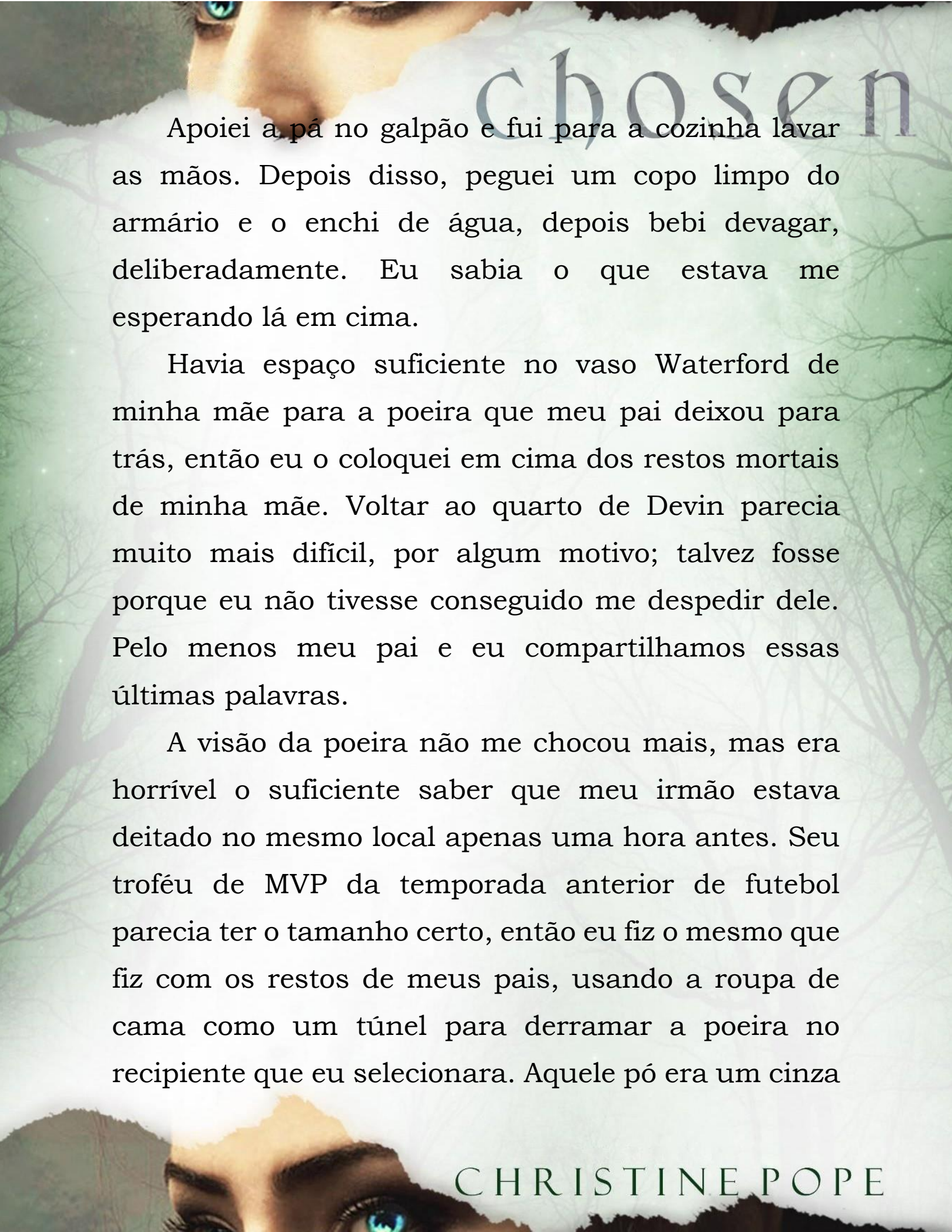
Todas essas coisas que fizemos juntos como família. Bem, eu garantiria que minha família estivesse junto no final, mesmo que eu não pudesse

CHRISTINE POPE

estar com eles. Era a única maneira de pensar em me despedir.

Meu pai mantinha todas as ferramentas de jardinagem em um galpão ao lado da garagem, já que a garagem estava cheia de equipamentos e ferramentas de acampamento e a porcaria usual que qualquer família de quatro pessoas tende a acumular ao longo dos anos. Fui ao galpão e peguei a pá, depois voltei para o carvalho, vigiando o local onde aquelas cadeiras de madeira costumavam ficar.

Não teria que ser um buraco muito profundo. Afinal, eu estava apenas enterrando poeira, não corpos. O chão não era tão duro quanto eu temia, principalmente porque meu pai dera ao carvalho velho um de seus banhos bimestrais com a mangueira no fim de semana passado. Eu cavava e cavava, a terra voando ao meu redor, parando quando parecia que eu estava prestes a bater em uma grande raiz de árvore. O buraco era muito maior do que precisava ser, mas melhor que o contrário.



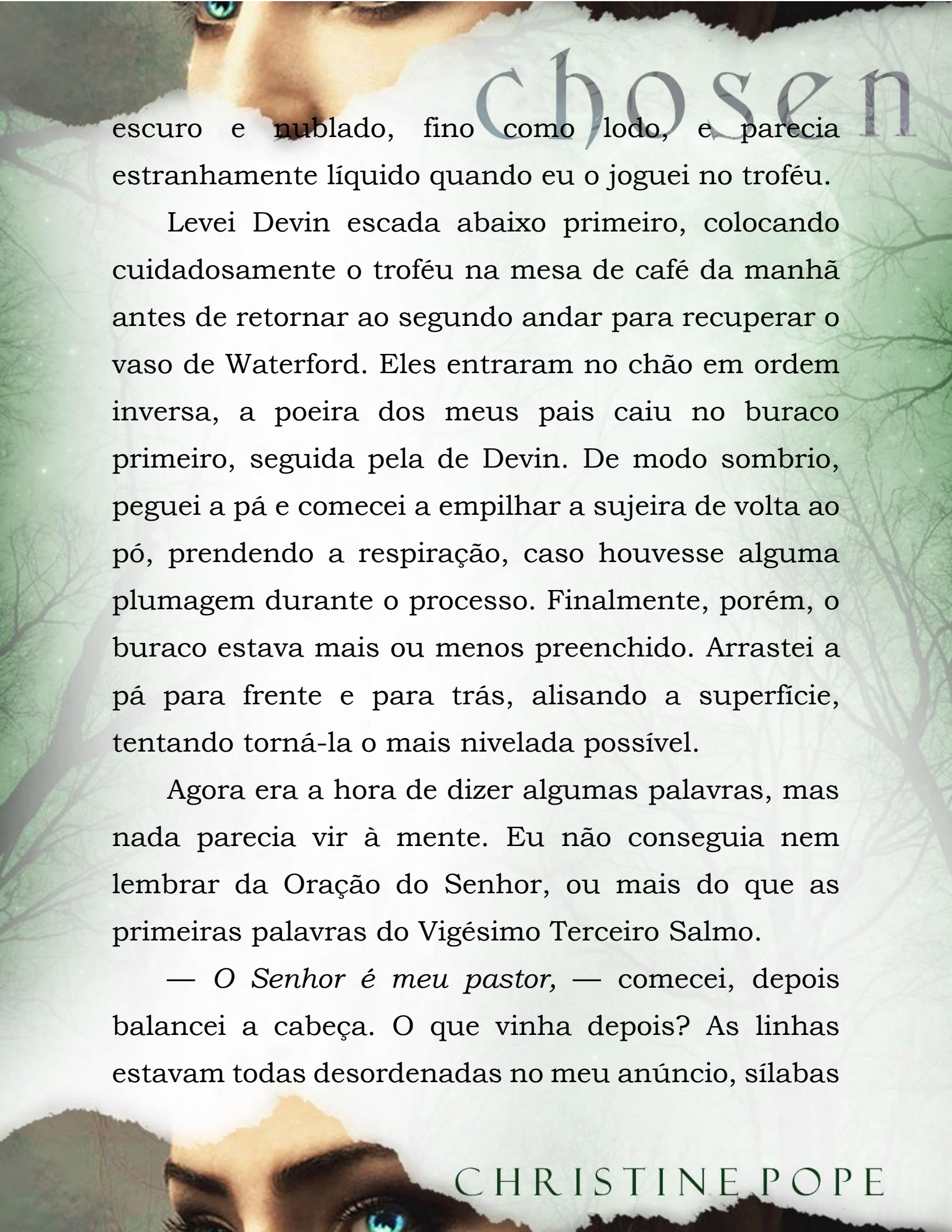
Chosen

Apoiei a pá no galpão e fui para a cozinha lavar as mãos. Depois disso, peguei um copo limpo do armário e o enchi de água, depois bebi devagar, deliberadamente. Eu sabia o que estava me esperando lá em cima.

Havia espaço suficiente no vaso Waterford de minha mãe para a poeira que meu pai deixou para trás, então eu o coloquei em cima dos restos mortais de minha mãe. Voltar ao quarto de Devin parecia muito mais difícil, por algum motivo; talvez fosse porque eu não tivesse conseguido me despedir dele. Pelo menos meu pai e eu compartilhamos essas últimas palavras.

A visão da poeira não me chocou mais, mas era horrível o suficiente saber que meu irmão estava deitado no mesmo local apenas uma hora antes. Seu troféu de MVP da temporada anterior de futebol parecia ter o tamanho certo, então eu fiz o mesmo que fiz com os restos de meus pais, usando a roupa de cama como um túnel para derramar a poeira no recipiente que eu selecionara. Aquele pó era um cinza

CHRISTINE POPE



Chosen

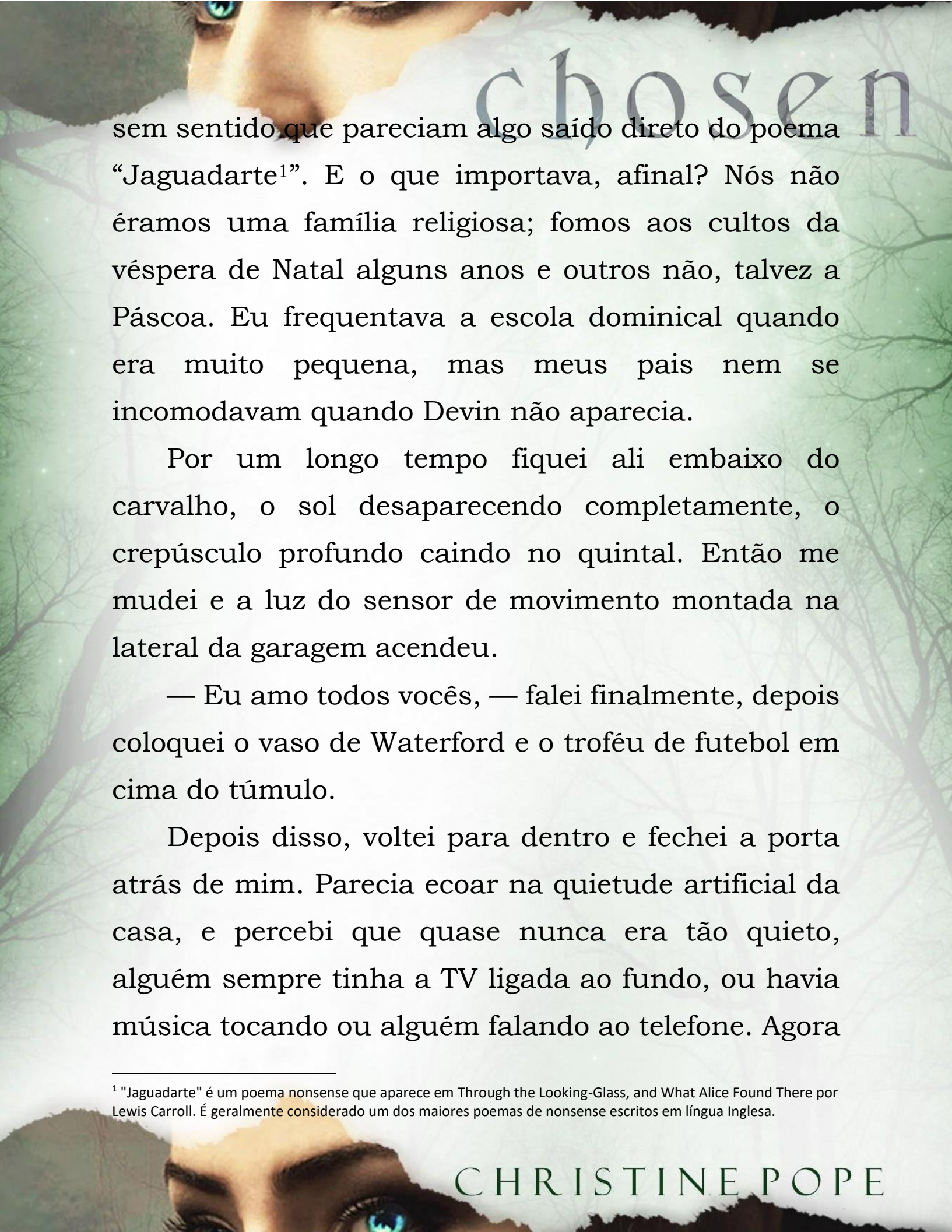
escuro e nublado, fino como lodo, e parecia estranhamente líquido quando eu o joguei no troféu.

Levei Devin escada abaixo primeiro, colocando cuidadosamente o troféu na mesa de café da manhã antes de retornar ao segundo andar para recuperar o vaso de Waterford. Eles entraram no chão em ordem inversa, a poeira dos meus pais caiu no buraco primeiro, seguida pela de Devin. De modo sombrio, peguei a pá e comecei a empilhar a sujeira de volta ao pó, prendendo a respiração, caso houvesse alguma plumagem durante o processo. Finalmente, porém, o buraco estava mais ou menos preenchido. Arrastei a pá para frente e para trás, alisando a superfície, tentando torná-la o mais nivelada possível.

Agora era a hora de dizer algumas palavras, mas nada parecia vir à mente. Eu não conseguia nem lembrar da Oração do Senhor, ou mais do que as primeiras palavras do Vigésimo Terceiro Salmo.

— *O Senhor é meu pastor*, — comecei, depois balancei a cabeça. O que vinha depois? As linhas estavam todas desordenadas no meu anúncio, sílabas

CHRISTINE POPE



Chosen

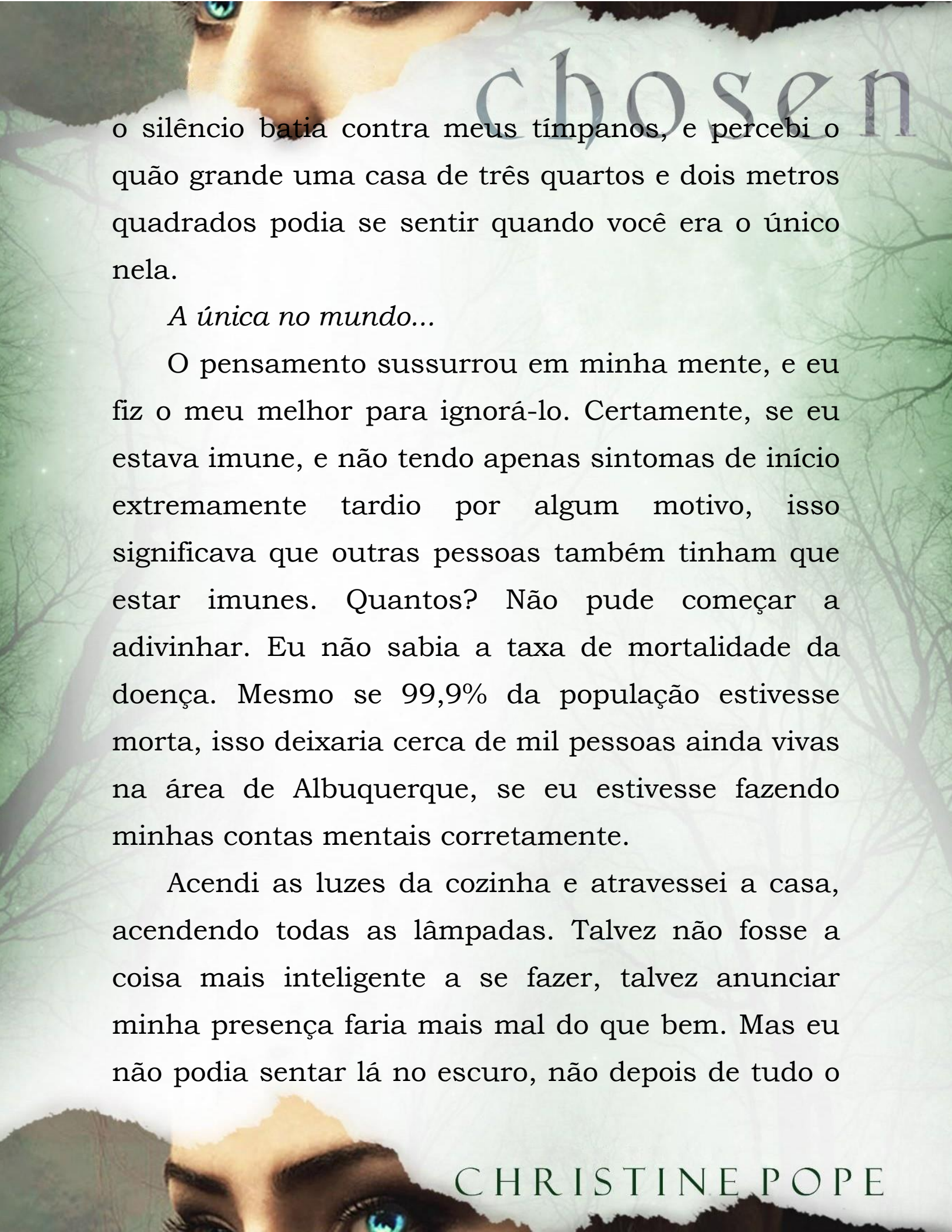
sem sentido que pareciam algo saído direto do poema “Jaguarde¹”. E o que importava, afinal? Nós não éramos uma família religiosa; fomos aos cultos da véspera de Natal alguns anos e outros não, talvez a Páscoa. Eu frequentava a escola dominical quando era muito pequena, mas meus pais nem se incomodavam quando Devin não aparecia.

Por um longo tempo fiquei ali embaixo do carvalho, o sol desaparecendo completamente, o crepúsculo profundo caindo no quintal. Então me mudei e a luz do sensor de movimento montada na lateral da garagem acendeu.

— Eu amo todos vocês, — falei finalmente, depois coloquei o vaso de Waterford e o troféu de futebol em cima do túmulo.

Depois disso, voltei para dentro e fechei a porta atrás de mim. Parecia ecoar na quietude artificial da casa, e percebi que quase nunca era tão quieto, alguém sempre tinha a TV ligada ao fundo, ou havia música tocando ou alguém falando ao telefone. Agora

¹ "Jaguarde" é um poema nonsense que aparece em *Through the Looking-Glass, and What Alice Found There* por Lewis Carroll. É geralmente considerado um dos maiores poemas de nonsense escritos em língua Inglesa.



Chosen

o silêncio batia contra meus tímpanos, e percebi o quão grande uma casa de três quartos e dois metros quadrados podia se sentir quando você era o único nela.

A única no mundo...

O pensamento sussurrou em minha mente, e eu fiz o meu melhor para ignorá-lo. Certamente, se eu estava imune, e não tendo apenas sintomas de início extremamente tardio por algum motivo, isso significava que outras pessoas também tinham que estar imunes. Quantos? Não pude começar a adivinhar. Eu não sabia a taxa de mortalidade da doença. Mesmo se 99,9% da população estivesse morta, isso deixaria cerca de mil pessoas ainda vivas na área de Albuquerque, se eu estivesse fazendo minhas contas mentais corretamente.

Acendi as luzes da cozinha e atravessei a casa, acendendo todas as lâmpadas. Talvez não fosse a coisa mais inteligente a se fazer, talvez anunciar minha presença faria mais mal do que bem. Mas eu não podia sentar lá no escuro, não depois de tudo o

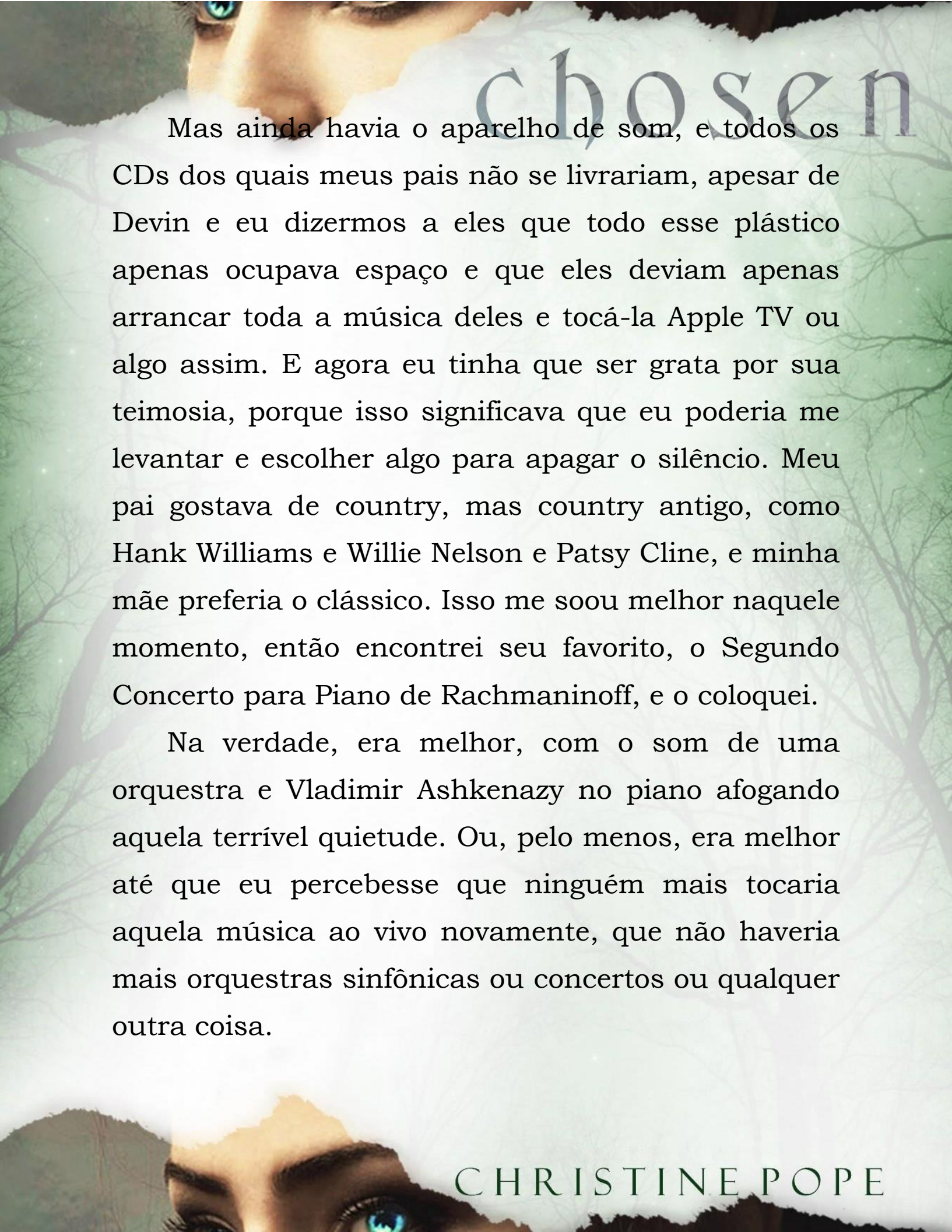
CHRISTINE POPE

que tinha passado naquele dia. Além disso, quando espiei pelas cortinas, vi que a minha não era a única casa na rua toda iluminada. Muito provavelmente os outros só tinham as luzes acesas porque não havia ninguém por perto para desligá-las, mas isso fez as minhas parecerem menos visíveis.

— Você está aí? — Perguntei na escuridão. Até uma voz que era apenas um produto da minha imaginação era melhor que esse profundo silêncio, o tipo de silêncio que você nunca ouviria se morasse em uma cidade grande.

Sem resposta, é claro. Meu olhar mudou para o controle remoto, ainda deitado onde o deixei pela última vez na mesa de café. Não queria ligar a televisão, não depois do que tinha visto da última vez. Será que tudo seria estático por agora, ou teria que uma estação que ainda mostrava o estridente texto vermelho com mais citações das revelações?

Eu era covarde demais para pegar o controle remoto e descobrir.



Chosen

Mas ainda havia o aparelho de som, e todos os CDs dos quais meus pais não se livrariam, apesar de Devin e eu dizermos a eles que todo esse plástico apenas ocupava espaço e que eles deviam apenas arrancar toda a música deles e tocá-la Apple TV ou algo assim. E agora eu tinha que ser grata por sua teimosia, porque isso significava que eu poderia me levantar e escolher algo para apagar o silêncio. Meu pai gostava de country, mas country antigo, como Hank Williams e Willie Nelson e Patsy Cline, e minha mãe preferia o clássico. Isso me soou melhor naquele momento, então encontrei seu favorito, o Segundo Concerto para Piano de Rachmaninoff, e o coloquei.

Na verdade, era melhor, com o som de uma orquestra e Vladimir Ashkenazy no piano afogando aquela terrível quietude. Ou, pelo menos, era melhor até que eu percebesse que ninguém mais tocaria aquela música ao vivo novamente, que não haveria mais orquestras sinfônicas ou concertos ou qualquer outra coisa.

CHRISTINE POPE

— Oh, Deus, — ofeguei, levantando-me do sofá e correndo para a cozinha, onde abri a torneira e joguei água fria na minha cara. Como se isso pudesse começar a ajudar. Era muito grande para compreender, tão horrível e enorme que eu podia literalmente sentir o horror disso começando a afundar, como um produto químico nocivo que entra na minha pele.

E então foi como se braços fortes e invisíveis me envolvessem, trazendo consigo um calor calmante. Lábios invisíveis roçaram meus cabelos e ouvi a voz novamente.

— *Seja forte, meu amor. Seja forte por mais algum tempo.*

De repente, a presença se foi. Segurei o ladrilho do balcão, sentindo a superfície fria sob as pontas dos dedos. Naquele momento, eu realmente me perguntei se eu tinha enlouquecido.

Que outra explicação poderia haver?

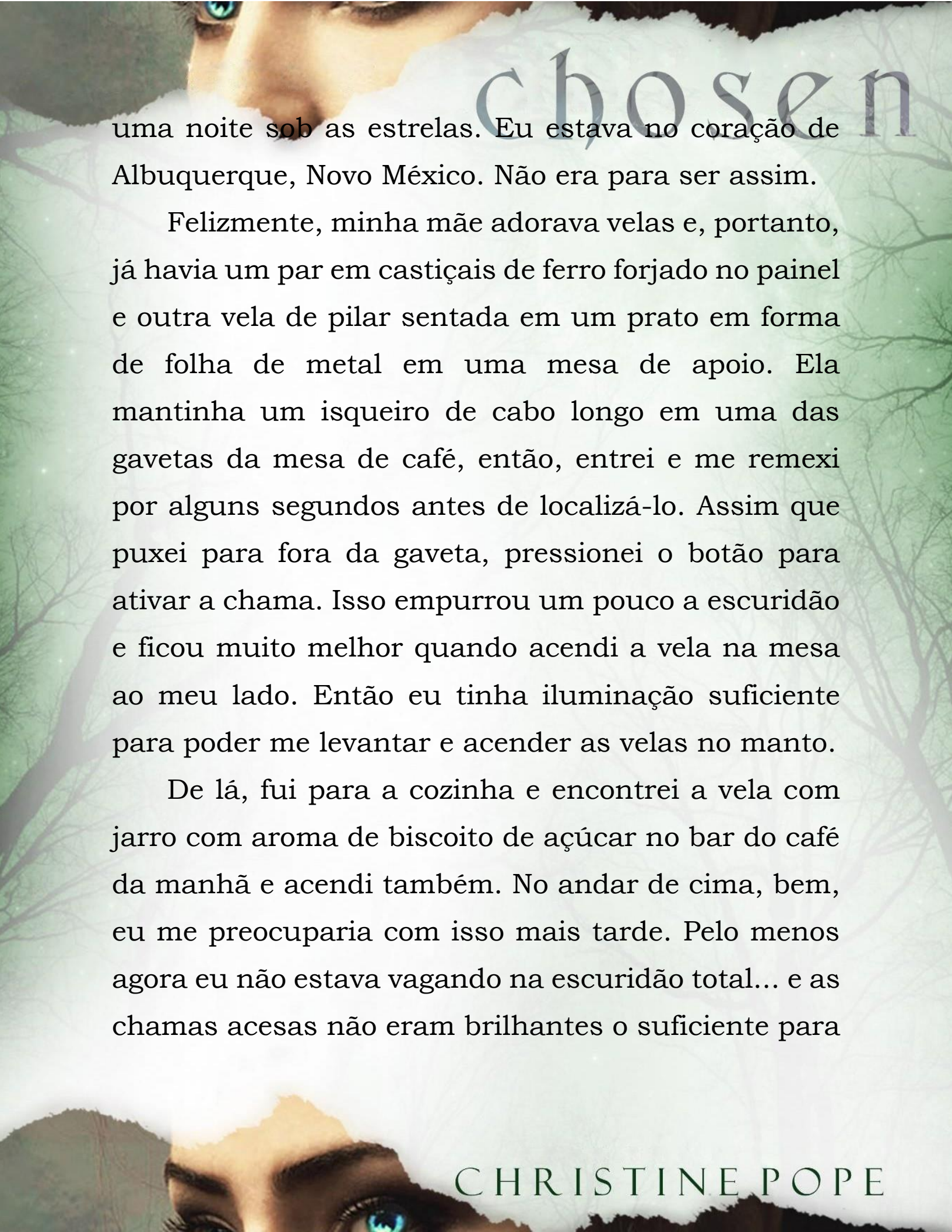
Capítulo Cinco

Mais porque eu sabia que deveria comer alguma coisa do que porque tinha algum apetite, juntei-me o suficiente para colocar algumas fatias de pão na torradeira. Depois que terminaram, passei manteiga e coloquei em um prato, depois voltei para a sala, onde Rachmaninoff ainda tocava no espaço vazio. No momento em que eu colocava meu prato na mesa de café, as luzes piscaram e se apagaram, e o CD parou. O silêncio reinou mais uma vez.

Com o coração batendo dolorosamente no peito, esperei um segundo, depois outro. Certamente isso tinha que ser apenas uma falha. Em um ou dois segundos, a energia retornaria.

Mas isso não aconteceu. Como as usinas poderiam funcionar, sem mais ninguém para gerenciá-las?

A escuridão era absoluta. Desde meus dias de acampamento, eu sabia o quão escuro, como *muito* escuro, nosso céu do deserto poderia ser. Isso parecia pior, no entanto, porque não era esperado o escuro de



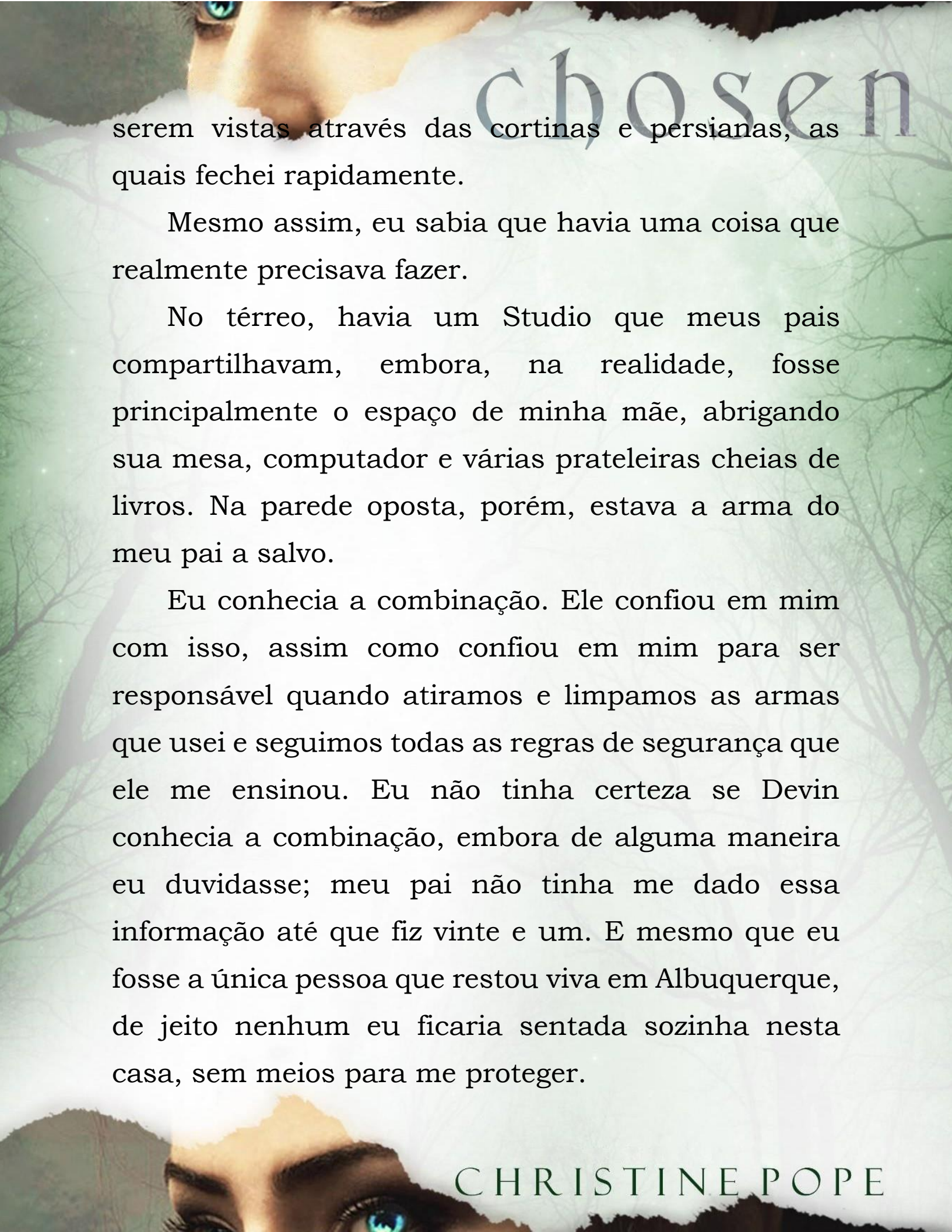
Chosen

uma noite sob as estrelas. Eu estava no coração de Albuquerque, Novo México. Não era para ser assim.

Felizmente, minha mãe adorava velas e, portanto, já havia um par em castiçais de ferro forjado no painel e outra vela de pilar sentada em um prato em forma de folha de metal em uma mesa de apoio. Ela mantinha um isqueiro de cabo longo em uma das gavetas da mesa de café, então, entrei e me remexi por alguns segundos antes de localizá-lo. Assim que puxei para fora da gaveta, pressionei o botão para ativar a chama. Isso empurrou um pouco a escuridão e ficou muito melhor quando acendi a vela na mesa ao meu lado. Então eu tinha iluminação suficiente para poder me levantar e acender as velas no manto.

De lá, fui para a cozinha e encontrei a vela com jarro com aroma de biscoito de açúcar no bar do café da manhã e acendi também. No andar de cima, bem, eu me preocuparia com isso mais tarde. Pelo menos agora eu não estava vagando na escuridão total... e as chamas acesas não eram brilhantes o suficiente para

CHRISTINE POPE



chosen

serem vistas através das cortinas e persianas, as quais fechei rapidamente.

Mesmo assim, eu sabia que havia uma coisa que realmente precisava fazer.

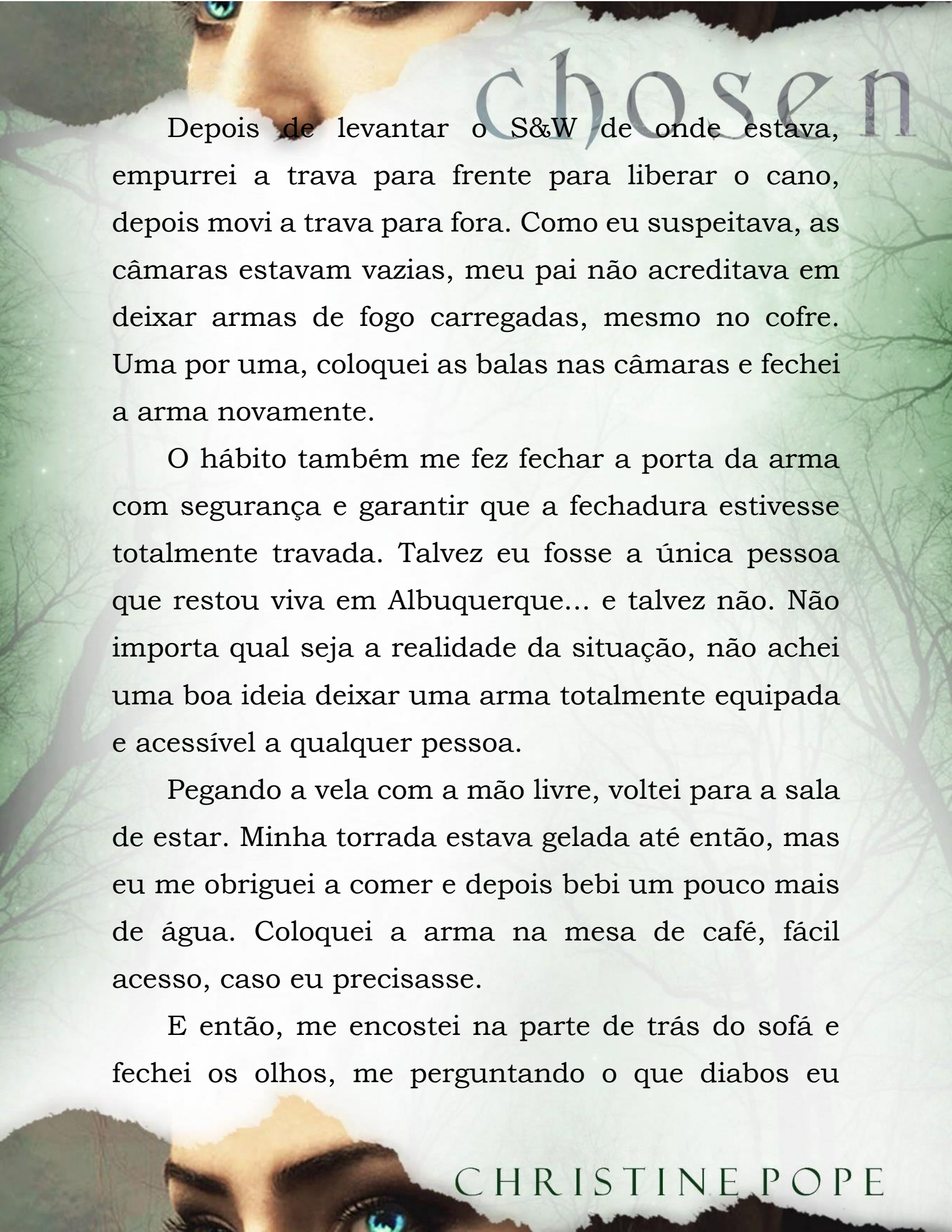
No térreo, havia um Studio que meus pais compartilhavam, embora, na realidade, fosse principalmente o espaço de minha mãe, abrigando sua mesa, computador e várias prateleiras cheias de livros. Na parede oposta, porém, estava a arma do meu pai a salvo.

Eu conhecia a combinação. Ele confiou em mim com isso, assim como confiou em mim para ser responsável quando atiramos e limpamos as armas que usei e seguimos todas as regras de segurança que ele me ensinou. Eu não tinha certeza se Devin conhecia a combinação, embora de alguma maneira eu duvidasse; meu pai não tinha me dado essa informação até que fiz vinte e um. E mesmo que eu fosse a única pessoa que restou viva em Albuquerque, de jeito nenhum eu ficaria sentada sozinha nesta casa, sem meios para me proteger.

CHRISTINE POPE

A fechadura girou com facilidade, é claro. Meu pai cuidou tão bem do cofre quanto das armas lá dentro. Também havia muito, além de uma Glock, ele possuía um rifle AR-15, duas espingardas, um pequeno rifle de caça calibre 22, um Ruger, uma Beretta e o meu favorito, o Smith & Wesson 357. Uma espécie de arma antiquada, mas minha precisão sempre foi boa com ela. Além disso, com um revólver, você não precisa se preocupar com o bloqueio da arma.

Coloquei a vela que havia trazido comigo na mesa da minha mãe e abri o cofre. Pendurado em uma das mangas da porta estava o 357, e na prateleira em frente, caixas de munição sobressalente. Meu pai não era exatamente o que você chamaria de tipo sobrevivente, mas ele acreditava em manter seus suprimentos. Se necessário, eu poderia desperdiçar muitos bandidos antes de acabar. Não que houvesse provavelmente bandidos sobrando. Isso foi mais para minha própria paz de espírito do que qualquer outra coisa.



Chosen

Depois de levantar o S&W de onde estava, empurrei a trava para frente para liberar o cano, depois movi a trava para fora. Como eu suspeitava, as câmaras estavam vazias, meu pai não acreditava em deixar armas de fogo carregadas, mesmo no cofre. Uma por uma, coloquei as balas nas câmaras e fechei a arma novamente.

O hábito também me fez fechar a porta da arma com segurança e garantir que a fechadura estivesse totalmente travada. Talvez eu fosse a única pessoa que restou viva em Albuquerque... e talvez não. Não importa qual seja a realidade da situação, não achei uma boa ideia deixar uma arma totalmente equipada e acessível a qualquer pessoa.

Pegando a vela com a mão livre, voltei para a sala de estar. Minha torrada estava gelada até então, mas eu me obriguei a comer e depois bebi um pouco mais de água. Coloquei a arma na mesa de café, fácil acesso, caso eu precisasse.

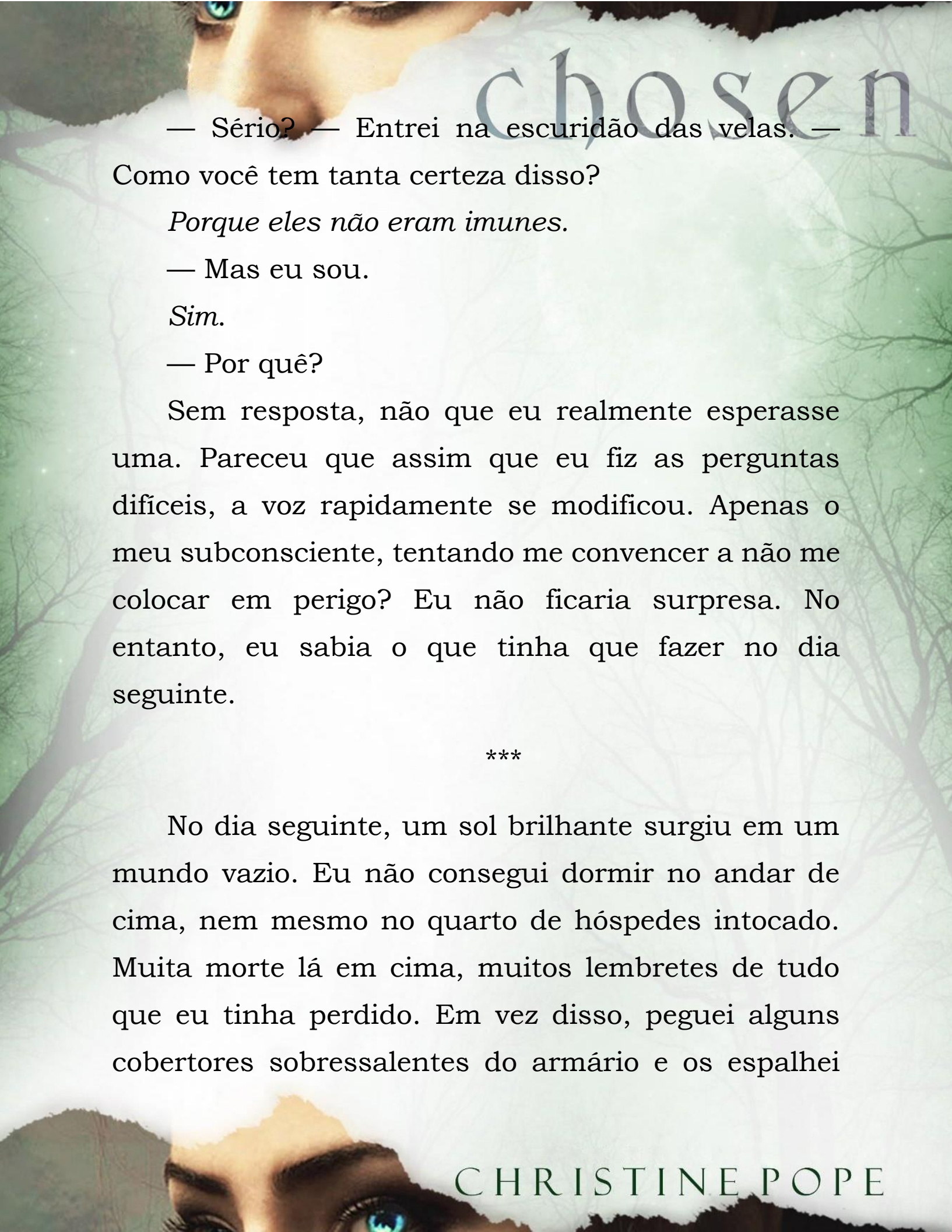
E então, me encostei na parte de trás do sofá e fechei os olhos, me perguntando o que diabos eu

CHRISTINE POPE

deveria fazer a seguir. Minha família inteira se foi, eu tinha dois avós ainda vivendo, mas não tinha motivos para acreditar que eles não haviam sofrido o mesmo destino que meus pais e irmão. Três primos, tia e tio, todos do lado da minha mãe; meu pai era filho único. Poderia essa imunidade estranha que parecia estar me protegendo, de alguma forma protegia alguma delas? Tio Jeremy e tia Susan também moravam aqui em Albuquerque, então não seria difícil tentar vê-los amanhã, depois que o sol nascesse. De jeito nenhum eu me aventuraria lá fora no escuro.

Talvez não tenha sido a melhor ideia, uma tarefa tola, como meu pai poderia ter dito. Mas era a única coisa que eu pensava em tentar. Havia minhas amigas também... Tori, Brittany e Elena. Eu não tinha motivos para acreditar que não haviam sofrido o mesmo destino que todos os outros, mas, novamente, eu nunca me perdoaria se não tentasse descobrir o que havia acontecido com elas.

Não tem sentido. Todos se foram.



Chosen

— Sêrio? — Entrei na escuridão das velas. —

Como você tem tanta certeza disso?

Porque eles não eram imunes.

— Mas eu sou.

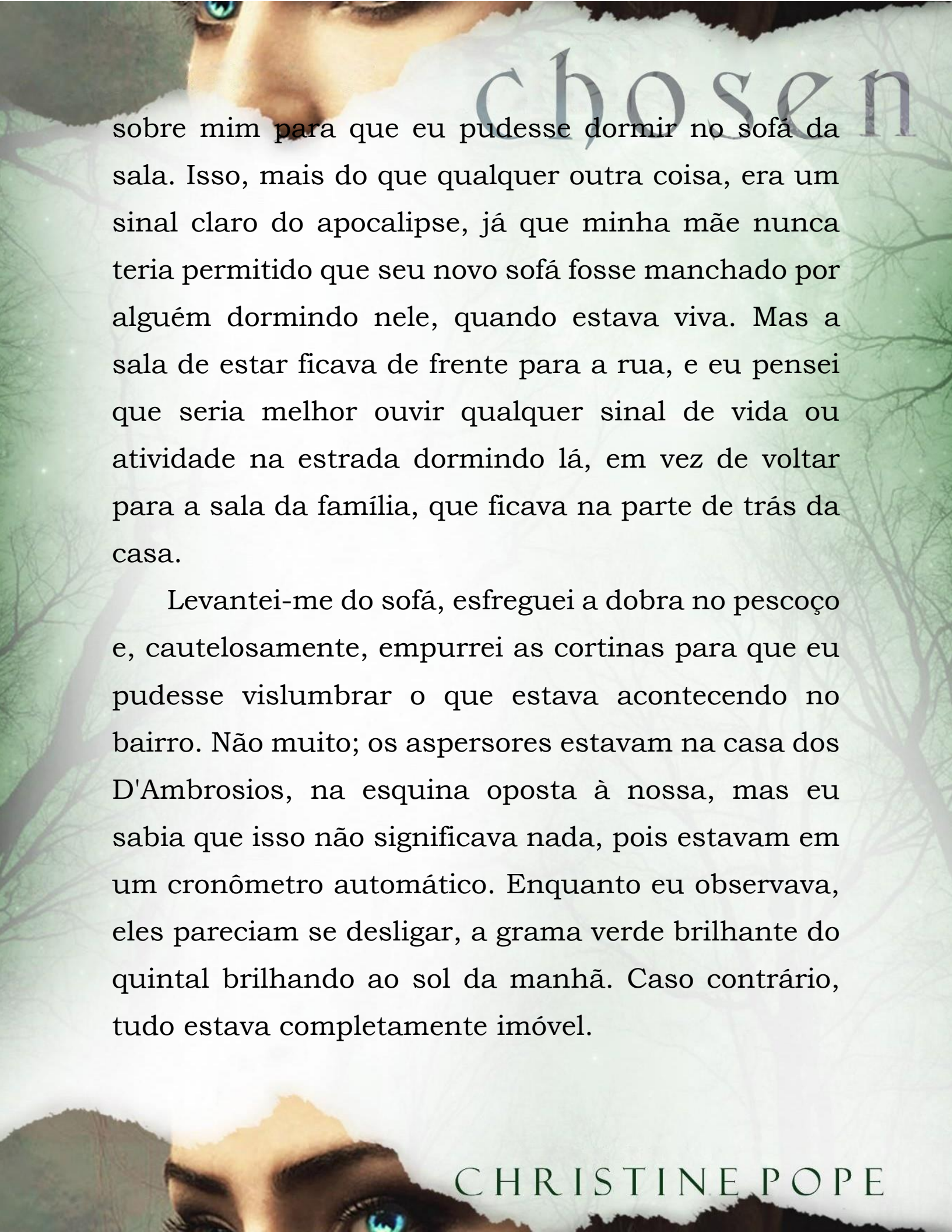
Sim.

— Por quê?

Sem resposta, não que eu realmente esperasse uma. Pareceu que assim que eu fiz as perguntas difíceis, a voz rapidamente se modificou. Apenas o meu subconsciente, tentando me convencer a não me colocar em perigo? Eu não ficaria surpresa. No entanto, eu sabia o que tinha que fazer no dia seguinte.

No dia seguinte, um sol brilhante surgiu em um mundo vazio. Eu não consegui dormir no andar de cima, nem mesmo no quarto de hóspedes intocado. Muita morte lá em cima, muitos lembretes de tudo que eu tinha perdido. Em vez disso, peguei alguns cobertores sobressalentes do armário e os espalhei

CHRISTINE POPE

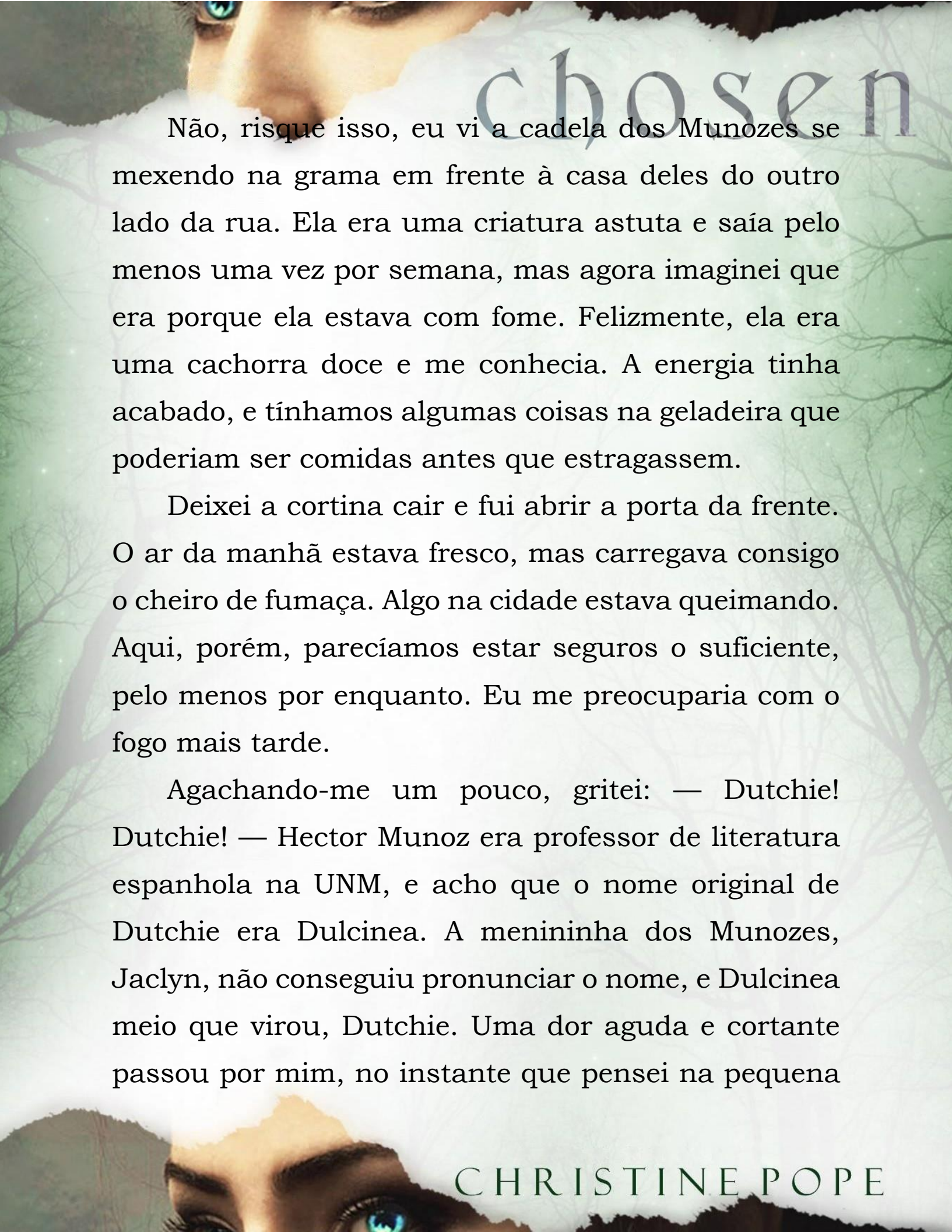


chosen

sobre mim para que eu pudesse dormir no sofá da sala. Isso, mais do que qualquer outra coisa, era um sinal claro do apocalipse, já que minha mãe nunca teria permitido que seu novo sofá fosse manchado por alguém dormindo nele, quando estava viva. Mas a sala de estar ficava de frente para a rua, e eu pensei que seria melhor ouvir qualquer sinal de vida ou atividade na estrada dormindo lá, em vez de voltar para a sala da família, que ficava na parte de trás da casa.

Levantei-me do sofá, esfreguei a dobra no pescoço e, cautelosamente, empurrei as cortinas para que eu pudesse vislumbrar o que estava acontecendo no bairro. Não muito; os aspersores estavam na casa dos D'Ambrosios, na esquina oposta à nossa, mas eu sabia que isso não significava nada, pois estavam em um cronômetro automático. Enquanto eu observava, eles pareciam se desligar, a grama verde brilhante do quintal brilhando ao sol da manhã. Caso contrário, tudo estava completamente imóvel.

CHRISTINE POPE



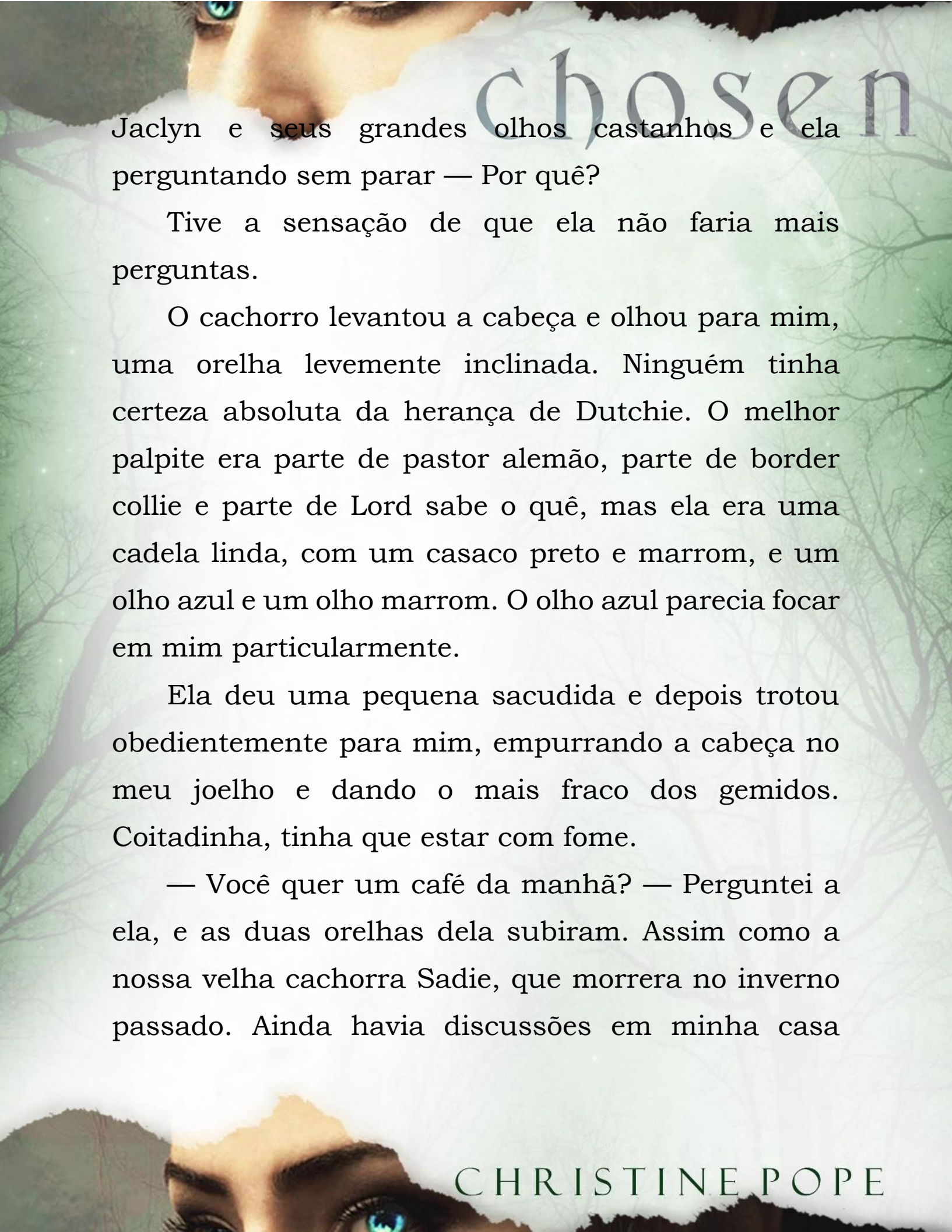
Chosen

Não, risque isso, eu vi a cadela dos Munozes se mexendo na grama em frente à casa deles do outro lado da rua. Ela era uma criatura astuta e saía pelo menos uma vez por semana, mas agora imaginei que era porque ela estava com fome. Felizmente, ela era uma cachorra doce e me conhecia. A energia tinha acabado, e tínhamos algumas coisas na geladeira que poderiam ser comidas antes que estragassem.

Deixei a cortina cair e fui abrir a porta da frente. O ar da manhã estava fresco, mas carregava consigo o cheiro de fumaça. Algo na cidade estava queimando. Aqui, porém, parecíamos estar seguros o suficiente, pelo menos por enquanto. Eu me preocuparia com o fogo mais tarde.

Agachando-me um pouco, gritei: — Dutchie! Dutchie! — Hector Munoz era professor de literatura espanhola na UNM, e acho que o nome original de Dutchie era Dulcinea. A menininha dos Munozes, Jaclyn, não conseguiu pronunciar o nome, e Dulcinea meio que virou, Dutchie. Uma dor aguda e cortante passou por mim, no instante que pensei na pequena

CHRISTINE POPE



Chosen

Jaclyn e seus grandes olhos castanhos e ela perguntando sem parar — Por quê?

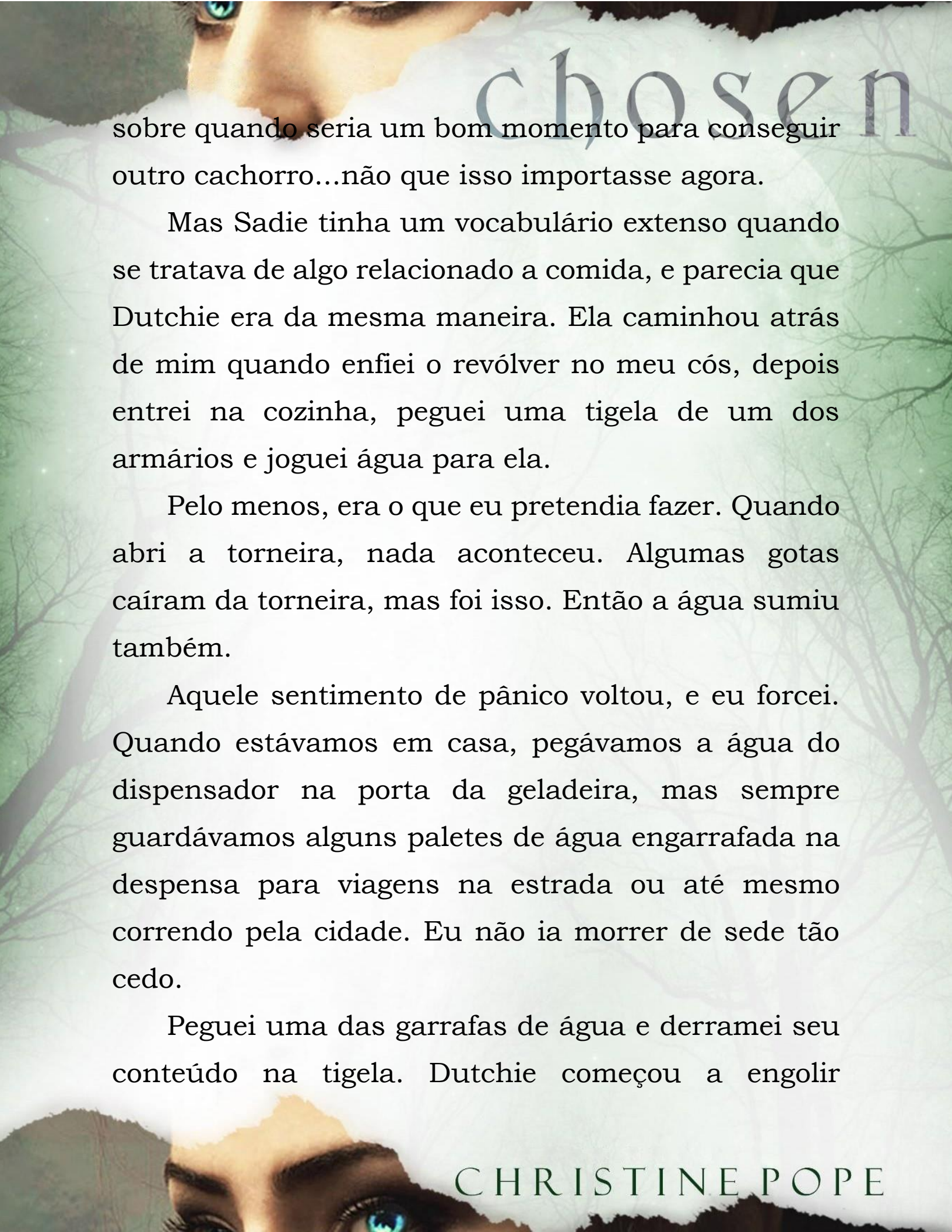
Tive a sensação de que ela não faria mais perguntas.

O cachorro levantou a cabeça e olhou para mim, uma orelha levemente inclinada. Ninguém tinha certeza absoluta da herança de Dutchie. O melhor palpite era parte de pastor alemão, parte de border collie e parte de Lord sabe o quê, mas ela era uma cadela linda, com um casaco preto e marrom, e um olho azul e um olho marrom. O olho azul parecia focar em mim particularmente.

Ela deu uma pequena sacudida e depois trotou obedientemente para mim, empurrando a cabeça no meu joelho e dando o mais fraco dos gemidos. Coitadinha, tinha que estar com fome.

— Você quer um café da manhã? — Perguntei a ela, e as duas orelhas dela subiram. Assim como a nossa velha cachorra Sadie, que morrera no inverno passado. Ainda havia discussões em minha casa

CHRISTINE POPE



Chosen

sobre quando seria um bom momento para conseguir outro cachorro...não que isso importasse agora.

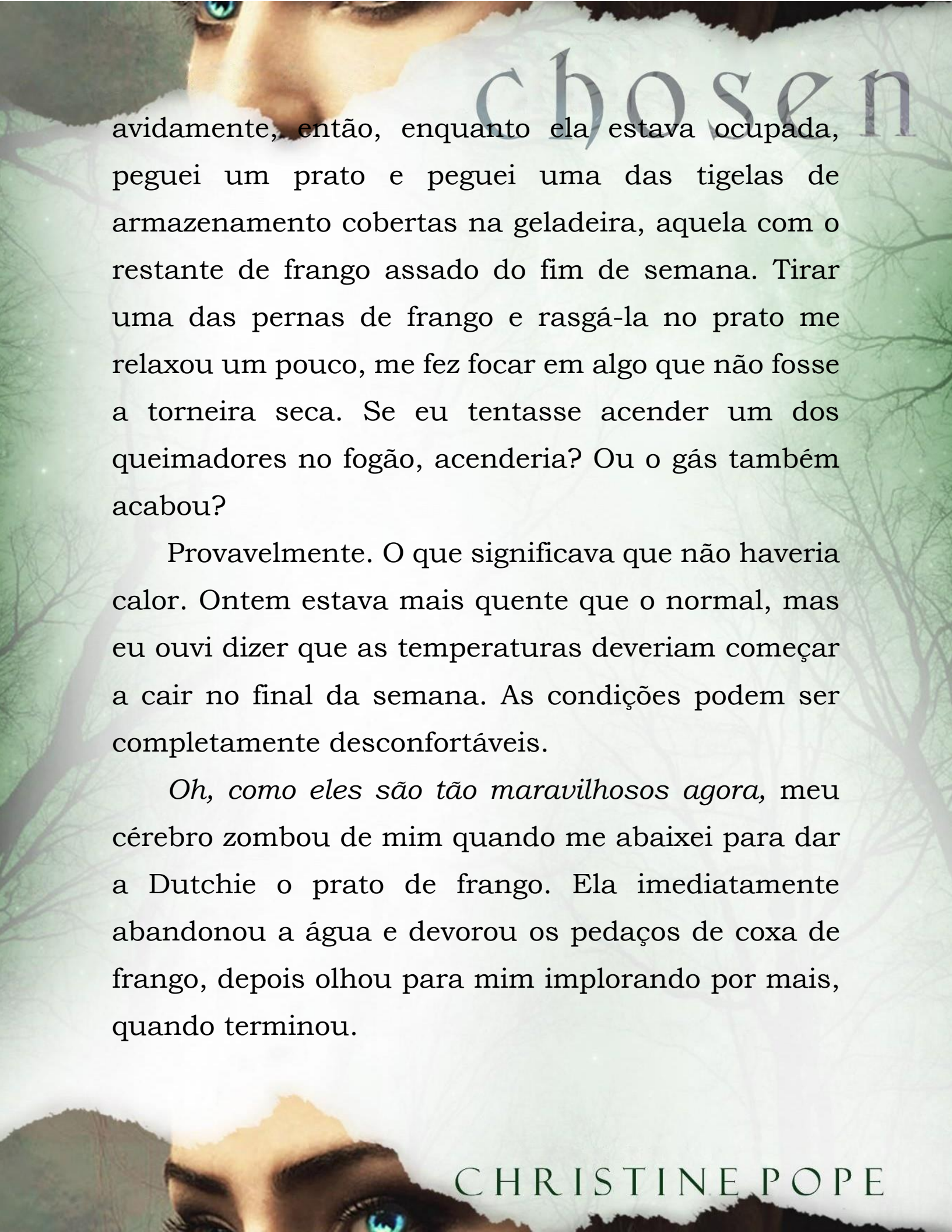
Mas Sadie tinha um vocabulário extenso quando se tratava de algo relacionado a comida, e parecia que Dutchie era da mesma maneira. Ela caminhou atrás de mim quando enfiei o revólver no meu cós, depois entrei na cozinha, peguei uma tigela de um dos armários e joguei água para ela.

Pelo menos, era o que eu pretendia fazer. Quando abri a torneira, nada aconteceu. Algumas gotas caíram da torneira, mas foi isso. Então a água sumiu também.

Aquele sentimento de pânico voltou, e eu forcei. Quando estávamos em casa, pegávamos a água do dispensador na porta da geladeira, mas sempre guardávamos alguns paletes de água engarrafada na despensa para viagens na estrada ou até mesmo correndo pela cidade. Eu não ia morrer de sede tão cedo.

Peguei uma das garrafas de água e derramei seu conteúdo na tigela. Dutchie começou a engolir

CHRISTINE POPE



chosen

avidamente, então, enquanto ela estava ocupada, peguei um prato e peguei uma das tigelas de armazenamento cobertas na geladeira, aquela com o restante de frango assado do fim de semana. Tirar uma das pernas de frango e rasgá-la no prato me relaxou um pouco, me fez focar em algo que não fosse a torneira seca. Se eu tentasse acender um dos queimadores no fogão, acenderia? Ou o gás também acabou?

Provavelmente. O que significava que não haveria calor. Ontem estava mais quente que o normal, mas eu ouvi dizer que as temperaturas deveriam começar a cair no final da semana. As condições podem ser completamente desconfortáveis.

Oh, como eles são tão maravilhosos agora, meu cérebro zombou de mim quando me abaixei para dar a Dutchie o prato de frango. Ela imediatamente abandonou a água e devorou os pedaços de coxa de frango, depois olhou para mim implorando por mais, quando terminou.

CHRISTINE POPE

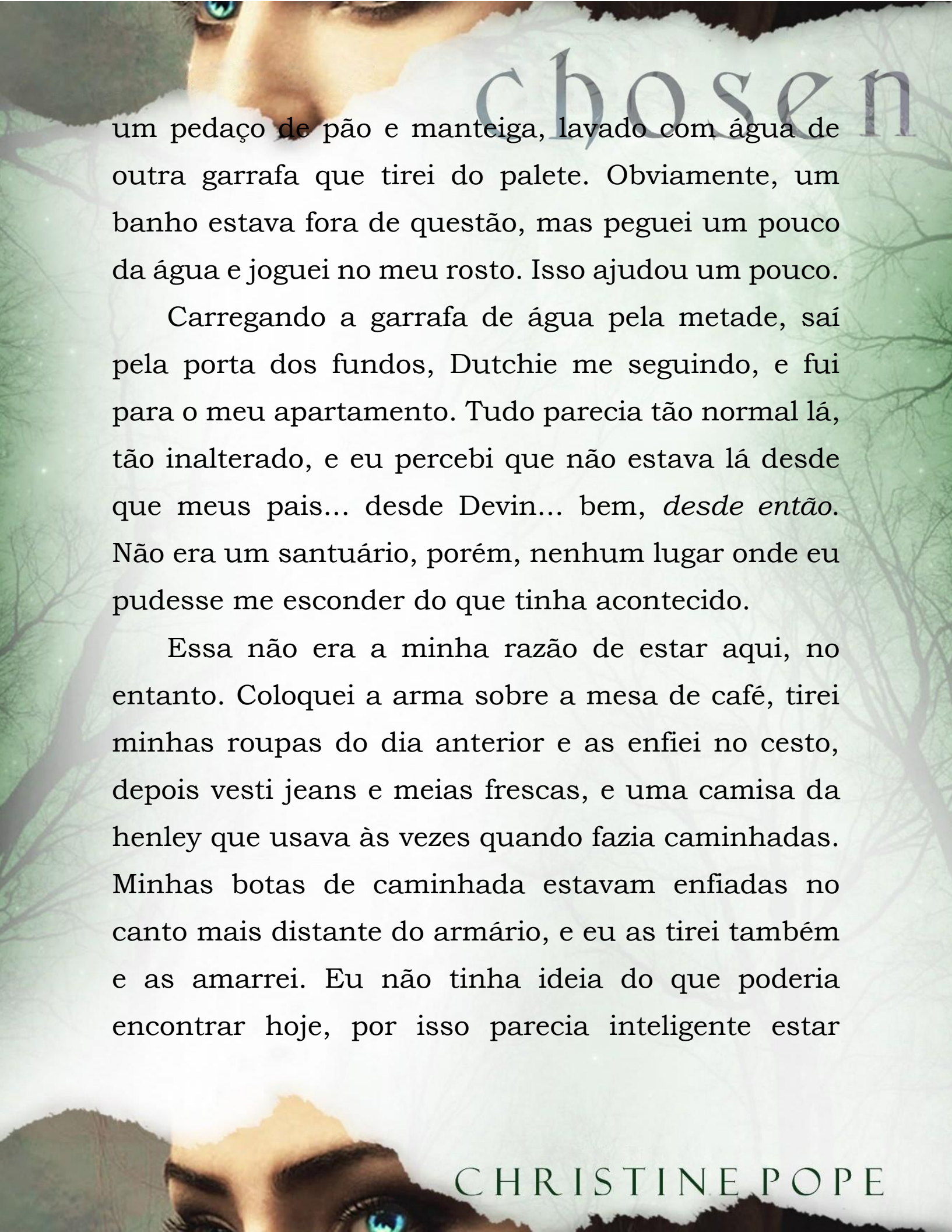
— Não há mais, sua porquinha. — Falei com um pouco de carinho, estendendo a mão para coçá-la atrás das orelhas. Seu pelo era macio e sedoso, e infinitamente reconfortante. De alguma forma, tudo não parecia tão ruim se eu pudesse ter Dutchie comigo.

Ela choramingou, e eu lembrei que ainda tínhamos alguns petiscos de cachorro sobrando na prateleira mais alta da despensa, depois que Sadie morreu. Saí do banquinho, subi e as peguei. Dutchie assistiu todo o procedimento, abanando a cauda, e dei a ela um dos biscoitos.

— Melhor? — Perguntei.

Sem resposta, é claro, mas imaginei que ela estava agachada no tapete da cozinha, mastigando o biscoito, abanando a cauda, me disse tudo o que eu precisava saber.

Tudo certo. Então eu tinha alguma companhia. Agora eu tinha que me cuidar. Meu apetite ainda não estava em nenhum lugar em evidência, mas também servi um pouco do frango que restava, depois comi



chosen

um pedaço de pão e manteiga, lavado com água de outra garrafa que tirei do palete. Obviamente, um banho estava fora de questão, mas peguei um pouco da água e joguei no meu rosto. Isso ajudou um pouco.

Carregando a garrafa de água pela metade, saí pela porta dos fundos, Dutchie me seguindo, e fui para o meu apartamento. Tudo parecia tão normal lá, tão inalterado, e eu percebi que não estava lá desde que meus pais... desde Devin... bem, *desde então*. Não era um santuário, porém, nenhum lugar onde eu pudesse me esconder do que tinha acontecido.

Essa não era a minha razão de estar aqui, no entanto. Coloquei a arma sobre a mesa de café, tirei minhas roupas do dia anterior e as enfiei no cesto, depois vesti jeans e meias frescas, e uma camisa da henley que usava às vezes quando fazia caminhadas. Minhas botas de caminhada estavam enfiadas no canto mais distante do armário, e eu as tirei também e as amarrei. Eu não tinha ideia do que poderia encontrar hoje, por isso parecia inteligente estar

CHRISTINE POPE

vestindo roupas confortáveis e úteis, o tipo de coisa que não atrapalhava.

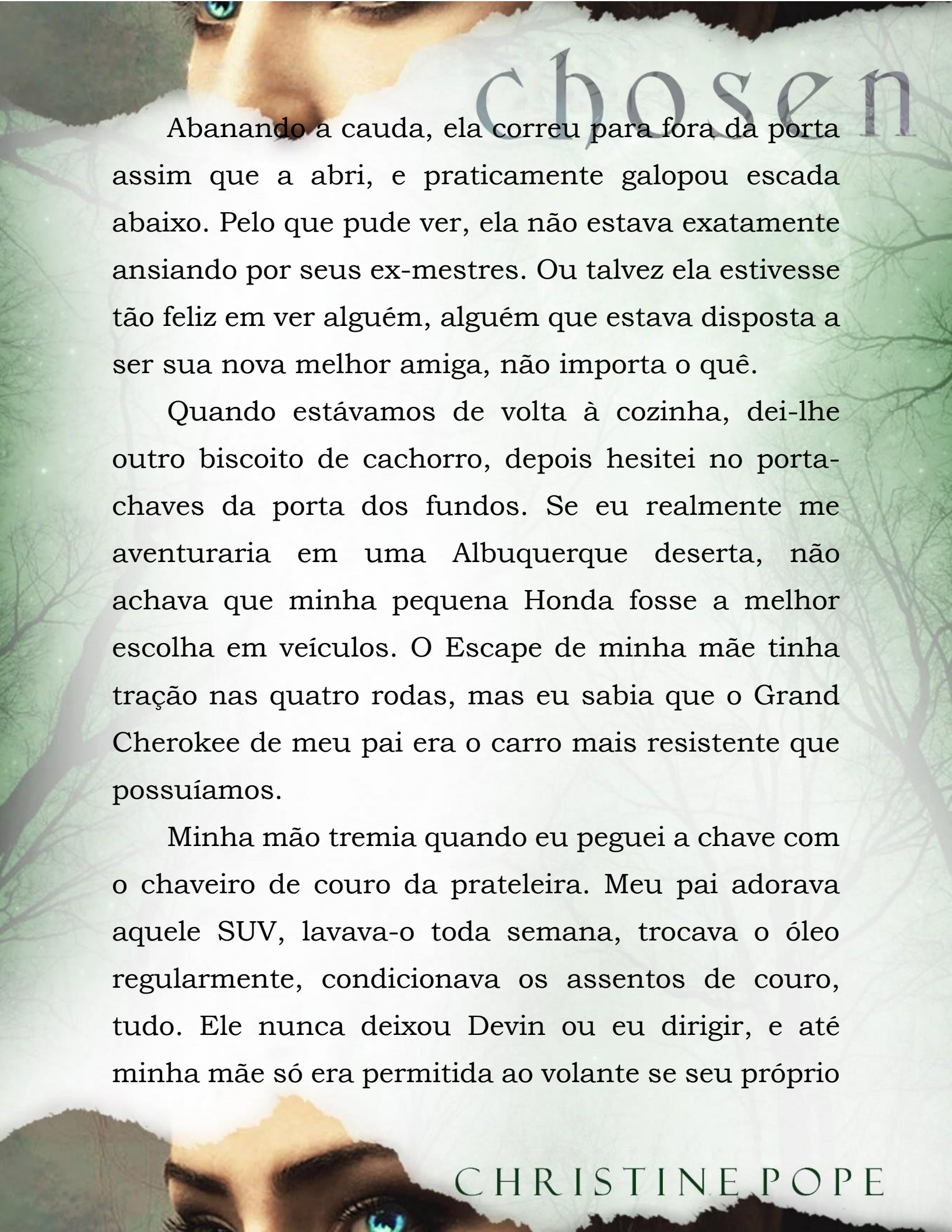
Falando nisso.

Fui para o banheiro, escovei meu cabelo e puxei-o para trás com um elástico. Depois, escovei os dentes, poupando a água engarrafada o máximo que pude. Não fazia sentido usar maquiagem, mas coloquei um protetor labial colorido porque o tempo estava seco e eles pareciam ressecados.

Durante tudo isso, Dutchie sentou no meio da minha pequena sala de estar e me observou. Depois que tirei minha carteira da bolsa e a coloquei no bolso, depois enfiei o S&W de volta na cintura, parei e perguntei: — Estou louca por fazer isso?

Ela inclinou a cabeça para um lado, com os olhos incompatíveis brilhando. Aparentemente, ela não tinha uma opinião sobre meus preparativos, mas provavelmente estava esperando outro biscoito de cachorro quando voltamos para a cozinha.

— Tudo bem, — eu disse a ela. — Verei o que posso fazer.



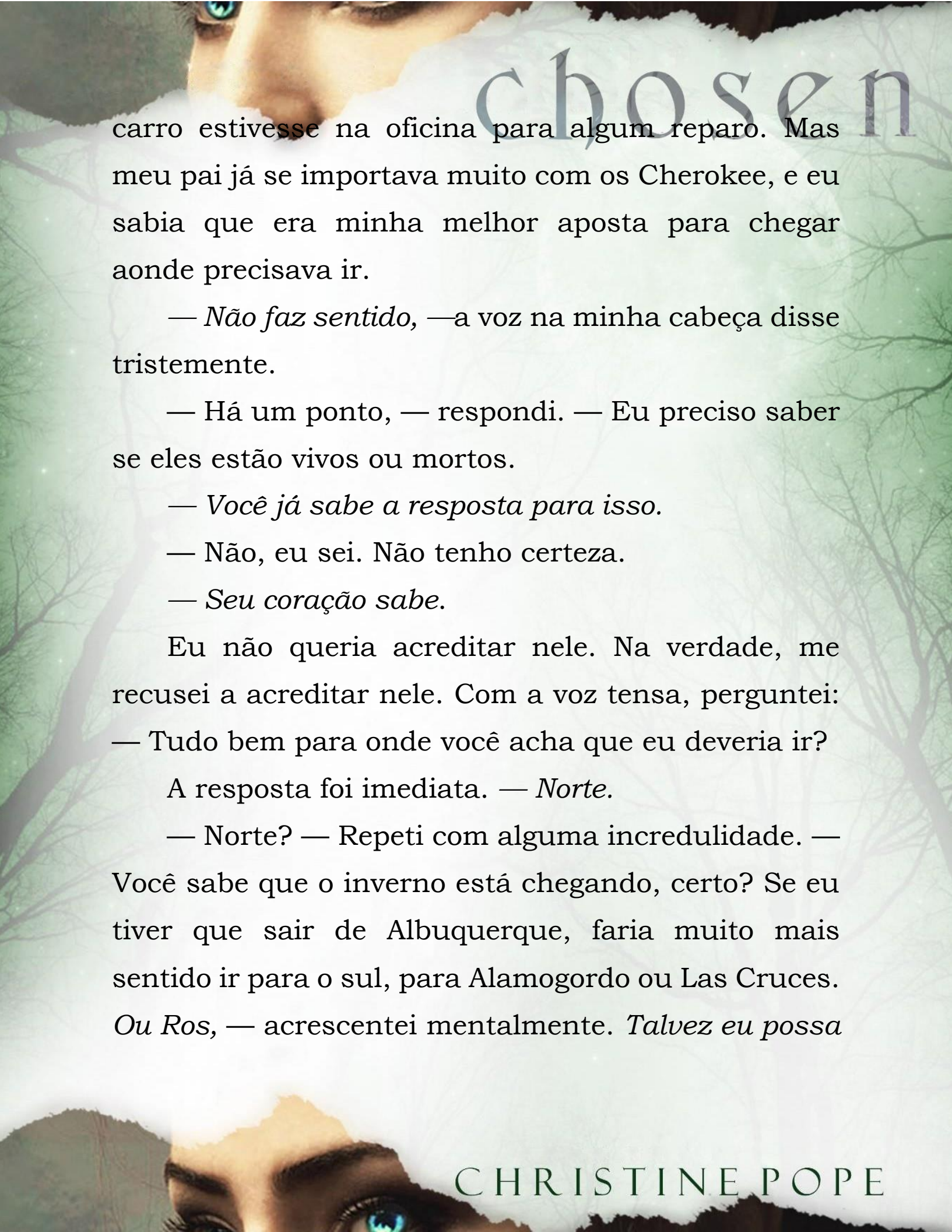
chosen

Abanando a cauda, ela correu para fora da porta assim que a abri, e praticamente galopou escada abaixo. Pelo que pude ver, ela não estava exatamente ansiando por seus ex-mestres. Ou talvez ela estivesse tão feliz em ver alguém, alguém que estava disposta a ser sua nova melhor amiga, não importa o quê.

Quando estávamos de volta à cozinha, dei-lhe outro biscoito de cachorro, depois hesitei no portachaves da porta dos fundos. Se eu realmente me aventuraria em uma Albuquerque deserta, não achava que minha pequena Honda fosse a melhor escolha em veículos. O Escape de minha mãe tinha tração nas quatro rodas, mas eu sabia que o Grand Cherokee de meu pai era o carro mais resistente que possuíamos.

Minha mão tremia quando eu peguei a chave com o chaveiro de couro da prateleira. Meu pai adorava aquele SUV, lavava-o toda semana, trocava o óleo regularmente, condicionava os assentos de couro, tudo. Ele nunca deixou Devin ou eu dirigir, e até minha mãe só era permitida ao volante se seu próprio

CHRISTINE POPE



chosen

carro estivesse na oficina para algum reparo. Mas meu pai já se importava muito com os Cherokee, e eu sabia que era minha melhor aposta para chegar aonde precisava ir.

— *Não faz sentido*, — a voz na minha cabeça disse tristemente.

— Há um ponto, — respondi. — Eu preciso saber se eles estão vivos ou mortos.

— *Você já sabe a resposta para isso.*

— Não, eu sei. Não tenho certeza.

— *Seu coração sabe.*

Eu não queria acreditar nele. Na verdade, me recusei a acreditar nele. Com a voz tensa, perguntei: — Tudo bem para onde você acha que eu deveria ir?

A resposta foi imediata. — *Norte.*

— Norte? — Repeti com alguma incredulidade. — Você sabe que o inverno está chegando, certo? Se eu tiver que sair de Albuquerque, faria muito mais sentido ir para o sul, para Alamogordo ou Las Cruces. *Ou Ros*, — acrescentei mentalmente. *Talvez eu possa*

CHRISTINE POPE

ir lá e levantar o polegar, ver se os alienígenas podem me dar uma carona daqui.

— Norte. — A voz parecia implacável.

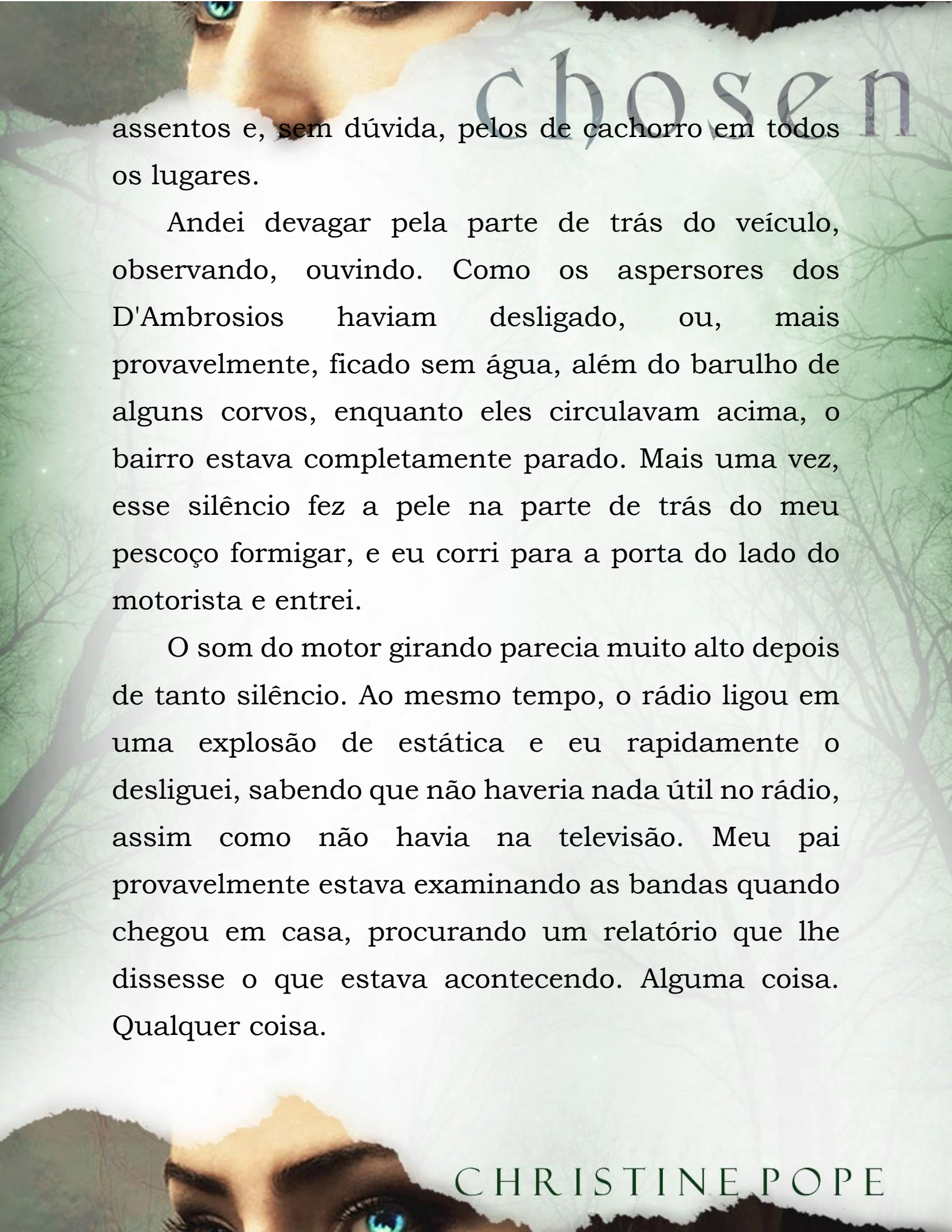
— Bem, ponderarei isso, — eu disse levemente. — Por enquanto, porém, tenho alguns amigos e familiares para verificar.

— *É um erro.*

— Então será *meu* erro. Vamos, Dutchie.

Eu já tinha começado a discutir com as vozes na minha cabeça? Com certeza parecia assim.

O cachorro correu atrás de mim quando eu saí pela porta dos fundos e fui até a entrada. Ainda bem que eu decidi pelo Cherokee, pois ele estava bloqueando o carro da minha mãe. Eu fui até o lado do passageiro e abri a porta. Dutchie nem precisava de um convite ela pulou para dentro, os olhos brilhando, os ouvidos para cima. Suas garras deslizaram um pouco no assento de couro, e estremeci. Eu tinha que esperar que meu pai realmente tivesse ido para um lugar melhor, onde ele não pudesse ver seu SUV premiado arranhando os



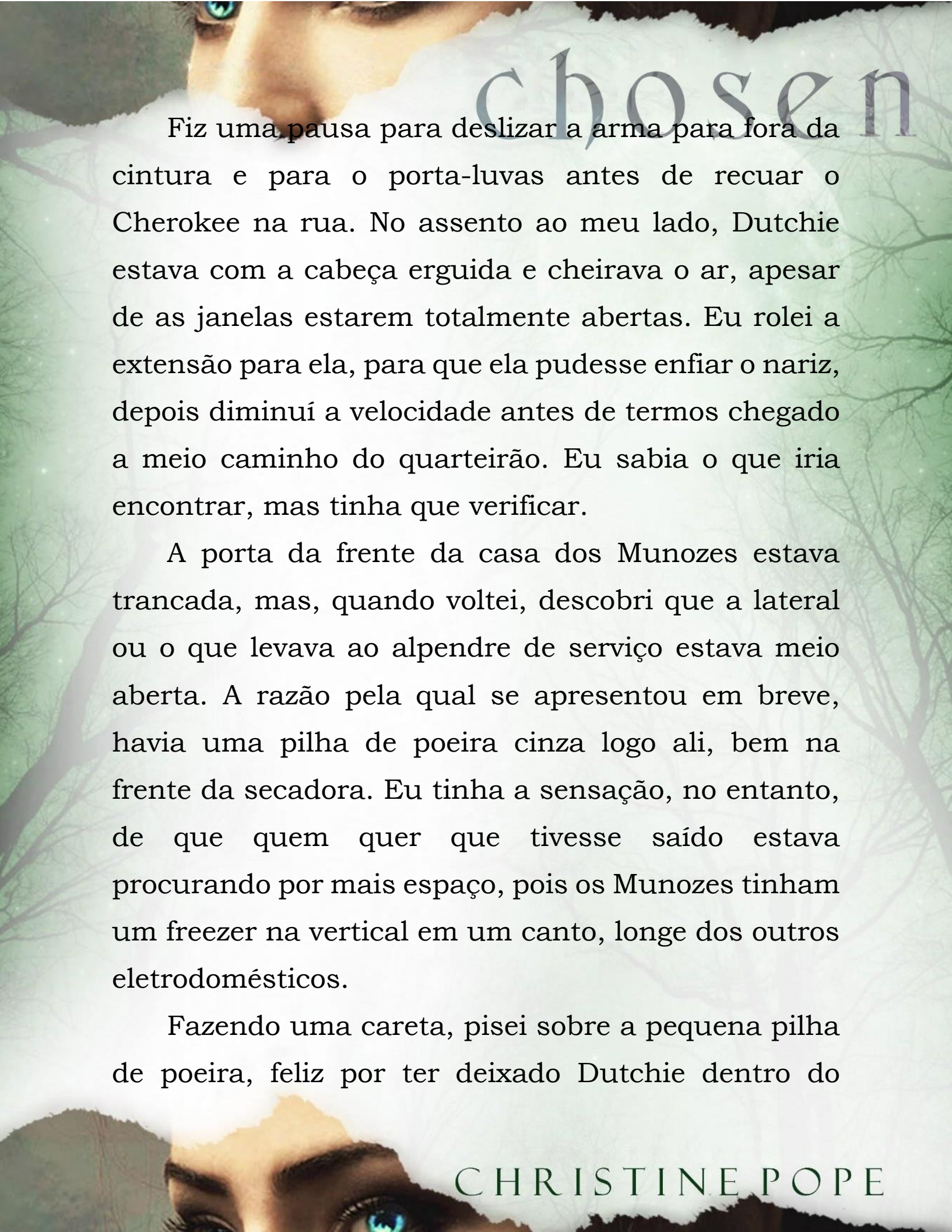
Chosen

assentos e, sem dúvida, pelos de cachorro em todos os lugares.

Andei devagar pela parte de trás do veículo, observando, ouvindo. Como os aspersores dos D'Ambrosios haviam desligado, ou, mais provavelmente, ficado sem água, além do barulho de alguns corvos, enquanto eles circulavam acima, o bairro estava completamente parado. Mais uma vez, esse silêncio fez a pele na parte de trás do meu pescoço formigar, e eu corri para a porta do lado do motorista e entrei.

O som do motor girando parecia muito alto depois de tanto silêncio. Ao mesmo tempo, o rádio ligou em uma explosão de estática e eu rapidamente o desliguei, sabendo que não haveria nada útil no rádio, assim como não havia na televisão. Meu pai provavelmente estava examinando as bandas quando chegou em casa, procurando um relatório que lhe dissesse o que estava acontecendo. Alguma coisa. Qualquer coisa.

CHRISTINE POPE



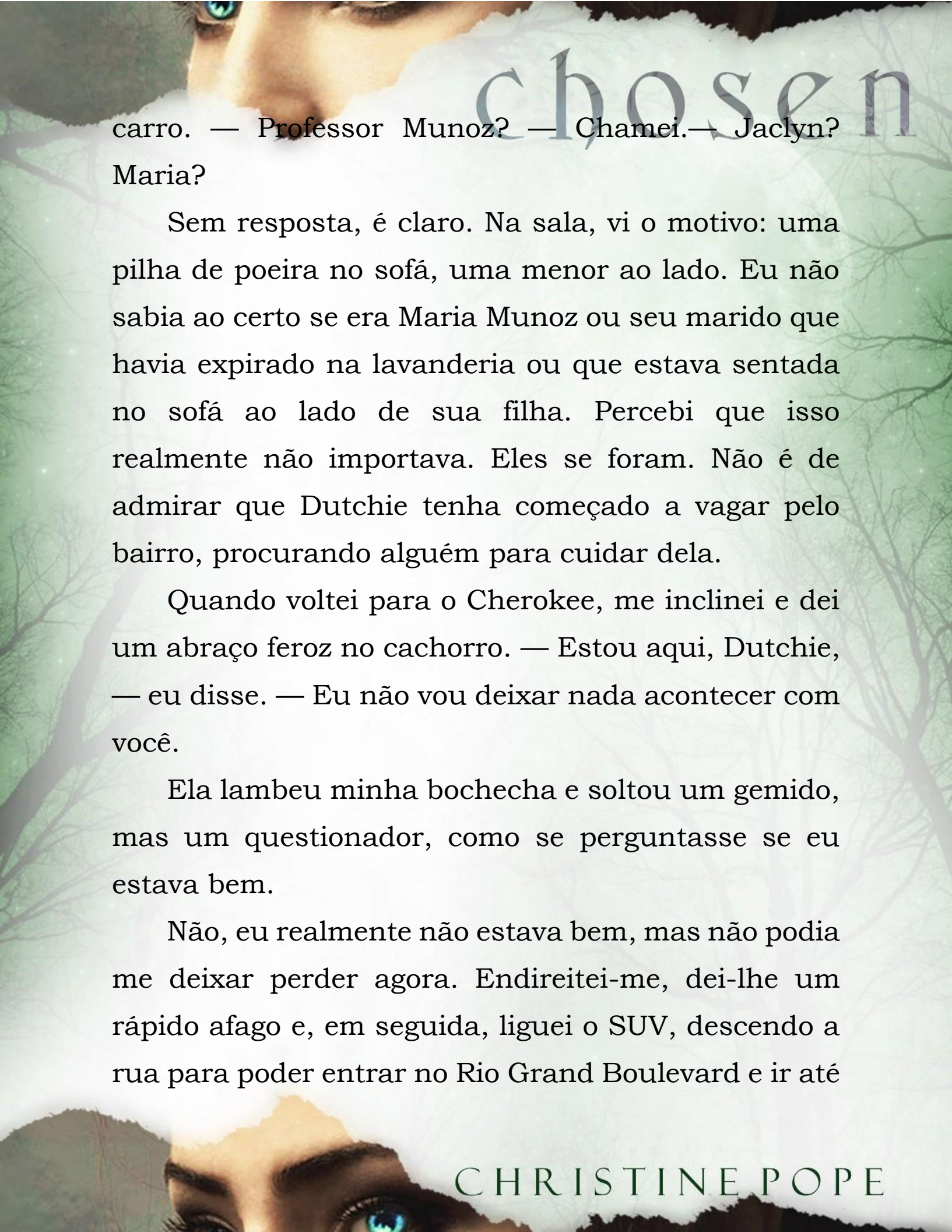
chosen

Fiz uma pausa para deslizar a arma para fora da cintura e para o porta-luvas antes de recuar o Cherokee na rua. No assento ao meu lado, Dutchie estava com a cabeça erguida e cheirava o ar, apesar de as janelas estarem totalmente abertas. Eu rolei a extensão para ela, para que ela pudesse enfiar o nariz, depois diminuí a velocidade antes de termos chegado a meio caminho do quarteirão. Eu sabia o que iria encontrar, mas tinha que verificar.

A porta da frente da casa dos Munozes estava trancada, mas, quando voltei, descobri que a lateral ou o que levava ao alpendre de serviço estava meio aberta. A razão pela qual se apresentou em breve, havia uma pilha de poeira cinza logo ali, bem na frente da secadora. Eu tinha a sensação, no entanto, de que quem quer que tivesse saído estava procurando por mais espaço, pois os Munozes tinham um freezer na vertical em um canto, longe dos outros eletrodomésticos.

Fazendo uma careta, pisei sobre a pequena pilha de poeira, feliz por ter deixado Dutchie dentro do

CHRISTINE POPE



carro. — Professor Munoz? — Chamei. — Jaclyn? Maria?

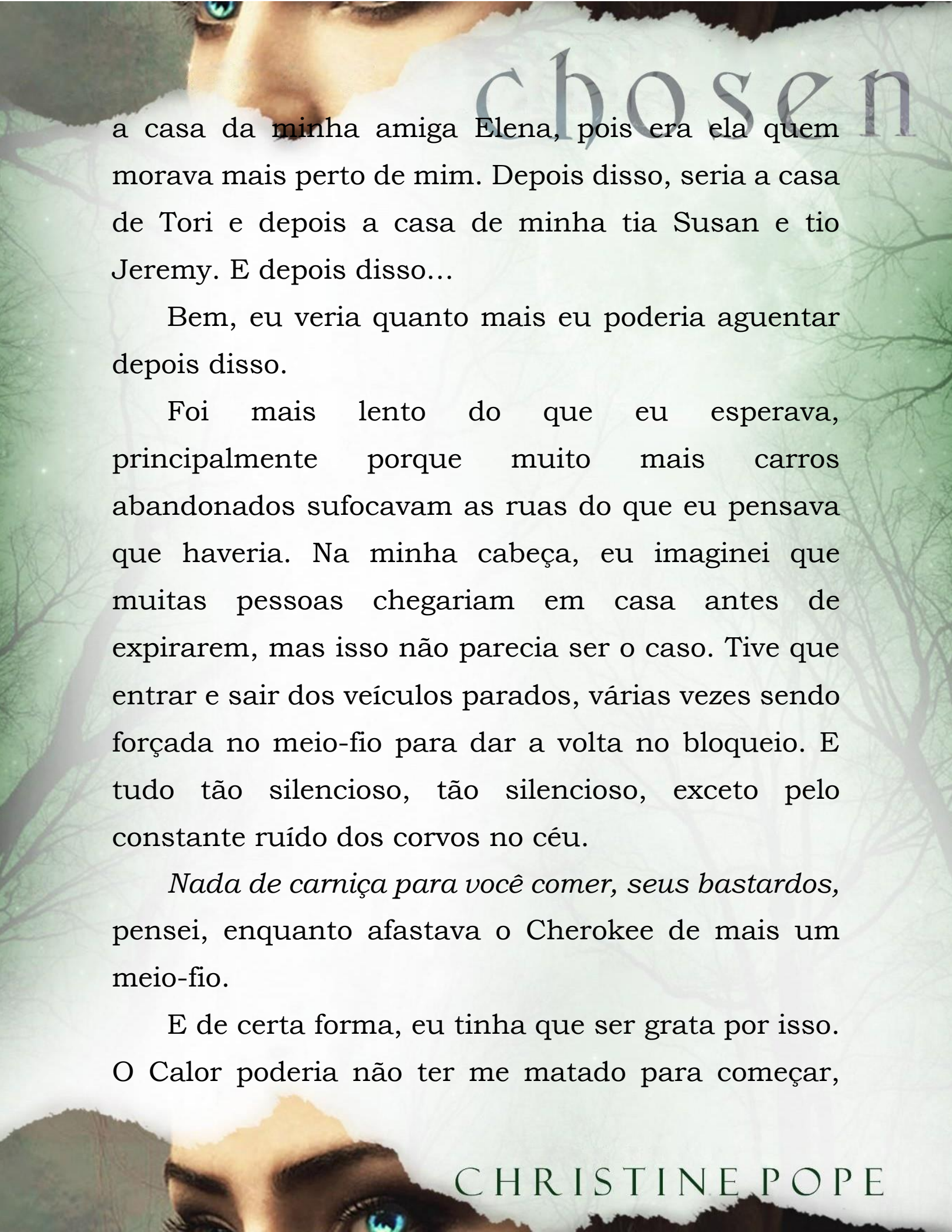
Sem resposta, é claro. Na sala, vi o motivo: uma pilha de poeira no sofá, uma menor ao lado. Eu não sabia ao certo se era Maria Munoz ou seu marido que havia expirado na lavanderia ou que estava sentada no sofá ao lado de sua filha. Percebi que isso realmente não importava. Eles se foram. Não é de admirar que Dutchie tenha começado a vagar pelo bairro, procurando alguém para cuidar dela.

Quando voltei para o Cherokee, me inclinei e dei um abraço feroz no cachorro. — Estou aqui, Dutchie, — eu disse. — Eu não vou deixar nada acontecer com você.

Ela lambeu minha bochecha e soltou um gemido, mas um questionador, como se perguntasse se eu estava bem.

Não, eu realmente não estava bem, mas não podia me deixar perder agora. Endireitei-me, dei-lhe um rápido afago e, em seguida, liguei o SUV, descendo a rua para poder entrar no Rio Grand Boulevard e ir até

CHRISTINE POPE



chosen

a casa da minha amiga Elena, pois era ela quem morava mais perto de mim. Depois disso, seria a casa de Tori e depois a casa de minha tia Susan e tio Jeremy. E depois disso...

Bem, eu veria quanto mais eu poderia aguentar depois disso.

Foi mais lento do que eu esperava, principalmente porque muito mais carros abandonados sufocavam as ruas do que eu pensava que haveria. Na minha cabeça, eu imaginei que muitas pessoas chegariam em casa antes de expirarem, mas isso não parecia ser o caso. Tive que entrar e sair dos veículos parados, várias vezes sendo forçada no meio-fio para dar a volta no bloqueio. E tudo tão silencioso, tão silencioso, exceto pelo constante ruído dos corvos no céu.

Nada de carniça para você comer, seus bastardos, pensei, enquanto afastava o Cherokee de mais um meio-fio.

E de certa forma, eu tinha que ser grata por isso. O Calor poderia não ter me matado para começar,

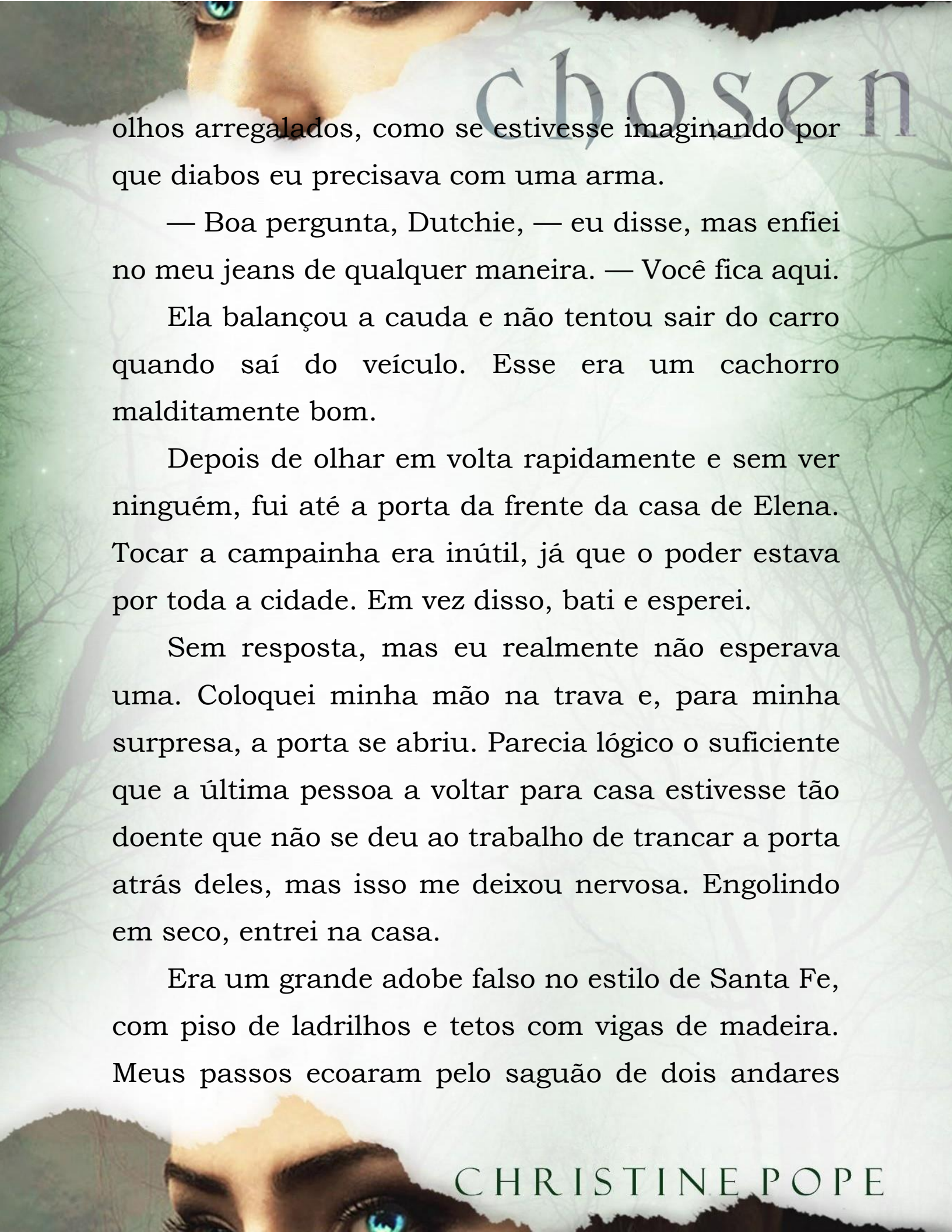
CHRISTINE POPE

mas se houvesse milhões de cadáveres deixados para trás depois que a doença fizesse seu trabalho, a febre tifoide ou a cólera certamente teriam terminado o trabalho.

Entrei na seção residencial onde Elena morava, feliz por ver que havia menos veículos bloqueando as ruas aqui. Mas ainda não via sinal de vida em lugar algum, nenhuma pessoa saindo de uma casa para me sinalizar, para me informar que pelo menos uma outra alma havia sobrevivido à praga que varria o mundo.

Ao contrário da minha casa, que sempre tinha uma entrada cheia e meu carro estacionado na calçada, Elena parecia intocada. Por outro lado, sua família tinha mais dinheiro, seu pai era advogado, e a casa deles tinha uma garagem para três carros. Não era incomum ver nenhuma evidência real de alguém estar em casa.

Parei o Cherokee, depois enfiei a mão no porta-luvas e peguei o revólver. Dutchie olhou para mim, de



Chosen

olhos arregalados, como se estivesse imaginando por que diabos eu precisava com uma arma.

— Boa pergunta, Dutchie, — eu disse, mas enfiei no meu jeans de qualquer maneira. — Você fica aqui.

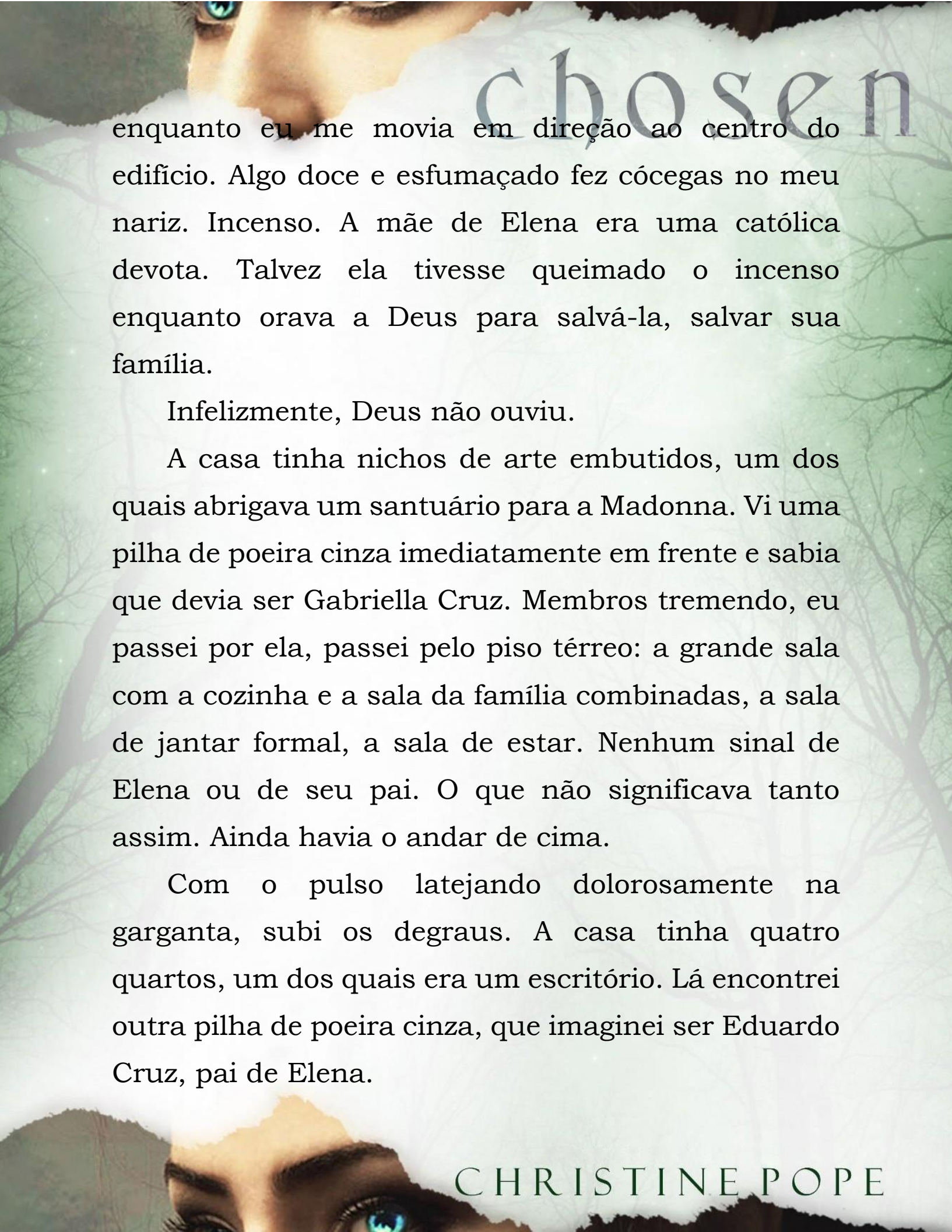
Ela balançou a cauda e não tentou sair do carro quando saí do veículo. Esse era um cachorro malditamente bom.

Depois de olhar em volta rapidamente e sem ver ninguém, fui até a porta da frente da casa de Elena. Tocar a campainha era inútil, já que o poder estava por toda a cidade. Em vez disso, bati e esperei.

Sem resposta, mas eu realmente não esperava uma. Coloquei minha mão na trava e, para minha surpresa, a porta se abriu. Parecia lógico o suficiente que a última pessoa a voltar para casa estivesse tão doente que não se deu ao trabalho de trancar a porta atrás deles, mas isso me deixou nervosa. Engolindo em seco, entrei na casa.

Era um grande adobe falso no estilo de Santa Fe, com piso de ladrilhos e tetos com vigas de madeira. Meus passos ecoaram pelo saguão de dois andares

CHRISTINE POPE



chosen

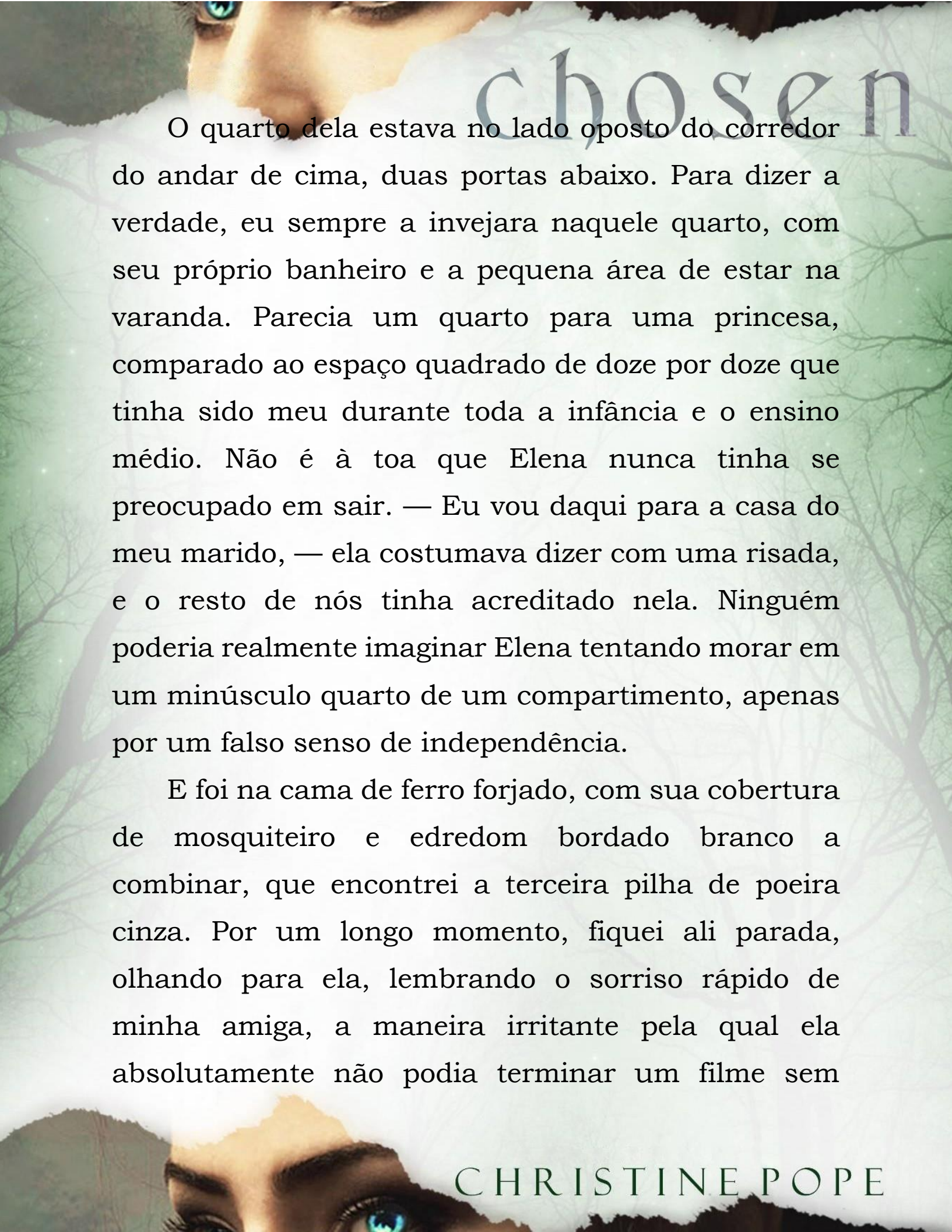
enquanto eu me movia em direção ao centro do edifício. Algo doce e esfumaçado fez cócegas no meu nariz. Incenso. A mãe de Elena era uma católica devota. Talvez ela tivesse queimado o incenso enquanto orava a Deus para salvá-la, salvar sua família.

Infelizmente, Deus não ouviu.

A casa tinha nichos de arte embutidos, um dos quais abrigava um santuário para a Madonna. Vi uma pilha de poeira cinza imediatamente em frente e sabia que devia ser Gabriella Cruz. Membros tremendo, eu passei por ela, passei pelo piso térreo: a grande sala com a cozinha e a sala da família combinadas, a sala de jantar formal, a sala de estar. Nenhum sinal de Elena ou de seu pai. O que não significava tanto assim. Ainda havia o andar de cima.

Com o pulso latejando dolorosamente na garganta, subi os degraus. A casa tinha quatro quartos, um dos quais era um escritório. Lá encontrei outra pilha de poeira cinza, que imaginei ser Eduardo Cruz, pai de Elena.

CHRISTINE POPE

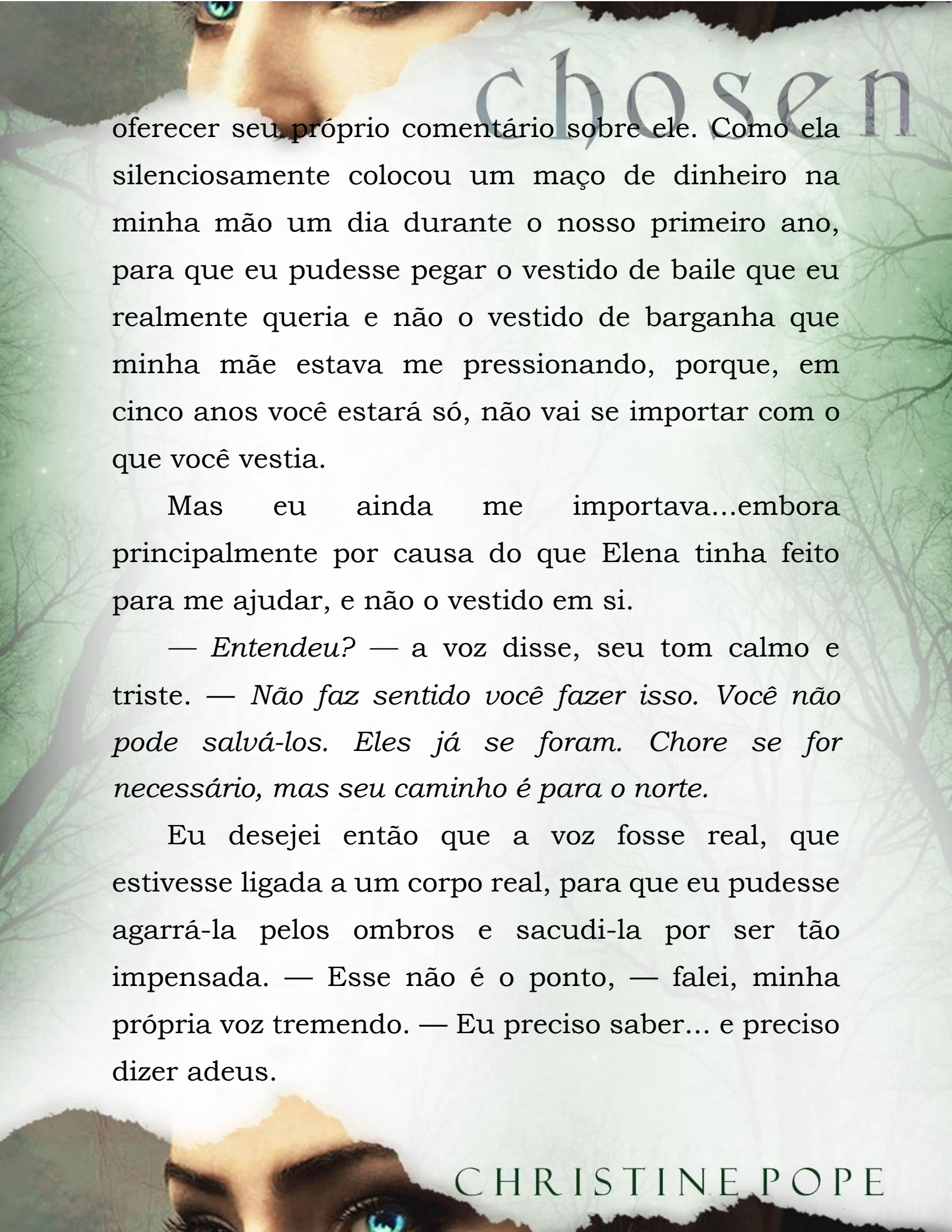


Chosen

O quarto dela estava no lado oposto do corredor do andar de cima, duas portas abaixo. Para dizer a verdade, eu sempre a invejara naquele quarto, com seu próprio banheiro e a pequena área de estar na varanda. Parecia um quarto para uma princesa, comparado ao espaço quadrado de doze por doze que tinha sido meu durante toda a infância e o ensino médio. Não é à toa que Elena nunca tinha se preocupado em sair. — Eu vou daqui para a casa do meu marido, — ela costumava dizer com uma risada, e o resto de nós tinha acreditado nela. Ninguém poderia realmente imaginar Elena tentando morar em um minúsculo quarto de um compartimento, apenas por um falso senso de independência.

E foi na cama de ferro forjado, com sua cobertura de mosquiteiro e edredom bordado branco a combinar, que encontrei a terceira pilha de poeira cinza. Por um longo momento, fiquei ali parada, olhando para ela, lembrando o sorriso rápido de minha amiga, a maneira irritante pela qual ela absolutamente não podia terminar um filme sem

CHRISTINE POPE



chosen

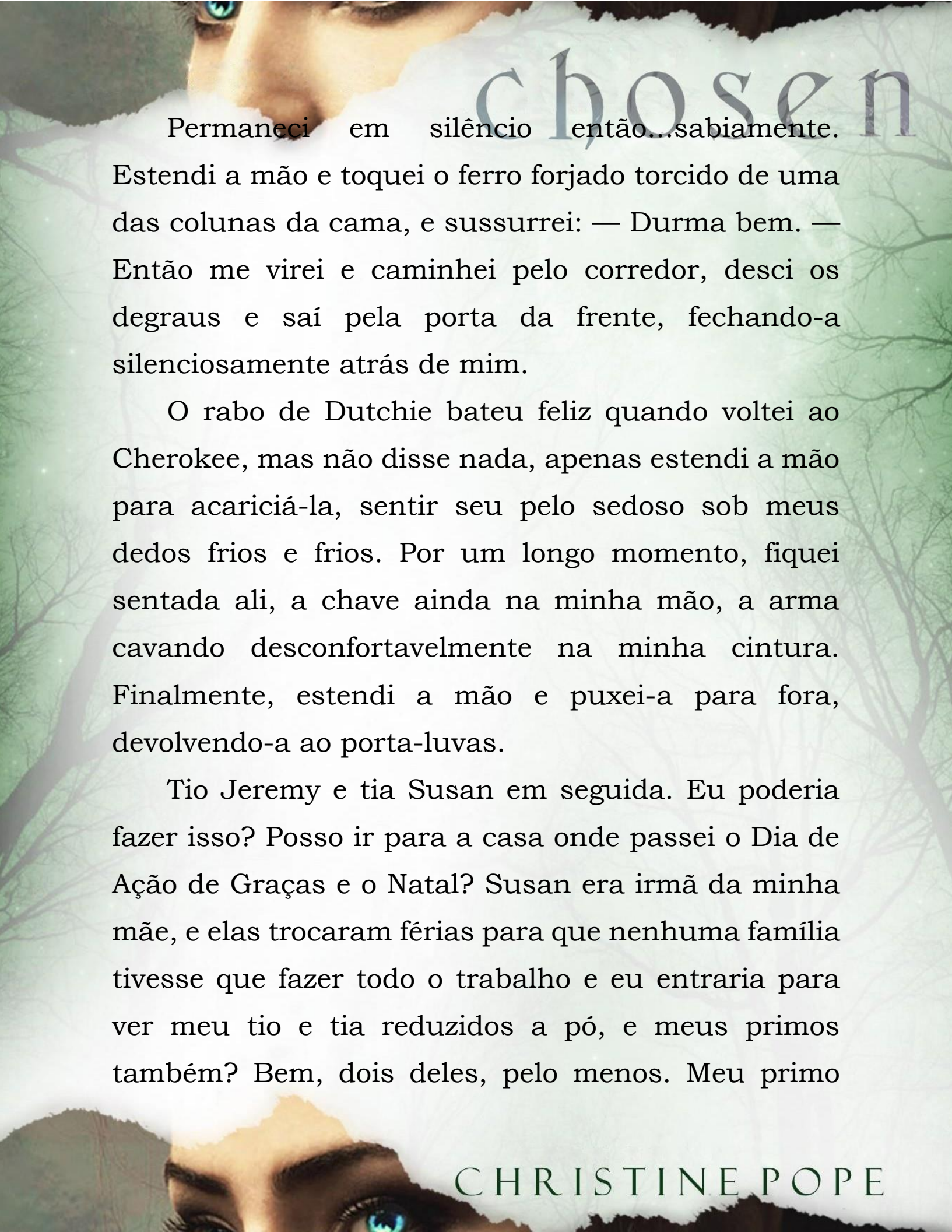
oferecer seu próprio comentário sobre ele. Como ela silenciosamente colocou um maço de dinheiro na minha mão um dia durante o nosso primeiro ano, para que eu pudesse pegar o vestido de baile que eu realmente queria e não o vestido de barganha que minha mãe estava me pressionando, porque, em cinco anos você estará só, não vai se importar com o que você vestia.

Mas eu ainda me importava...embora principalmente por causa do que Elena tinha feito para me ajudar, e não o vestido em si.

— *Entendeu?* — a voz disse, seu tom calmo e triste. — *Não faz sentido você fazer isso. Você não pode salvá-los. Eles já se foram. Chore se for necessário, mas seu caminho é para o norte.*

Eu desejei então que a voz fosse real, que estivesse ligada a um corpo real, para que eu pudesse agarrá-la pelos ombros e sacudi-la por ser tão impensada. — Esse não é o ponto, — falei, minha própria voz tremendo. — Eu preciso saber... e preciso dizer adeus.

CHRISTINE POPE



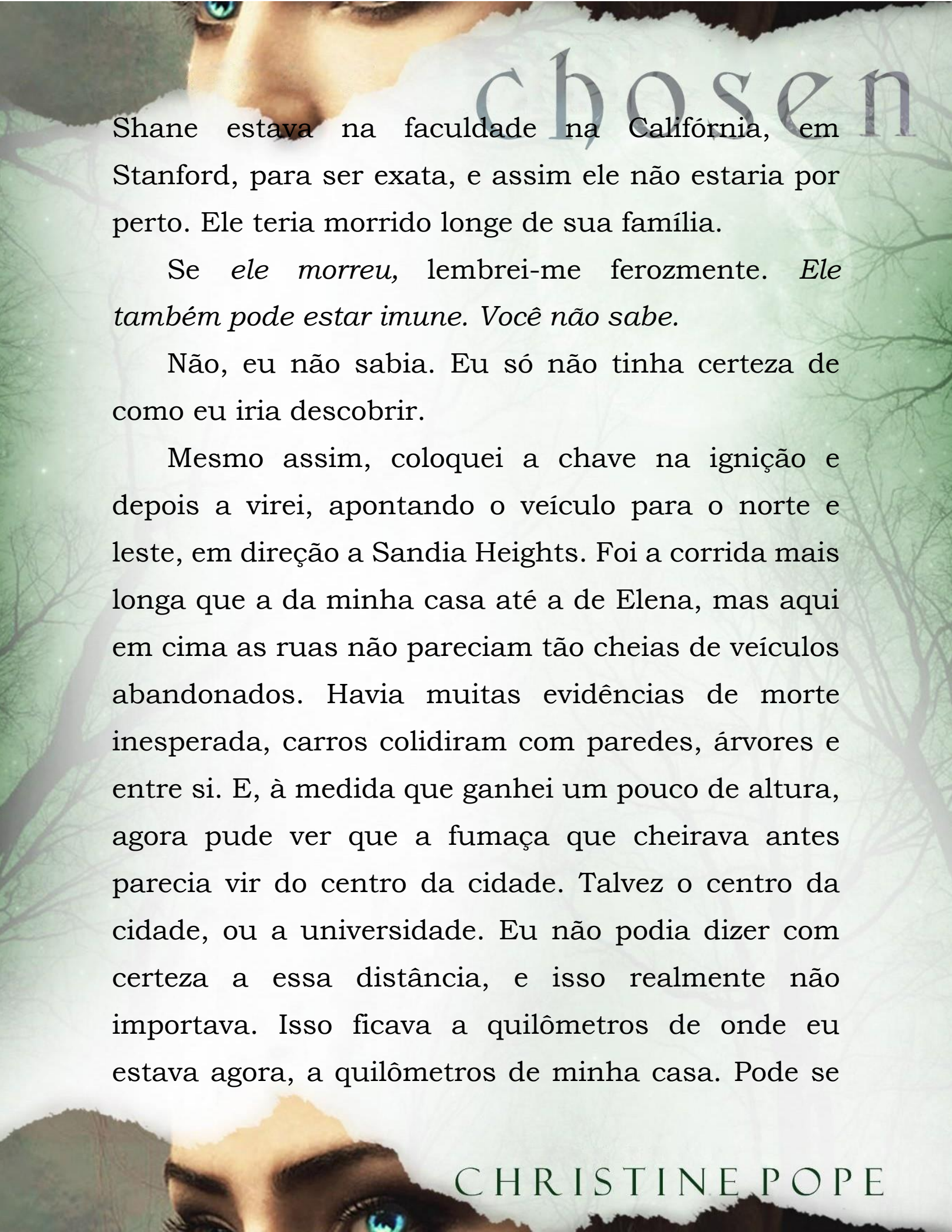
Chosen

Permaneci em silêncio então...sabiamente. Estendi a mão e toquei o ferro forjado torcido de uma das colunas da cama, e sussurrei: — Durma bem. — Então me virei e caminhei pelo corredor, descii os degraus e saí pela porta da frente, fechando-a silenciosamente atrás de mim.

O rabo de Dutchie bateu feliz quando voltei ao Cherokee, mas não disse nada, apenas estendi a mão para acariciá-la, sentir seu pelo sedoso sob meus dedos frios e frios. Por um longo momento, fiquei sentada ali, a chave ainda na minha mão, a arma cavando desconfortavelmente na minha cintura. Finalmente, estendi a mão e puxei-a para fora, devolvendo-a ao porta-luvas.

Tio Jeremy e tia Susan em seguida. Eu poderia fazer isso? Posso ir para a casa onde passei o Dia de Ação de Graças e o Natal? Susan era irmã da minha mãe, e elas trocaram férias para que nenhuma família tivesse que fazer todo o trabalho e eu entraria para ver meu tio e tia reduzidos a pó, e meus primos também? Bem, dois deles, pelo menos. Meu primo

CHRISTINE POPE



chosen

Shane estava na faculdade na Califórnia, em Stanford, para ser exata, e assim ele não estaria por perto. Ele teria morrido longe de sua família.

Se ele morreu, lembrei-me ferozmente. Ele também pode estar imune. Você não sabe.

Não, eu não sabia. Eu só não tinha certeza de como eu iria descobrir.

Mesmo assim, coloquei a chave na ignição e depois a virei, apontando o veículo para o norte e leste, em direção a Sandia Heights. Foi a corrida mais longa que a da minha casa até a de Elena, mas aqui em cima as ruas não pareciam tão cheias de veículos abandonados. Havia muitas evidências de morte inesperada, carros colidiram com paredes, árvores e entre si. E, à medida que ganhei um pouco de altura, agora pude ver que a fumaça que cheirava antes parecia vir do centro da cidade. Talvez o centro da cidade, ou a universidade. Eu não podia dizer com certeza a essa distância, e isso realmente não importava. Isso ficava a quilômetros de onde eu estava agora, a quilômetros de minha casa. Pode se

CHRISTINE POPE

espalhar tão longe, mas eu tinha a sensação de que já estaria muito longe.

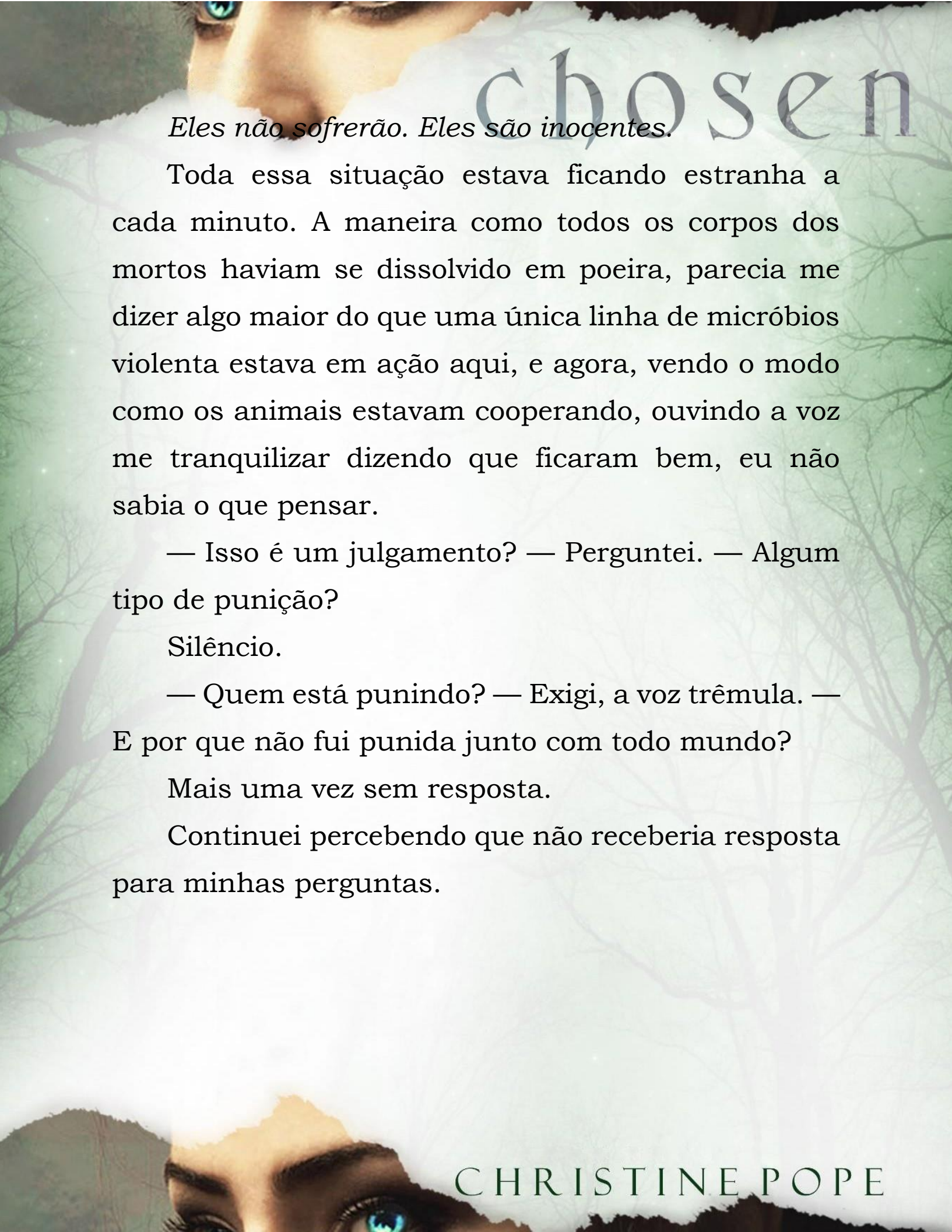
Enquanto dirigia pela, passei por um PetSmart e vi a visão mais estranha. Todos os tipos de cães estavam reunidos na loja e, bem na frente, vi vários deles rasgando grandes sacos de comida de cachorro e começando a festejar. Mais cães vieram se juntar a eles, mas não houve brigas pela comida. Na verdade, eu até vi uma grande mistura de pit bull se mover para um lado para encontrar um cachorrinho fofo, um maltês, eu imaginei, chegar ao lado dele e começar a comer.

— O que... — falei em voz alta, e Dutchie virou a cabeça na minha direção.

Os animais serão cuidados, disse a voz.

Eu estava tão envolvida com minhas próprias perdas, e tão aliviada por ter Dutchie ao meu lado, que nem sequer parei para pensar no que aconteceria com todos aqueles milhares de animais sem dono deixados sem recursos, ninguém para cuidar deles.

— Eles serão cuidados? — Eu exigi. — Por quem?



Eles não sofrerão. Eles são inocentes.

Toda essa situação estava ficando estranha a cada minuto. A maneira como todos os corpos dos mortos haviam se dissolvido em poeira, parecia me dizer algo maior do que uma única linha de micróbios violenta estava em ação aqui, e agora, vendo o modo como os animais estavam cooperando, ouvindo a voz me tranquilizar dizendo que ficaram bem, eu não sabia o que pensar.

— Isso é um julgamento? — Perguntei. — Algum tipo de punição?

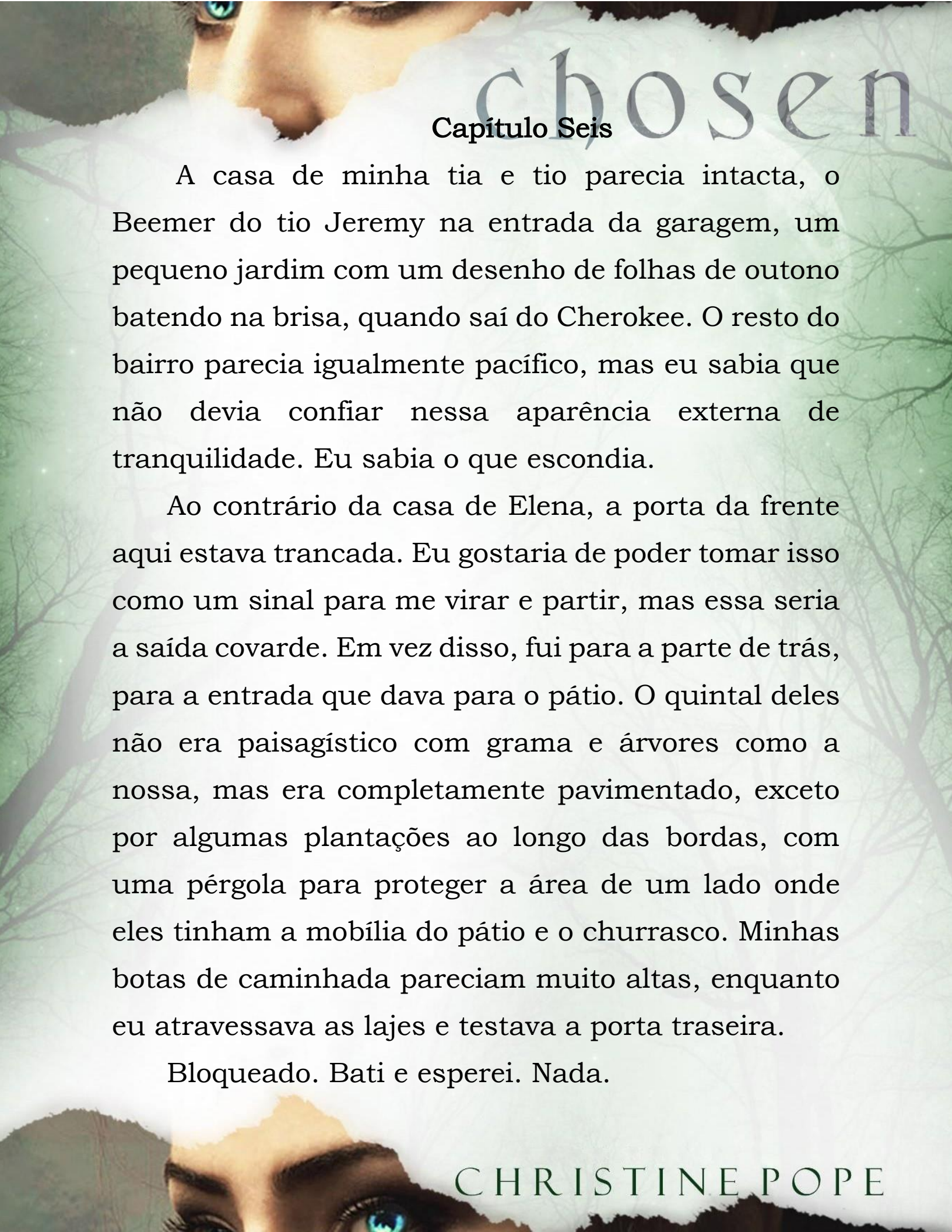
Silêncio.

— Quem está punindo? — Exigi, a voz trêmula. — E por que não fui punida junto com todo mundo?

Mais uma vez sem resposta.

Continuei percebendo que não receberia resposta para minhas perguntas.

CHRISTINE POPE



Chosen

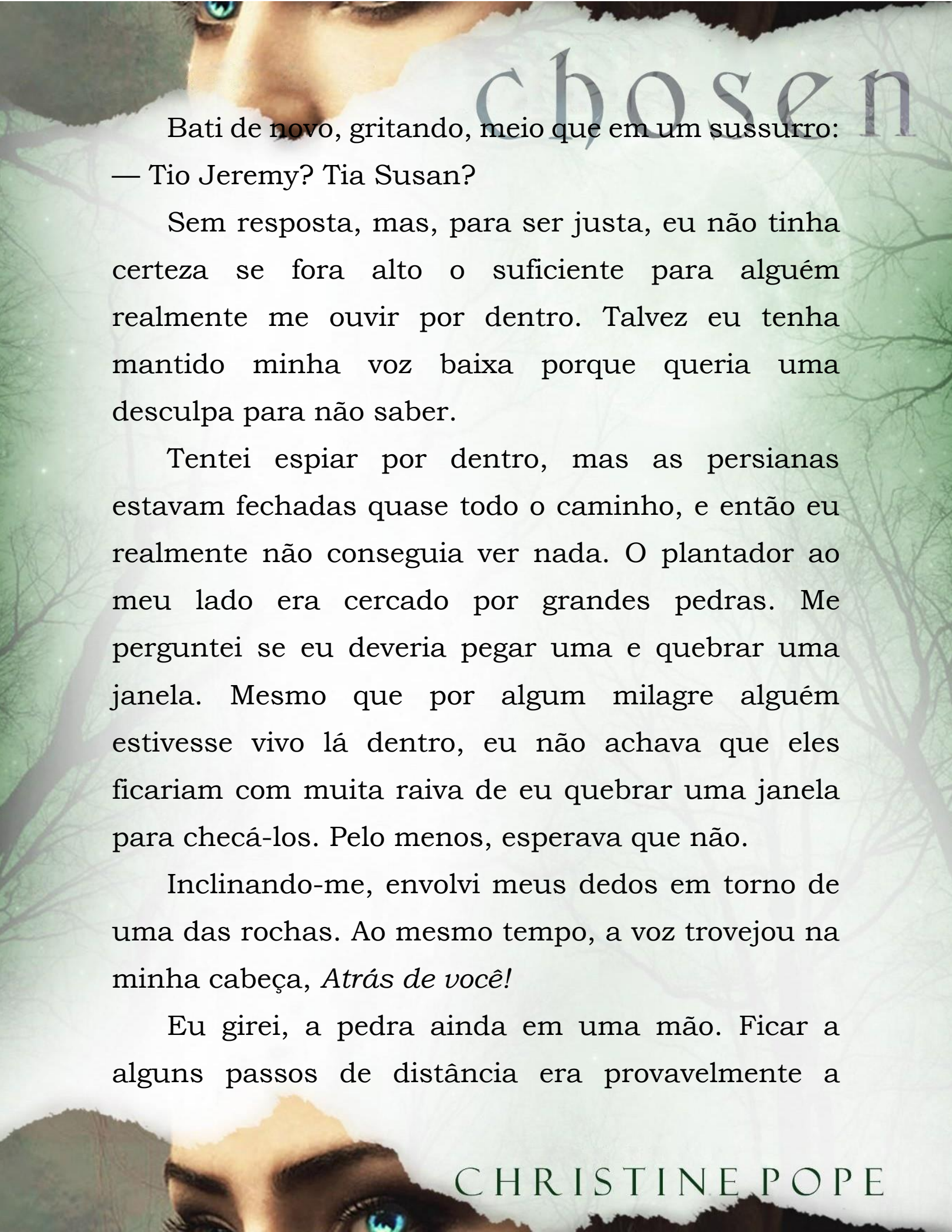
Capítulo Seis

A casa de minha tia e tio parecia intacta, o Beemer do tio Jeremy na entrada da garagem, um pequeno jardim com um desenho de folhas de outono batendo na brisa, quando saí do Cherokee. O resto do bairro parecia igualmente pacífico, mas eu sabia que não devia confiar nessa aparência externa de tranquilidade. Eu sabia o que escondia.

Ao contrário da casa de Elena, a porta da frente aqui estava trancada. Eu gostaria de poder tomar isso como um sinal para me virar e partir, mas essa seria a saída covarde. Em vez disso, fui para a parte de trás, para a entrada que dava para o pátio. O quintal deles não era paisagístico com grama e árvores como a nossa, mas era completamente pavimentado, exceto por algumas plantações ao longo das bordas, com uma pérgola para proteger a área de um lado onde eles tinham a mobília do pátio e o churrasco. Minhas botas de caminhada pareciam muito altas, enquanto eu atravessava as lajes e testava a porta traseira.

Bloqueado. Bati e esperei. Nada.

CHRISTINE POPE



Chosen

Bati de novo, gritando, meio que em um sussurro:
— Tio Jeremy? Tia Susan?

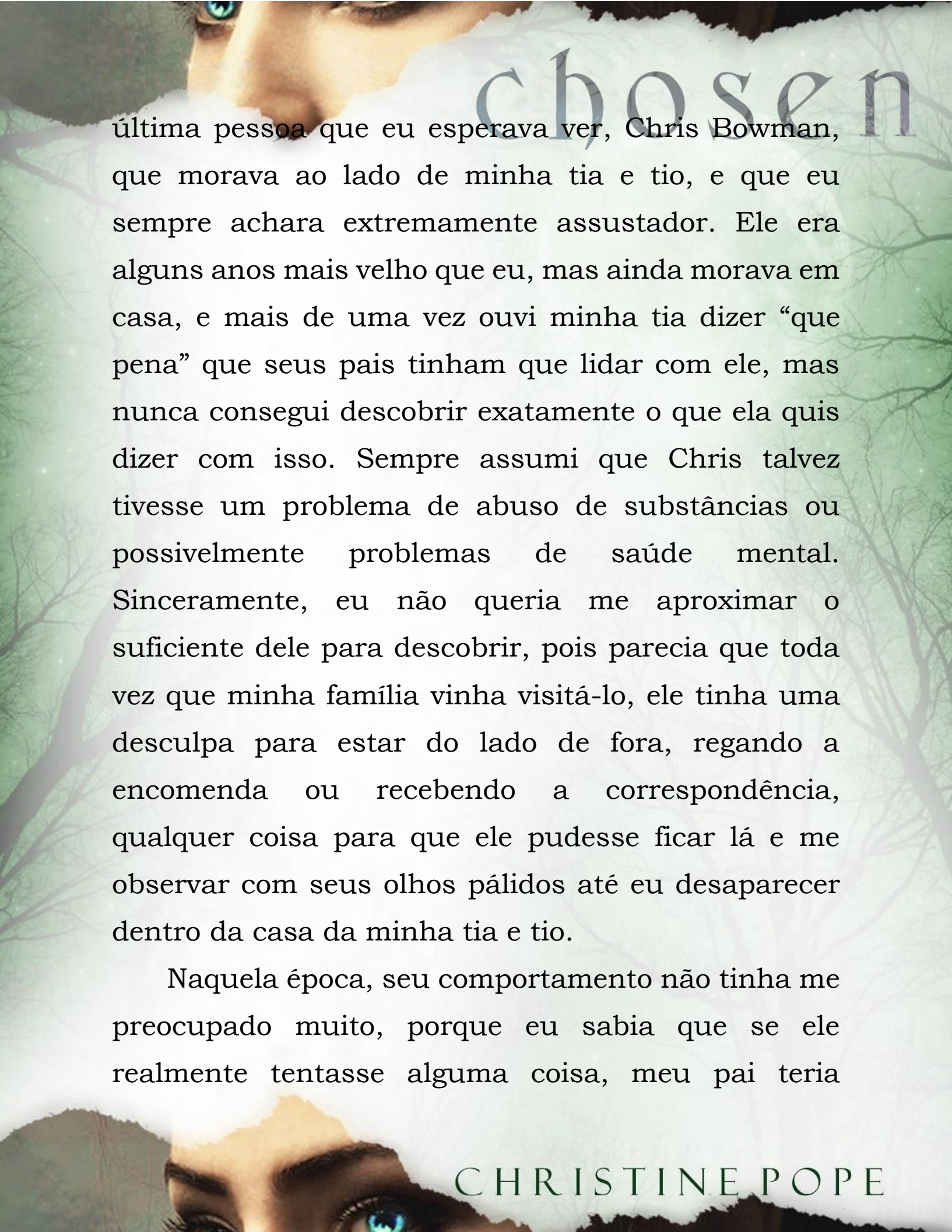
Sem resposta, mas, para ser justa, eu não tinha certeza se fora alto o suficiente para alguém realmente me ouvir por dentro. Talvez eu tenha mantido minha voz baixa porque queria uma desculpa para não saber.

Tentei espiar por dentro, mas as persianas estavam fechadas quase todo o caminho, e então eu realmente não conseguia ver nada. O plantador ao meu lado era cercado por grandes pedras. Me perguntei se eu deveria pegar uma e quebrar uma janela. Mesmo que por algum milagre alguém estivesse vivo lá dentro, eu não achava que eles ficariam com muita raiva de eu quebrar uma janela para checá-los. Pelo menos, esperava que não.

Inclinando-me, envolvi meus dedos em torno de uma das rochas. Ao mesmo tempo, a voz trovejou na minha cabeça, *Atrás de você!*

Eu girei, a pedra ainda em uma mão. Ficar a alguns passos de distância era provavelmente a

CHRISTINE POPE



chosen

última pessoa que eu esperava ver, Chris Bowman, que morava ao lado de minha tia e tio, e que eu sempre achava extremamente assustador. Ele era alguns anos mais velho que eu, mas ainda morava em casa, e mais de uma vez ouvi minha tia dizer “que pena” que seus pais tinham que lidar com ele, mas nunca consegui descobrir exatamente o que ela quis dizer com isso. Sempre assumi que Chris talvez tivesse um problema de abuso de substâncias ou possivelmente problemas de saúde mental. Sinceramente, eu não queria me aproximar o suficiente dele para descobrir, pois parecia que toda vez que minha família vinha visitá-lo, ele tinha uma desculpa para estar do lado de fora, regando a encomenda ou recebendo a correspondência, qualquer coisa para que ele pudesse ficar lá e me observar com seus olhos pálidos até eu desaparecer dentro da casa da minha tia e tio.

Naquela época, seu comportamento não tinha me preocupado muito, porque eu sabia que se ele realmente tentasse alguma coisa, meu pai teria

CHRISTINE POPE

garantido que isso nunca acontecesse novamente. Mas agora, com o mundo inteiro morto, exceto eu e o maior demônio de Albuquerque?

Meus dedos se apertaram ao redor da rocha que eu segurava, mas a mantive atrás de mim e torci para que ele não tivesse notado quando eu a peguei. Difícil dizer, porque nem o ouvi se aproximar. Ele usava seu traje típico de jeans folgados e camiseta de grandes dimensões, este estampado com um escudo do Capitão América, e seu Converse com capuz alto aparentemente não havia emitido nenhum som ao atravessar as pedras da bandeira do pátio.

— Chris? — Eu finalmente consegui, porque um de nós tinha que dizer alguma coisa, e parecia que ele estava contente em ficar lá e me encarar com aqueles seus estranhos olhos azuis pálidos.

Finalmente, sua boca se curvou em um sorriso. Seus dentes eram levemente amarelados, assim como a pele e os cabelos. Tudo nele parecia vagamente amarelo, exceto seus olhos. — Você é imune. — disse

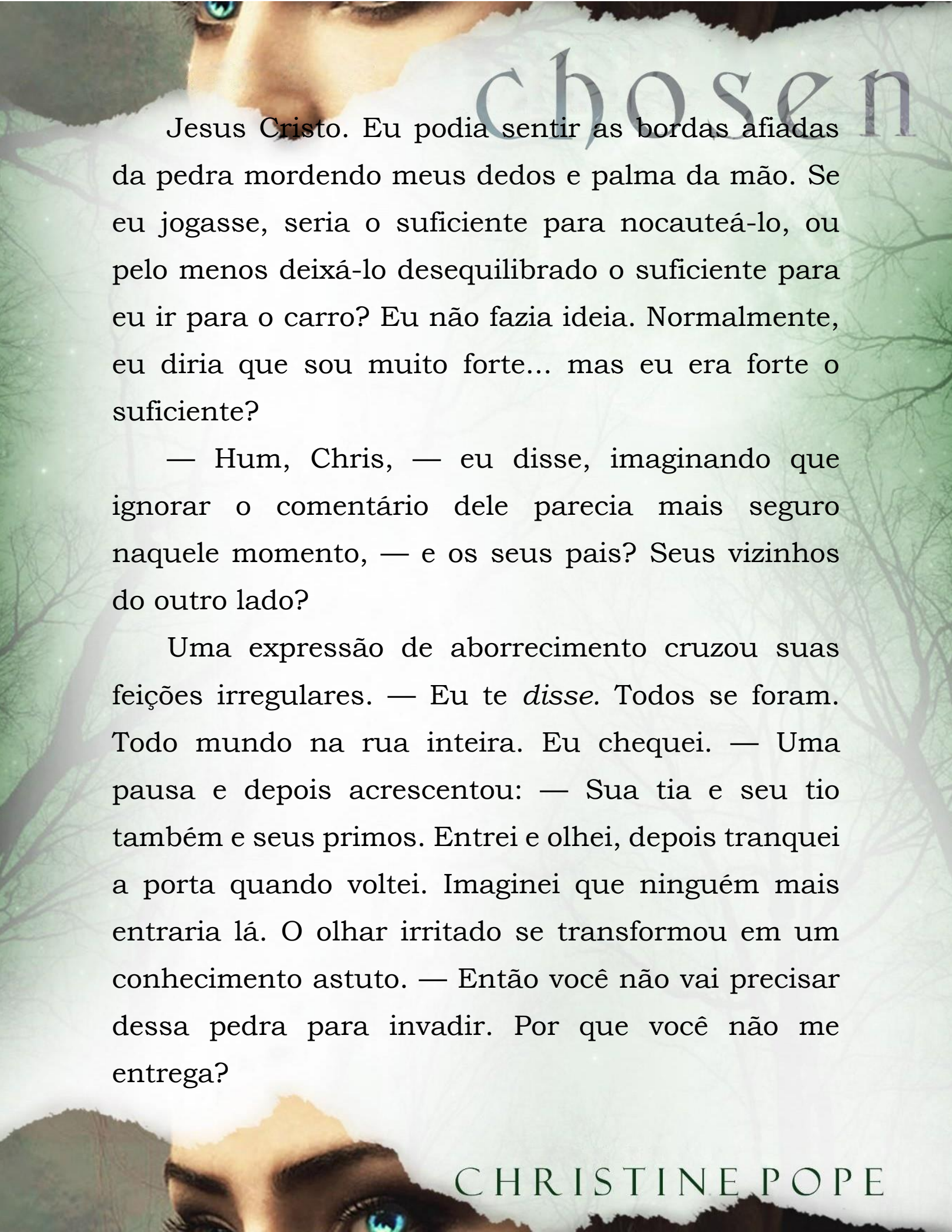
ele, e emitiu o som mais estranho, como uma risadinha sufocada.

Os cabelos na parte de trás do meu pescoço se arrepiaram. — Talvez... — eu respondi. — Ou talvez eu ainda não tenha ficado louca.

— Não, você é imune. — Seu olhar pálido me percorreu de cima a baixo, e fiquei tensa. As roupas que eu usava eram tudo menos reveladoras, e, no entanto, o jeito que ele estava olhando para mim me fez sentir como se eu não estivesse vestindo nada... que ele passou muito tempo imaginando como eu estava nua. — Apenas como eu.

Eu queria responder, *não sou nada como você*, mas algo me segurou. Sim, eu tinha essa pedra na minha mão. No final, percebi que era tudo o que tinha, pois, na pressa de sair do carro e chegar à porta da frente da tia e do tio, deixei a arma no porta-luvas do Cherokee. *Merda*.

— Isso é perfeito, — ele continuou, seu tom quase sonhador. — Todo mundo se foi, exceto você e eu. Do jeito que eu sempre quis.

The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, with her eyes looking upwards and to the left. The skin is fair, and her hair is dark. The background is a soft, out-of-focus green, suggesting foliage or trees. The title 'Chosen' is written in a large, elegant, serif font, with the 'C' and 'h' being significantly larger than the other letters. The text is white and positioned in the upper right quadrant of the cover.

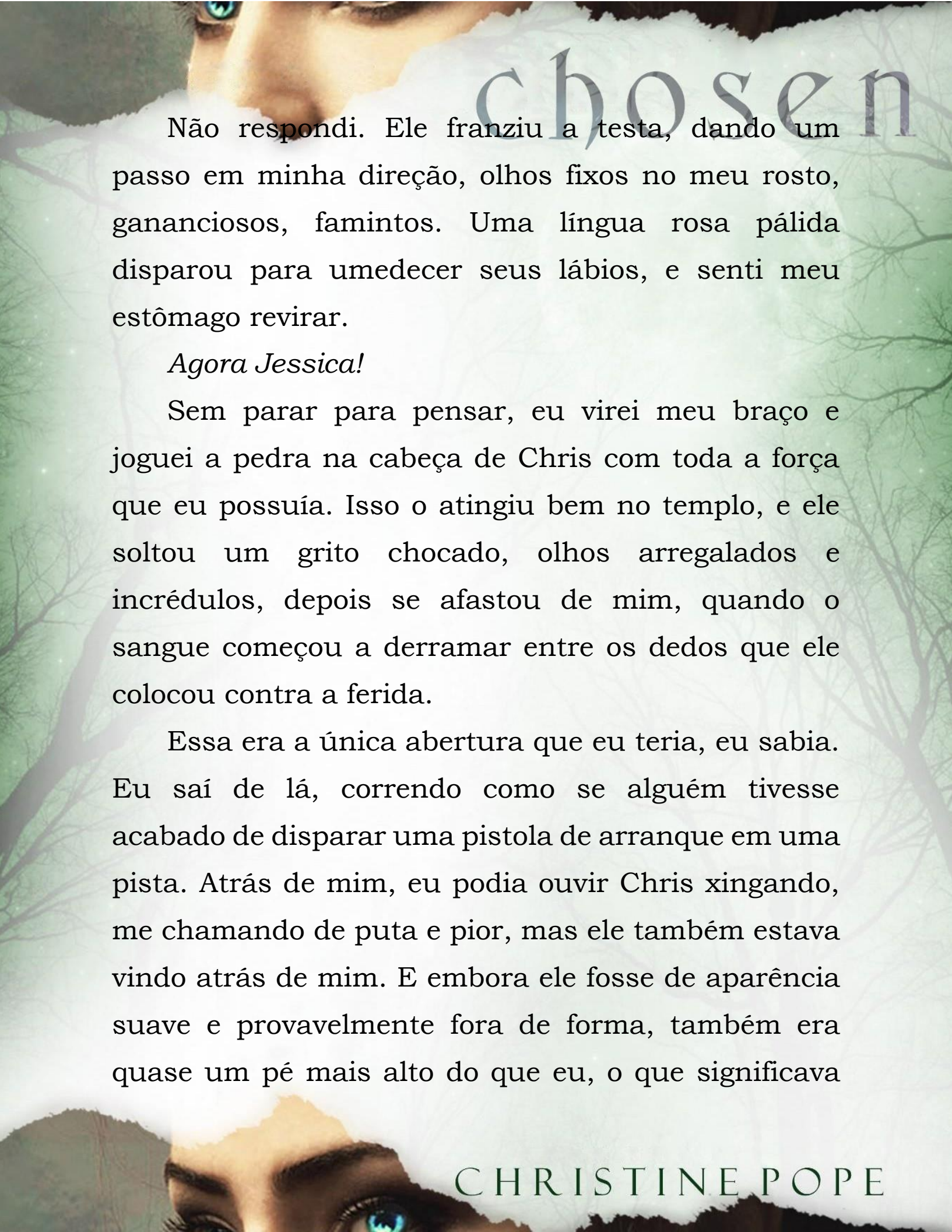
Chosen

Jesus Cristo. Eu podia sentir as bordas afiadas da pedra mordendo meus dedos e palma da mão. Se eu jogasse, seria o suficiente para nocauteá-lo, ou pelo menos deixá-lo desequilibrado o suficiente para eu ir para o carro? Eu não fazia ideia. Normalmente, eu diria que sou muito forte... mas eu era forte o suficiente?

— Hum, Chris, — eu disse, imaginando que ignorar o comentário dele parecia mais seguro naquele momento, — e os seus pais? Seus vizinhos do outro lado?

Uma expressão de aborrecimento cruzou suas feições irregulares. — Eu te *disse*. Todos se foram. Todo mundo na rua inteira. Eu chequei. — Uma pausa e depois acrescentou: — Sua tia e seu tio também e seus primos. Entrei e olhei, depois tranquei a porta quando voltei. Imaginei que ninguém mais entraria lá. O olhar irritado se transformou em um conhecimento astuto. — Então você não vai precisar dessa pedra para invadir. Por que você não me entrega?

CHRISTINE POPE



chosen

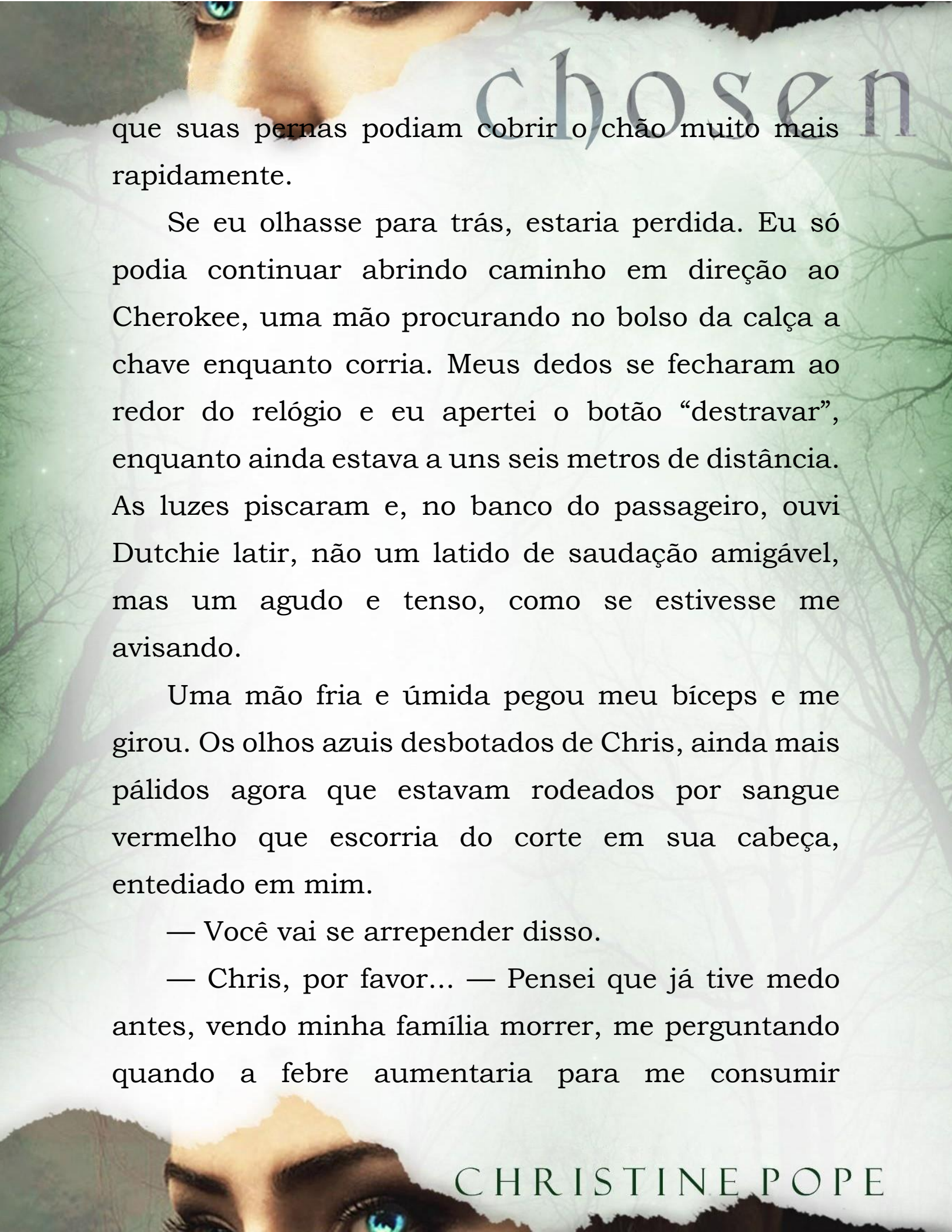
Não respondi. Ele franziu a testa, dando um passo em minha direção, olhos fixos no meu rosto, gananciosos, famintos. Uma língua rosa pálida disparou para umedecer seus lábios, e senti meu estômago revirar.

Agora Jessica!

Sem parar para pensar, eu virei meu braço e joguei a pedra na cabeça de Chris com toda a força que eu possuía. Isso o atingiu bem no templo, e ele soltou um grito chocado, olhos arregalados e incrédulos, depois se afastou de mim, quando o sangue começou a derramar entre os dedos que ele colocou contra a ferida.

Essa era a única abertura que eu teria, eu sabia. Eu saí de lá, correndo como se alguém tivesse acabado de disparar uma pistola de arranque em uma pista. Atrás de mim, eu podia ouvir Chris xingando, me chamando de puta e pior, mas ele também estava vindo atrás de mim. E embora ele fosse de aparência suave e provavelmente fora de forma, também era quase um pé mais alto do que eu, o que significava

CHRISTINE POPE



chosen

que suas pernas podiam cobrir o chão muito mais rapidamente.

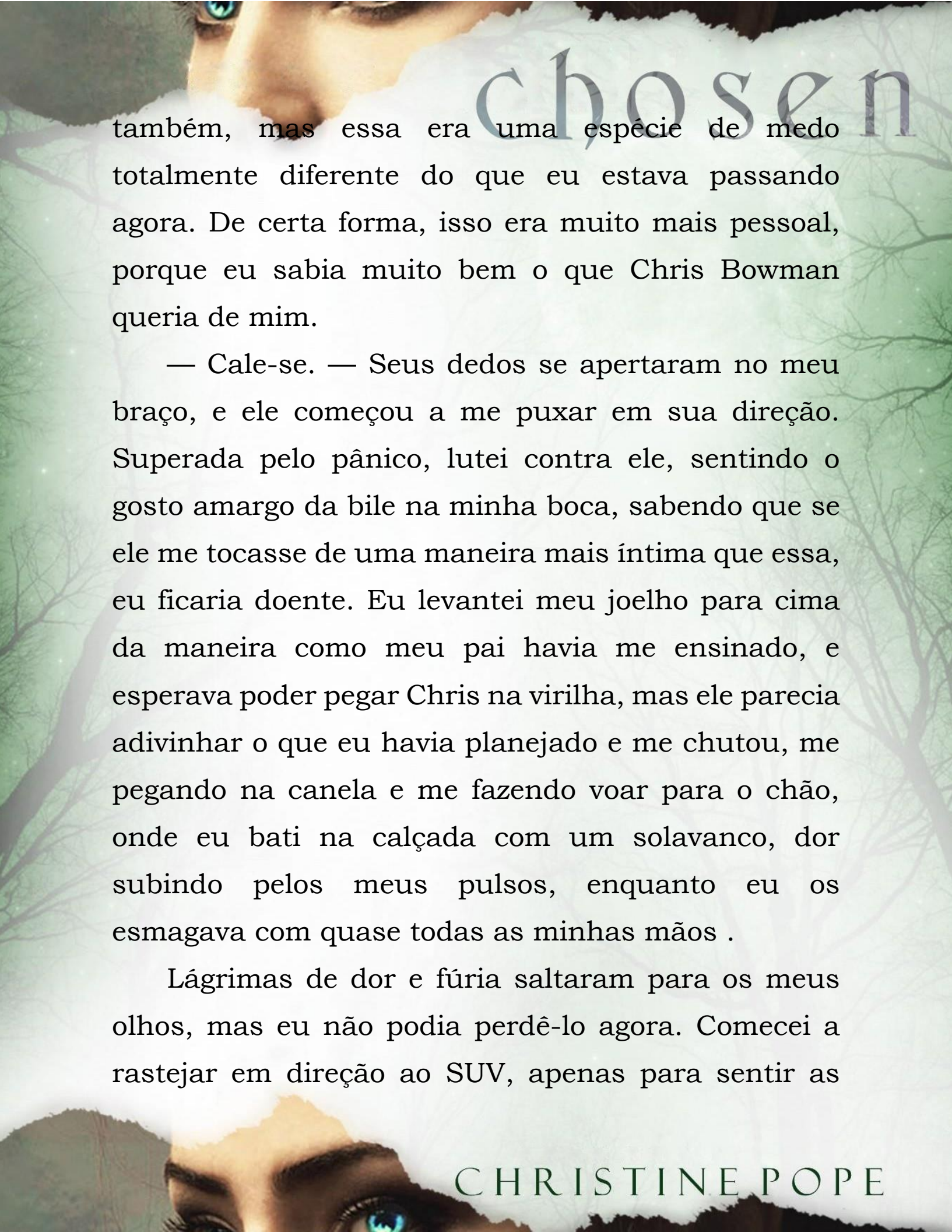
Se eu olhasse para trás, estaria perdida. Eu só podia continuar abrindo caminho em direção ao Cherokee, uma mão procurando no bolso da calça a chave enquanto corria. Meus dedos se fecharam ao redor do relógio e eu apertei o botão “destravar”, enquanto ainda estava a uns seis metros de distância. As luzes piscaram e, no banco do passageiro, ouvi Dutchie latir, não um latido de saudação amigável, mas um agudo e tenso, como se estivesse me avisando.

Uma mão fria e úmida pegou meu bíceps e me girou. Os olhos azuis desbotados de Chris, ainda mais pálidos agora que estavam rodeados por sangue vermelho que escorria do corte em sua cabeça, entediado em mim.

— Você vai se arrepender disso.

— Chris, por favor... — Pensei que já tive medo antes, vendo minha família morrer, me perguntando quando a febre aumentaria para me consumir

CHRISTINE POPE



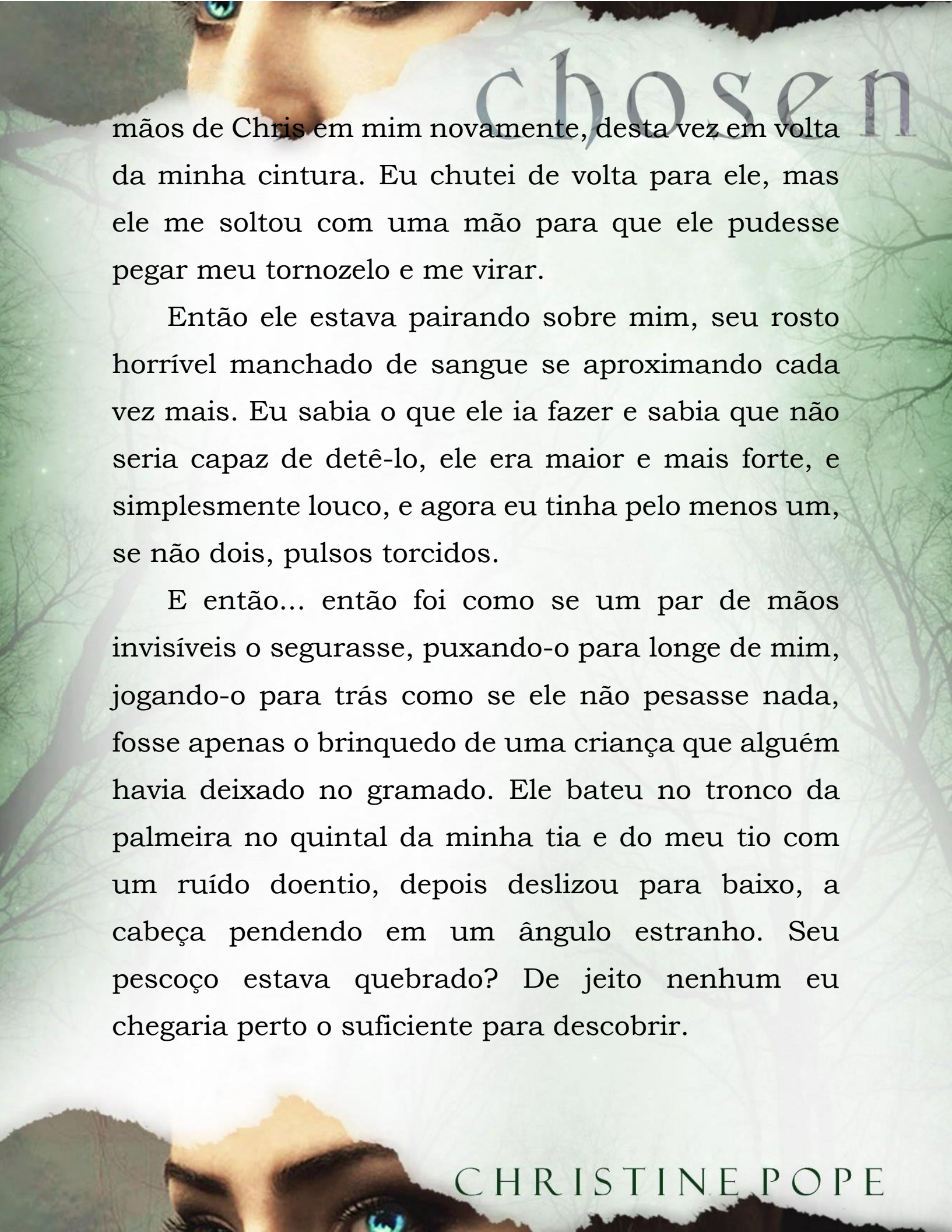
chosen

também, mas essa era uma espécie de medo totalmente diferente do que eu estava passando agora. De certa forma, isso era muito mais pessoal, porque eu sabia muito bem o que Chris Bowman queria de mim.

— Cale-se. — Seus dedos se apertaram no meu braço, e ele começou a me puxar em sua direção. Superada pelo pânico, lutei contra ele, sentindo o gosto amargo da bile na minha boca, sabendo que se ele me tocasse de uma maneira mais íntima que essa, eu ficaria doente. Eu levantei meu joelho para cima da maneira como meu pai havia me ensinado, e esperava poder pegar Chris na virilha, mas ele parecia adivinhar o que eu havia planejado e me chutou, me pegando na canela e me fazendo voar para o chão, onde eu bati na calçada com um solavanco, dor subindo pelos meus pulsos, enquanto eu os esmagava com quase todas as minhas mãos .

Lágrimas de dor e fúria saltaram para os meus olhos, mas eu não podia perdê-lo agora. Comecei a rastejar em direção ao SUV, apenas para sentir as

CHRISTINE POPE



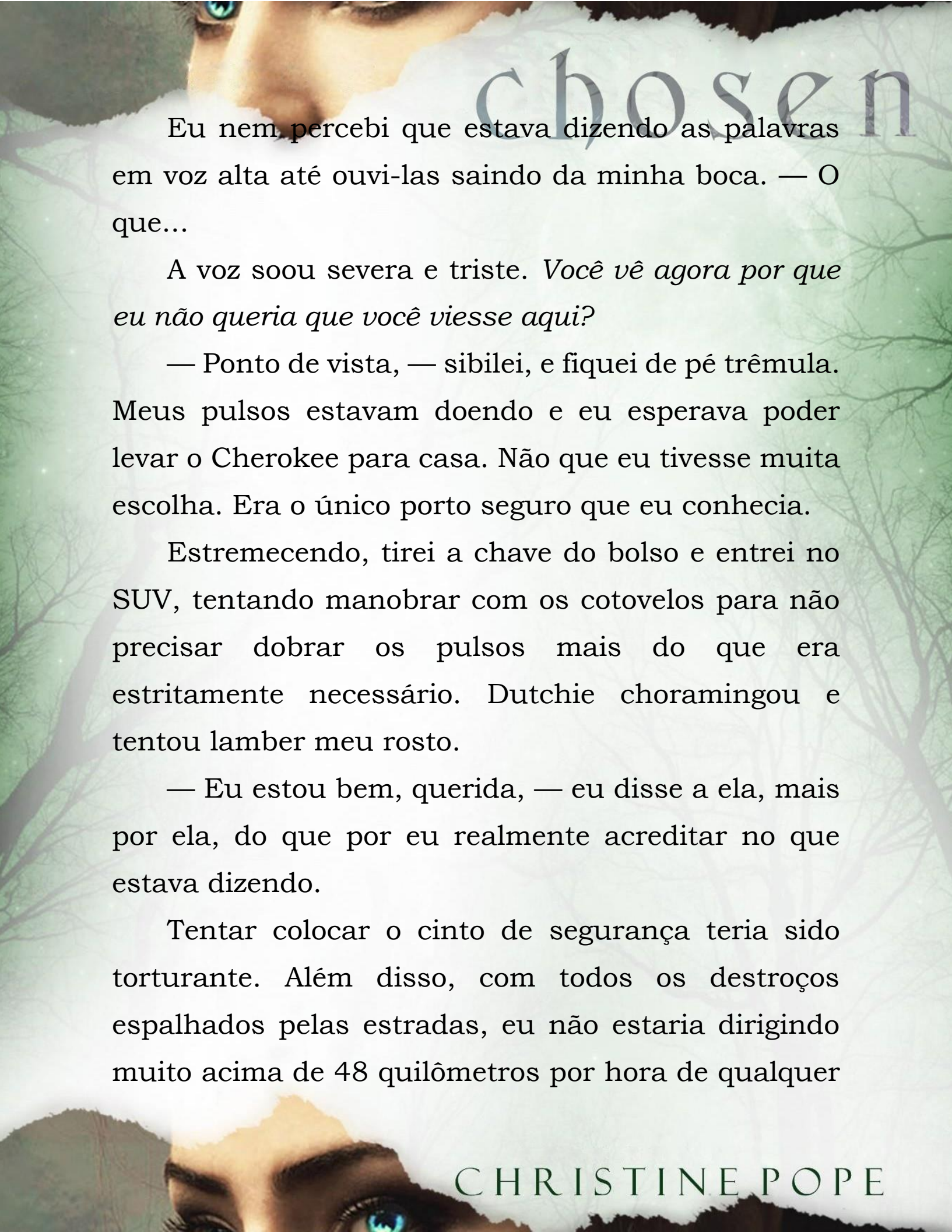
Chosen

mãos de Chris em mim novamente, desta vez em volta da minha cintura. Eu chutei de volta para ele, mas ele me soltou com uma mão para que ele pudesse pegar meu tornozelo e me virar.

Então ele estava pairando sobre mim, seu rosto horrível manchado de sangue se aproximando cada vez mais. Eu sabia o que ele ia fazer e sabia que não seria capaz de detê-lo, ele era maior e mais forte, e simplesmente louco, e agora eu tinha pelo menos um, se não dois, pulsos torcidos.

E então... então foi como se um par de mãos invisíveis o segurasse, puxando-o para longe de mim, jogando-o para trás como se ele não pesasse nada, fosse apenas o brinquedo de uma criança que alguém havia deixado no gramado. Ele bateu no tronco da palmeira no quintal da minha tia e do meu tio com um ruído doentio, depois deslizou para baixo, a cabeça pendendo em um ângulo estranho. Seu pescoço estava quebrado? De jeito nenhum eu chegaria perto o suficiente para descobrir.

CHRISTINE POPE



chosen

Eu nem percebi que estava dizendo as palavras em voz alta até ouvi-las saindo da minha boca. — O que...

A voz soou severa e triste. *Você vê agora por que eu não queria que você viesse aqui?*

— Ponto de vista, — sibilei, e fiquei de pé trêmula. Meus pulsos estavam doendo e eu esperava poder levar o Cherokee para casa. Não que eu tivesse muita escolha. Era o único porto seguro que eu conhecia.

Estremecendo, tirei a chave do bolso e entrei no SUV, tentando manobrar com os cotovelos para não precisar dobrar os pulsos mais do que era estritamente necessário. Dutchie choramingou e tentou lambeir meu rosto.

— Eu estou bem, querida, — eu disse a ela, mais por ela, do que por eu realmente acreditar no que estava dizendo.

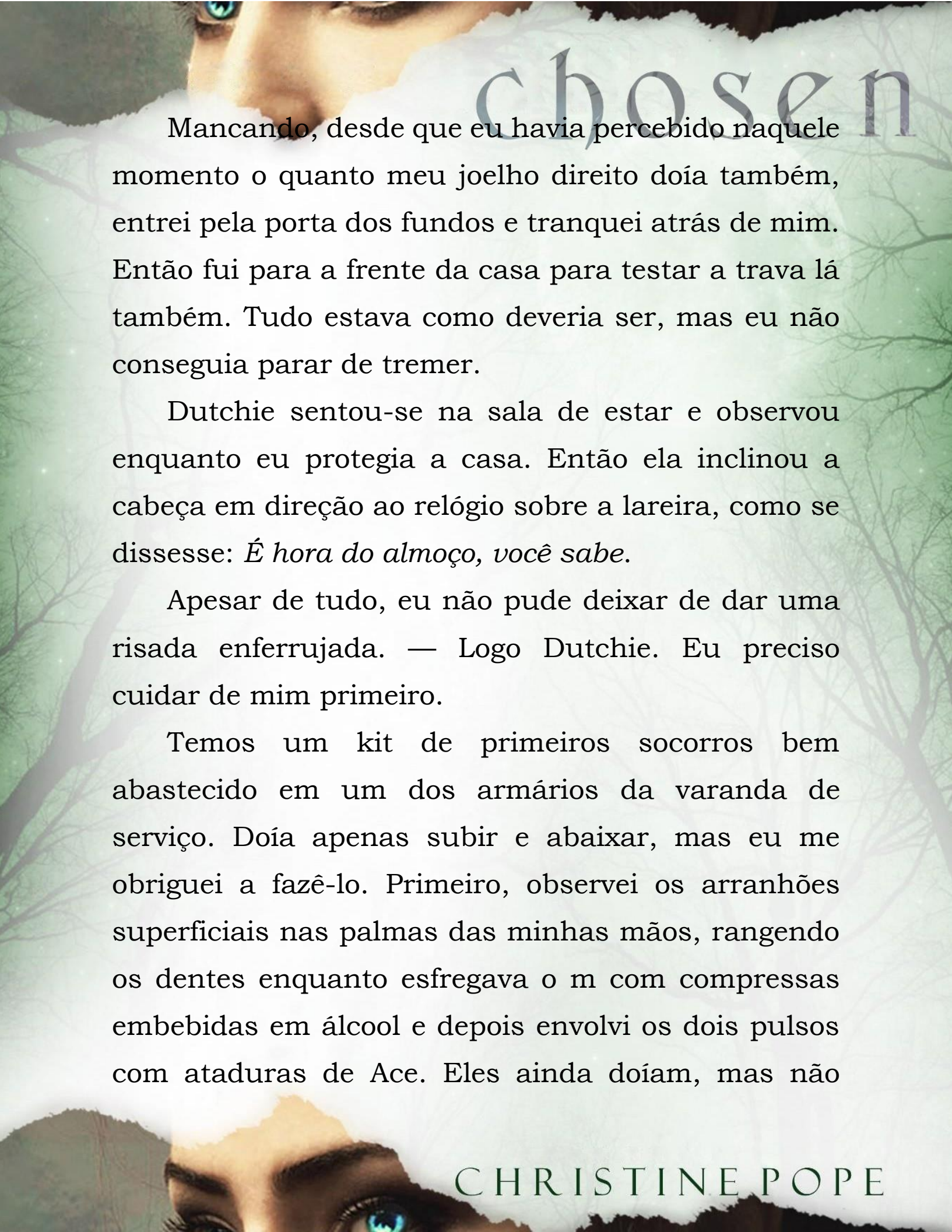
Tentar colocar o cinto de segurança teria sido torturante. Além disso, com todos os destroços espalhados pelas estradas, eu não estaria dirigindo muito acima de 48 quilômetros por hora de qualquer

CHRISTINE POPE

maneira. De alguma forma, consegui dar partida no carro, depois mordi meu lábio de dor, enquanto colocava o Cherokee em marcha. Pelo menos eu estava estacionada no meio-fio e não na entrada da garagem, então não tive que me preocupar em sair ou algo assim.

A dor latejante em meus pulsos me impediu de pensar em qualquer coisa, exceto em voltar para casa. Dirigi devagar, rangendo os dentes sempre que tinha que manobrar em torno de carros abandonados subindo no meio-fio. Cada sacudida e alegria parecia cem vezes maior.

Finalmente, porém, voltei para a minha rua e coloquei o carro na garagem, depois desliguei o motor. Eu sabia que não havia como alcançar e abrir a porta do passageiro por dentro, então deslizei para fora e dei a volta na frente do SUV. Dutchie saltou no segundo em que estava livre para fazê-lo, e eu peguei a arma no porta-luvas antes de fechar a porta atrás dela e clicar no botão de trava no controle remoto.



Chosen

Mancando, desde que eu havia percebido naquele momento o quanto meu joelho direito doía também, entrei pela porta dos fundos e tranquei atrás de mim. Então fui para a frente da casa para testar a trava lá também. Tudo estava como deveria ser, mas eu não conseguia parar de tremer.

Dutchie sentou-se na sala de estar e observou enquanto eu protegia a casa. Então ela inclinou a cabeça em direção ao relógio sobre a lareira, como se dissesse: *É hora do almoço, você sabe.*

Apesar de tudo, eu não pude deixar de dar uma risada enferrujada. — Logo Dutchie. Eu preciso cuidar de mim primeiro.

Temos um kit de primeiros socorros bem abastecido em um dos armários da varanda de serviço. Doía apenas subir e abaixar, mas eu me obriguei a fazê-lo. Primeiro, observei os arranhões superficiais nas palmas das minhas mãos, rangendo os dentes enquanto esfregava o m com compressas embebidas em álcool e depois envolvi os dois pulsos com ataduras de Ace. Eles ainda doíam, mas não

CHRISTINE POPE

tanto. Meu joelho estava machucado, mas eu não tinha rasgado meu jeans, então imaginei que qualquer machucado que eu tivesse ficaria curado por conta própria.

Depois, entrei mancando na cozinha e peguei mais frango para Dutchie. Além dos restos de biscoitos para cães, havia também um saco parcial de ração seca na despensa para que eu pudesse alimentá-la, mas achei que poderia me livrar primeiro das coisas perecíveis.

Depois, havia água para mim, um sanduíche improvisado de pão e manteiga de trigo e a última geleia de morango. Minha mão tremia enquanto levava o sanduíche à boca, mas me obriguei a comer de qualquer maneira. Aquela explosão de pânico e terror consumiu muitas das minhas reservas.

O silêncio na casa parecia pressionar meus ouvidos. Percebi que a voz estava desconfiada em silêncio desde que voltei.

Finalmente, larguei minha garrafa de água e respondi, — Tudo bem, você quer me dizer que o

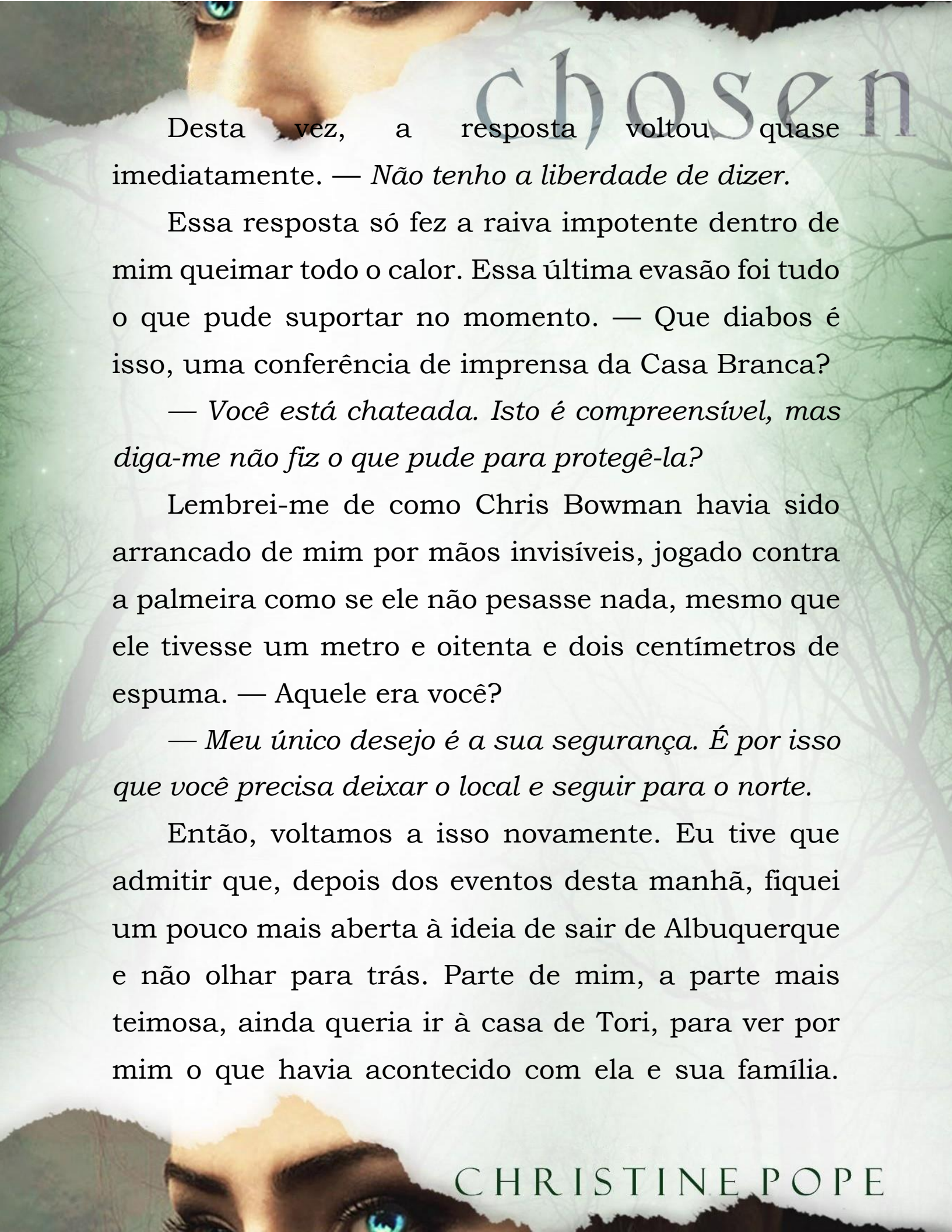
inferno *que* era tudo isso? Como um idiota pastoso como Chris Bowman pode ser imune quando todo mundo está morto?

Nenhuma resposta a princípio. Então foi como se alguém suspirasse baixinho, voltando à minha mente. — *Não podemos controlar quem é imune, apenas o que acontece com eles depois que sobrevivem.*

— “Nós”? — Exigi, imaginando que eu faria a pergunta mais rápida primeiro. — Quem somos “nós”?

O silêncio resultante foi tão prolongado que eu tinha quase certeza de que não receberia uma resposta, que fiz exatamente a pergunta errada. Finalmente, a voz disse: — *Isso não é importante.*

— É importante para mim. — Me machuquei o tempo todo e estava cansada da sensação de que eu estaria armada por ter algo enorme por trás de tudo isso, algo que eu não tinha certeza de que seria capaz de entender. — Quem é Você?



chosen

Desta vez, a resposta voltou quase imediatamente. — *Não tenho a liberdade de dizer.*

Essa resposta só fez a raiva impotente dentro de mim queimar todo o calor. Essa última evasão foi tudo o que pude suportar no momento. — Que diabos é isso, uma conferência de imprensa da Casa Branca?

— *Você está chateada. Isto é compreensível, mas diga-me não fiz o que pude para protegê-la?*

Lembrei-me de como Chris Bowman havia sido arrancado de mim por mãos invisíveis, jogado contra a palmeira como se ele não pesasse nada, mesmo que ele tivesse um metro e oitenta e dois centímetros de espuma. — Aquele era você?

— *Meu único desejo é a sua segurança. É por isso que você precisa deixar o local e seguir para o norte.*

Então, voltamos a isso novamente. Eu tive que admitir que, depois dos eventos desta manhã, fiquei um pouco mais aberta à ideia de sair de Albuquerque e não olhar para trás. Parte de mim, a parte mais teimosa, ainda queria ir à casa de Tori, para ver por mim o que havia acontecido com ela e sua família.

CHRISTINE POPE

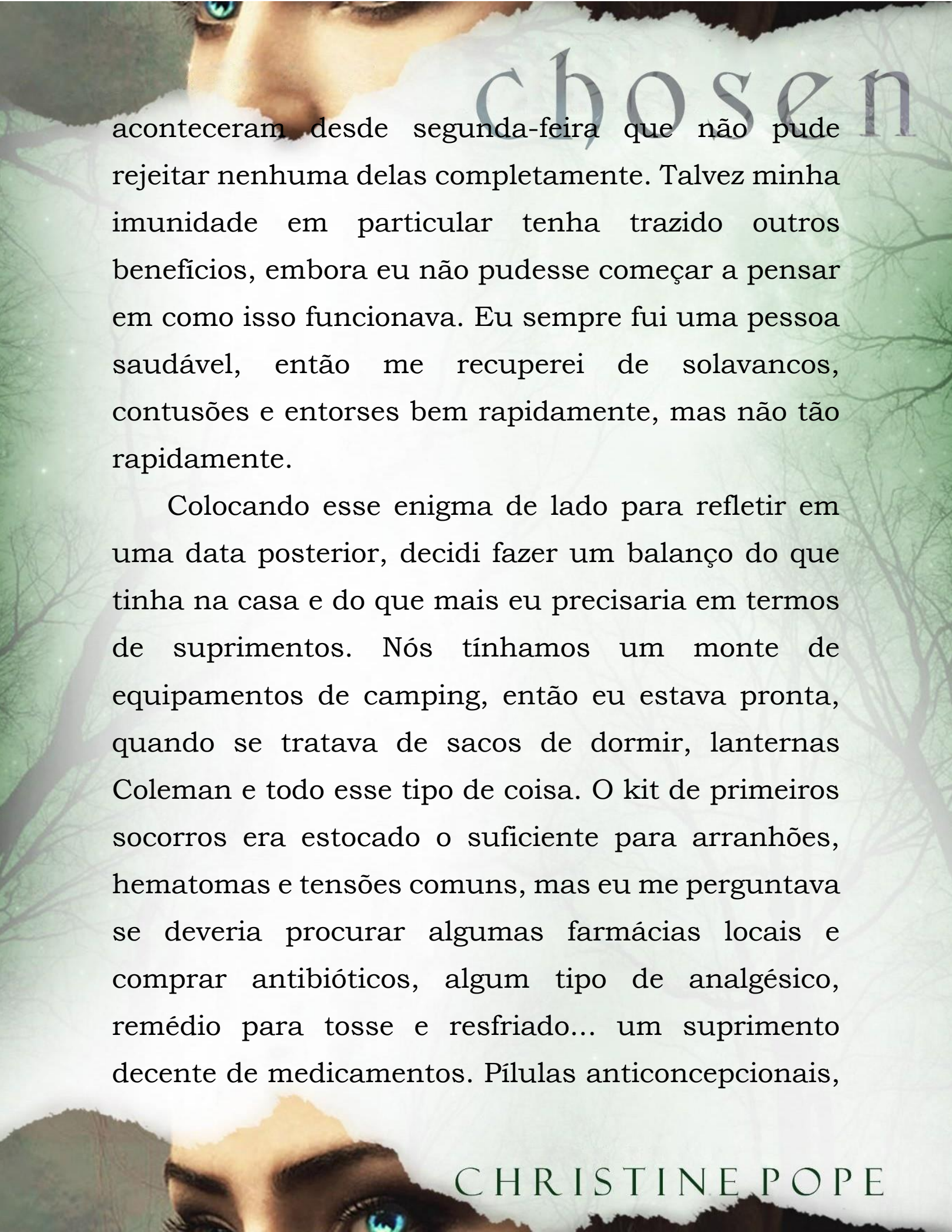
Mas eu também sabia que estava me colocando em risco toda vez que saía pela porta. Uma grande parte da população havia desaparecido nos três dias anteriores, mas não toda... e era com esses restos que eu tinha que me preocupar.

— Tudo bem, — falei cansada. — Vou pensar sobre isso.

Talvez eu estivesse apenas falando comigo mesma. Naquele momento, eu não queria pensar muito sobre toda a situação insana.

Naquela tarde, cochilei um pouco e, quando acordei, me senti melhor. Meus pulsos não doeram tanto, e as abrasões em minhas mãos já pareciam completamente curados. Que diabos? Essa parte da “voz”, eu não sabia mais o que pensar dele, ou estava me vigiando? Ele tinha alguma maneira de me fazer curar muito mais rápido do que normalmente?

Em qualquer outro momento, eu teria descartado a noção como louca, mas tantas coisas insanas



chosen

aconteceram desde segunda-feira que não pude rejeitar nenhuma delas completamente. Talvez minha imunidade em particular tenha trazido outros benefícios, embora eu não pudesse começar a pensar em como isso funcionava. Eu sempre fui uma pessoa saudável, então me recuperei de solavancos, contusões e entorses bem rapidamente, mas não tão rapidamente.

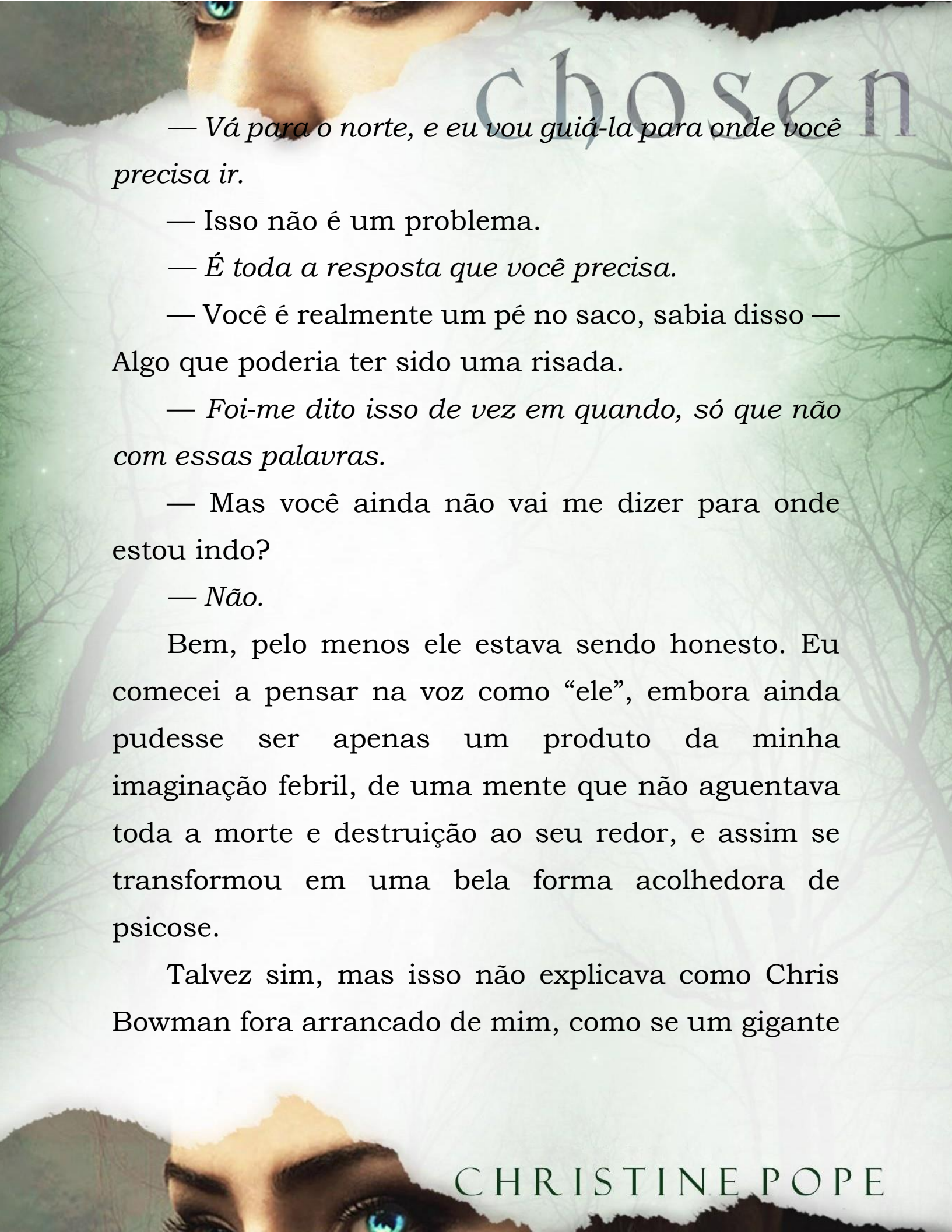
Colocando esse enigma de lado para refletir em uma data posterior, decidi fazer um balanço do que tinha na casa e do que mais eu precisaria em termos de suprimentos. Nós tínhamos um monte de equipamentos de camping, então eu estava pronta, quando se tratava de sacos de dormir, lanternas Coleman e todo esse tipo de coisa. O kit de primeiros socorros era estocado o suficiente para arranhões, hematomas e tensões comuns, mas eu me perguntava se deveria procurar algumas farmácias locais e comprar antibióticos, algum tipo de analgésico, remédio para tosse e resfriado... um suprimento decente de medicamentos. Pílulas anticoncepcionais,

CHRISTINE POPE

não que eu estivesse esperando transar tão cedo, o rosto ensanguentado de Chris Bowman brilhou em minha mente, e eu estremei, mas as pílulas ajudam a manter meus ciclos regulares. E isso era outra coisa. Eu precisaria de suprimentos de absorventes, o suficiente para me aguentar por um tempo. Conviver com trapos do jeito que eles faziam nos velhos tempos, não era algo que eu queria enfrentar ainda.

A noite começou a cair de novo e me movi pelo andar térreo, acendendo velas. Eu ainda não queria subir, por algum motivo me senti mais segura no sofá. Alimentei Dutchie com o último frango e lanchei algumas barras de granola, tentando ignorar o quanto meu corpo doía por algo mais substancial. Eu não estava no ponto de estar disposta a matar por um cheeseburger, mas eu podia me ver seguindo por esse caminho em alguns dias.

Eu falei na quietude da casa. — Então, se eu devo ir para o norte, para onde exatamente vou? Santa Fé? Taos? Colorado?



chosen

— *Vá para o norte, e eu vou guiá-la para onde você precisa ir.*

— Isso não é um problema.

— *É toda a resposta que você precisa.*

— Você é realmente um pé no saco, sabia disso —
Algo que poderia ter sido uma risada.

— *Foi-me dito isso de vez em quando, só que não com essas palavras.*

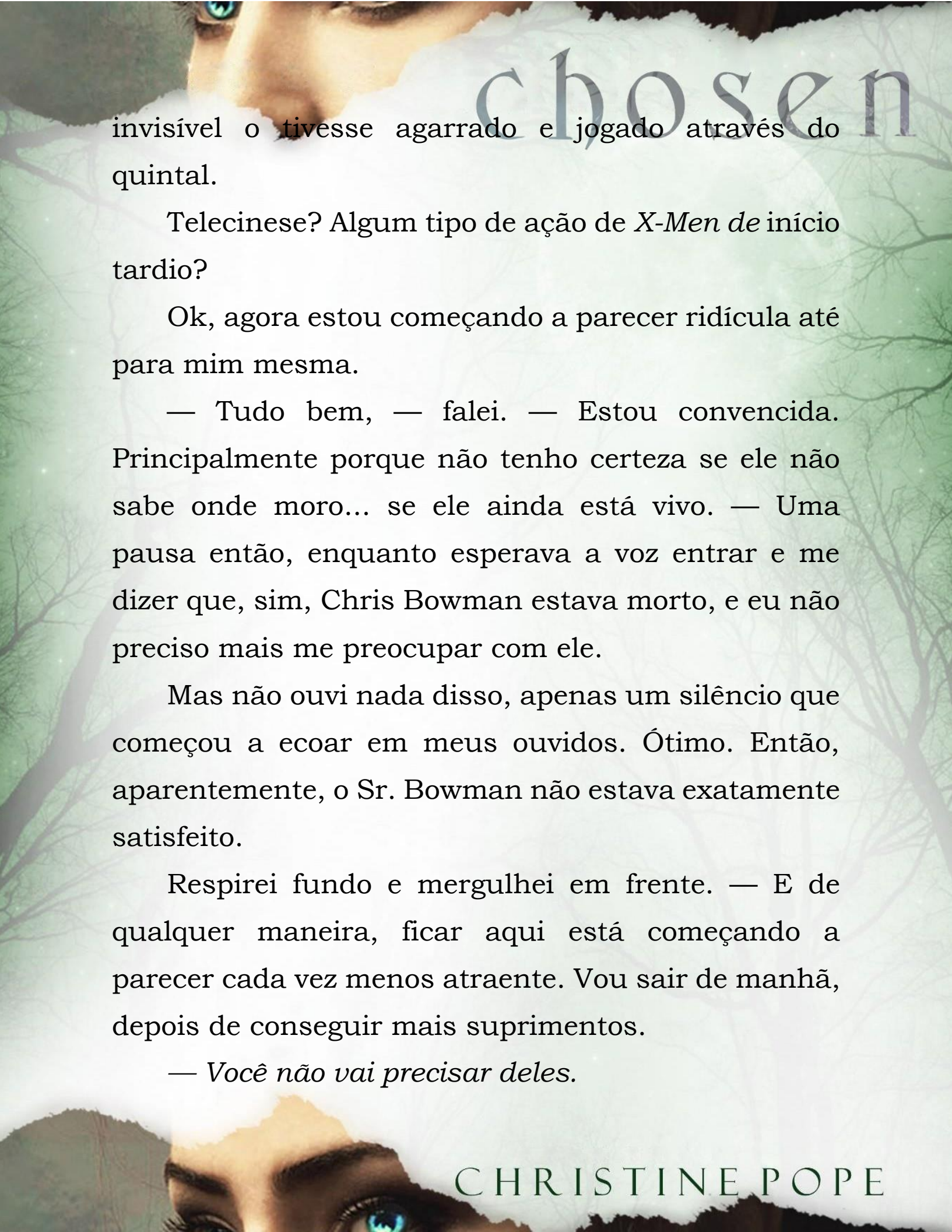
— Mas você ainda não vai me dizer para onde estou indo?

— *Não.*

Bem, pelo menos ele estava sendo honesto. Eu comecei a pensar na voz como “ele”, embora ainda pudesse ser apenas um produto da minha imaginação febril, de uma mente que não aguentava toda a morte e destruição ao seu redor, e assim se transformou em uma bela forma acolhedora de psicose.

Talvez sim, mas isso não explicava como Chris Bowman fora arrancado de mim, como se um gigante

CHRISTINE POPE



invisível o tivesse agarrado e jogado através do quintal.

Telecinese? Algum tipo de ação de *X-Men* de início tardio?

Ok, agora estou começando a parecer ridícula até para mim mesma.

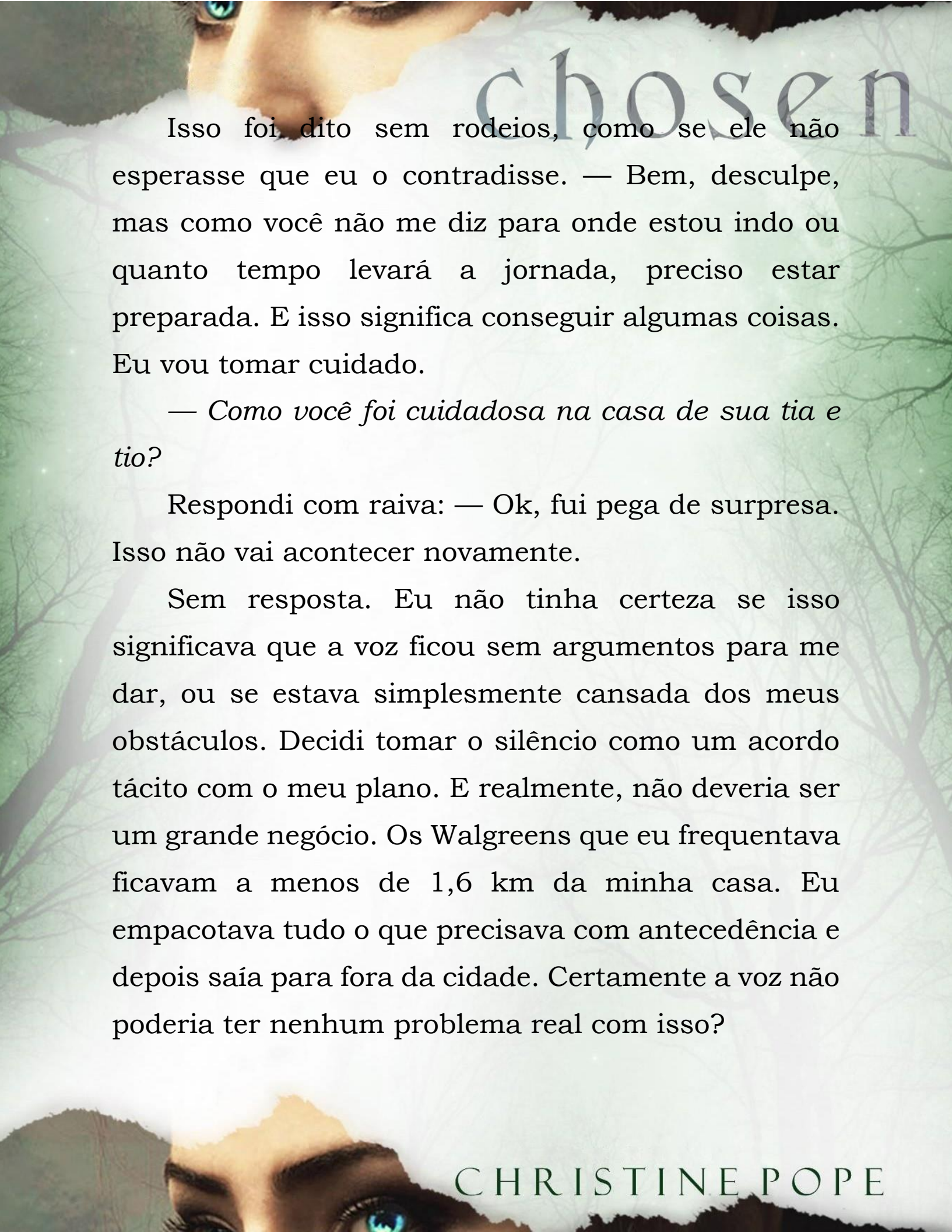
— Tudo bem, — falei. — Estou convencida. Principalmente porque não tenho certeza se ele não sabe onde moro... se ele ainda está vivo. — Uma pausa então, enquanto esperava a voz entrar e me dizer que, sim, Chris Bowman estava morto, e eu não preciso mais me preocupar com ele.

Mas não ouvi nada disso, apenas um silêncio que começou a ecoar em meus ouvidos. Ótimo. Então, aparentemente, o Sr. Bowman não estava exatamente satisfeito.

Respirei fundo e mergulhei em frente. — E de qualquer maneira, ficar aqui está começando a parecer cada vez menos atraente. Vou sair de manhã, depois de conseguir mais suprimentos.

— *Você não vai precisar deles.*

CHRISTINE POPE



chosen

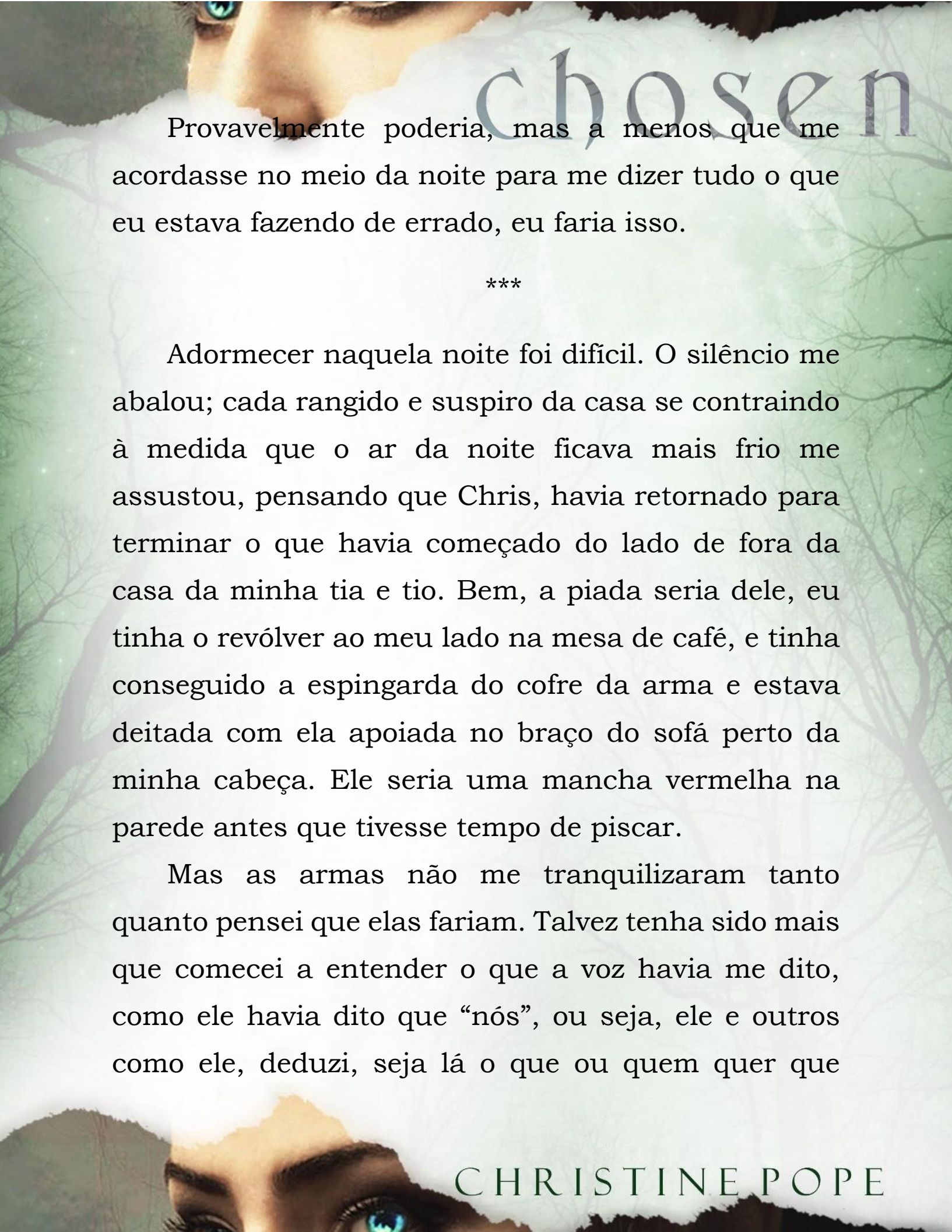
Isso foi dito sem rodeios, como se ele não esperasse que eu o contradisse. — Bem, desculpe, mas como você não me diz para onde estou indo ou quanto tempo levará a jornada, preciso estar preparada. E isso significa conseguir algumas coisas. Eu vou tomar cuidado.

— *Como você foi cuidadosa na casa de sua tia e tio?*

Respondi com raiva: — Ok, fui pega de surpresa. Isso não vai acontecer novamente.

Sem resposta. Eu não tinha certeza se isso significava que a voz ficou sem argumentos para me dar, ou se estava simplesmente cansada dos meus obstáculos. Decidi tomar o silêncio como um acordo tácito com o meu plano. E realmente, não deveria ser um grande negócio. Os Walgreens que eu frequentava ficavam a menos de 1,6 km da minha casa. Eu empacotava tudo o que precisava com antecedência e depois saía para fora da cidade. Certamente a voz não poderia ter nenhum problema real com isso?

CHRISTINE POPE



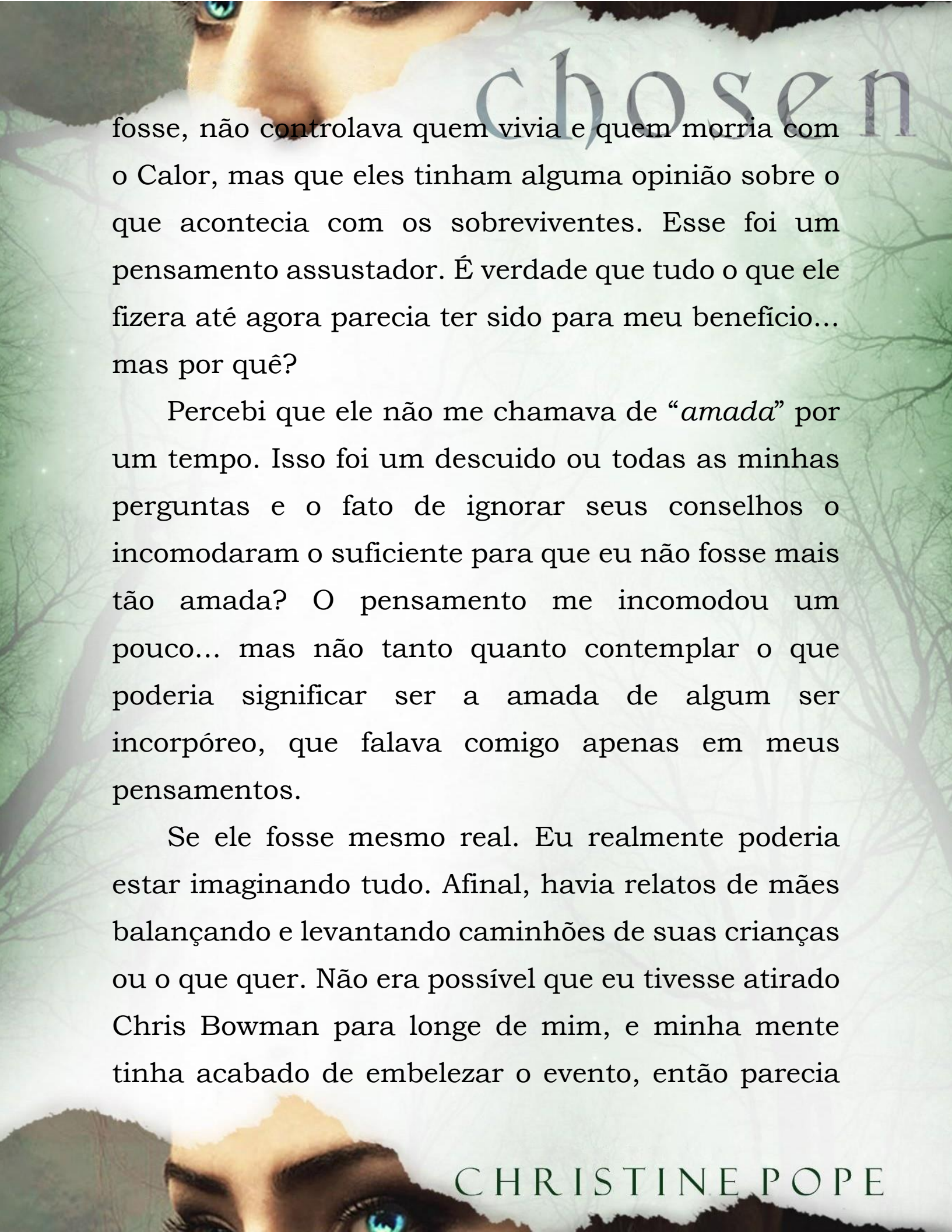
Chosen

Provavelmente poderia, mas a menos que me acordasse no meio da noite para me dizer tudo o que eu estava fazendo de errado, eu faria isso.

Adormecer naquela noite foi difícil. O silêncio me abalou; cada rangido e suspiro da casa se contraindo à medida que o ar da noite ficava mais frio me assustou, pensando que Chris, havia retornado para terminar o que havia começado do lado de fora da casa da minha tia e tio. Bem, a piada seria dele, eu tinha o revólver ao meu lado na mesa de café, e tinha conseguido a espingarda do cofre da arma e estava deitada com ela apoiada no braço do sofá perto da minha cabeça. Ele seria uma mancha vermelha na parede antes que tivesse tempo de piscar.

Mas as armas não me tranquilizaram tanto quanto pensei que elas fariam. Talvez tenha sido mais que comecei a entender o que a voz havia me dito, como ele havia dito que “nós”, ou seja, ele e outros como ele, deduzi, seja lá o que ou quem quer que

CHRISTINE POPE



Chosen

fosse, não controlava quem vivia e quem morria com o Calor, mas que eles tinham alguma opinião sobre o que acontecia com os sobreviventes. Esse foi um pensamento assustador. É verdade que tudo o que ele fizera até agora parecia ter sido para meu benefício... mas por quê?

Percebi que ele não me chamava de “*amada*” por um tempo. Isso foi um descuido ou todas as minhas perguntas e o fato de ignorar seus conselhos o incomodaram o suficiente para que eu não fosse mais tão amada? O pensamento me incomodou um pouco... mas não tanto quanto contemplar o que poderia significar ser a amada de algum ser incorpóreo, que falava comigo apenas em meus pensamentos.

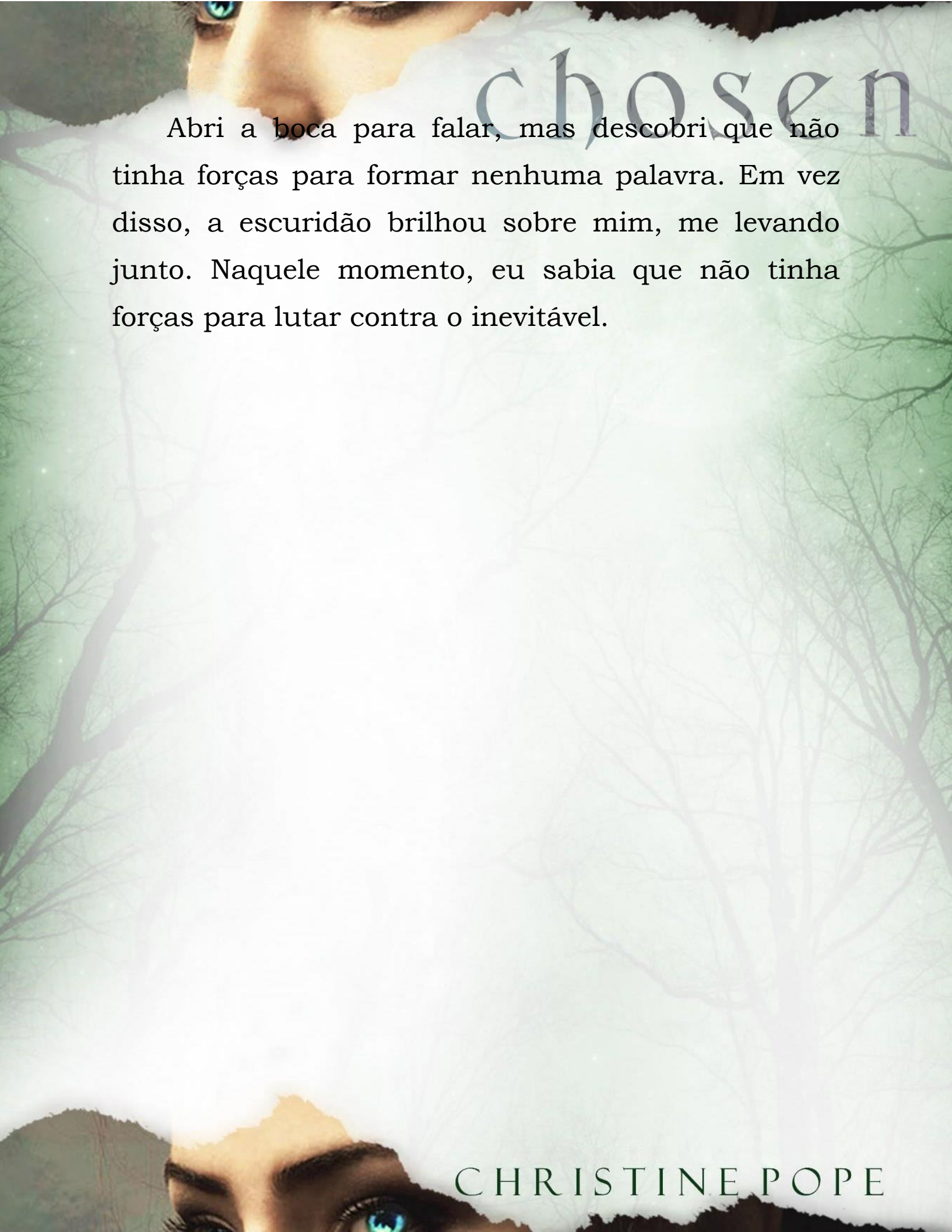
Se ele fosse mesmo real. Eu realmente poderia estar imaginando tudo. Afinal, havia relatos de mães balançando e levantando caminhões de suas crianças ou o que quer. Não era possível que eu tivesse atirado Chris Bowman para longe de mim, e minha mente tinha acabado de embelezar o evento, então parecia

CHRISTINE POPE

que algum tipo de força sobrenatural estava envolvida?

Eu não sabia. E a pior parte era que eu não tinha com quem conversar sobre minha situação, exceto uma voz sem corpo que poderia ou não ser apenas uma invenção da minha imaginação. Durante a maior parte do dia, consegui empurrar para o lado a dor de perder minha família, meus amigos, mas agora, enquanto eu me sentava lá no escuro, uma vela piscando na mesa de café, tudo parecia voltar apressadamente, como uma grande ferida aberta no meu meio, onde meu coração foi arrancado. Eu tinha 24 anos, mas naquele momento tudo que eu queria era minha mãe. Eu queria que ela me abraçasse e me dissesse que tudo ficaria bem.

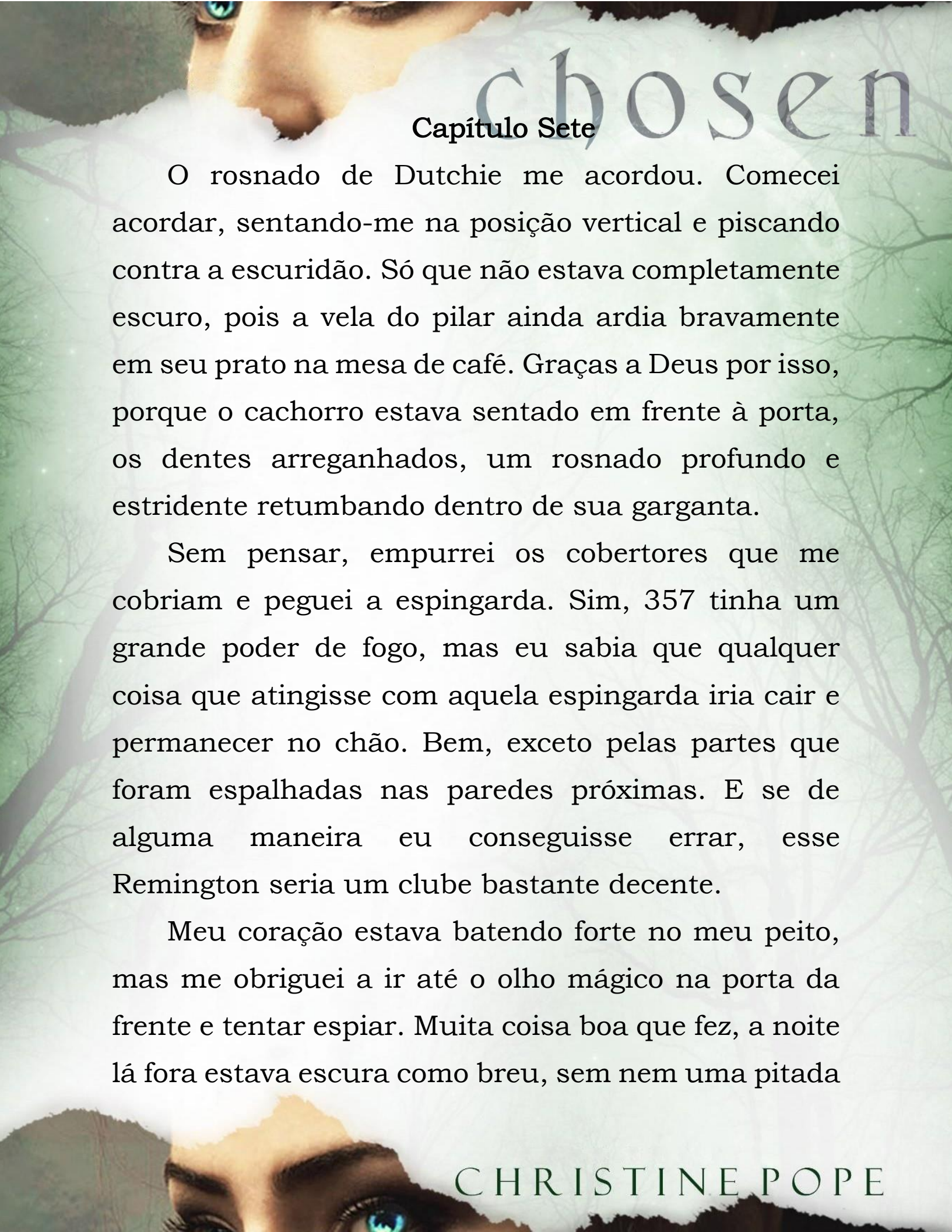
E então eu o senti lá, como havia feito antes, como uma onda de calor se movendo sobre mim, braços fortes em volta de mim, o toque de uma boca invisível no meu cabelo caído. — *Ah, amada, você não acredita em mim agora, mas vai melhorar. Durma agora e deixe a dor por mais um dia.*



Chosen

Abri a boca para falar, mas descobri que não tinha forças para formar nenhuma palavra. Em vez disso, a escuridão brilhou sobre mim, me levando junto. Naquele momento, eu sabia que não tinha forças para lutar contra o inevitável.

CHRISTINE POPE



Chosen

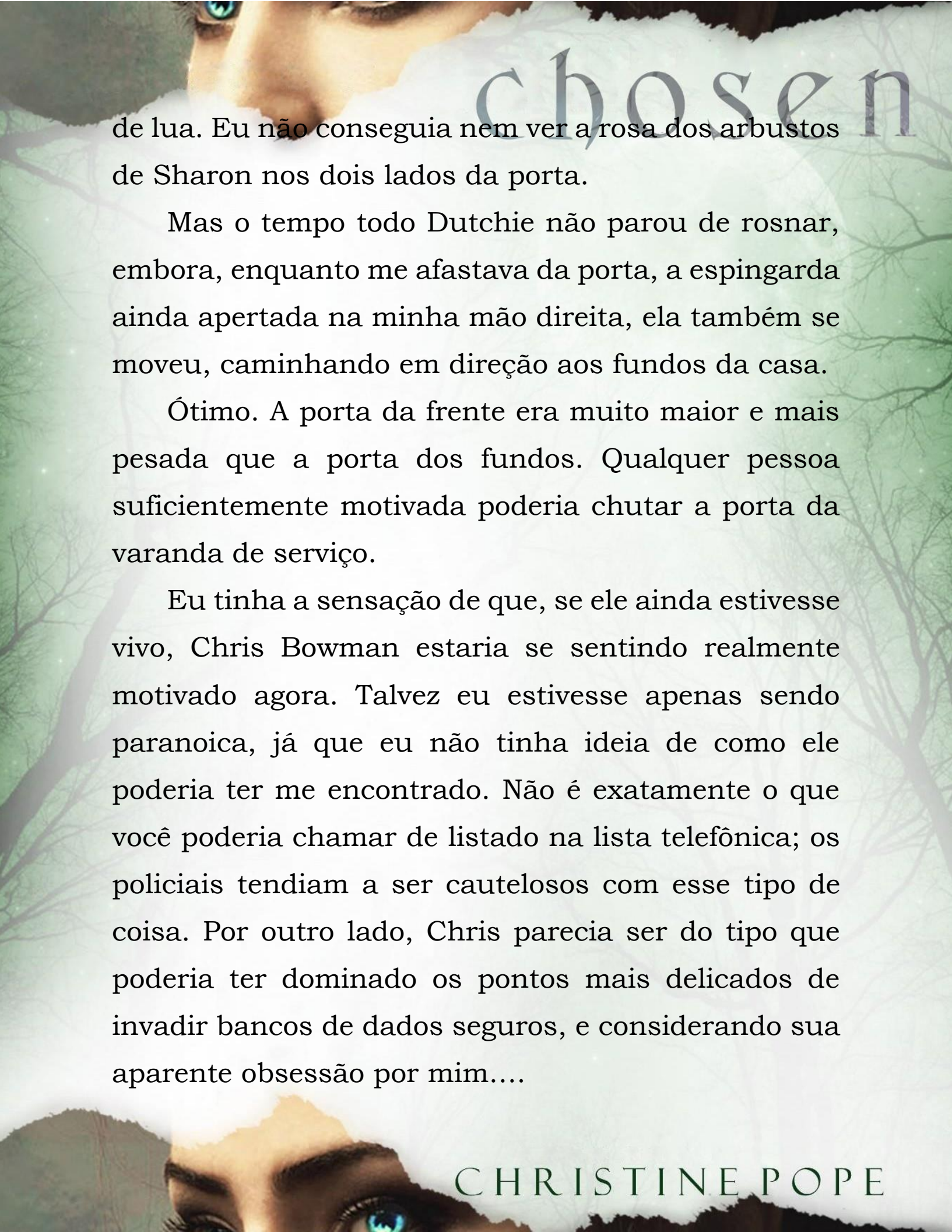
Capítulo Sete

O rosnado de Dutchie me acordou. Comecei acordar, sentando-me na posição vertical e piscando contra a escuridão. Só que não estava completamente escuro, pois a vela do pilar ainda ardia bravamente em seu prato na mesa de café. Graças a Deus por isso, porque o cachorro estava sentado em frente à porta, os dentes arreganhados, um rosnado profundo e estridente retumbando dentro de sua garganta.

Sem pensar, empurrei os cobertores que me cobriam e peguei a espingarda. Sim, 357 tinha um grande poder de fogo, mas eu sabia que qualquer coisa que atingisse com aquela espingarda iria cair e permanecer no chão. Bem, exceto pelas partes que foram espalhadas nas paredes próximas. E se de alguma maneira eu conseguisse errar, esse Remington seria um clube bastante decente.

Meu coração estava batendo forte no meu peito, mas me obriguei a ir até o olho mágico na porta da frente e tentar espiar. Muita coisa boa que fez, a noite lá fora estava escura como breu, sem nem uma pitada

CHRISTINE POPE



chosen

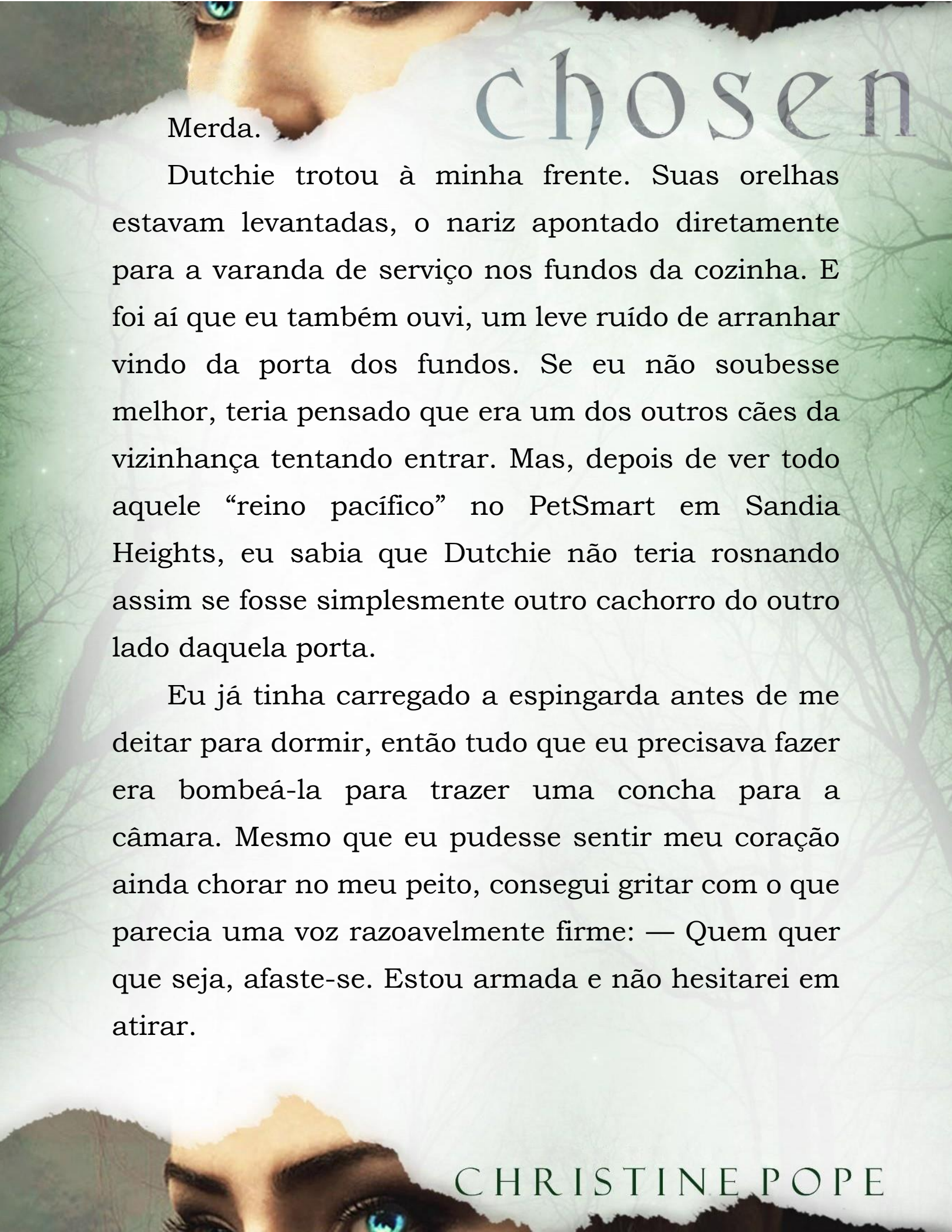
de lua. Eu não conseguia nem ver a rosa dos arbustos de Sharon nos dois lados da porta.

Mas o tempo todo Dutchie não parou de rosnar, embora, enquanto me afastava da porta, a espingarda ainda apertada na minha mão direita, ela também se moveu, caminhando em direção aos fundos da casa.

Ótimo. A porta da frente era muito maior e mais pesada que a porta dos fundos. Qualquer pessoa suficientemente motivada poderia chutar a porta da varanda de serviço.

Eu tinha a sensação de que, se ele ainda estivesse vivo, Chris Bowman estaria se sentindo realmente motivado agora. Talvez eu estivesse apenas sendo paranoica, já que eu não tinha ideia de como ele poderia ter me encontrado. Não é exatamente o que você poderia chamar de listado na lista telefônica; os policiais tendiam a ser cautelosos com esse tipo de coisa. Por outro lado, Chris parecia ser do tipo que poderia ter dominado os pontos mais delicados de invadir bancos de dados seguros, e considerando sua aparente obsessão por mim....

CHRISTINE POPE



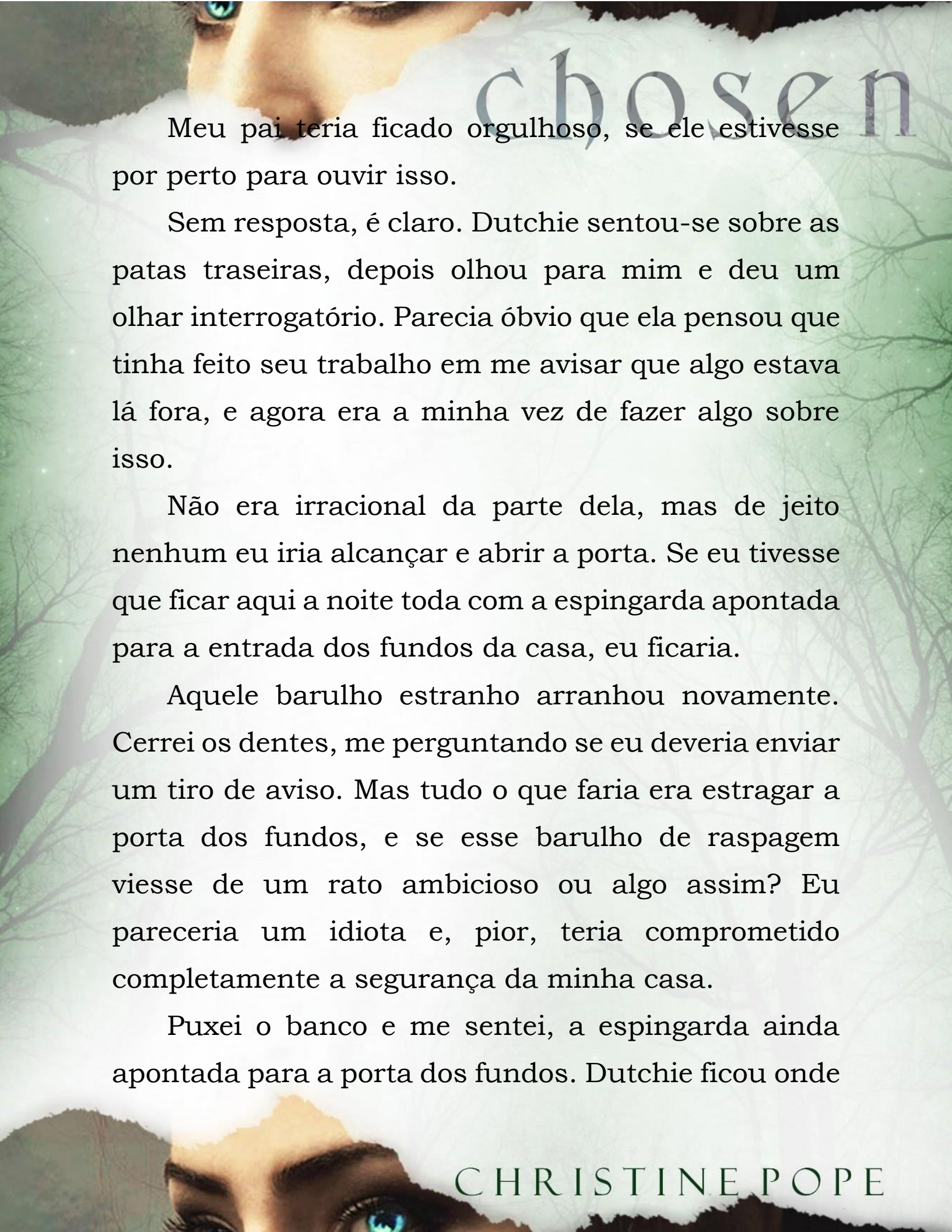
Merda.

chosen

Dutchie trotou à minha frente. Suas orelhas estavam levantadas, o nariz apontado diretamente para a varanda de serviço nos fundos da cozinha. E foi aí que eu também ouvi, um leve ruído de arranhar vindo da porta dos fundos. Se eu não soubesse melhor, teria pensado que era um dos outros cães da vizinhança tentando entrar. Mas, depois de ver todo aquele “reino pacífico” no PetSmart em Sandia Heights, eu sabia que Dutchie não teria rosnando assim se fosse simplesmente outro cachorro do outro lado daquela porta.

Eu já tinha carregado a espingarda antes de me deitar para dormir, então tudo que eu precisava fazer era bombeá-la para trazer uma concha para a câmara. Mesmo que eu pudesse sentir meu coração ainda chorar no meu peito, consegui gritar com o que parecia uma voz razoavelmente firme: — Quem quer que seja, afaste-se. Estou armada e não hesitarei em atirar.

CHRISTINE POPE



chosen

Meu pai teria ficado orgulhoso, se ele estivesse por perto para ouvir isso.

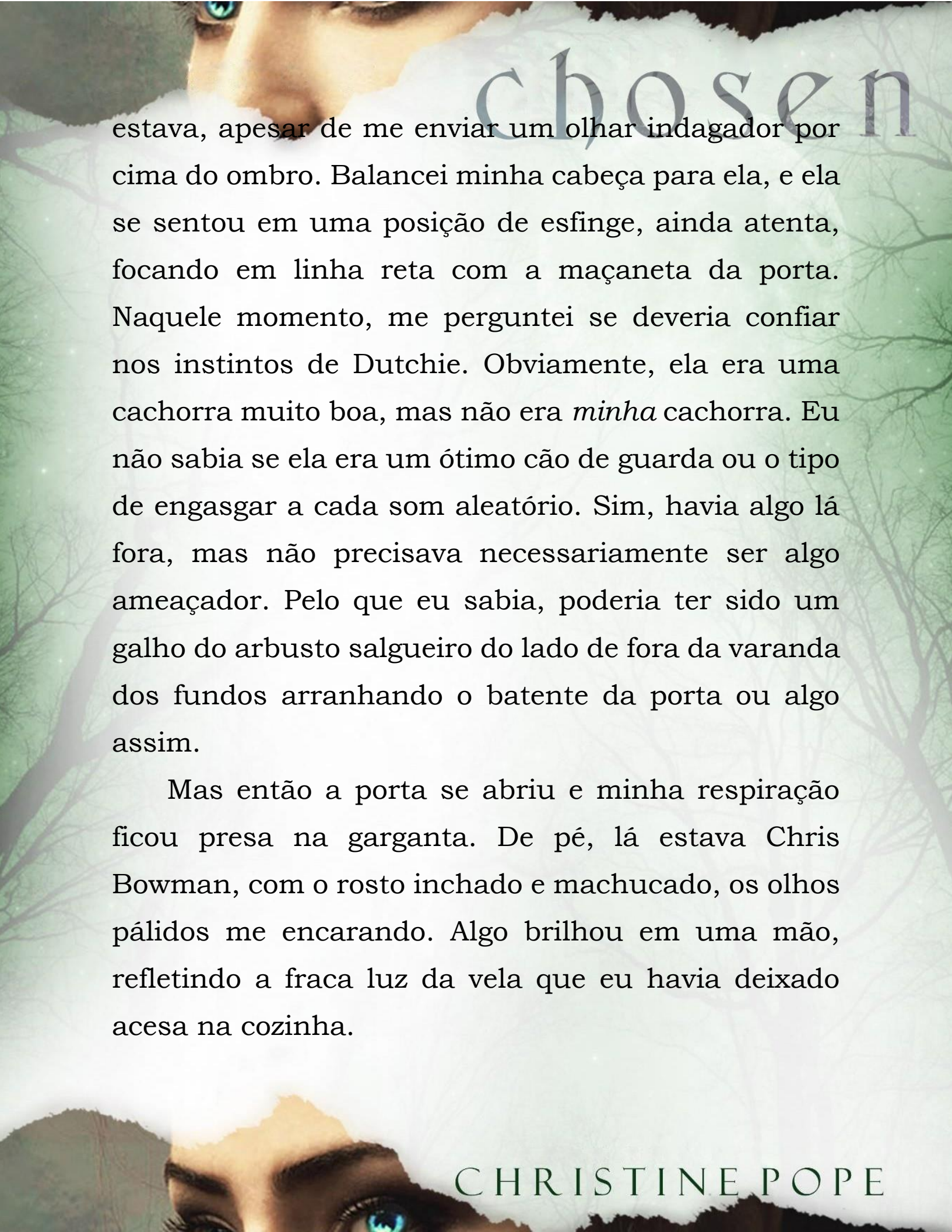
Sem resposta, é claro. Dutchie sentou-se sobre as patas traseiras, depois olhou para mim e deu um olhar interrogatório. Parecia óbvio que ela pensou que tinha feito seu trabalho em me avisar que algo estava lá fora, e agora era a minha vez de fazer algo sobre isso.

Não era irracional da parte dela, mas de jeito nenhum eu iria alcançar e abrir a porta. Se eu tivesse que ficar aqui a noite toda com a espingarda apontada para a entrada dos fundos da casa, eu ficaria.

Aquele barulho estranho arranhou novamente. Cerrei os dentes, me perguntando se eu deveria enviar um tiro de aviso. Mas tudo o que faria era estragar a porta dos fundos, e se esse barulho de raspagem viesse de um rato ambicioso ou algo assim? Eu pareceria um idiota e, pior, teria comprometido completamente a segurança da minha casa.

Puxei o banco e me sentei, a espingarda ainda apontada para a porta dos fundos. Dutchie ficou onde

CHRISTINE POPE

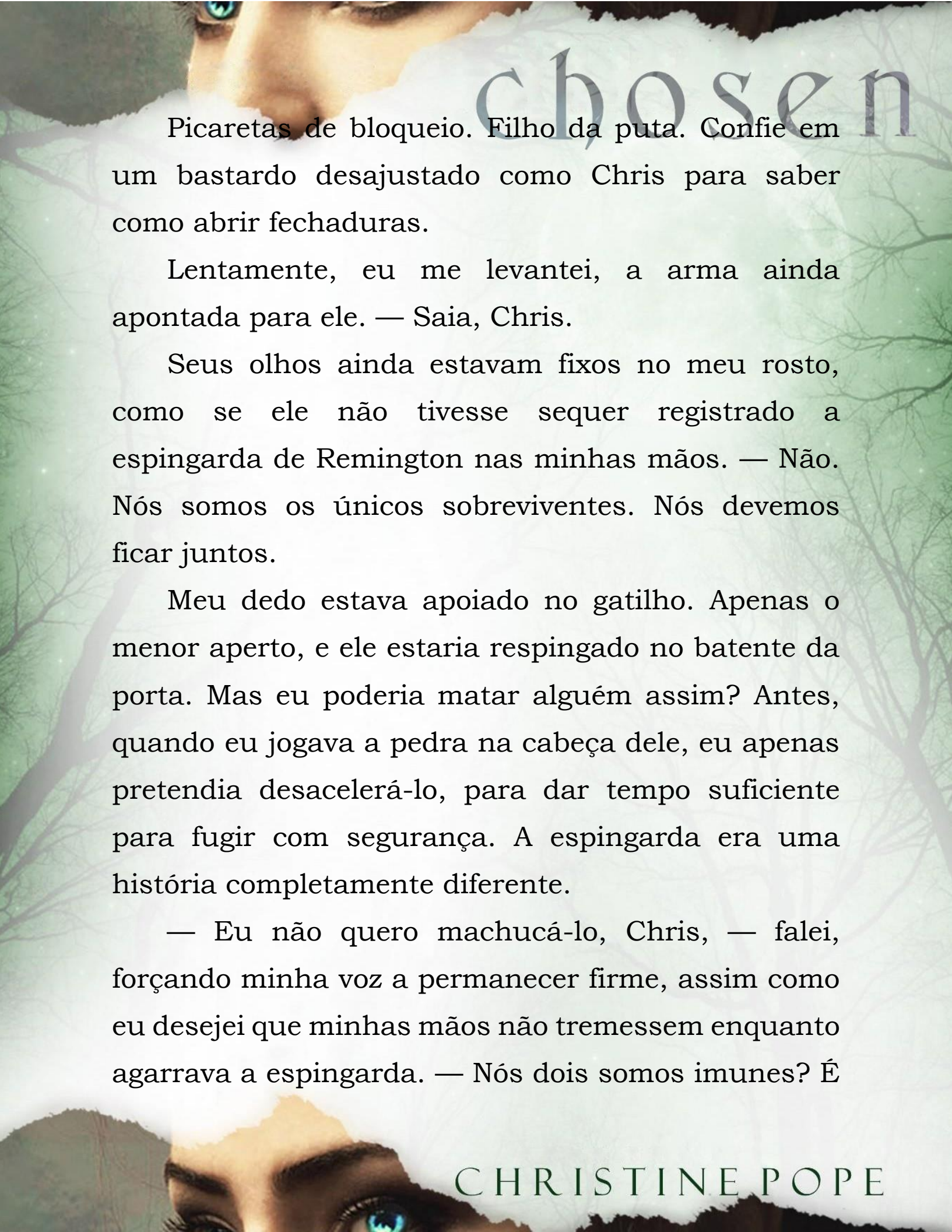


chosen

estava, apesar de me enviar um olhar indagador por cima do ombro. Balancei minha cabeça para ela, e ela se sentou em uma posição de esfinge, ainda atenta, focando em linha reta com a maçaneta da porta. Naquele momento, me perguntei se deveria confiar nos instintos de Dutchie. Obviamente, ela era uma cachorra muito boa, mas não era *minha* cachorra. Eu não sabia se ela era um ótimo cão de guarda ou o tipo de engasgar a cada som aleatório. Sim, havia algo lá fora, mas não precisava necessariamente ser algo ameaçador. Pelo que eu sabia, poderia ter sido um galho do arbusto salgueiro do lado de fora da varanda dos fundos arranhando o batente da porta ou algo assim.

Mas então a porta se abriu e minha respiração ficou presa na garganta. De pé, lá estava Chris Bowman, com o rosto inchado e machucado, os olhos pálidos me encarando. Algo brilhou em uma mão, refletindo a fraca luz da vela que eu havia deixado acesa na cozinha.

CHRISTINE POPE



Chosen

Picaretas de bloqueio. Filho da puta. Confie em um bastardo desajustado como Chris para saber como abrir fechaduras.

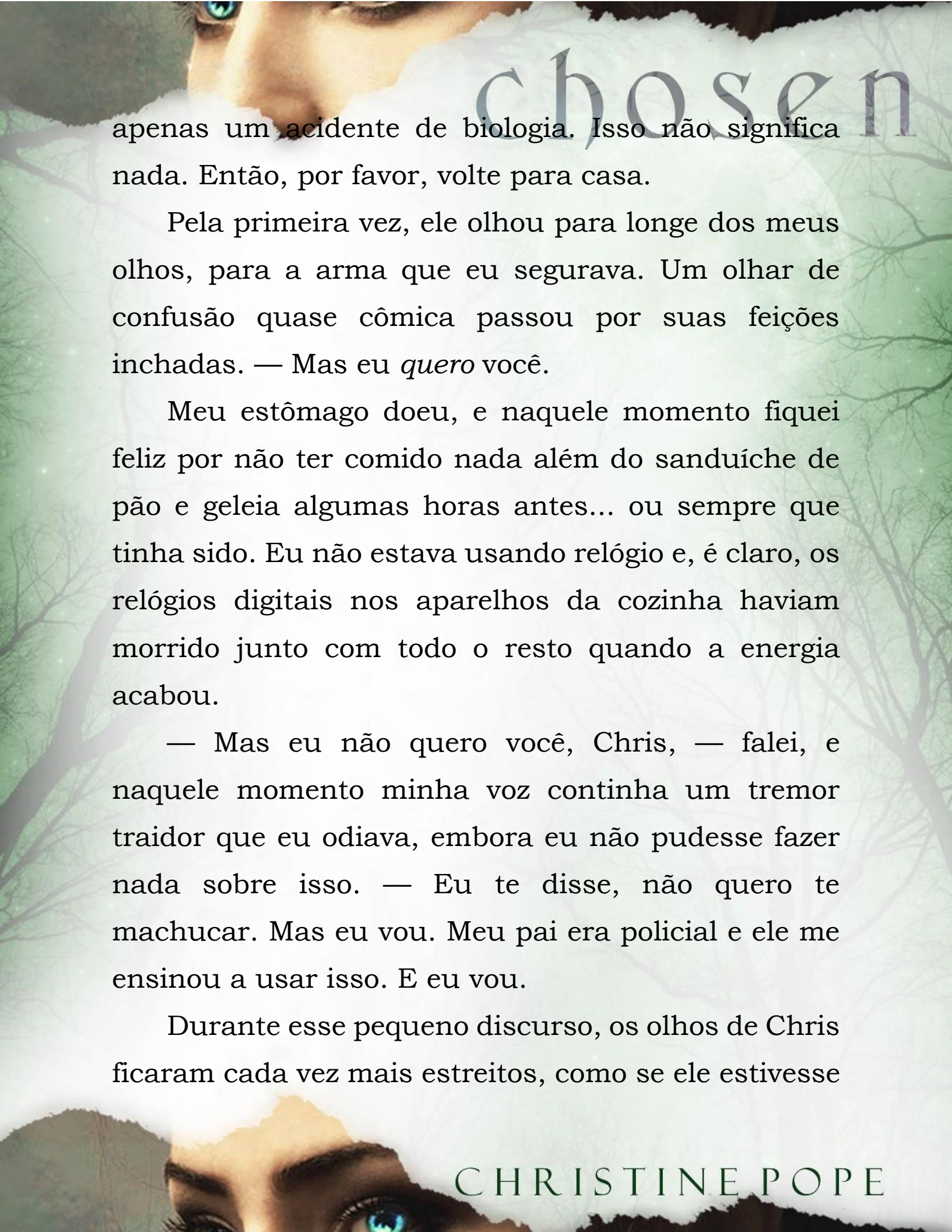
Lentamente, eu me levantei, a arma ainda apontada para ele. — Saia, Chris.

Seus olhos ainda estavam fixos no meu rosto, como se ele não tivesse sequer registrado a espingarda de Remington nas minhas mãos. — Não. Nós somos os únicos sobreviventes. Nós devemos ficar juntos.

Meu dedo estava apoiado no gatilho. Apenas o menor aperto, e ele estaria respingado no batente da porta. Mas eu poderia matar alguém assim? Antes, quando eu jogava a pedra na cabeça dele, eu apenas pretendia desacelerá-lo, para dar tempo suficiente para fugir com segurança. A espingarda era uma história completamente diferente.

— Eu não quero machucá-lo, Chris, — falei, forçando minha voz a permanecer firme, assim como eu desejei que minhas mãos não tremessem enquanto agarrava a espingarda. — Nós dois somos imunes? É

CHRISTINE POPE



apenas um acidente de biologia. Isso não significa nada. Então, por favor, volte para casa.

Pela primeira vez, ele olhou para longe dos meus olhos, para a arma que eu segurava. Um olhar de confusão quase cômica passou por suas feições inchadas. — Mas eu *quero* você.

Meu estômago doeu, e naquele momento fiquei feliz por não ter comido nada além do sanduíche de pão e geleia algumas horas antes... ou sempre que tinha sido. Eu não estava usando relógio e, é claro, os relógios digitais nos aparelhos da cozinha haviam morrido junto com todo o resto quando a energia acabou.

— Mas eu não quero você, Chris, — falei, e naquele momento minha voz continha um tremor traidor que eu odiava, embora eu não pudesse fazer nada sobre isso. — Eu te disse, não quero te machucar. Mas eu vou. Meu pai era policial e ele me ensinou a usar isso. E eu vou.

Durante esse pequeno discurso, os olhos de Chris ficaram cada vez mais estreitos, como se ele estivesse

CHRISTINE POPE

finalmente processando minha rejeição a ele. Seu lábio se curvou e ele disse: — Você não tem coragem, — logo antes de ele se lançar sobre mim.

Sem pensar, deixei meu dedo apertar o gatilho. Ao mesmo tempo, era como se uma mão poderosa tivesse agarrado o cano, apontando-o para longe de Chris, então tudo o que fiz foi abrir um buraco no teto, destruindo a combinação de luminária/ventilador e espalhando o teto por toda parte. Pisquei, com certeza o arrepio viria atrás de mim, agora que eu tinha sentido uma falta tão hedionda, mas em vez disso, algo pareceu agarrá-lo pelo pescoço, apertando para que seus olhos comesçassem a inchar e seus pés se esfregassem impotentes contra o chão de linóleo da lavanderia.

Alguns gemidos borbulhantes saíram de sua garganta e, mais uma vez, ele foi jogado para longe de mim, desta vez com tanta força que voou pelo quintal, atingindo a esquina da garagem antes de cair em uma pilha de cama de irís. Tremendo, apertei a espingarda

e comecei a descer os degraus em sua direção, apenas para ouvir a voz dizer:

Pare, Jessica. Não há necessidade.

Fiz uma pausa na escada do fundo. — Isso... era você?

— *Sim.*

— E ele é...

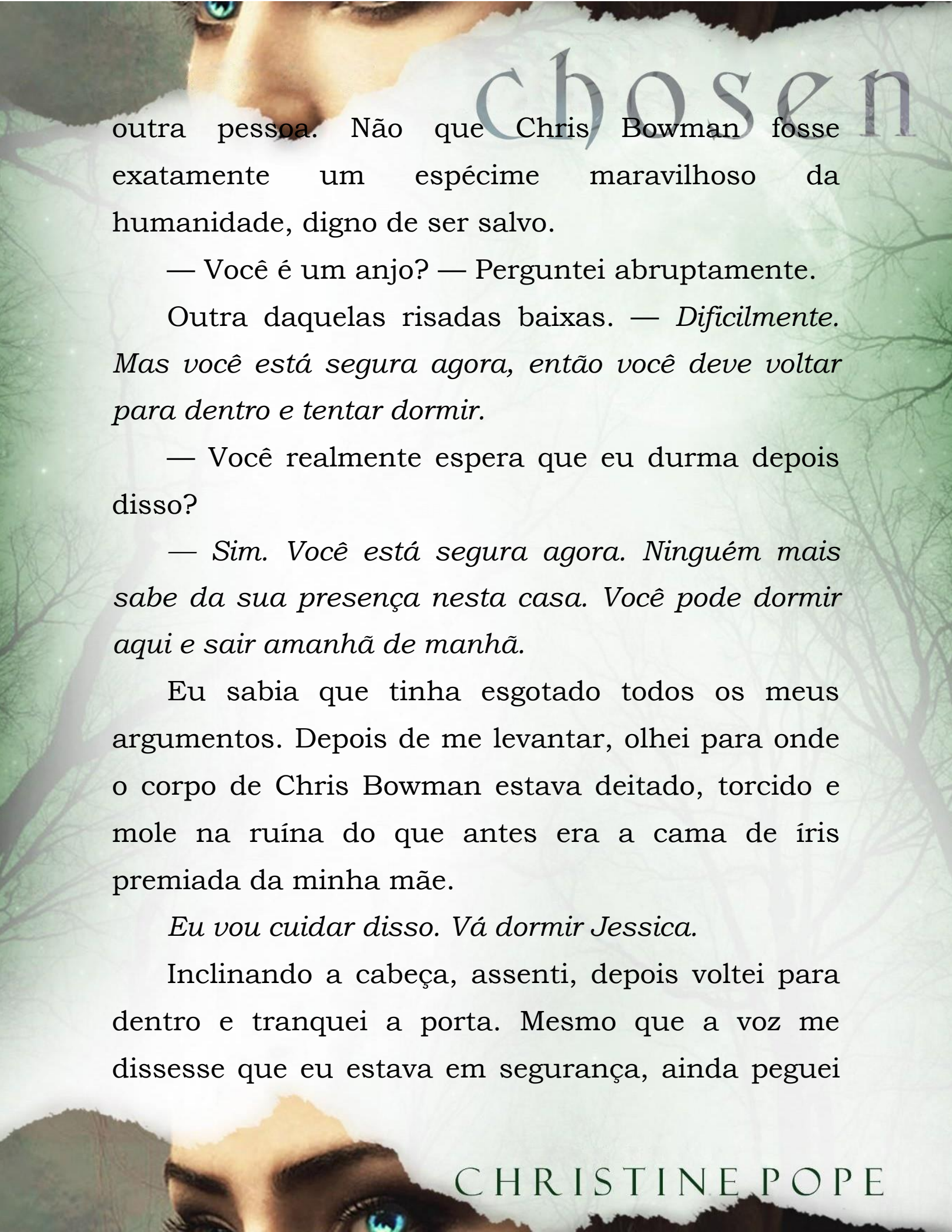
— *Sim. Fiz o que deveria ter feito na casa de sua tia e tio.*

Minha respiração parecia sair de mim em um *whoosh*, e me vi sentada no degrau, o concreto frio mesmo através da calça jeans. Graças a Deus pelo menos eu tinha ido para a cama completamente vestida, exceto minhas botas de caminhada. Olhei para a arma que eu ainda segurava.

— Eu não teria errado, teria?

Não. Você o teria matado, se eu não tivesse empurrado a arma. Eu não queria isso em sua consciência.

Então... um ser que se esforçava para me proteger, mas não pensava duas vezes em matar



outra pessoa. Não que Chris Bowman fosse exatamente um espécime maravilhoso da humanidade, digno de ser salvo.

— Você é um anjo? — Perguntei abruptamente.

Outra daquelas risadas baixas. — *Difícilmente. Mas você está segura agora, então você deve voltar para dentro e tentar dormir.*

— Você realmente espera que eu durma depois disso?

— *Sim. Você está segura agora. Ninguém mais sabe da sua presença nesta casa. Você pode dormir aqui e sair amanhã de manhã.*

Eu sabia que tinha esgotado todos os meus argumentos. Depois de me levantar, olhei para onde o corpo de Chris Bowman estava deitado, torcido e mole na ruína do que antes era a cama de íris premiada da minha mãe.

Eu vou cuidar disso. Vá dormir Jessica.

Inclinando a cabeça, assenti, depois voltei para dentro e tranquei a porta. Mesmo que a voz me dissesse que eu estava em segurança, ainda peguei

CHRISTINE POPE

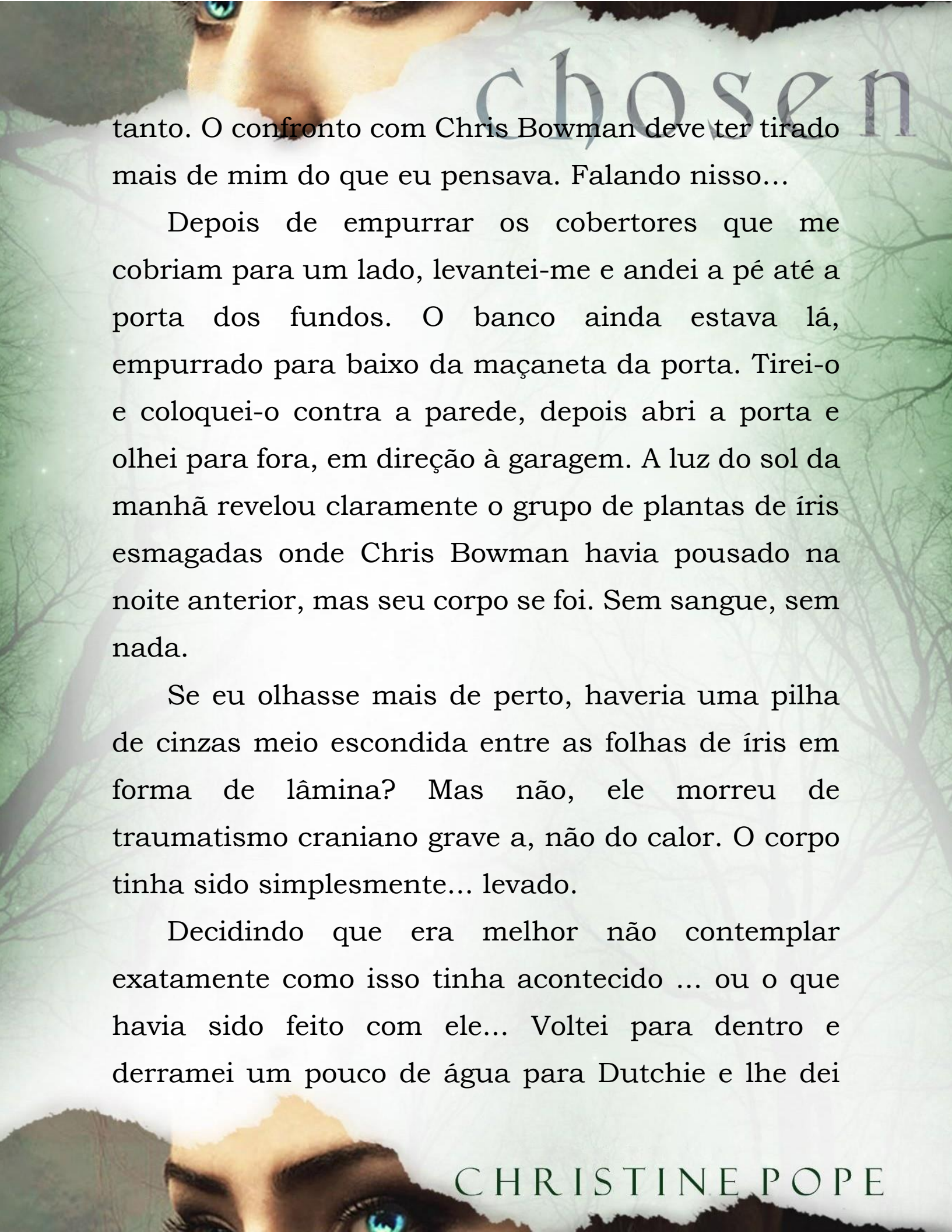
um banco e enfiei-o embaixo da maçaneta da porta dos fundos. Talvez tenha sido um gesto tolo, mas me fez sentir um pouco melhor.

Dutchie olhou para mim e abanou a cauda, mostrando os dentes em um sorriso de cachorro. — Tudo bem, — falei. — Você recebe um agrado pelo aviso. — Peguei um biscoito de cachorro e dei para ela antes de voltar para minha cama improvisada no sofá da sala, onde encostei a espingarda no braço do sofá mais uma vez. Talvez eu não precisasse, mas sabia que dormiria melhor se estivesse lá.

Supondo que eu dormisse, é claro.

Por fim, acordei com a luz do sol espreitando nas bordas das cortinas da sala. O relógio em cima da lareira funcionava com bateria e, portanto, não havia problema em dizer que faltavam dez minutos para as oito.

Quando deitei minha cabeça no travesseiro do sofá na noite anterior, não fazia ideia de que dormia



Chosen

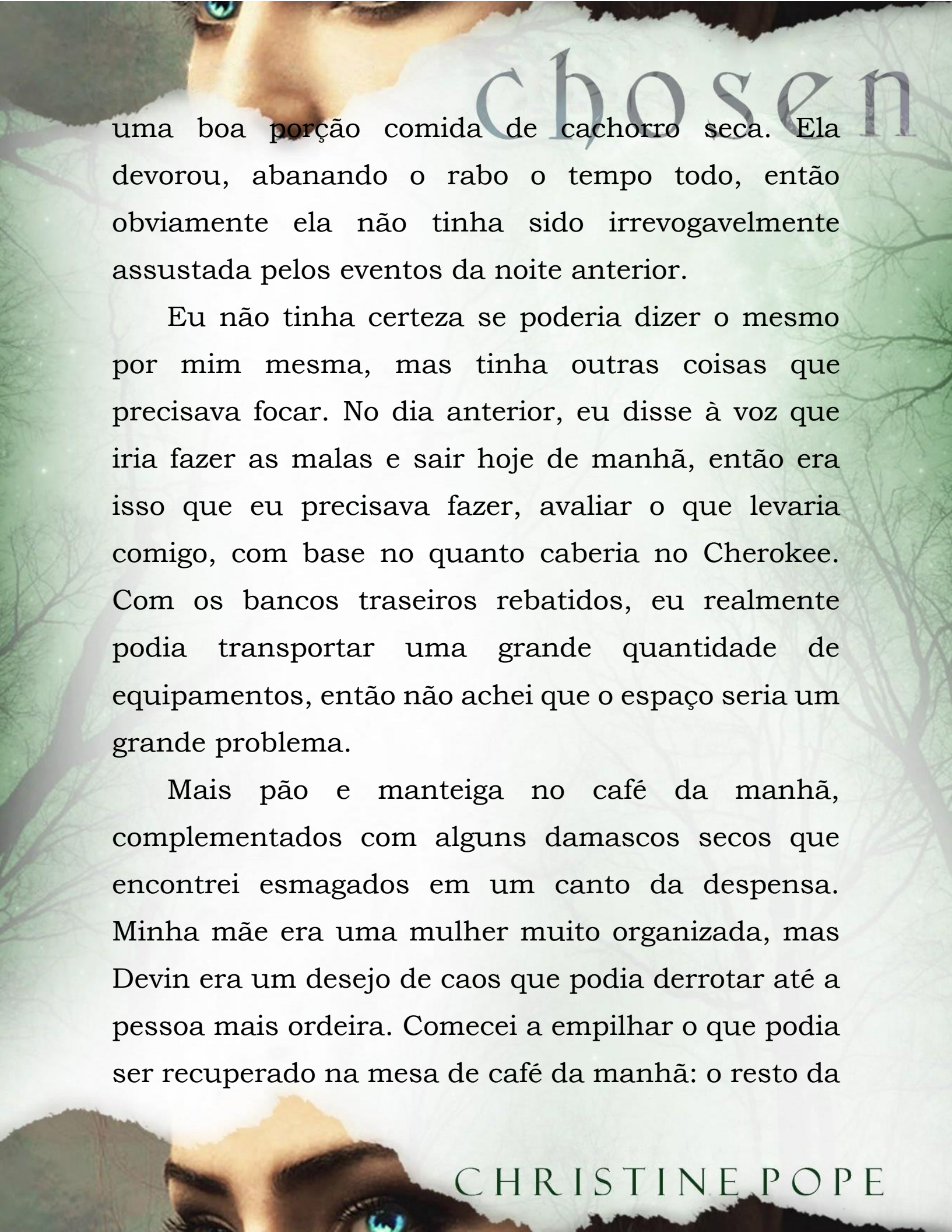
tanto. O confronto com Chris Bowman deve ter tirado mais de mim do que eu pensava. Falando nisso...

Depois de empurrar os cobertores que me cobriam para um lado, levantei-me e andei a pé até a porta dos fundos. O banco ainda estava lá, empurrado para baixo da maçaneta da porta. Tirei-o e coloquei-o contra a parede, depois abri a porta e olhei para fora, em direção à garagem. A luz do sol da manhã revelou claramente o grupo de plantas de íris esmagadas onde Chris Bowman havia pousado na noite anterior, mas seu corpo se foi. Sem sangue, sem nada.

Se eu olhasse mais de perto, haveria uma pilha de cinzas meio escondida entre as folhas de íris em forma de lâmina? Mas não, ele morreu de traumatismo craniano grave a, não do calor. O corpo tinha sido simplesmente... levado.

Decidindo que era melhor não contemplar exatamente como isso tinha acontecido ... ou o que havia sido feito com ele... Voltei para dentro e derramei um pouco de água para Dutchie e lhe dei

CHRISTINE POPE



Chosen

uma boa porção comida de cachorro seca. Ela devorou, abanando o rabo o tempo todo, então obviamente ela não tinha sido irrevogavelmente assustada pelos eventos da noite anterior.

Eu não tinha certeza se poderia dizer o mesmo por mim mesma, mas tinha outras coisas que precisava focar. No dia anterior, eu disse à voz que iria fazer as malas e sair hoje de manhã, então era isso que eu precisava fazer, avaliar o que levaria comigo, com base no quanto caberia no Cherokee. Com os bancos traseiros rebatidos, eu realmente podia transportar uma grande quantidade de equipamentos, então não achei que o espaço seria um grande problema.

Mais pão e manteiga no café da manhã, complementados com alguns damascos secos que encontrei esmagados em um canto da despensa. Minha mãe era uma mulher muito organizada, mas Devin era um desejo de caos que podia derrotar até a pessoa mais ordeira. Comecei a empilhar o que podia ser recuperado na mesa de café da manhã: o resto da

CHRISTINE POPE

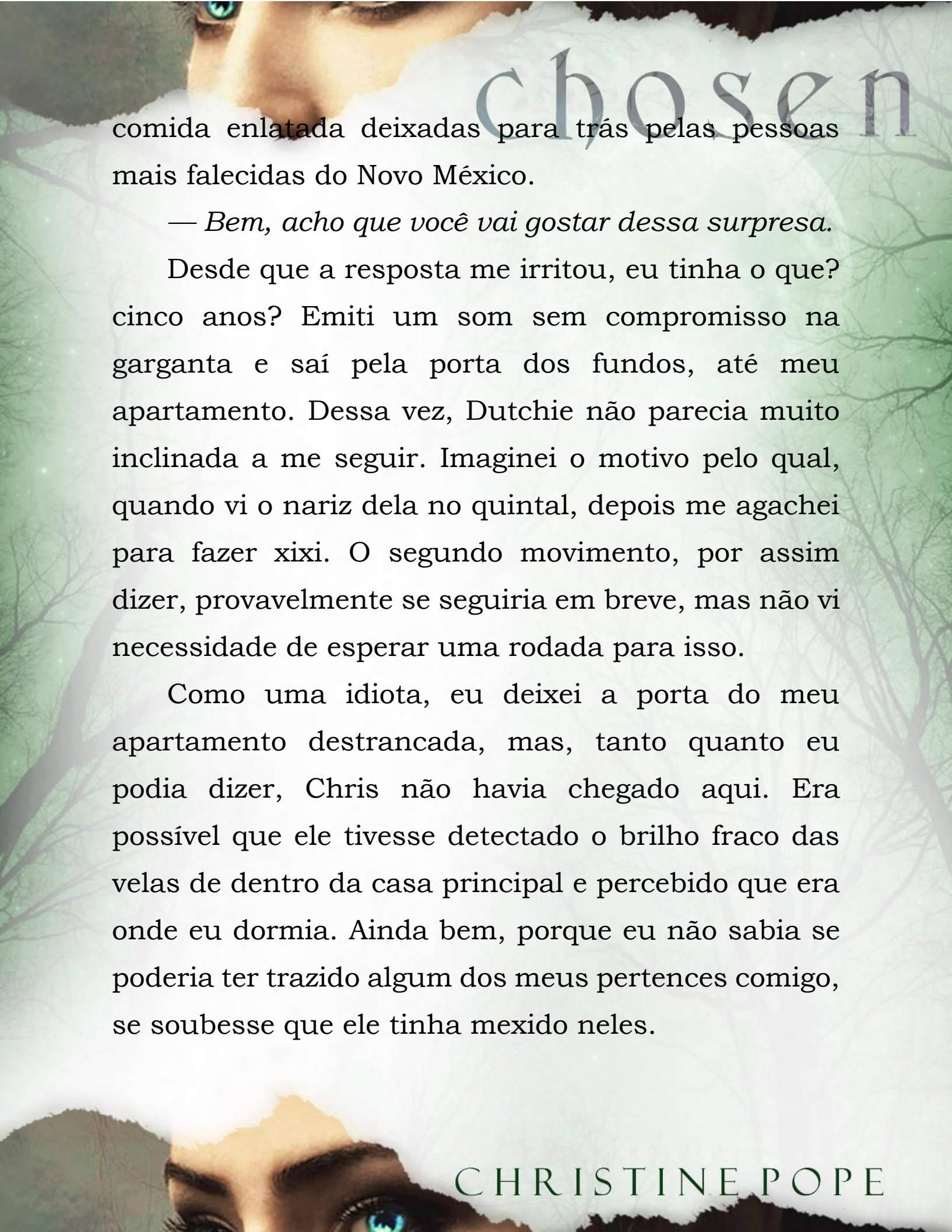
sacola de damascos, uma pilha de barras de granola, uma sacola fechada de salgadinhos de milho azuis, os restos da comida seca e os biscoitos para Dutchie. Isso nos manteria a princípio, e achei que sempre poderia estocar mais algumas coisas na seção de alimentos do Walgreens.

— *Na verdade, você não precisa muito disso.* — A voz parecia quase divertida dessa vez.

— Bem, até que você me diga a que distância estou dirigindo, vou embalar mais, — falei, colocando o meio copo de água engarrafada ao lado da comida do cachorro.

— *Jessica, você não gosta de surpresas?*

— Não particularmente, não. — Examinei a pilha escassa e pensei que realmente não estava exagerando nos padrões de ninguém. É verdade que eu poderia começar a empilhar as latas econômicas de molho de tomate e feijão que minha mãe comprara na Costco, mas eu poderia comprar essas coisas em qualquer lugar, se necessário. Não era como se houvesse muita concorrência pelas enormes pilhas de



Chosen

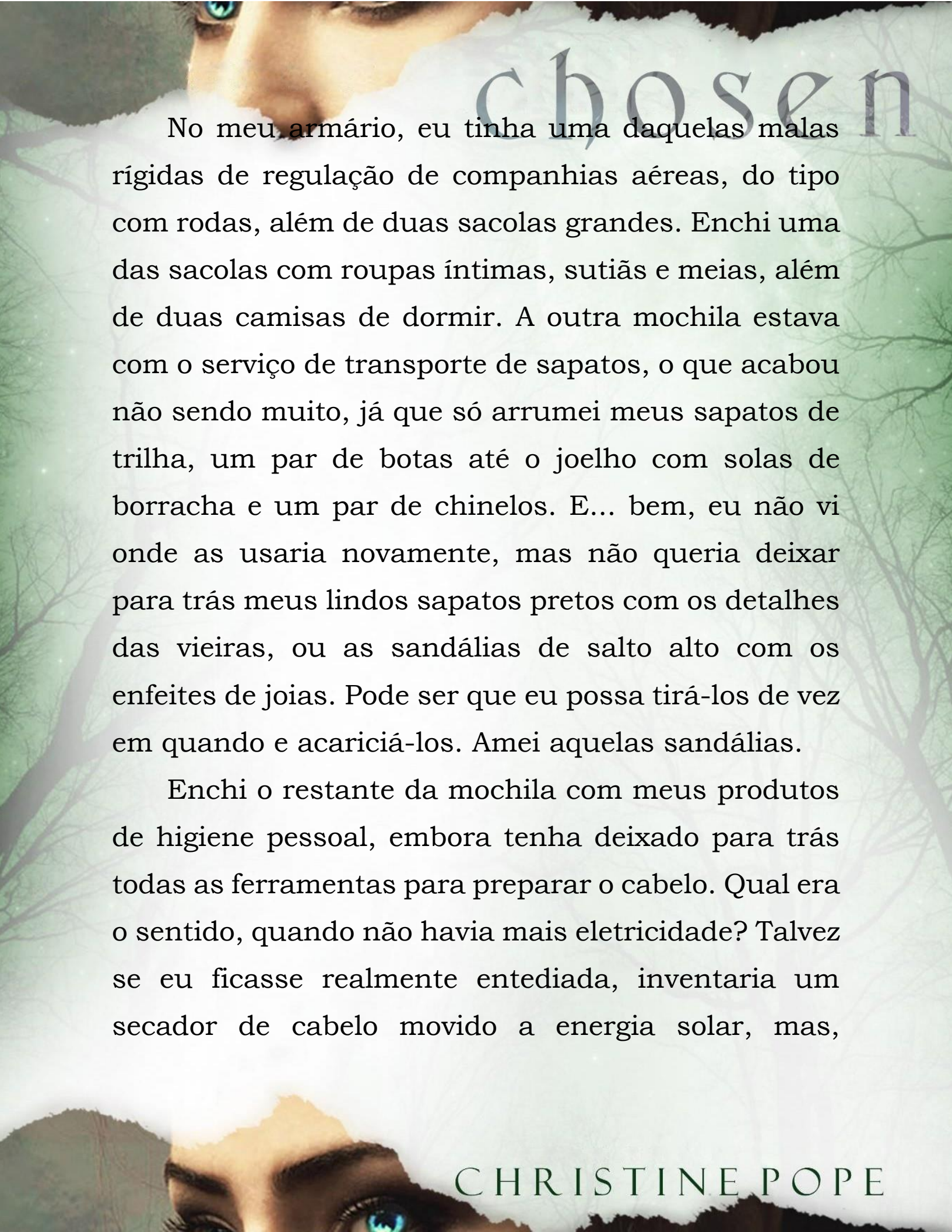
comida enlatada deixadas para trás pelas pessoas mais falecidas do Novo México.

— *Bem, acho que você vai gostar dessa surpresa.*

Desde que a resposta me irritou, eu tinha o que? cinco anos? Emiti um som sem compromisso na garganta e saí pela porta dos fundos, até meu apartamento. Dessa vez, Dutchie não parecia muito inclinada a me seguir. Imaginei o motivo pelo qual, quando vi o nariz dela no quintal, depois me agachei para fazer xixi. O segundo movimento, por assim dizer, provavelmente se seguiria em breve, mas não vi necessidade de esperar uma rodada para isso.

Como uma idiota, eu deixei a porta do meu apartamento destrancada, mas, tanto quanto eu podia dizer, Chris não havia chegado aqui. Era possível que ele tivesse detectado o brilho fraco das velas de dentro da casa principal e percebido que era onde eu dormia. Ainda bem, porque eu não sabia se poderia ter trazido algum dos meus pertences comigo, se soubesse que ele tinha mexido neles.

CHRISTINE POPE

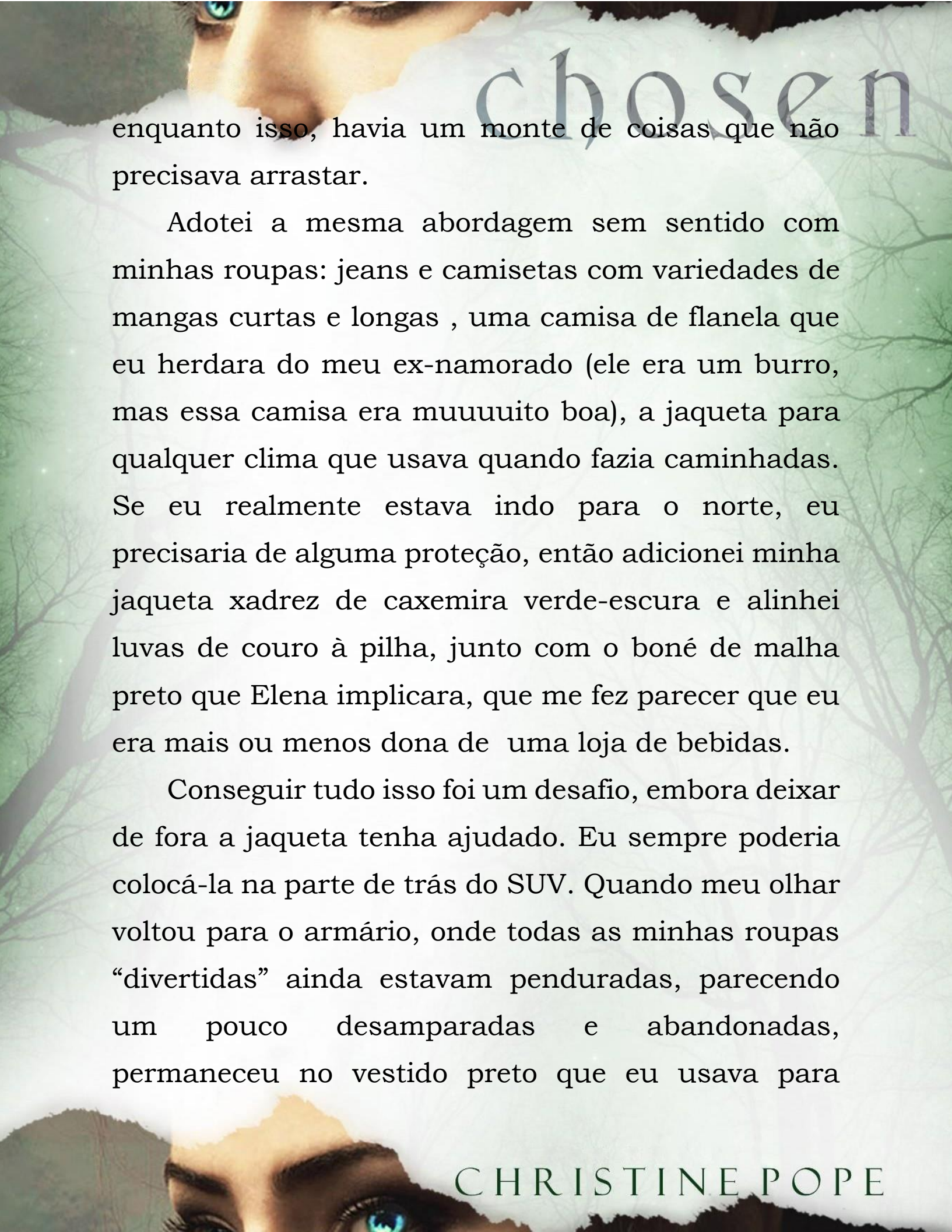


chosen

No meu armário, eu tinha uma daquelas malas rígidas de regulação de companhias aéreas, do tipo com rodas, além de duas sacolas grandes. Enchi uma das sacolas com roupas íntimas, sutiãs e meias, além de duas camisas de dormir. A outra mochila estava com o serviço de transporte de sapatos, o que acabou não sendo muito, já que só arrumei meus sapatos de trilha, um par de botas até o joelho com solas de borracha e um par de chinelos. E... bem, eu não vi onde as usaria novamente, mas não queria deixar para trás meus lindos sapatos pretos com os detalhes das vieiras, ou as sandálias de salto alto com os enfeites de joias. Pode ser que eu possa tirá-los de vez em quando e acariciá-los. Amei aquelas sandálias.

Enchi o restante da mochila com meus produtos de higiene pessoal, embora tenha deixado para trás todas as ferramentas para preparar o cabelo. Qual era o sentido, quando não havia mais eletricidade? Talvez se eu ficasse realmente entediada, inventaria um secador de cabelo movido a energia solar, mas,

CHRISTINE POPE

The background of the book cover features a close-up of a woman's face, focusing on her eyes and nose, with a soft, ethereal glow. The image is overlaid with a dense network of thin, dark green branches, resembling a forest or a web, which adds a mysterious and naturalistic feel to the design.

chosen

enquanto isso, havia um monte de coisas que não precisava arrastar.

Adotei a mesma abordagem sem sentido com minhas roupas: jeans e camisetas com variedades de mangas curtas e longas , uma camisa de flanela que eu herdara do meu ex-namorado (ele era um burro, mas essa camisa era muuuuito boa), a jaqueta para qualquer clima que usava quando fazia caminhadas. Se eu realmente estava indo para o norte, eu precisaria de alguma proteção, então adicionei minha jaqueta xadrez de caxemira verde-escura e alinhei luvas de couro à pilha, junto com o boné de malha preto que Elena implicara, que me fez parecer que eu era mais ou menos dona de uma loja de bebidas.

Conseguir tudo isso foi um desafio, embora deixar de fora a jaqueta tenha ajudado. Eu sempre poderia colocá-la na parte de trás do SUV. Quando meu olhar voltou para o armário, onde todas as minhas roupas “divertidas” ainda estavam penduradas, parecendo um pouco desamparadas e abandonadas, permaneceu no vestido preto que eu usava para

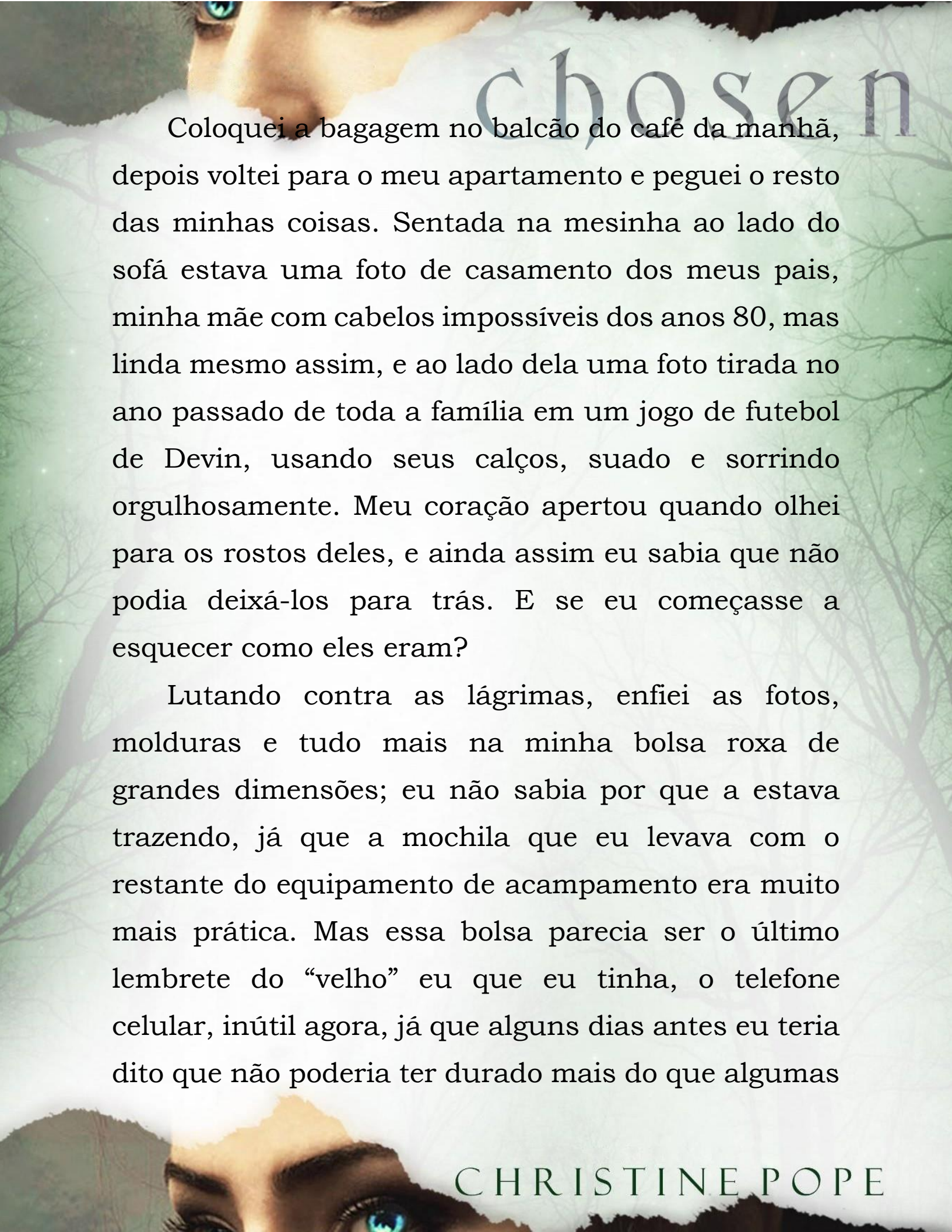
CHRISTINE POPE

bebidas no meu aniversário. Tudo bem, eu sabia que não havia razão para precisar usar aquele vestido novamente, mas amei o jeito que ele se encaixava, o jeito que parecia seguir todas as curvas do meu corpo sem se agarrar demais. Mas era feito de tecido de malha e não ocupava muito espaço.

Fora do cabide, ele rolou para uma bola surpreendentemente pequena. Enfiei o vestido em um canto da mala e fechei o zíper. Um som do lado de fora no patamar me fez começar, mas era apenas Dutchie, chegando para investigar o que eu estava fazendo.

— Quase pronta, — eu disse a ela, puxando a mala da cama e pegando o isqueiro das duas mochilas, aquela com minhas roupas íntimas. Eu voltaria para a outra mochila e meu casaco.

O cachorro correu na minha frente pelas escadas, abanando a cauda. Parecia que ela sabia o que esses preparativos significavam, que eu iria para o Cherokee em breve, e isso significava que ela também iria.



Chosen

Coloquei a bagagem no balcão do café da manhã, depois voltei para o meu apartamento e peguei o resto das minhas coisas. Sentada na mesinha ao lado do sofá estava uma foto de casamento dos meus pais, minha mãe com cabelos impossíveis dos anos 80, mas linda mesmo assim, e ao lado dela uma foto tirada no ano passado de toda a família em um jogo de futebol de Devin, usando seus calços, suado e sorrindo orgulhosamente. Meu coração apertou quando olhei para os rostos deles, e ainda assim eu sabia que não podia deixá-los para trás. E se eu começasse a esquecer como eles eram?

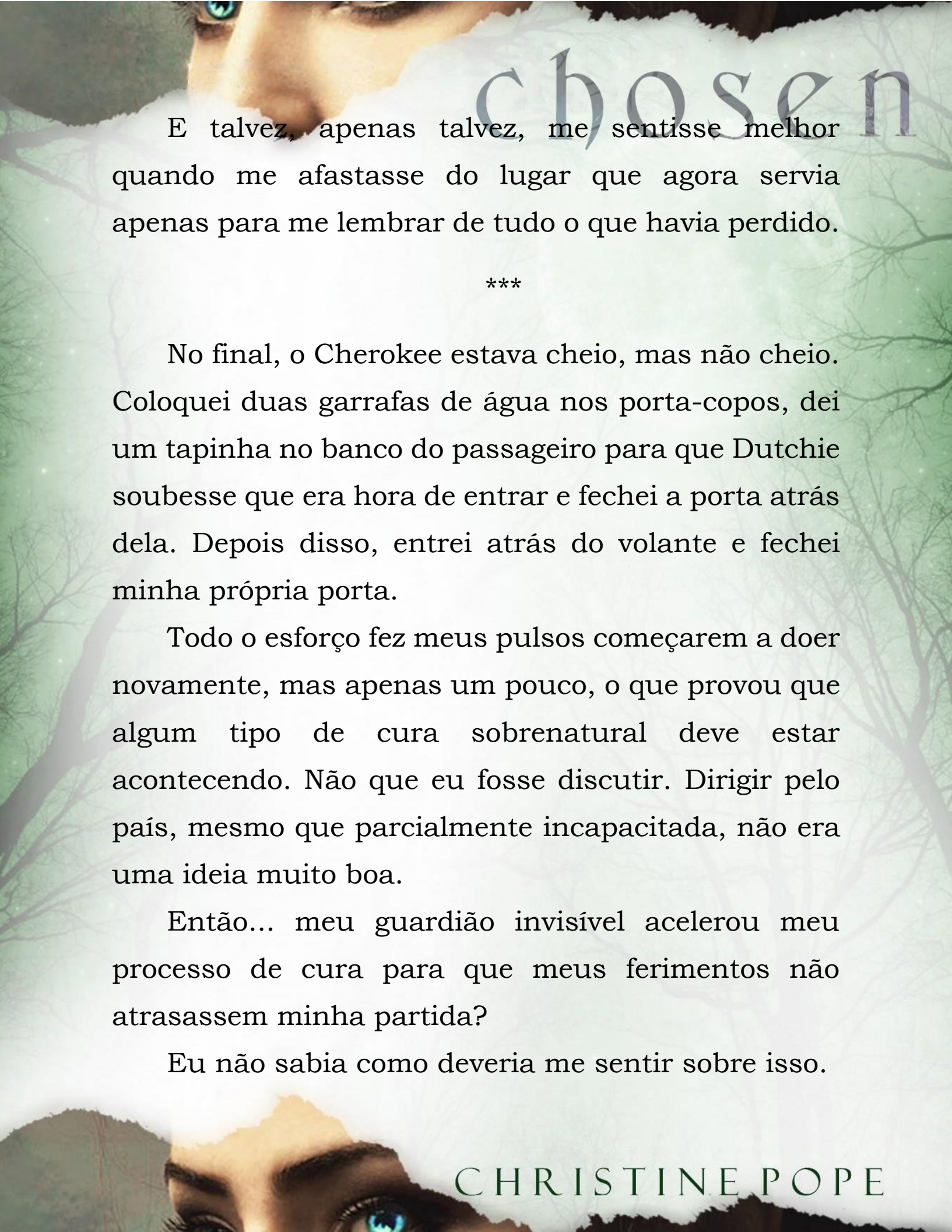
Lutando contra as lágrimas, enfiei as fotos, molduras e tudo mais na minha bolsa roxa de grandes dimensões; eu não sabia por que a estava trazendo, já que a mochila que eu levava com o restante do equipamento de acampamento era muito mais prática. Mas essa bolsa parecia ser o último lembrete do “velho” eu que eu tinha, o telefone celular, inútil agora, já que alguns dias antes eu teria dito que não poderia ter durado mais do que algumas

CHRISTINE POPE

horas sem ele; o tubo de brilho labial; minha carteira; uma caneta e um lenço de papel, porque minha mãe me disse que eu sempre deveria carregar uma caneta e um lenço de papel.

E minhas chaves. Saí para o patamar, fechei a porta atrás de mim e a tranquei. Eu realmente não sabia dizer o porquê, pois duvidava que algum sobrevivente, se houvesse mais além de mim e do falecido Chris Bowman, se incomodaria em vir até aqui para saquear o apartamento. Nossa casa era uma das mais modestas da rua; havia muitas opções melhores em outros lugares.

Mas esse pensamento só serviu para me deprimir, como se as coisas pelas quais meus pais haviam trabalhado tanto tivessem acabado sendo muito poucas no final. As primeiras pontadas de lágrimas me disseram que seria melhor eu abandonar essa linha de pensamento, pois ainda tinha muito o que fazer.



chosen

E talvez, apenas talvez, me sentisse melhor quando me afastasse do lugar que agora servia apenas para me lembrar de tudo o que havia perdido.

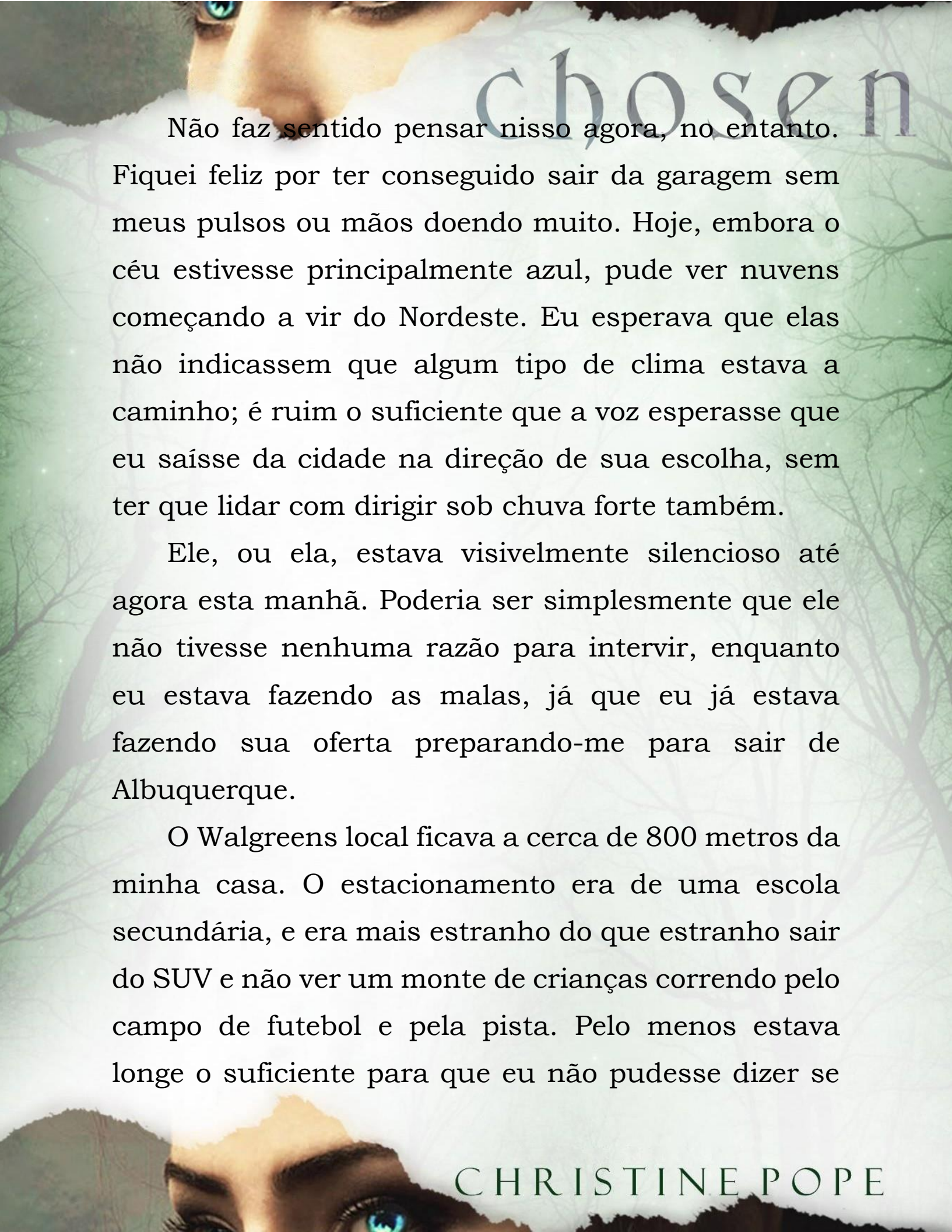
No final, o Cherokee estava cheio, mas não cheio. Coloquei duas garrafas de água nos porta-copos, dei um tapinha no banco do passageiro para que Dutchie soubesse que era hora de entrar e fechei a porta atrás dela. Depois disso, entrei atrás do volante e fechei minha própria porta.

Todo o esforço fez meus pulsos começarem a doer novamente, mas apenas um pouco, o que provou que algum tipo de cura sobrenatural deve estar acontecendo. Não que eu fosse discutir. Dirigir pelo país, mesmo que parcialmente incapacitada, não era uma ideia muito boa.

Então... meu guardião invisível acelerou meu processo de cura para que meus ferimentos não atrasassem minha partida?

Eu não sabia como deveria me sentir sobre isso.

CHRISTINE POPE



chosen

Não faz sentido pensar nisso agora, no entanto. Fiquei feliz por ter conseguido sair da garagem sem meus pulsos ou mãos doendo muito. Hoje, embora o céu estivesse principalmente azul, pude ver nuvens começando a vir do Nordeste. Eu esperava que elas não indicassem que algum tipo de clima estava a caminho; é ruim o suficiente que a voz esperasse que eu saísse da cidade na direção de sua escolha, sem ter que lidar com dirigir sob chuva forte também.

Ele, ou ela, estava visivelmente silencioso até agora esta manhã. Poderia ser simplesmente que ele não tivesse nenhuma razão para intervir, enquanto eu estava fazendo as malas, já que eu já estava fazendo sua oferta preparando-me para sair de Albuquerque.

O Walgreens local ficava a cerca de 800 metros da minha casa. O estacionamento era de uma escola secundária, e era mais estranho do que estranho sair do SUV e não ver um monte de crianças correndo pelo campo de futebol e pela pista. Pelo menos estava longe o suficiente para que eu não pudesse dizer se

CHRISTINE POPE

aqueles campos tinham pequenas pilhas de poeira cinza espalhadas sobre eles. Não, percebi que eles provavelmente não fariam, já que as escolas foram fechadas rapidamente... não que isso tivesse feito muita diferença no final.

Ao me aproximar da farmácia, vi que as portas da frente haviam sido arrombadas. O vidro estava espalhado por toda parte. Meus pelos arrepiaram, e eu quase estendi a mão para trás e puxei a Glock, que eu tinha enfiado na minha cintura. Todo o incidente com Chris Bowman me deixou um pouco tensa e eu decidi dirigir com a arma em mim. A S&W era muito grande para isso, então fui com a Glock. Ainda achataria alguém, especialmente se eu os atingisse com várias rodadas.

Mas quando entrei na loja, triturando vidro sob minhas botas de caminhada, parecia que o lugar estava deserto o suficiente. Também escuro, deduzi que deveria estar esperando isso, mas, na minha opinião, os Walgreens estavam sempre bem iluminados, brilhando com iluminação fluorescente.

Fiz uma pausa no balcão de check-out, que estava perto o suficiente da porta para que eu pudesse ver o que estava fazendo, e puxei uma das lanternas de chaveiro da tela. Não é tão bom quanto o Maglite do meu pai, que estava enterrado nas profundezas da área de carga do carro, mas serviria.

Acendi a lanterna, peguei um carrinho e fui até a parte de trás da loja onde a farmácia estava localizada. Ao meu redor, pude ver evidências de pilhagem, prateleiras vazias, prateleiras viradas, corredores cheios de sacos descartados de Doritos, rolos de papel higiênico, brinquedos infantis. Meu coração afundou. Se tanto fora levado, o que restaria para eu coletar?

Como se viu, não muito.

Ainda havia alguns medicamentos genéricos no corredor de primeiros socorros, ibuprofeno, remédios para alergias, pastilhas para dor de garganta. Peguei caixas ao acaso e as joguei no carrinho que peguei na frente da loja, imaginando que algo era melhor do que nada. Tudo estava caótico atrás do balcão da

farmácia. Eu não sabia se todos esses itens foram levados por pessoas que estavam doentes e tentando desesperadamente aliviar seus sintomas, ou se algum sobrevivente havia percebido que havia muitas coisas pesadas aqui prontas para a colheita.

Praticamente qualquer coisa com um ópio se foi, percebi enquanto passava o facho da lanterna pelas prateleiras. Eu poderia esquecer de aliviar a dor do armagedon com um pouco de Oxycontin. Todo o material de alta potência havia desaparecido, exceto um frasco de xarope para tosse com codeína no alto de uma prateleira. Peguei isso, imaginando que poderia ser útil.

Os antibióticos também foram saqueados, embora eu tenha encontrado algumas garrafas de tetraciclina. Velha escola, mas ainda funcionaria muito bem para uma ferida infectada ou um surto de bronquite. Eles foram adicionados à pilha crescente no carrinho.

Muitos dos medicamentos tinham nomes que eu nem reconhecia, então passei por todos. O que eu

realmente queria eram as pílulas anticoncepcionais, e as encontrei quando dobrava uma esquina, em um conjunto de prateleiras um pouco desorganizadas, mas principalmente intactas. Isso fazia sentido; a maioria das pessoas provavelmente não pensava em planejamento familiar, quando estava sendo derrotada pelo equivalente atual de uma praga bíblica.

Um pequeno suspiro de alívio escapou dos meus lábios quando encontrei o Ortho-Novum, e juntei todos os pequenos pacotes que eles tinham. O suficiente para me durar um ano, pelo que parece. Depois disso, bem... eu me preocuparia com isso então.

Como se você realmente estivesse viva daqui a um ano.

Empurrei isso da minha cabeça. Dois dias atrás, eu tinha certeza de que estaria morta junto com todo mundo, e ainda aqui estava eu. Nunca diga morra.

Essa tinha sido uma frase favorita da minha mãe, que agora é lamentavelmente inadequada.

Apertando a boca, movi a lanterna que carregava sobre as prateleiras mais uma vez para me certificar de que não estava perdendo nada. O problema era que eu não ficava doente com tanta frequência e, mesmo quando o fazia, as coisas comuns sem receita médica funcionavam muito bem para mim. Eu poderia estar deixando algo valioso para trás aqui e nem saberia.

Você não pode levar tudo, eu disse a mim mesma. De qualquer forma, era assustador aqui, cambaleando no escuro com apenas uma pequena lanterna para aliviar a escuridão. Melhor eu apenas cortar minhas perdas e sair. Não era como se não houvesse mais farmácias entre aqui e... para onde eu estava indo.

Esse pensamento me tranquilizou um pouco, então saí de trás do balcão e caminhei dois corredores, onde os produtos femininos estavam localizados. Não prestei atenção à marca ou tipo, mas apenas joguei caixas de tampões e pacotes de maxi pads no carrinho até ficar quase sem espaço. Isso

deve me fazer por um tempo, e eu ainda precisava ver se algo comestível havia sido deixado para trás.

Comecei a caminhar em direção à extrema esquerda da loja, onde sabia que a comida estava localizada. Qualquer coisa no estojó refrigerado estaria estragada, fiquei feliz que as portas estivessem fechadas, caso contrário, o cheiro provavelmente teria sido desagradável como o inferno, mas ainda podia haver batatas fritas, biscoitos e biscoitos, provavelmente um pouco de carne seca e outras coisas desse tipo está bem.

Não é a dieta mais saudável, mas às vezes você precisa tomar o que pode obter.

Achando que eu deveria tentar pegar um pouco de comida para Dutchie também, parei no corredor onde a farmácia costumava oferecer petiscos para cães e algumas marcas de comida seca e enlatada, não são coisas que eu escolheria para alimentá-la em circunstâncias ideais, mas teria sido melhor que nada. No entanto, por algum motivo estranho, essas prateleiras foram completamente arrombadas. Até

deslizei em alguns grãos dispersos de comida seca antes de recuperar o equilíbrio e olhei para baixo, para ver que uma grande sacola de Purina havia sido rasgada, com o conteúdo espalhado pelo chão.

Murmurando uma maldição, deixei o corredor e fui para a seção de lanches, que estava em um pouco melhor, e comecei a reunir o que pude. Quando deixei cair alguns pacotes de carne seca e uma caixa de bolachas Ritz no topo da pilha da minha cesta, estava cheio e achei que precisava ir. Era quase meio-dia, de acordo com o relógio que eu tinha pescado na minha mesa de cabeceira e amarrado no meu pulso. Um tempo atrás, eu quase parei de usar relógios, já que eu podia apenas olhar para o meu telefone, mas agora o relógio era a única coisa que me dizia que horas eram realmente. Sim, eu tinha o relógio no Cherokee, mas isso só ajudava quando eu estava dirigindo.

Eu tinha acabado de passar no balcão do caixa, tentando reprimir minha verdadeira sensação de culpa por sair com um monte de coisas pelas quais eu não havia pago, quando uma sombra encheu a

porta. Quase sem pensar, procurei a Glock enfiada na cintura. Sim, Chris Bowman ainda estava morto e desaparecido, mas todos os tipos de predadores ainda podiam estar por aí. Ou pelo menos tantos quantos o Calor tinha permitido sobreviver.

Então meus olhos se ajustaram, e vi que a sombra era a de um homem, provavelmente com quarenta e poucos anos, sorrindo para mim nervosamente.

— Sinto muito por ter assustado você, — disse ele, parecendo notar como eu permanecia enraizada no local onde havia parado no caixa. — É só que eu não vejo mais ninguém vivo há dois dias. Pensei que era o único.

— Acho que há alguns de nós, — respondi. Ele parecia bastante inofensivo, com os cabelos escuros e ralos e os olhos preocupados, mas eu ainda estava cautelosa. — Nunca ouvi nada sobre a taxa de mortalidade. Tudo foi tão... rápido.

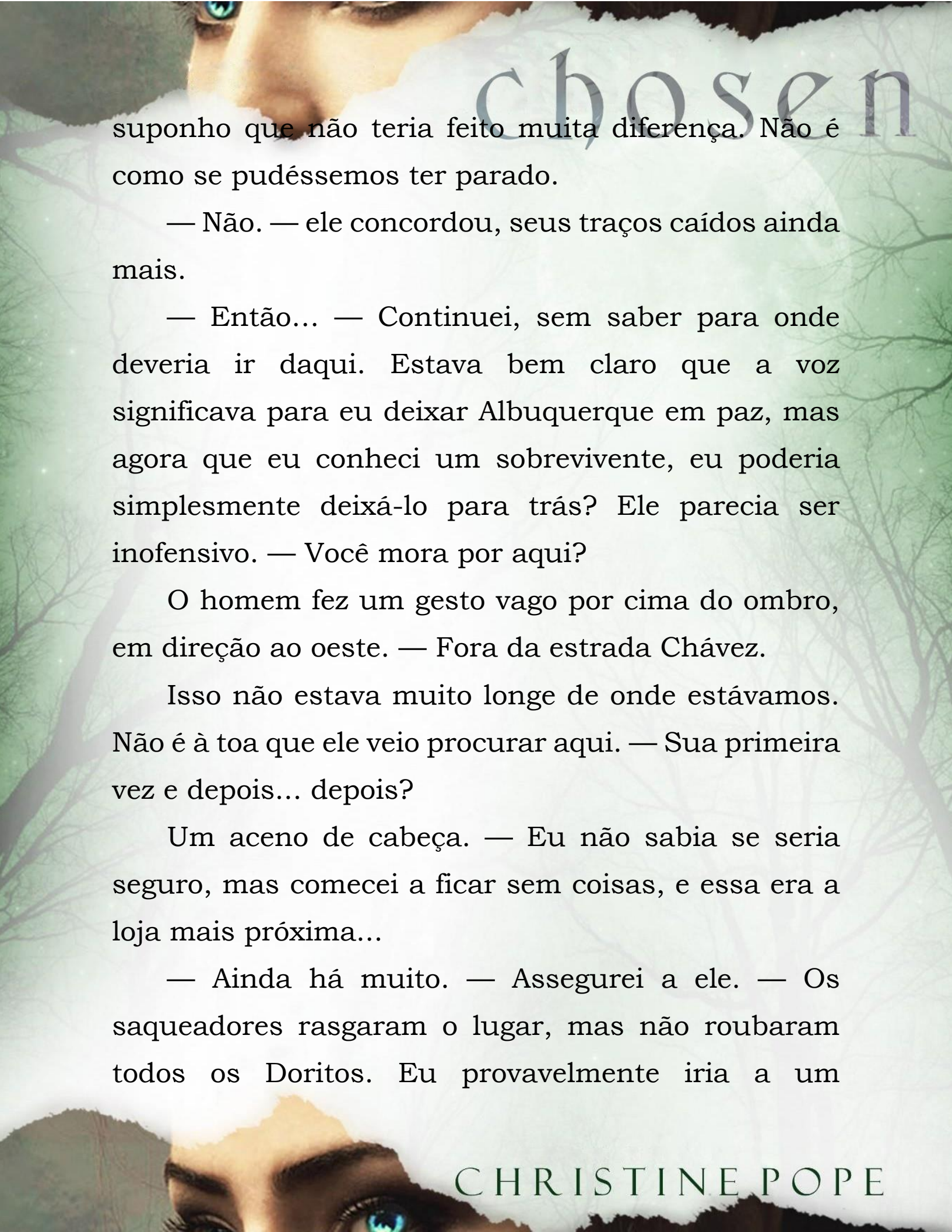
Ele assentiu, olhando para o carrinho na minha frente e depois de volta para o meu rosto. Fiquei

tensa, preocupada de ver o mesmo tipo de olhar predatório que Chris Bowman me dera, mas esse estranho parecia aliviado por não ser a única pessoa viva que restava em Albuquerque. — Foram 99,8%. Ou pelo menos foi o que os relatórios disseram.

— Relatórios? — Perguntei. — Quais relatórios?

— Não no noticiário, — disse ele. — Eu trabalhei no departamento de gerenciamento de emergências do centro da cidade. Esses foram os últimos números que tivemos antes de tudo... parar. A essa altura, restavam apenas dois de nós em uma equipe de 27 anos, e Lydia morreu logo depois. Não havia como deixar alguém saber... não que restasse alguém para saber, suponho.

— Havia alguns de nós. — Eu tive que parar então, a enormidade disso tentando me dominar. Com uma taxa de mortalidade como essa, significava que restavam talvez duas mil pessoas em Albuquerque. Isso era muito, até você perceber que havia quase um milhão de pessoas vivendo no centro da cidade e nos arredores. — Mas você está certo,



Chosen

suponho que não teria feito muita diferença. Não é como se pudéssemos ter parado.

— Não. — ele concordou, seus traços caídos ainda mais.

— Então... — Continuei, sem saber para onde deveria ir daqui. Estava bem claro que a voz significava para eu deixar Albuquerque em paz, mas agora que eu conheci um sobrevivente, eu poderia simplesmente deixá-lo para trás? Ele parecia ser inofensivo. — Você mora por aqui?

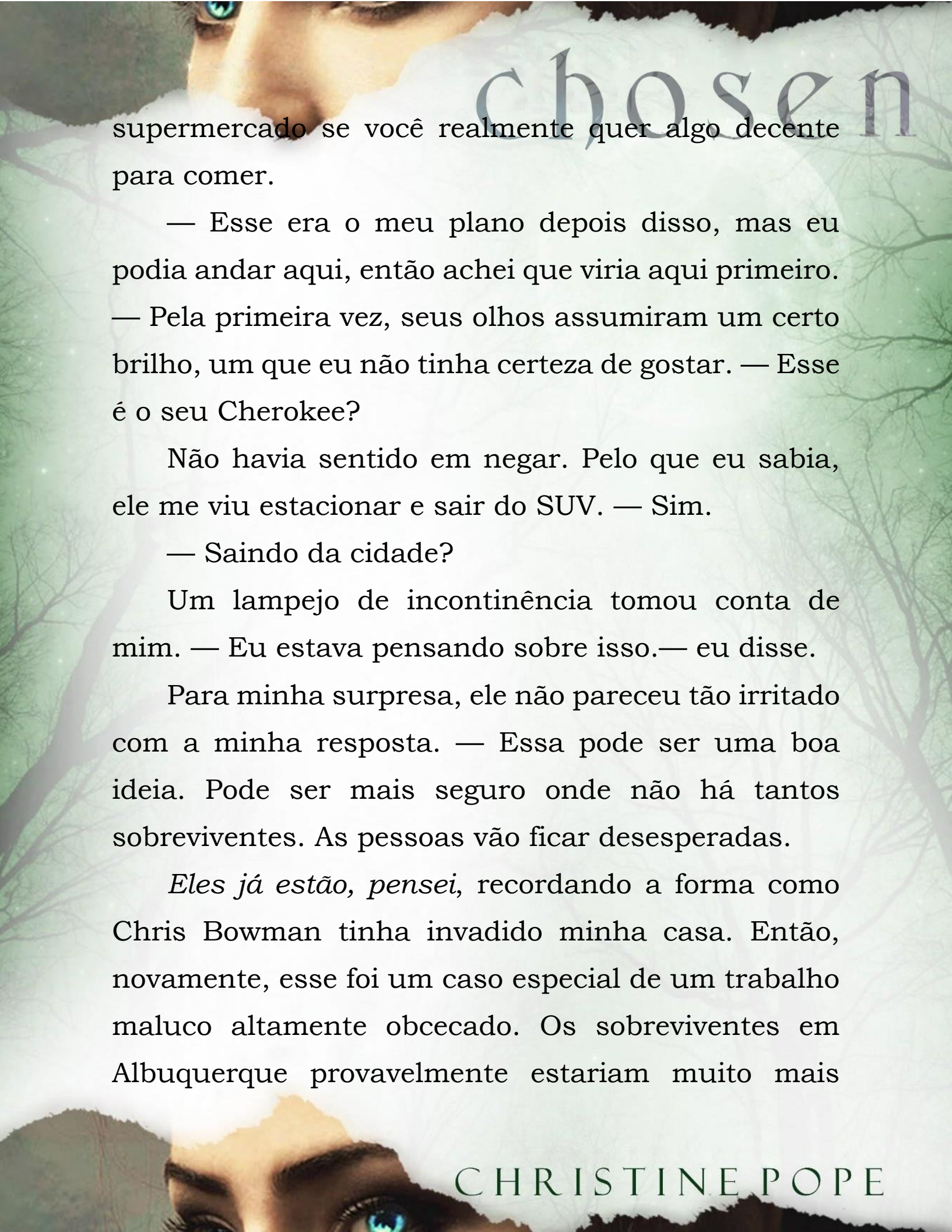
O homem fez um gesto vago por cima do ombro, em direção ao oeste. — Fora da estrada Chávez.

Isso não estava muito longe de onde estávamos. Não é à toa que ele veio procurar aqui. — Sua primeira vez e depois... depois?

Um aceno de cabeça. — Eu não sabia se seria seguro, mas comecei a ficar sem coisas, e essa era a loja mais próxima...

— Ainda há muito. — Assegurei a ele. — Os saqueadores rasgaram o lugar, mas não roubaram todos os Doritos. Eu provavelmente iria a um

CHRISTINE POPE



supermercado se você realmente quer algo decente para comer.

— Esse era o meu plano depois disso, mas eu podia andar aqui, então achei que viria aqui primeiro.

— Pela primeira vez, seus olhos assumiram um certo brilho, um que eu não tinha certeza de gostar. — Esse é o seu Cherokee?

Não havia sentido em negar. Pelo que eu sabia, ele me viu estacionar e sair do SUV. — Sim.

— Saindo da cidade?

Um lampejo de incontinência tomou conta de mim. — Eu estava pensando sobre isso.— eu disse.

Para minha surpresa, ele não pareceu tão irritado com a minha resposta. — Essa pode ser uma boa ideia. Pode ser mais seguro onde não há tantos sobreviventes. As pessoas vão ficar desesperadas.

Eles já estão, pensei, recordando a forma como Chris Bowman tinha invadido minha casa. Então, novamente, esse foi um caso especial de um trabalho maluco altamente obcecado. Os sobreviventes em Albuquerque provavelmente estariam muito mais

CHRISTINE POPE

interessados em obter suprimentos do que em minhas calças.

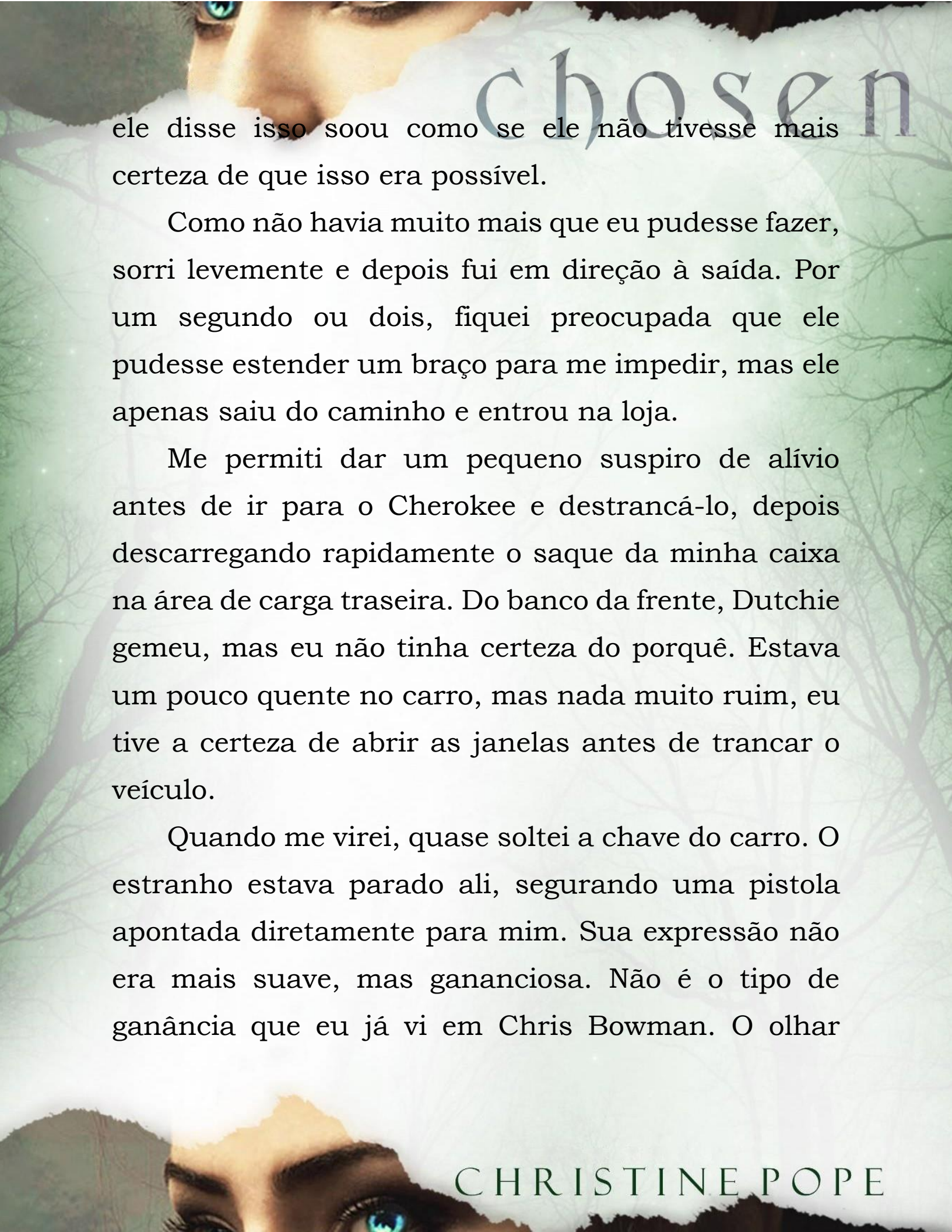
— Então, o que você vai fazer? — Perguntei, tentando mudar a conversa para longe de mim e dos meus planos.

— Não tenho certeza. Imaginei que a comida era o primeiro passo. Depois disso? — Ele deu de ombros e me ofereceu um leve sorriso. — No momento, é bom ouvir outra voz.

Eu quase concordei com ele, exceto que ouvi a voz de um homem na minha cabeça nos últimos dias. Então, e se o júri ainda não decidisse se essa voz era real ou não?

— Bem, eu não quero deixar meu cachorro sentado no carro por muito tempo. — eu disse, pois me pareceu que o homem não se importaria de ficar aqui e conversar o dia todo, se isso significasse que ele não tinha de estar sozinho.

Ele pareceu surpreso com o *não se continue*, mas depois não se esquivou. — Ah, claro. Está começando a esquentar. Tenha um bom dia. — A maneira como



Chosen

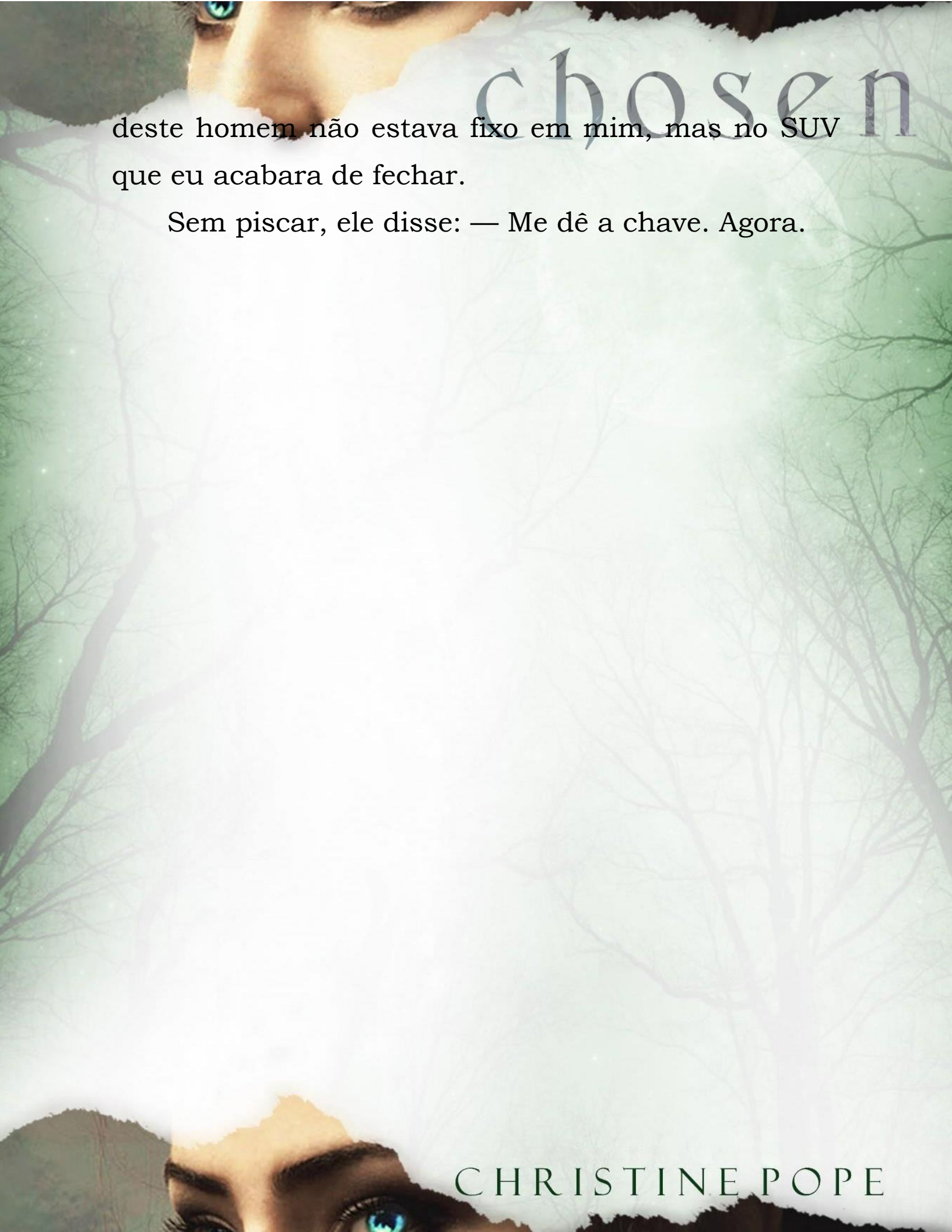
ele disse isso soou como se ele não tivesse mais certeza de que isso era possível.

Como não havia muito mais que eu pudesse fazer, sorri levemente e depois fui em direção à saída. Por um segundo ou dois, fiquei preocupada que ele pudesse estender um braço para me impedir, mas ele apenas saiu do caminho e entrou na loja.

Me permiti dar um pequeno suspiro de alívio antes de ir para o Cherokee e destrancá-lo, depois descarregando rapidamente o saque da minha caixa na área de carga traseira. Do banco da frente, Dutchie gemeu, mas eu não tinha certeza do porquê. Estava um pouco quente no carro, mas nada muito ruim, eu tive a certeza de abrir as janelas antes de trancar o veículo.

Quando me virei, quase soltei a chave do carro. O estranho estava parado ali, segurando uma pistola apontada diretamente para mim. Sua expressão não era mais suave, mas gananciosa. Não é o tipo de ganância que eu já vi em Chris Bowman. O olhar

CHRISTINE POPE

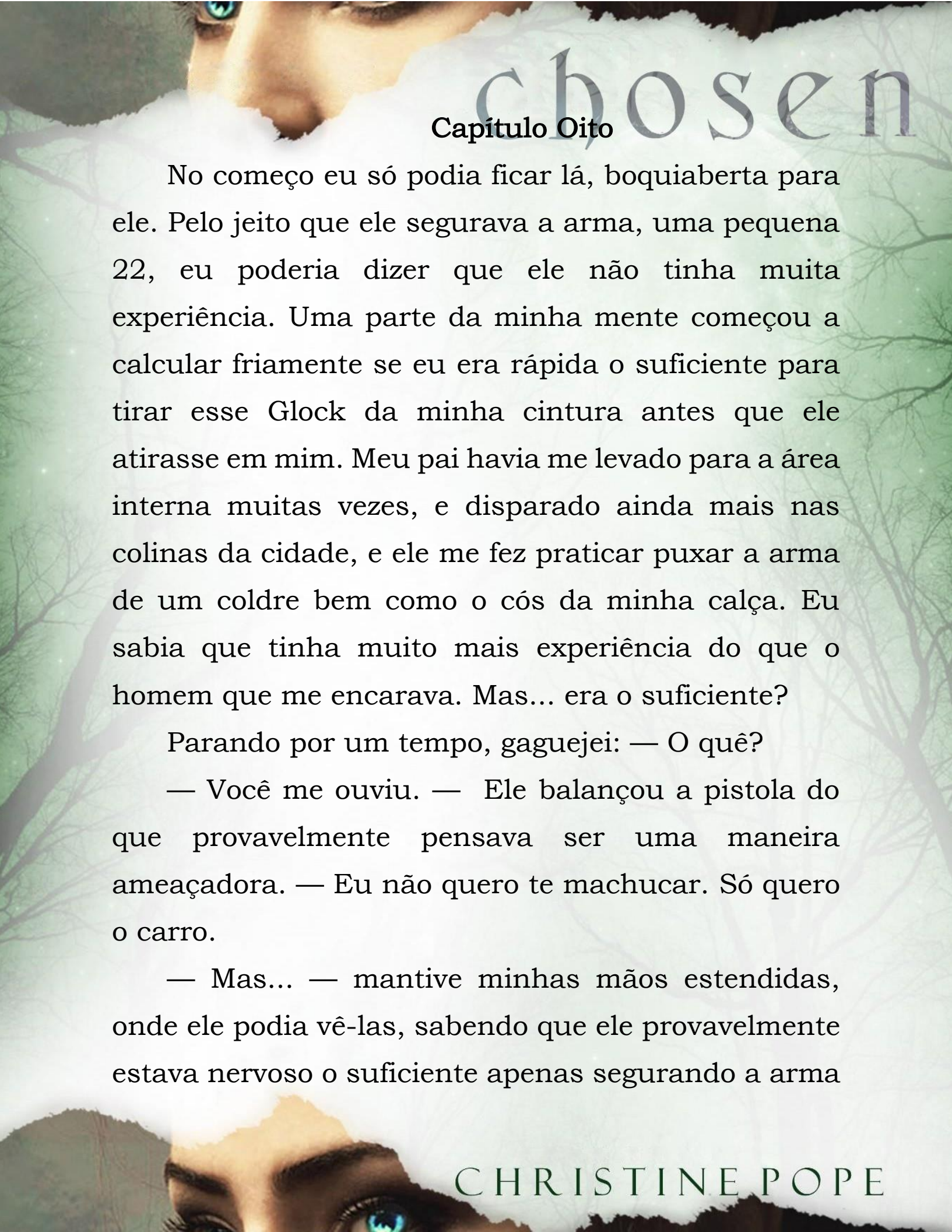


Chosen

deste homem não estava fixo em mim, mas no SUV
que eu acabara de fechar.

Sem piscar, ele disse: — Me dê a chave. Agora.

CHRISTINE POPE



Chosen

Capítulo Oito

No começo eu só podia ficar lá, boquiaberta para ele. Pelo jeito que ele segurava a arma, uma pequena 22, eu poderia dizer que ele não tinha muita experiência. Uma parte da minha mente começou a calcular friamente se eu era rápida o suficiente para tirar esse Glock da minha cintura antes que ele atirasse em mim. Meu pai havia me levado para a área interna muitas vezes, e disparado ainda mais nas colinas da cidade, e ele me fez praticar puxar a arma de um coldre bem como o cós da minha calça. Eu sabia que tinha muito mais experiência do que o homem que me encarava. Mas... era o suficiente?

Parando por um tempo, gaguejei: — O quê?

— Você me ouviu. — Ele balançou a pistola do que provavelmente pensava ser uma maneira ameaçadora. — Eu não quero te machucar. Só quero o carro.

— Mas... — mantive minhas mãos estendidas, onde ele podia vê-las, sabendo que ele provavelmente estava nervoso o suficiente apenas segurando a arma

CHRISTINE POPE

para que ele pudesse fazer algo realmente estúpido se eu fizesse movimentos bruscos. — Existem muitos veículos com faixas em toda a cidade. Você não precisa do meu.

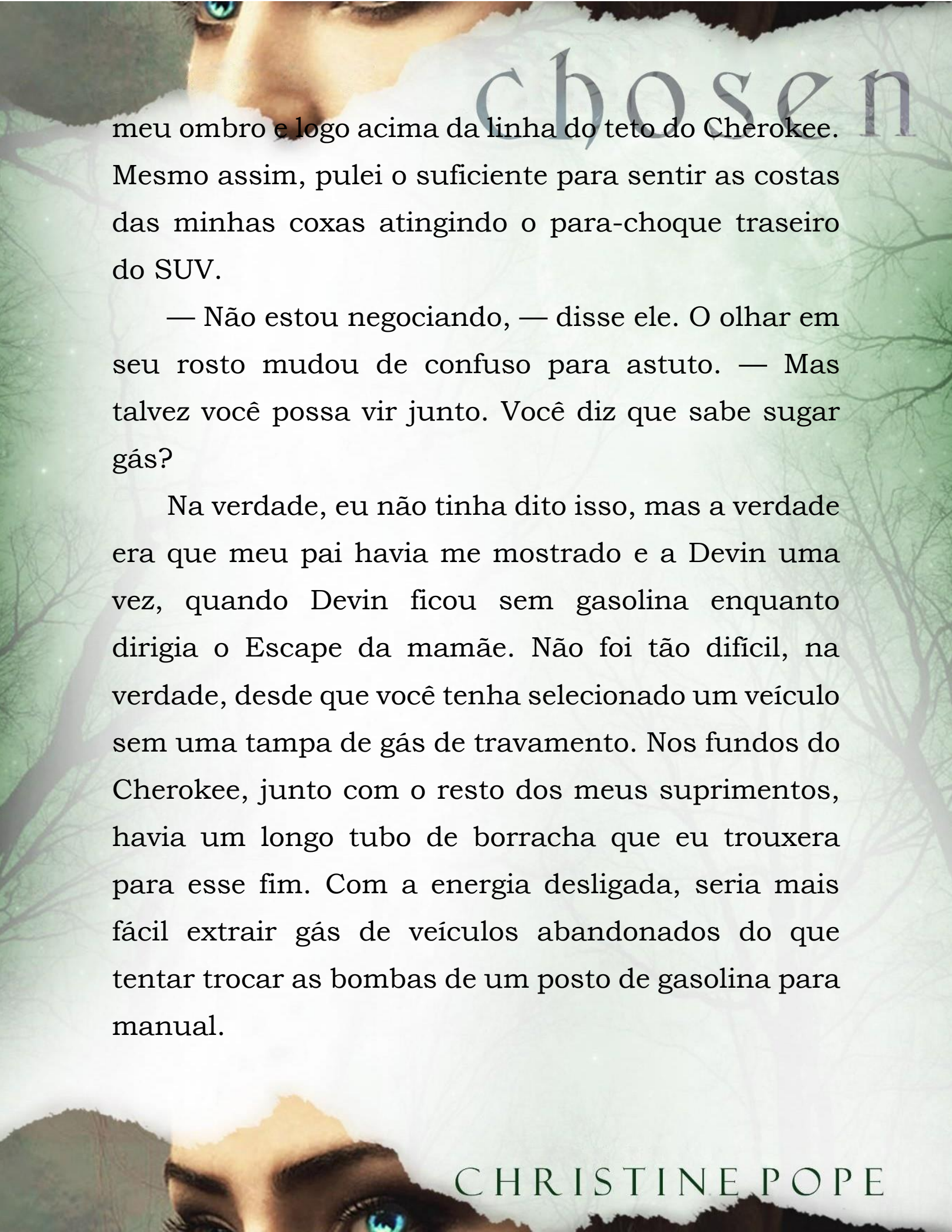
— Sim eu quero o seu. — Seu olhar mudou da porta traseira do Cherokee para o meu rosto, e eu pude ver o desespero em seus olhos castanhos lacrimejantes. — Não preciso procurar a chave, e é uma tração nas quatro rodas carregada de suprimentos. Duvido que encontre algo melhor.

Bem, quando ele colocou dessa maneira... — Precisa de gás, no entanto. Você sabe como aspirar gás?

Sua expressão confusa me disse que não.

— Olha, — continuei sabendo que não havia nenhuma maneira de deixá-lo pegar o SUV do meu pai. — Tem sido uma semana horrível. Eu entendo que você se sente desesperado. Mas você não precisa fazer isso. Há muitas alternativas...

BLAM! A pistola disparou não apontada para mim, graças a Deus, mas em algum lugar por cima do



Chosen

meu ombro e logo acima da linha do teto do Cherokee. Mesmo assim, pulei o suficiente para sentir as costas das minhas coxas atingindo o para-choque traseiro do SUV.

— Não estou negociando, — disse ele. O olhar em seu rosto mudou de confuso para astuto. — Mas talvez você possa vir junto. Você diz que sabe sugar gás?

Na verdade, eu não tinha dito isso, mas a verdade era que meu pai havia me mostrado e a Devin uma vez, quando Devin ficou sem gasolina enquanto dirigia o Escape da mamãe. Não foi tão difícil, na verdade, desde que você tenha selecionado um veículo sem uma tampa de gás de travamento. Nos fundos do Cherokee, junto com o resto dos meus suprimentos, havia um longo tubo de borracha que eu trouxera para esse fim. Com a energia desligada, seria mais fácil extrair gás de veículos abandonados do que tentar trocar as bombas de um posto de gasolina para manual.

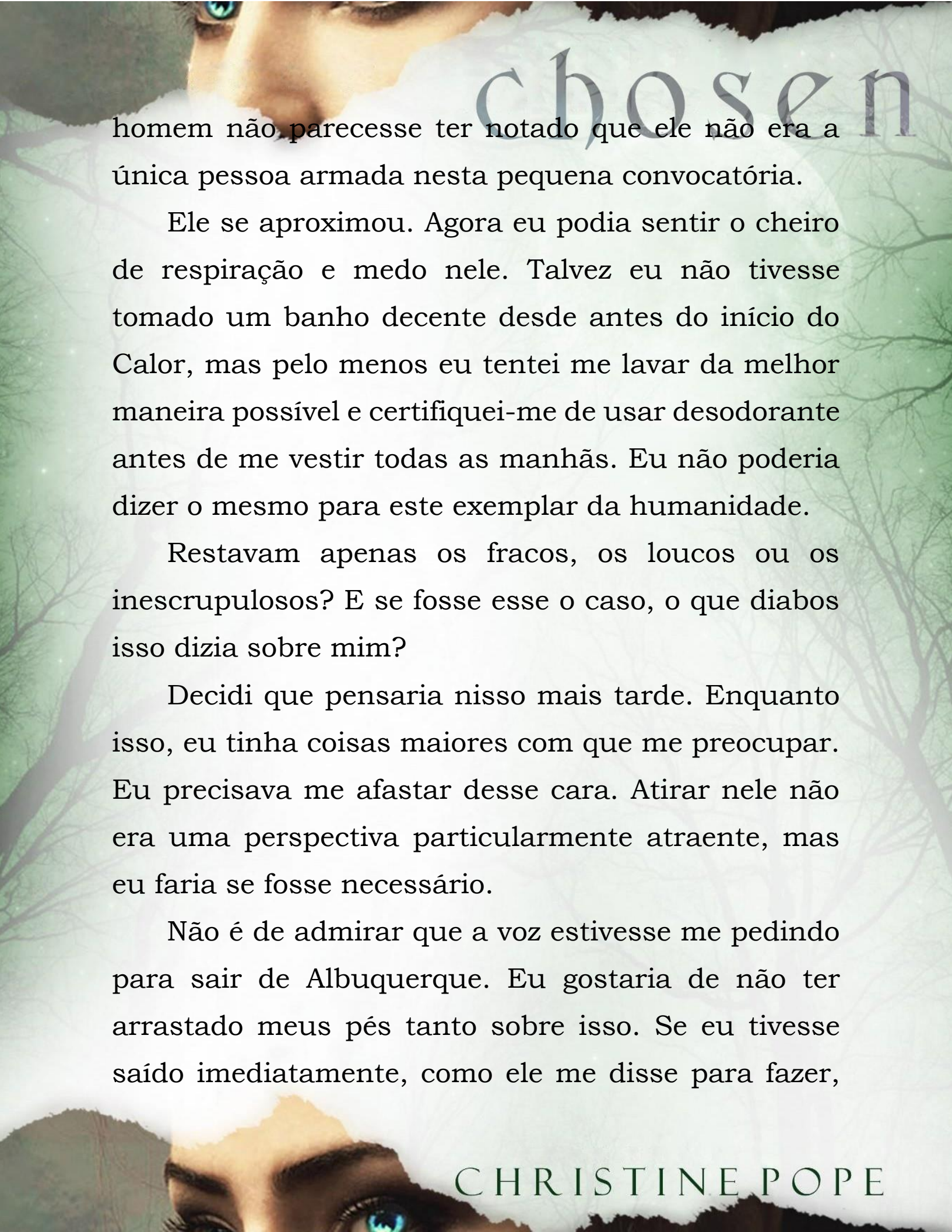
CHRISTINE POPE

— Talvez eu faça, — respondi, meu pulso começando a aumentar.

— Você parece que pode ser... útil, — disse o homem, e desta vez seu olhar aguado permaneceu fixo no meu rosto. Estava claro que seus pensamentos estavam começando a correr em outras direções além de roubar meu carro.

Cara, eu poderia colocá-lo através de uma parede, pensei, mas esse comentário interno foi mais corajoso do que qualquer outra coisa. Sim, ele parecia o trabalhador de escritório fraco por excelência. Por outro lado, ele ainda conseguiu me esgueirar, então eu não estava para subestimá-lo.

Desde que eu não podia confiar em mim mesma para falar sem me entregar, apenas dei de ombros. Ao mesmo tempo, deixei minhas mãos caírem para os lados, minha mão direita começando a se mover lentamente para trás, puxando o peso reconfortante da Glock na cintura. Graças a Deus a camisa que eu estava vestindo pendia frouxa o suficiente para que o



chosen

homem não parecesse ter notado que ele não era a única pessoa armada nesta pequena convocatória.

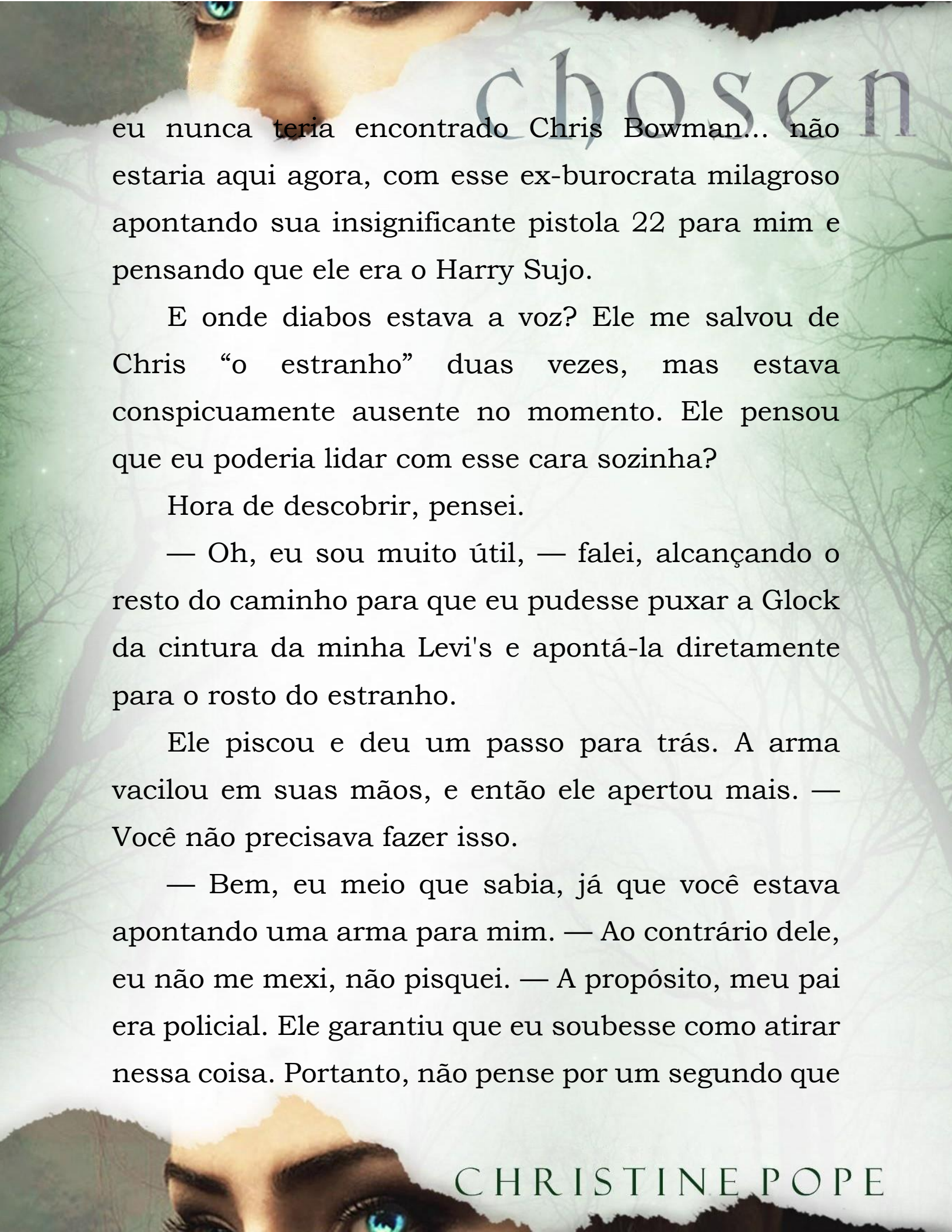
Ele se aproximou. Agora eu podia sentir o cheiro de respiração e medo nele. Talvez eu não tivesse tomado um banho decente desde antes do início do Calor, mas pelo menos eu tentei me lavar da melhor maneira possível e certifiquei-me de usar desodorante antes de me vestir todas as manhãs. Eu não poderia dizer o mesmo para este exemplar da humanidade.

Restavam apenas os fracos, os loucos ou os inescrupulosos? E se fosse esse o caso, o que diabos isso dizia sobre mim?

Decidi que pensaria nisso mais tarde. Enquanto isso, eu tinha coisas maiores com que me preocupar. Eu precisava me afastar desse cara. Atirar nele não era uma perspectiva particularmente atraente, mas eu faria se fosse necessário.

Não é de admirar que a voz estivesse me pedindo para sair de Albuquerque. Eu gostaria de não ter arrastado meus pés tanto sobre isso. Se eu tivesse saído imediatamente, como ele me disse para fazer,

CHRISTINE POPE



chosen

eu nunca teria encontrado Chris Bowman... não estaria aqui agora, com esse ex-burocrata milagroso apontando sua insignificante pistola 22 para mim e pensando que ele era o Harry Sujo.

E onde diabos estava a voz? Ele me salvou de Chris “o estranho” duas vezes, mas estava conspicuamente ausente no momento. Ele pensou que eu poderia lidar com esse cara sozinha?

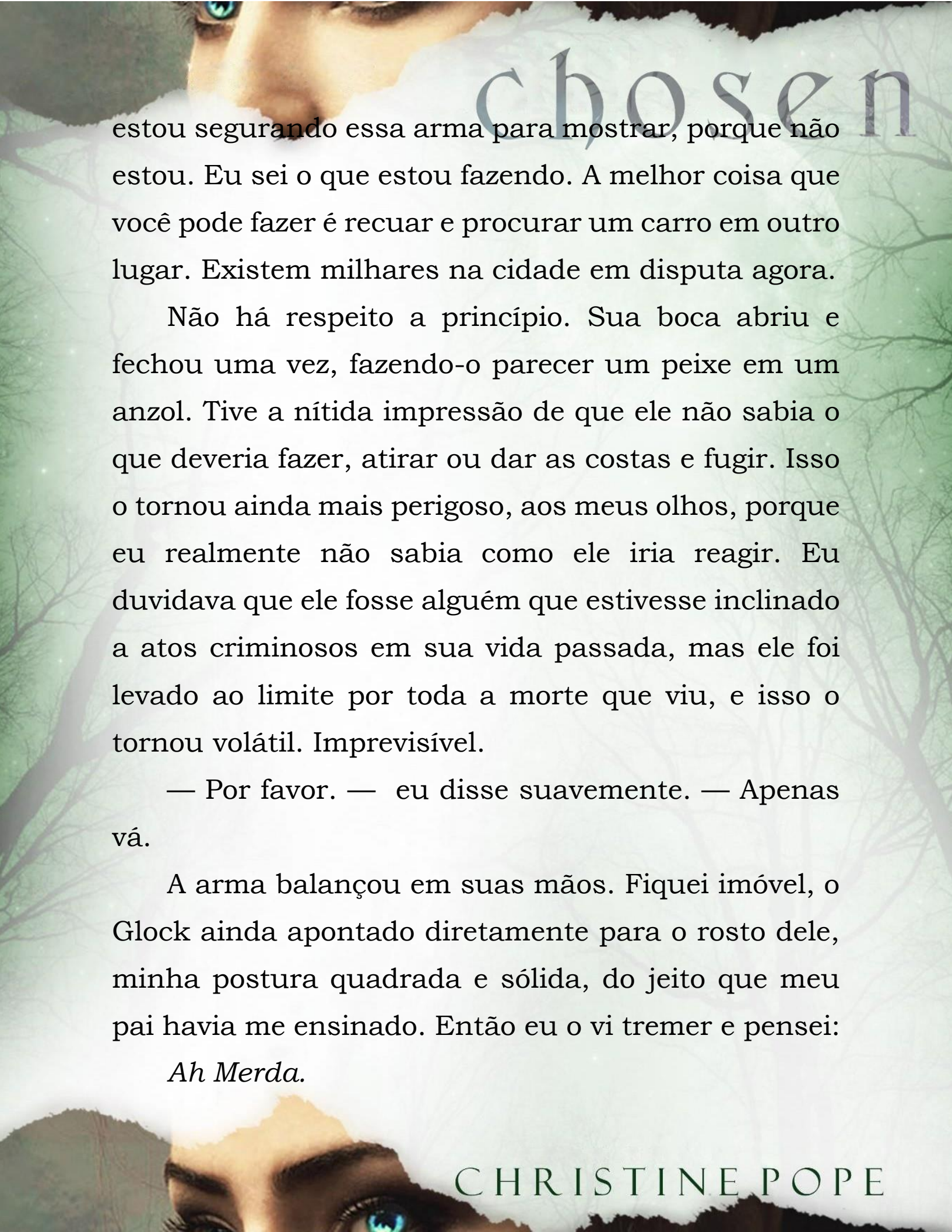
Hora de descobrir, pensei.

— Oh, eu sou muito útil, — falei, alcançando o resto do caminho para que eu pudesse puxar a Glock da cintura da minha Levi's e apontá-la diretamente para o rosto do estranho.

Ele piscou e deu um passo para trás. A arma vacilou em suas mãos, e então ele apertou mais. — Você não precisava fazer isso.

— Bem, eu meio que sabia, já que você estava apontando uma arma para mim. — Ao contrário dele, eu não me mexi, não pisquei. — A propósito, meu pai era policial. Ele garantiu que eu soubesse como atirar nessa coisa. Portanto, não pense por um segundo que

CHRISTINE POPE



chosen

estou segurando essa arma para mostrar, porque não estou. Eu sei o que estou fazendo. A melhor coisa que você pode fazer é recuar e procurar um carro em outro lugar. Existem milhares na cidade em disputa agora.

Não há respeito a princípio. Sua boca abriu e fechou uma vez, fazendo-o parecer um peixe em um anzol. Tive a nítida impressão de que ele não sabia o que deveria fazer, atirar ou dar as costas e fugir. Isso o tornou ainda mais perigoso, aos meus olhos, porque eu realmente não sabia como ele iria reagir. Eu duvidava que ele fosse alguém que estivesse inclinado a atos criminosos em sua vida passada, mas ele foi levado ao limite por toda a morte que viu, e isso o tornou volátil. Imprevisível.

— Por favor. — eu disse suavemente. — Apenas vá.

A arma balançou em suas mãos. Fiquei imóvel, o Glock ainda apontado diretamente para o rosto dele, minha postura quadrada e sólida, do jeito que meu pai havia me ensinado. Então eu o vi tremer e pensei:

Ah Merda.

CHRISTINE POPE

Um estrondo, mais alto do que eu esperava. Havia fumaça saindo da câmara do 22, e eu sabia que a bala iria me atingir. Como ele poderia errar de tão perto?

O tempo diminuiu, ou possivelmente meus processos de pensamento aceleraram. Eu não tinha muita certeza, mas era quase como se eu pudesse ver a arma cinza-prateada da bala correndo em minha direção. Meu corpo inteiro se apertou, esperando o choque do impacto. Ao mesmo tempo, meu dedo apertou o gatilho do Glock e disparou com um *estrondo* muito mais impressionante do que o que havia saído do 22, minhas orelhas começaram a doer. Essa foi a primeira vez que atirei sem usar tampões de ouvido e, caramba, era mais alto do que eu esperava.

Duas coisas aconteceram então, primeiro, parecia que o ar à minha frente brilhava, e a bala que o estranho havia disparado contra mim, ricocheteou como se tivesse atingido um painel de vidro à prova de balas. Ele não tinha essa proteção, no entanto, e o tiro que eu dei o atingiu no peito, fazendo-o voar para

trás, o sangue começando a escorrer pela frente da camisa manchada de suor que ele usava.

Sua cabeça bateu na calçada com um *estalo* agudo, e eu estremeci. Mas, ao fazê-lo, percebi que estava bem. Deveria ter sido eu deitada no chão com sangue escuro escorrendo do meu peito, mas não estava.

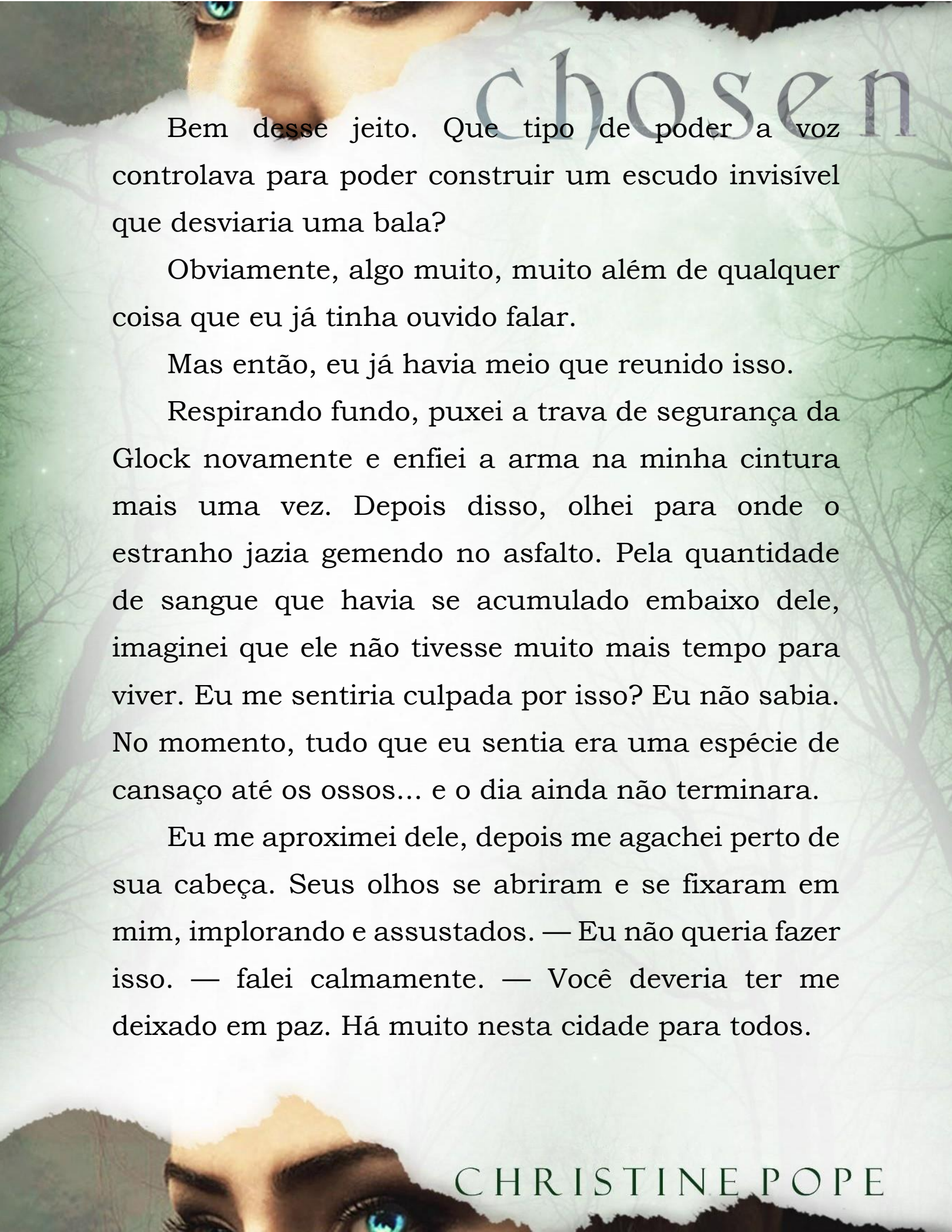
Você está pronta para sair agora? Disse a voz. Por alguma razão, ele parecia cansado. Bem, isso fez de nós dois.

Eu finalmente abaixei a arma. — Era você?

Eu te disse que te protegeria.

— Você não poderia tê-lo parado antes que ele atirasse em mim? — Parecia que a voz estava caindo um pouco no departamento de onipotência.

— *Eu não consigo ver tudo. Seu medo me chamou para você, assim como me chamou ontem à noite quando aquela criatura invadiu sua casa. Quando vi o que estava acontecendo, levantei a barreira para impedir que a bala tocasse em você.*



Chosen

Bem desse jeito. Que tipo de poder a voz controlava para poder construir um escudo invisível que desviaria uma bala?

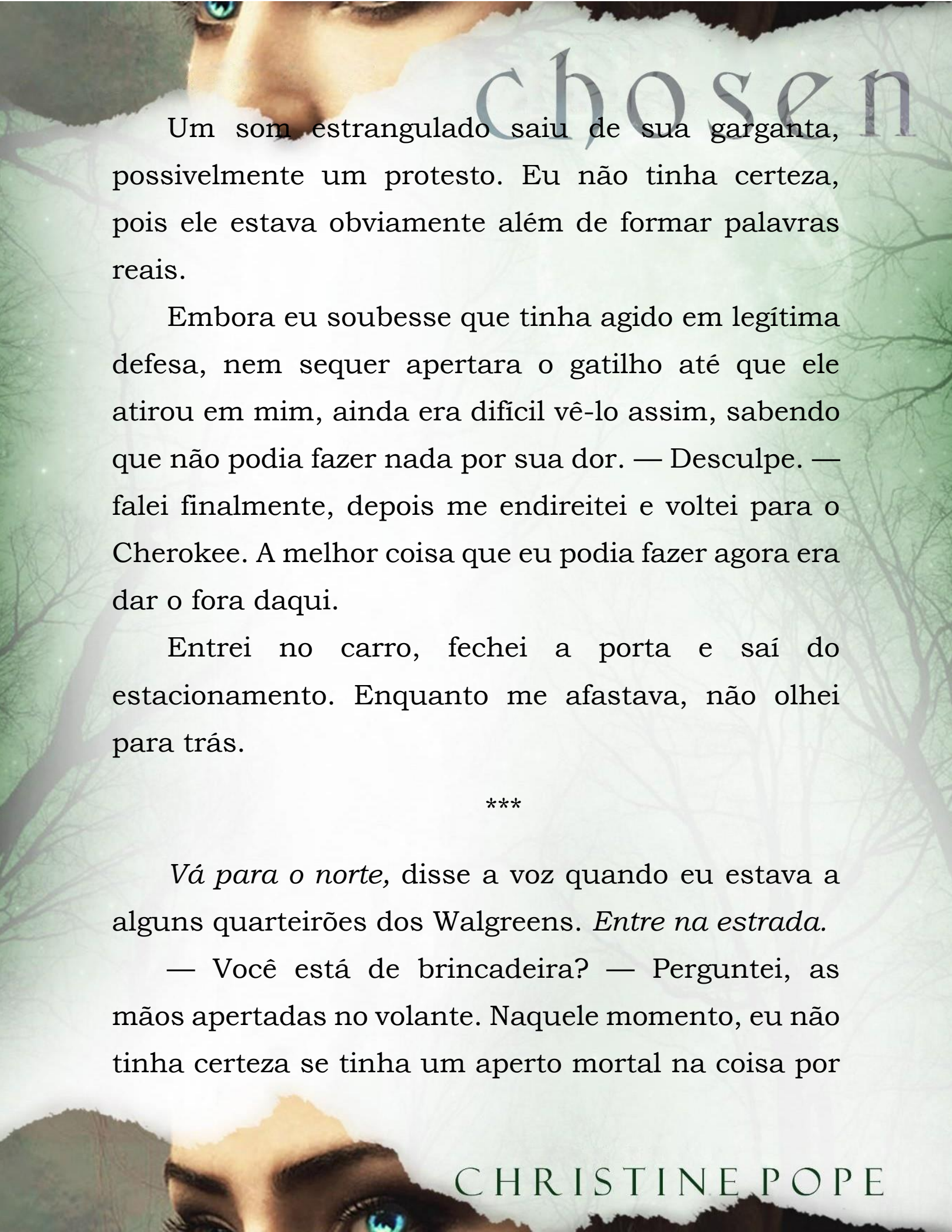
Obviamente, algo muito, muito além de qualquer coisa que eu já tinha ouvido falar.

Mas então, eu já havia meio que reunido isso.

Respirando fundo, puxei a trava de segurança da Glock novamente e enfiei a arma na minha cintura mais uma vez. Depois disso, olhei para onde o estranho jazia gemendo no asfalto. Pela quantidade de sangue que havia se acumulado embaixo dele, imaginei que ele não tivesse muito mais tempo para viver. Eu me sentiria culpada por isso? Eu não sabia. No momento, tudo que eu sentia era uma espécie de cansaço até os ossos... e o dia ainda não terminara.

Eu me aproximei dele, depois me agachei perto de sua cabeça. Seus olhos se abriram e se fixaram em mim, implorando e assustados. — Eu não queria fazer isso. — falei calmamente. — Você deveria ter me deixado em paz. Há muito nesta cidade para todos.

CHRISTINE POPE



Chosen

Um som estrangulado saiu de sua garganta, possivelmente um protesto. Eu não tinha certeza, pois ele estava obviamente além de formar palavras reais.

Embora eu soubesse que tinha agido em legítima defesa, nem sequer apertara o gatilho até que ele atirou em mim, ainda era difícil vê-lo assim, sabendo que não podia fazer nada por sua dor. — Desculpe. — falei finalmente, depois me endireitei e voltei para o Cherokee. A melhor coisa que eu podia fazer agora era dar o fora daqui.

Entrei no carro, fechei a porta e saí do estacionamento. Enquanto me afastava, não olhei para trás.

Vá para o norte, disse a voz quando eu estava a alguns quarteirões dos Walgreens. *Entre na estrada.*

— Você está de brincadeira? — Perguntei, as mãos apertadas no volante. Naquele momento, eu não tinha certeza se tinha um aperto mortal na coisa por

CHRISTINE POPE

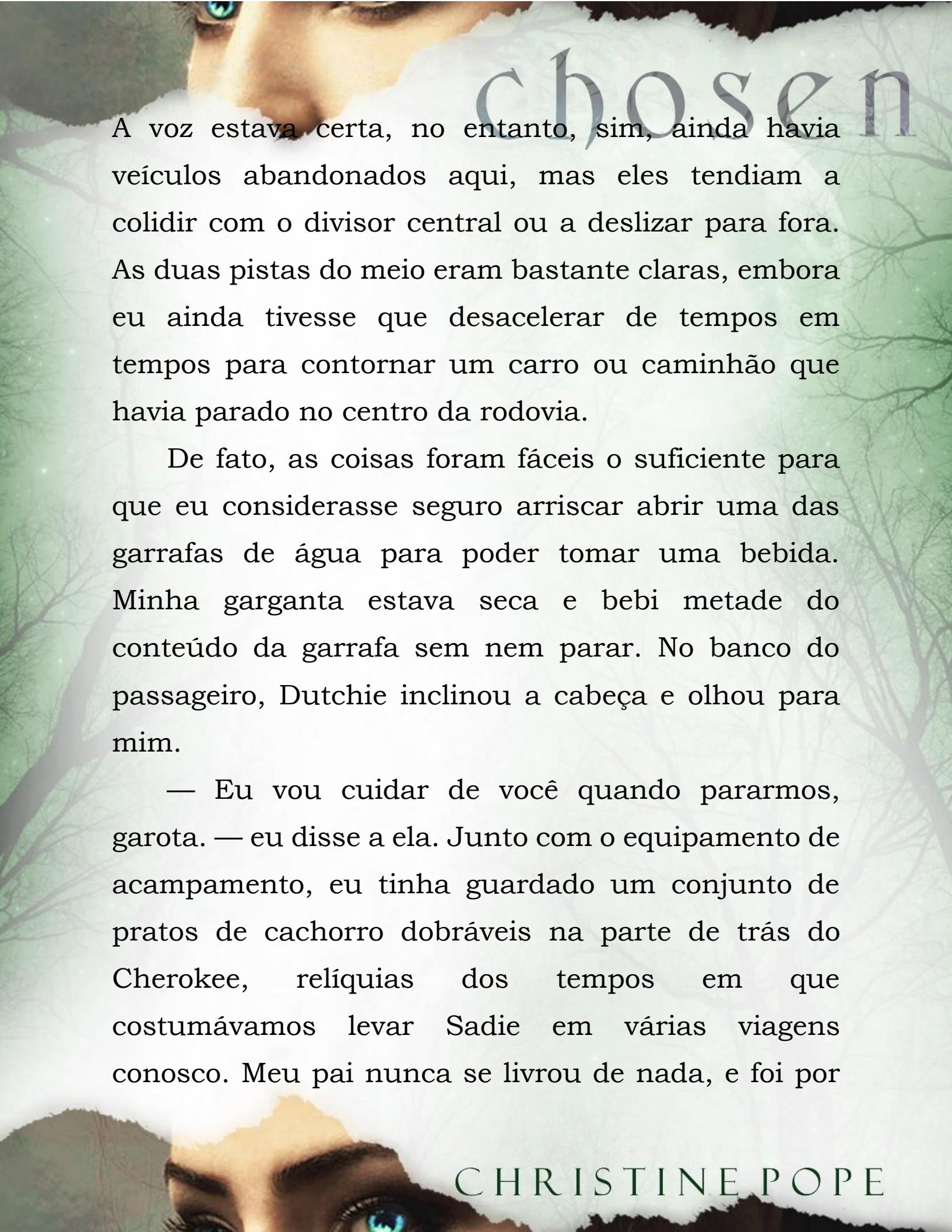
causa de todos os veículos sufocando nas estradas ou porque ainda estava tremendo daquele confronto no estacionamento. Talvez um pouco dos dois. — A rodovia estará pior do que as ruas de superfície.

Não está. Confie em mim.

Considerando que ele tinha acabado de me salvar de uma bala em alta velocidade, decidi confiar nele.

A rampa de acesso mais próxima ficava no Paseo del Norte, por isso segui nessa direção, mantendo a velocidade abaixo de quarenta e cinco quilômetros por hora e, às vezes, mais devagar que isso, dependendo do congestionamento da rua ao meu redor. Quando cheguei à rampa de acesso, na verdade tive que pisar no freio para contornar dois veículos que pareciam colidir de frente um com o outro. Agora era impossível dizer se os dois estavam tentando entrar na estrada ao mesmo tempo, ou se os motoristas estavam tão doentes que eles basicamente se meteram um no outro no pior local possível.

Depois disso, o conector ficou claro o suficiente e eu entrei na I-25, mantendo minha velocidade baixa.



chosen

A voz estava certa, no entanto, sim, ainda havia veículos abandonados aqui, mas eles tendiam a colidir com o divisor central ou a deslizar para fora. As duas pistas do meio eram bastante claras, embora eu ainda tivesse que desacelerar de tempos em tempos para contornar um carro ou caminhão que havia parado no centro da rodovia.

De fato, as coisas foram fáceis o suficiente para que eu considerasse seguro arriscar abrir uma das garrafas de água para poder tomar uma bebida. Minha garganta estava seca e bebi metade do conteúdo da garrafa sem nem parar. No banco do passageiro, Dutchie inclinou a cabeça e olhou para mim.

— Eu vou cuidar de você quando pararmos, garota. — eu disse a ela. Junto com o equipamento de acampamento, eu tinha guardado um conjunto de pratos de cachorro dobráveis na parte de trás do Cherokee, relíquias dos tempos em que costumávamos levar Sadie em várias viagens conosco. Meu pai nunca se livrou de nada, e foi por

CHRISTINE POPE

isso que nenhum dos nossos carros realmente morava na garagem, e eu encontrei a louça quando estava mexendo em algumas outras coisas.

Dutchie sacudiu o rabo e depois deitou de novo, curvando-se em uma bola menor do que eu pensaria ser possível. Até então, ela estava sentada e olhando pela janela, mas, verdade seja dita, quando você estava na estrada, as vistas e os cheiros realmente não eram tão interessantes.

— Então, para onde estamos indo? — Perguntei, sobre o ar geral ao meu redor. A julgar por sua reação tardia ao homem que havia me agredido em Walgreens, a voz não estava necessariamente presente o tempo todo. Nesse caso, como eu estava fazendo uma pergunta direta, tive que esperar que ele estivesse perto o suficiente para me ouvir e responder.

— *Norte.*

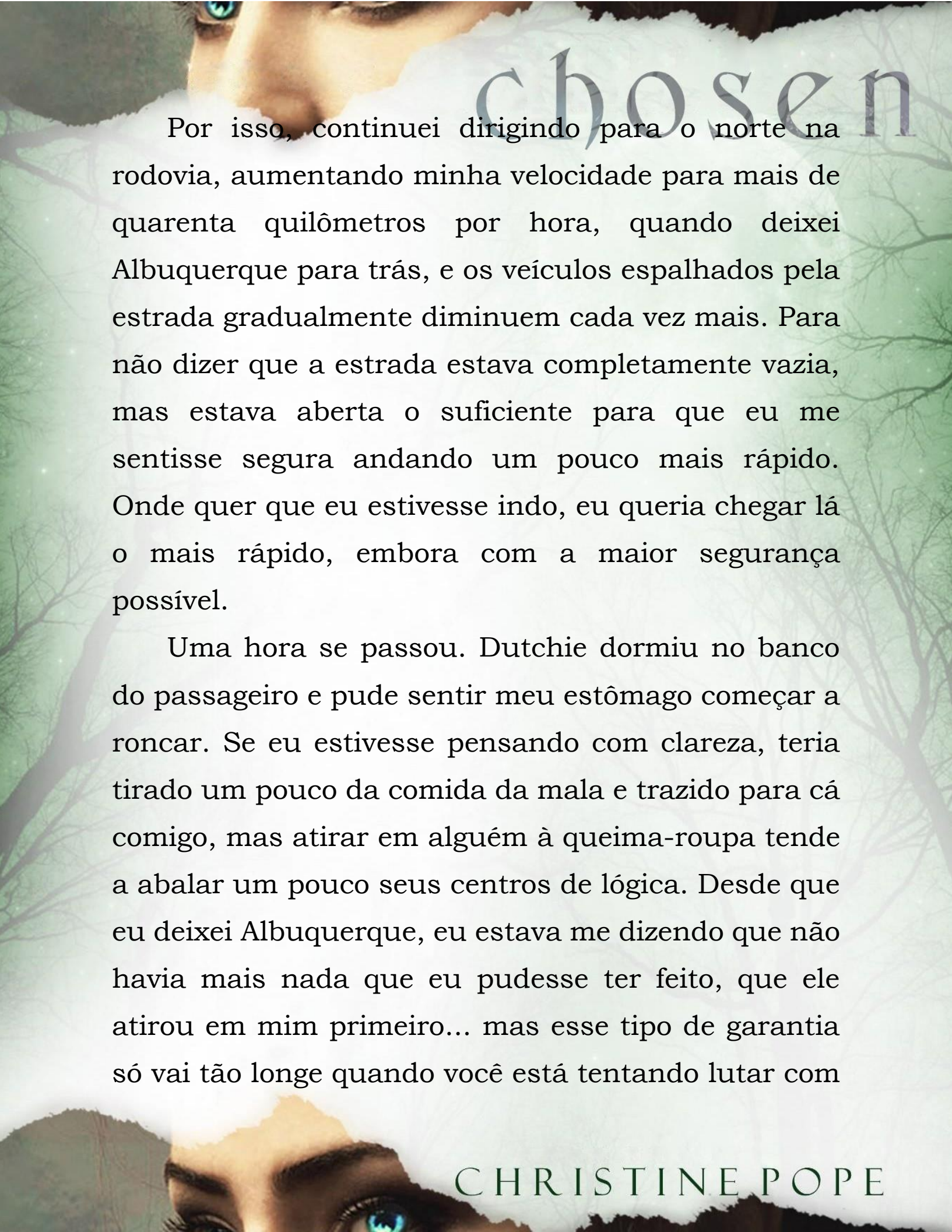
— Além disso. — Rebatí, irritada agora. Eu tinha feito o que ele pediu, Albuquerque estava cada vez mais atrás de mim, desde que eu começara do extremo norte da cidade, de qualquer maneira. Neste

ponto, eu realmente não conseguia ver a razão por trás dos jogos contínuos de evasão. — É um pouco cedo para a temporada de esqui.

— É tudo o que você precisa saber por enquanto. Vou lhe dizer quando for a hora de sair da estrada.

Eu poderia ter rosnado. Mas como sabia que não havia sentido em pressionar a questão, tomei outro gole de água e mantive meu olhar concentrado na estrada. Na verdade, eu não estava prestes a ficar sem combustível; o tanque estava quase cheio. Eu só esperava que mentir sobre a situação do gás convencesse o estranho de Walgreens a escolher outra presa. Tanta coisa para essa ideia brilhante.

De qualquer forma, eu sabia que não teria que parar para abastecer por algum tempo. Talvez não, de acordo com o quão longe eu estava indo. O que eu tinha no Cherokee agora era provavelmente o suficiente para me levar à fronteira do Colorado, embora eu sinceramente esperasse que não estivesse que ir tão longe.

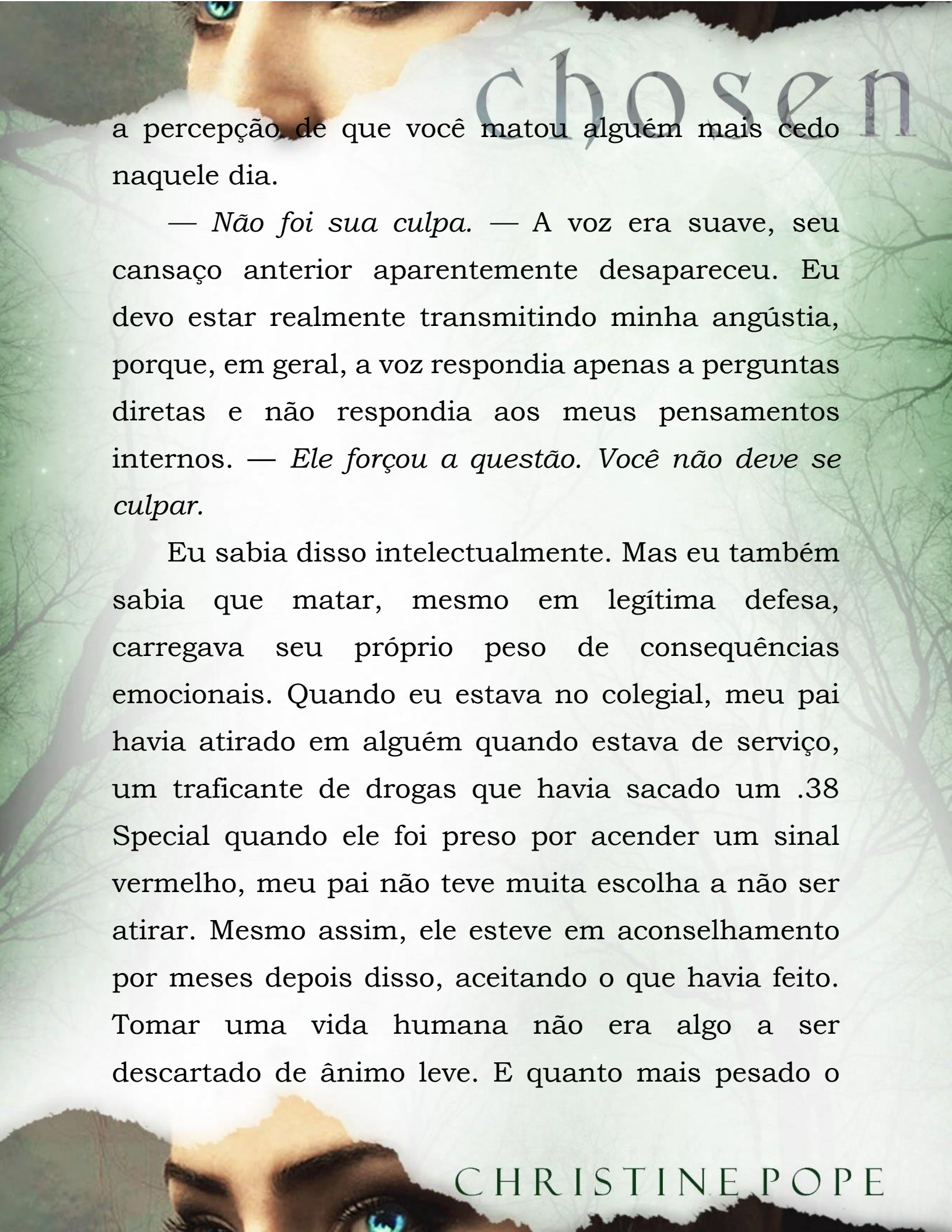


chosen

Por isso, continuei dirigindo para o norte na rodovia, aumentando minha velocidade para mais de quarenta quilômetros por hora, quando deixei Albuquerque para trás, e os veículos espalhados pela estrada gradualmente diminuem cada vez mais. Para não dizer que a estrada estava completamente vazia, mas estava aberta o suficiente para que eu me sentisse segura andando um pouco mais rápido. Onde quer que eu estivesse indo, eu queria chegar lá o mais rápido, embora com a maior segurança possível.

Uma hora se passou. Dutchie dormiu no banco do passageiro e pude sentir meu estômago começar a roncar. Se eu estivesse pensando com clareza, teria tirado um pouco da comida da mala e trazido para cá comigo, mas atirar em alguém à queima-roupa tende a abalar um pouco seus centros de lógica. Desde que eu deixei Albuquerque, eu estava me dizendo que não havia mais nada que eu pudesse ter feito, que ele atirou em mim primeiro... mas esse tipo de garantia só vai tão longe quando você está tentando lutar com

CHRISTINE POPE



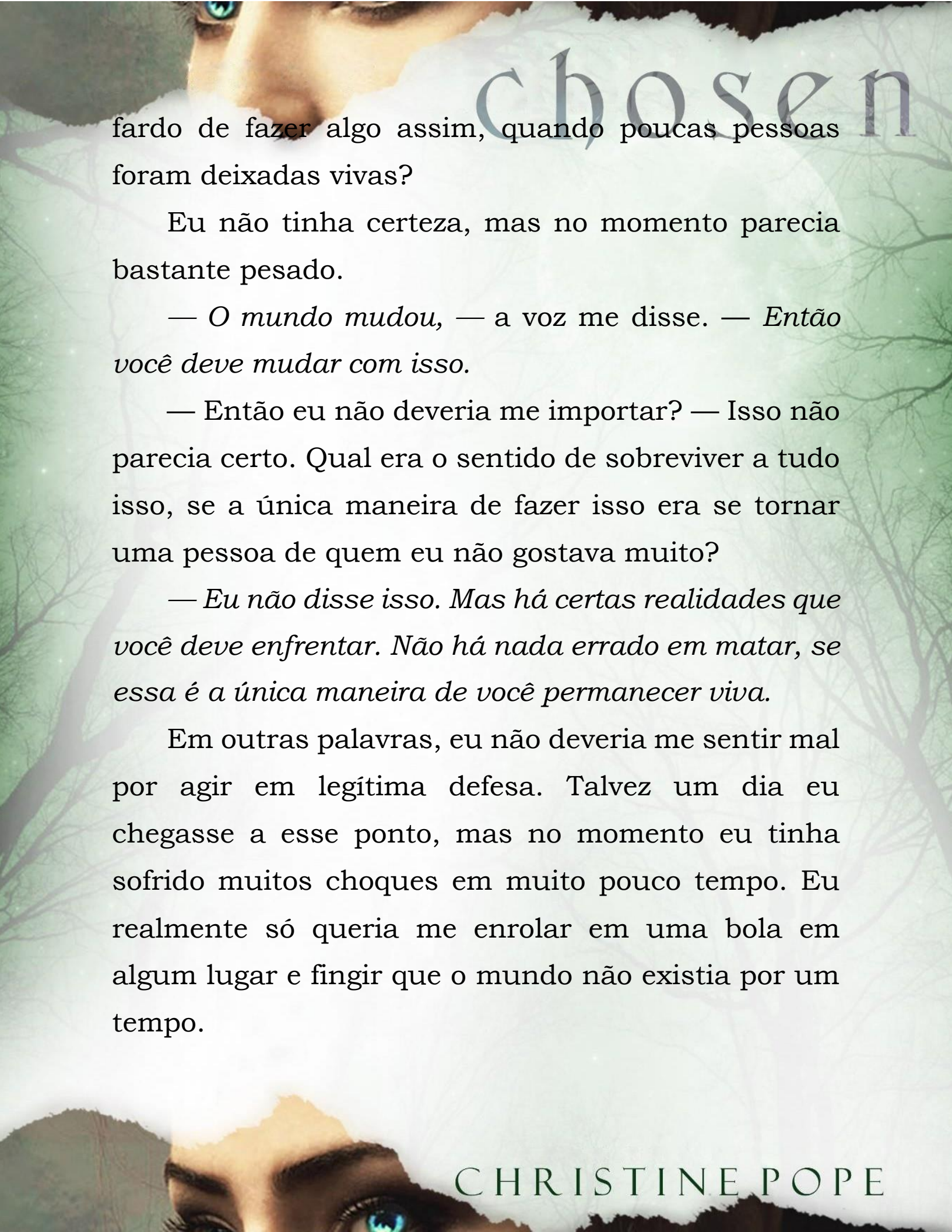
chosen

a percepção de que você matou alguém mais cedo naquele dia.

— *Não foi sua culpa.* — A voz era suave, seu cansaço anterior aparentemente desapareceu. Eu devo estar realmente transmitindo minha angústia, porque, em geral, a voz respondia apenas a perguntas diretas e não respondia aos meus pensamentos internos. — *Ele forçou a questão. Você não deve se culpar.*

Eu sabia disso intelectualmente. Mas eu também sabia que matar, mesmo em legítima defesa, carregava seu próprio peso de consequências emocionais. Quando eu estava no colegial, meu pai havia atirado em alguém quando estava de serviço, um traficante de drogas que havia sacado um .38 Special quando ele foi preso por acender um sinal vermelho, meu pai não teve muita escolha a não ser atirar. Mesmo assim, ele esteve em aconselhamento por meses depois disso, aceitando o que havia feito. Tomar uma vida humana não era algo a ser descartado de ânimo leve. E quanto mais pesado o

CHRISTINE POPE



Chosen

fardo de fazer algo assim, quando poucas pessoas foram deixadas vivas?

Eu não tinha certeza, mas no momento parecia bastante pesado.

— *O mundo mudou, — a voz me disse. — Então você deve mudar com isso.*

— Então eu não deveria me importar? — Isso não parecia certo. Qual era o sentido de sobreviver a tudo isso, se a única maneira de fazer isso era se tornar uma pessoa de quem eu não gostava muito?

— *Eu não disse isso. Mas há certas realidades que você deve enfrentar. Não há nada errado em matar, se essa é a única maneira de você permanecer viva.*

Em outras palavras, eu não deveria me sentir mal por agir em legítima defesa. Talvez um dia eu chegasse a esse ponto, mas no momento eu tinha sofrido muitos choques em muito pouco tempo. Eu realmente só queria me enrolar em uma bola em algum lugar e fingir que o mundo não existia por um tempo.

CHRISTINE POPE

— *Aqui,* — a voz me disse. — *Pegue a saída para 84 norte.*

— Santa Fé? — Perguntei com alguma surpresa. Por alguma razão, pensei que estaria indo muito mais longe do que isso.

— *Sim, Santa Fé.*

Bem, graças a Deus pelos pequenos favores. Fiz as instruções e entrei na estrada, que era mais que o nome do que qualquer outra coisa, já que, na realidade, era apenas uma estrada de quatro pistas que cortava a cidade, com lojas e vans de ambos os lados. Aqui tive que diminuir a velocidade novamente, pois havia uma grande quantidade de tráfego parado novamente. Não bastava que eu não pudesse contorná-lo quando necessário, mesmo que eu tivesse que parar na ilha no centro da rua, mas ainda assim estava difícil.

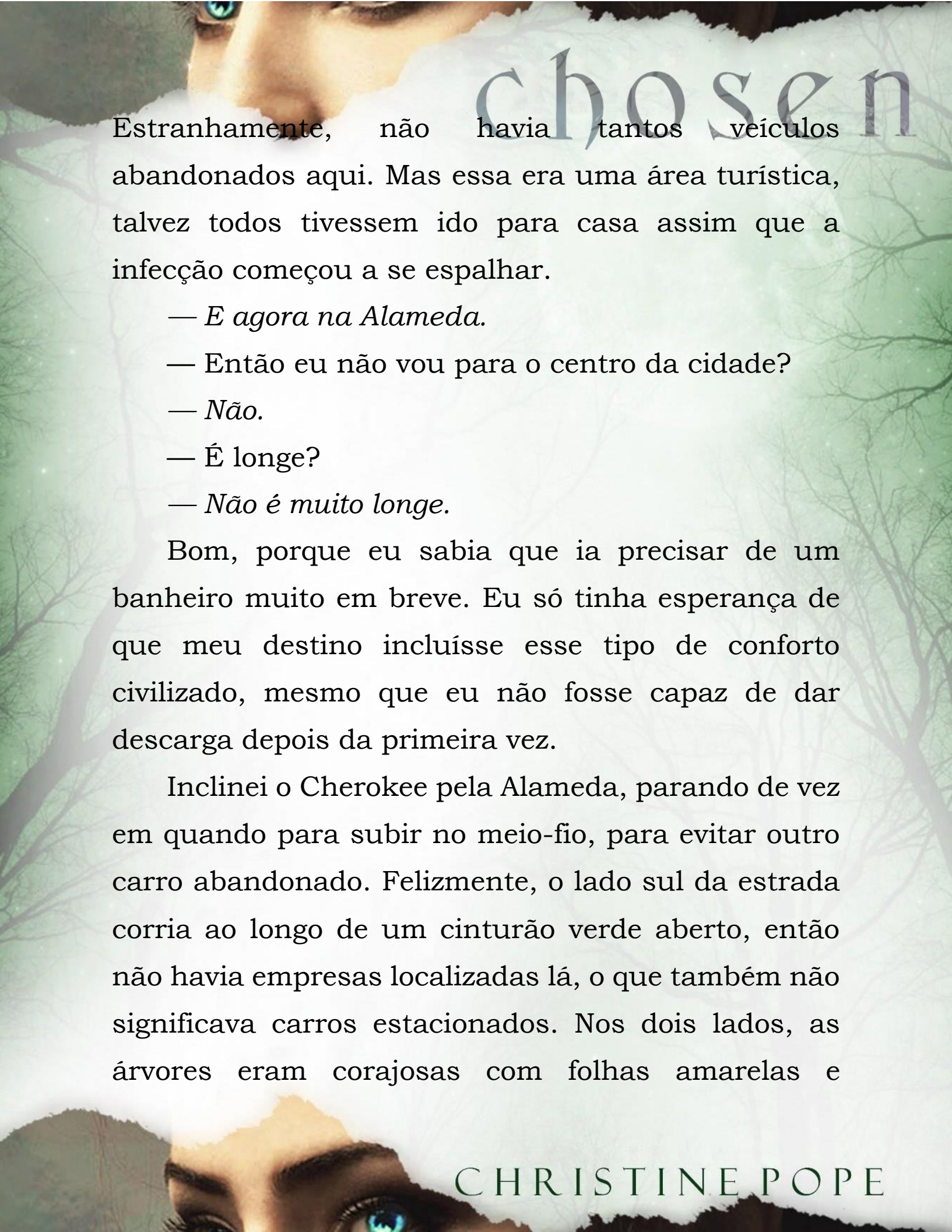
— *Então vire aqui, na Cerrillos.*

Então estávamos entrando no coração da cidade? Eu conhecia Santa Fe, embora não intimamente; minha família vinha aqui de vez em quando,

principalmente quando minha mãe estava cansada de acampar e fazer caminhadas e queria que tivéssemos alguma cultura. E eu visitei a cidade com Elene Tori algumas vezes, geralmente quando Elena tomava emprestado o tempo dos pais para que pudéssemos sair de Albuquerque e deixar o cabelo solto por alguns dias. Mesmo assim, eu não tinha dirigido. Sempre pegamos o carro de Elena, porque ela tinha um Porsche Cayenne, que era muito mais impressionante do que minha Honda de oito anos ou a picape Ford da Tori.

Mas eu sabia o suficiente para perceber que, se continuasse na minha rota atual, estaria indo em direção à praça da cidade velha e às áreas turísticas ao seu redor. Uma escolha estranha, se a voz realmente tivesse a intenção de me manter fora dos centros populacionais.

Eu diminuí ainda mais a velocidade, pois a estrada estava ficando mais estreita e eu sabia que estava prestes a entrar no labirinto de ruas de mão única que contornavam a praça central de Santa Fé.



chosen

Estranhamente, não havia tantos veículos abandonados aqui. Mas essa era uma área turística, talvez todos tivessem ido para casa assim que a infecção começou a se espalhar.

— *E agora na Alameda.*

— Então eu não vou para o centro da cidade?

— *Não.*

— É longe?

— *Não é muito longe.*

Bom, porque eu sabia que ia precisar de um banheiro muito em breve. Eu só tinha esperança de que meu destino incluísse esse tipo de conforto civilizado, mesmo que eu não fosse capaz de dar descarga depois da primeira vez.

Inclinei o Cherokee pela Alameda, parando de vez em quando para subir no meio-fio, para evitar outro carro abandonado. Felizmente, o lado sul da estrada corria ao longo de um cinturão verde aberto, então não havia empresas localizadas lá, o que também não significava carros estacionados. Nos dois lados, as árvores eram corajosas com folhas amarelas e

CHRISTINE POPE

alaranjadas, mas ninguém estava por perto para admirar a elegância do outono, e eu estava muito concentrada na minha rota para dar a eles mais do que um olhar passageiro.

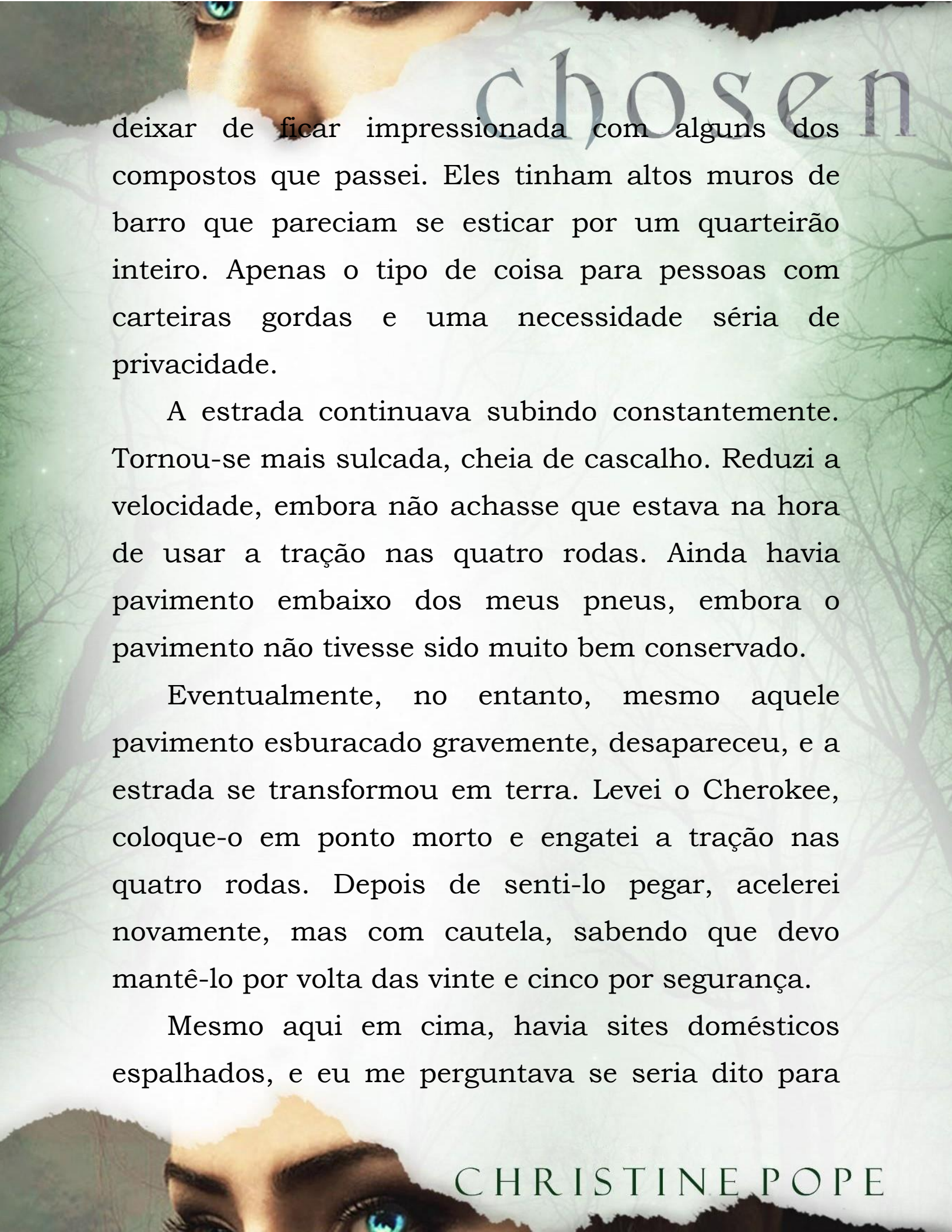
A rua continuou assim por algum tempo, até que eu estava fora do centro da cidade e em um bairro mais residencial, ainda seguindo em direção leste. Como a voz não havia me dado mais comandos, continuei.

— *E bem aqui.* — falou, justamente quando pensei que estaria na Alameda para sempre.

Virei conforme as instruções, passando para o anúncio do Canyon Road. Ao fazê-lo, não pude deixar de me perguntar para onde diabos eu estava indo. Ainda era uma área residencial, mas com as casas mais afastadas. O lado positivo foi que eu não tinha tantos carros perdidos para manobrar.

— *Siga a curva,* — a voz disse então.

Virando para a esquerda, eu me encontrei agora na Upper Canyon Road. Ela se estreitou ainda mais, mas mesmo no meu estado atual de foco, não pude



chosen

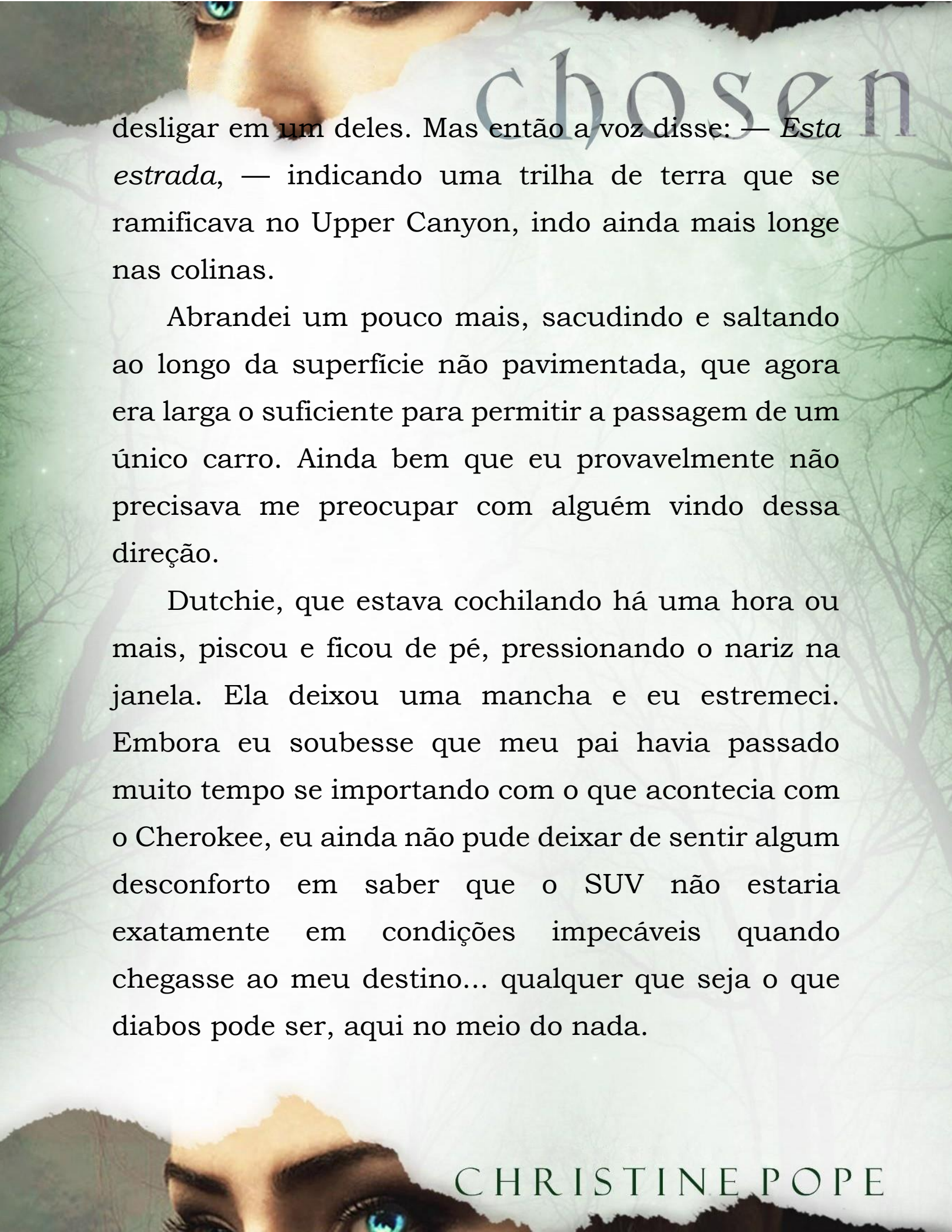
deixar de ficar impressionada com alguns dos compostos que passei. Eles tinham altos muros de barro que pareciam se esticar por um quarteirão inteiro. Apenas o tipo de coisa para pessoas com carteiras gordas e uma necessidade séria de privacidade.

A estrada continuava subindo constantemente. Tornou-se mais sulcada, cheia de cascalho. Reduzi a velocidade, embora não achasse que estava na hora de usar a tração nas quatro rodas. Ainda havia pavimento embaixo dos meus pneus, embora o pavimento não tivesse sido muito bem conservado.

Eventualmente, no entanto, mesmo aquele pavimento esburacado gravemente, desapareceu, e a estrada se transformou em terra. Levei o Cherokee, coloque-o em ponto morto e engatei a tração nas quatro rodas. Depois de senti-lo pegar, acelerei novamente, mas com cautela, sabendo que devo mantê-lo por volta das vinte e cinco por segurança.

Mesmo aqui em cima, havia sites domésticos espalhados, e eu me perguntava se seria dito para

CHRISTINE POPE



chosen

desligar em um deles. Mas então a voz disse: — *Esta estrada*, — indicando uma trilha de terra que se ramificava no Upper Canyon, indo ainda mais longe nas colinas.

Abrandei um pouco mais, sacudindo e saltando ao longo da superfície não pavimentada, que agora era larga o suficiente para permitir a passagem de um único carro. Ainda bem que eu provavelmente não precisava me preocupar com alguém vindo dessa direção.

Dutchie, que estava cochilando há uma hora ou mais, piscou e ficou de pé, pressionando o nariz na janela. Ela deixou uma mancha e eu estremeci. Embora eu soubesse que meu pai havia passado muito tempo se importando com o que acontecia com o Cherokee, eu ainda não pude deixar de sentir algum desconforto em saber que o SUV não estaria exatamente em condições impecáveis quando chegasse ao meu destino... qualquer que seja o que diabos pode ser, aqui no meio do nada.

CHRISTINE POPE

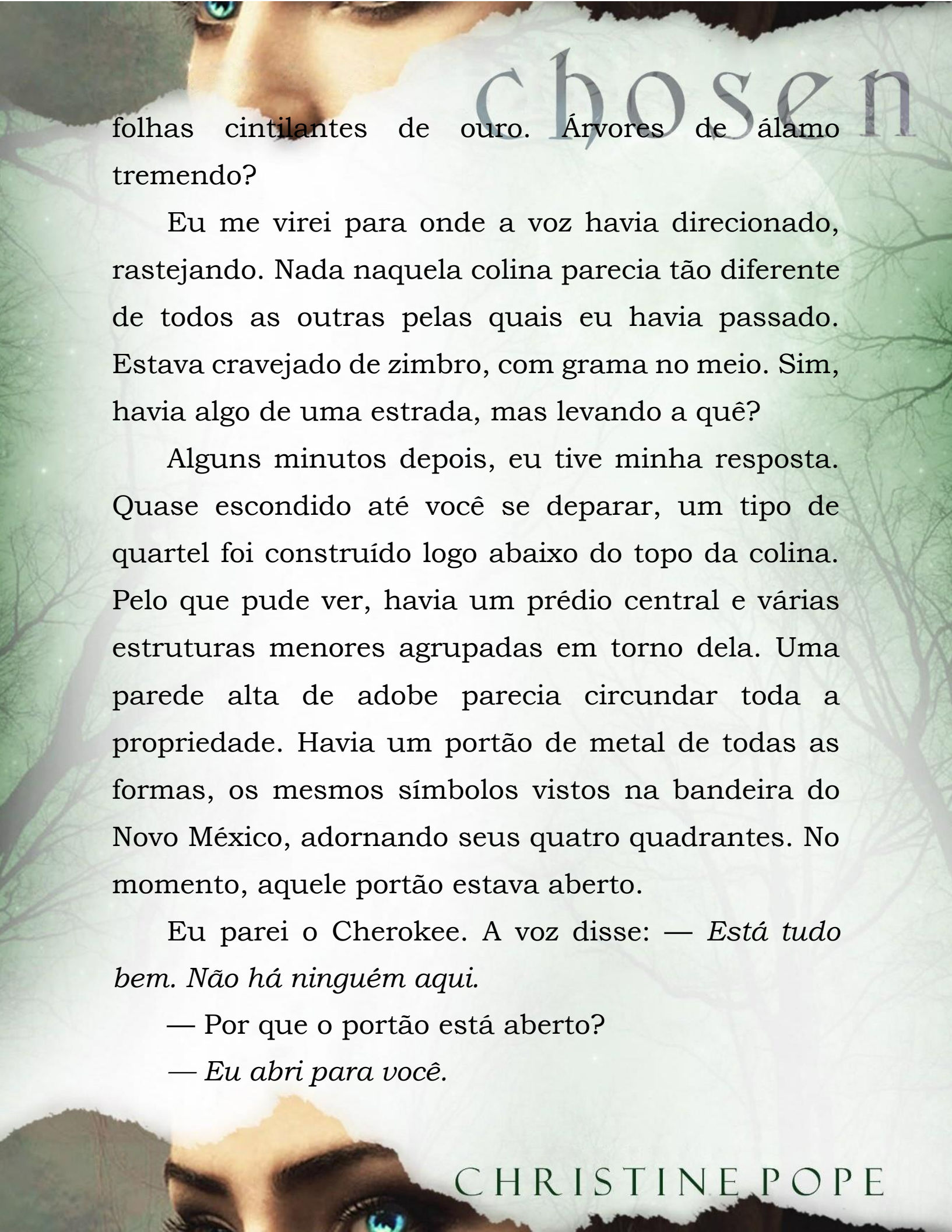
A trilha continuava serpenteando cada vez mais longe nas colinas. Pelo menos eu tive alguma experiência dirigindo fora de estrada, para que a superfície rochosa e esburacada sob o carro não me incomodasse muito. O que me incomodou foi o quão longe da civilização esse lugar deve estar. Se a voz me atraísse aqui para...

Para quê? Perguntei-me com algum desprezo. Se ele quisesse te matar ou fazer qualquer outra coisa, ele já poderia ter feito isso. Qual seria o sentido de enviá-la para a parte de trás desse além?

Não havia sentido em tudo o que eu poderia dizer. O que não significava muito.

Pelo menos a voz parecia não ouvir meu monólogo interior. Mais ou menos um minuto depois, disse: — *Aqui.*

Outra pista de terra, ainda mais estreita que esta. Ele se separou da estrada principal, se você pudesse chamar assim, e subiu a encosta de uma colina. Ao redor do topo da colina, pensei ver um lampejo de



folhas cintilantes de ouro. Árvores de álamo tremendo?

Eu me virei para onde a voz havia direcionado, rastejando. Nada naquela colina parecia tão diferente de todas as outras pelas quais eu havia passado. Estava cravejado de zimbro, com grama no meio. Sim, havia algo de uma estrada, mas levando a quê?

Alguns minutos depois, eu tive minha resposta. Quase escondido até você se deparar, um tipo de quartel foi construído logo abaixo do topo da colina. Pelo que pude ver, havia um prédio central e várias estruturas menores agrupadas em torno dela. Uma parede alta de adobe parecia circundar toda a propriedade. Havia um portão de metal de todas as formas, os mesmos símbolos vistos na bandeira do Novo México, adornando seus quatro quadrantes. No momento, aquele portão estava aberto.

Eu parei o Cherokee. A voz disse: — *Está tudo bem. Não há ninguém aqui.*

— Por que o portão está aberto?

— *Eu abri para você.*

CHRISTINE POPE

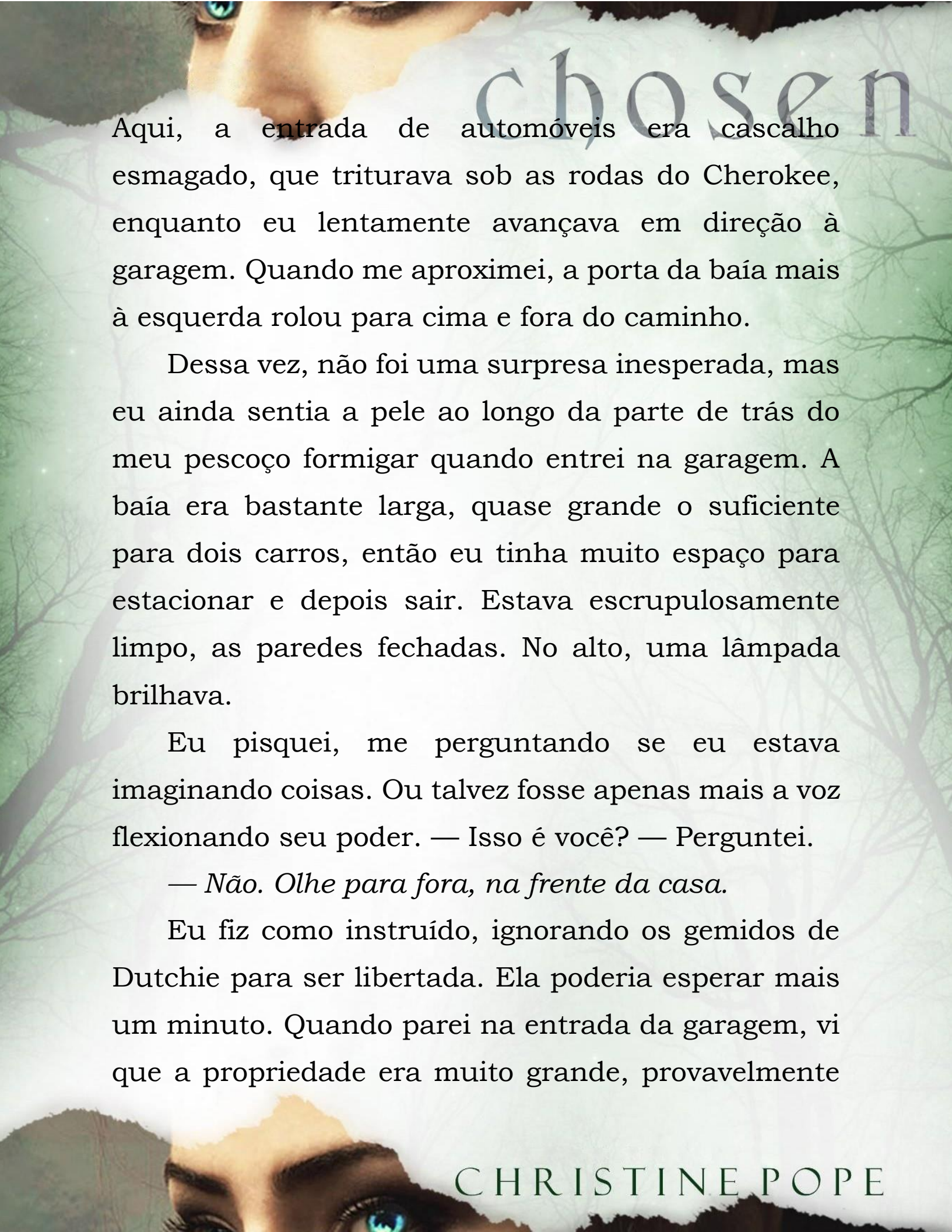
Não tendo certeza do que devo fazer sobre essa afirmação em particular, engoli e depois cutuquei o acelerador. O SUV avançou lentamente e, em mais alguns segundos, eu estava dentro do complexo. Assim que o para-choque traseiro passou o portão, ele se fechou atrás de mim.

— Você novamente? — Perguntei, esperando manter a maior parte da preocupação fora da minha voz.

— *Sim.*

Uma vez que não havia mais nada a fazer, fiz um rápido exame do meu entorno. Parecia haver uma casa grande, construída no estilo típico de Santa Fé, com paredes de adobe espesso e telhado plano. Árvores cercavam, suas folhas douradas tremulando na brisa da tarde. Logo depois da casa havia um anexo que parecia ser uma grande garagem com quatro baías, e além disso algo que parecia uma extensa estufa.

Tudo estava muito arrumado, muito arrumado, exceto por algumas folhas de álamo caídas no chão.



Chosen

Aqui, a entrada de automóveis era cascalho esmagado, que triturava sob as rodas do Cherokee, enquanto eu lentamente avançava em direção à garagem. Quando me aproximei, a porta da baía mais à esquerda rolou para cima e fora do caminho.

Dessa vez, não foi uma surpresa inesperada, mas eu ainda sentia a pele ao longo da parte de trás do meu pescoço formigar quando entrei na garagem. A baía era bastante larga, quase grande o suficiente para dois carros, então eu tinha muito espaço para estacionar e depois sair. Estava escrupulosamente limpo, as paredes fechadas. No alto, uma lâmpada brilhava.

Eu pisquei, me perguntando se eu estava imaginando coisas. Ou talvez fosse apenas mais a voz flexionando seu poder. — Isso é você? — Perguntei.

— *Não. Olhe para fora, na frente da casa.*

Eu fiz como instruído, ignorando os gemidos de Dutchie para ser libertada. Ela poderia esperar mais um minuto. Quando parei na entrada da garagem, vi que a propriedade era muito grande, provavelmente

CHRISTINE POPE

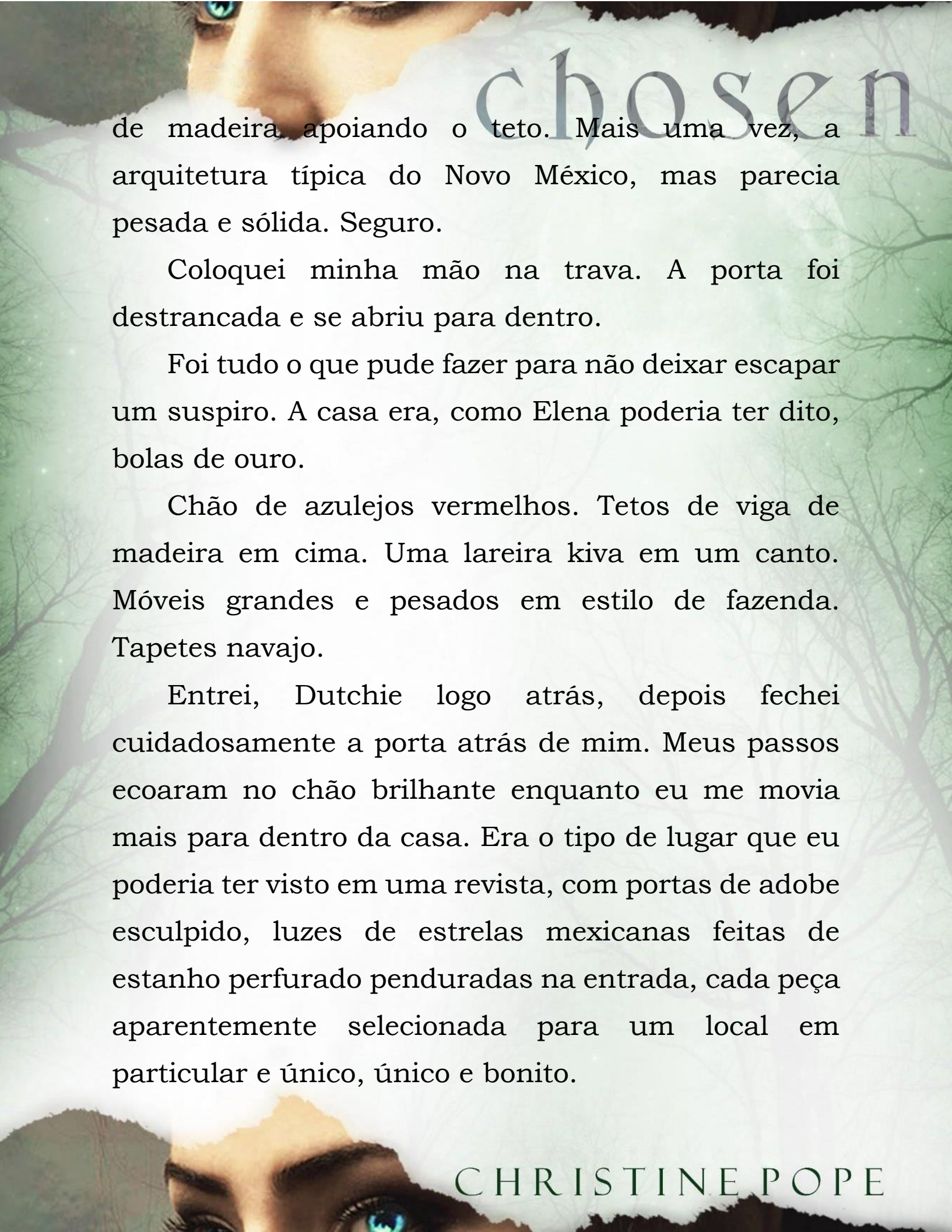
pelo menos quatro ou cinco acres, todos fechados dentro daquela parede de adobe. A outra estrutura que eu vislumbrava era de fato uma residência, mas além dela havia uma pequena fazenda solar, e além dela ainda via um moinho de vento girando para longe.

— Há energia aqui? — Eu tive que lutar contra as palavras do nó na garganta; louco como o simples pensamento de ter eletricidade poderia me deixar tão excitada.

— *Isso e muito mais. Venha, deixe-me mostrar-lhe.*

Balancei a cabeça, mas depois corri para abrir a porta do passageiro. Dutchie saltou, abanando a cauda e prontamente batizou o local agachando-se em um pedaço de grama ao lado da garagem. Apesar de tudo, não pude deixar de sorrir e balançar a cabeça.

Mas então eu me afastei dela para poder seguir o caminho de laje que levava da garagem até a porta da frente da casa. Era pintado de azul e sombreado por uma longa fachada com colunas, com pesadas vigas



chosen

de madeira apoiando o teto. Mais uma vez, a arquitetura típica do Novo México, mas parecia pesada e sólida. Seguro.

Coloquei minha mão na trava. A porta foi destrancada e se abriu para dentro.

Foi tudo o que pude fazer para não deixar escapar um suspiro. A casa era, como Elena poderia ter dito, bolas de ouro.

Chão de azulejos vermelhos. Tetos de viga de madeira em cima. Uma lareira kiva em um canto. Móveis grandes e pesados em estilo de fazenda. Tapetes navajo.

Entrei, Dutchie logo atrás, depois fechei cuidadosamente a porta atrás de mim. Meus passos ecoaram no chão brilhante enquanto eu me movia mais para dentro da casa. Era o tipo de lugar que eu poderia ter visto em uma revista, com portas de adobe esculpido, luzes de estrelas mexicanas feitas de estanho perfurado penduradas na entrada, cada peça aparentemente selecionada para um local em particular e único, único e bonito.

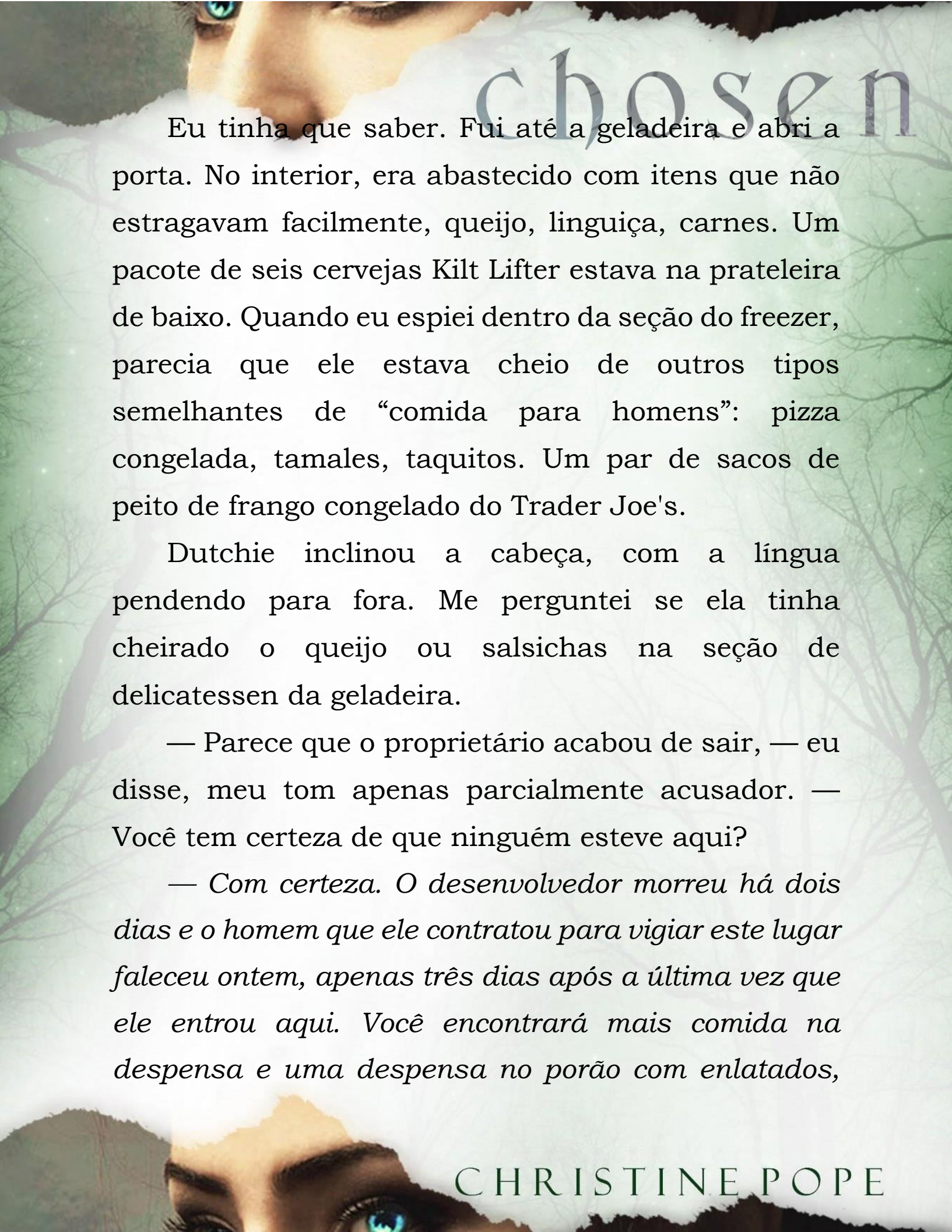
CHRISTINE POPE

— O que é este lugar? — Sussurei, depois que me recuperei o suficiente para passar da sala de estar para a sala de jantar, que era dominada por uma mesa com tampo de cobre grande o suficiente para doze e cadeiras resistentes de madeira escura com assentos de couro e detalhes em pregos. Paisagens da área em torno de Santa Fe estavam penduradas nas paredes.

— *Foi construído por um promotor imobiliário de Phoenix que queria ter certeza de que sobreviveria ao fim do mundo com conforto. Infelizmente, seus planos não levaram em conta a doença, apenas a guerra e a agitação civil.*

O que eu deveria dizer sobre isso?

Balançando a cabeça, entrei na cozinha, que era aproximadamente o dobro do tamanho do meu pequeno apartamento na garagem. Ouvi um zumbido fraco e me perguntei o que poderia ser, então percebi que era a geladeira. Estranho como apenas alguns dias sem esse tipo de barulho de fundo os tornariam estranhos.



chosen

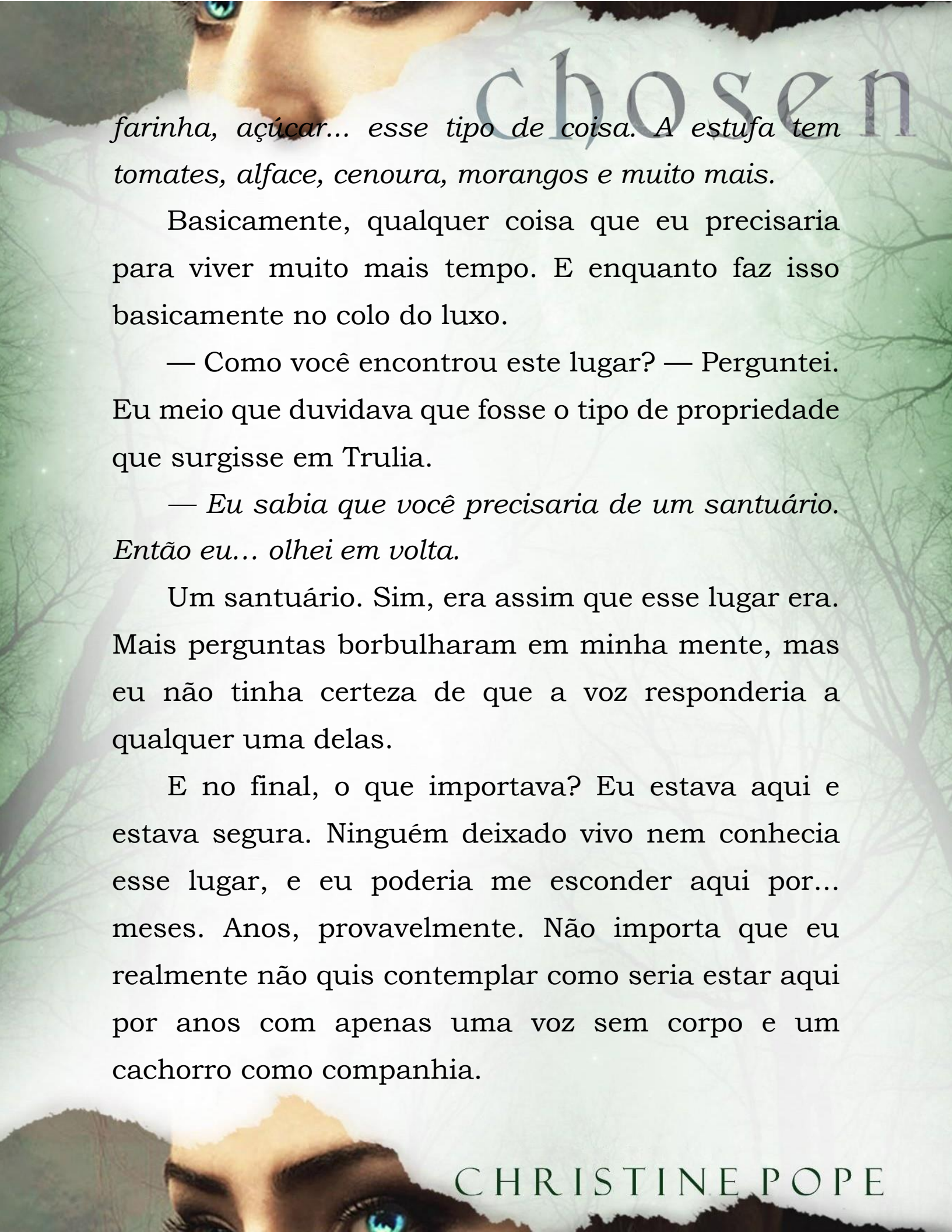
Eu tinha que saber. Fui até a geladeira e abri a porta. No interior, era abastecido com itens que não estragavam facilmente, queijo, linguiça, carnes. Um pacote de seis cervejas Kilt Lifter estava na prateleira de baixo. Quando eu espiei dentro da seção do freezer, parecia que ele estava cheio de outros tipos semelhantes de “comida para homens”: pizza congelada, tamales, taquitos. Um par de sacos de peito de frango congelado do Trader Joe's.

Dutchie inclinou a cabeça, com a língua pendendo para fora. Me perguntei se ela tinha cheirado o queijo ou salsichas na seção de delicatessen da geladeira.

— Parece que o proprietário acabou de sair, — eu disse, meu tom apenas parcialmente acusador. — Você tem certeza de que ninguém esteve aqui?

— *Com certeza. O desenvolvedor morreu há dois dias e o homem que ele contratou para vigiar este lugar faleceu ontem, apenas três dias após a última vez que ele entrou aqui. Você encontrará mais comida na despensa e uma despensa no porão com enlatados,*

CHRISTINE POPE



Chosen

farinha, açúcar... esse tipo de coisa. A estufa tem tomates, alface, cenoura, morangos e muito mais.

Basicamente, qualquer coisa que eu precisaria para viver muito mais tempo. E enquanto faz isso basicamente no colo do luxo.

— Como você encontrou este lugar? — Perguntei. Eu meio que duvidava que fosse o tipo de propriedade que surgisse em Trulia.

— *Eu sabia que você precisaria de um santuário. Então eu... olhei em volta.*

Um santuário. Sim, era assim que esse lugar era. Mais perguntas borbulharam em minha mente, mas eu não tinha certeza de que a voz responderia a qualquer uma delas.

E no final, o que importava? Eu estava aqui e estava segura. Ninguém deixado vivo nem conhecia esse lugar, e eu poderia me esconder aqui por... meses. Anos, provavelmente. Não importa que eu realmente não quis contemplar como seria estar aqui por anos com apenas uma voz sem corpo e um cachorro como companhia.

CHRISTINE POPE

Bem, eu não precisava pensar nisso agora. Eu tinha outras coisas para fazer.

— Vamos, Dutchie, — chamei. — Hora de desembalar o carro.

— Estamos em casa.

Capítulo Nove

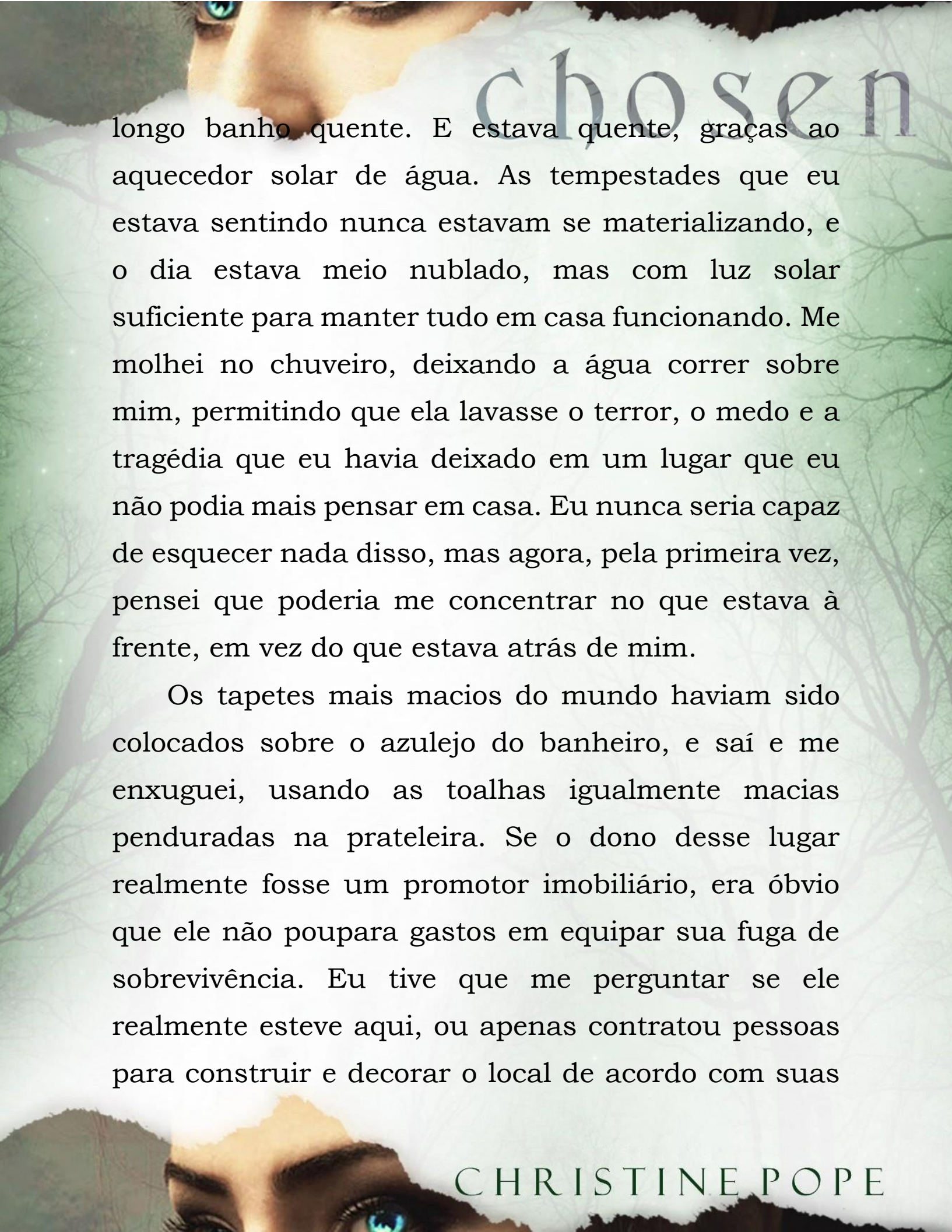
Nos armários da cozinha, encontrei artigos festa de cores vivas e copos de vidro soprado que pensei que deviam ter vindo do México. Derramei água, sim, as torneiras funcionaram, graças a um poço que era alimentado pelo moinho de vento, em uma tigela para Dutchie e depois joguei alguns dos alimentos secos do Blue Buffalo que eu trouxe de casa para outra tigela. Ela começou lambendo a água avidamente, mastigando a comida de cachorro. Eu poderia dizer que ela pensava que estava em casa também. Em algum momento eu teria que olhar para reabastecer seu suprimento de comida, mas isso poderia esperar um pouco. Com base na quantidade de ração deixada na bolsa, ela precisaria de mais em cerca de uma semana. Em uma pitada, eu poderia descongelar

alguns peitos de frango congelados e cozinhá-los para ela, mas provavelmente seria mais inteligente ir para Santa Fé e procurar comida de cachorro de verdade lá.

No momento, porém, eu estava contente em explorar o resto da casa. Era muito grande, provavelmente pelo menos quatro mil metros quadrados, embora eu fosse a primeira a dizer que não era muito bom em julgar esse tipo de coisa. Mas havia três quartos, além de um escritório, uma sala de estar, além da sala de jantar e cozinha. Nos fundos da casa, havia outro pátio coberto, além de plantações cada vez mais exuberantes de várias árvores nativas. Em um canto isolado, uma fonte movida a energia solar borbulhava. Parecia tranquilo, protegido, tão longe dos horrores que eu tinha visto em Albuquerque, que eu poderia estar em outro planeta.

Aqui, acho que posso viver.

Depois de cuidar de Dutchie e guardar todas as minhas coisas, guardando as armas em uma prateleira no armário do quarto principal, tomei um



chosen

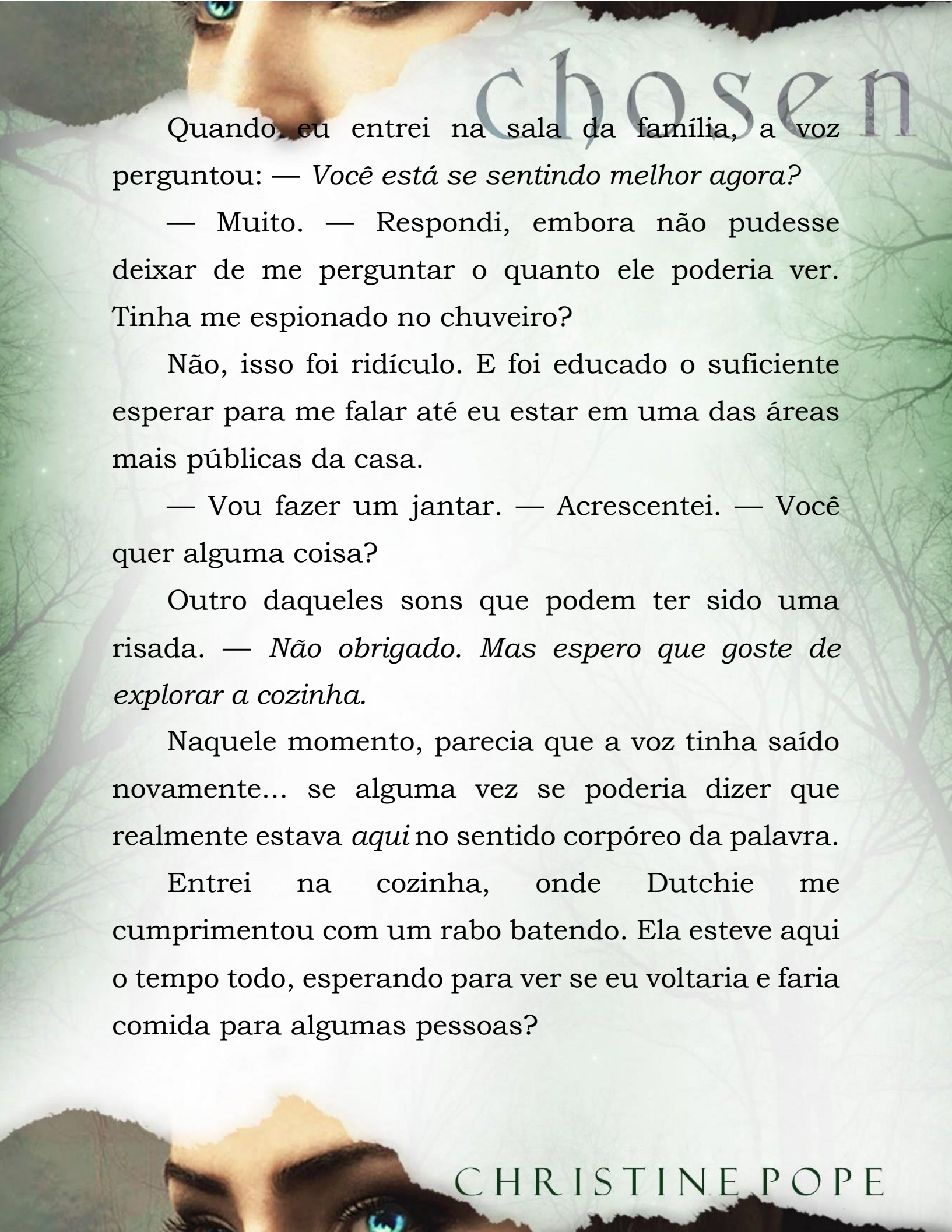
longo banho quente. E estava quente, graças ao aquecedor solar de água. As tempestades que eu estava sentindo nunca estavam se materializando, e o dia estava meio nublado, mas com luz solar suficiente para manter tudo em casa funcionando. Me molhei no chuveiro, deixando a água correr sobre mim, permitindo que ela lavasse o terror, o medo e a tragédia que eu havia deixado em um lugar que eu não podia mais pensar em casa. Eu nunca seria capaz de esquecer nada disso, mas agora, pela primeira vez, pensei que poderia me concentrar no que estava à frente, em vez do que estava atrás de mim.

Os tapetes mais macios do mundo haviam sido colocados sobre o azulejo do banheiro, e saí e me enxuguei, usando as toalhas igualmente macias penduradas na prateleira. Se o dono desse lugar realmente fosse um promotor imobiliário, era óbvio que ele não poupava gastos em equipar sua fuga de sobrevivência. Eu tive que me perguntar se ele realmente esteve aqui, ou apenas contratou pessoas para construir e decorar o local de acordo com suas

CHRISTINE POPE

especificações. Algo sobre isso parecia ... bem, não exatamente sem alma, porque era muito quente e convidativo para isso, mas envelhecido, talvez, como se um designer de interiores tivesse feito todo o trabalho pesado para tomar as decisões de decoração. E o desenvolvedor pretendia trazer alguém com ele para compartilhar o mundo após o apocalipse, ou planejava viver com todo esse luxo sozinho?

Seja como for, certamente estava longe, muito mais do que eu jamais poderia esperar, poderia estar me esperando no final da minha jornada. Limpei meu cabelo, encontrei um secador de cabelo em uma das gavetas da penteadeira e experimentei o luxo de ser capaz de secar meu cabelo, algo que pensei que nunca seria capaz de fazer novamente. Coloquei roupas limpas e meus sapatos confortáveis, já que não estava planejando fazer uma caminhada tão cedo. No dia seguinte, eu andaria por aí e exploraria a propriedade completamente, mas por enquanto ficaria confinada em um casulo dentro de casa.



Chosen

Quando eu entrei na sala da família, a voz perguntou: — *Você está se sentindo melhor agora?*

— Muito. — Respondi, embora não pudesse deixar de me perguntar o quanto ele poderia ver. Tinha me espionado no chuveiro?

Não, isso foi ridículo. E foi educado o suficiente esperar para me falar até eu estar em uma das áreas mais públicas da casa.

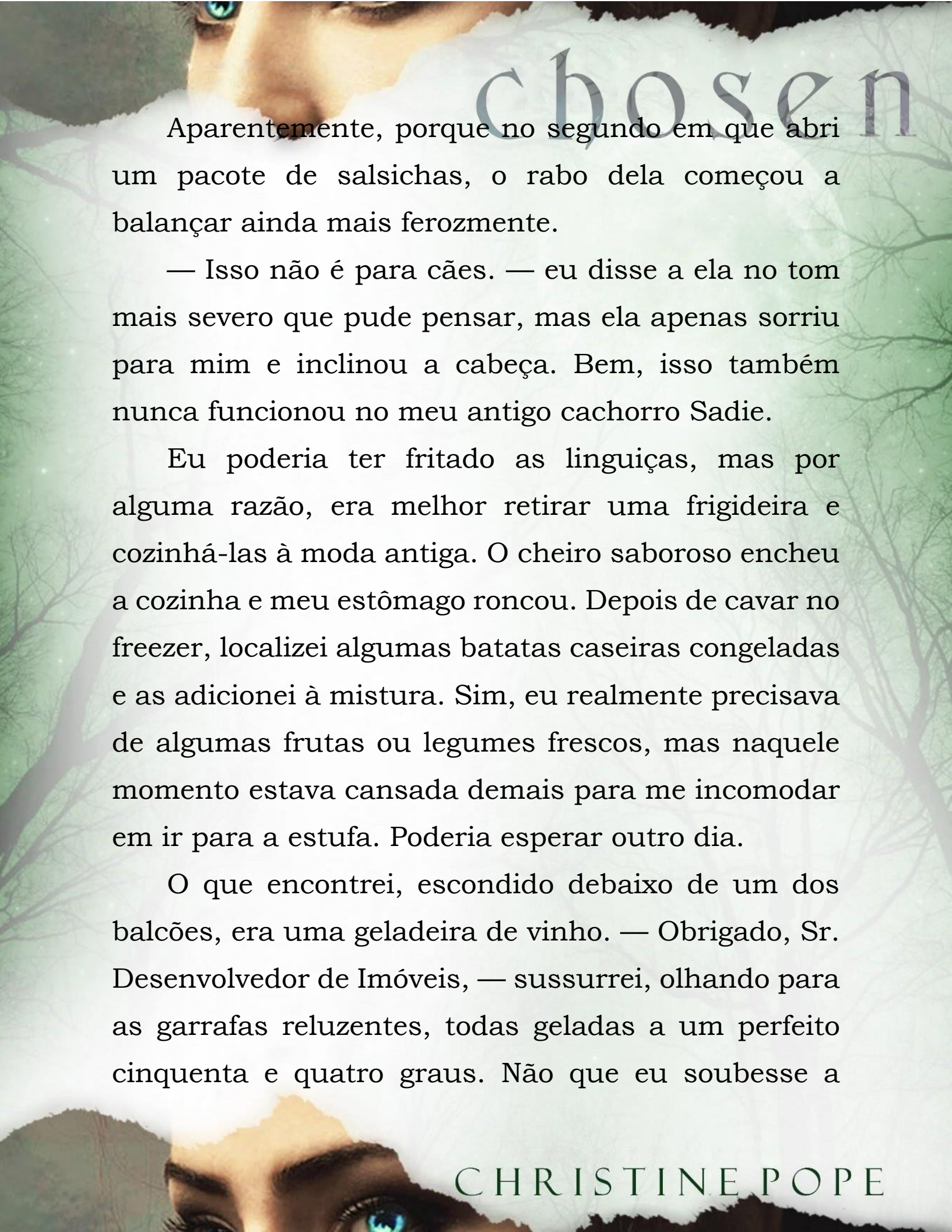
— Vou fazer um jantar. — Acrescentei. — Você quer alguma coisa?

Outro daqueles sons que podem ter sido uma risada. — *Não obrigado. Mas espero que goste de explorar a cozinha.*

Naquele momento, parecia que a voz tinha saído novamente... se alguma vez se poderia dizer que realmente estava *aqui* no sentido corpóreo da palavra.

Entrei na cozinha, onde Dutchie me cumprimentou com um rabo batendo. Ela esteve aqui o tempo todo, esperando para ver se eu voltaria e faria comida para algumas pessoas?

CHRISTINE POPE



Chosen

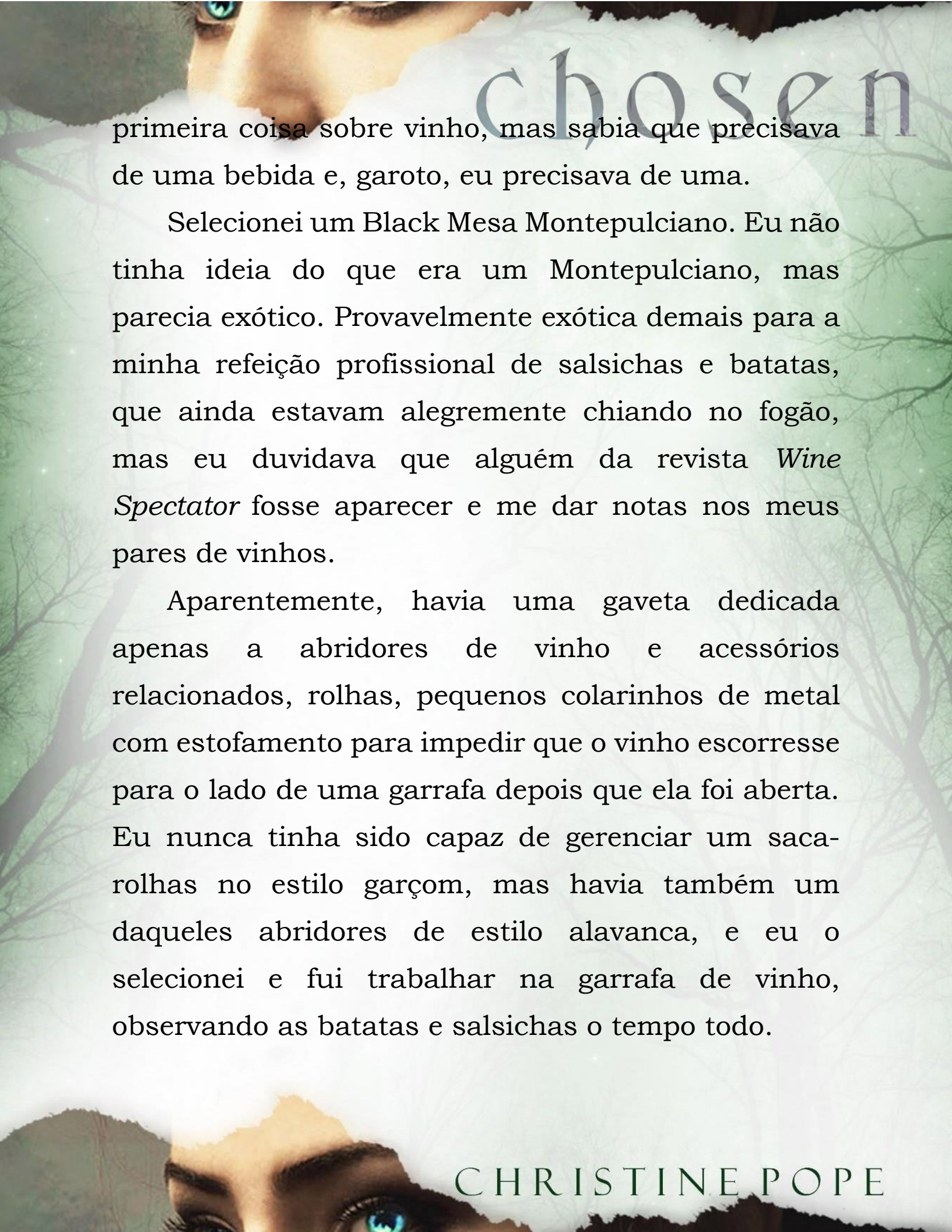
Aparentemente, porque no segundo em que abri um pacote de salsichas, o rabo dela começou a balançar ainda mais ferozmente.

— Isso não é para cães. — eu disse a ela no tom mais severo que pude pensar, mas ela apenas sorriu para mim e inclinou a cabeça. Bem, isso também nunca funcionou no meu antigo cachorro Sadie.

Eu poderia ter fritado as linguças, mas por alguma razão, era melhor retirar uma frigideira e cozinhá-las à moda antiga. O cheiro saboroso encheu a cozinha e meu estômago roncou. Depois de cavar no freezer, localizei algumas batatas caseiras congeladas e as adicionei à mistura. Sim, eu realmente precisava de algumas frutas ou legumes frescos, mas naquele momento estava cansada demais para me incomodar em ir para a estufa. Poderia esperar outro dia.

O que encontrei, escondido debaixo de um dos balcões, era uma geladeira de vinho. — Obrigado, Sr. Desenvolvedor de Imóveis, — sussurrei, olhando para as garrafas reluzentes, todas geladas a um perfeito cinquenta e quatro graus. Não que eu soubesse a

CHRISTINE POPE



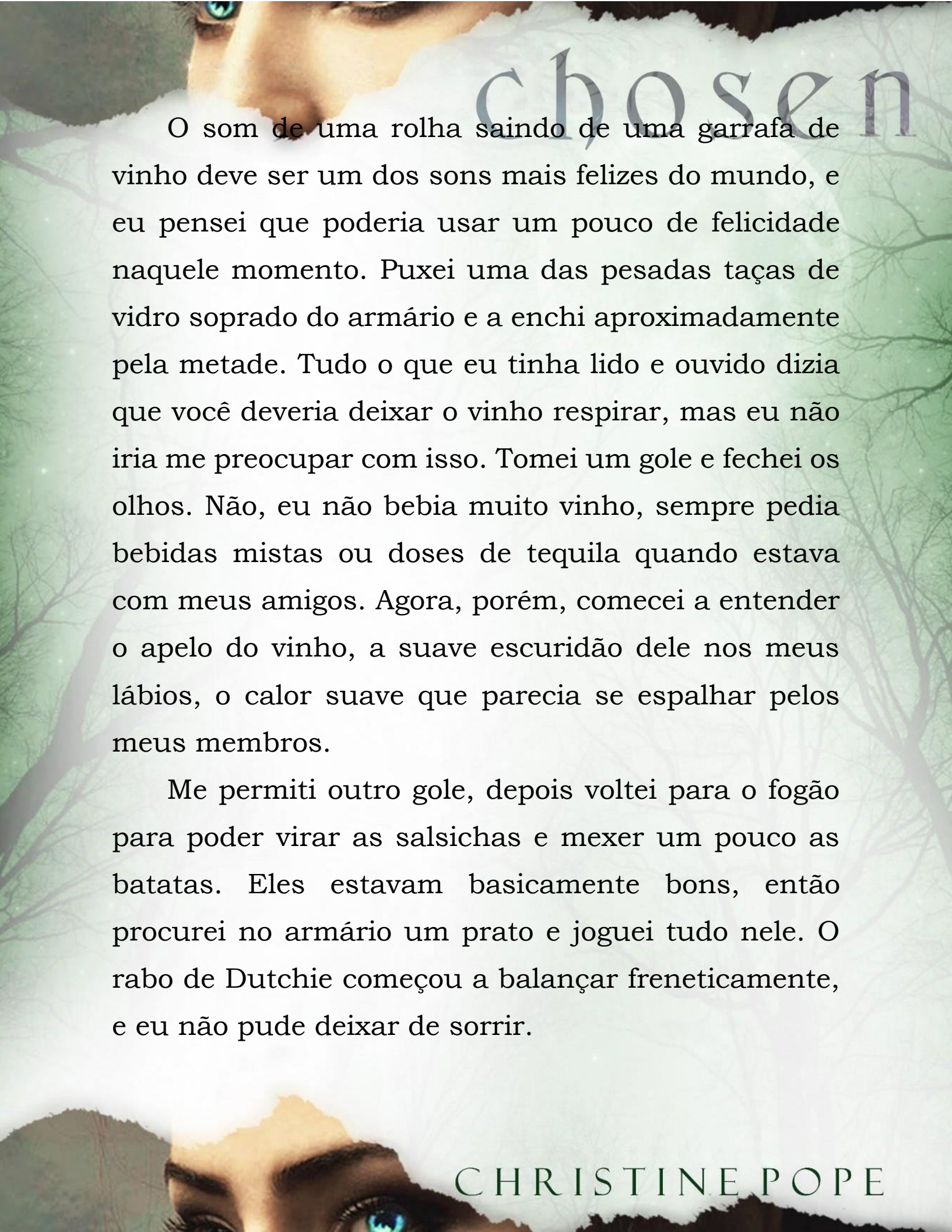
Chosen

primeira coisa sobre vinho, mas sabia que precisava de uma bebida e, garoto, eu precisava de uma.

Selecionei um Black Mesa Montepulciano. Eu não tinha ideia do que era um Montepulciano, mas parecia exótico. Provavelmente exótica demais para a minha refeição profissional de salsichas e batatas, que ainda estavam alegremente chiando no fogão, mas eu duvidava que alguém da revista *Wine Spectator* fosse aparecer e me dar notas nos meus pares de vinhos.

Aparentemente, havia uma gaveta dedicada apenas a abridores de vinho e acessórios relacionados, rolhas, pequenos colarinhos de metal com estofamento para impedir que o vinho escorresse para o lado de uma garrafa depois que ela foi aberta. Eu nunca tinha sido capaz de gerenciar um saca-rolhas no estilo garçom, mas havia também um daqueles abridores de estilo alavanca, e eu o selecionei e fui trabalhar na garrafa de vinho, observando as batatas e salsichas o tempo todo.

CHRISTINE POPE



chosen

O som de uma rolha saindo de uma garrafa de vinho deve ser um dos sons mais felizes do mundo, e eu pensei que poderia usar um pouco de felicidade naquele momento. Puxei uma das pesadas taças de vidro soprado do armário e a enchi aproximadamente pela metade. Tudo o que eu tinha lido e ouvido dizia que você deveria deixar o vinho respirar, mas eu não iria me preocupar com isso. Tomei um gole e fechei os olhos. Não, eu não bebia muito vinho, sempre pedia bebidas mistas ou doses de tequila quando estava com meus amigos. Agora, porém, comecei a entender o apelo do vinho, a suave escuridão dele nos meus lábios, o calor suave que parecia se espalhar pelos meus membros.

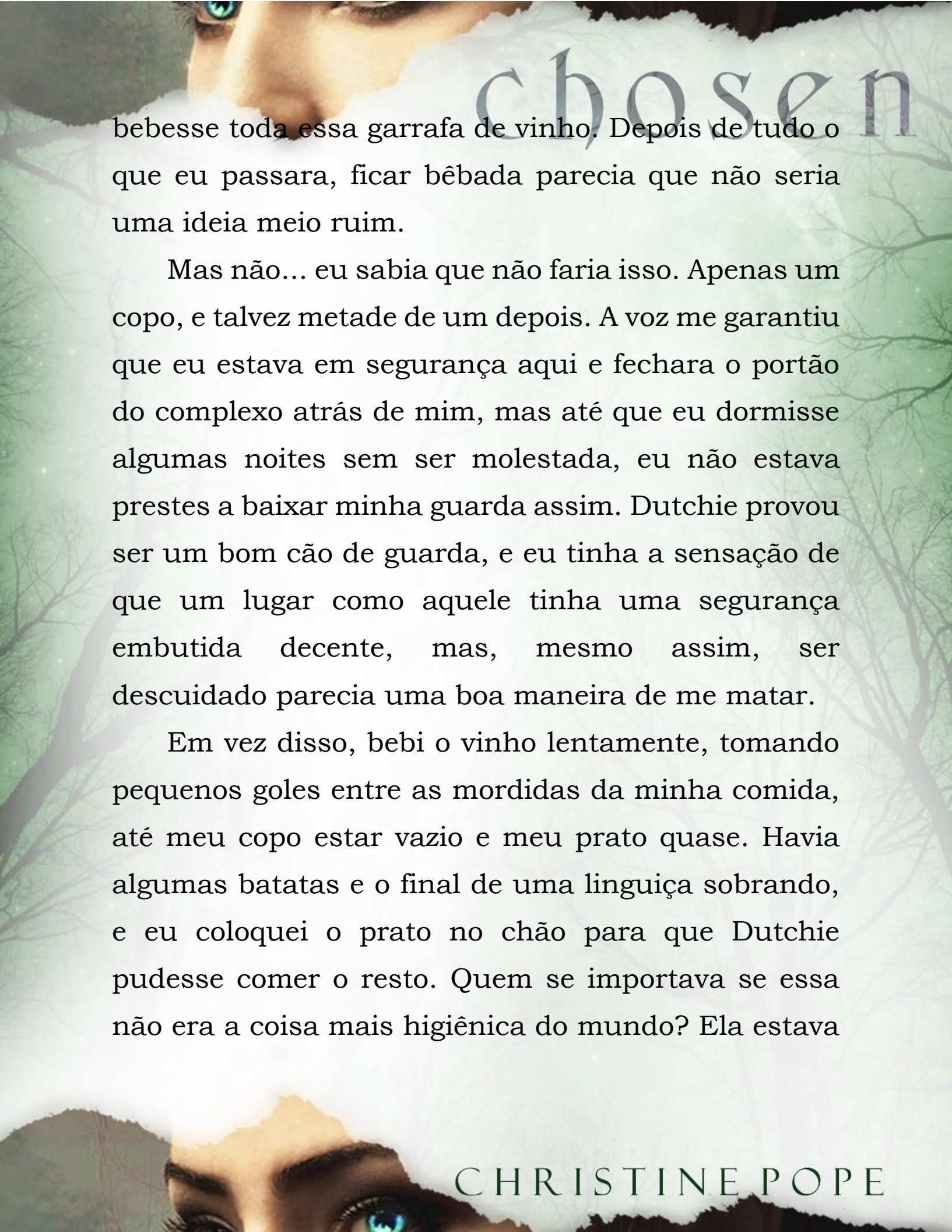
Me permiti outro gole, depois voltei para o fogão para poder virar as salsichas e mexer um pouco as batatas. Eles estavam basicamente bons, então procurei no armário um prato e joguei tudo nele. O rabo de Dutchie começou a balançar freneticamente, e eu não pude deixar de sorrir.

CHRISTINE POPE

— Ok, vamos ver se sobrou alguma coisa, — eu disse a ela, depois peguei uma faca e um garfo, peguei meu copo de vinho e entrei na sala da família. De jeito nenhum eu seria a única pessoa sentada naquela maciça mesa de jantar de cobre.

Mas a sala da família era um espaço muito mais aconchegante, e eu me acomodei no sofá e coloquei o prato de comida e meu copo na mesa de café. Uma TV de tela plana estava pendurada em uma parede, embora não me fosse muito bom a menos que o promotor imobiliário tivesse um estoque de DVDs escondido em algum lugar. Ele provavelmente fez, mas naquele momento eu estava com muita fome para me preocupar com isso. Como em muitas outras coisas, eu exploraria mais tarde.

Havia também uma lareira no estilo kiva em um canto, com uma bela pilha de madeira em uma cesta ao lado. Depois que terminei de comer, pensei que poderia acender uma fogueira e me permitir simplesmente sentar aqui por um tempo, quieta, deixando minha comida digerir. Inferno, talvez eu até



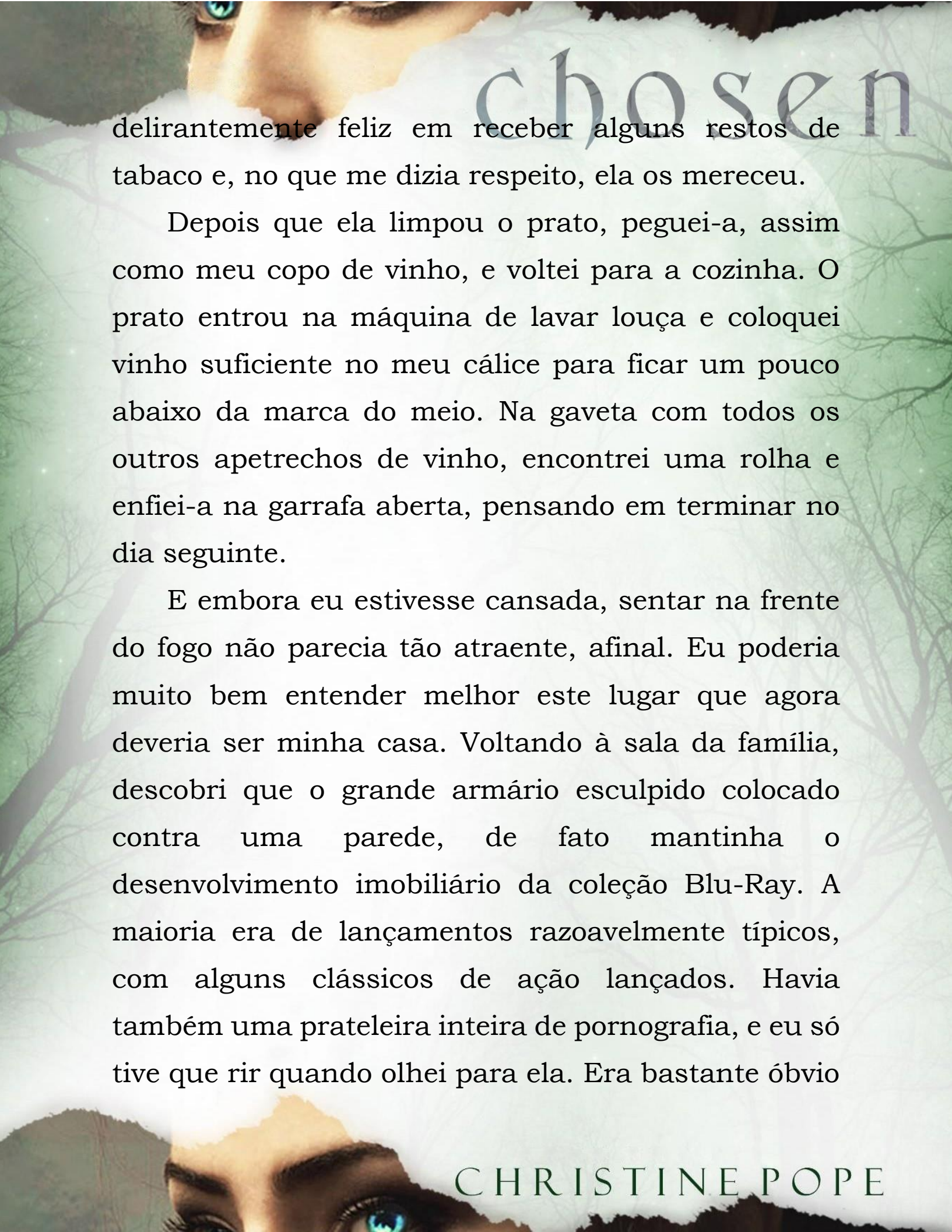
Chosen

bebesse toda essa garrafa de vinho. Depois de tudo o que eu passara, ficar bêbada parecia que não seria uma ideia meio ruim.

Mas não... eu sabia que não faria isso. Apenas um copo, e talvez metade de um depois. A voz me garantiu que eu estava em segurança aqui e fechara o portão do complexo atrás de mim, mas até que eu dormisse algumas noites sem ser molestada, eu não estava prestes a baixar minha guarda assim. Dutchie provou ser um bom cão de guarda, e eu tinha a sensação de que um lugar como aquele tinha uma segurança embutida decente, mas, mesmo assim, ser descuidado parecia uma boa maneira de me matar.

Em vez disso, bebi o vinho lentamente, tomando pequenos goles entre as mordidas da minha comida, até meu copo estar vazio e meu prato quase. Havia algumas batatas e o final de uma linguiça sobrando, e eu coloquei o prato no chão para que Dutchie pudesse comer o resto. Quem se importava se essa não era a coisa mais higiênica do mundo? Ela estava

CHRISTINE POPE

The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, with her eyes looking upwards and to the left. The image is partially obscured by a torn paper effect at the top and bottom. The background is a soft green color with faint, dark green outlines of trees or foliage. The word "chosen" is written in a large, light blue, serif font at the top right.

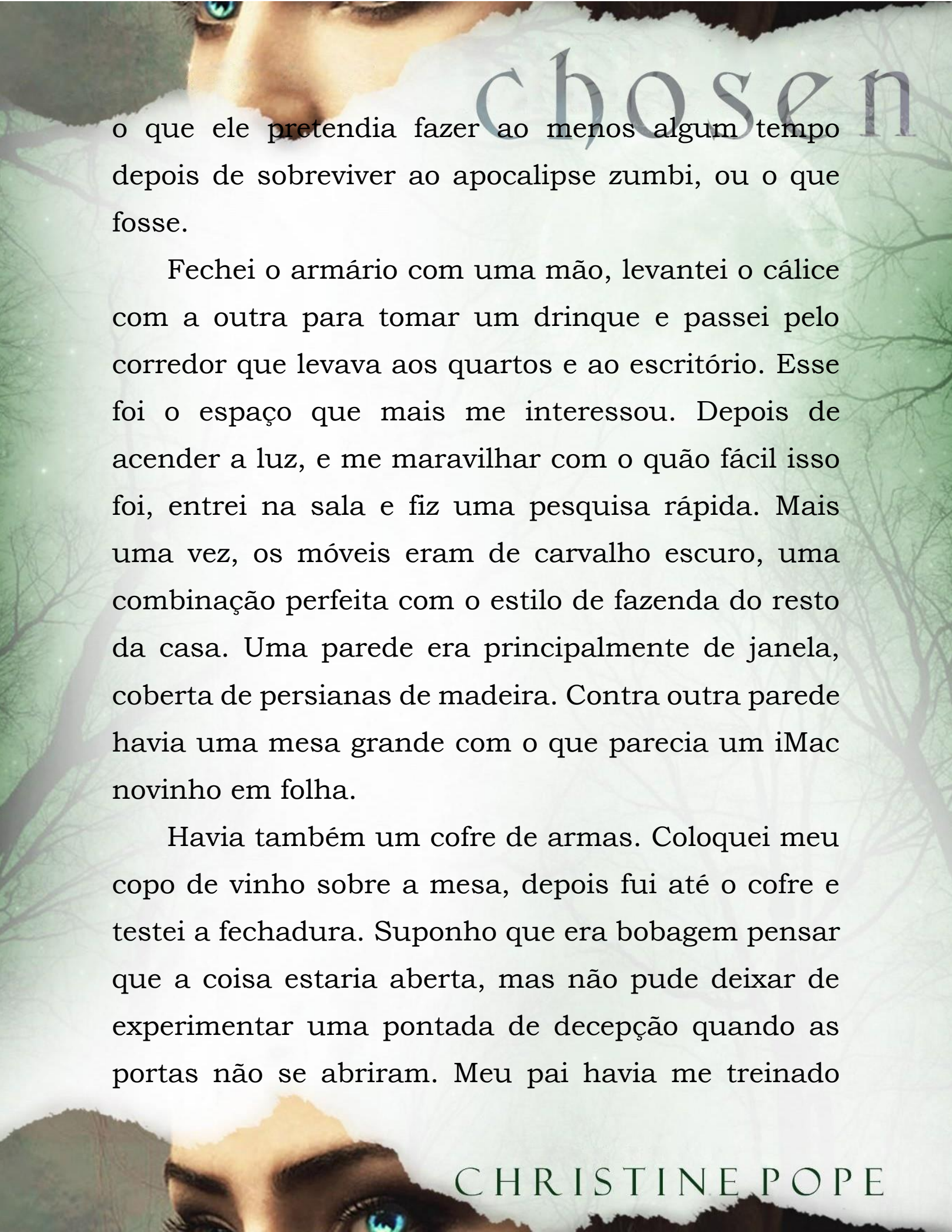
chosen

delirantemente feliz em receber alguns restos de tabaco e, no que me dizia respeito, ela os mereceu.

Depois que ela limpou o prato, peguei-a, assim como meu copo de vinho, e voltei para a cozinha. O prato entrou na máquina de lavar louça e coloquei vinho suficiente no meu cálice para ficar um pouco abaixo da marca do meio. Na gaveta com todos os outros apetrechos de vinho, encontrei uma rolha e enfiei-a na garrafa aberta, pensando em terminar no dia seguinte.

E embora eu estivesse cansada, sentar na frente do fogo não parecia tão atraente, afinal. Eu poderia muito bem entender melhor este lugar que agora deveria ser minha casa. Voltando à sala da família, descobri que o grande armário esculpido colocado contra uma parede, de fato mantinha o desenvolvimento imobiliário da coleção Blu-Ray. A maioria era de lançamentos razoavelmente típicos, com alguns clássicos de ação lançados. Havia também uma prateleira inteira de pornografia, e eu só tive que rir quando olhei para ela. Era bastante óbvio

CHRISTINE POPE



Chosen

o que ele pretendia fazer ao menos algum tempo depois de sobreviver ao apocalipse zumbi, ou o que fosse.

Fechei o armário com uma mão, levantei o cálice com a outra para tomar um drinque e passei pelo corredor que levava aos quartos e ao escritório. Esse foi o espaço que mais me interessou. Depois de acender a luz, e me maravilhar com o quão fácil isso foi, entrei na sala e fiz uma pesquisa rápida. Mais uma vez, os móveis eram de carvalho escuro, uma combinação perfeita com o estilo de fazenda do resto da casa. Uma parede era principalmente de janela, coberta de persianas de madeira. Contra outra parede havia uma mesa grande com o que parecia um iMac novinho em folha.

Havia também um cofre de armas. Coloquei meu copo de vinho sobre a mesa, depois fui até o cofre e testei a fechadura. Suponho que era bobagem pensar que a coisa estaria aberta, mas não pude deixar de experimentar uma pontada de decepção quando as portas não se abriram. Meu pai havia me treinado

CHRISTINE POPE

para não deixar armas por aí, e embora eu tivesse certeza de que elas ficariam bem onde eu as colocava na prateleira do armário, me sentiria ainda melhor se pudesse trancá-las.

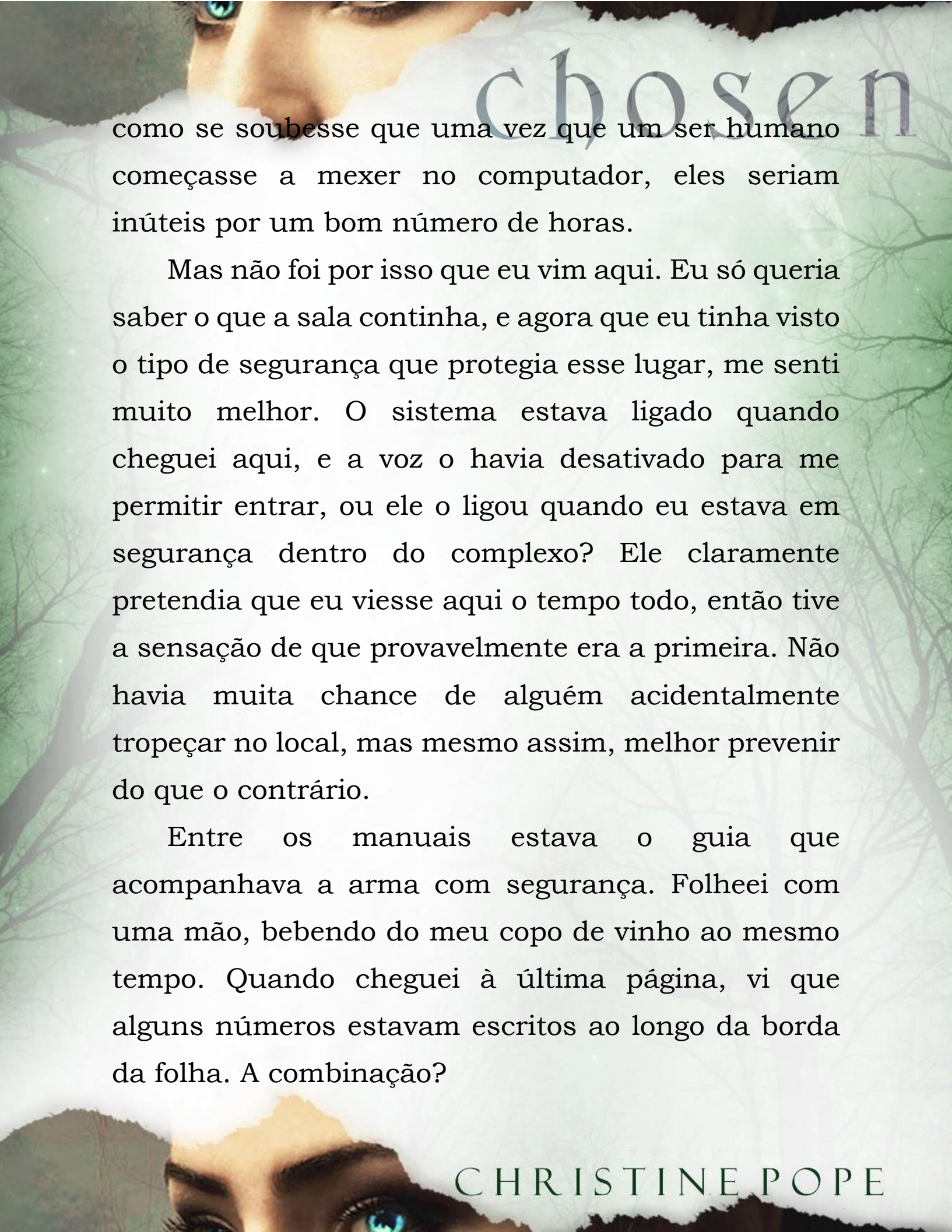
Sentado ao lado da mesa havia um armário de arquivos, e eu o abri, vasculhando rapidamente seu conteúdo. Isso era um tesouro, encontrei manuais para o computador, a configuração de gotejamento na estufa, todos os aparelhos, o sistema de segurança. Isso pareceu alimentar o iMac, então toquei a barra de espaço no teclado, acordando-a de seu sono. Graças a Deus não parecia ser protegido por senha; Consegui encontrar o programa de segurança com bastante facilidade, o que gerou um feed de várias câmeras. No momento, ele mostrava uma grade de todos os nove, embora parecesse que eu também podia expandir uma imagem e depois girá-las, se preferisse.

Não que isso importasse de uma maneira ou de outra, tanto quanto eu poderia dizer. Até então, estava completamente escuro, e as câmeras não

mostravam muita coisa. Eu supunha que fazia sentido não ter luzes de segurança acendendo o exterior da casa e o tamanho da propriedade; isso serviria apenas como farol para mostrar que alguém morava aqui. Na verdade, depois de me virar um pouco, percebi que não eram necessárias luzes, pois as câmeras mudaram para o modo infravermelho no escuro. Muita alta tecnologia.

Quanto o desenvolvedor gastou na construção deste local? Eu não conseguia começar a adivinhar, mas tinha que ser pelo menos um milhão de dólares. E tudo por nada... bem, pelo menos no que ele estava preocupado. Fiquei mais do que agradecida que a casa existisse e que a voz a tivesse encontrado para mim, mas ainda parecia um tanto irônico que tanto dinheiro havia sido gasto para se defender contra algo que acabou não tendo defesa.

Esse pensamento me deixou sóbria, peguei meu cálice e tomei um gole grande de vinho. Dutchie me seguiu até aqui, sentando-se no chão em uma bolinha. Havia algo quase resignado em sua postura,



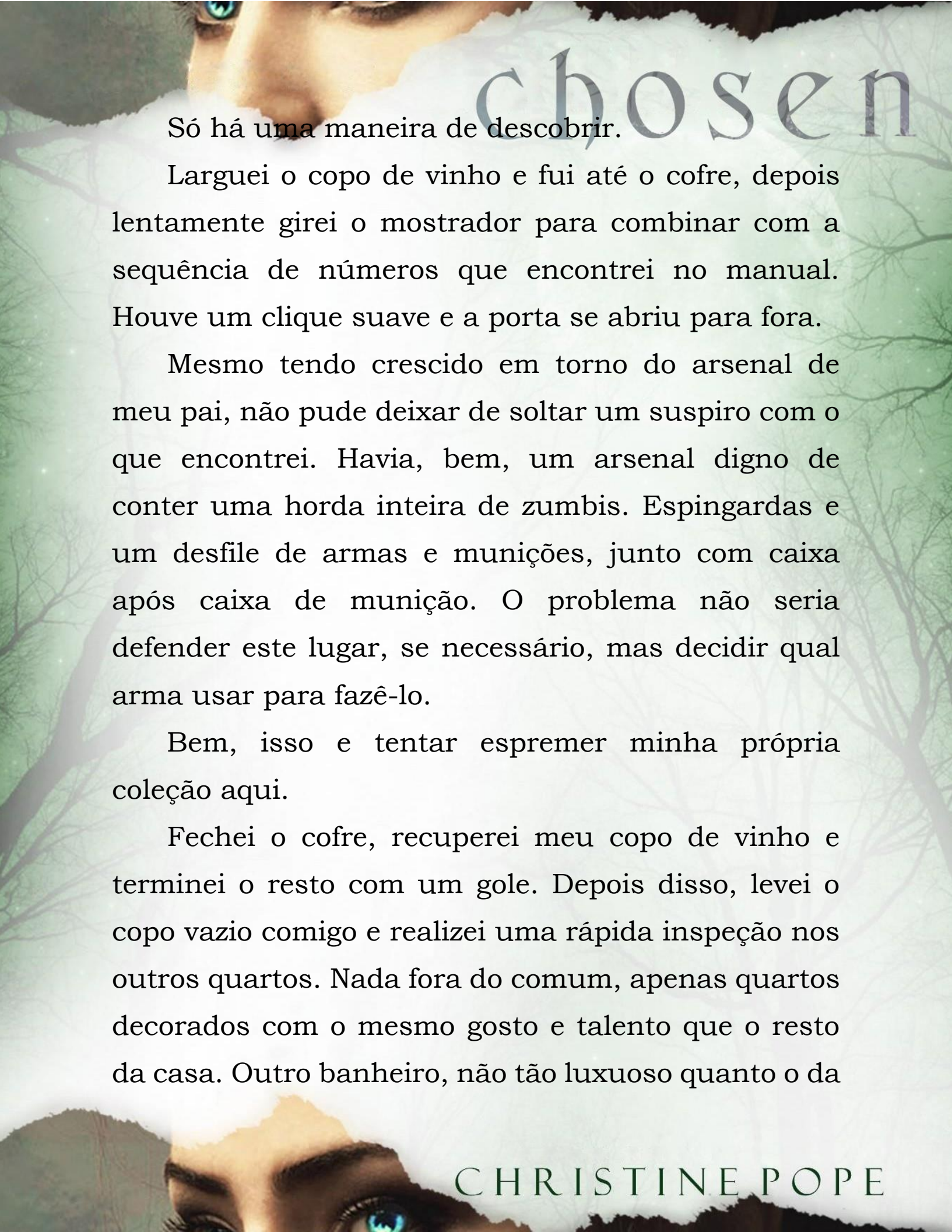
chosen

como se soubesse que uma vez que um ser humano começasse a mexer no computador, eles seriam inúteis por um bom número de horas.

Mas não foi por isso que eu vim aqui. Eu só queria saber o que a sala continha, e agora que eu tinha visto o tipo de segurança que protegia esse lugar, me senti muito melhor. O sistema estava ligado quando cheguei aqui, e a voz o havia desativado para me permitir entrar, ou ele o ligou quando eu estava em segurança dentro do complexo? Ele claramente pretendia que eu viesse aqui o tempo todo, então tive a sensação de que provavelmente era a primeira. Não havia muita chance de alguém acidentalmente tropeçar no local, mas mesmo assim, melhor prevenir do que o contrário.

Entre os manuais estava o guia que acompanhava a arma com segurança. Folheei com uma mão, bebendo do meu copo de vinho ao mesmo tempo. Quando cheguei à última página, vi que alguns números estavam escritos ao longo da borda da folha. A combinação?

CHRISTINE POPE



Só há uma maneira de descobrir.

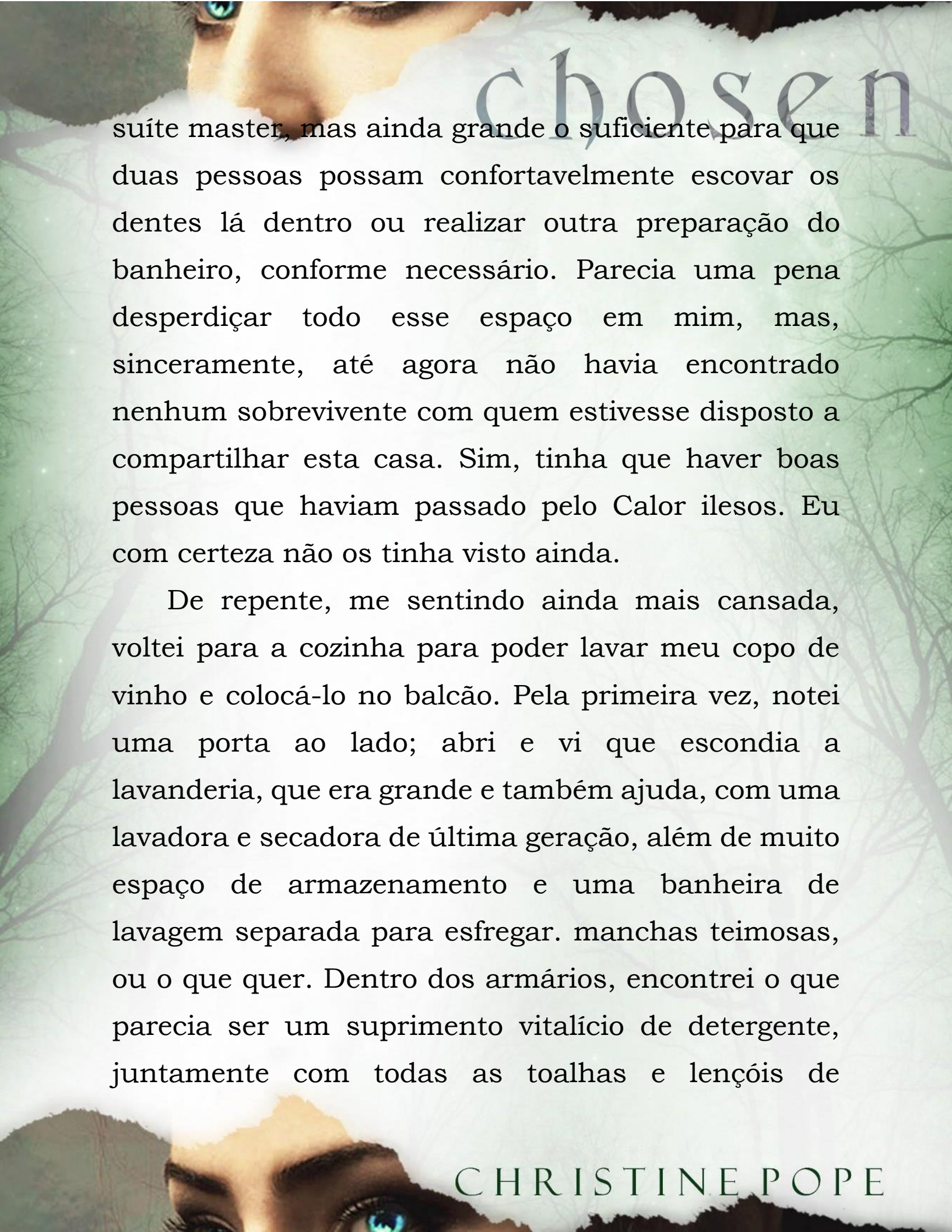
Larguei o copo de vinho e fui até o cofre, depois lentamente girei o mostrador para combinar com a sequência de números que encontrei no manual. Houve um clique suave e a porta se abriu para fora.

Mesmo tendo crescido em torno do arsenal de meu pai, não pude deixar de soltar um suspiro com o que encontrei. Havia, bem, um arsenal digno de conter uma horda inteira de zumbis. Espingardas e um desfile de armas e munições, junto com caixa após caixa de munição. O problema não seria defender este lugar, se necessário, mas decidir qual arma usar para fazê-lo.

Bem, isso e tentar espremer minha própria coleção aqui.

Fechei o cofre, recuperei meu copo de vinho e terminei o resto com um gole. Depois disso, levei o copo vazio comigo e realizei uma rápida inspeção nos outros quartos. Nada fora do comum, apenas quartos decorados com o mesmo gosto e talento que o resto da casa. Outro banheiro, não tão luxuoso quanto o da

CHRISTINE POPE



chosen

suíte master, mas ainda grande o suficiente para que duas pessoas possam confortavelmente escovar os dentes lá dentro ou realizar outra preparação do banheiro, conforme necessário. Parecia uma pena desperdiçar todo esse espaço em mim, mas, sinceramente, até agora não havia encontrado nenhum sobrevivente com quem estivesse disposto a compartilhar esta casa. Sim, tinha que haver boas pessoas que haviam passado pelo Calor ilesos. Eu com certeza não os tinha visto ainda.

De repente, me sentindo ainda mais cansada, voltei para a cozinha para poder lavar meu copo de vinho e colocá-lo no balcão. Pela primeira vez, notei uma porta ao lado; abri e vi que escondia a lavanderia, que era grande e também ajuda, com uma lavadora e secadora de última geração, além de muito espaço de armazenamento e uma banheira de lavagem separada para esfregar. manchas teimosas, ou o que quer. Dentro dos armários, encontrei o que parecia ser um suprimento vitalício de detergente, juntamente com todas as toalhas e lençóis de

CHRISTINE POPE

reposição para os vários banheiros e quartos. Parecia claro que o desenvolvedor não estava preocupado com os aparelhos que consumiam muita energia que a fazenda solar produzia.

Bem, se ele não tivesse se preocupado com isso, também não me preocuparia quando chegasse a hora. No momento, eu tinha roupas suficientes para me durar mais uma semana, então a roupa não era exatamente uma preocupação.

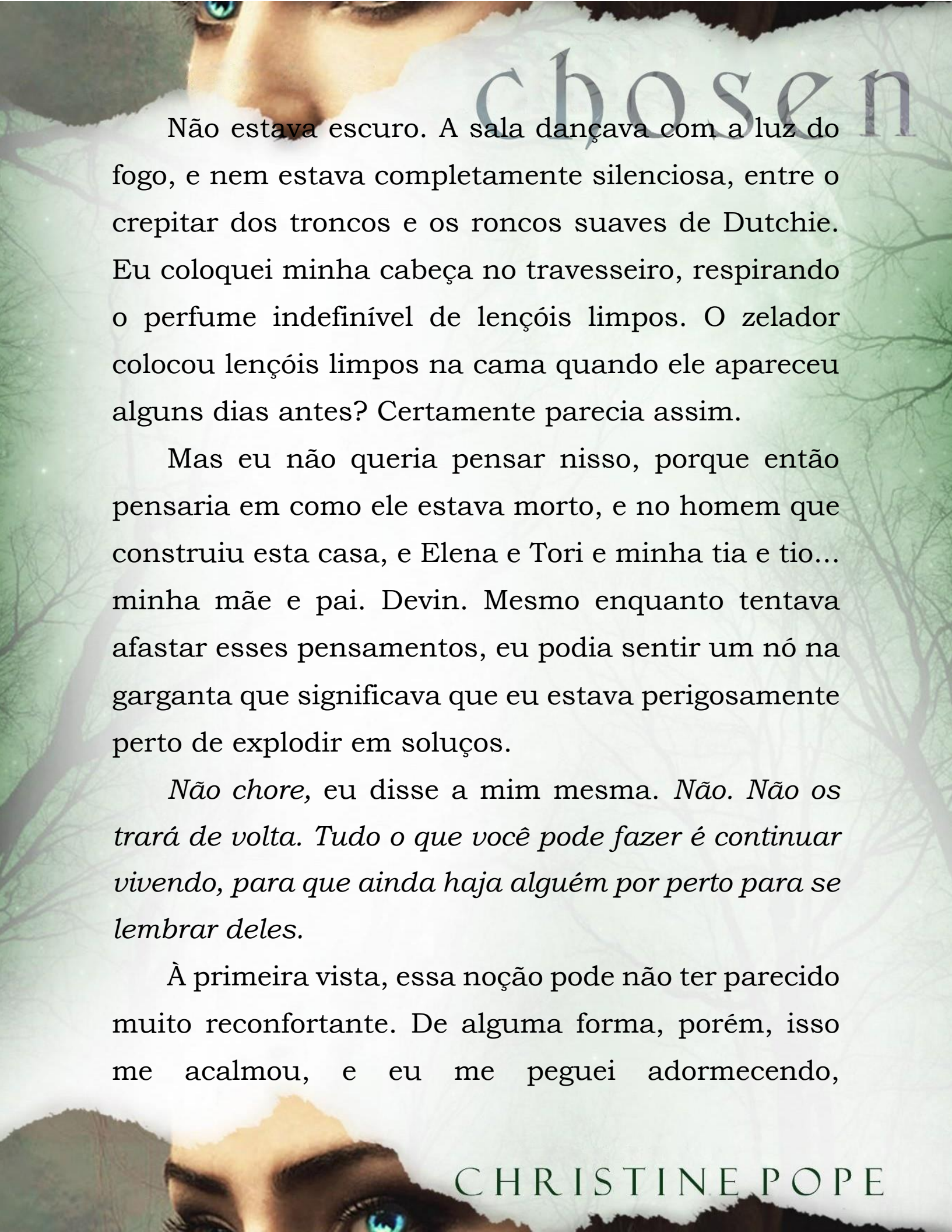
O quarto principal tinha sua própria lareira kiva, e eu decidi que seria melhor acender a lareira lá. Ter uma lareira no meu quarto parecia deliciosamente decadente, e o pensamento de ter as chamas lá para me aquecer a noite toda parecia mais atraente.

Então escovei os dentes, mas não me preocupei com o rosto, já que tomei banho apenas algumas horas antes, e então peguei minhas toras da cesta no chão perto da lareira e fiz uma pilha como meu pai tinha me mostrado. Havia um isqueiro em uma prateleira nas proximidades, então eu usei isso para fazer as coisas acontecerem. Dutchie observou tudo

isso com alguma surpresa, mas assim que o fogo se acendeu e começou a espalhar seu calor pela sala, ela soltou um suspiro contente e se enrolou no tapete, seus olhos se fechando quase imediatamente.

Eu sei como você se sente, Dutchie, pensei. Mesmo assim, algo em mim relutava em desligar o amplificador de cabeceira, como se, uma vez feito isso, nunca mais pudesse recuperar a luz. Bobo, eu sabia. Nem estaria completamente escuro com a lâmpada desligada, pois o fogo era certamente adequado para iluminar a sala.

Ainda assim, fiquei sentada na cama por um longo tempo, olhando o brilho da lâmpada nas paredes quentes de terracota do quarto, a folha de ouro detalhando na parede onde a porta estava localizada. Tudo parecia aconchegante, silencioso e seguro, e, por algum motivo, não consegui alcançar a lâmpada e girar a maçaneta. Finalmente, levantei-me da cama, fui ao armário e peguei o revólver Smith e Wesson da prateleira. Coloquei-o na mesa ao lado da cama, depois respirei fundo e desliguei a lâmpada.



Chosen

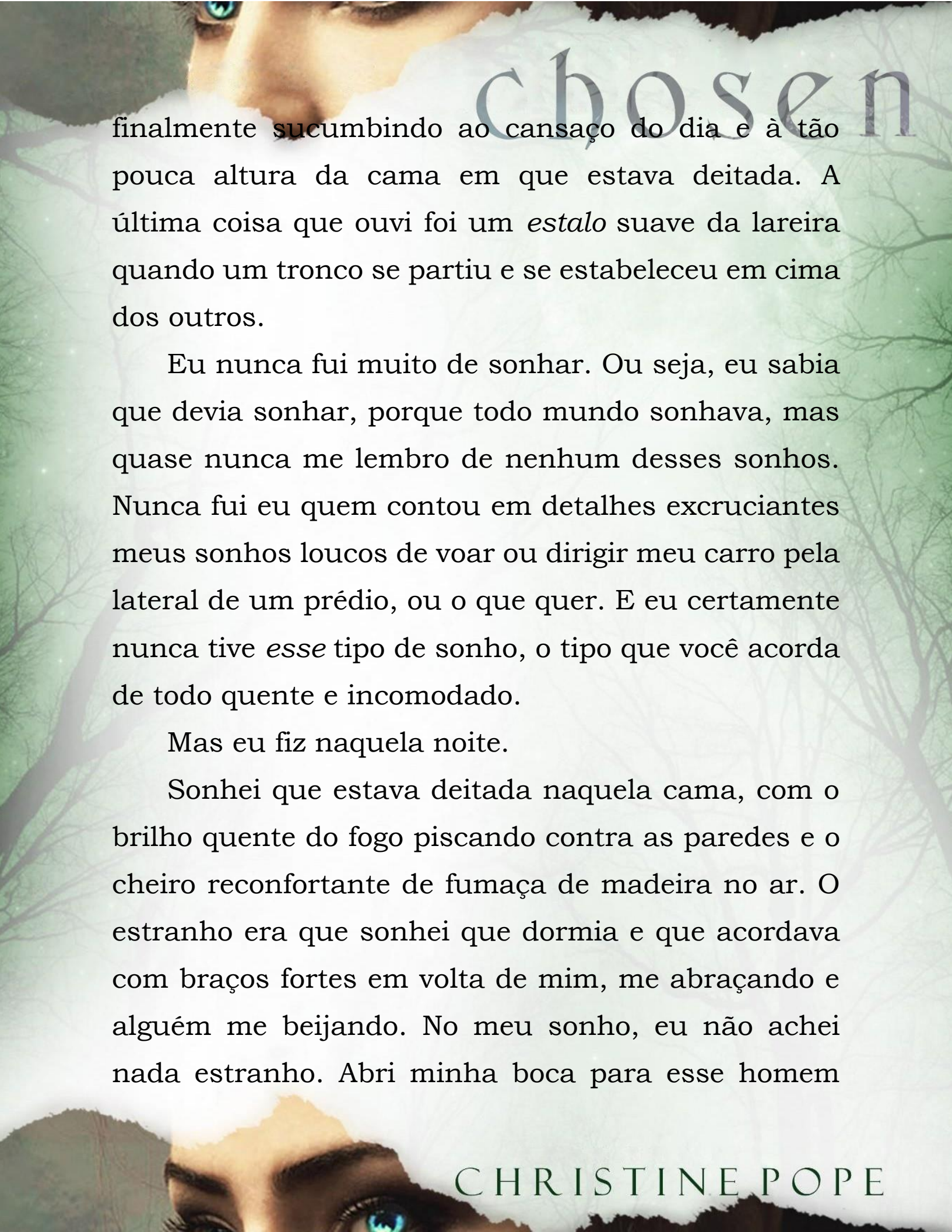
Não estava escuro. A sala dançava com a luz do fogo, e nem estava completamente silenciosa, entre o crepitar dos troncos e os roncos suaves de Dutchie. Eu coloquei minha cabeça no travesseiro, respirando o perfume indefinível de lençóis limpos. O zelador colocou lençóis limpos na cama quando ele apareceu alguns dias antes? Certamente parecia assim.

Mas eu não queria pensar nisso, porque então pensaria em como ele estava morto, e no homem que construiu esta casa, e Elena e Tori e minha tia e tio... minha mãe e pai. Devin. Mesmo enquanto tentava afastar esses pensamentos, eu podia sentir um nó na garganta que significava que eu estava perigosamente perto de explodir em soluços.

Não chore, eu disse a mim mesma. Não. Não os trará de volta. Tudo o que você pode fazer é continuar vivendo, para que ainda haja alguém por perto para se lembrar deles.

À primeira vista, essa noção pode não ter parecido muito reconfortante. De alguma forma, porém, isso me acalmou, e eu me peguei adormecendo,

CHRISTINE POPE

The background of the book cover features a close-up of a woman's face, focusing on her eyes and nose, with a soft, ethereal glow. The image is overlaid with a dense network of thin, dark green branches, resembling a forest or a web, which adds a mysterious and organic feel to the design. The overall color palette is dominated by greens and soft, warm tones from the woman's skin.

Chosen

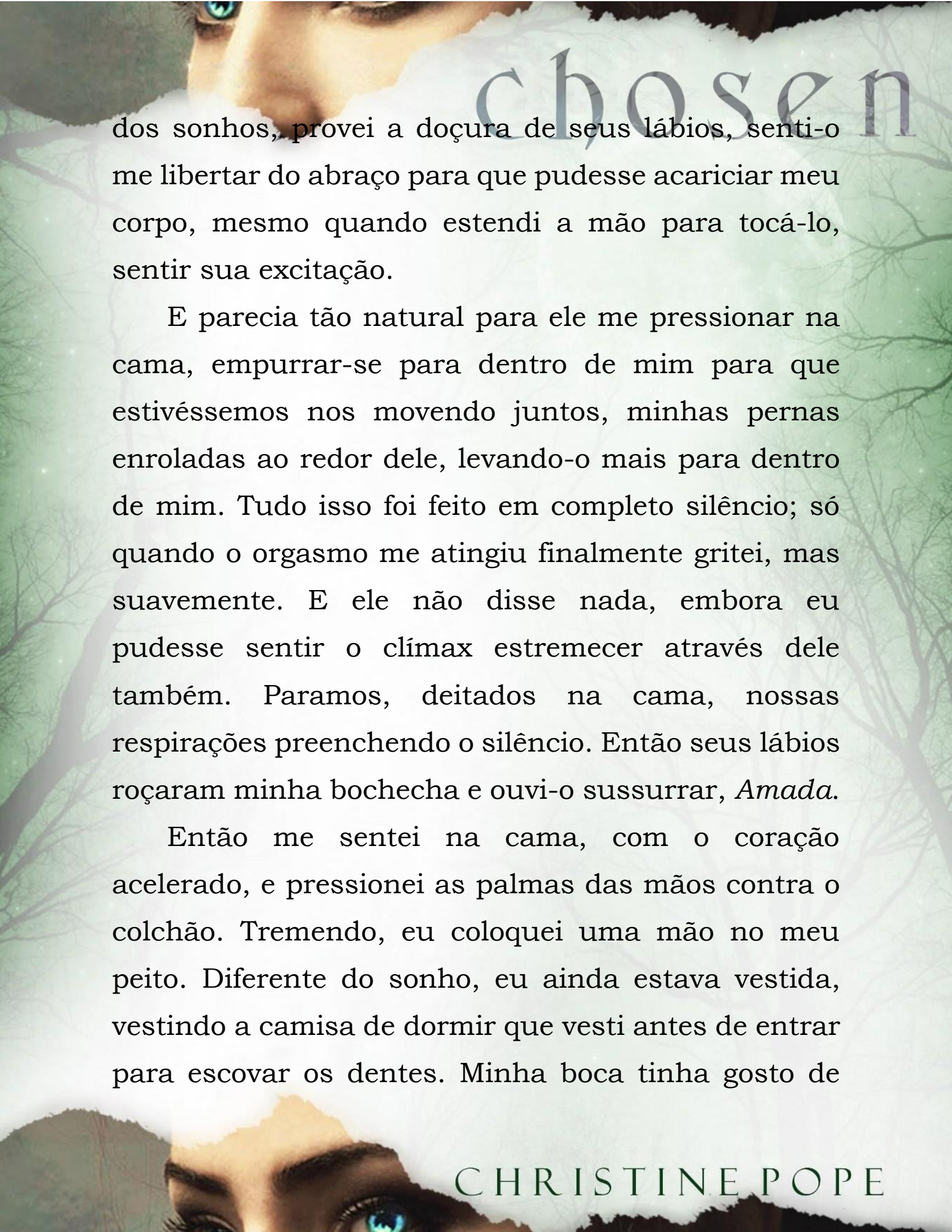
finalmente sucumbindo ao cansaço do dia e à tão pouca altura da cama em que estava deitada. A última coisa que ouvi foi um *estalo* suave da lareira quando um tronco se partiu e se estabeleceu em cima dos outros.

Eu nunca fui muito de sonhar. Ou seja, eu sabia que devia sonhar, porque todo mundo sonhava, mas quase nunca me lembro de nenhum desses sonhos. Nunca fui eu quem contou em detalhes excruciantes meus sonhos loucos de voar ou dirigir meu carro pela lateral de um prédio, ou o que quer. E eu certamente nunca tive esse tipo de sonho, o tipo que você acorda de todo quente e incomodado.

Mas eu fiz naquela noite.

Sonhei que estava deitada naquela cama, com o brilho quente do fogo piscando contra as paredes e o cheiro reconfortante de fumaça de madeira no ar. O estranho era que sonhei que dormia e que acordava com braços fortes em volta de mim, me abraçando e alguém me beijando. No meu sonho, eu não achei nada estranho. Abri minha boca para esse homem

CHRISTINE POPE



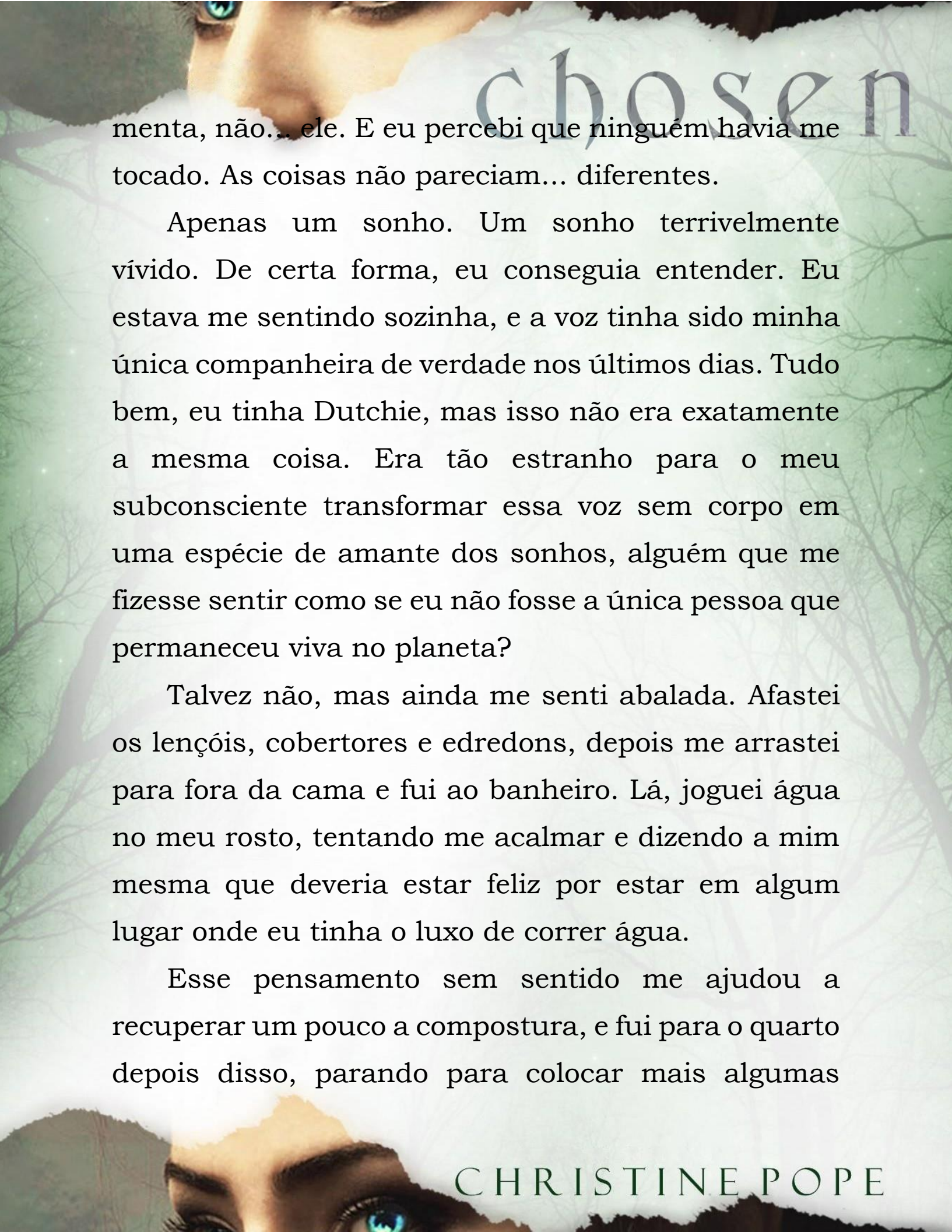
chosen

dos sonhos, provei a doçura de seus lábios, senti-o me libertar do abraço para que pudesse acariciar meu corpo, mesmo quando estendi a mão para tocá-lo, sentir sua excitação.

E parecia tão natural para ele me pressionar na cama, empurrar-se para dentro de mim para que estivéssemos nos movendo juntos, minhas pernas enroladas ao redor dele, levando-o mais para dentro de mim. Tudo isso foi feito em completo silêncio; só quando o orgasmo me atingiu finalmente gritei, mas suavemente. E ele não disse nada, embora eu pudesse sentir o clímax estremecer através dele também. Paramos, deitados na cama, nossas respirações preenchendo o silêncio. Então seus lábios roçaram minha bochecha e ouvi-o sussurrar, *Amada*.

Então me sentei na cama, com o coração acelerado, e pressionei as palmas das mãos contra o colchão. Tremendo, eu coloquei uma mão no meu peito. Diferente do sonho, eu ainda estava vestida, vestindo a camisa de dormir que vesti antes de entrar para escovar os dentes. Minha boca tinha gosto de

CHRISTINE POPE



chosen

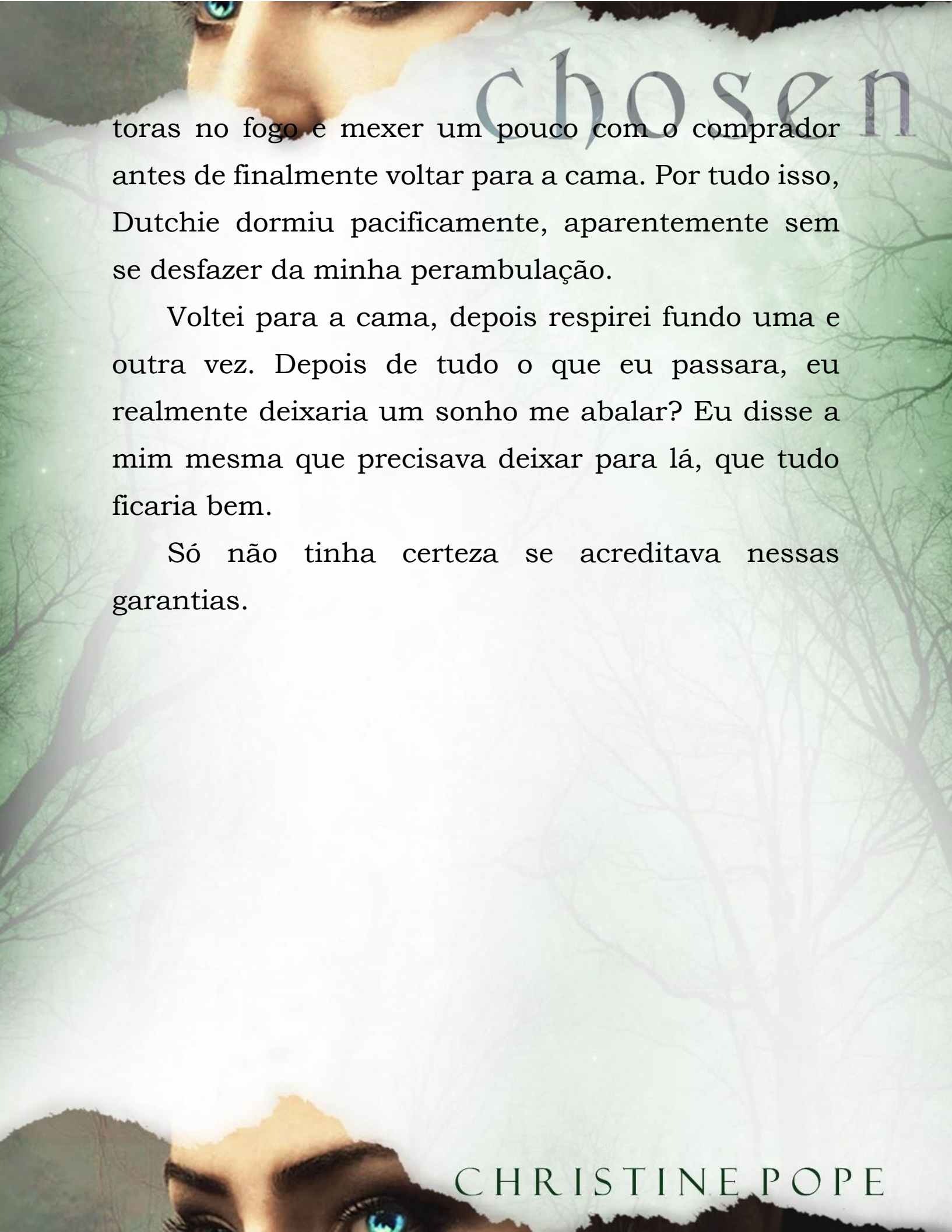
menta, não... ele. E eu percebi que ninguém havia me tocado. As coisas não pareciam... diferentes.

Apenas um sonho. Um sonho terrivelmente vívido. De certa forma, eu conseguia entender. Eu estava me sentindo sozinha, e a voz tinha sido minha única companheira de verdade nos últimos dias. Tudo bem, eu tinha Dutchie, mas isso não era exatamente a mesma coisa. Era tão estranho para o meu subconsciente transformar essa voz sem corpo em uma espécie de amante dos sonhos, alguém que me fizesse sentir como se eu não fosse a única pessoa que permaneceu viva no planeta?

Talvez não, mas ainda me senti abalada. Afastei os lençóis, cobertores e edredons, depois me arrastei para fora da cama e fui ao banheiro. Lá, joguei água no meu rosto, tentando me acalmar e dizendo a mim mesma que deveria estar feliz por estar em algum lugar onde eu tinha o luxo de correr água.

Esse pensamento sem sentido me ajudou a recuperar um pouco a compostura, e fui para o quarto depois disso, parando para colocar mais algumas

CHRISTINE POPE

The background of the book cover features a close-up of a woman's face, focusing on her eyes and nose, which are partially obscured by a white, torn-paper-like border. The background is a soft, greenish-grey color with faint, dark silhouettes of bare trees, creating a moody and atmospheric setting.

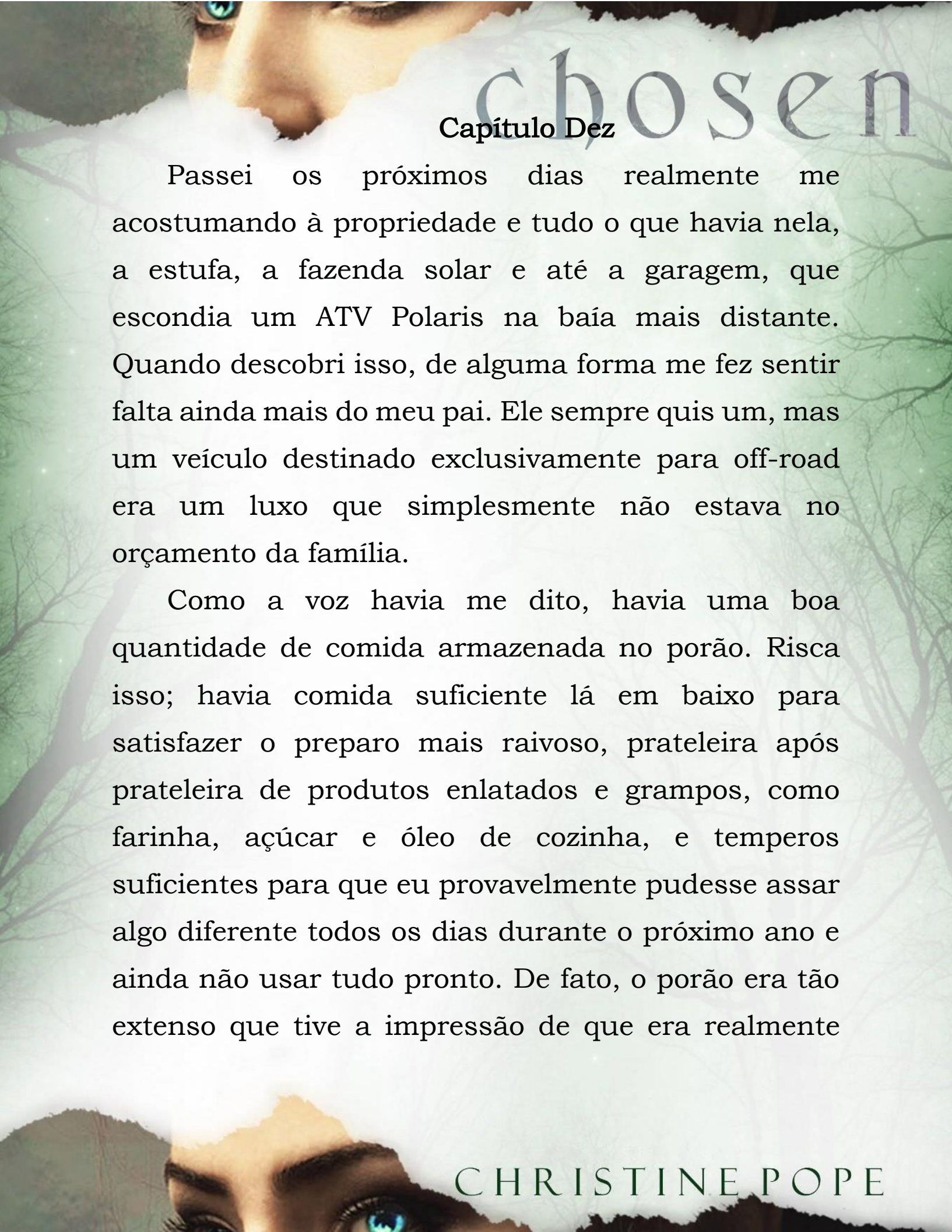
Chosen

toras no fogo e mexer um pouco com o comprador antes de finalmente voltar para a cama. Por tudo isso, Dutchie dormiu pacificamente, aparentemente sem se desfazer da minha perambulação.

Voltei para a cama, depois respirei fundo uma e outra vez. Depois de tudo o que eu passara, eu realmente deixaria um sonho me abalar? Eu disse a mim mesma que precisava deixar para lá, que tudo ficaria bem.

Só não tinha certeza se acreditava nessas garantias.

CHRISTINE POPE



Chosen

Capítulo Dez

Passei os próximos dias realmente me acostumando à propriedade e tudo o que havia nela, a estufa, a fazenda solar e até a garagem, que escondia um ATV Polaris na baía mais distante. Quando descobri isso, de alguma forma me fez sentir falta ainda mais do meu pai. Ele sempre quis um, mas um veículo destinado exclusivamente para off-road era um luxo que simplesmente não estava no orçamento da família.

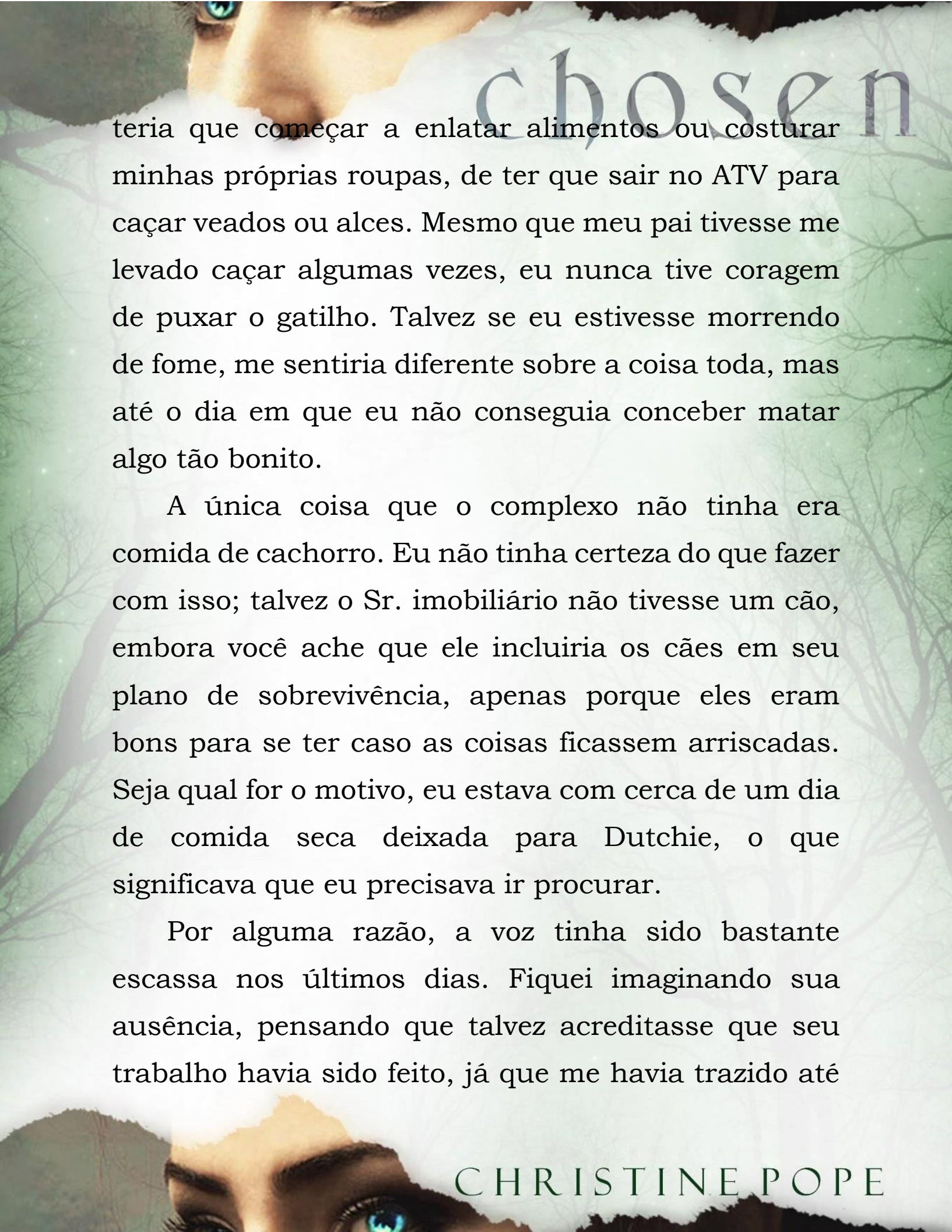
Como a voz havia me dito, havia uma boa quantidade de comida armazenada no porão. Risca isso; havia comida suficiente lá em baixo para satisfazer o preparo mais raivoso, prateleira após prateleira de produtos enlatados e grampos, como farinha, açúcar e óleo de cozinha, e temperos suficientes para que eu provavelmente pudesse assar algo diferente todos os dias durante o próximo ano e ainda não usar tudo pronto. De fato, o porão era tão extenso que tive a impressão de que era realmente

CHRISTINE POPE

maior que a própria casa, espalhando-se além das paredes da estrutura diretamente acima dela.

A estufa foi montada em um sistema de gotejamento, fornecido pelo mesmo poço que dava água à casa. Eu encontrei uma boa quantidade de produtos que estavam no auge ou até mesmo depois dele, então colhi o melhor que pude, comendo o que precisava ser consumido imediatamente e colocando o resto na geladeira. Nas estantes de livros do escritório, havia vários livros de referência sobre todos os tipos de tópicos de interesse do agricultor ou sobrevivente, conservas domésticas, costura, tecelagem, açougue... até como fazer suas próprias balas. De fato, encontrei os moldes para essa mesma atividade no porão, junto com uma quantidade de pó preto e outros suprimentos. Eu tinha que esperar que nada disso explodisse e enviasse Dutchie e eu um dia ao alto.

Embora ter todo o suprimento concebível à mão devesse me fazer sentir melhor, na verdade isso só me deprimia. Pensei em ficar aqui por tanto tempo que



chosen

teria que começar a enlatar alimentos ou costurar minhas próprias roupas, de ter que sair no ATV para caçar veados ou alces. Mesmo que meu pai tivesse me levado caçar algumas vezes, eu nunca tive coragem de puxar o gatilho. Talvez se eu estivesse morrendo de fome, me sentiria diferente sobre a coisa toda, mas até o dia em que eu não conseguia conceber matar algo tão bonito.

A única coisa que o complexo não tinha era comida de cachorro. Eu não tinha certeza do que fazer com isso; talvez o Sr. imobiliário não tivesse um cão, embora você ache que ele incluiria os cães em seu plano de sobrevivência, apenas porque eles eram bons para se ter caso as coisas ficassem arriscadas. Seja qual for o motivo, eu estava com cerca de um dia de comida seca deixada para Dutchie, o que significava que eu precisava ir procurar.

Por alguma razão, a voz tinha sido bastante escassa nos últimos dias. Fiquei imaginando sua ausência, pensando que talvez acreditasse que seu trabalho havia sido feito, já que me havia trazido até

CHRISTINE POPE

aqui em segurança. Mesmo assim, achei melhor telegrafar meus planos, para que saísse do complexo por algumas horas.

— Dutchie, está quase sem comida, — eu disse, tirando a espingarda. Eu já usava um Ruger brilhante em um coldre no meu quadril, cortesia do tesouro que encontrei dentro daquele cofre. Possivelmente faria mais sentido levar uma arma com a qual eu estava mais familiarizada, mas não pude resistir ao fascínio cromado desse Ruger. Meu pai saberia quanto custava, mas eu não fazia ideia. Muito, isso é certo.

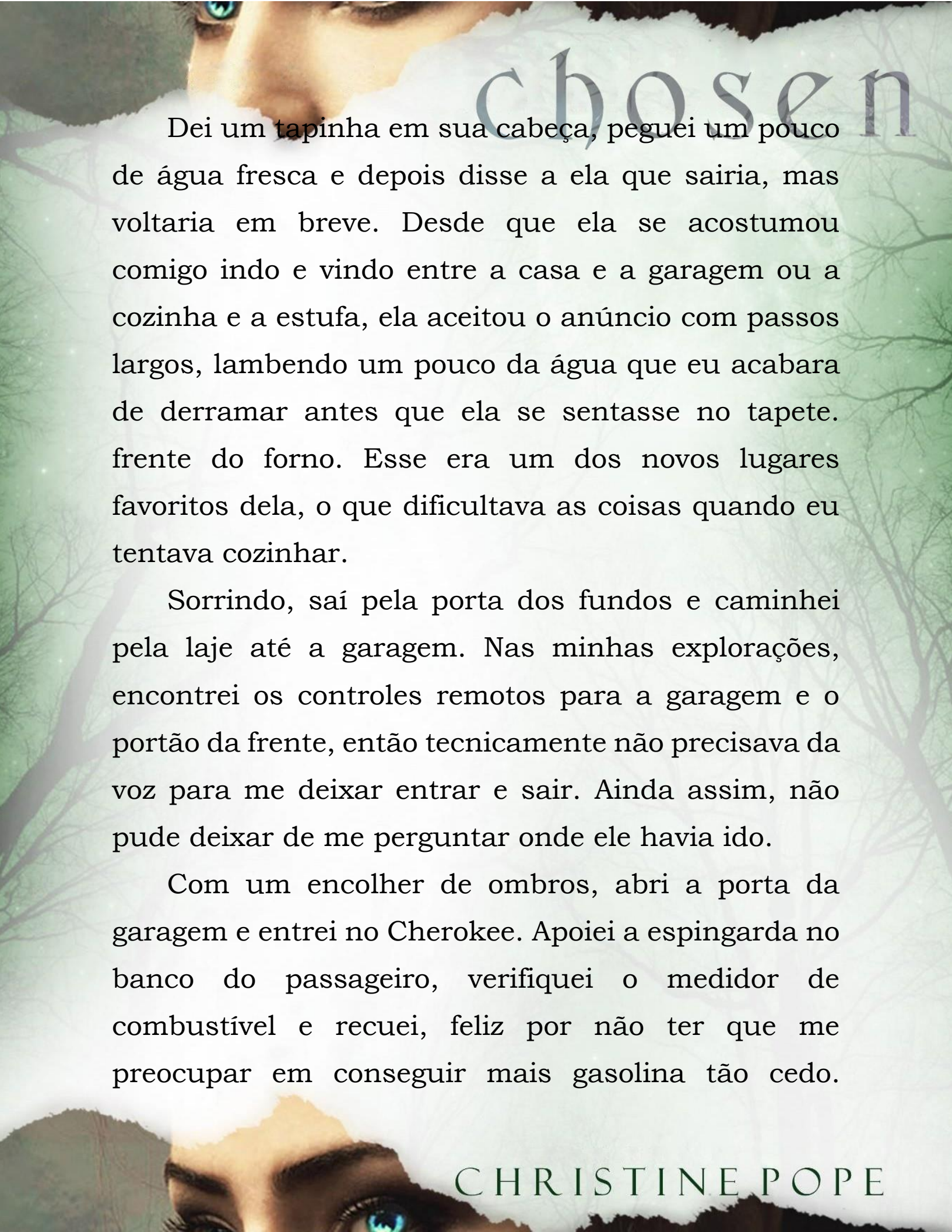
O silêncio encontrou meu anúncio, então continuei: — Vou para Santa Fé por algumas horas. Posso assumir que a costa está limpa?

Nada de novo, e eu fiz uma careta. Mas desde que eu tinha visto mais nuvens se acumulando para o nordeste, eu não queria fazer brincadeiras. Talvez vinte minutos dentro e vinte minutos fora; na verdade, eu tinha visto um PetSmart em uma rua lateral, enquanto seguia pela Cerrillos Road quando cheguei à cidade, então pelo menos não teria que

perder muito tempo procurando uma loja de animais. Não ter serviço de celular e nenhuma maneira de procurar algo na Internet definitivamente tornava as tarefas mais fáceis muito mais difíceis.

Com um encolher de ombros, fechei o cofre e tranquei, depois fui para a cozinha. Eu realmente não precisava de mais nada em termos de suprimentos, embora o frio das noites até agora, no início de outubro, me dissesse que o equipamento para o frio que eu levava talvez não fosse suficiente para uma explosão completa. Inverno de Santa Fe. Bem, se eu tivesse tempo de bisbilhotar, veria se encontraria alguma coisa.

Enquanto me preparava, pensei em trazer Dutchie, e então decidi contra. Ela estava segura aqui, e eu sabia que me moveria mais rápido se não a tivesse junto. Além disso, eu precisava de um lugar para guardar a espingarda. Eu não tinha certeza se ela seria gentil em ser relegada ao banco de trás para que a espingarda pudesse... andar com espingarda.



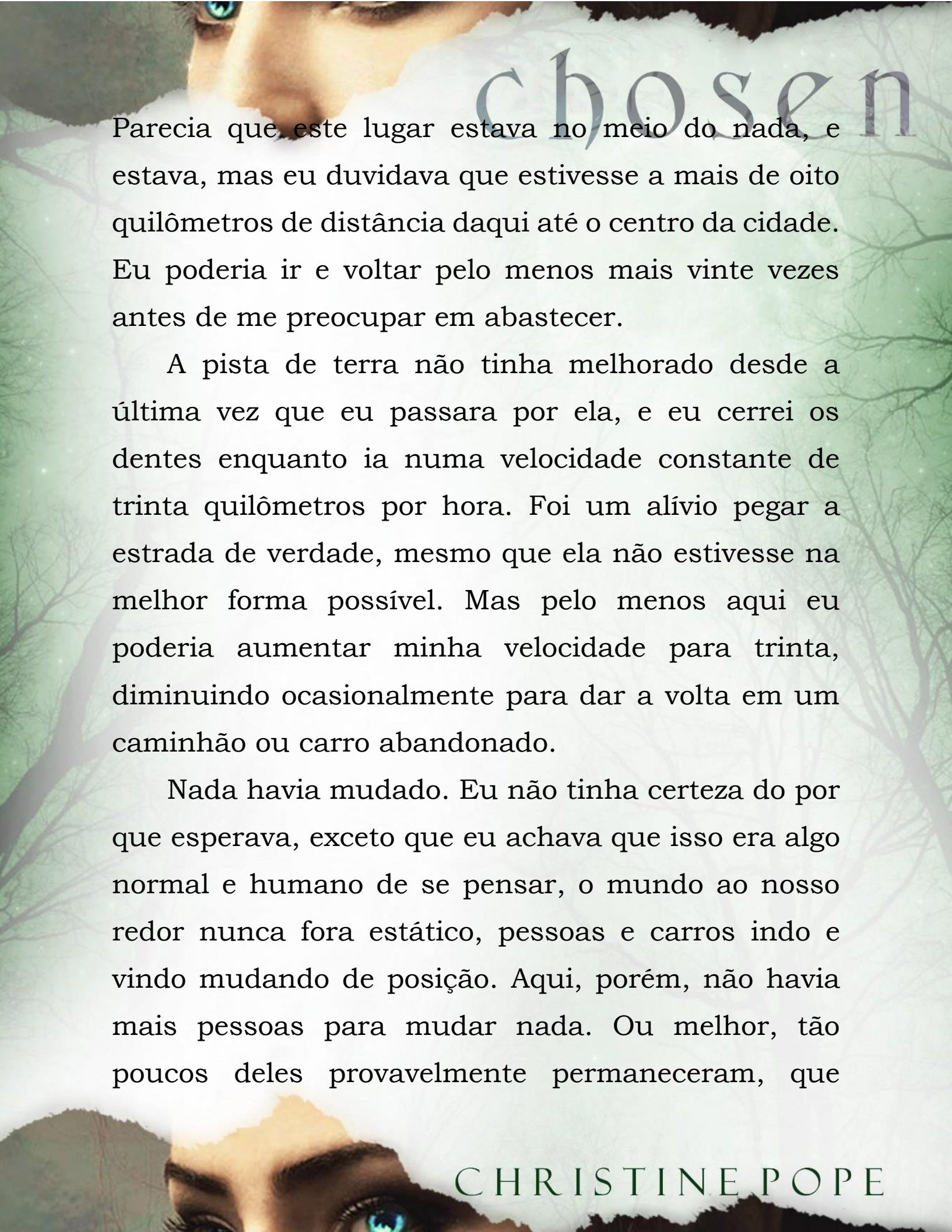
Chosen

Dei um tapinha em sua cabeça, peguei um pouco de água fresca e depois disse a ela que sairia, mas voltaria em breve. Desde que ela se acostumou comigo indo e vindo entre a casa e a garagem ou a cozinha e a estufa, ela aceitou o anúncio com passos largos, lambendo um pouco da água que eu acabara de derramar antes que ela se sentasse no tapete. frente do forno. Esse era um dos novos lugares favoritos dela, o que dificultava as coisas quando eu tentava cozinhar.

Sorrindo, saí pela porta dos fundos e caminhei pela laje até a garagem. Nas minhas explorações, encontrei os controles remotos para a garagem e o portão da frente, então tecnicamente não precisava da voz para me deixar entrar e sair. Ainda assim, não pude deixar de me perguntar onde ele havia ido.

Com um encolher de ombros, abri a porta da garagem e entrei no Cherokee. Apoiei a espingarda no banco do passageiro, verifiquei o medidor de combustível e recuei, feliz por não ter que me preocupar em conseguir mais gasolina tão cedo.

CHRISTINE POPE



chosen

Parecia que este lugar estava no meio do nada, e estava, mas eu duvidava que estivesse a mais de oito quilômetros de distância daqui até o centro da cidade. Eu poderia ir e voltar pelo menos mais vinte vezes antes de me preocupar em abastecer.

A pista de terra não tinha melhorado desde a última vez que eu passara por ela, e eu cerrei os dentes enquanto ia numa velocidade constante de trinta quilômetros por hora. Foi um alívio pegar a estrada de verdade, mesmo que ela não estivesse na melhor forma possível. Mas pelo menos aqui eu poderia aumentar minha velocidade para trinta, diminuindo ocasionalmente para dar a volta em um caminhão ou carro abandonado.

Nada havia mudado. Eu não tinha certeza do por que esperava, exceto que eu achava que isso era algo normal e humano de se pensar, o mundo ao nosso redor nunca fora estático, pessoas e carros indo e vindo mudando de posição. Aqui, porém, não havia mais pessoas para mudar nada. Ou melhor, tão poucos deles provavelmente permaneceram, que

CHRISTINE POPE

levaria algum tempo para encontrar algum deles. Eu estava um pouco enevoadada com a população de Santa Fé antes que o Calor destruísse tudo, mas tinha a sensação de que não havia mais do que cem pessoas na área geral, mesmo que muito.

Por fim, voltei para Cerrillos e segui uma certa distância pela rua antes de avistar o PetSmart à minha esquerda. Virei-me para evitar um Ford Explorer bem no meio do cruzamento, e entrei no estacionamento da loja. Não havia muitos veículos aqui, provavelmente porque as pessoas pensavam em outras coisas além de alimentar seus animais de estimação quando a doença do dia do julgamento varreu a cidade.

Quando entrei, com a pesada lanterna policial de meu pai, fiquei aliviada ao ver que todos os pequenos animais vivos, ratos, camundongos e gerbos, pássaros, lagartos e cobras, aparentemente haviam voado pela gaiola. Como eles saíram, eu não fazia ideia, a menos que este fosse outro exemplo de “cuidar de tudo”, como a voz me assegurara em

Albuquerque. Havia evidências de que a comida estava sendo adulterada, mas, embora qualquer coisa ao alcance do focinho de um cachorro grande parecesse desaparecer ou ter comido pela metade, ainda havia sacos e sacolas nas prateleiras superiores. Peguei um carrinho de compras, carreguei-o, levei-o para o Cherokee e joguei as malas lá, depois repeti o processo até meus braços doerem e eu não conseguiria ver pela janela de trás se o mantivesse mais longo. Isso seria o suficiente para Dutchie durante o inverno, e depois disso, bem, eu voltaria a procurar comida novamente.

Também peguei uma miscelânea de guloseimas e brinquedos para cachorros nas vitrines da frente da loja e enfiei aqueles dentro e ao redor dos grandes sacos de comida de cachorro de vinte libras. Dutchie definitivamente seria uma cachorrinha mimada, mas acho que ela mereceu.

Durante todo esse processo, que calculei que demorou cerca de vinte minutos, não vi nenhuma evidência de mais alguém por perto. É verdade que

uma loja de animais provavelmente não era o tipo de lugar em que os sobreviventes passavam o tempo, mas eu me senti relaxando um pouco. Talvez fosse por isso que a voz me deixou em paz, sabia que não tinha nada a temer nessa viagem em particular.

Cantarolando para mim mesma, voltei para o SUV e apontei para o norte, de volta ao longo do caminho por onde tinha vindo. Quando cheguei ao cruzamento onde eu deveria ter virado na Alameda para voltar para as colinas, porém, me peguei desacelerando e depois partindo para a esquerda para poder subir Don Gaspar.

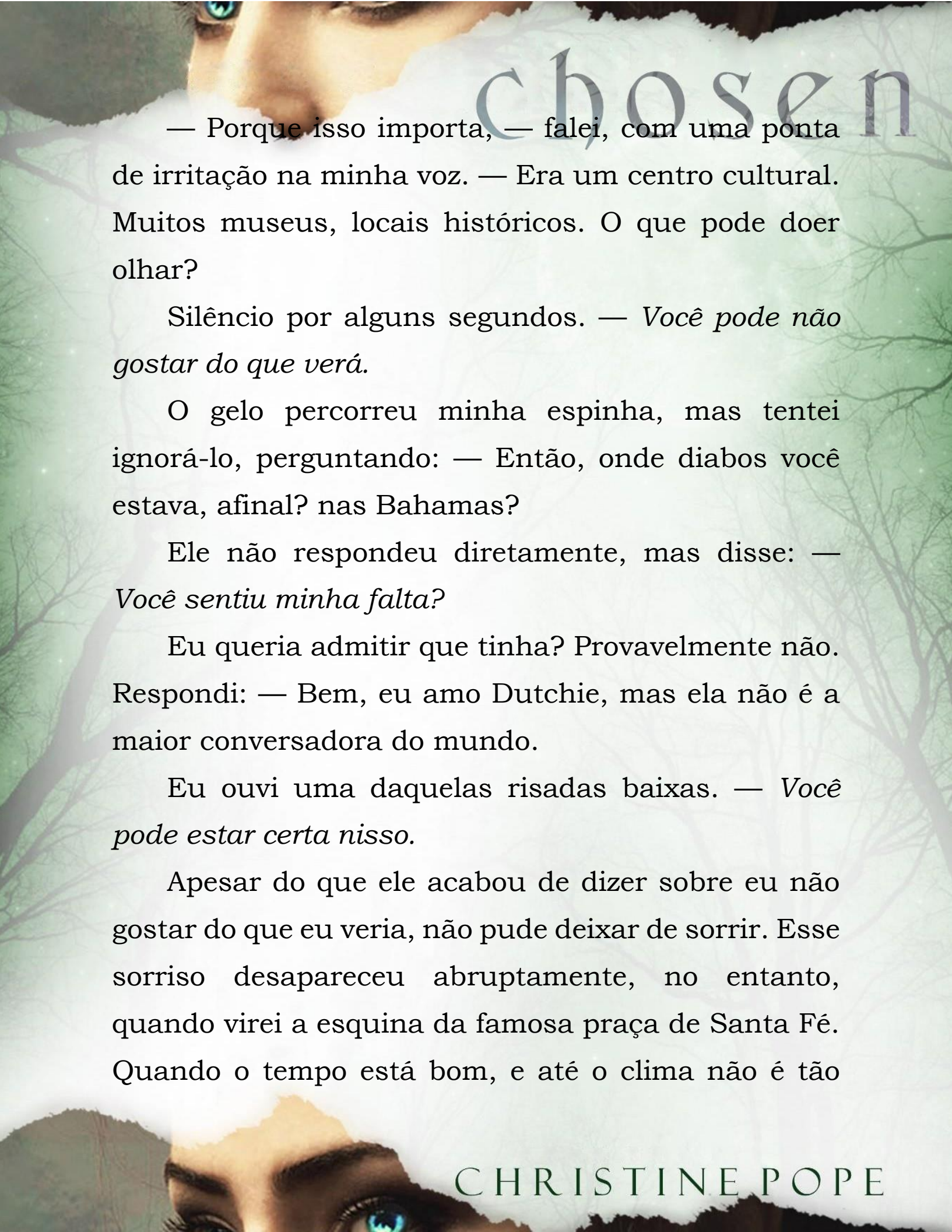
Quase imediatamente, ouvi a voz na minha cabeça. — *Jessica, o que você está fazendo?*

Alívio me inundou. Então eu não tinha sido completamente abandonada. — Eu quero ver.

— *Ver o que?*

— O centro da cidade. Quero ver se está tudo bem.

— *Por que isso importa?*



Chosen

— Porque isso importa, — falei, com uma ponta de irritação na minha voz. — Era um centro cultural. Muitos museus, locais históricos. O que pode doer olhar?

Silêncio por alguns segundos. — *Você pode não gostar do que verá.*

O gelo percorreu minha espinha, mas tentei ignorá-lo, perguntando: — Então, onde diabos você estava, afinal? nas Bahamas?

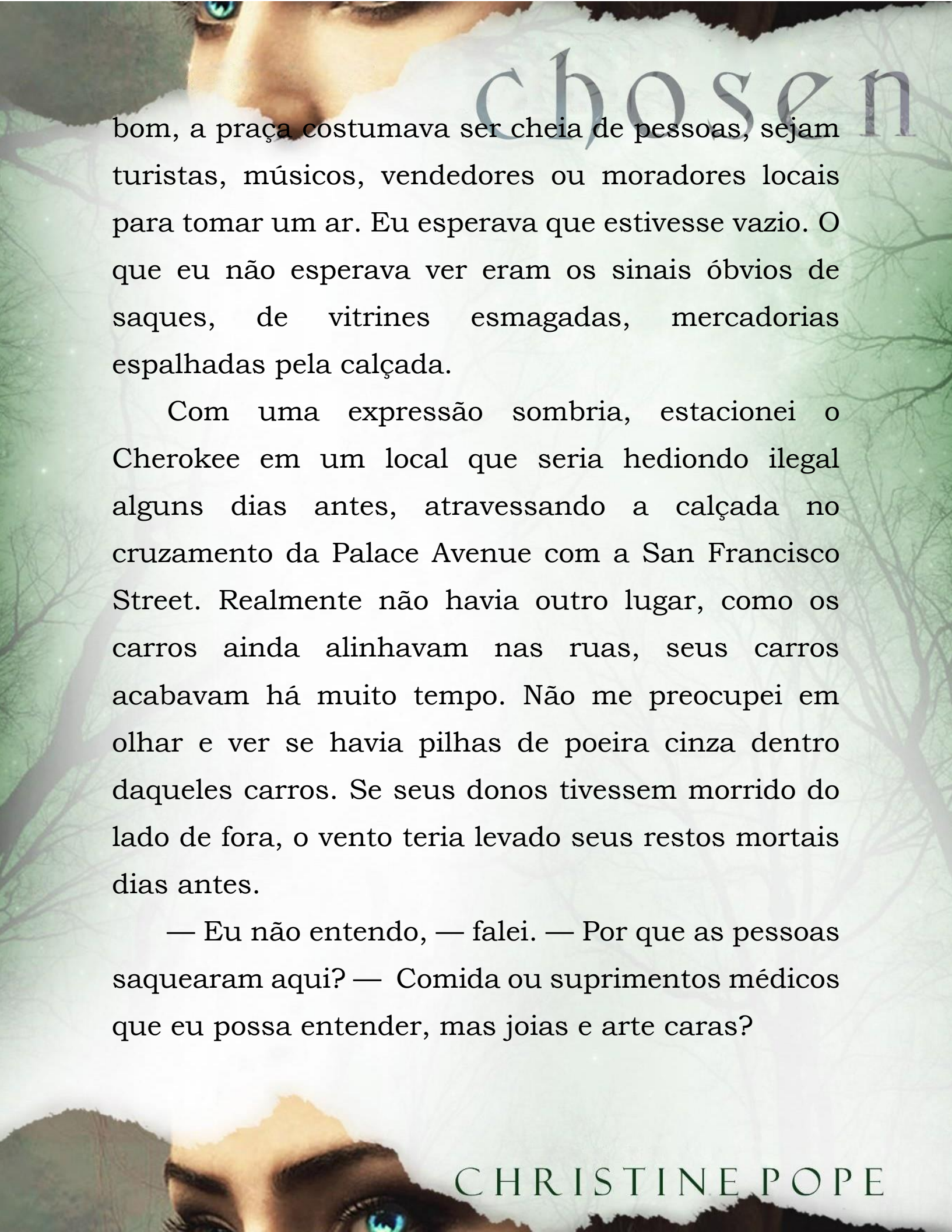
Ele não respondeu diretamente, mas disse: — *Você sentiu minha falta?*

Eu queria admitir que tinha? Provavelmente não. Respondi: — Bem, eu amo Dutchie, mas ela não é a maior conversadora do mundo.

Eu ouvi uma daquelas risadas baixas. — *Você pode estar certa nisso.*

Apesar do que ele acabou de dizer sobre eu não gostar do que eu veria, não pude deixar de sorrir. Esse sorriso desapareceu abruptamente, no entanto, quando virei a esquina da famosa praça de Santa Fé. Quando o tempo está bom, e até o clima não é tão

CHRISTINE POPE



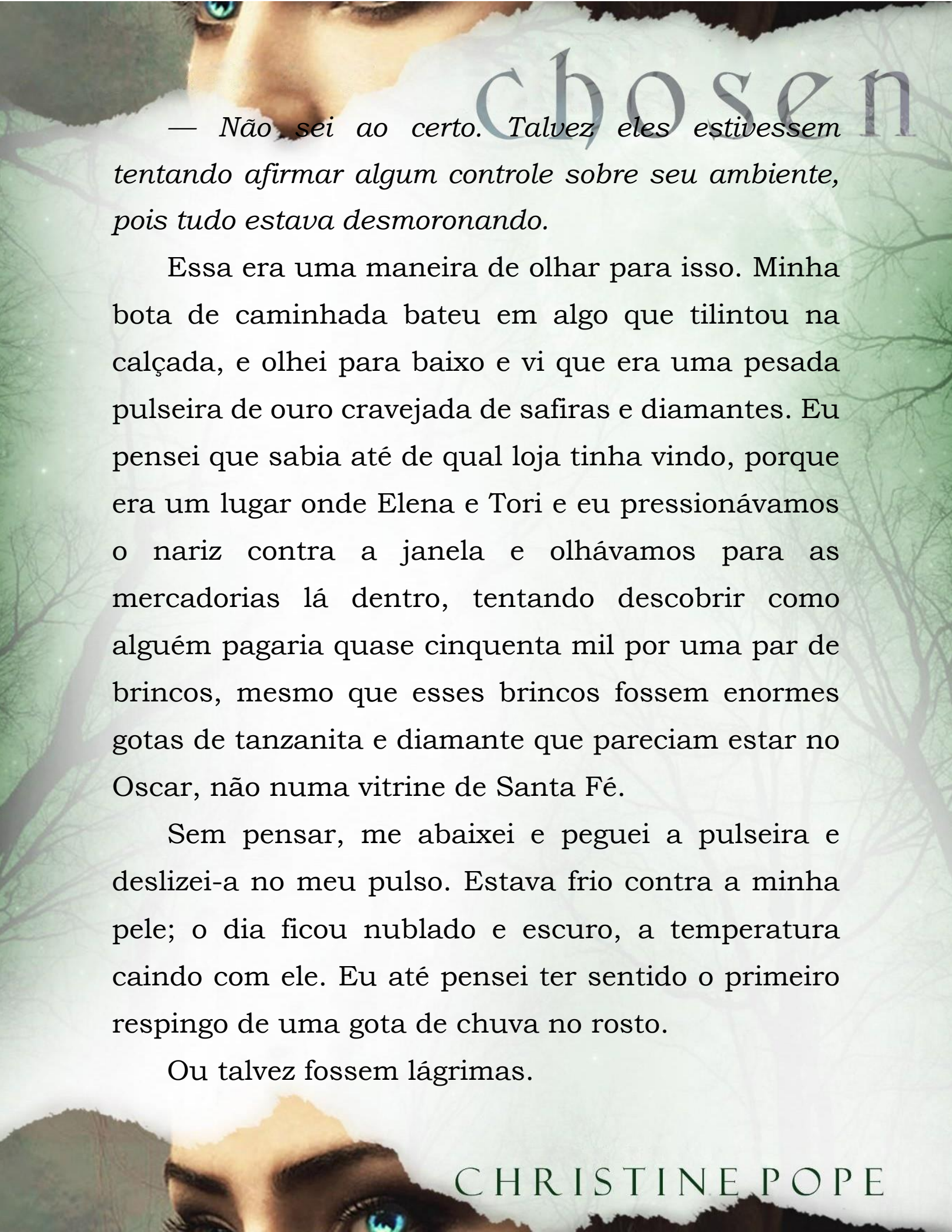
Chosen

bom, a praça costumava ser cheia de pessoas, sejam turistas, músicos, vendedores ou moradores locais para tomar um ar. Eu esperava que estivesse vazio. O que eu não esperava ver eram os sinais óbvios de saques, de vitrines esmagadas, mercadorias espalhadas pela calçada.

Com uma expressão sombria, estacionei o Cherokee em um local que seria hediondo ilegal alguns dias antes, atravessando a calçada no cruzamento da Palace Avenue com a San Francisco Street. Realmente não havia outro lugar, como os carros ainda alinhavam nas ruas, seus carros acabavam há muito tempo. Não me preocupei em olhar e ver se havia pilhas de poeira cinza dentro daqueles carros. Se seus donos tivessem morrido do lado de fora, o vento teria levado seus restos mortais dias antes.

— Eu não entendo, — falei. — Por que as pessoas saquearam aqui? — Comida ou suprimentos médicos que eu possa entender, mas joias e arte caras?

CHRISTINE POPE



Chosen

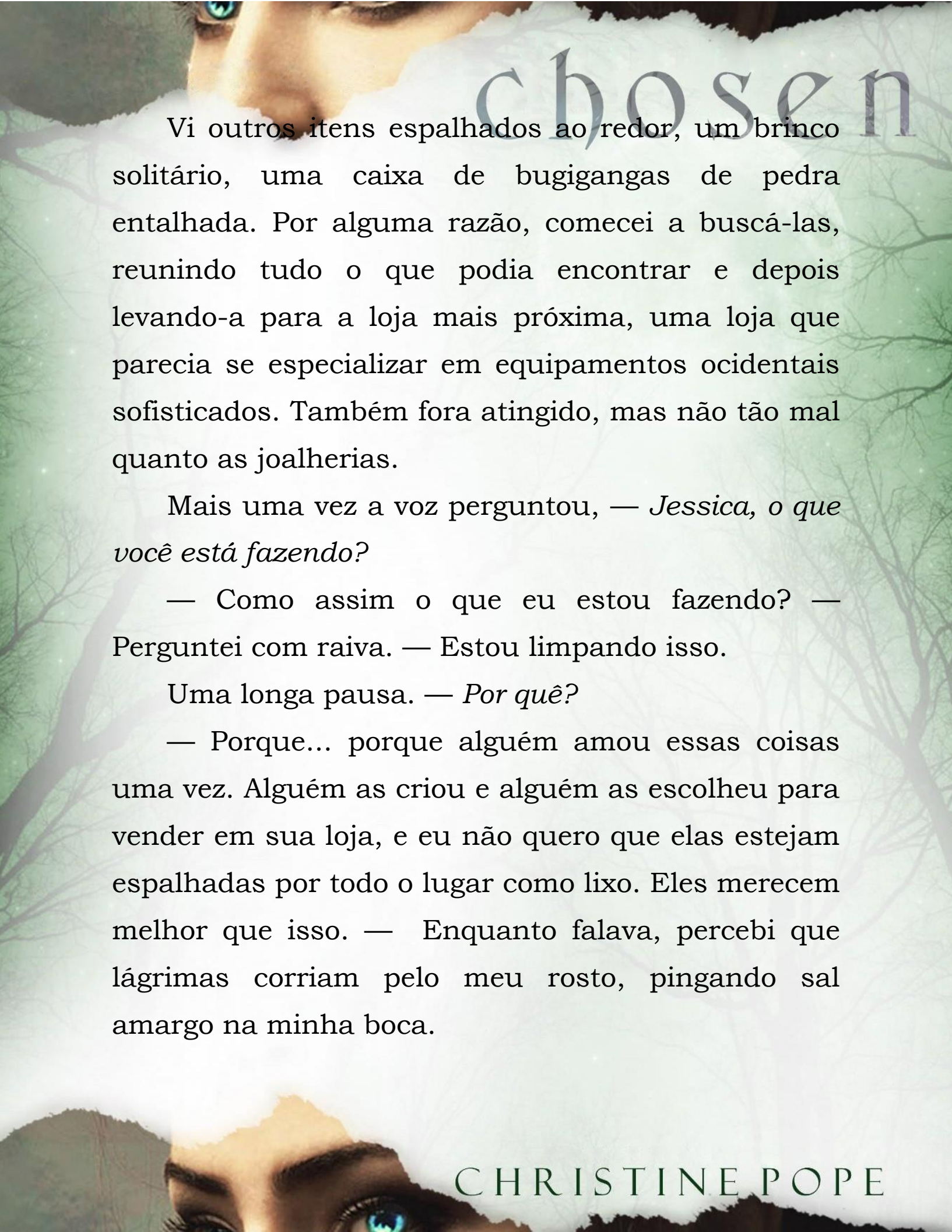
— Não sei ao certo. Talvez eles estivessem tentando afirmar algum controle sobre seu ambiente, pois tudo estava desmoronando.

Essa era uma maneira de olhar para isso. Minha bota de caminhada bateu em algo que tilintou na calçada, e olhei para baixo e vi que era uma pesada pulseira de ouro cravejada de safiras e diamantes. Eu pensei que sabia até de qual loja tinha vindo, porque era um lugar onde Elena e Tori e eu pressionávamos o nariz contra a janela e olhávamos para as mercadorias lá dentro, tentando descobrir como alguém pagaria quase cinquenta mil por uma par de brincos, mesmo que esses brincos fossem enormes gotas de tanzanita e diamante que pareciam estar no Oscar, não numa vitrine de Santa Fé.

Sem pensar, me abaixei e peguei a pulseira e deslizei-a no meu pulso. Estava frio contra a minha pele; o dia ficou nublado e escuro, a temperatura caindo com ele. Eu até pensei ter sentido o primeiro respingo de uma gota de chuva no rosto.

Ou talvez fossem lágrimas.

CHRISTINE POPE



chosen

Vi outros itens espalhados ao redor, um brinco solitário, uma caixa de bugigangas de pedra entalhada. Por alguma razão, comecei a buscá-las, reunindo tudo o que podia encontrar e depois levando-a para a loja mais próxima, uma loja que parecia se especializar em equipamentos ocidentais sofisticados. Também fora atingido, mas não tão mal quanto as joalherias.

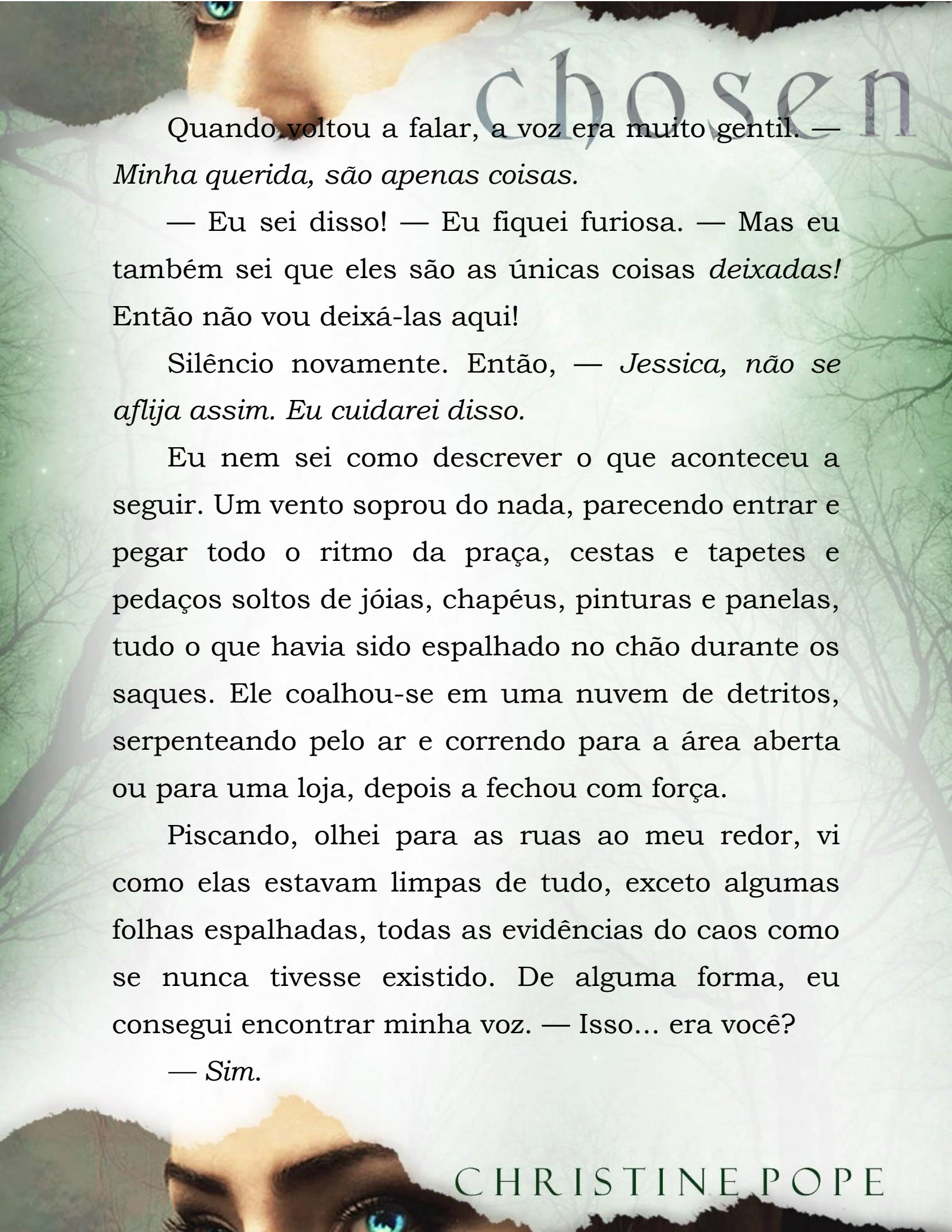
Mais uma vez a voz perguntou, — *Jessica, o que você está fazendo?*

— Como assim o que eu estou fazendo? — Perguntei com raiva. — Estou limpando isso.

Uma longa pausa. — *Por quê?*

— Porque... porque alguém amou essas coisas uma vez. Alguém as criou e alguém as escolheu para vender em sua loja, e eu não quero que elas estejam espalhadas por todo o lugar como lixo. Eles merecem melhor que isso. — Enquanto falava, percebi que lágrimas corriam pelo meu rosto, pingando sal amargo na minha boca.

CHRISTINE POPE



Chosen

Quando voltou a falar, a voz era muito gentil. —
Minha querida, são apenas coisas.

— Eu sei disso! — Eu fiquei furiosa. — Mas eu também sei que eles são as únicas coisas *deixadas!* Então não vou deixá-las aqui!

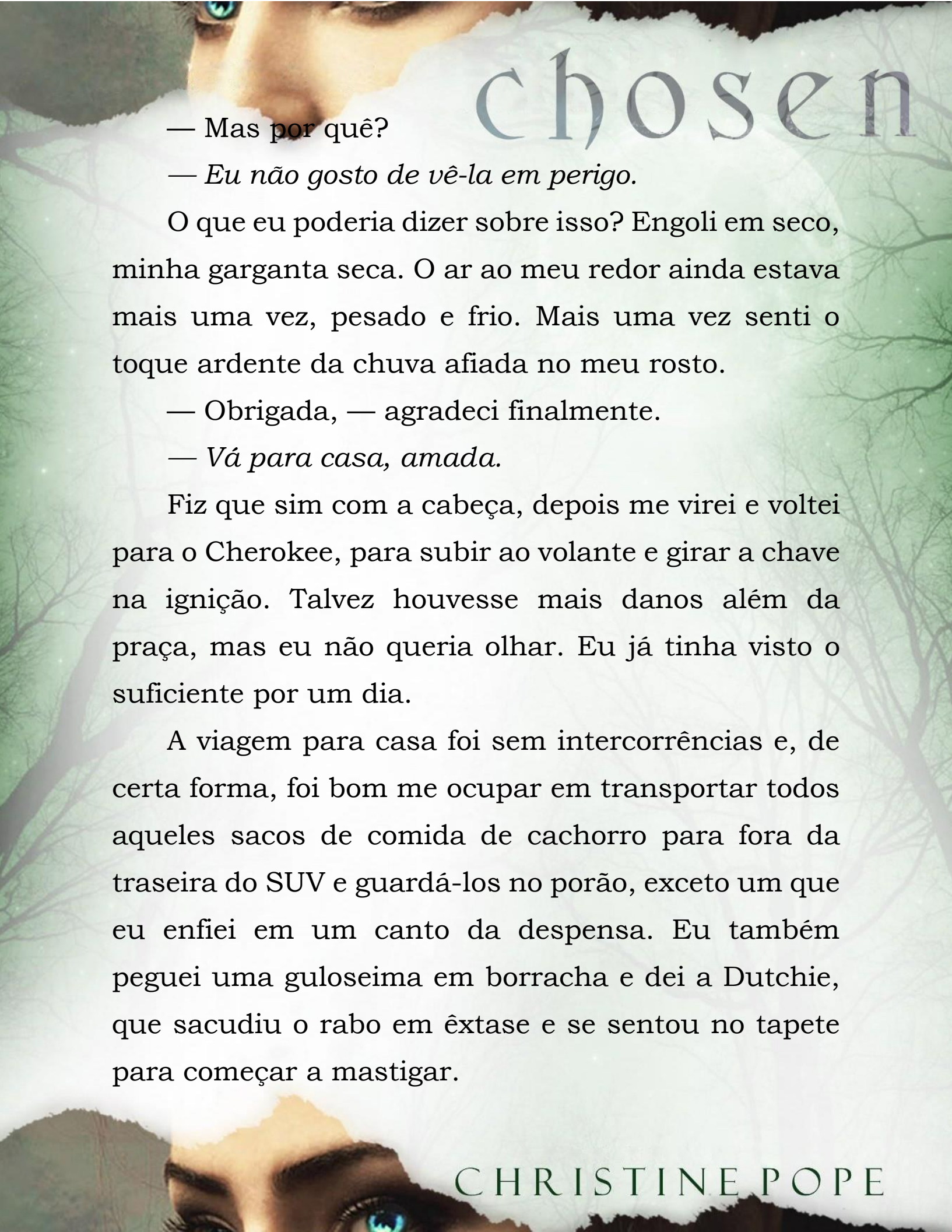
Silêncio novamente. Então, — *Jessica, não se aflija assim. Eu cuidarei disso.*

Eu nem sei como descrever o que aconteceu a seguir. Um vento soprou do nada, parecendo entrar e pegar todo o ritmo da praça, cestas e tapetes e pedaços soltos de jóias, chapéus, pinturas e painéis, tudo o que havia sido espalhado no chão durante os saques. Ele coalhou-se em uma nuvem de detritos, serpenteando pelo ar e correndo para a área aberta ou para uma loja, depois a fechou com força.

Piscando, olhei para as ruas ao meu redor, vi como elas estavam limpas de tudo, exceto algumas folhas espalhadas, todas as evidências do caos como se nunca tivesse existido. De alguma forma, eu consegui encontrar minha voz. — Isso... era você?

— *Sim.*

CHRISTINE POPE



chosen

— Mas por quê?

— *Eu não gosto de vê-la em perigo.*

O que eu poderia dizer sobre isso? Engoli em seco, minha garganta seca. O ar ao meu redor ainda estava mais uma vez, pesado e frio. Mais uma vez senti o toque ardente da chuva afiada no meu rosto.

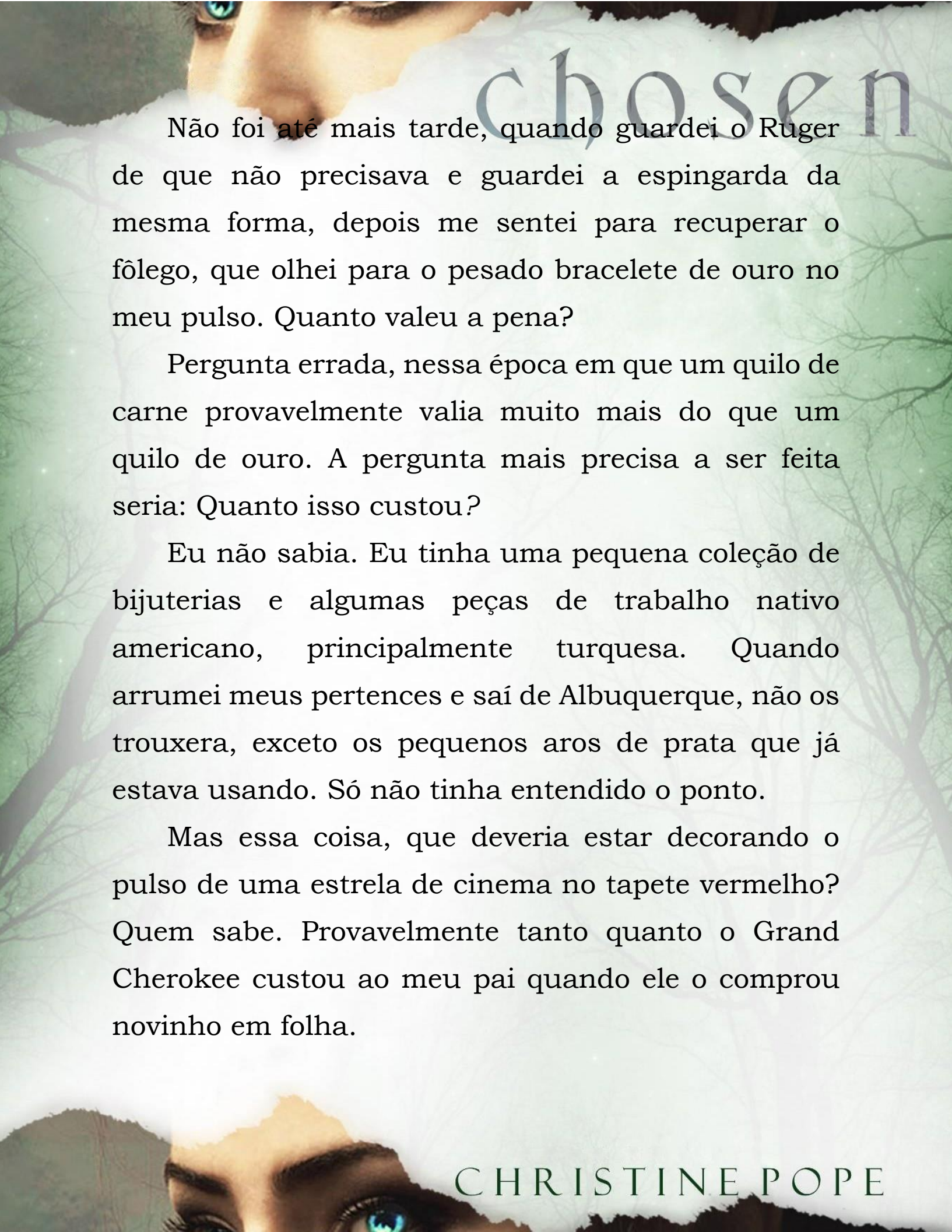
— Obrigada, — agradei finalmente.

— *Vá para casa, amada.*

Fiz que sim com a cabeça, depois me virei e voltei para o Cherokee, para subir ao volante e girar a chave na ignição. Talvez houvesse mais danos além da praça, mas eu não queria olhar. Eu já tinha visto o suficiente por um dia.

A viagem para casa foi sem intercorrências e, de certa forma, foi bom me ocupar em transportar todos aqueles sacos de comida de cachorro para fora da traseira do SUV e guardá-los no porão, exceto um que eu enfiei em um canto da despensa. Eu também peguei uma guloseima em borracha e dei a Dutchie, que sacudiu o rabo em êxtase e se sentou no tapete para começar a mastigar.

CHRISTINE POPE



Chosen

Não foi até mais tarde, quando guardei o Ruger de que não precisava e guardei a espingarda da mesma forma, depois me sentei para recuperar o fôlego, que olhei para o pesado bracelete de ouro no meu pulso. Quanto valeu a pena?

Pergunta errada, nessa época em que um quilo de carne provavelmente valia muito mais do que um quilo de ouro. A pergunta mais precisa a ser feita seria: Quanto isso custou?

Eu não sabia. Eu tinha uma pequena coleção de bijuterias e algumas peças de trabalho nativo americano, principalmente turquesa. Quando arrumei meus pertences e saí de Albuquerque, não os trouxera, exceto os pequenos aros de prata que já estava usando. Só não tinha entendido o ponto.

Mas essa coisa, que deveria estar decorando o pulso de uma estrela de cinema no tapete vermelho? Quem sabe. Provavelmente tanto quanto o Grand Cherokee custou ao meu pai quando ele o comprou novinho em folha.

CHRISTINE POPE

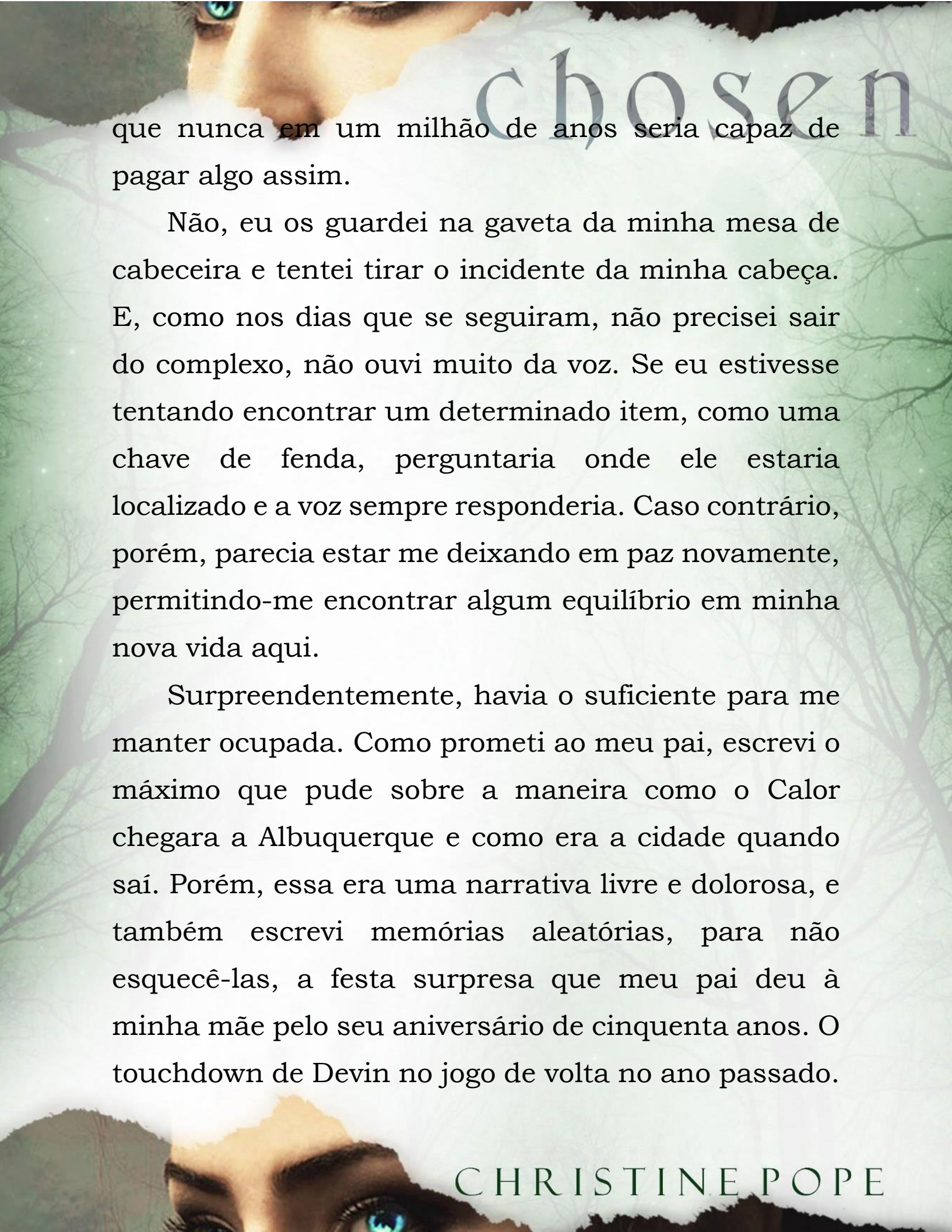
Torci o bracelete em volta e ao redor, e então percebi algo afiado grudando no osso do quadril esquerdo. Intrigada, enfiei a mão no bolso da calça jeans, pensando que talvez eu tivesse colocado algo lá mais cedo e esquecido.

Meus dedos se fecharam em torno de dois objetos frios e pesados. Puxei-os para fora e abri minha mão para ver o que diabos eles eram.

Por um segundo ou dois, eu apenas olhei para eles. Então, como não conseguia pensar no que mais fazer, comecei a rir.

Na minha mão estavam os brincos de tanzanita e diamante que Elena e Tori e eu admiramos em nossa última viagem a Santa Fé.

Não mencionei o assunto dos brincos. Como eu poderia? Isso significaria que eu teria que perguntar como a voz sabia que tinha visto aqueles brincos e me apaixonado parcialmente por eles, mesmo sabendo



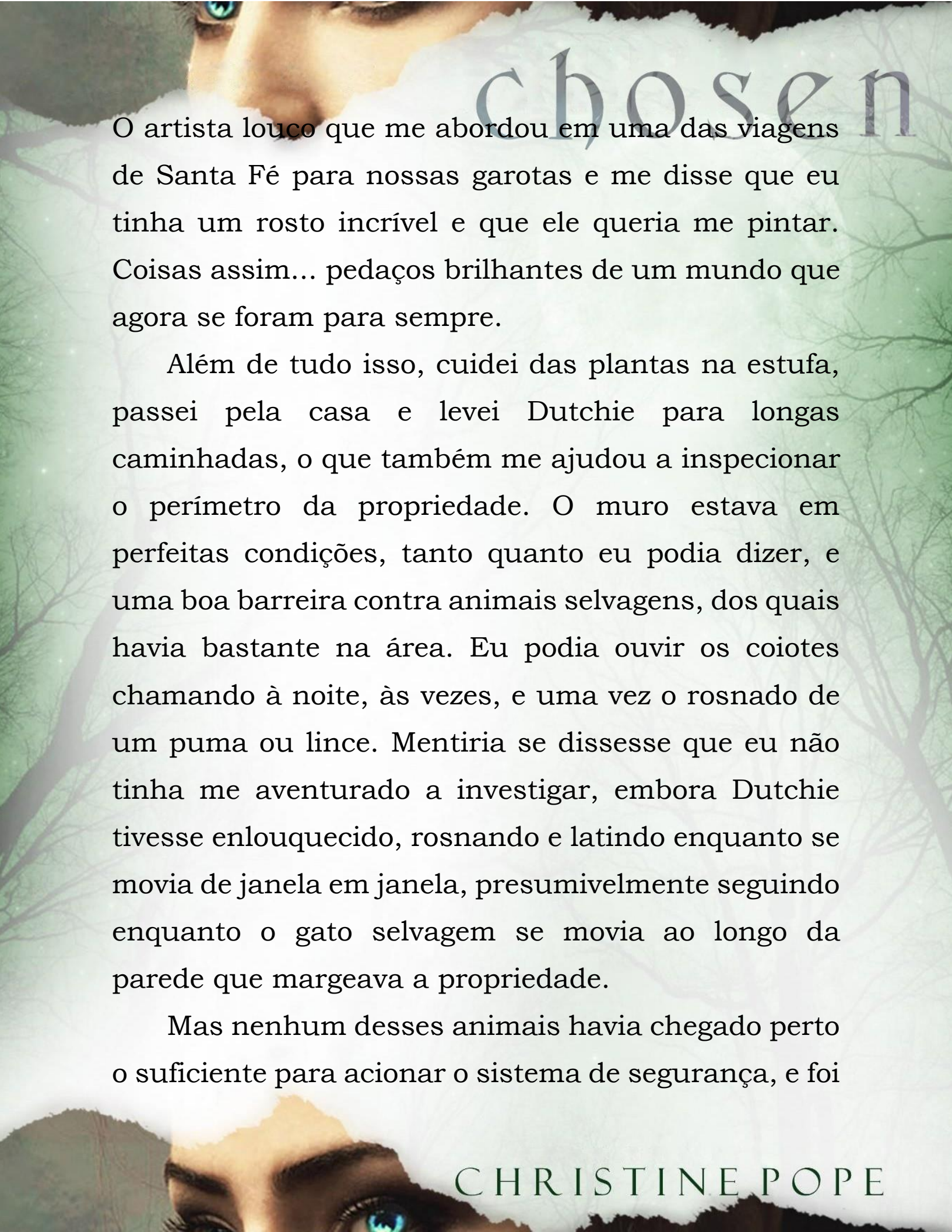
Chosen

que nunca em um milhão de anos seria capaz de pagar algo assim.

Não, eu os guardei na gaveta da minha mesa de cabeceira e tentei tirar o incidente da minha cabeça. E, como nos dias que se seguiram, não precisei sair do complexo, não ouvi muito da voz. Se eu estivesse tentando encontrar um determinado item, como uma chave de fenda, perguntaria onde ele estaria localizado e a voz sempre responderia. Caso contrário, porém, parecia estar me deixando em paz novamente, permitindo-me encontrar algum equilíbrio em minha nova vida aqui.

Surpreendentemente, havia o suficiente para me manter ocupada. Como prometi ao meu pai, escrevi o máximo que pude sobre a maneira como o Calor chegara a Albuquerque e como era a cidade quando saí. Porém, essa era uma narrativa livre e dolorosa, e também escrevi memórias aleatórias, para não esquecer-las, a festa surpresa que meu pai deu à minha mãe pelo seu aniversário de cinquenta anos. O touchdown de Devin no jogo de volta no ano passado.

CHRISTINE POPE



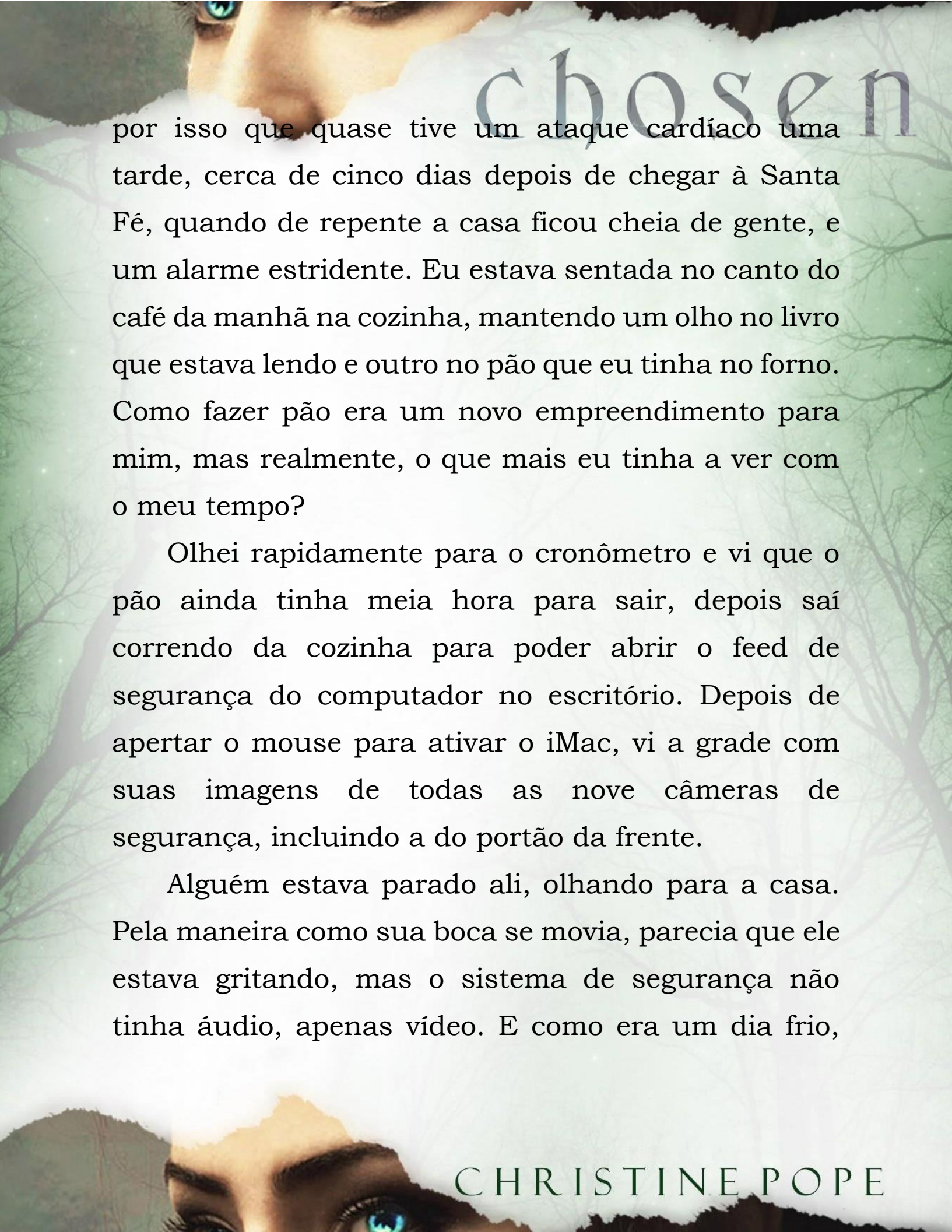
chosen

O artista louco que me abordou em uma das viagens de Santa Fé para nossas garotas e me disse que eu tinha um rosto incrível e que ele queria me pintar. Coisas assim... pedaços brilhantes de um mundo que agora se foram para sempre.

Além de tudo isso, cuidei das plantas na estufa, passei pela casa e levei Dutchie para longas caminhadas, o que também me ajudou a inspecionar o perímetro da propriedade. O muro estava em perfeitas condições, tanto quanto eu podia dizer, e uma boa barreira contra animais selvagens, dos quais havia bastante na área. Eu podia ouvir os coiotes chamando à noite, às vezes, e uma vez o rosnado de um puma ou lince. Mentiria se dissesse que eu não tinha me aventurado a investigar, embora Dutchie tivesse enlouquecido, rosnando e latindo enquanto se movia de janela em janela, presumivelmente seguindo enquanto o gato selvagem se movia ao longo da parede que margeava a propriedade.

Mas nenhum desses animais havia chegado perto o suficiente para acionar o sistema de segurança, e foi

CHRISTINE POPE



chosen

por isso que quase tive um ataque cardíaco uma tarde, cerca de cinco dias depois de chegar à Santa Fé, quando de repente a casa ficou cheia de gente, e um alarme estridente. Eu estava sentada no canto do café da manhã na cozinha, mantendo um olho no livro que estava lendo e outro no pão que eu tinha no forno. Como fazer pão era um novo empreendimento para mim, mas realmente, o que mais eu tinha a ver com o meu tempo?

Olhei rapidamente para o cronômetro e vi que o pão ainda tinha meia hora para sair, depois saí correndo da cozinha para poder abrir o feed de segurança do computador no escritório. Depois de apertar o mouse para ativar o iMac, vi a grade com suas imagens de todas as nove câmeras de segurança, incluindo a do portão da frente.

Alguém estava parado ali, olhando para a casa. Pela maneira como sua boca se movia, parecia que ele estava gritando, mas o sistema de segurança não tinha áudio, apenas vídeo. E como era um dia frio,

CHRISTINE POPE

ameaçando a chuva como na época em que tive meu colapso na praça, todas as janelas estavam fechadas.

Devo ignorá-lo? Esperar que ele vá embora? Se ele pretendia se infiltrar e causar estragos, provavelmente não teria gritado por atenção no portão da frente. Ainda....

Esta foi a primeira alma viva que eu vi em duas semanas. A câmera não mostrava uma quantidade enorme de detalhes, porque o sol estava atrás dele e tudo que eu podia ver era a silhueta dele, mas eu não tinha visto nenhuma evidência de uma arma ou qualquer outra arma. Não que isso significasse muito.

Decidindo me comprometer, tirei a espingarda do cofre e depois saí pela porta da frente, Dutchie me seguindo. Ela ainda não tinha latido, mas talvez fosse só porque ainda não havia sentido o cheiro do estranho.

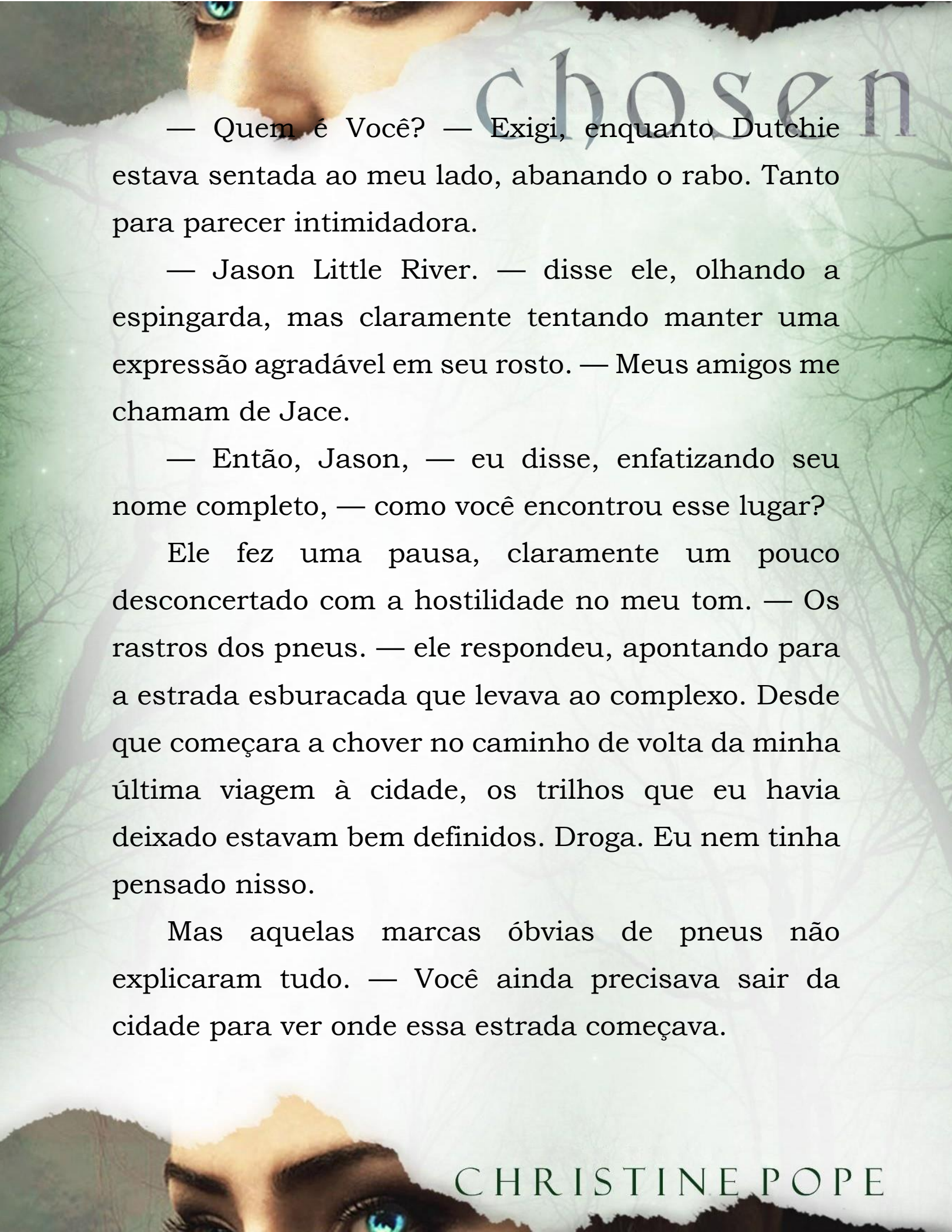
Desci a garagem e parei a cerca de um metro e meio do portão. Como o caminho subia a colina em direção à casa e à garagem, eu tinha um ponto de vista, podia ver que esse visitante indesejável era um

jovem provavelmente da minha idade ou talvez alguns anos mais velho. Cabelo preto puxado para trás em um rabo de cavalo, pele marrom quente, olhos pretos em forma de amêndoa. Definitivamente Nativo Americano.

E... lindo. Tipo, o tipo de coisa maravilhosa que eu teria dificuldade em não olhar se estivesse em um clube ou saindo com minhas amigas em um restaurante ou no cinema ou no shopping. Ter alguém parecido com isso aparecendo na minha porta, quando eu não tinha visto ninguém desde o homem que tinha atirado do lado de fora da Walgreens?

Bem, digamos que foi um pouco esmagador.

Mas nem tanto eu esqueci que estava aqui sozinha, sentada em cima de um estoque de suprimentos que eram um bom incentivo para assassinatos, tanto quanto eu estava convencida. Eu levantei a espingarda para que ele pudesse vê-la, mas não a levei ao nível dos olhos.



chosen

— Quem é Você? — Exigi, enquanto Dutchie estava sentada ao meu lado, abanando o rabo. Tanto para parecer intimidadora.

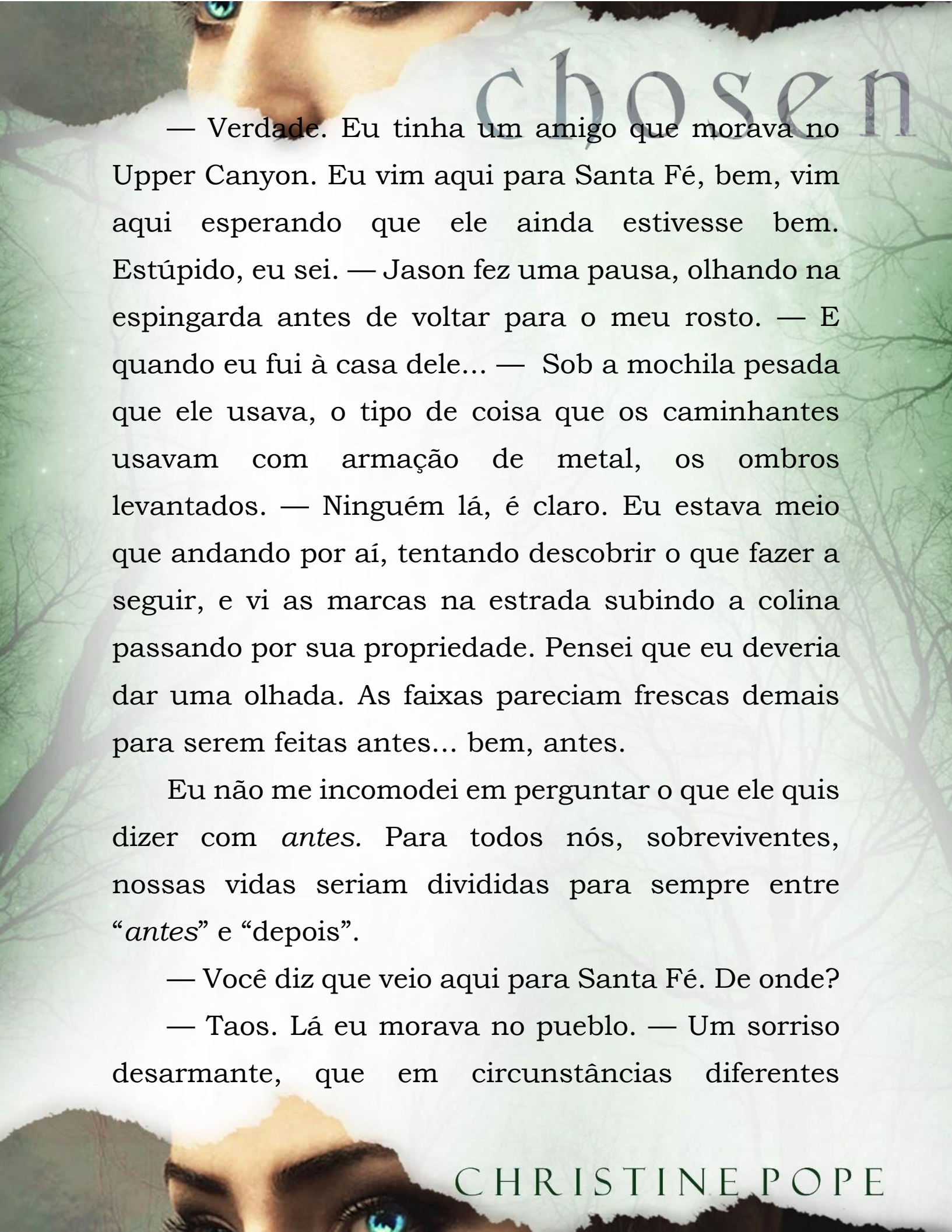
— Jason Little River. — disse ele, olhando a espingarda, mas claramente tentando manter uma expressão agradável em seu rosto. — Meus amigos me chamam de Jace.

— Então, Jason, — eu disse, enfatizando seu nome completo, — como você encontrou esse lugar?

Ele fez uma pausa, claramente um pouco desconcertado com a hostilidade no meu tom. — Os rastros dos pneus. — ele respondeu, apontando para a estrada esburacada que levava ao complexo. Desde que começara a chover no caminho de volta da minha última viagem à cidade, os trilhos que eu havia deixado estavam bem definidos. Droga. Eu nem tinha pensado nisso.

Mas aquelas marcas óbvias de pneus não explicaram tudo. — Você ainda precisava sair da cidade para ver onde essa estrada começava.

CHRISTINE POPE



chosen

— Verdade. Eu tinha um amigo que morava no Upper Canyon. Eu vim aqui para Santa Fé, bem, vim aqui esperando que ele ainda estivesse bem. Estúpido, eu sei. — Jason fez uma pausa, olhando na espingarda antes de voltar para o meu rosto. — E quando eu fui à casa dele... — Sob a mochila pesada que ele usava, o tipo de coisa que os caminhantes usavam com armação de metal, os ombros levantados. — Ninguém lá, é claro. Eu estava meio que andando por aí, tentando descobrir o que fazer a seguir, e vi as marcas na estrada subindo a colina passando por sua propriedade. Pensei que eu deveria dar uma olhada. As faixas pareciam frescas demais para serem feitas antes... bem, antes.

Eu não me incomodei em perguntar o que ele quis dizer com *antes*. Para todos nós, sobreviventes, nossas vidas seriam divididas para sempre entre “*antes*” e “*depois*”.

— Você diz que veio aqui para Santa Fé. De onde?

— Taos. Lá eu morava no pueblo. — Um sorriso desarmante, que em circunstâncias diferentes

CHRISTINE POPE

poderia ter feito meus joelhos derreterem. — Bem, meio período. Eu também tinha um apartamento na cidade. Você?

Estava nos meus lábios dizer que era eu quem fazia as perguntas aqui, mas isso parecia muito rude, mesmo nas circunstâncias atuais.

— Albuquerque.

As sobrancelhas dele se ergueram. — Como você conseguiu chegar aqui, de todos os lugares?

Levantei a espingarda. — Eu não acho que isso importe. Eu estou aqui agora.

Ele não sentiu falta do jeito que eu troquei a arma, apenas o suficiente para mostrar que não estava emocionada com as perguntas dele.

— Ei, está tudo bem. É só que eu não vejo ninguém há quase duas semanas. Provavelmente estou um pouco sem tato.

Você e eu, querido... Recuando um pouco, perguntei: — Então ninguém ficou no Taos?

Uma sombra parecia passar por seu rosto, mas sua voz era suave quando ele respondeu: — Ninguém

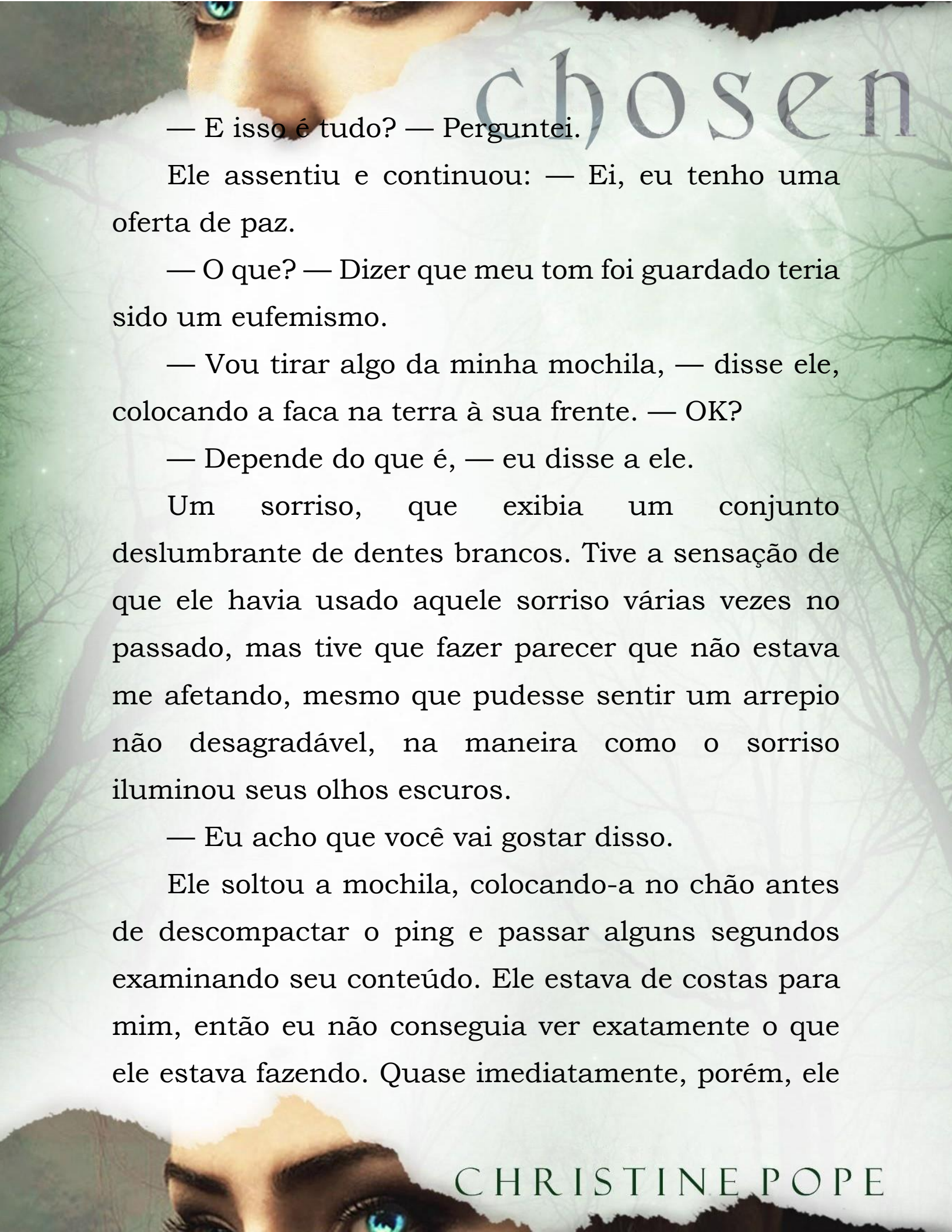
no povoado indígena. Quando entrei na cidade, não vi ninguém, exceto uma mulher à espreita em um dos hotéis. Ela olhou para mim e saiu correndo, gritando. Ele encolheu os ombros. — Desde que eu percebi que ela não estava aberta à conversa, não me preocupei em ir atrás dela. Ela poderia estar armada.

— E você não estava?

Mais uma vez vi seus olhos piscarem na direção da arma que eu segurava. — Não. Bem, não além disso. — Sua mão foi até o quadril, onde pude ver que ele usava uma espécie de bainha de couro, do tamanho de uma faca de caça.

— Deixe-me ver.

A essa distância, eu realmente não podia ouvi-lo suspirar, mas eu poderia dizer que sua paciência estava começando a diminuir. Segurando meu olhar, ele desfez o estalo que mantinha a faca no lugar e a puxou para fora da bainha. Como eu pensava, era uma peça grande claramente projetada para o homem, com uma borda serrilhada. Meu pai possuía um não muito diferente.



chosen

— E isso é tudo? — Perguntei.

Ele assentiu e continuou: — Ei, eu tenho uma oferta de paz.

— O que? — Dizer que meu tom foi guardado teria sido um eufemismo.

— Vou tirar algo da minha mochila, — disse ele, colocando a faca na terra à sua frente. — OK?

— Depende do que é, — eu disse a ele.

Um sorriso, que exibia um conjunto deslumbrante de dentes brancos. Tive a sensação de que ele havia usado aquele sorriso várias vezes no passado, mas tive que fazer parecer que não estava me afetando, mesmo que pudesse sentir um arrepio não desagradável, na maneira como o sorriso iluminou seus olhos escuros.

— Eu acho que você vai gostar disso.

Ele soltou a mochila, colocando-a no chão antes de descompactar o ping e passar alguns segundos examinando seu conteúdo. Ele estava de costas para mim, então eu não conseguia ver exatamente o que ele estava fazendo. Quase imediatamente, porém, ele

CHRISTINE POPE

se virou. Em cada mão ele segurava uma garrafa de vinho.

— Muito bom, mas eu tenho um porão bem abastecido lá em cima, — eu disse, empurrando meu queixo de volta para a casa.

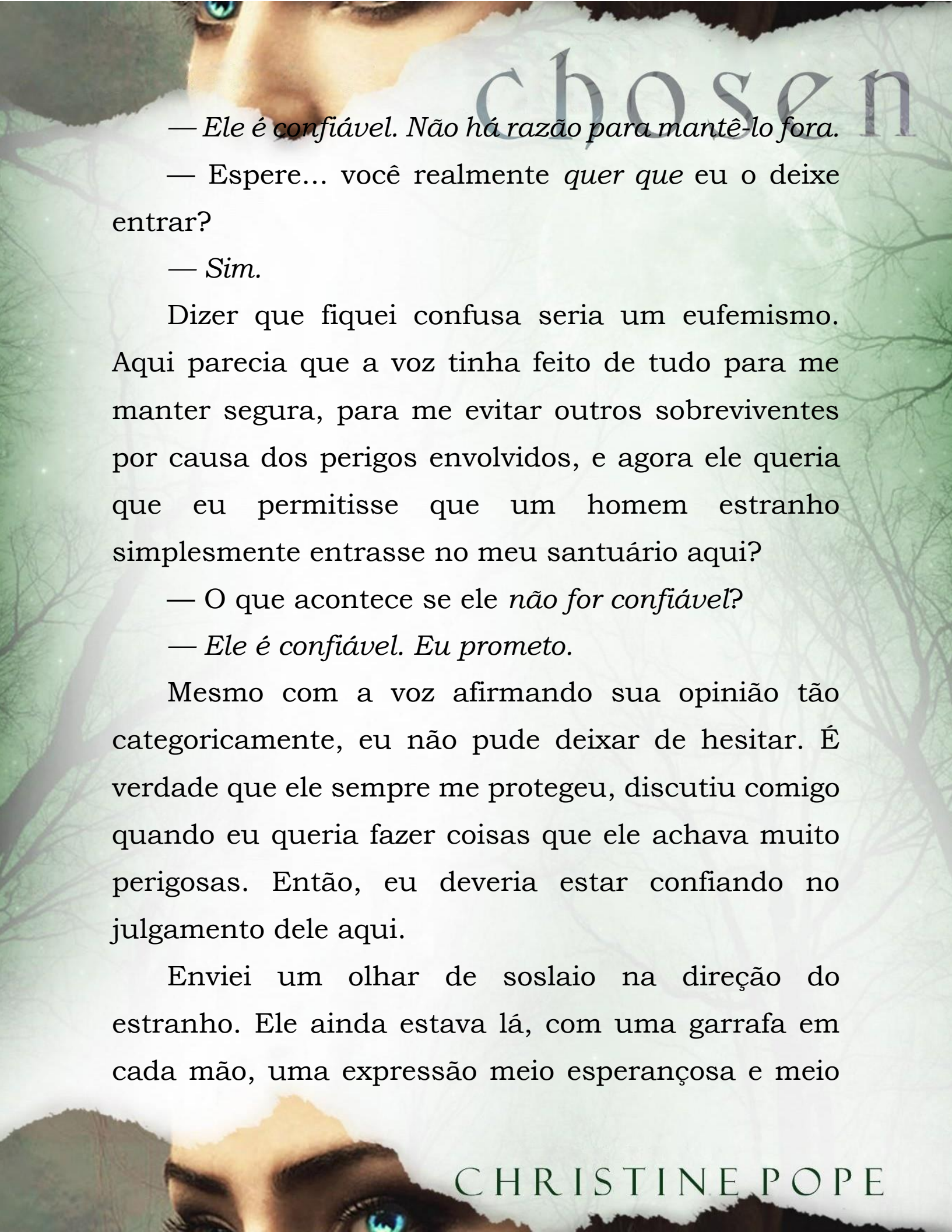
— Ah, mas esse é o La Chiripada cabernet sauvignon. Vinho do Novo México. Você tem isso?

Eu realmente não tinha ideia. Além da geladeira de vinho na cozinha, eu havia descoberto outro tesouro no porão, caixas e caixas de vinho, a maioria delas da Califórnia e da França, pelo que eu sabia, e alguns pedaços estranhos da América do Sul e Arizona. Eu não tinha notado nada do Novo México, mas, novamente, eu também não estava procurando por isso.

Enquanto eu hesitava, sem saber como responder, ouvi a voz na minha cabeça.

— *Ele é confiável.*

— O que? — Murmurei baixinho, esperando que o estranho não me notasse murmurando para mim mesma.



chosen

— *Ele é confiável. Não há razão para mantê-lo fora.*

— Espere... você realmente *quer que* eu o deixe entrar?

— *Sim.*

Dizer que fiquei confusa seria um eufemismo. Aqui parecia que a voz tinha feito de tudo para me manter segura, para me evitar outros sobreviventes por causa dos perigos envolvidos, e agora ele queria que eu permitisse que um homem estranho simplesmente entrasse no meu santuário aqui?

— O que acontece se ele *não for confiável*?

— *Ele é confiável. Eu prometo.*

Mesmo com a voz afirmando sua opinião tão categoricamente, eu não pude deixar de hesitar. É verdade que ele sempre me protegeu, discutiu comigo quando eu queria fazer coisas que ele achava muito perigosas. Então, eu deveria estar confiando no julgamento dele aqui.

Enviei um olhar de soslaio na direção do estranho. Ele ainda estava lá, com uma garrafa em cada mão, uma expressão meio esperançosa e meio

CHRISTINE POPE

ansiosa no rosto. Havia algo tão pateta na combinação, tão estranhamente adorável, que me vi cedendo.

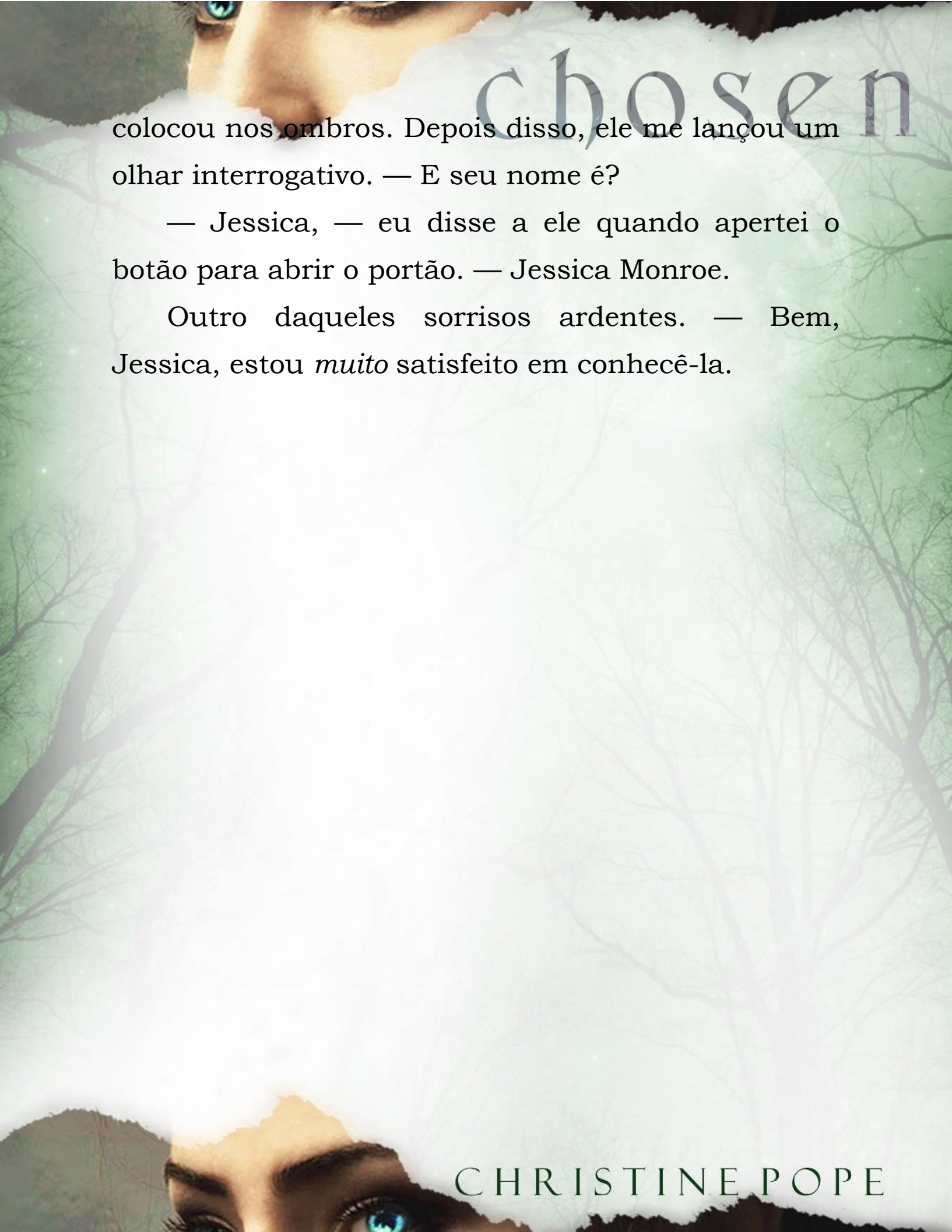
— Tudo bem, — murmurei para a voz. — É melhor você não estar jogando o casamenteiro sobrenatural aqui ou algo assim, ou discutiremos isso ainda mais.

Nenhuma resposta era para isso. Eu realmente não esperava uma.

Sem me permitir suspirar, transferi a espingarda para a mão esquerda e comecei a caminhar até o portão. Houve um lançamento manual lá, já que obviamente eu não tinha trazido o controle remoto comigo.

— Ok, — Falei. — Eu nunca tive La Chiripada.

O olhar de alívio que passou por seu rosto também era adorável, e apagou um pouco da tensão que eu tinha visto em seus traços. — Ótimo. Obrigado. Eu aprecio isso. Realmente. — Ele começou a enfiar as garrafas de vinho na mochila e a



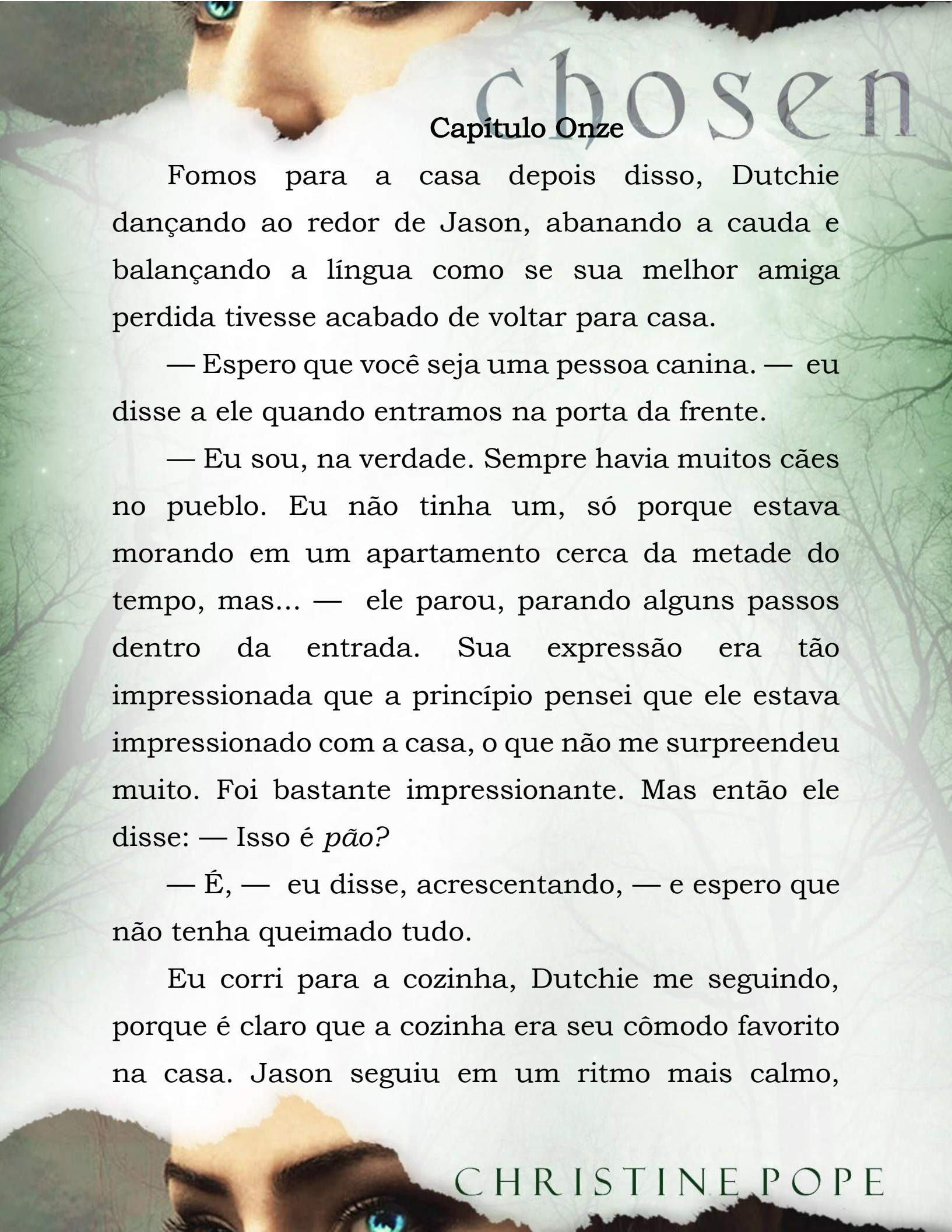
Chosen

colocou nos ombros. Depois disso, ele me lançou um olhar interrogativo. — E seu nome é?

— Jessica, — eu disse a ele quando apertei o botão para abrir o portão. — Jessica Monroe.

Outro daqueles sorrisos ardentes. — Bem, Jessica, estou *muito* satisfeito em conhecê-la.

CHRISTINE POPE



chosen

Capítulo Onze

Fomos para a casa depois disso, Dutchie dançando ao redor de Jason, abanando a cauda e balançando a língua como se sua melhor amiga perdida tivesse acabado de voltar para casa.

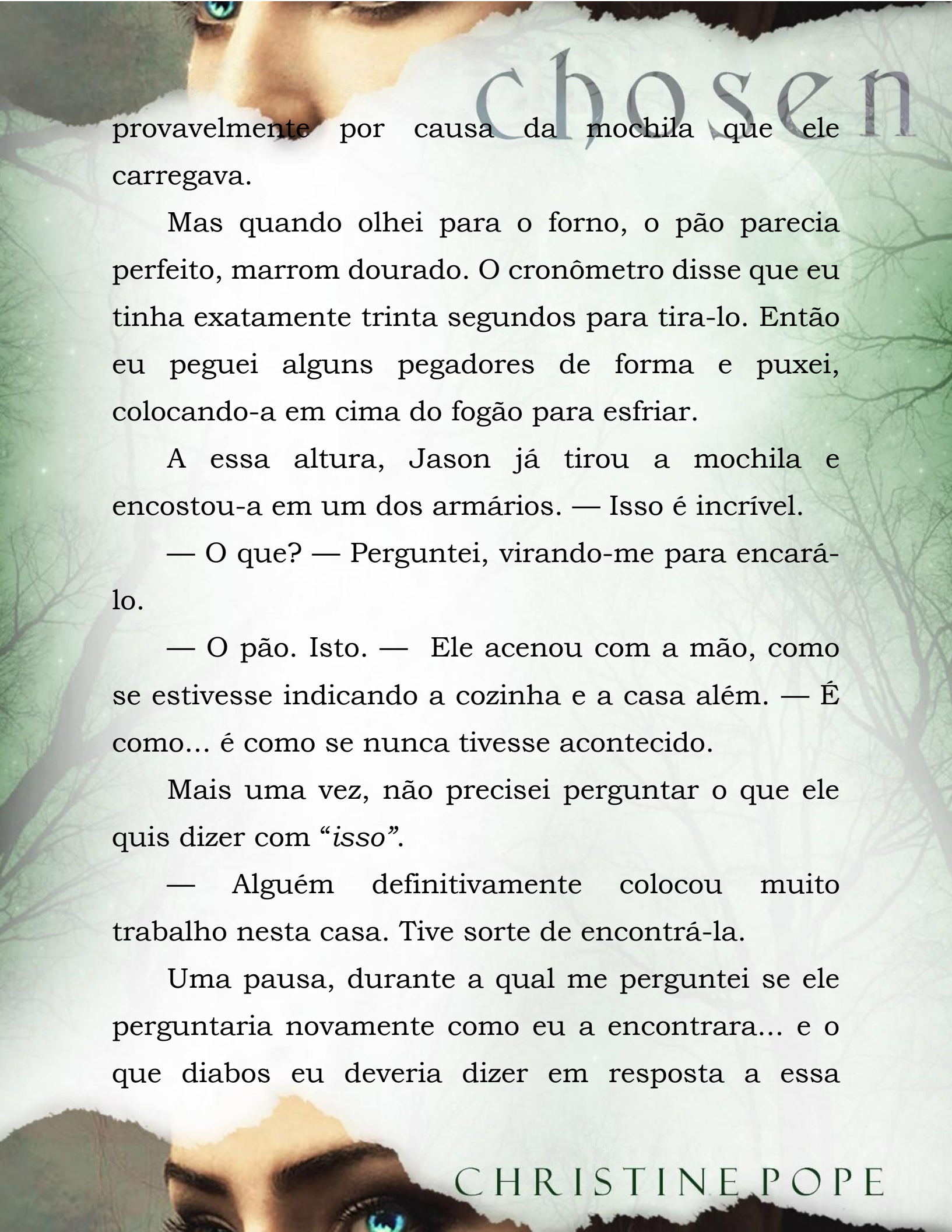
— Espero que você seja uma pessoa canina. — eu disse a ele quando entramos na porta da frente.

— Eu sou, na verdade. Sempre havia muitos cães no pueblo. Eu não tinha um, só porque estava morando em um apartamento cerca da metade do tempo, mas... — ele parou, parando alguns passos dentro da entrada. Sua expressão era tão impressionada que a princípio pensei que ele estava impressionado com a casa, o que não me surpreendeu muito. Foi bastante impressionante. Mas então ele disse: — Isso é *pão*?

— Ê, — eu disse, acrescentando, — e espero que não tenha queimado tudo.

Eu corri para a cozinha, Dutchie me seguindo, porque é claro que a cozinha era seu cômodo favorito na casa. Jason seguiu em um ritmo mais calmo,

CHRISTINE POPE



provavelmente por causa da mochila que ele carregava.

Mas quando olhei para o forno, o pão parecia perfeito, marrom dourado. O cronômetro disse que eu tinha exatamente trinta segundos para tira-lo. Então eu peguei alguns pegadores de forma e puxei, colocando-a em cima do fogão para esfriar.

A essa altura, Jason já tirou a mochila e encostou-a em um dos armários. — Isso é incrível.

— O que? — Perguntei, virando-me para encará-lo.

— O pão. Isto. — Ele acenou com a mão, como se estivesse indicando a cozinha e a casa além. — É como... é como se nunca tivesse acontecido.

Mais uma vez, não precisei perguntar o que ele quis dizer com “isso”.

— Alguém definitivamente colocou muito trabalho nesta casa. Tive sorte de encontrá-la.

Uma pausa, durante a qual me perguntei se ele perguntaria novamente como eu a encontrara... e o que diabos eu deveria dizer em resposta a essa

CHRISTINE POPE

pergunta. Em vez disso, ele perguntou: — Sua família não a construiu?

— Ah não. Nós nunca poderíamos ter comprado algo assim.

Minha resposta pareceu fazê-lo relaxar um pouco. Talvez ele estivesse pensando que eu era uma garota rica da cidade ou algo assim. Houve uma piada. Mas pude ver como isso poderia ter tornado as coisas ainda mais estranhas entre nós; eu sabia que a maioria dos residentes nativos americanos do meu estado não estava exatamente lucrando.

Bem, minha família também não era, então acrescentei: — Encontrei o papel quando estava atravessando. O cara que a construiu foi um promotor imobiliário de Phoenix. Duvido que ele apareça em breve.

Um aceno de cabeça, embora eu pudesse ver como Jason estava examinando a cozinha, desde os reluzentes utensílios de aço inoxidável até os armários personalizados e bancadas em granito. Eu não tinha ideia do que ele poderia estar pensando.

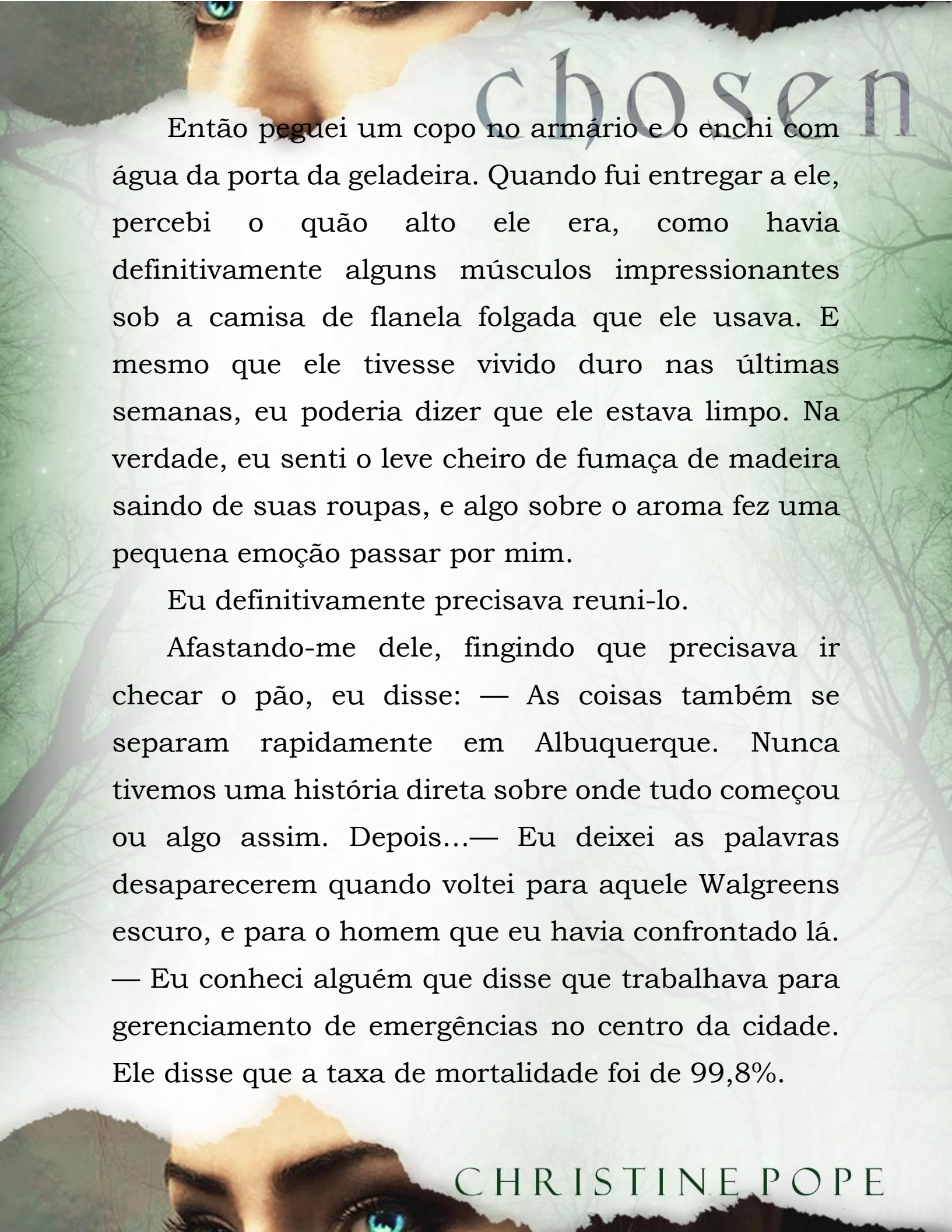
Naquele momento, fiquei estranhamente feliz por ter tido tanto cuidado em manter o local limpo. No passado, eu não era o que você poderia chamar de a maior governanta do mundo, mas agora descobri que limpar a casa me ajudava a me distrair e gastei algumas horas vazias.

Sua próxima pergunta me surpreendeu. — Você veio de Albuquerque. Nós éramos bastante isolados em Taos. Você já ouviu algo mais sobre a doença... onde tudo começou, taxas de mortalidade, algo assim?

Essa era a última coisa que eu queria falar, mas Jace claramente queria mais informações do que tinha chegado em casa. Não que eu tivesse muito a lhe dar. Mesmo assim, achei melhor parar um pouco enquanto calculava o quanto deveria dizer.

— Água? — Perguntei, e ele piscou, claramente surpreso com o a mudança de assunto, depois respondeu:

— Sim, obrigado.

The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, with her eyes looking upwards and to the left. Her skin is fair, and her hair is dark. The background is a soft, out-of-focus green, suggesting foliage or trees. The title 'Chosen' is written in a large, elegant, serif font at the top right. The author's name 'CHRISTINE POPE' is at the bottom right.

Chosen

Então peguei um copo no armário e o enchi com água da porta da geladeira. Quando fui entregar a ele, percebi o quão alto ele era, como havia definitivamente alguns músculos impressionantes sob a camisa de flanela folgada que ele usava. E mesmo que ele tivesse vivido duro nas últimas semanas, eu poderia dizer que ele estava limpo. Na verdade, eu senti o leve cheiro de fumaça de madeira saindo de suas roupas, e algo sobre o aroma fez uma pequena emoção passar por mim.

Eu definitivamente precisava reuni-lo.

Afastando-me dele, fingindo que precisava ir checar o pão, eu disse: — As coisas também se separam rapidamente em Albuquerque. Nunca tivemos uma história direta sobre onde tudo começou ou algo assim. Depois...— Eu deixei as palavras desaparecerem quando voltei para aquele Walgreens escuro, e para o homem que eu havia confrontado lá. — Eu conheci alguém que disse que trabalhava para gerenciamento de emergências no centro da cidade. Ele disse que a taxa de mortalidade foi de 99,8%.

CHRISTINE POPE

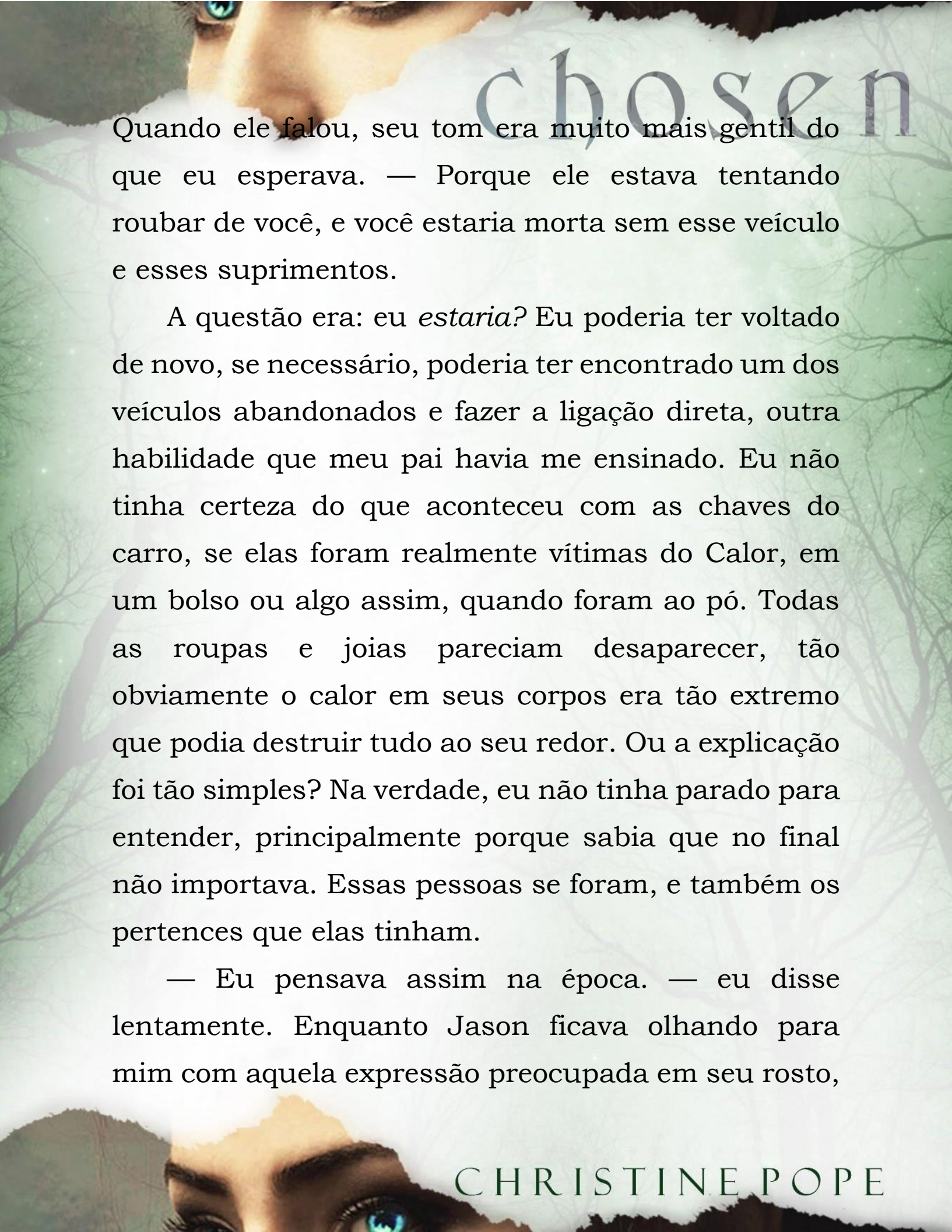
— Merda. — Com sua pele marrom, Jace não podia exatamente empalidecer, mas eu ainda vi o sangue parecer escorrer de seu rosto. Então seus olhos escuros pareciam afiados quando ele se concentrou no que eu tinha acabado de dizer. — Espere, você *conheceu* outro sobrevivente? Onde ele está?

Merda estava certa. Eu tinha acabado de conhecer Jace. Eu deveria dizer a ele que havia assassinado um homem?

Eu não vi muita maneira de contornar isso. Se nós realmente estaríamos compartilhando esta casa, eu não tinha certeza se queria manter esse grande segredo dele. Ele precisava saber, para poder decidir se valia a pena arriscar ficar.

— Ele está morto, — falei, minha voz rouca. — Ele tentou tirar meu veículo de mim, todos os suprimentos que eu juntei. Ele puxou uma arma para mim. Então eu atirei nele.

Silêncio. Jace olhou para mim, obviamente tentando processar o que eu tinha acabado de dizer.



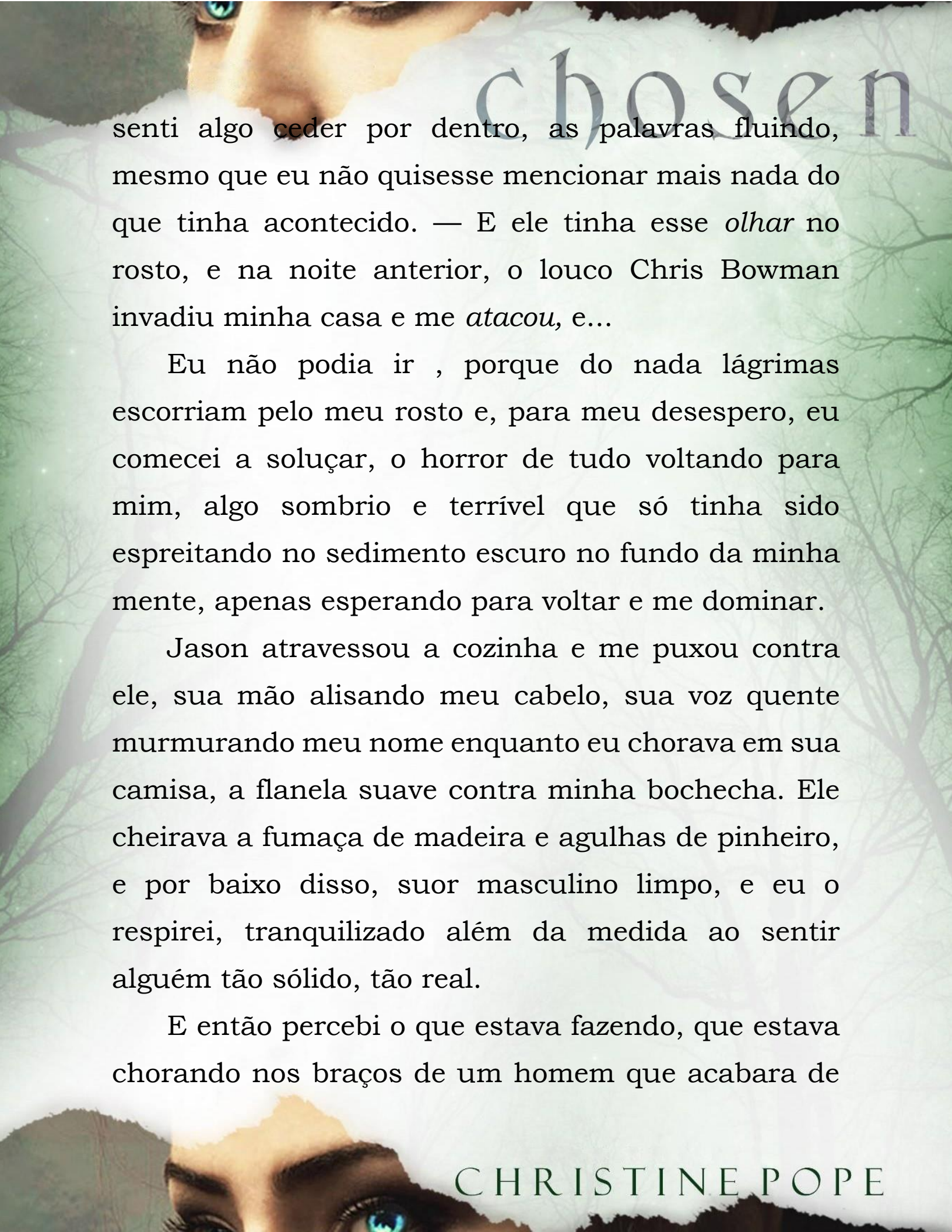
Chosen

Quando ele falou, seu tom era muito mais gentil do que eu esperava. — Porque ele estava tentando roubar de você, e você estaria morta sem esse veículo e esses suprimentos.

A questão era: eu *estaria*? Eu poderia ter voltado de novo, se necessário, poderia ter encontrado um dos veículos abandonados e fazer a ligação direta, outra habilidade que meu pai havia me ensinado. Eu não tinha certeza do que aconteceu com as chaves do carro, se elas foram realmente vítimas do Calor, em um bolso ou algo assim, quando foram ao pó. Todas as roupas e joias pareciam desaparecer, tão obviamente o calor em seus corpos era tão extremo que podia destruir tudo ao seu redor. Ou a explicação foi tão simples? Na verdade, eu não tinha parado para entender, principalmente porque sabia que no final não importava. Essas pessoas se foram, e também os pertences que elas tinham.

— Eu pensava assim na época. — eu disse lentamente. Enquanto Jason ficava olhando para mim com aquela expressão preocupada em seu rosto,

CHRISTINE POPE



chosen

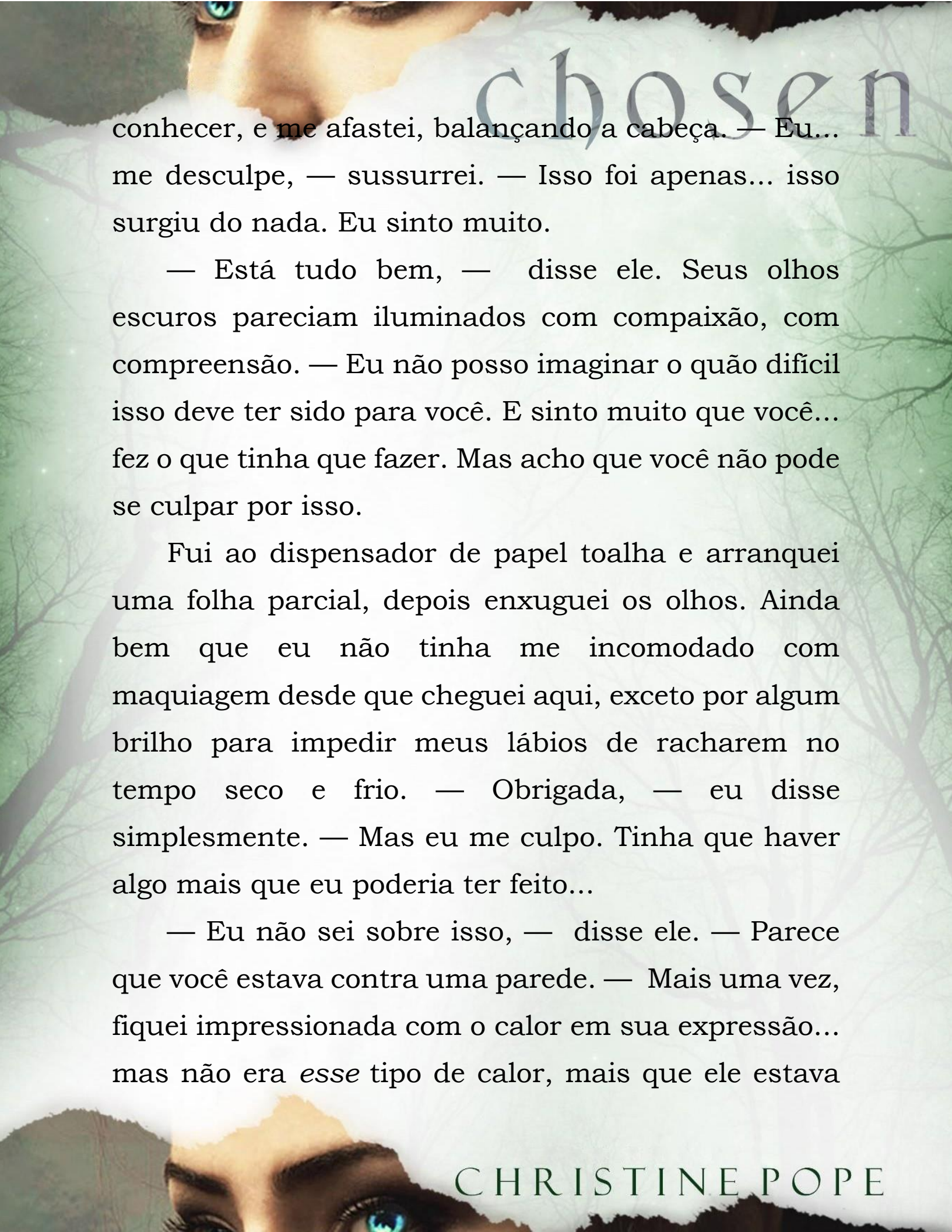
senti algo ceder por dentro, as palavras fluindo, mesmo que eu não quisesse mencionar mais nada do que tinha acontecido. — E ele tinha esse *olhar* no rosto, e na noite anterior, o louco Chris Bowman invadiu minha casa e me *atacou*, e...

Eu não podia ir , porque do nada lágrimas escorriam pelo meu rosto e, para meu desespero, eu comecei a soluçar, o horror de tudo voltando para mim, algo sombrio e terrível que só tinha sido espreitando no sedimento escuro no fundo da minha mente, apenas esperando para voltar e me dominar.

Jason atravessou a cozinha e me puxou contra ele, sua mão alisando meu cabelo, sua voz quente murmurando meu nome enquanto eu chorava em sua camisa, a flanela suave contra minha bochecha. Ele cheirava a fumaça de madeira e agulhas de pinheiro, e por baixo disso, suor masculino limpo, e eu o respirei, tranquilizado além da medida ao sentir alguém tão sólido, tão real.

E então percebi o que estava fazendo, que estava chorando nos braços de um homem que acabara de

CHRISTINE POPE



chosen

conhecer, e me afastei, balançando a cabeça. — Eu... me desculpe, — sussurrei. — Isso foi apenas... isso surgiu do nada. Eu sinto muito.

— Está tudo bem, — disse ele. Seus olhos escuros pareciam iluminados com compaixão, com compreensão. — Eu não posso imaginar o quão difícil isso deve ter sido para você. E sinto muito que você... fez o que tinha que fazer. Mas acho que você não pode se culpar por isso.

Fui ao dispensador de papel toalha e arranquei uma folha parcial, depois enxuguei os olhos. Ainda bem que eu não tinha me incomodado com maquiagem desde que cheguei aqui, exceto por algum brilho para impedir meus lábios de racharem no tempo seco e frio. — Obrigada, — eu disse simplesmente. — Mas eu me culpo. Tinha que haver algo mais que eu poderia ter feito...

— Eu não sei sobre isso, — disse ele. — Parece que você estava contra uma parede. — Mais uma vez, fiquei impressionada com o calor em sua expressão... mas não era esse tipo de calor, mais que ele estava

CHRISTINE POPE

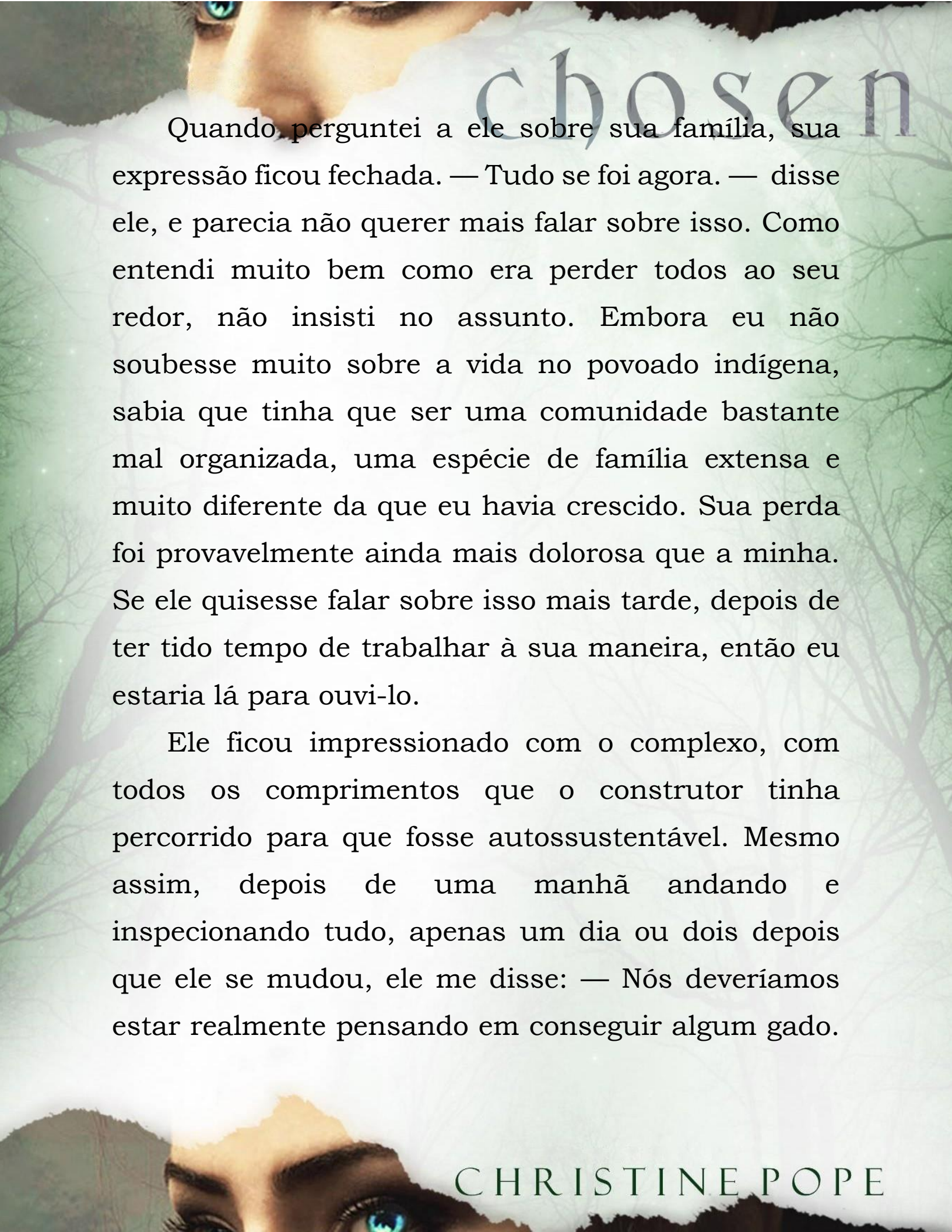
arrependido por eu ter passado por algo tão terrível.

— Mas estou feliz que você me disse a verdade.

Eu também, curiosamente. Eu tinha acabado de dizer a ele a pior coisa sobre mim, e ele nem tinha pintado. Isso tinha que ser um bom sinal.

— Estou feliz também, — eu disse a ele, querendo deixar a coisa toda para trás. De alguma forma, eu sabia que Jace não insistiria mais no assunto. — Agora, que tal um pouco desse pão?

E assim, Jason Little River veio morar no complexo. Ele assumiu o maior dos quartos secundários, colocando seus poucos pertences no armário de lá. Percebi que ele não havia trazido nenhum item pessoal, nenhuma fotografia de família ou qualquer coisa assim, ao contrário da foto de casamento dos meus pais que agora viviam na lareira da sala de estar ou na foto de todos nós em um dos jogos de futebol de Devin, que estava agora na cômoda do quarto principal.

The background of the page features a composite image. At the top, a close-up of a person's face is visible, with a single tear falling from their eye. The rest of the background is a soft-focus image of a forest with bare trees. The word 'chosen' is written in a large, light-colored, serif font across the top right, partially overlapping the face and the forest.

chosen

Quando perguntei a ele sobre sua família, sua expressão ficou fechada. — Tudo se foi agora. — disse ele, e parecia não querer mais falar sobre isso. Como entendi muito bem como era perder todos ao seu redor, não insisti no assunto. Embora eu não soubesse muito sobre a vida no povoado indígena, sabia que tinha que ser uma comunidade bastante mal organizada, uma espécie de família extensa e muito diferente da que eu havia crescido. Sua perda foi provavelmente ainda mais dolorosa que a minha. Se ele quisesse falar sobre isso mais tarde, depois de ter tido tempo de trabalhar à sua maneira, então eu estaria lá para ouvi-lo.

Ele ficou impressionado com o complexo, com todos os comprimentos que o construtor tinha percorrido para que fosse autossustentável. Mesmo assim, depois de uma manhã andando e inspecionando tudo, apenas um dia ou dois depois que ele se mudou, ele me disse: — Nós deveríamos estar realmente pensando em conseguir algum gado.

A close-up of a person's face, showing their eyes and a tear, is positioned at the bottom left of the page.

CHRISTINE POPE

Este lugar não é grande o suficiente para gado, mas talvez algumas cabras?

— Cabras? — Repeti, sem me preocupar em manter o ceticismo fora da minha voz. — Você não está sugerindo que *comamos* uma cabra, está?

Seus dentes brilharam ao sol da manhã enquanto ele sorria para mim. Era um dia brilhante e veloz, o céu manchado de nuvens, mas a luz do sol ainda ferozmente brilhante. Apesar do sol forte, eu podia sentir a mordida do vento, os sinais inconfundíveis de que o inverno estava chegando... e que seria muito mais frio do que qualquer coisa que eu já havia experimentado em Albuquerque.

— A *barbacoa* original foi feita com cabra, — ressaltou. Eu apenas levantei uma sobrancelha, e ele riu e continuou: — Eu estava pensando mais em termos de leite e queijo. O queijo que você tem agora não vai durar para sempre.

Bem, isso era verdade. Tínhamos muitos outros produtos básicos, mas alguns dos produtos perecíveis, como queijo e manteiga, estavam nas

últimas. — Você sabe como ordenhar uma cabra? — Perguntei.

— Não, mas ordenhava vacas. A técnica não pode ser tão diferente assim.

A maneira como ele disse isso, meio arco, meio brincando, me fez balançar a cabeça. — Ok, eu vou deixar você fazer isso. Supondo que possamos até encontrar cabras. Elas não eram exatamente grossas no chão, a última vez que verifiquei.

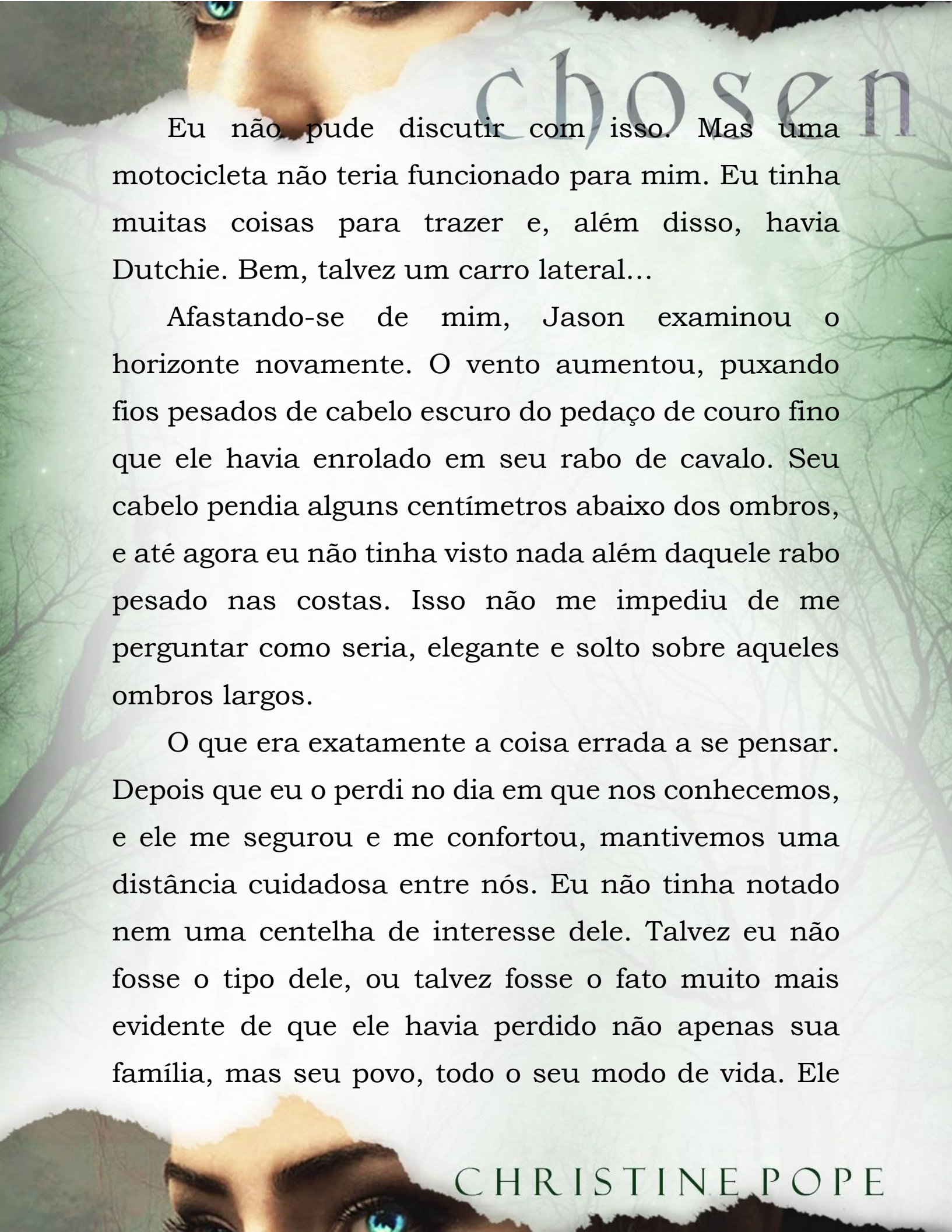
— Talvez não, mas provavelmente havia pessoas nos arredores da cidade que mantinham gado, e eu sei que vi cercados de animais em Nambe quando desci à cidade.

— Oh? — Perguntei. Foi a primeira vez que ele mencionou sua jornada até aqui. Eu não tinha pressionado, porque sabia melhor do que ninguém que havia algumas coisas que as pessoas simplesmente não queriam falar. Mesmo assim, eu me perguntava sobre a longa caminhada de Taos e o que ele havia encontrado nela.

— Sim. — Ele não estava olhando para mim, estava olhando para o norte e leste, presumivelmente na direção de onde tinha vindo. — Parte da razão pela qual demorei tanto para chegar aqui foi porque eu peguei a estrada principal de Taos. Achei que seria mais seguro ficar fora das estradas principais.

— E você andou todo esse caminho? — Perguntei, olhando para ele com alguma incredulidade. Eu tinha ouvido falar da High Road, mas nunca estive nela. A viagem cênica lateral foi a que minha família discutiu algumas vezes, mas esses planos nunca se concretizaram. Meu pai sempre foi do tipo ponto A ao ponto B e estava mais concentrado no destino do que na estrada que levava a ele.

Jace me deu um sorriso triste. — Não no começo. Eu tinha uma motocicleta, e já a havia montado com minha mochila, embora saiba que isso não é realmente recomendado. Mas pensei que poderia fazê-lo se mantivesse minha velocidade baixa. Além disso, uma motocicleta é muito mais fácil de manobrar em torno de veículos abandonados.



chosen

Eu não pude discutir com isso. Mas uma motocicleta não teria funcionado para mim. Eu tinha muitas coisas para trazer e, além disso, havia Dutchie. Bem, talvez um carro lateral...

Afastando-se de mim, Jason examinou o horizonte novamente. O vento aumentou, puxando fios pesados de cabelo escuro do pedaço de couro fino que ele havia enrolado em seu rabo de cavalo. Seu cabelo pendia alguns centímetros abaixo dos ombros, e até agora eu não tinha visto nada além daquele rabo pesado nas costas. Isso não me impediu de me perguntar como seria, elegante e solto sobre aqueles ombros largos.

O que era exatamente a coisa errada a se pensar. Depois que eu o perdi no dia em que nos conhecemos, e ele me segurou e me confortou, mantivemos uma distância cuidadosa entre nós. Eu não tinha notado nem uma centelha de interesse dele. Talvez eu não fosse o tipo dele, ou talvez fosse o fato muito mais evidente de que ele havia perdido não apenas sua família, mas seu povo, todo o seu modo de vida. Ele

CHRISTINE POPE

parecia estar se recuperando bastante bem, mas provavelmente foi um pouco absorvido da minha parte pensar que ele estaria interessado em qualquer tipo de envolvimento romântico logo depois de sofrer esse tipo de choque.

Além disso, não era certeza que eu estava interessada em nada disso. Sim, Jace era extremamente bonito, e ele tinha um jeito descontraído com ele, que eu apreciei, depois de alguns dos caras nervosos que eu namorara no passado, mas nosso foco deveria estar na sobrevivência em primeiro lugar. Esses outros tipos de complicações estavam bem abaixo da minha lista de prioridades.

E, de qualquer forma, os rompimentos já eram ruins o suficiente quando você tinha uma chance decente de nunca mais ver a outra pessoa. Eu não tinha exatamente esse luxo no momento.

Jace não parecia ter notado minha preocupação, pois parecia estar absorvido no estudo dos contornos longínquos da cordilheira de Jemez. Notei que ele

segurava algo na mão, uma tanga de couro amarrada através de um buraco em uma pedra negra polida. Seu polegar se movia sobre ela, o movimento lembrando-me dos grânulos da preocupação por vezes usados por homens gregos.

Então ele disse: — Mas eu peguei algo no meu pneu em Placita. Eu tinha um kit de remendo na minha mochila, mas não era apenas uma unha que explodiu o pneu, mas uma pedra afiada. Eu perdi duas noites lá, tentando consertá-lo, vasculhando para ver se eu poderia encontrar alguma coisa para substituí-lo, mas isso não era possível.

— Ninguém aí também? — Eu perguntei, embora eu já soubesse qual seria a resposta.

— Não. Nenhuma alma. Fiz algumas para envelhecer para reabastecer meus suprimentos, e foi isso que me atrasou ainda mais. Ou talvez eu simplesmente não estivesse ansioso por aquela longa caminhada.

Teria sido isso. Mesmo com a parte da viagem que ele raspou andando de moto, ele ainda tinha que

caminhar uns bons quarenta quilômetros. Mais longe, na verdade, porque ainda estava a cerca de 24 quilômetros de Nambe, no coração de Santa Fé, e depois a oito quilômetros desta dobra oculta das colinas onde o complexo estava localizado.

— Mas você fez assim mesmo.

Ele assentiu e enfiou a pedra polida que estava segurando no bolso. — Não havia mais nada em Taos. Eu vaguei lá por cerca de um dia e meio, eu estava no pueblo quando a doença chegou, e nossos curandeiros não podiam fazer nada para combatê-la. As pessoas estavam sendo instruídas a ficar em casa, que o centro médico local não tinha recursos para tratar tantas vítimas de uma só vez. Então... eu fiquei lá e vi todos morrerem ao meu redor.

— E esperou para descobrir quando seria a sua vez. — eu disse calmamente.

Finalmente, ele mudou para que seu olhar caísse sobre mim, em vez daquele horizonte distante e irregular. Aqueles olhos negros, em suas franjas de cílios igualmente negros, ficaram assustados, mas

então ele assentiu em entendimento. — Sim. Foi exatamente o que eu fiz. Mas depois que outro dia se passou, e todo mundo se foi deixando para trás apenas poeira, percebi que não teria a sorte de me juntar a todo o meu povo na vida após a morte. Eu estava condenado a flutuar aqui, em um mundo que não tinha escolhido.

Eu provavelmente não teria formulado dessa maneira, mas ele estava certo, era exatamente isso que parecia. Sendo lançado à deriva em águas escuras, remando desesperadamente, embora você não tivesse ideia de por que tinha sido empurrado para aquele oceano negro em primeiro lugar. — Então você foi embora?

Ele assentiu e mais uma vez sua atenção voltou para o horizonte, para as montanhas que bloqueavam sua visão do lugar que ele chamara de lar. — Bem, eu fui do pueblo para o meu apartamento. Pelo menos eu tinha levado a motocicleta comigo, para que a viagem não demorasse muito. Durante todo o caminho, não vi ninguém, apenas carros à esquerda na beira da

estrada. A mesma coisa no meu apartamento, era um prédio pequeno, com apenas quatro unidades, mas todos os hotéis estavam igualmente desertos.

Seus ombros se ergueram sob a jaqueta de couro que ele usava, embora eu não tivesse muita certeza do motivo do encolher de ombros. Ignorando suas tentativas fúteis de encontrar sobreviventes? Eu não o conhecia o suficiente para adivinhar.

— Enfim, — ele continuou. — Eu sabia que ficar em Taos provavelmente não era uma boa ideia. É uma cidade pequena... era, quero dizer... e as chances de encontrar alguém que sobreviveu ao Calor eram muito baixas. Arrumei o que pude e saí. Eu vi aquela mulher quando eu estava saindo da cidade, mas, como eu disse, ela decolou no segundo em que me viu. Talvez ela tenha pensado que eu era um fantasma. — Ele sorriu então, mas sombriamente, apenas a menor elevação nos cantos da boca.

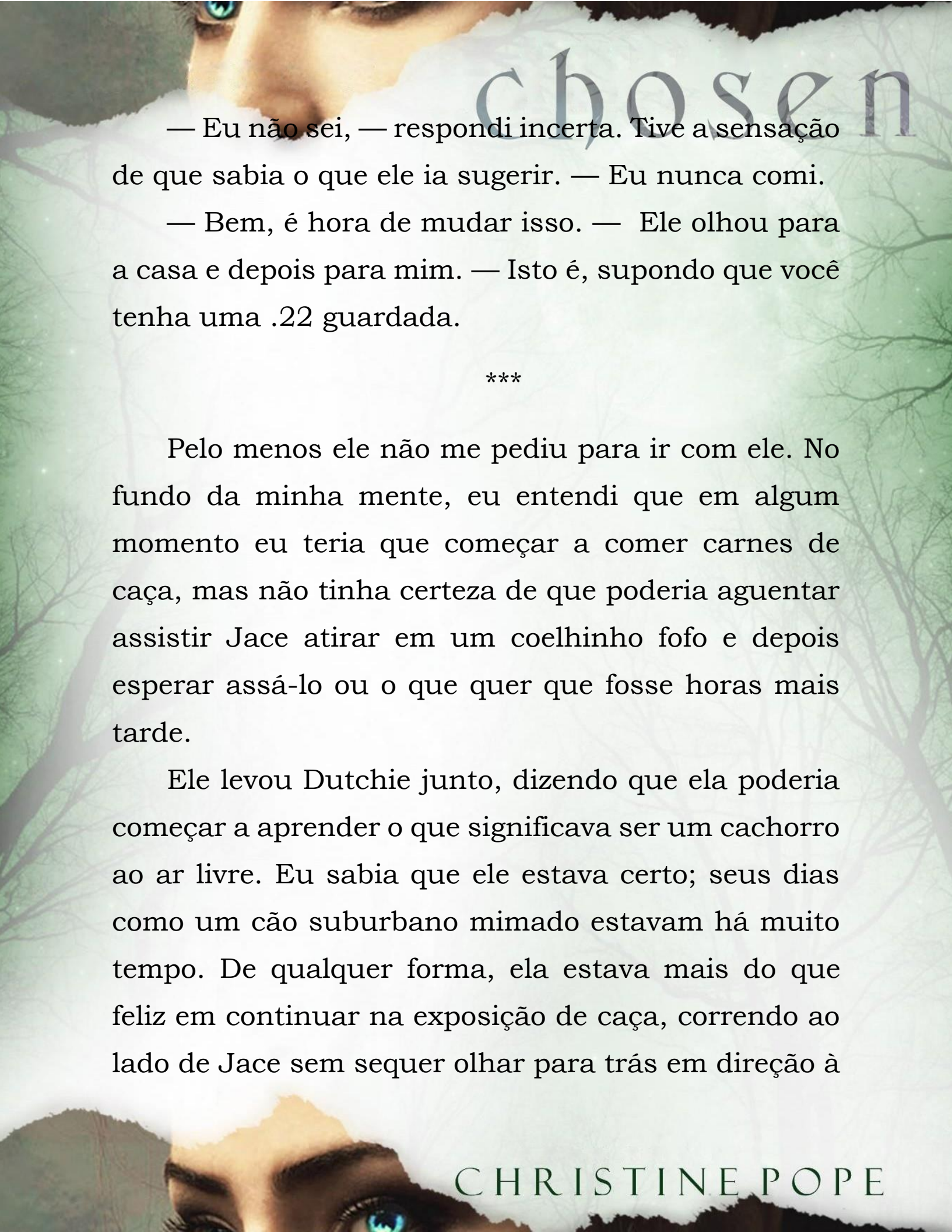
Ou um estuprador, pensei, lembrando minhas próprias experiências. Eu não disse nada em voz alta, no entanto. Seja o que for, Jason Little River

claramente *não* era um estuprador. — E o vinho? — Perguntei.

— A sala de degustação de La Chiripada ficava na mesma rua de onde eu morava. Como não havia ninguém por perto, achei que não importaria se liberasse algumas garrafas. Tive a sensação de que poderia precisar de uma bebida no futuro próximo. Ou, — acrescentou, com um sorriso real desta vez, sua expressão esquentando quando ele olhou para mim, — uma oferta de paz.

Tentei não corar, mas não tinha certeza do sucesso que tive. Com alguma sorte, ele pensaria que o rubor nas minhas bochechas tinha vindo do vento forte que soprava do norte, e não da maneira que ele acabou de olhar para mim. — Por falar em vinho, — eu disse, meu tom provavelmente muito casual, — deveríamos ter algo especial para comer. Tamales congelados provavelmente não são festivos o suficiente.

— Você gosta de coelho? — Jace perguntou, um brilho naqueles olhos roxos.



chosen

— Eu não sei, — respondi incerta. Tive a sensação de que sabia o que ele ia sugerir. — Eu nunca comi.

— Bem, é hora de mudar isso. — Ele olhou para a casa e depois para mim. — Isto é, supondo que você tenha uma .22 guardada.

Pelo menos ele não me pediu para ir com ele. No fundo da minha mente, eu entendi que em algum momento eu teria que começar a comer carnes de caça, mas não tinha certeza de que poderia aguentar assistir Jace atirar em um coelhinho fofo e depois esperar assá-lo ou o que quer que fosse horas mais tarde.

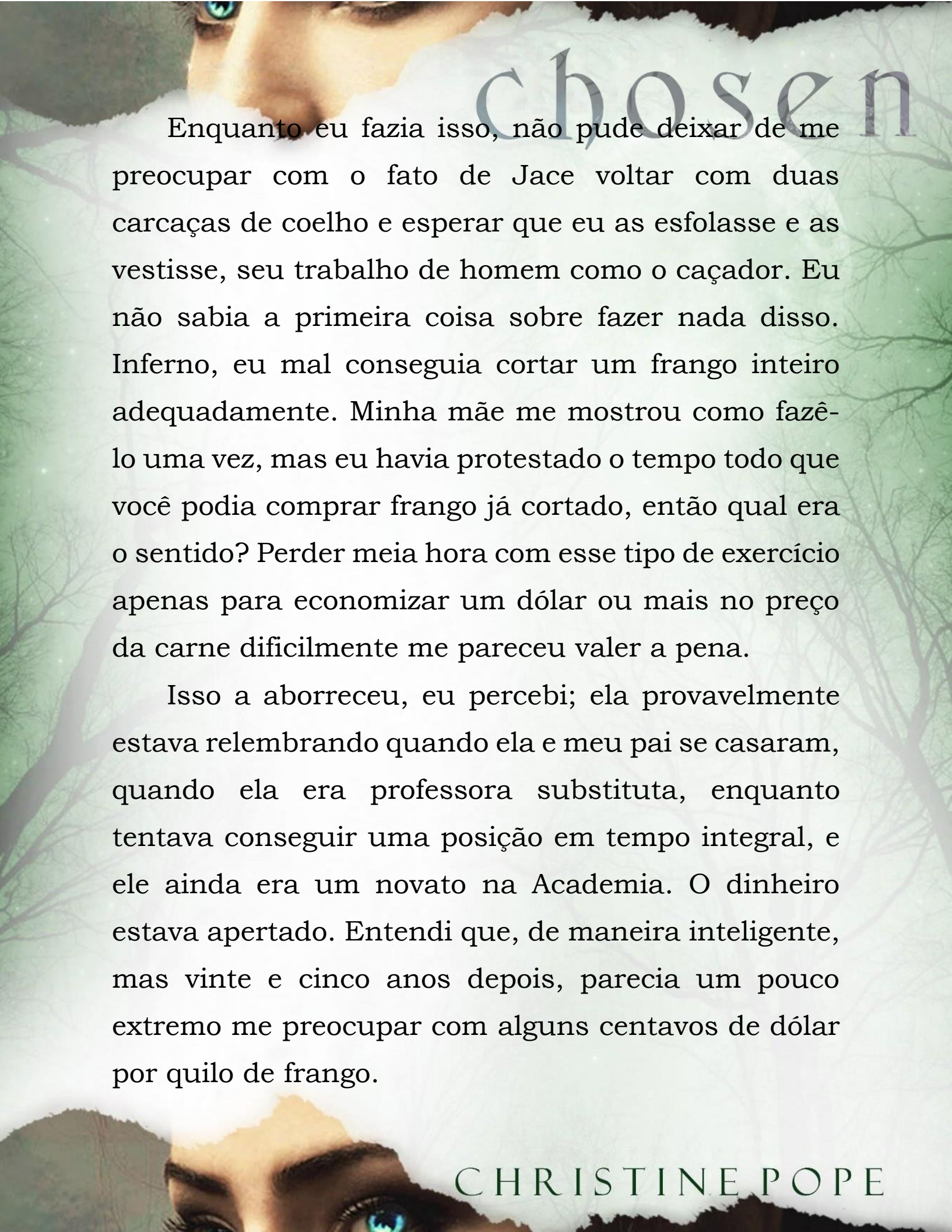
Ele levou Dutchie junto, dizendo que ela poderia começar a aprender o que significava ser um cachorro ao ar livre. Eu sabia que ele estava certo; seus dias como um cão suburbano mimado estavam há muito tempo. De qualquer forma, ela estava mais do que feliz em continuar na exposição de caça, correndo ao lado de Jace sem sequer olhar para trás em direção à

CHRISTINE POPE

casa. Eu só esperava que ela não assustasse todos os coelhos em um raio de oito quilômetros.

Enquanto isso, eu tive que vasculhar os livros de receitas que ficavam na prateleira montada na parede da cozinha para ver se encontrava algo sobre cozinhar coelho. Na verdade, isso não me levou muito tempo, porque, além dos livros de receitas padrão *Joy of Cooking* e *Better Homes and Gardens*, eu encontrei vários especiais, incluindo um título dedicado a cozinhar todos os tipos de carnes de caça, começando com coelho e codorna e subindo de lá.

Depois disso, era uma questão de examinar as receitas e decidir qual parecia melhor, e uma para a qual eu realmente tinha todos os ingredientes à mão. Decidi que o coelho com variação de molho de mostarda parecia bom. Desde que eu já tinha colhido algumas cebolas e alho da estufa alguns dias antes, tudo o que eu tinha a fazer era resgatar a cebola da geladeira e o alho do pequeno guardador de terracota que estava no balcão.

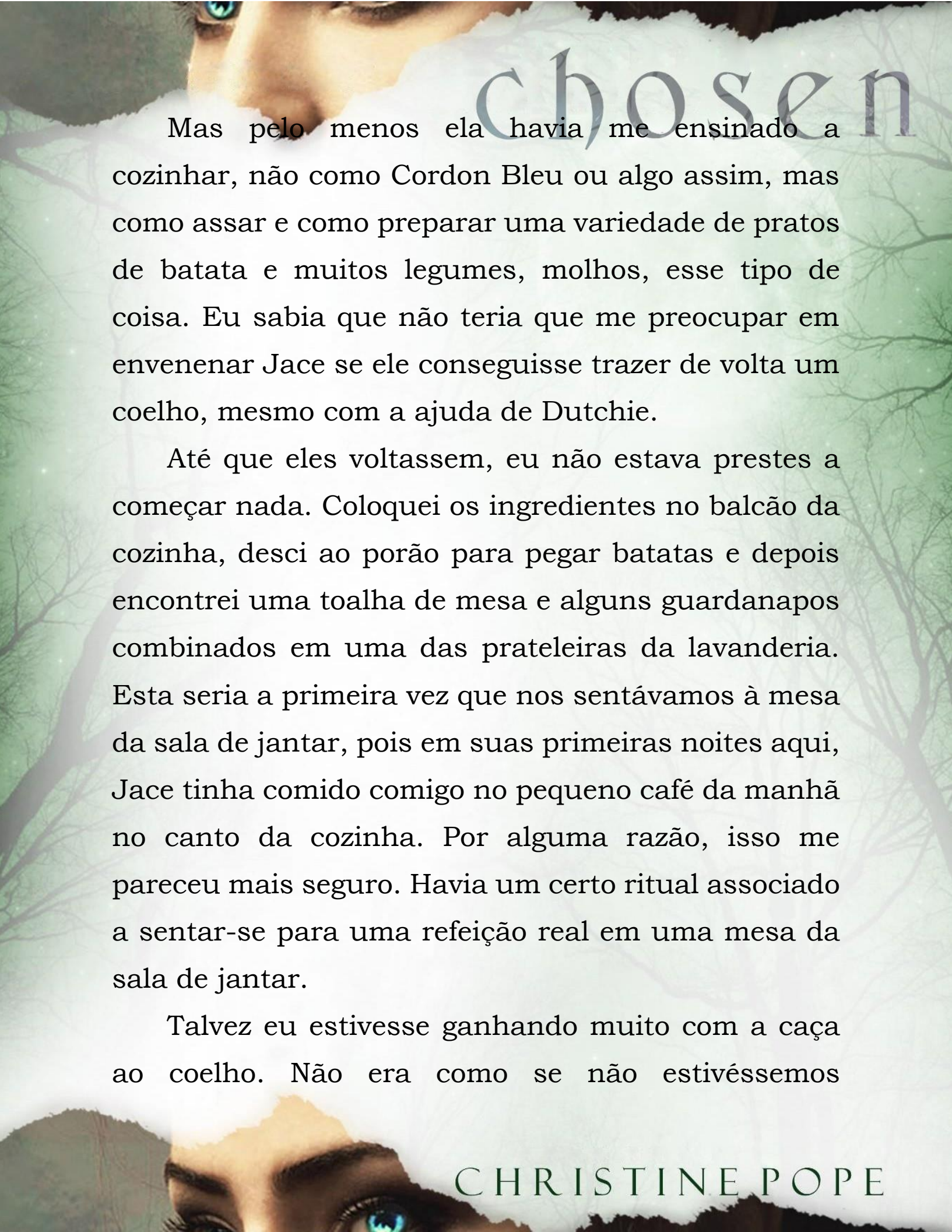
The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, with her eyes looking upwards and to the left. The image is partially obscured by a torn paper effect at the top and bottom. The background is a soft green color with faint, dark green outlines of trees or foliage.

chosen

Enquanto eu fazia isso, não pude deixar de me preocupar com o fato de Jace voltar com duas carcaças de coelho e esperar que eu as esfolasse e as vestisse, seu trabalho de homem como o caçador. Eu não sabia a primeira coisa sobre fazer nada disso. Inferno, eu mal conseguia cortar um frango inteiro adequadamente. Minha mãe me mostrou como fazê-lo uma vez, mas eu havia protestado o tempo todo que você podia comprar frango já cortado, então qual era o sentido? Perder meia hora com esse tipo de exercício apenas para economizar um dólar ou mais no preço da carne dificilmente me pareceu valer a pena.

Isso a aborreceu, eu percebi; ela provavelmente estava relembrando quando ela e meu pai se casaram, quando ela era professora substituta, enquanto tentava conseguir uma posição em tempo integral, e ele ainda era um novato na Academia. O dinheiro estava apertado. Entendi que, de maneira inteligente, mas vinte e cinco anos depois, parecia um pouco extremo me preocupar com alguns centavos de dólar por quilo de frango.

CHRISTINE POPE



Chosen

Mas pelo menos ela havia me ensinado a cozinhar, não como Cordon Bleu ou algo assim, mas como assar e como preparar uma variedade de pratos de batata e muitos legumes, molhos, esse tipo de coisa. Eu sabia que não teria que me preocupar em envenenar Jace se ele conseguisse trazer de volta um coelho, mesmo com a ajuda de Dutchie.

Até que eles voltassem, eu não estava prestes a começar nada. Coloquei os ingredientes no balcão da cozinha, descii ao porão para pegar batatas e depois encontrei uma toalha de mesa e alguns guardanapos combinados em uma das prateleiras da lavanderia. Esta seria a primeira vez que nos sentávamos à mesa da sala de jantar, pois em suas primeiras noites aqui, Jace tinha comido comigo no pequeno café da manhã no canto da cozinha. Por alguma razão, isso me pareceu mais seguro. Havia um certo ritual associado a sentar-se para uma refeição real em uma mesa da sala de jantar.

Talvez eu estivesse ganhando muito com a caça ao coelho. Não era como se não estivéssemos

CHRISTINE POPE

comendo muito desse tipo de coisa no futuro, se ele realmente fosse útil com isso e uma .22. Por outro lado, fazer uma ocasião disso pode nos fazer sentir um pouco melhor sobre nossa situação atual.

Esse pensamento pareceu me tranquilizar, então fui em frente e terminei de arrumar a mesa, concluindo a instalação com o longo castiçal de ferro forjado que estava sentado no aparador. Ele segurava cinco velas de pilar e fornecia muita luz.

Jantares à luz de velas? Me perguntei. *Garota, você realmente está pedindo problemas.*

Eu decidi que, se Jace perguntasse, eu diria que era uma boa maneira de economizar energia.

Ele voltou mais ou menos uma hora depois, Dutchie pulando ao seu lado e uma bagunça muito bagunçada de coelho pendurada em uma bolsa em uma mão. Então ele havia me matado, provavelmente adivinhando que me pedir para lidar com esse dever em particular teria prejudicado minhas delicadas sensibilidades.

— Obrigado, — eu disse, pegando o pacote dele.
— Encontrei uma receita com molho de mostarda.
Isso soa bem para você?

— Parece ótimo, — respondeu ele. Ele estava soprando pelo vento, mas parecia muito mais relaxado e feliz do que quando estava me contando sobre como havia deixado Taos. Sair ao ar livre e fugir da casa parecia ter feito um mundo de bem. — Eu preciso me limpar. Você pode gerenciar as coisas daqui?

Em outro mundo, eu poderia ter reclamado de ter que fazer o típico prato feminino de cozinhar, agora que ele havia ensacado seus coelhos. Na verdade, porém, fiquei grata por ele ter conseguido sair e pegar comida para nós. Ele sabia caçar; eu sabia cozinhar. Parecia uma divisão de trabalho bastante justa de onde eu estava.

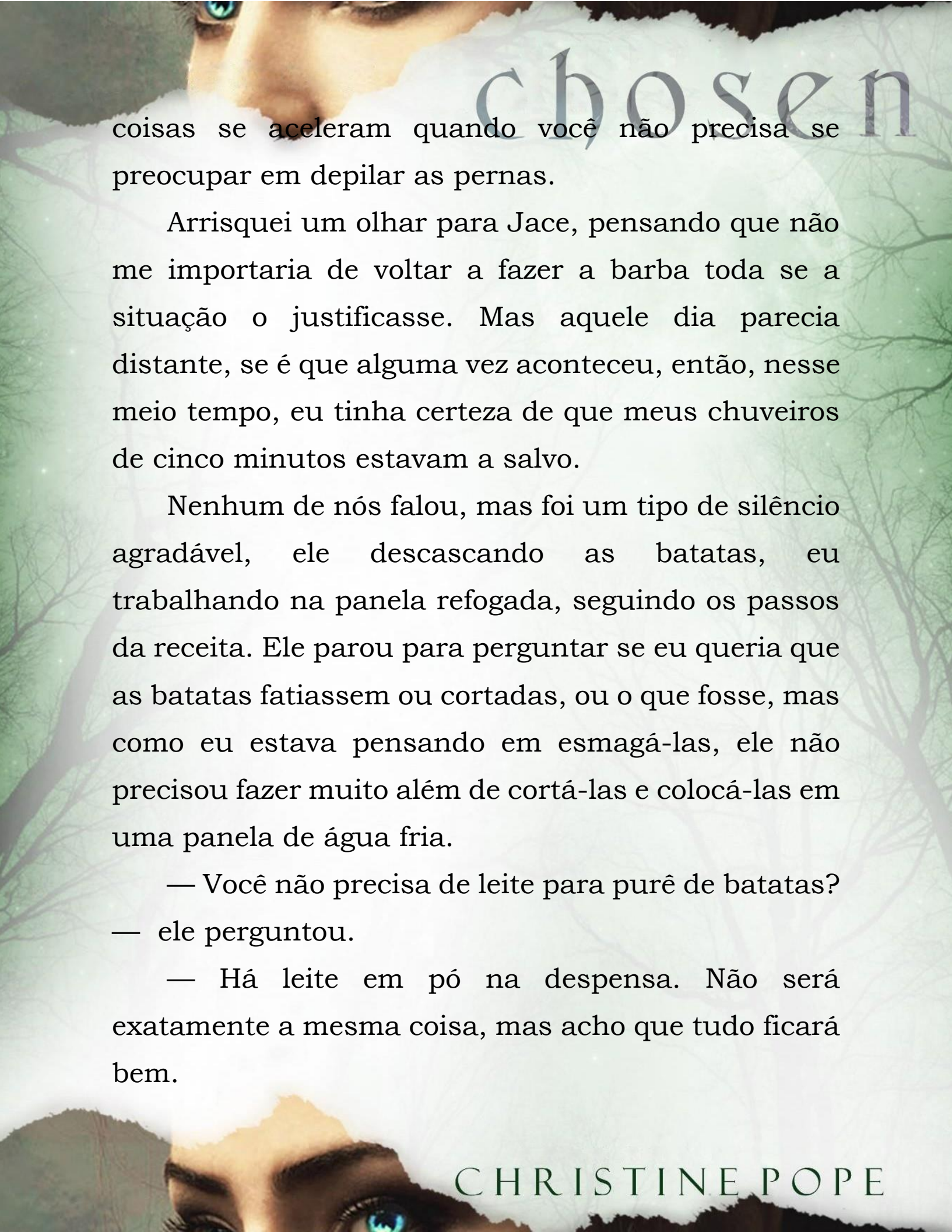
O pacote de partes de coelho era um pouco mais sangrento do que algo que eu teria comprado no supermercado, mas eu não era tão melindrosa que não aguentava. Lavei tudo e passei a seco, depois

salpiquei os pedaços com sal e pimenta enquanto aquecia um pouco de azeite em uma panela. Quando o coelho estava dourando, Jace voltou para a cozinha, rosto e mãos parecendo recém-lavados, e perguntou se eu precisava de ajuda para descascar as batatas.

Ok, tanto pela minha preocupação em pensar que ele iria sentar na bunda dele e assistir a um DVD de *Die Hard* ou algo assim enquanto eu trabalhava na cozinha.

— Sim —, eu disse. — Obrigada.

Ele foi trabalhar, poupando a água, pela qual eu estava agradecida. Até agora, parecia que o poço conseguia lidar com qualquer coisa que jogássemos nele, incluindo chuveiros diários para nós dois, mas nunca doía ter cuidado. Eu costumava tomar banhos longos e quentes, do tipo que basicamente mataria toda a água quente no local quando eu terminava, mas quando cheguei aqui, me treinei novamente para que todo o procedimento levasse apenas cinco minutos. Não é a tarefa mais fácil a princípio, mas as



chosen

coisas se aceleram quando você não precisa se preocupar em depilar as pernas.

Arrisquei um olhar para Jace, pensando que não me importaria de voltar a fazer a barba toda se a situação o justificasse. Mas aquele dia parecia distante, se é que alguma vez aconteceu, então, nesse meio tempo, eu tinha certeza de que meus chuveiros de cinco minutos estavam a salvo.

Nenhum de nós falou, mas foi um tipo de silêncio agradável, ele descascando as batatas, eu trabalhando na panela refogada, seguindo os passos da receita. Ele parou para perguntar se eu queria que as batatas fatiassem ou cortadas, ou o que fosse, mas como eu estava pensando em esmagá-las, ele não precisou fazer muito além de cortá-las e colocá-las em uma panela de água fria.

— Você não precisa de leite para purê de batatas?
— ele perguntou.

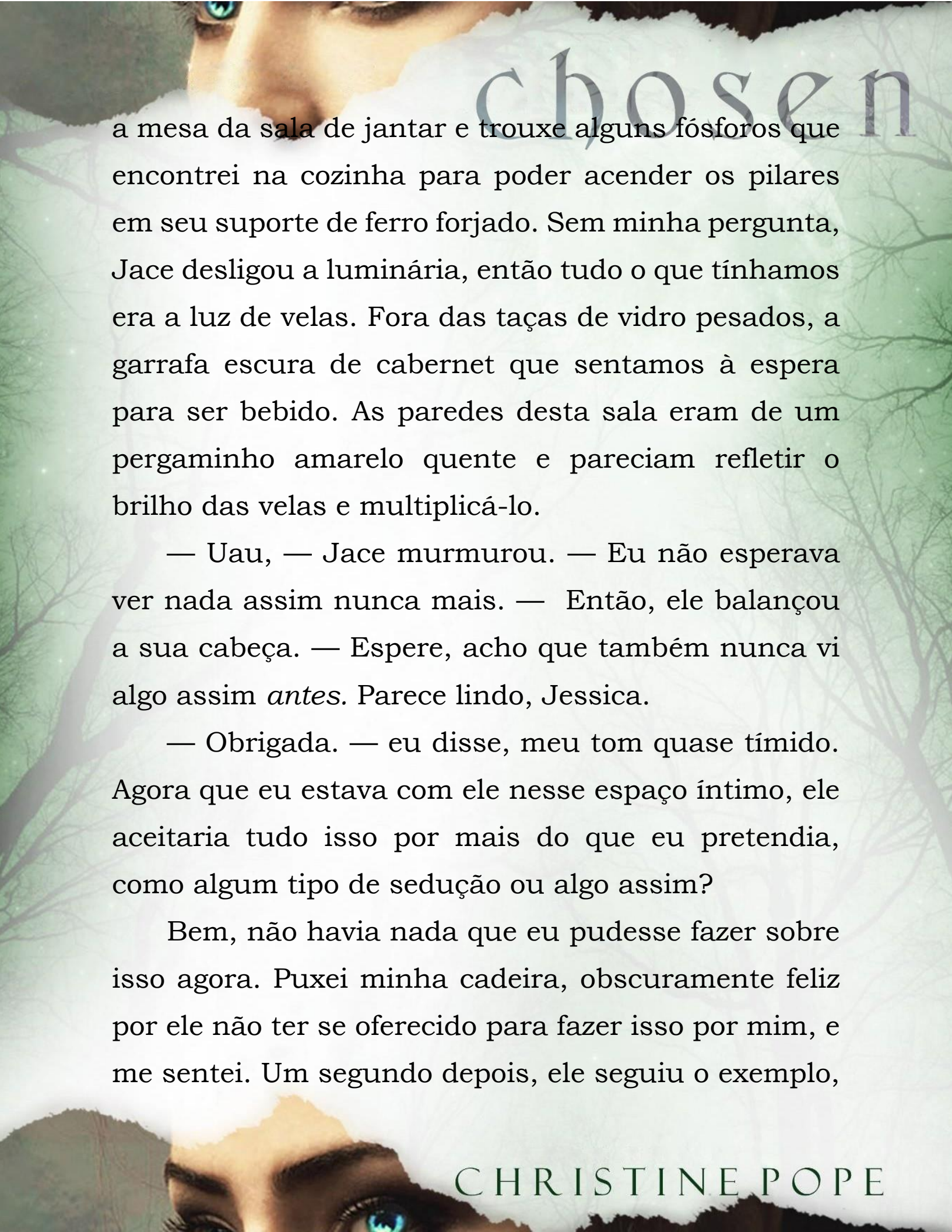
— Há leite em pó na despensa. Não será exatamente a mesma coisa, mas acho que tudo ficará bem.

CHRISTINE POPE

Pude notar pela maneira como as sobrancelhas dele se uniram que ele não estava exatamente emocionado com a ideia de leite em pó, mas ele não disse nada, apenas foi buscar a caixa e depois misturar um lote para mim. Bem, se fosse um problema tão grande, no dia seguinte eu o mandava em busca de cabras perdidas que vagavam pela área, procurando um lar. Dutchie provavelmente ficaria extasiada com a perspectiva desse tipo de expedição.

A cachorra definitivamente se agarrou a Jace. Talvez ela estivesse mais ligada ao Sr. Munoz, em Albuquerque. Ou talvez Jace fosse uma daquelas pessoas que os cães tendiam a amar. Eu não sabia e, no final, não importava. Jace era o novo melhor amigo de Dutchie. Isso não me incomodou tanto quanto eu pensei que poderia ter acontecido, simplesmente porque Dutchie provou ser uma julgadora decente de caráter. Se ela gostava de Jace, isso significa que ele era bom.

Já estava escuro quando o jantar estava pronto. Jace e eu carregamos os vários pratos e tigelas para



chosen

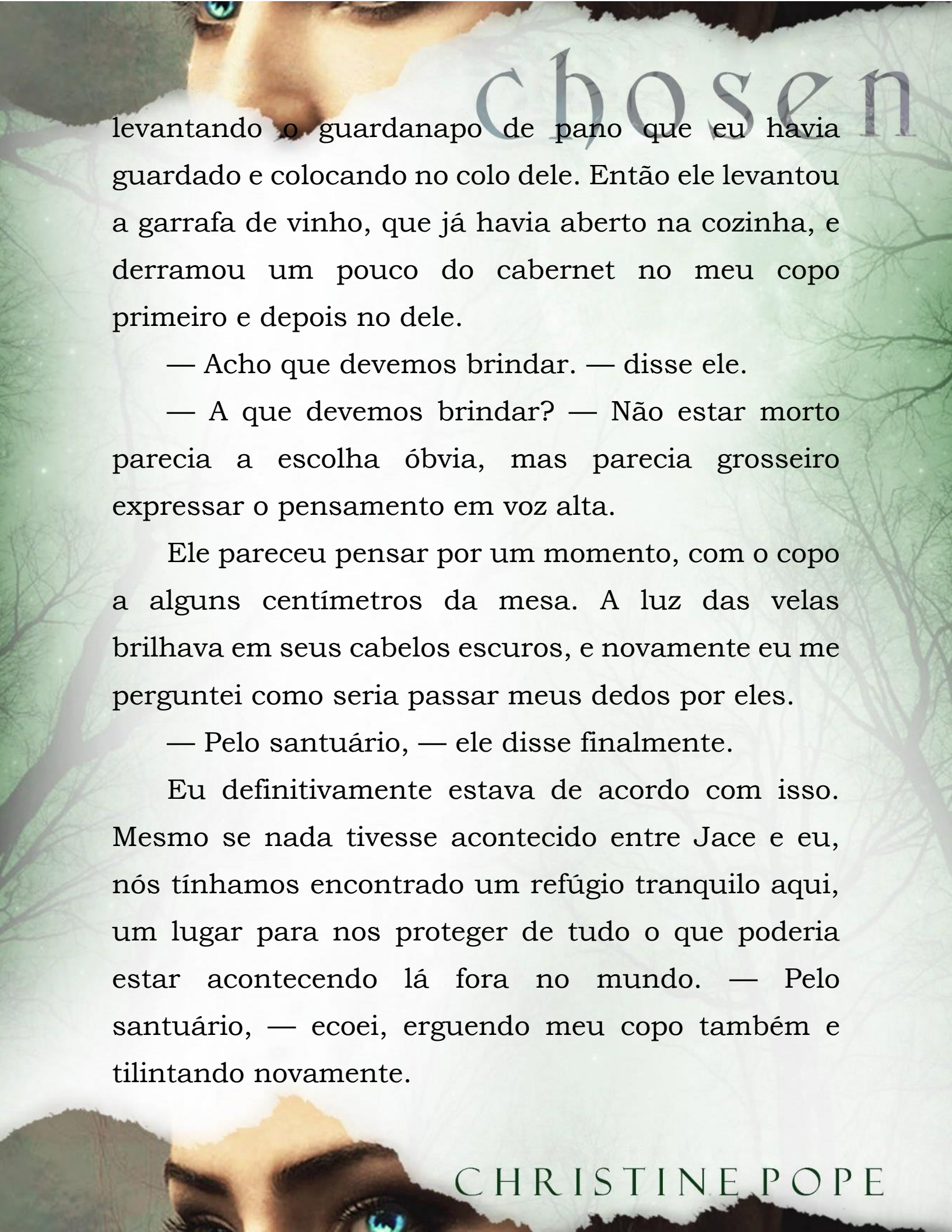
a mesa da sala de jantar e trouxe alguns fósforos que encontrei na cozinha para poder acender os pilares em seu suporte de ferro forjado. Sem minha pergunta, Jace desligou a luminária, então tudo o que tínhamos era a luz de velas. Fora das taças de vidro pesados, a garrafa escura de cabernet que sentamos à espera para ser bebido. As paredes desta sala eram de um pergaminho amarelo quente e pareciam refletir o brilho das velas e multiplicá-lo.

— Uau, — Jace murmurou. — Eu não esperava ver nada assim nunca mais. — Então, ele balançou a sua cabeça. — Espere, acho que também nunca vi algo assim *antes*. Parece lindo, Jessica.

— Obrigada. — eu disse, meu tom quase tímido. Agora que eu estava com ele nesse espaço íntimo, ele aceitaria tudo isso por mais do que eu pretendia, como algum tipo de sedução ou algo assim?

Bem, não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso agora. Puxei minha cadeira, obscuramente feliz por ele não ter se oferecido para fazer isso por mim, e me sentei. Um segundo depois, ele seguiu o exemplo,

CHRISTINE POPE



Chosen

levantando o guardanapo de pano que eu havia guardado e colocando no colo dele. Então ele levantou a garrafa de vinho, que já havia aberto na cozinha, e derramou um pouco do cabernet no meu copo primeiro e depois no dele.

— Acho que devemos brindar. — disse ele.

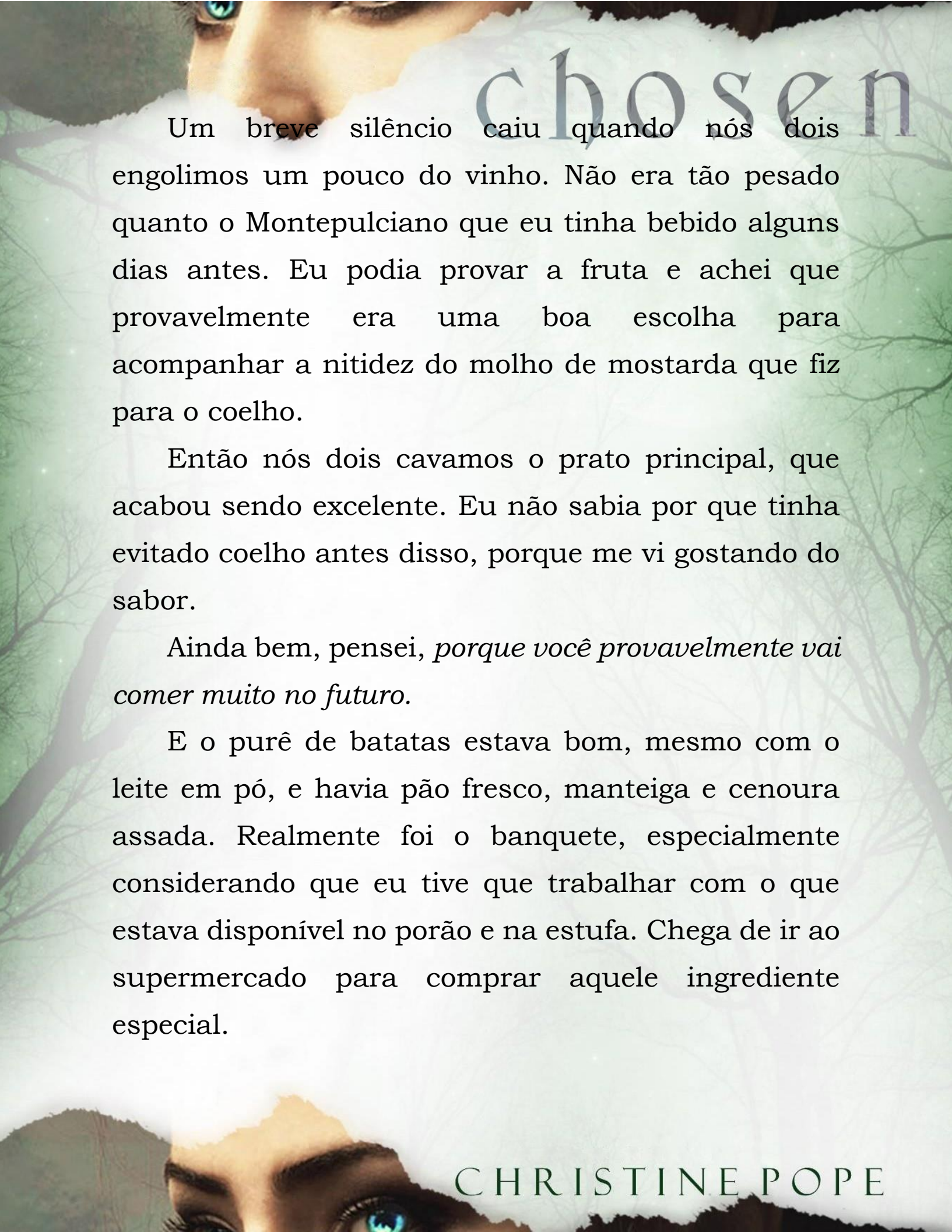
— A que devemos brindar? — Não estar morto parecia a escolha óbvia, mas parecia grosseiro expressar o pensamento em voz alta.

Ele pareceu pensar por um momento, com o copo a alguns centímetros da mesa. A luz das velas brilhava em seus cabelos escuros, e novamente eu me perguntei como seria passar meus dedos por eles.

— Pelo santuário, — ele disse finalmente.

Eu definitivamente estava de acordo com isso. Mesmo se nada tivesse acontecido entre Jace e eu, nós tínhamos encontrado um refúgio tranquilo aqui, um lugar para nos proteger de tudo o que poderia estar acontecendo lá fora no mundo. — Pelo santuário, — ecoei, erguendo meu copo também e tilintando novamente.

CHRISTINE POPE



chosen

Um breve silêncio caiu quando nós dois engolimos um pouco do vinho. Não era tão pesado quanto o Montepulciano que eu tinha bebido alguns dias antes. Eu podia provar a fruta e achei que provavelmente era uma boa escolha para acompanhar a nitidez do molho de mostarda que fiz para o coelho.

Então nós dois cavamos o prato principal, que acabou sendo excelente. Eu não sabia por que tinha evitado coelho antes disso, porque me vi gostando do sabor.

Ainda bem, pensei, *porque você provavelmente vai comer muito no futuro.*

E o purê de batatas estava bom, mesmo com o leite em pó, e havia pão fresco, manteiga e cenoura assada. Realmente foi o banquete, especialmente considerando que eu tive que trabalhar com o que estava disponível no porão e na estufa. Chega de ir ao supermercado para comprar aquele ingrediente especial.

CHRISTINE POPE

— Isso é... incrível, — Jace finalmente disse, depois de fazer algumas incursões sérias na comida em seu prato. — Você era uma chef ou algo assim?

— Estranhamente não. — Tomei um gole de vinho para cobrir meu constrangimento, as bochechas em chamas. Eu realmente precisava controlar essa coisa de corar de uma maneira ou de outra. — Minha mãe me ensinou a cozinhar. Ou seja, ela apontou que seguia principalmente instruções, pelo menos para as coisas básicas. Então... foi o que eu fiz hoje à noite. Instruções seguidas.

— Ainda é incrível. — Ele disse com uma expressão, pensativo, ele bebeu um pouco de seu próprio vinho. — Então o que você fazia? Antes, quero dizer.

— Eu estava fazendo meu mestrado na UNM, então eu ministrava alguns cursos. Inglês, muitas notas de papel, principalmente. — Peguei um pedaço de pão, mas não o comi, apenas o enrolei entre o dedo e o polegar. — E você?

— Eu me formei na UNM há quatro anos e voltei para Taos. — Ele olhou para mim diretamente então, como se estivesse estudando minhas feições, e era difícil permanecer como eu, para não desviar o olhar. — Devíamos estar lá ao mesmo tempo, mas acho que não haveria muita sobreposição. Você seria caloura quando eu estivesse no último ano.

Eu poderia dizer que sua expressão era um pouco arrependida, mas eu não queria ler muito nela. Dessa forma, só havia decepção.

— Enfim, — continuou ele, — depois voltei a Taos. Realizei turnês no pueblo parte do tempo e durante o resto do tempo comecei a dar andamento aos meus negócios.

— Que tipo de negócio? — Eu perguntei, depois de finalmente lembrar de comer o pedaço de pão que eu estava segurando.

— Criação de sites e design gráfico. Trabalhei para as empresas locais. Principalmente empresas de publicidade. As turnês pagaram muito mais.

Essa revelação me surpreendeu. — Elas pagam?

— Oh sim. — Ele pegou um pedaço de pão e depois passou manteiga. Quando ele continuou, ele exibia um sorriso bastante irônico. — Você ficaria surpresa com o quanto os turistas estavam dispostos a pagar. Em um bom dia, eu poderia ganhar cerca de trezentos dólares.

Eu apenas olhei para ele, e ele se apressou a dizer:

— Sem ofensa. Mas acho que é parte do motivo pelo qual eles estão dispostos a entregar vinte, ou mais, para uma excursão de meia hora pelo pueblo. — Seu olhar se afiou em mim, e novamente eu tive que me forçar a olhar para ele diretamente. — De qualquer forma, eu diria que, para olhar para você, você deve ter um pouco de sangue das Primeiras Nações na pilha de lenha. Ou estou exagerando?

Então era isso, ele estava apenas inspecionando minha aparência em uma tentativa de determinar minhas próprias origens. Justo. Ele se sentiria melhor, sabendo que eu tinha minha própria herança nativa americana? — Não, você não está exagerando,

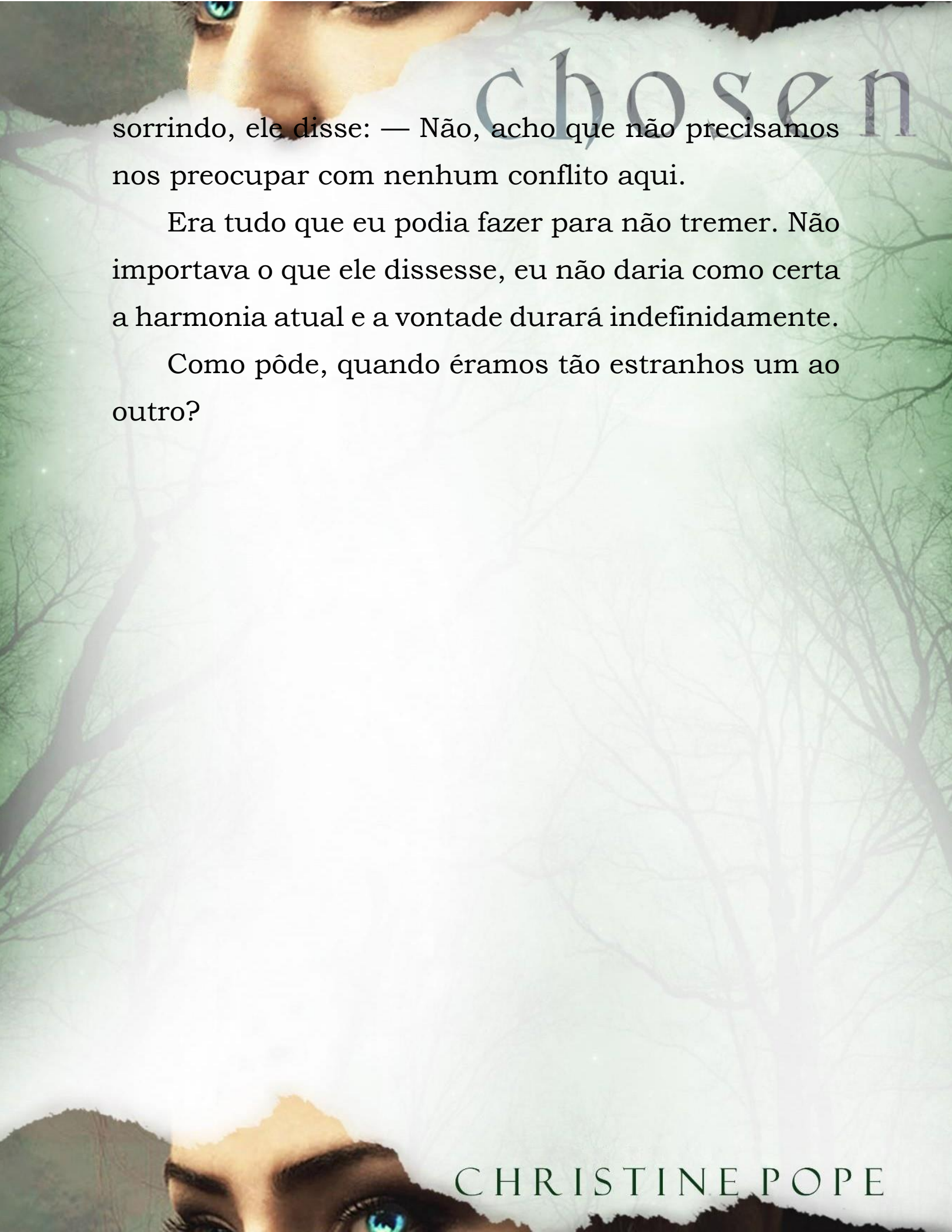
— eu respondi, feliz por parecer calma e imperturbável. — Diz a lenda da família que minha tataravó era uma Ute de sangue puro.

— Melhor ainda, — Jace disse, um certo calor em seus olhos fazendo coisas inesperadas na minha barriga. — O Ute e o Pueblo estavam em boas condições na época.

O que no mundo eu deveria dizer sobre isso? Jace estava esperando que ele e eu estivéssemos, como ele disse, “em muito bons termos”? Não que eu achasse que seria contra essa mudança em nosso relacionamento, mas nos conhecíamos há alguns dias. Eu certamente não pretendia me apressar em nada.

— Bem, é bom saber. — comentei. — Pelo menos não terei que me preocupar com a guerra tribal na lavanderia ou algo assim.

Por um segundo ou dois, ele não respondeu, apenas olhou para mim, e eu esperava que não o tivesse ofendido. Mas então ele riu, pegou a garrafa fina e derramou um pouco mais no meu copo. Ainda



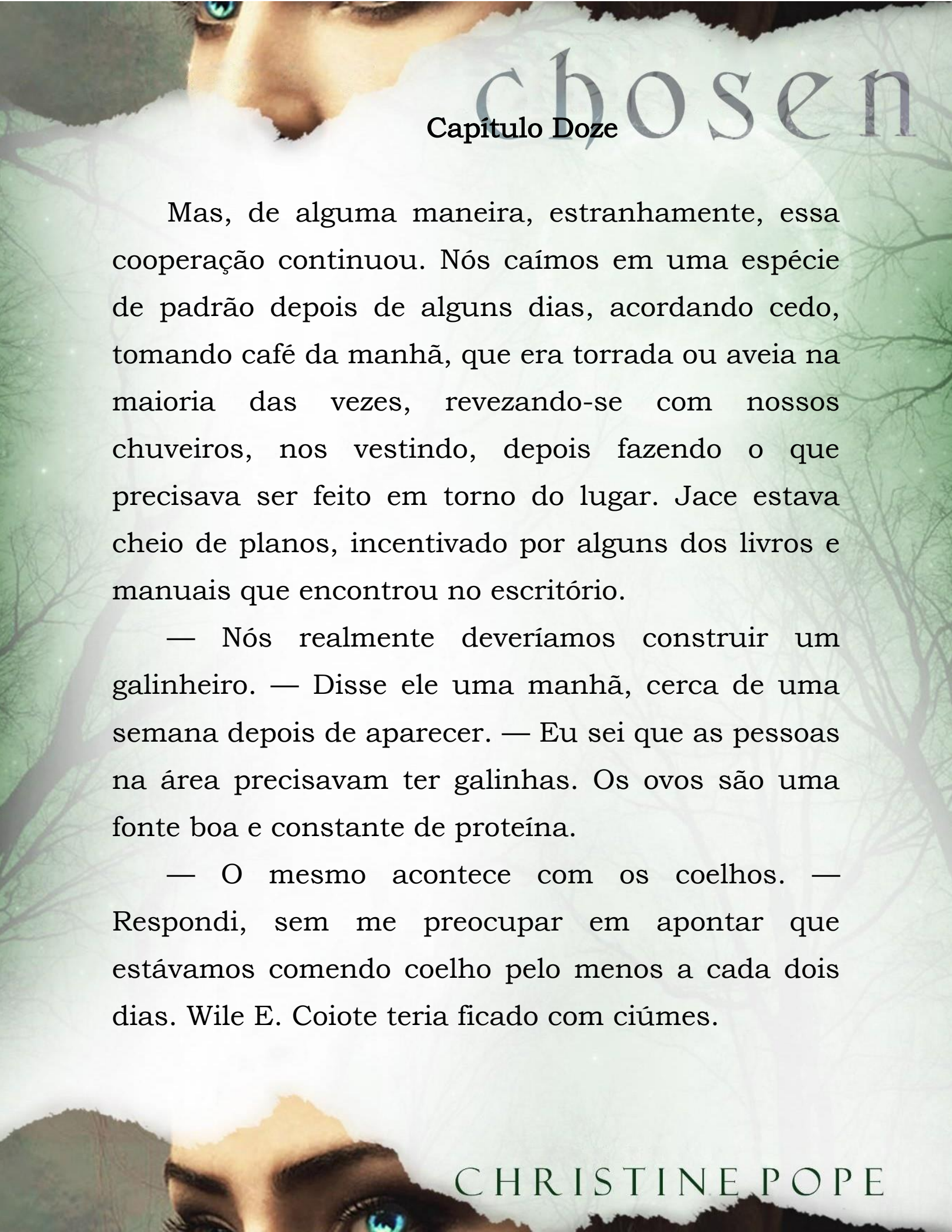
chosen

sorrindo, ele disse: — Não, acho que não precisamos nos preocupar com nenhum conflito aqui.

Era tudo que eu podia fazer para não tremer. Não importava o que ele dissesse, eu não daria como certa a harmonia atual e a vontade durará indefinidamente.

Como pôde, quando éramos tão estranhos um ao outro?

CHRISTINE POPE



Chosen

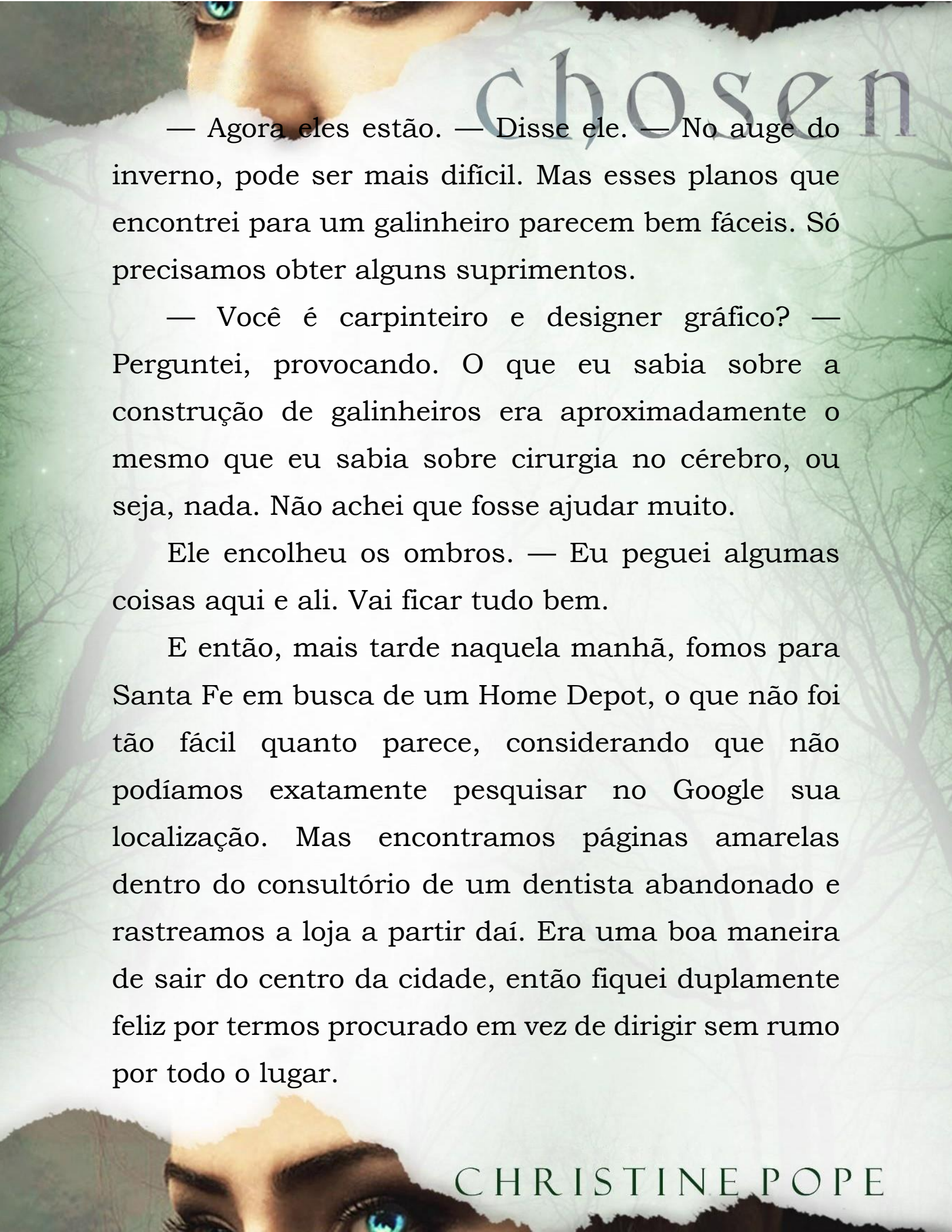
Capítulo Doze

Mas, de alguma maneira, estranhamente, essa cooperação continuou. Nós caímos em uma espécie de padrão depois de alguns dias, acordando cedo, tomando café da manhã, que era torrada ou aveia na maioria das vezes, revezando-se com nossos chuveiros, nos vestindo, depois fazendo o que precisava ser feito em torno do lugar. Jace estava cheio de planos, incentivado por alguns dos livros e manuais que encontrou no escritório.

— Nós realmente deveríamos construir um galinheiro. — Disse ele uma manhã, cerca de uma semana depois de aparecer. — Eu sei que as pessoas na área precisavam ter galinhas. Os ovos são uma fonte boa e constante de proteína.

— O mesmo acontece com os coelhos. — Respondi, sem me preocupar em apontar que estávamos comendo coelho pelo menos a cada dois dias. Wile E. Coiote teria ficado com ciúmes.

CHRISTINE POPE



Chosen

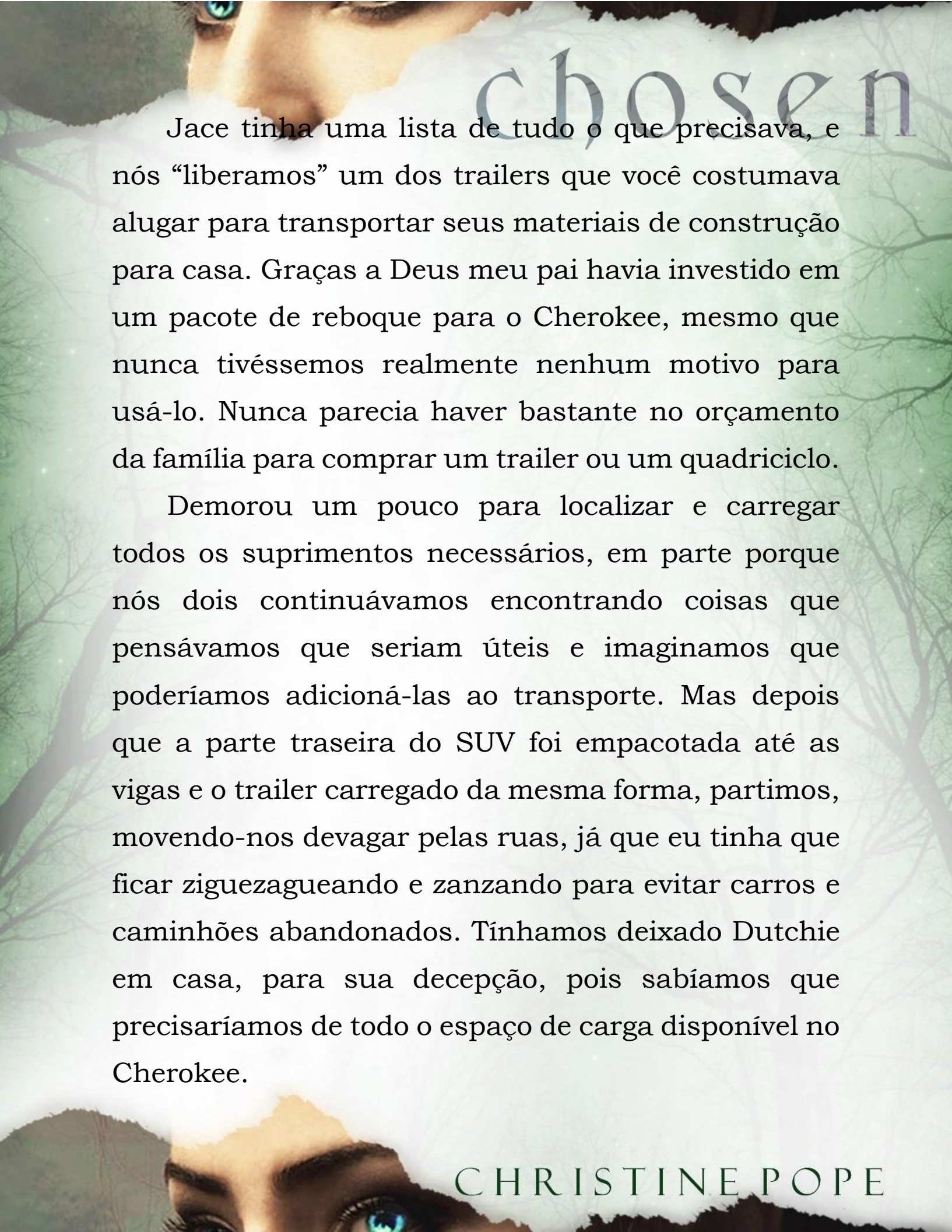
— Agora eles estão. — Disse ele. — No auge do inverno, pode ser mais difícil. Mas esses planos que encontrei para um galinheiro parecem bem fáceis. Só precisamos obter alguns suprimentos.

— Você é carpinteiro e designer gráfico? — Perguntei, provocando. O que eu sabia sobre a construção de galinheiros era aproximadamente o mesmo que eu sabia sobre cirurgia no cérebro, ou seja, nada. Não achei que fosse ajudar muito.

Ele encolheu os ombros. — Eu peguei algumas coisas aqui e ali. Vai ficar tudo bem.

E então, mais tarde naquela manhã, fomos para Santa Fe em busca de um Home Depot, o que não foi tão fácil quanto parece, considerando que não podíamos exatamente pesquisar no Google sua localização. Mas encontramos páginas amarelas dentro do consultório de um dentista abandonado e rastreamos a loja a partir daí. Era uma boa maneira de sair do centro da cidade, então fiquei duplamente feliz por termos procurado em vez de dirigir sem rumo por todo o lugar.

CHRISTINE POPE



Chosen

Jace tinha uma lista de tudo o que precisava, e nós “liberamos” um dos trailers que você costumava alugar para transportar seus materiais de construção para casa. Graças a Deus meu pai havia investido em um pacote de reboque para o Cherokee, mesmo que nunca tivéssemos realmente nenhum motivo para usá-lo. Nunca parecia haver bastante no orçamento da família para comprar um trailer ou um quadriciclo.

Demorou um pouco para localizar e carregar todos os suprimentos necessários, em parte porque nós dois continuávamos encontrando coisas que pensávamos que seriam úteis e imaginamos que poderíamos adicioná-las ao transporte. Mas depois que a parte traseira do SUV foi empacotada até as vigas e o trailer carregado da mesma forma, partimos, movendo-nos devagar pelas ruas, já que eu tinha que ficar ziguezagueando e zanzando para evitar carros e caminhões abandonados. Tínhamos deixado Dutchie em casa, para sua decepção, pois sabíamos que precisaríamos de todo o espaço de carga disponível no Cherokee.

CHRISTINE POPE

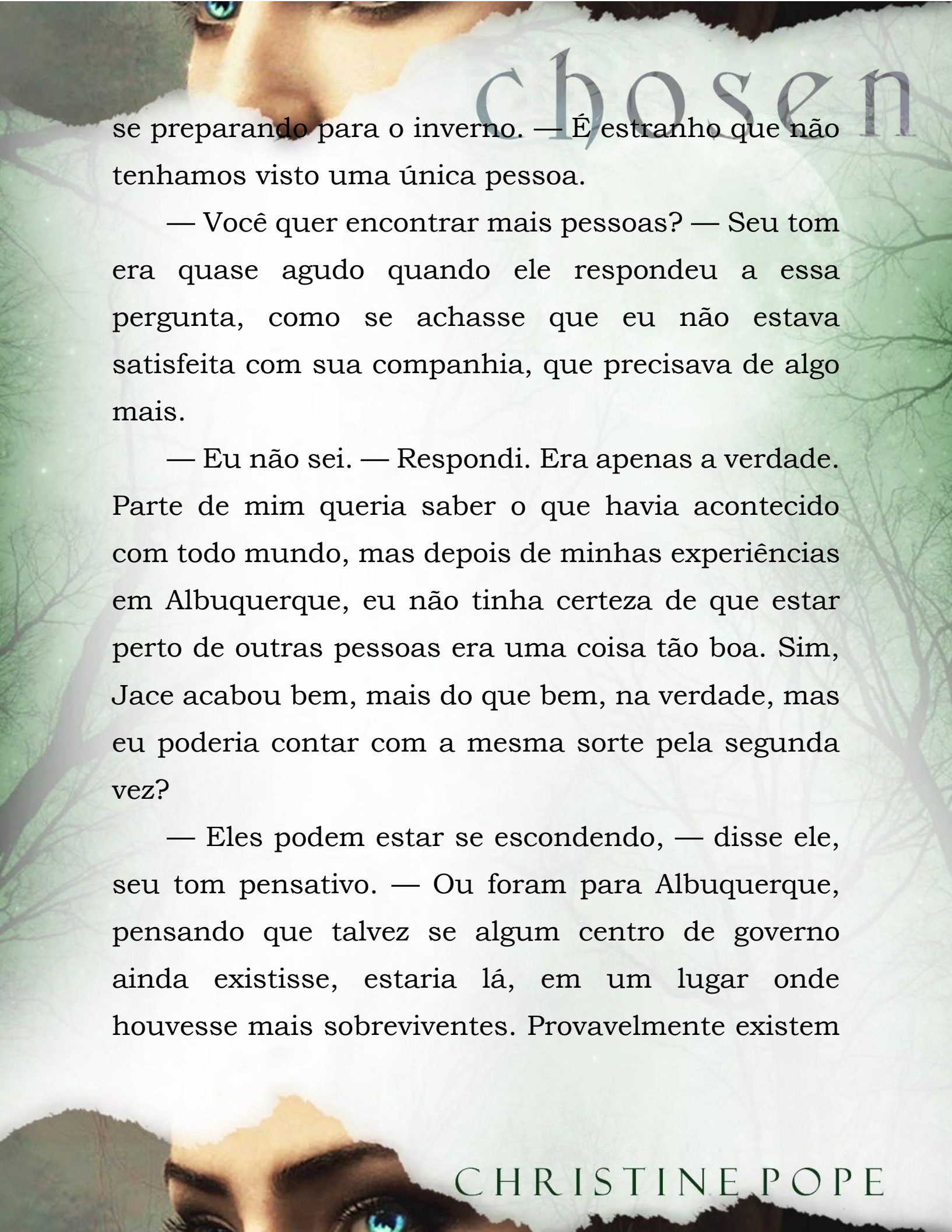
— É meio estranho, você não acha? — Perguntei a Jace depois que cortamos Cerrillo e estávamos indo para Alameda.

— O que é estranho? — Ele respondeu, sua atenção ainda na lista que ele segurava. Talvez ele estivesse preocupado que tivéssemos esquecido alguma coisa.

— Que não vimos *ninguém*. Quero dizer, mesmo com uma taxa de mortalidade de 99,8%, ainda deve haver algumas centenas de pessoas andando por Santa Fé, certo? Onde eles estão?

Ele olhou para essa pergunta, seu olhar voltando-se para as calçadas vazias e janelas escuras das empresas de ambos os lados da rua. — No subterrâneo?

— Talvez, — eu disse, mas não tinha certeza de acreditar. Nesse ponto, já fazia quase um mês desde que o Calor começou a se espalhar pelo país. Quem tinha que morrer estava morto há muito tempo. Você pensaria que os sobreviventes iriam procurar a sério,



chosen

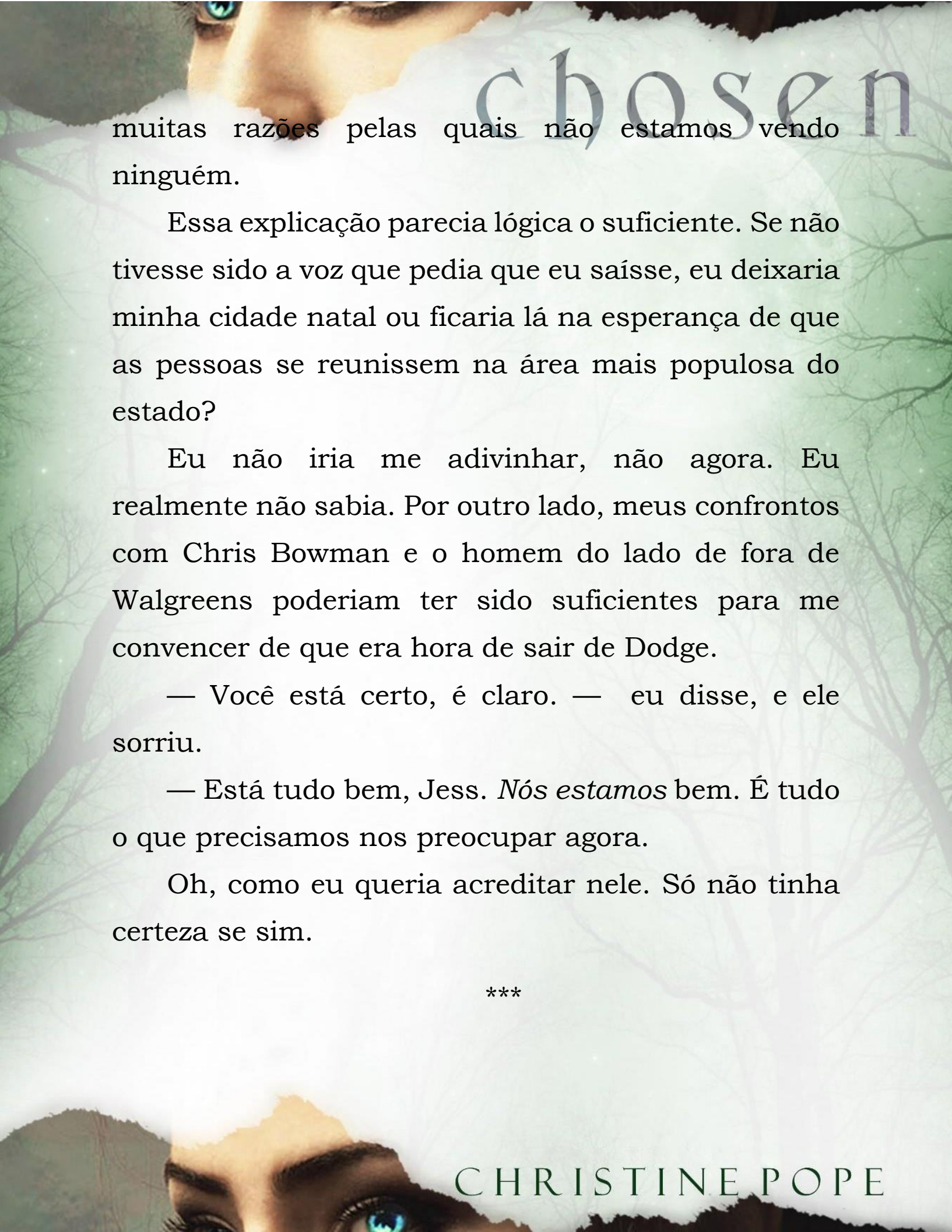
se preparando para o inverno. — É estranho que não tenhamos visto uma única pessoa.

— Você quer encontrar mais pessoas? — Seu tom era quase agudo quando ele respondeu a essa pergunta, como se achasse que eu não estava satisfeita com sua companhia, que precisava de algo mais.

— Eu não sei. — Respondi. Era apenas a verdade. Parte de mim queria saber o que havia acontecido com todo mundo, mas depois de minhas experiências em Albuquerque, eu não tinha certeza de que estar perto de outras pessoas era uma coisa tão boa. Sim, Jace acabou bem, mais do que bem, na verdade, mas eu poderia contar com a mesma sorte pela segunda vez?

— Eles podem estar se escondendo, — disse ele, seu tom pensativo. — Ou foram para Albuquerque, pensando que talvez se algum centro de governo ainda existisse, estaria lá, em um lugar onde houvesse mais sobreviventes. Provavelmente existem

CHRISTINE POPE



chosen

muitas razões pelas quais não estamos vendo ninguém.

Essa explicação parecia lógica o suficiente. Se não tivesse sido a voz que pedia que eu saísse, eu deixaria minha cidade natal ou ficaria lá na esperança de que as pessoas se reunissem na área mais populosa do estado?

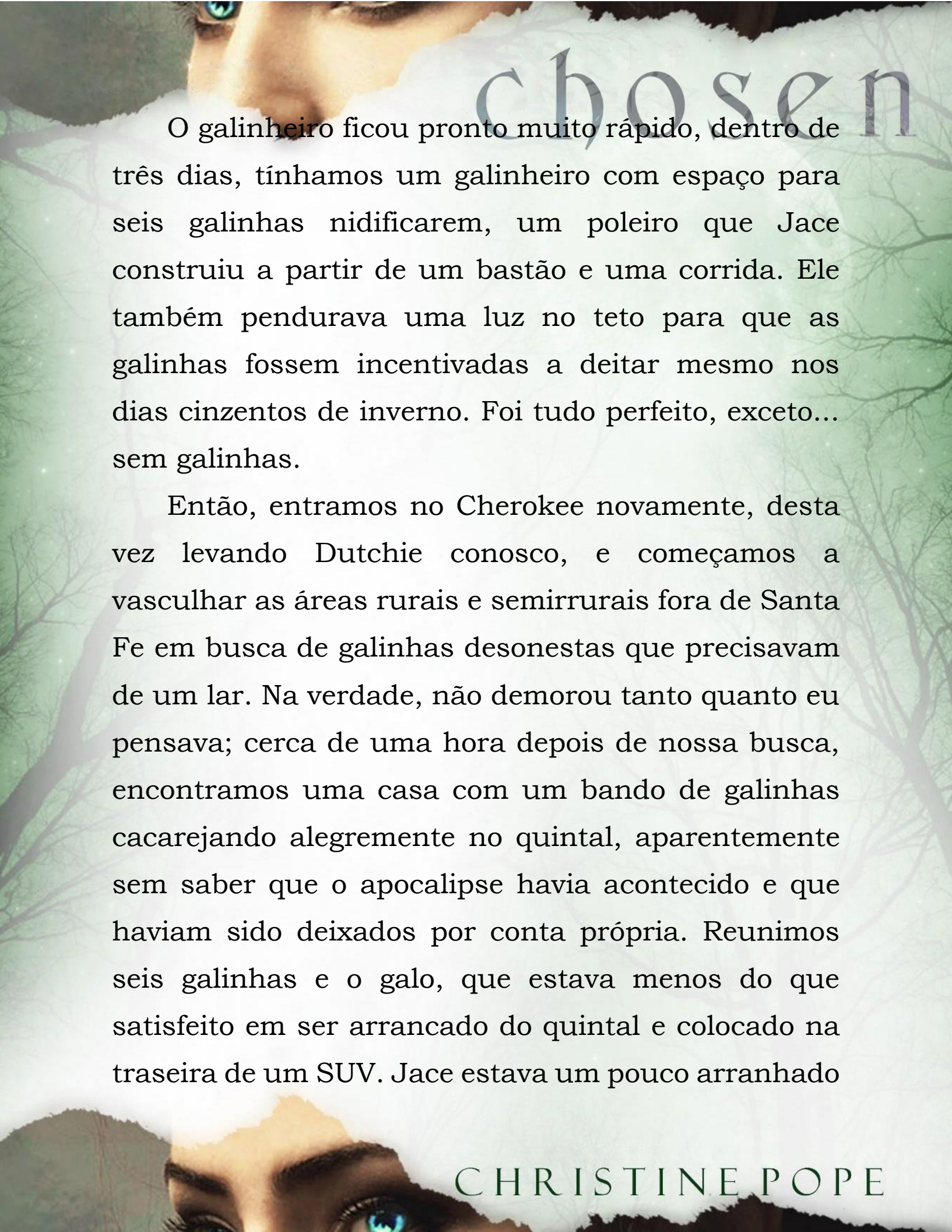
Eu não iria me adivinhar, não agora. Eu realmente não sabia. Por outro lado, meus confrontos com Chris Bowman e o homem do lado de fora de Walgreens poderiam ter sido suficientes para me convencer de que era hora de sair de Dodge.

— Você está certo, é claro. — eu disse, e ele sorriu.

— Está tudo bem, Jess. *Nós estamos* bem. É tudo o que precisamos nos preocupar agora.

Oh, como eu queria acreditar nele. Só não tinha certeza se sim.

CHRISTINE POPE

The background of the page features a close-up of a woman's face, focusing on her eyes and nose, which are partially obscured by a torn paper effect. The background is a soft green with faint, dark silhouettes of trees or foliage. The word "Chosen" is written in a large, light blue, serif font at the top right.

Chosen

O galinheiro ficou pronto muito rápido, dentro de três dias, tínhamos um galinheiro com espaço para seis galinhas nidificarem, um poleiro que Jace construiu a partir de um bastão e uma corrida. Ele também pendurava uma luz no teto para que as galinhas fossem incentivadas a deitar mesmo nos dias cinzentos de inverno. Foi tudo perfeito, exceto... sem galinhas.

Então, entramos no Cherokee novamente, desta vez levando Dutchie conosco, e começamos a vasculhar as áreas rurais e semirrurais fora de Santa Fe em busca de galinhas desonestas que precisavam de um lar. Na verdade, não demorou tanto quanto eu pensava; cerca de uma hora depois de nossa busca, encontramos uma casa com um bando de galinhas cacarejando alegremente no quintal, aparentemente sem saber que o apocalipse havia acontecido e que haviam sido deixados por conta própria. Reunimos seis galinhas e o galo, que estava menos do que satisfeito em ser arrancado do quintal e colocado na traseira de um SUV. Jace estava um pouco arranhado

CHRISTINE POPE

quando o procedimento terminou, mas no final tínhamos tudo o que precisávamos. Tudo o que eu podia dizer era que fiquei muito feliz por ter pensado em colocar alguns sacos de lixo de plástico na traseira do SUV antes de jogar as galinhas lá atrás. Se ele tivesse uma cova apropriada, meu pai estaria rolando nela.

Demorou alguns dias para as galinhas se estabelecerem e começarem a botar, mas depois disso conseguimos comer ovos praticamente todas as manhãs.

— Em seguida, as cabras, — Jace disse no jantar não muito tempo depois disso.

— Você ainda está naquele chute? — Perguntei. Tudo bem, eu diria que a coisa toda sobre frango estava funcionando muito bem. Mas o pensamento de ter cabras perambulando pela propriedade me intimidou mais do que eu queria admitir. Quando eu era criança, talvez cinco ou seis anos, meus pais me levaram a um zoológico. Tudo correu bem até que uma das cabras decidiu comer parte do meu suéter.

Eu gritei como se estivesse sendo morta, e meu pai me tirou de lá e me levou embora. Será que poderia dizer que as cabras não eram exatamente meus animais favoritos.

— Sim, eu ainda estou naquele chute. Nós comemos o último queijo há dois dias. — Seus olhos escuros pegaram os meus, e ele sorriu para mim, um sorriso perverso que eu conheci nas últimas semanas... e um que invariavelmente fazia meus joelhos tremerem um pouco. Até agora, eu não achava que Jace tinha notado que tipo de efeito isso tinha sobre mim, mas ainda assim, eu não pude deixar de me irritar comigo mesma por não ter um melhor autocontrole. Ele juntou as mãos e disse em tom de brincadeira: — Jessica, você quer me entregar a um futuro sem queijo?

— Oh, pelo amor de Deus... — Eu não pude deixar de sorrir para ele, e estendi minhas mãos em um gesto de rendição. — Ok, eu desisto. Então, digamos que encontramos algumas cabras. Como você planeja trazê-las de volta para cá?

— Fácil. — ele respondeu. Seu sorriso agora tinha um elemento de triunfo. — Vamos encontrar um trailer de cavalos e colocá-las lá.

Fácil...

Assim como os suprimentos do galinheiro, fomos procurar o trailer primeiro. Havia várias propriedades de cavalos na área, o que não foi muito difícil. O estranho era que, assim como eu não tinha visto pessoas em nenhuma de nossas expedições, também não havia cavalos em evidência em nenhum lugar. Eles poderiam ter fugido, derrubado as cercas e os portões quando ficou claro que ninguém estava vindo para alimentá-los ou dar-lhes água fresca.

Eu não vi nenhum sinal disso, e as palavras da voz voltaram para mim: *Os animais serão cuidados.* Então, aparentemente, eu não precisava me preocupar com os cavalos. Eu não pude deixar de pensar, no entanto.

Assim como eu não pude deixar de me perguntar o que havia acontecido com a voz. A essa altura, eu não o ouvia havia mais de uma semana. Agora que

parecia que eu estava realmente resolvida com Jace, talvez a voz tivesse mudado, me considerando que não precisava mais de ajuda.

Eu não tinha certeza do por que, mas esse pensamento me entristeceu um pouco. Eu não queria muito admitir isso para mim mesma, mas sentia falta da voz. Se nada mais, ele teria me dado alguém com quem conversar... se ele tivesse ficado por aqui. Algumas vezes quando Jace estava fora de casa e ocupado com uma tarefa ou outra, eu tentei chamar a voz. Mas nunca respondeu, e finalmente desisti, dizendo a mim mesma que se a voz não precisasse de mim, bem, eu também não precisava dela. Intellectualmente, eu sabia que deveria deixar para lá. Mas sua ausência me incomodou e me preocupou, apesar das minhas melhores tentativas de pensar em outros assuntos.

Jace e eu atingimos o jackpot de cabras na nossa segunda parada. Não apenas encontramos um belo trailer de cavalo, mas a propriedade realmente tinha cabras perambulando, mantendo o gramado cortado,

fazendo o trabalho habitual de comer qualquer coisa que não estivesse pregada.

Então, ligamos o trailer ao Cherokee e fizemos uma pequena convenção na qual decidimos que quatro cabras para começar deveriam funcionar, três e um macho. Se descobrisse que o leite não produz leite suficiente ou o que quer que seja, sempre poderíamos voltar e coletar mais do rebanho. Parecia haver quinze ou mais deles, embora fosse difícil obter uma contagem exata, com a maneira como eles continuavam andando por aí.

A escolha foi difícil, porque eu não tinha ideia do que procurar em uma cabra. Graças a Deus, o Jace não era tão ignorante, e ele conseguiu duas das coisas com os sacos de leite mais desenvolvidos no trailer, sem muitos problemas. Tudo bem, isso parecia bastante fácil, então comecei a fazer o meu melhor para pedir outra corça, um animal bonito com casaco preto de alho-poró e gorjeta cor de castanho, na direção geral do trailer. Ela apenas deu um berro para mim e partiu, então eu a segui sombriamente,

desejando que Jace parasse de brincar com os dois que ele já havia entrado no trailer para que ele pudesse me ajudar.

Então, do nada nada, wham! Algo duro me acertou no alvo, e eu fui voando no chão. Eu pisquei, me perguntando o que diabos tinha acontecido, e então percebi que era a cabra, que estava a alguns passos de distância e olhando para mim se seus olhos cor de âmbar. Parecia que ela havia tomado exceção das minhas manobras, e tinha me atacado na bunda.

Do trailer, ouvi risadas e fiz uma careta. Jace saiu, sorrindo para mim, onde eu estava sentada no chão em uma pilha de terra e ervas daninhas.

— Muito engraçado, — rosnei. — Você vem aqui e lida com esse bastardo.

— Desculpe, mas o jeito que ela acertou você no...

— Ponto levado. — Comecei a me levantar, apenas para ser encarada por um macho muito zangado. Bem. Eu esperaria aqui até Jace cuidar dele.

Foi o que ele fez, de alguma forma conseguindo circundar o animal e, em seguida, incentivá-lo a subir

a rampa para o trailer. Como, eu não tinha muita certeza. Hipnotismo? Algum truque mágico de encantamento de cabras nativas americanas?

Fosse o que fosse, funcionou. O fanfarrão seguia direto para o trailer, como se estivesse cheio de harém de calor, e a última corça, a que eu estava tentando manipular, correu atrás dele, balançando a cauda.

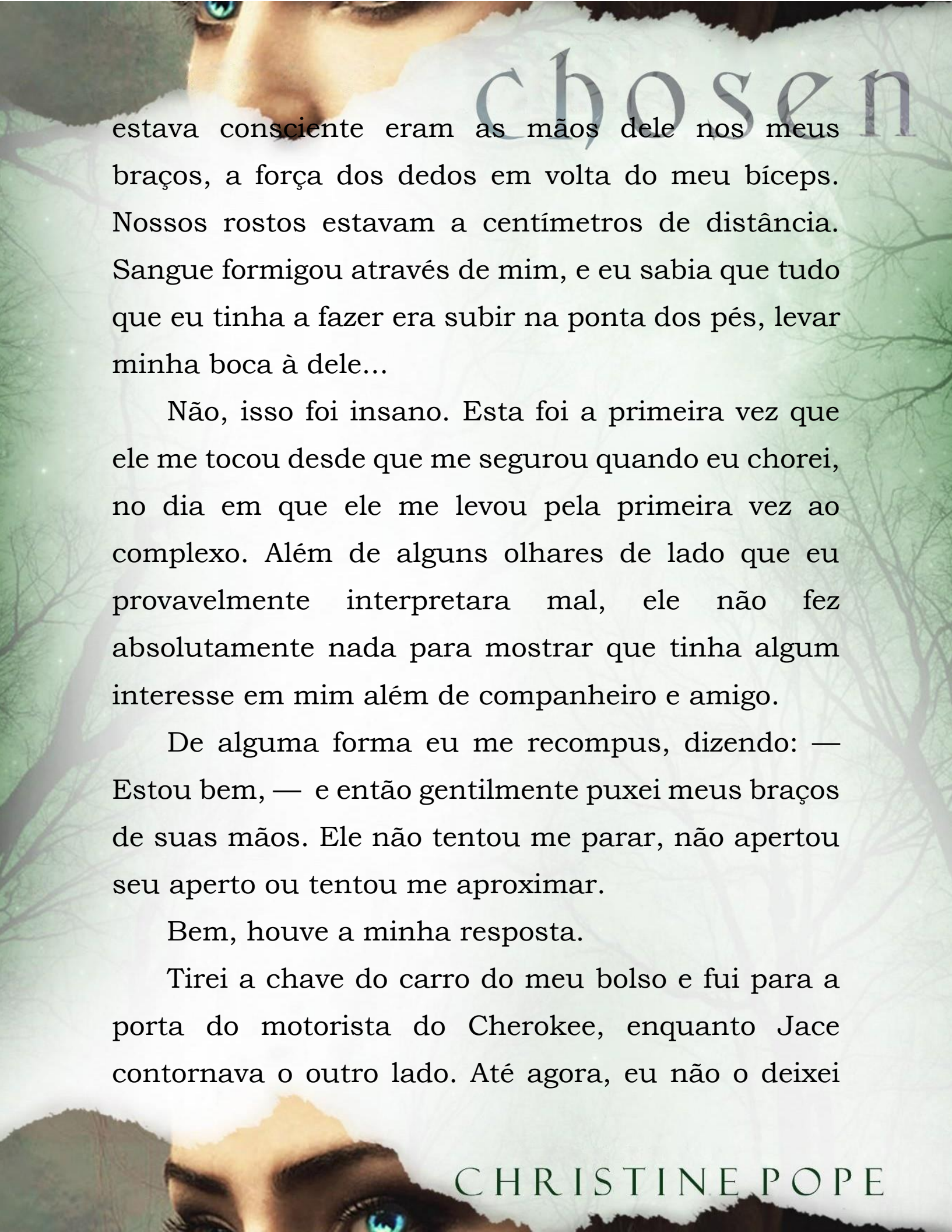
Cabras de merda.

Jace veio até mim e estendeu a mão. — Precisa de ajuda?

Eu fiz uma careta para ele, mas peguei a mão dele de qualquer maneira, deixando-o me levantar. Na verdade, ele me puxou com tanto vigor que eu perdi o equilíbrio e joguei direto contra ele, colidindo peito contra peito. Ele me pegou pelos braços e me firmou, me segurando por um segundo ou dois a mais do que ele realmente precisava.

— Você está bem? — Ele perguntou.

— Uh... — Eu estava bem? Minha parte traseira doía e eu sabia que meu jeans estava coberto de sujeira, mas naquele momento tudo que eu realmente



chosen

estava consciente eram as mãos dele nos meus braços, a força dos dedos em volta do meu bíceps. Nossos rostos estavam a centímetros de distância. Sangue formigou através de mim, e eu sabia que tudo que eu tinha a fazer era subir na ponta dos pés, levar minha boca à dele...

Não, isso foi insano. Esta foi a primeira vez que ele me tocou desde que me segurou quando eu chorei, no dia em que ele me levou pela primeira vez ao complexo. Além de alguns olhares de lado que eu provavelmente interpretara mal, ele não fez absolutamente nada para mostrar que tinha algum interesse em mim além de companheiro e amigo.

De alguma forma eu me recompus, dizendo: — Estou bem, — e então gentilmente puxei meus braços de suas mãos. Ele não tentou me parar, não apertou seu aperto ou tentou me aproximar.

Bem, houve a minha resposta.

Tirei a chave do carro do meu bolso e fui para a porta do motorista do Cherokee, enquanto Jace contornava o outro lado. Até agora, eu não o deixei

CHRISTINE POPE

dirigir o SUV, e ele não insistiu, de alguma forma, sentindo que ter controle sobre o veículo era importante para mim. Além disso, ele havia dirigido o Polaris por toda a área ao redor do complexo, e o tinha pedido para trazer de volta um macho que ele atirou numa tarde de sábado. Os freezers estavam cheios de carne de veado. Sim, Jace era muito útil para ter por perto.

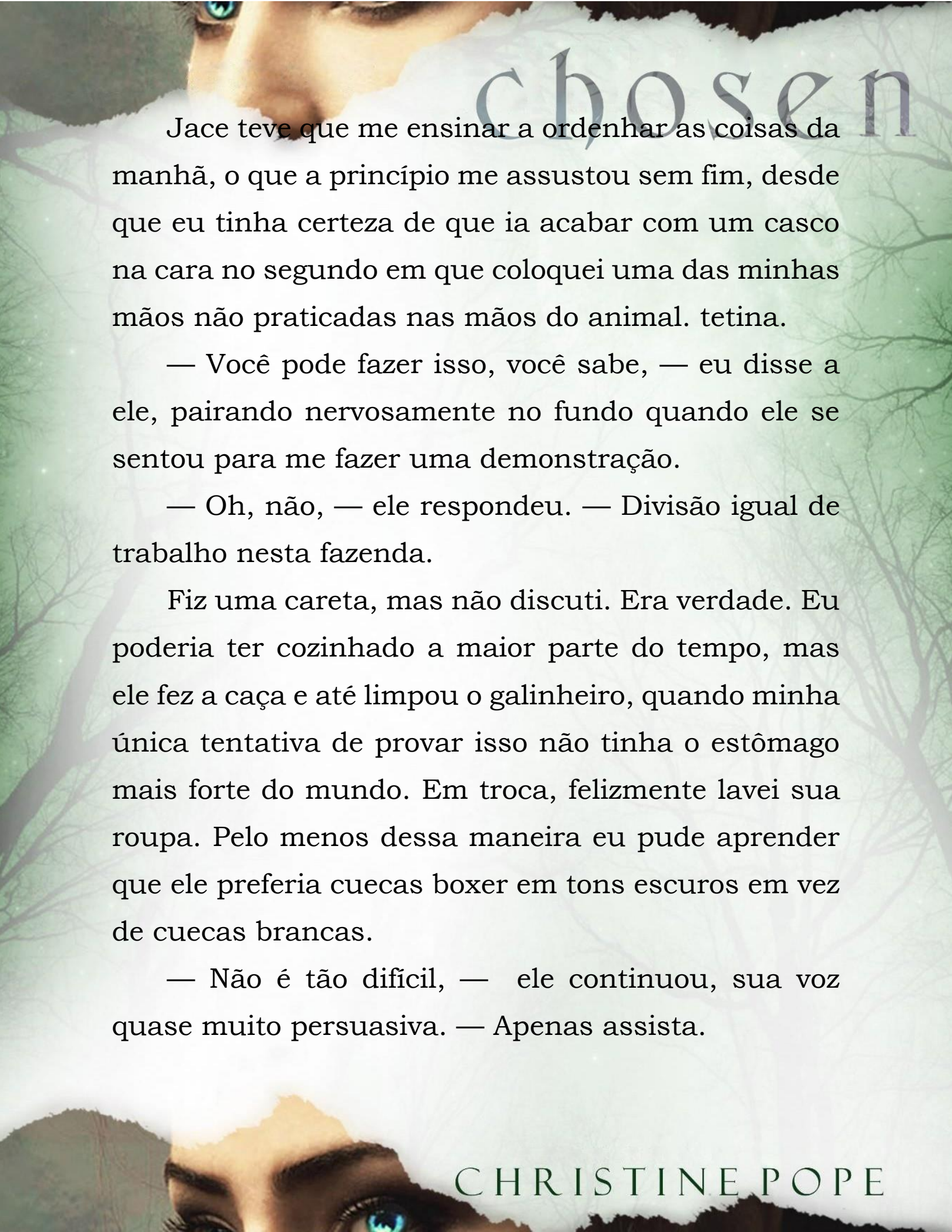
Mesmo assim, eu não disse nada a ele na viagem de volta para casa.

O constrangimento diminuiu em breve, como era necessário. Estávamos tão ocupados em montar as cabras e depois procurar por comida, lendo os cuidados deles e o que precisávamos fazer para garantir que os animais produzissem leite adequadamente, que o momento em que compartilhamos de volta no curral foi logo deixado de lado, se não renunciar a dez vezes.

Obviamente, a parte estranha foi perceber que precisávamos criar as cabras agora para que tivessem bebês na primavera e, portanto, mais leite. Ah, sim, discutir opções de criação de animais de fazenda com um cara com quem você tem uma quantidade séria de tensão sexual não resolvida é uma espécie totalmente nova de diversão.

Para ser justa, Jace era muito gentil com a coisa toda, e não fez piadas grosseiras nem se entregou a nenhuma insinuação digna de arrepiar. Ele explicou tudo logicamente e factualmente e depois deixou as cabras fazerem o resto. Realmente não foi tão difícil; afinal, um macho fará o que ele faz de melhor. Fiquei feliz por ter conseguido evitar vê-los realmente fazer a ação.

Uma coisa com a qual não precisamos nos preocupar era com as cabras que escapavam do complexo. Elas poderiam passar e comer as plantas ornamentais na área do jardim, nos fundos da casa, mas não havia como a cabra mais ambiciosa pular uma parede de barro de um metro e meio de altura.



Chosen

Jace teve que me ensinar a ordenhar as coisas da manhã, o que a princípio me assustou sem fim, desde que eu tinha certeza de que ia acabar com um casco na cara no segundo em que coloquei uma das minhas mãos não praticadas nas mãos do animal. tetina.

— Você pode fazer isso, você sabe, — eu disse a ele, pairando nervosamente no fundo quando ele se sentou para me fazer uma demonstração.

— Oh, não, — ele respondeu. — Divisão igual de trabalho nesta fazenda.

Fiz uma careta, mas não discuti. Era verdade. Eu poderia ter cozinhado a maior parte do tempo, mas ele fez a caça e até limpou o galinheiro, quando minha única tentativa de provar isso não tinha o estômago mais forte do mundo. Em troca, felizmente lavei sua roupa. Pelo menos dessa maneira eu pude aprender que ele preferia cuecas boxer em tons escuros em vez de cuecas brancas.

— Não é tão difícil, — ele continuou, sua voz quase muito persuasiva. — Apenas assista.

CHRISTINE POPE

Ele colocou o polegar e o indicador perto do topo da tetina, apertando-a e depois exerceu pressão com os dedos restantes na parte inferior da tetina. Uma fina corrente de líquido branco emergiu e entrou no pote de vidro que ele colocara embaixo dele. — Viu?

— Oh sim. Moleza.

— Na verdade, não é. Você tem que exercer muita força. Mas está tudo bem. Ela quer ser ordenhada. — Ele fez isso de novo, e eu vi seus longos dedos apertando contra sua carne. Por um segundo, tive um breve flash daqueles dedos em concha no meu peito, apertando, e tive que forçar o pensamento para fora da minha mente. De jeito nenhum eu me deixaria excitar vendo Jace ordenhar uma cabra. Ele olhou para mim. — Você quer tentar?

Eu realmente não fiz. Parando por um tempo, respondi com uma pergunta minha. — Existe algo que você não pode fazer?

Ele pareceu considerar, depois disse: — Não sei tocar violino. Agora venha aqui e comece a aprender a ordenhar esta cabra.

Soltar um suspiro não parecia realmente apropriado, dada a situação, então eu esperei enquanto ele se afastava e depois me sentava no velho caixote que estávamos usando como uma ordenha. Respirei fundo, no entanto, antes de colocar meus dedos mais ou menos na mesma posição em que ele colocou os dele.

— Bom, — disse ele, observando minhas mãos, não meu rosto. — Agora aperte com os dois dedos enquanto usa o restante para empurrar o leite para fora da tetina.

Oh garoto. Apertei, hesitante a princípio, e a cabra, que chamamos de Aster por causa da pequena marca em forma de estrela em seu quadril, me lançou um olhar de pura irritação por cima do ombro. Mas pelo menos ela não tinha me chutado.

—Mais forte do que isso, — Jace me instruiu, mas sua voz soou mais persuasiva do que irritada.

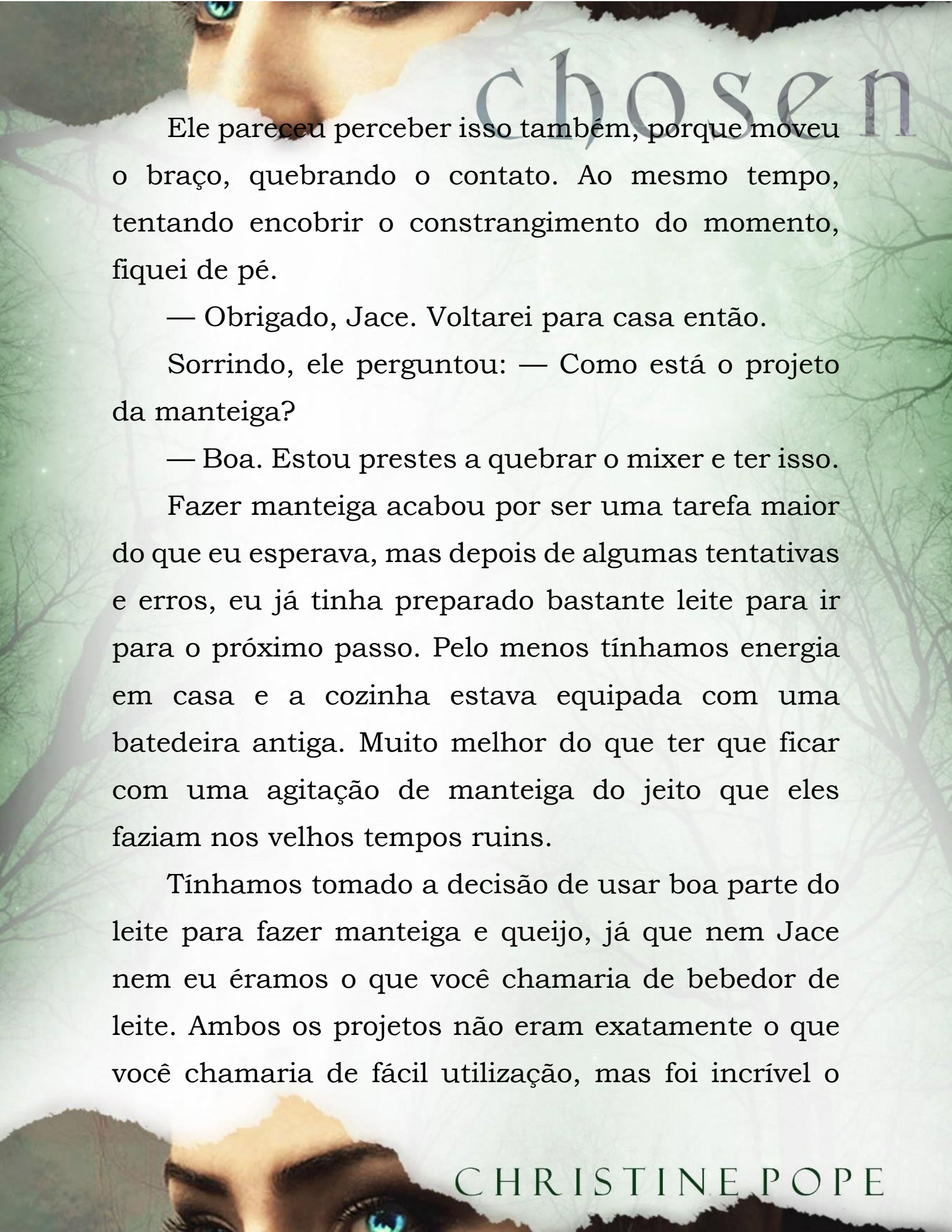
Eu definitivamente não o queria irritado comigo. Dessa vez, apertei com mais força, exercendo tanta pressão que tive certeza de que Aster iria pisar em

meu pé em sinal de protesto. Em vez disso, o leite esguichou na garrafa e ela pareceu relaxar um pouco, deixando-me fazer o que eu precisava fazer.

Depois de soltar uma pequena expiração de alívio, voltei a ordenhá-la. Mais e mais leite continuava esguichando, mas em cinco minutos, os dedos da minha mão direita estavam doendo como se você não acreditasse. Tentei mudar para o outro lado, mas não consegui acertar o ângulo. Depois de mais um minuto, recostei-me, balançando a cabeça. — Eu não posso mais fazer isso.

— Está tudo bem, — Jace disse. Sua mão caiu no meu ombro e apertou. — Vai levar algum tempo para desenvolver esses músculos. Eu posso terminar.

Esse foi provavelmente o meu sinal para abrir mão da caixa de embalagem para que ele pudesse se sentar, mas descobri que não queria me mexer. Não com a mão quente no meu ombro, a pressão dela de alguma forma deliciosa, mesmo através da camisa de flanela e do anoraque de lona pesada que eu usava.



Chosen

Ele pareceu perceber isso também, porque moveu o braço, quebrando o contato. Ao mesmo tempo, tentando encobrir o constrangimento do momento, fiquei de pé.

— Obrigado, Jace. Voltarei para casa então.

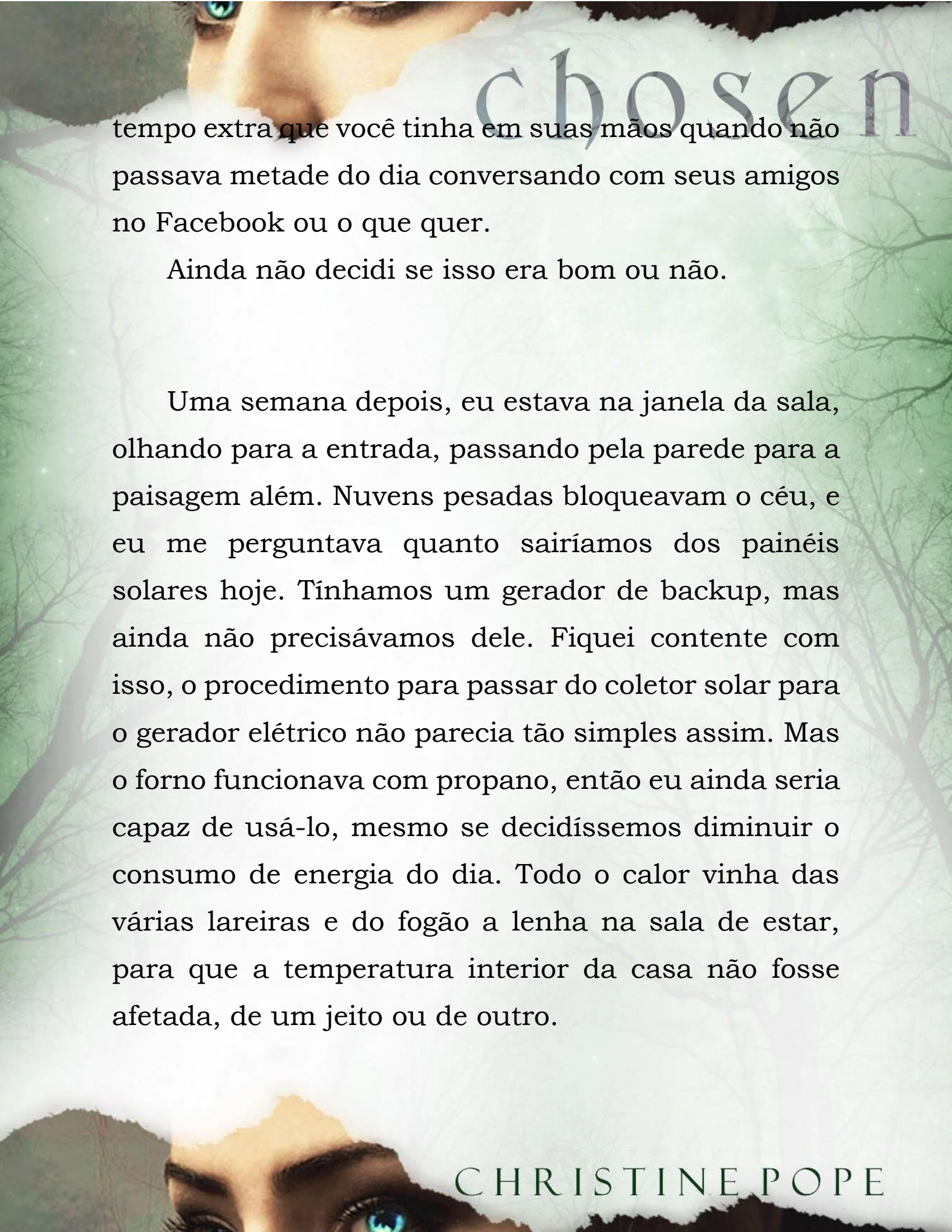
Sorrindo, ele perguntou: — Como está o projeto da manteiga?

— Boa. Estou prestes a quebrar o mixer e ter isso.

Fazer manteiga acabou por ser uma tarefa maior do que eu esperava, mas depois de algumas tentativas e erros, eu já tinha preparado bastante leite para ir para o próximo passo. Pelo menos tínhamos energia em casa e a cozinha estava equipada com uma batedeira antiga. Muito melhor do que ter que ficar com uma agitação de manteiga do jeito que eles faziam nos velhos tempos ruins.

Tínhamos tomado a decisão de usar boa parte do leite para fazer manteiga e queijo, já que nem Jace nem eu éramos o que você chamaria de bebedor de leite. Ambos os projetos não eram exatamente o que você chamaria de fácil utilização, mas foi incrível o

CHRISTINE POPE



chosen

tempo extra que você tinha em suas mãos quando não passava metade do dia conversando com seus amigos no Facebook ou o que quer.

Ainda não decidi se isso era bom ou não.

Uma semana depois, eu estava na janela da sala, olhando para a entrada, passando pela parede para a paisagem além. Nuvens pesadas bloqueavam o céu, e eu me perguntava quanto sairíamos dos painéis solares hoje. Tínhamos um gerador de backup, mas ainda não precisávamos dele. Fiquei contente com isso, o procedimento para passar do coletor solar para o gerador elétrico não parecia tão simples assim. Mas o forno funcionava com propano, então eu ainda seria capaz de usá-lo, mesmo se decidíssemos diminuir o consumo de energia do dia. Todo o calor vinha das várias lareiras e do fogão a lenha na sala de estar, para que a temperatura interior da casa não fosse afetada, de um jeito ou de outro.

CHRISTINE POPE

De qualquer forma, não foi a possível perda de poder que me levou a encarar a vista pensativa. Com uma coisa ou outra, eu não estava prestando tanta atenção em que dia era, embora tivesse cumprido devidamente cada uma no calendário do escritório, apenas para não perder completamente a noção do tempo. Mas hoje, quando peguei o Sharpie para desenhar aquela grossa linha preta, parei e franzi o cenho na data em que estava riscando.

31 de outubro.

— Algo errado? — Jace perguntou, entrando na sala de estar. Ele pareceu um pouco surpreso, e eu acho que não podia culpá-lo. Não passamos muito tempo lá, por mais bonito que fosse o quarto. Geralmente estávamos na cozinha ou na sala da família ou, mais raramente, no escritório.

— Não. — Falei, depois parei. — É Halloween.

— E? — Sua expressão me disse que ele não estava particularmente impressionado com essa informação. — Você quer fazer doces ou travessuras ou algo assim?

— Ha, — eu respondi. Meus dias de doces ou travessuras estavam muito atrasados, embora Elena, Tori e eu tivéssemos saído no Halloween, principalmente como uma desculpa para nos vestirmos e irmos a bares. Eu não vou mentir, no ano anterior, todos nós fizemos variações sobre algo “*sexy*”, eu como bruxa, uma vez que combinava com meus longos cabelos quase pretos, Tori como anjo e Elena... bem, ainda não estava totalmente claro qual deveria ser sua fantasia, exceto que era preta, vermelha e brilhante, e mostrava muito mais pernas do que eu jamais teria ousado. Seria supérfluo dizer que não tivemos que comprar nenhuma de nossas próprias bebidas naquela noite.

— Não é doçura ou travessura, — eu disse lentamente. — É mais... eu não sei. Como se a data estivesse me dizendo que faz mais de um mês desde... bem, desde então.

A luz do humor em seus olhos escuros desapareceu abruptamente. — Você está certa. Acho que realmente não tinha pensado nisso, com tudo o

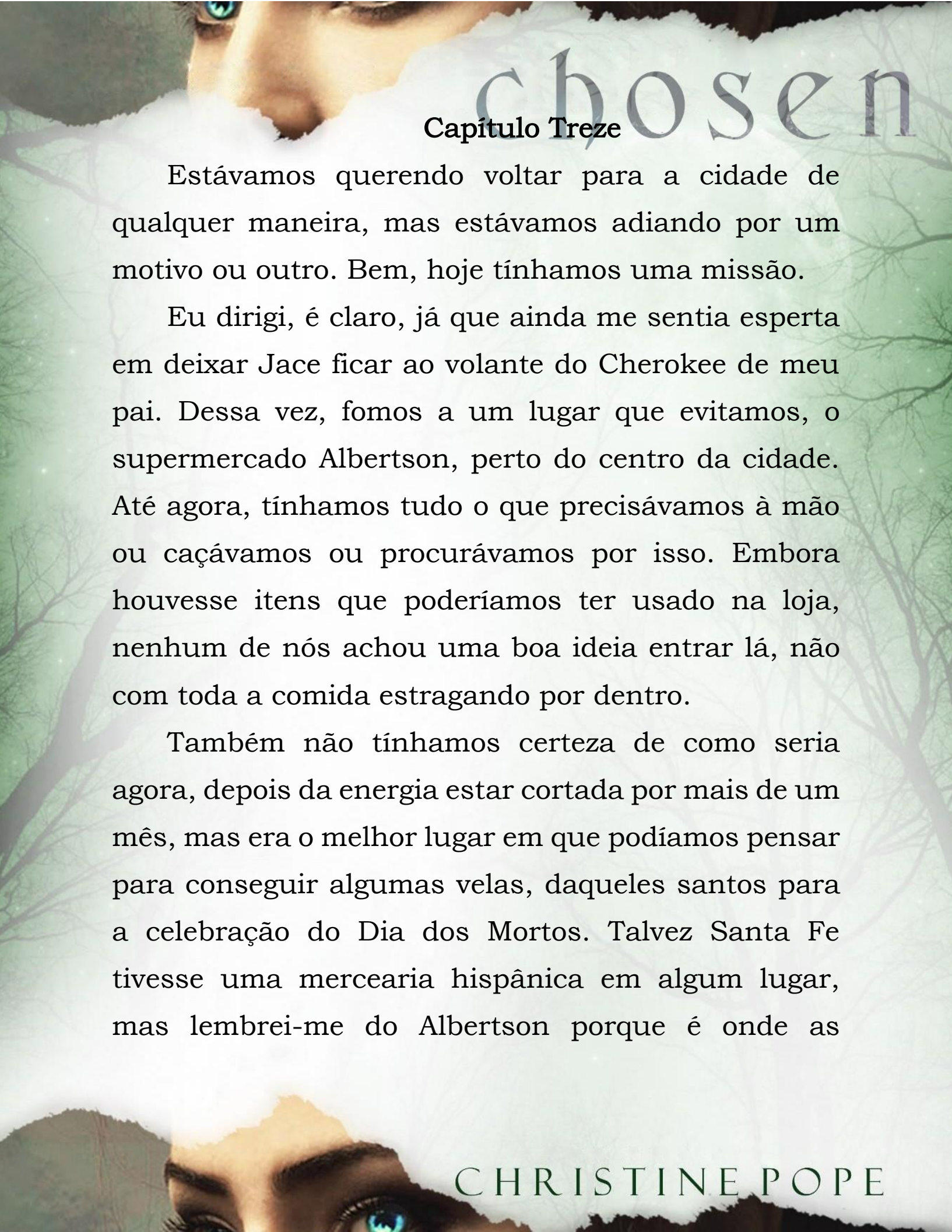
que estamos fazendo. — Ele fechou a distância entre nós, ficando ao meu lado na frente da janela. Tão perto e ainda... e ainda assim, ele poderia estar a milhões de quilômetros de distância. Eu sabia que não tinha coragem de estender a mão e segurar sua mão na minha, para sentir a segurança de seu toque. Então ele mudou para que ficasse na metade do caminho em minha direção, seu olhar fixo no meu perfil. — Eu tenho uma ideia.

— Você tem? — Não ousei me mexer, não queria que ele visse nenhum dos anseios atualmente pulsando dentro de mim. Eu queria que fosse diferente, mas não era corajosa o suficiente.

— Amanhã é o dia dos mortos. *Dios de los Muertos*.

— E?

Ele sorriu, mas era um sorriso sério e silencioso.
— Acho que há muitos mortos que precisam ser homenageados.



Chosen

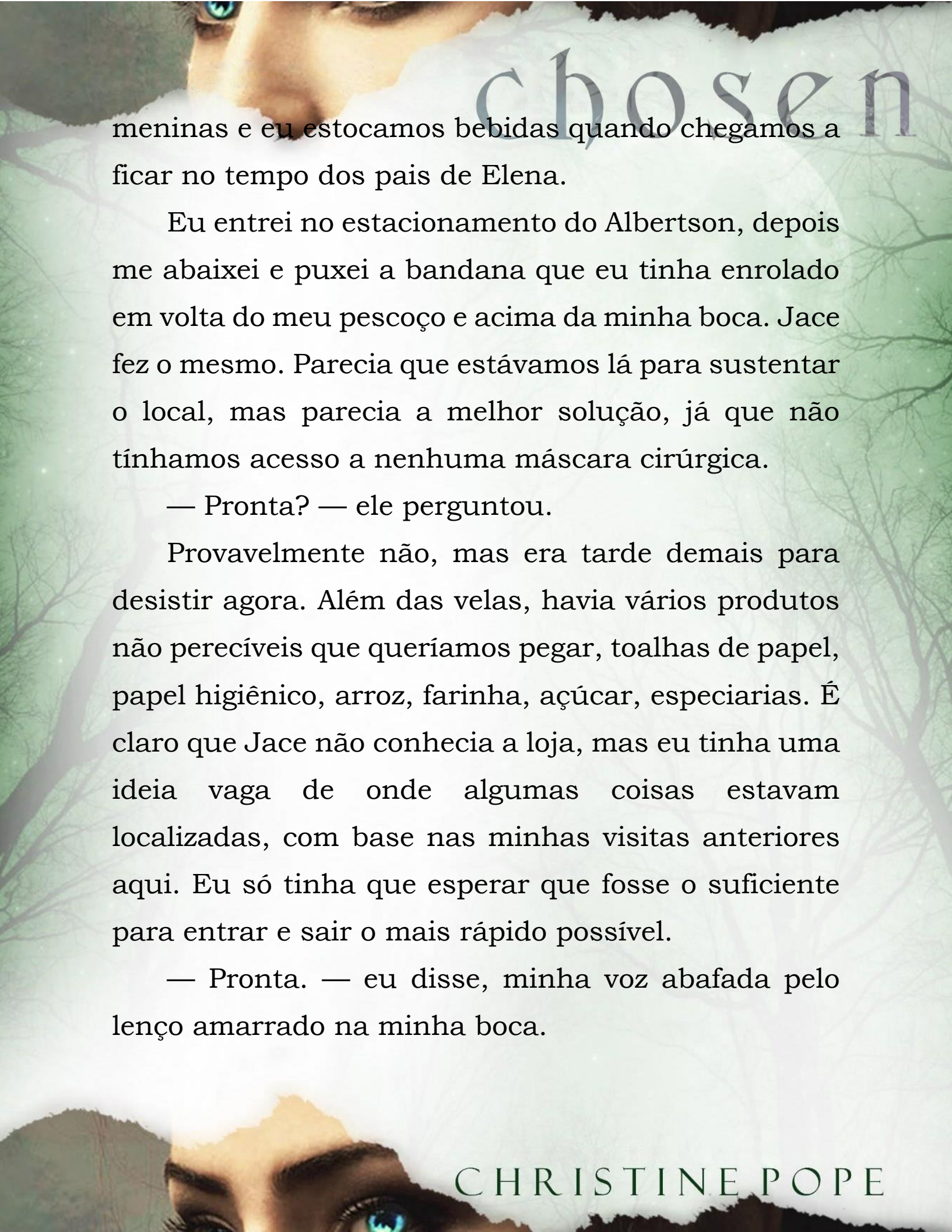
Capítulo Treze

Estávamos querendo voltar para a cidade de qualquer maneira, mas estávamos adiando por um motivo ou outro. Bem, hoje tínhamos uma missão.

Eu dirigi, é claro, já que ainda me sentia esperta em deixar Jace ficar ao volante do Cherokee de meu pai. Dessa vez, fomos a um lugar que evitamos, o supermercado Albertson, perto do centro da cidade. Até agora, tínhamos tudo o que precisávamos à mão ou caçávamos ou procurávamos por isso. Embora houvesse itens que poderíamos ter usado na loja, nenhum de nós achou uma boa ideia entrar lá, não com toda a comida estragando por dentro.

Também não tínhamos certeza de como seria agora, depois da energia estar cortada por mais de um mês, mas era o melhor lugar em que podíamos pensar para conseguir algumas velas, daqueles santos para a celebração do Dia dos Mortos. Talvez Santa Fe tivesse uma mercearia hispânica em algum lugar, mas lembrei-me do Albertson porque é onde as

CHRISTINE POPE



meninas e eu estocamos bebidas quando chegamos a ficar no tempo dos pais de Elena.

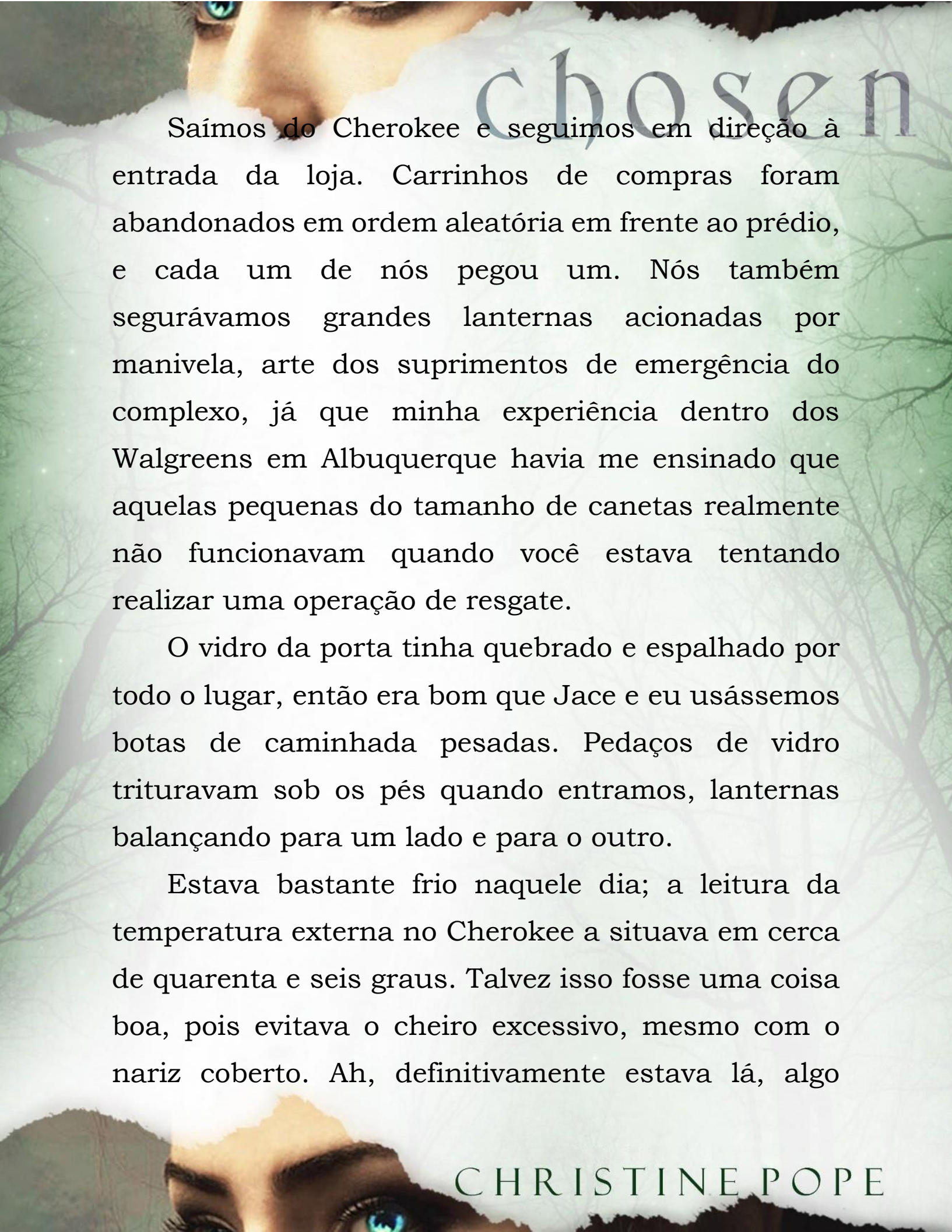
Eu entrei no estacionamento do Albertson, depois me abaixei e puxei a bandana que eu tinha enrolado em volta do meu pescoço e acima da minha boca. Jace fez o mesmo. Parecia que estávamos lá para sustentar o local, mas parecia a melhor solução, já que não tínhamos acesso a nenhuma máscara cirúrgica.

— Pronta? — ele perguntou.

Provavelmente não, mas era tarde demais para desistir agora. Além das velas, havia vários produtos não perecíveis que queríamos pegar, toalhas de papel, papel higiênico, arroz, farinha, açúcar, especiarias. É claro que Jace não conhecia a loja, mas eu tinha uma ideia vaga de onde algumas coisas estavam localizadas, com base nas minhas visitas anteriores aqui. Eu só tinha que esperar que fosse o suficiente para entrar e sair o mais rápido possível.

— Pronta. — eu disse, minha voz abafada pelo lenço amarrado na minha boca.

CHRISTINE POPE



Chosen

Sáímos do Cherokee e seguimos em direção à entrada da loja. Carrinhos de compras foram abandonados em ordem aleatória em frente ao prédio, e cada um de nós pegou um. Nós também segurávamos grandes lanternas acionadas por manivela, arte dos suprimentos de emergência do complexo, já que minha experiência dentro dos Walgreens em Albuquerque havia me ensinado que aquelas pequenas do tamanho de canetas realmente não funcionavam quando você estava tentando realizar uma operação de resgate.

O vidro da porta tinha quebrado e espalhado por todo o lugar, então era bom que Jace e eu usássemos botas de caminhada pesadas. Pedacos de vidro trituravam sob os pés quando entramos, lanternas balançando para um lado e para o outro.

Estava bastante frio naquele dia; a leitura da temperatura externa no Cherokee a situava em cerca de quarenta e seis graus. Talvez isso fosse uma coisa boa, pois evitava o cheiro excessivo, mesmo com o nariz coberto. Ah, definitivamente estava lá, algo

CHRISTINE POPE

doentamente doce e ainda acre ao mesmo tempo, mas não tão avassalador que não pude ignorar o odor. Pareceu pegar no fundo da minha garganta, e eu me vi respirando superficialmente, empurrando o carrinho sombriamente para frente, enquanto Jace cortava para a direita para vasculhar aquele lado da lareira.

Algumas pessoas poderiam ter dito que era tolice separar-se assim, mas como nenhum de nós tinha visto outra alma viva em semanas, decidimos que era um risco que estávamos dispostos a correr. Dessa forma, poderíamos entrar e sair mais rapidamente.

Enquanto me movia, levando minha lanterna para as prateleiras, pude ver novamente evidências de saques, itens que haviam sido levados. Cereais de café da manhã pareciam populares, por algum motivo. O corredor de vitaminas também estava quase limpo, embora eu tenha encontrado alguns frascos de multivitaminas que foram deixados para trás. O mesmo acontece com os produtos de papel, muito foi levado, mas não todos. Peguei o que pude,

empilhando grandes pacotes de papel higiênico e toalhas de papel no meu carrinho de compras.

Então virei à esquina e descobri a verdadeira razão pela qual chegávamos lá: a seção de comida hispânica. Fiquei meio surpreso ao ver que todas as velas dos santos pareciam imperturbáveis. Talvez as pessoas estivessem mais interessadas em atender às suas necessidades físicas do que as espirituais, ou possivelmente apenas não tivessem pensado em usar as velas para acender após a falha da energia. Tanto faz. Não importava agora. O que importava era que eu era capaz de recolher uma dúzia das coisas, embalando-as dentro e ao redor do papel higiênico, das caixas de Kleenex e de todos os outros itens que eu peguei.

— Peguei eles! — Gritei.

A voz de Jace voltou para mim do outro lado da loja. — Ótimo! Vá para o jip, estou quase terminando.

Não fiquei triste ao ouvir isso. Esse supermercado não era tão assustador quanto os Walgreens, pois a lanterna que eu segurava era muito mais eficaz do

que a que eu tinha na época. Além disso, eu sabia que Jace viria correndo no segundo em que eu desse o alarme, caso algo estranho acontecesse. Mesmo assim, fiquei feliz em sair dali, do fedor persistente e da triste percepção de que ninguém viria para reabastecer aquelas prateleiras ou pegar os itens que haviam sido derrubados no chão.

Quando eu estava começando a carregar meu transporte na área de carga do Cherokee, Jace também saiu, com o carrinho cheio até a sacola com aqueles grandes sacos econômicos de arroz, caixas de sal, moedores de pimenta, recipiente após recipiente de especiarias, você escolhe, ele parecia tê-lo tirado do corredor da padaria, incluindo algumas latas de azeite muito necessárias. Tínhamos algumas, mas não o suficiente. Isso definitivamente ajudaria a estender nossos suprimentos por muitos mais meses.

— Parece que você planeja me manter acorrentada ao fogão por um bom tempo. — brinquei.

Ele me inclinou um daqueles olhares de cílios escuros que eu tanto amava. — Oh, eu posso lhe dar uma folga por bom comportamento.

— Isso é verdade?

— Absolutamente. — Um toque de sorriso brincava nos cantos de sua boca, mas enquanto eu observava, ele desapareceu. Quando segui seu olhar, pensei entender o motivo. Eu havia escavado meu carrinho até o ponto em que restavam as velas dos santos. Ele alcançou e pegou uma, virando-a nas mãos. Pelo manto azul, imaginei que a santa retratada era a Virgem Maria, mas não sabia ao certo. Minha família não era católica.

Elena saberia, mas ela se foi há muito tempo.

— Suponho que terminamos aqui, — disse Jace. Não foi uma pergunta.

— Sim, — eu disse a ele. — Vamos lá.

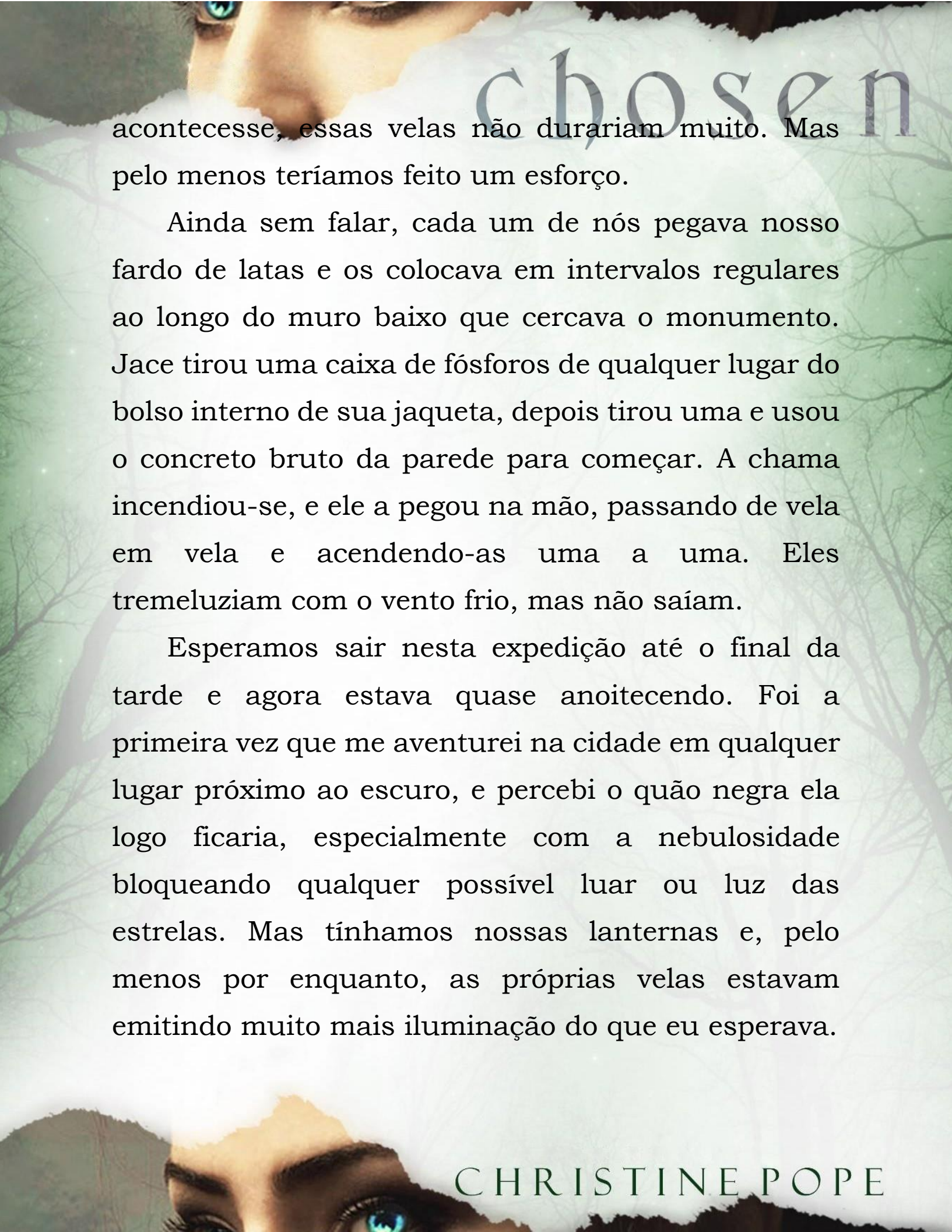
Embora não tivéssemos discutido o plano detalhadamente, de alguma forma fomos atraídos

pelo monumento no centro da praça. Parecia que aqui, no coração da cidade, era o melhor lugar para prestar nossos respeitos.

Folhas mortas haviam se espalhado pelas passarelas, mas por outro lado, o lugar parecia não ter sido tocado desde a última vez que estive aqui, quando a voz convocou o vento para varrer a bagunça que os saqueadores haviam deixado para trás. É verdade que muitas das lojas tinham suas janelas arrombadas, mas, ao contrário do Albertson, não havia vidro espalhado no chão.

Eu tive que me perguntar quanto desses detalhes Jace percebeu, enquanto caminhávamos do jipe até o centro da praça. Alguns, ao que parece, se as linhas apertadas de sua boca e o sulco intrigado em sua testa eram alguma indicação. Mas ele não fez nenhuma pergunta, apenas continuou até o monumento e o muro baixo que o cercava.

O dia continuava escuro, as nuvens ameaçadoras, embora não tivesse chovido. No entanto, cheirava a pesado e úmido. Se isso



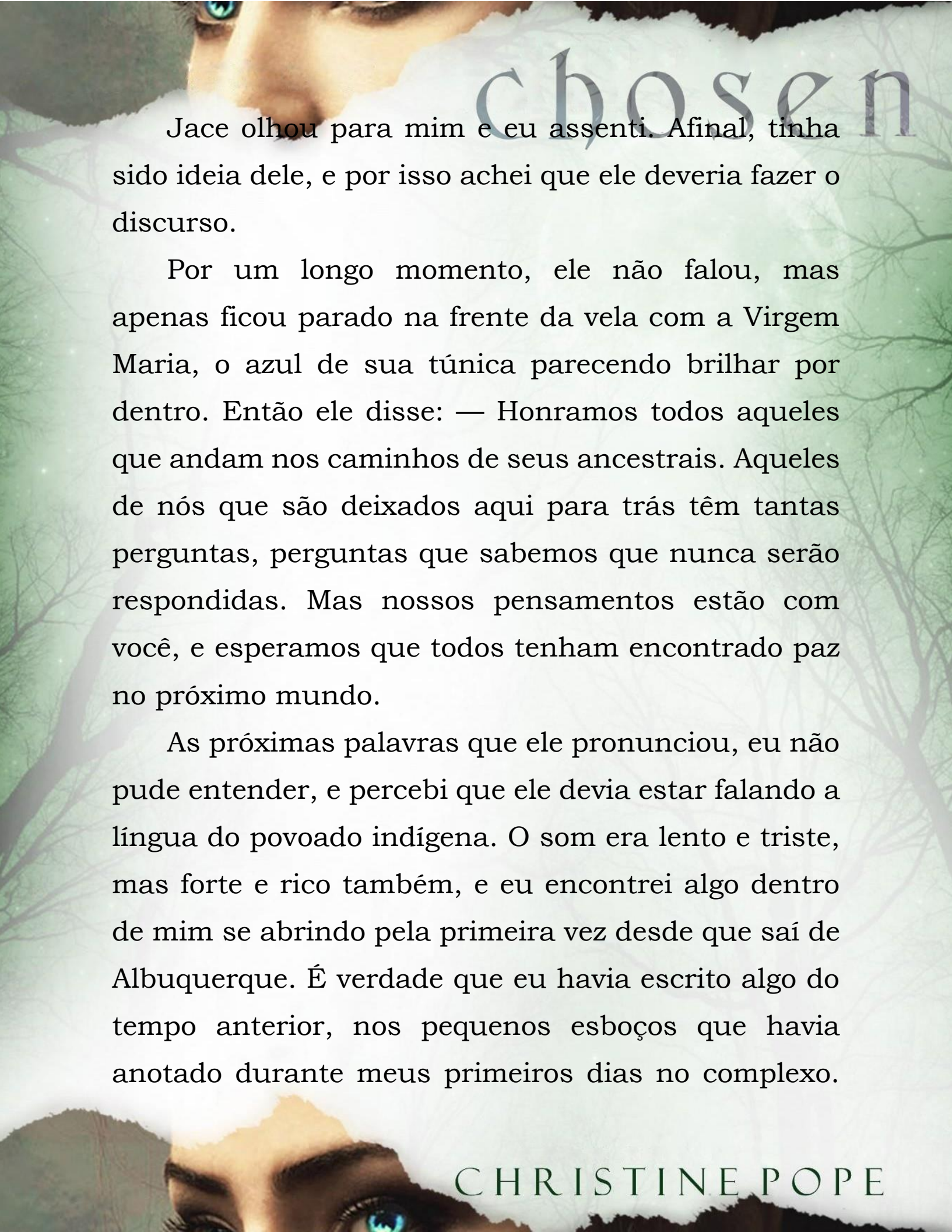
chosen

acontecesse, essas velas não durariam muito. Mas pelo menos teríamos feito um esforço.

Ainda sem falar, cada um de nós pegava nosso fardo de latas e os colocava em intervalos regulares ao longo do muro baixo que cercava o monumento. Jace tirou uma caixa de fósforos de qualquer lugar do bolso interno de sua jaqueta, depois tirou uma e usou o concreto bruto da parede para começar. A chama incendiou-se, e ele a pegou na mão, passando de vela em vela e acendendo-as uma a uma. Eles tremeluziam com o vento frio, mas não saíam.

Esperamos sair nesta expedição até o final da tarde e agora estava quase anoitecendo. Foi a primeira vez que me aventurei na cidade em qualquer lugar próximo ao escuro, e percebi o quão negra ela logo ficaria, especialmente com a nebulosidade bloqueando qualquer possível luar ou luz das estrelas. Mas tínhamos nossas lanternas e, pelo menos por enquanto, as próprias velas estavam emitindo muito mais iluminação do que eu esperava.

CHRISTINE POPE



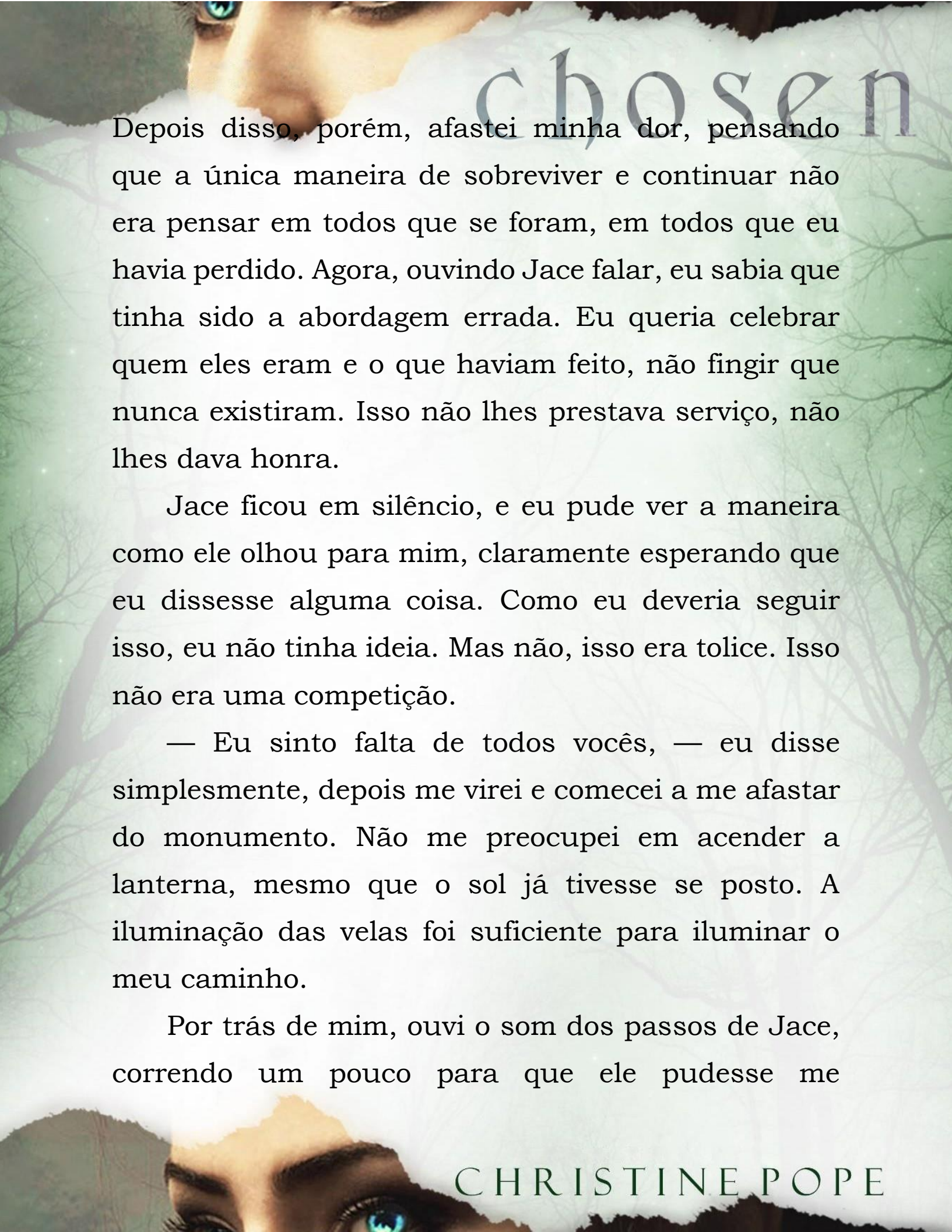
chosen

Jace olhou para mim e eu assenti. Afinal, tinha sido ideia dele, e por isso achei que ele deveria fazer o discurso.

Por um longo momento, ele não falou, mas apenas ficou parado na frente da vela com a Virgem Maria, o azul de sua túnica parecendo brilhar por dentro. Então ele disse: — Honramos todos aqueles que andam nos caminhos de seus ancestrais. Aqueles de nós que são deixados aqui para trás têm tantas perguntas, perguntas que sabemos que nunca serão respondidas. Mas nossos pensamentos estão com você, e esperamos que todos tenham encontrado paz no próximo mundo.

As próximas palavras que ele pronunciou, eu não pude entender, e percebi que ele devia estar falando a língua do povoado indígena. O som era lento e triste, mas forte e rico também, e eu encontrei algo dentro de mim se abrindo pela primeira vez desde que saí de Albuquerque. É verdade que eu havia escrito algo do tempo anterior, nos pequenos esboços que havia anotado durante meus primeiros dias no complexo.

CHRISTINE POPE



chosen

Depois disso, porém, afastei minha dor, pensando que a única maneira de sobreviver e continuar não era pensar em todos que se foram, em todos que eu havia perdido. Agora, ouvindo Jace falar, eu sabia que tinha sido a abordagem errada. Eu queria celebrar quem eles eram e o que haviam feito, não fingir que nunca existiram. Isso não lhes prestava serviço, não lhes dava honra.

Jace ficou em silêncio, e eu pude ver a maneira como ele olhou para mim, claramente esperando que eu dissesse alguma coisa. Como eu deveria seguir isso, eu não tinha ideia. Mas não, isso era tolice. Isso não era uma competição.

— Eu sinto falta de todos vocês, — eu disse simplesmente, depois me virei e comecei a me afastar do monumento. Não me preocupei em acender a lanterna, mesmo que o sol já tivesse se posto. A iluminação das velas foi suficiente para iluminar o meu caminho.

Por trás de mim, ouvi o som dos passos de Jace, correndo um pouco para que ele pudesse me

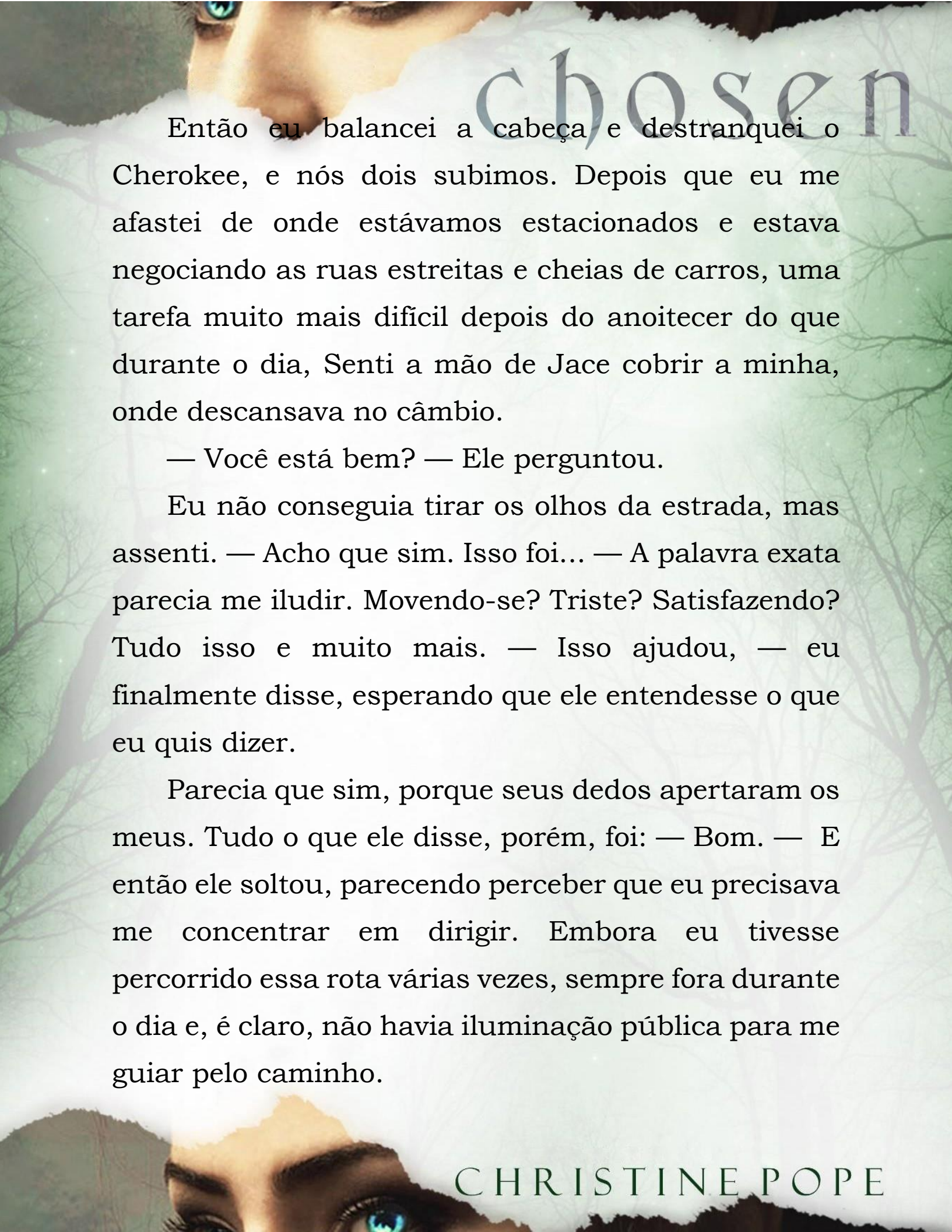
CHRISTINE POPE

alcançar. E então senti sua mão deslizar na minha, seus dedos aqueceram forte, mesmo que estivesse frio o suficiente para que realmente devêssemos estar usando luvas. Meus próprios dedos pareciam mergulhados em água gelada.

Nenhum de nós disse nada. Foi o suficiente, então, andar de mãos dadas de volta ao jipe, para confortar a sensação de carne humana pressionada contra a minha, tranquilizando no escuro e no frio. Quando chegou a hora de puxar a chave do carro do meu bolso, hesitei por uma fração de segundo. Não queria soltá-lo, abrir mão de seus dedos.

Ele pareceu detectar minha relutância, porque ficou parado ao meu lado por um momento, seu aperto tenso. Mas então ele soltou e disse: — Vamos para casa.

Eu não pude discutir com isso. O vento da noite perfurava a anoraque que eu usava como se fosse de gaze e não de lona resistente, e naquele momento o pensamento de estar cercado pelo calor da nossa casa parecia ainda mais atraente do que o habitual.



Chosen

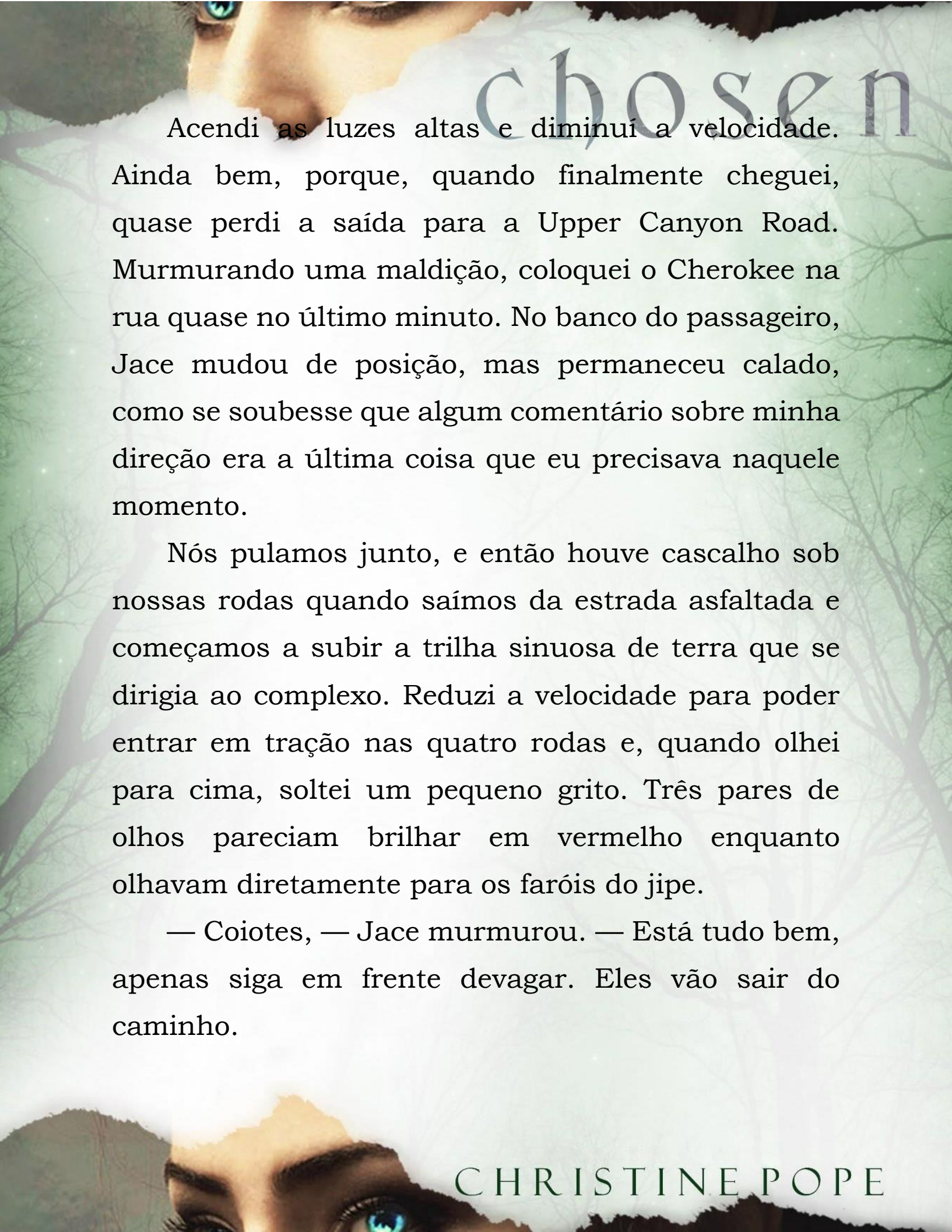
Então eu balancei a cabeça e destranquei o Cherokee, e nós dois subimos. Depois que eu me afastei de onde estávamos estacionados e estava negociando as ruas estreitas e cheias de carros, uma tarefa muito mais difícil depois do anoitecer do que durante o dia, Senti a mão de Jace cobrir a minha, onde descansava no câmbio.

— Você está bem? — Ele perguntou.

Eu não conseguia tirar os olhos da estrada, mas assenti. — Acho que sim. Isso foi... — A palavra exata parecia me iludir. Movendo-se? Triste? Satisfazendo? Tudo isso e muito mais. — Isso ajudou, — eu finalmente disse, esperando que ele entendesse o que eu quis dizer.

Parecia que sim, porque seus dedos apertaram os meus. Tudo o que ele disse, porém, foi: — Bom. — E então ele soltou, parecendo perceber que eu precisava me concentrar em dirigir. Embora eu tivesse percorrido essa rota várias vezes, sempre fora durante o dia e, é claro, não havia iluminação pública para me guiar pelo caminho.

CHRISTINE POPE



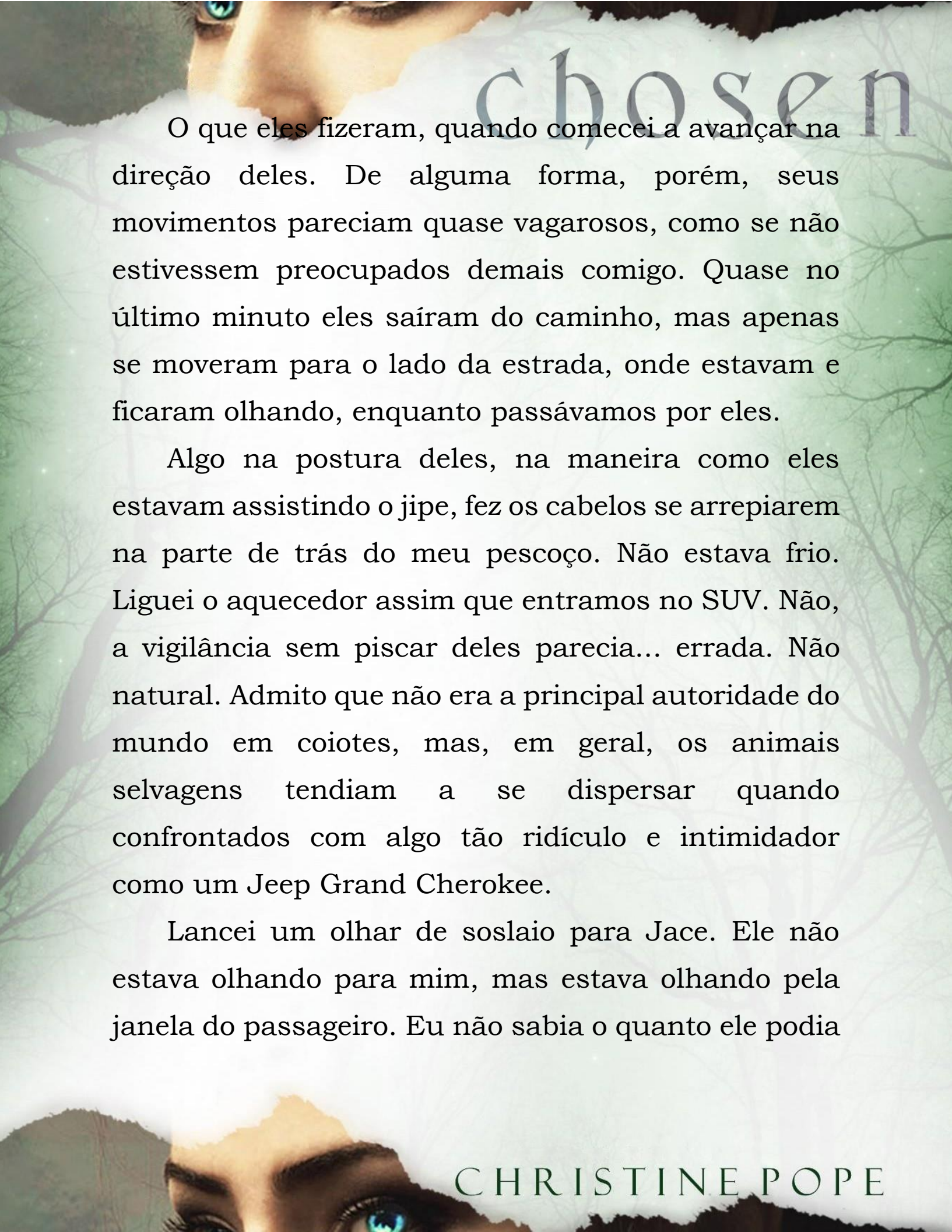
Chosen

Acendi as luzes altas e diminuí a velocidade. Ainda bem, porque, quando finalmente cheguei, quase perdi a saída para a Upper Canyon Road. Murmurando uma maldição, coloquei o Cherokee na rua quase no último minuto. No banco do passageiro, Jace mudou de posição, mas permaneceu calado, como se soubesse que algum comentário sobre minha direção era a última coisa que eu precisava naquele momento.

Nós pulamos junto, e então houve cascalho sob nossas rodas quando saímos da estrada asfaltada e começamos a subir a trilha sinuosa de terra que se dirigia ao complexo. Reduzi a velocidade para poder entrar em tração nas quatro rodas e, quando olhei para cima, soltei um pequeno grito. Três pares de olhos pareciam brilhar em vermelho enquanto olhavam diretamente para os faróis do jipe.

— Coiotes, — Jace murmurou. — Está tudo bem, apenas siga em frente devagar. Eles vão sair do caminho.

CHRISTINE POPE



chosen

O que eles fizeram, quando comecei a avançar na direção deles. De alguma forma, porém, seus movimentos pareciam quase vagarosos, como se não estivessem preocupados demais comigo. Quase no último minuto eles saíram do caminho, mas apenas se moveram para o lado da estrada, onde estavam e ficaram olhando, enquanto passávamos por eles.

Algo na postura deles, na maneira como eles estavam assistindo o jipe, fez os cabelos se arrepiarem na parte de trás do meu pescoço. Não estava frio. Liguei o aquecedor assim que entramos no SUV. Não, a vigilância sem piscar deles parecia... errada. Não natural. Admito que não era a principal autoridade do mundo em coiotes, mas, em geral, os animais selvagens tendiam a se dispersar quando confrontados com algo tão ridículo e intimidador como um Jeep Grand Cherokee.

Lancei um olhar de soslaio para Jace. Ele não estava olhando para mim, mas estava olhando pela janela do passageiro. Eu não sabia o quanto ele podia

CHRISTINE POPE

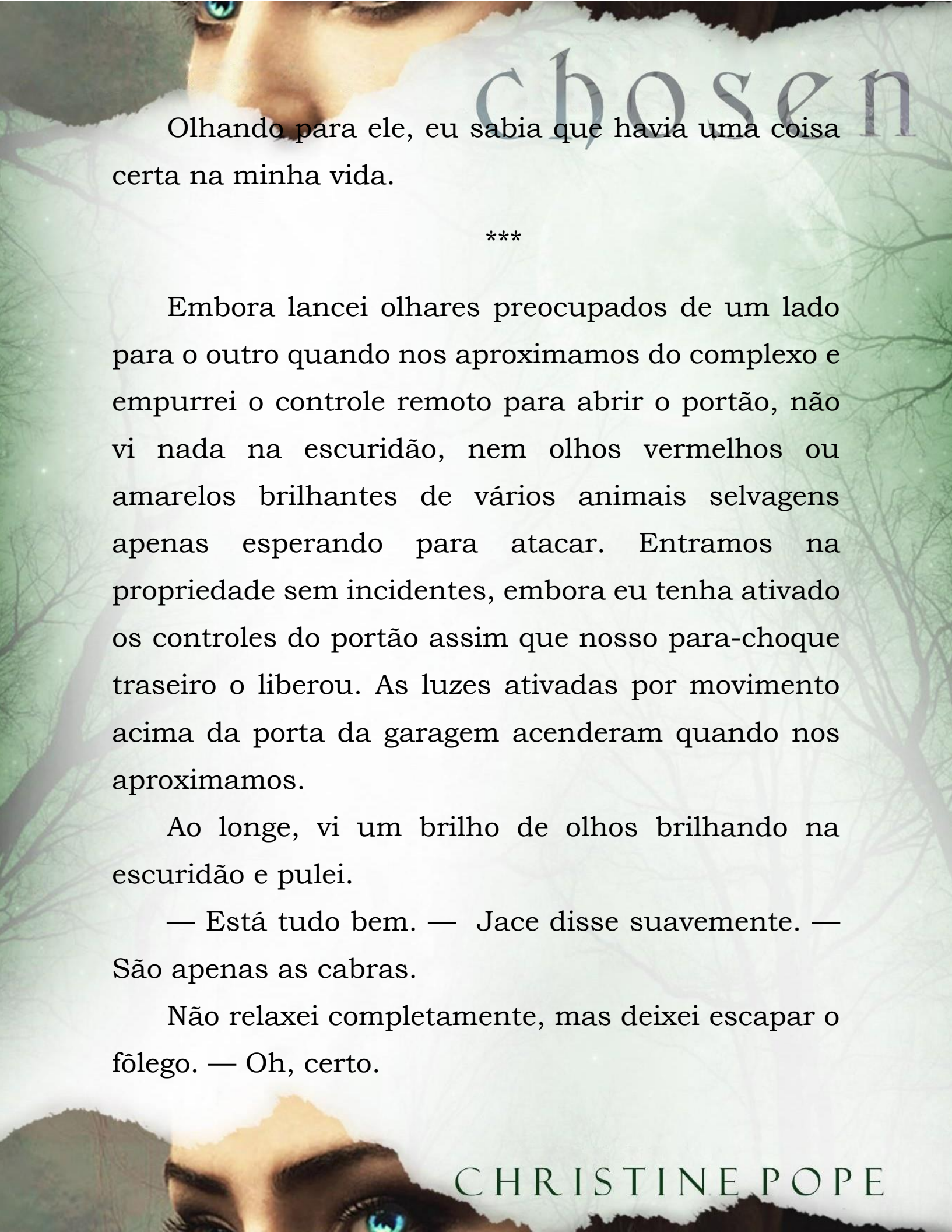
ver, uma vez que os faróis altos iluminavam a estrada à nossa frente, não dos dois lados.

— Isso foi estranho. — comentei, quando passamos pelos coiotes e eles se derreteram na escuridão.

— Um pouco. — ele concordou. Então eu vi os ombros dele se levantarem. — Talvez eles estejam ficando ousados agora que não precisam se preocupar em ser atropelados toda vez que saem do esconderijo.

Isso parecia plausível. Mas ainda assim uma nota de erro parecia ecoar dentro de mim, e eu não pude deixar de pensar que tinha que haver mais do que isso. Por outro lado, o mundo terminou de uma maneira que ninguém poderia ter previsto. As coisas estavam erradas há semanas.

Bem, principalmente. Arrisquei um olhar de soslaio para Jace e vi que ele estava olhando pela janela novamente, seu belo perfil levemente iluminado pelo brilho das luzes do painel.



Chosen

Olhando para ele, eu sabia que havia uma coisa certa na minha vida.

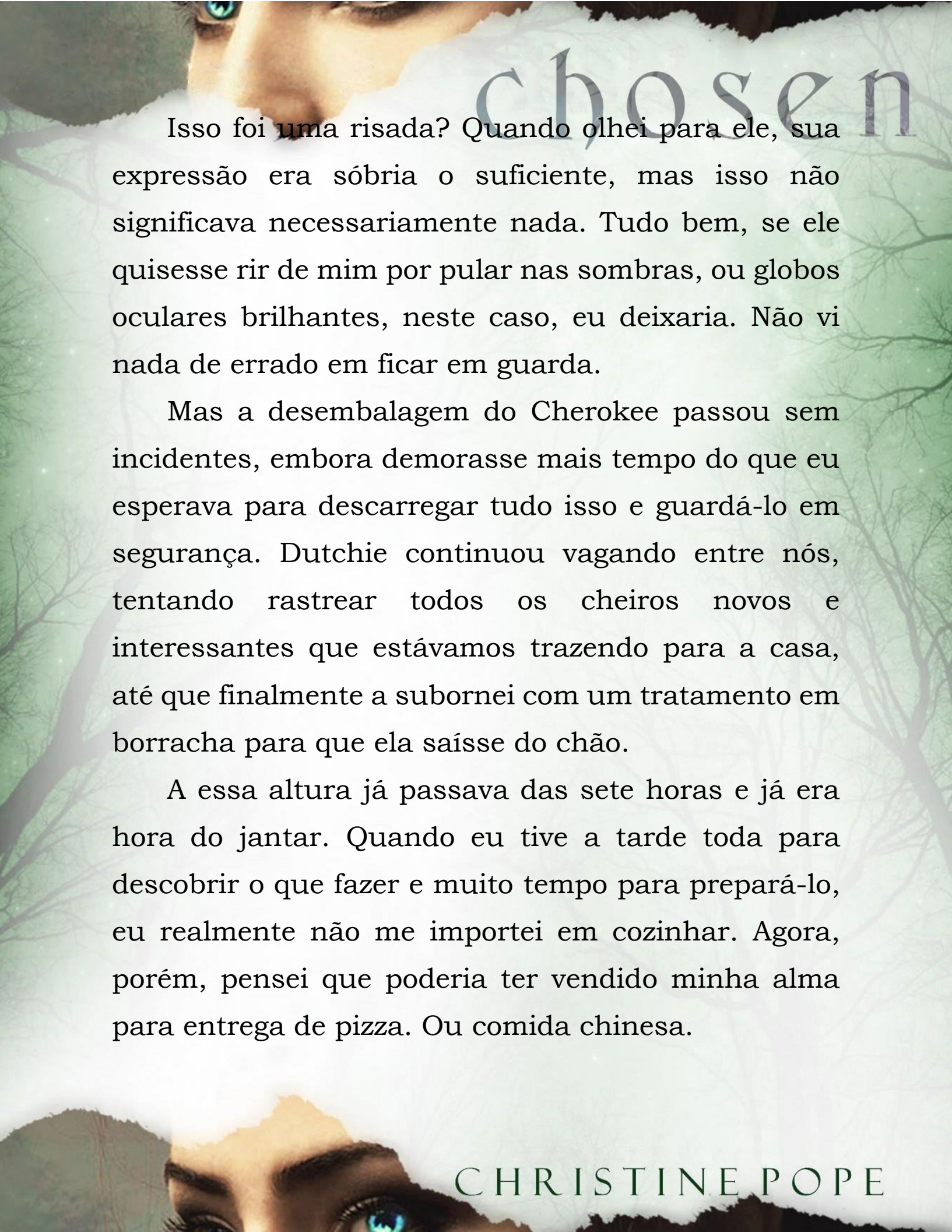
Embora lancei olhares preocupados de um lado para o outro quando nos aproximamos do complexo e empurrei o controle remoto para abrir o portão, não vi nada na escuridão, nem olhos vermelhos ou amarelos brilhantes de vários animais selvagens apenas esperando para atacar. Entramos na propriedade sem incidentes, embora eu tenha ativado os controles do portão assim que nosso para-choque traseiro o liberou. As luzes ativadas por movimento acima da porta da garagem acenderam quando nos aproximamos.

Ao longe, vi um brilho de olhos brilhando na escuridão e pulei.

— Está tudo bem. — Jace disse suavemente. — São apenas as cabras.

Não relaxei completamente, mas deixei escapar o fôlego. — Oh, certo.

CHRISTINE POPE



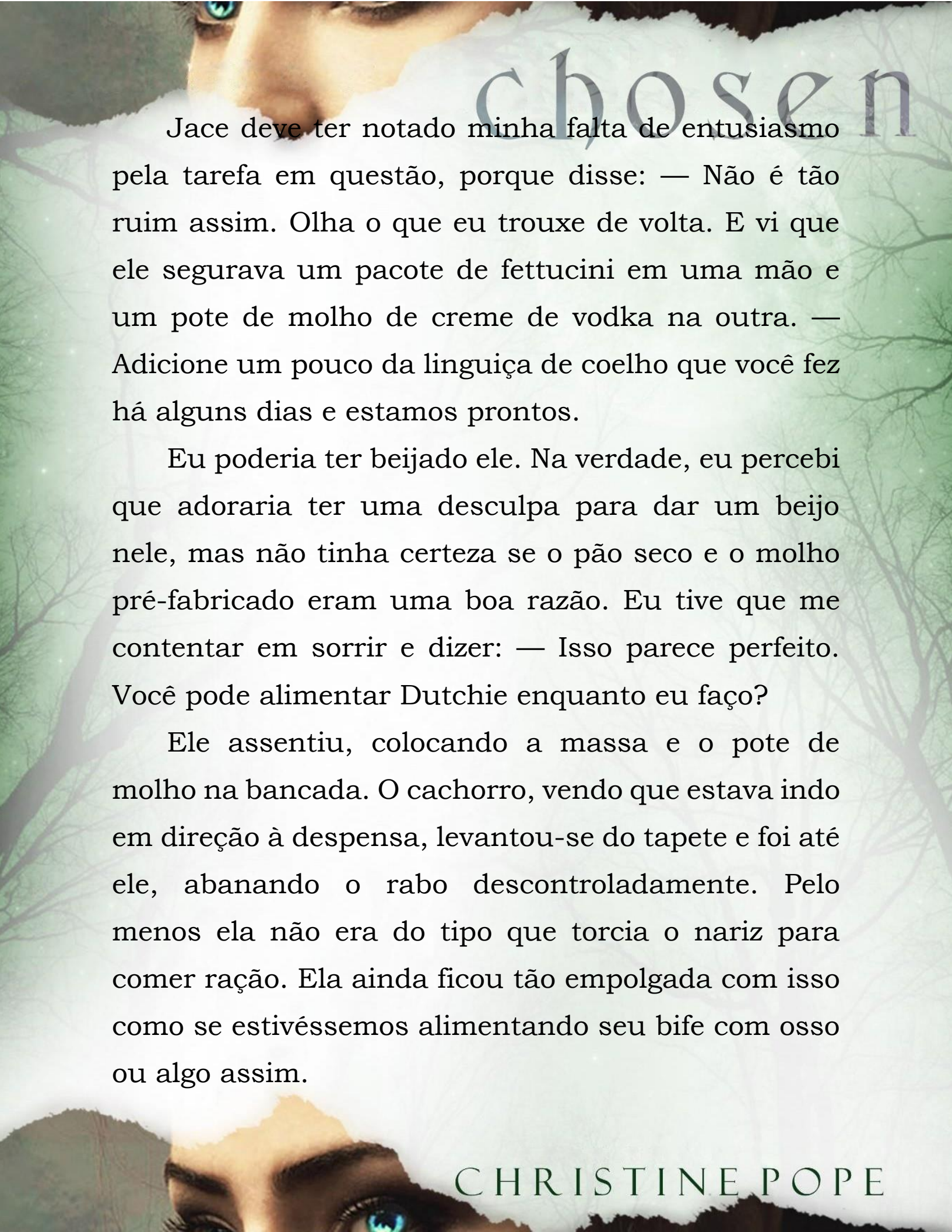
chosen

Isso foi uma risada? Quando olhei para ele, sua expressão era sóbria o suficiente, mas isso não significava necessariamente nada. Tudo bem, se ele quisesse rir de mim por pular nas sombras, ou globos oculares brilhantes, neste caso, eu deixaria. Não vi nada de errado em ficar em guarda.

Mas a desembalagem do Cherokee passou sem incidentes, embora demorasse mais tempo do que eu esperava para descarregar tudo isso e guardá-lo em segurança. Dutchie continuou vagando entre nós, tentando rastrear todos os cheiros novos e interessantes que estávamos trazendo para a casa, até que finalmente a subornei com um tratamento em borracha para que ela saísse do chão.

A essa altura já passava das sete horas e já era hora do jantar. Quando eu tive a tarde toda para descobrir o que fazer e muito tempo para prepará-lo, eu realmente não me importei em cozinhar. Agora, porém, pensei que poderia ter vendido minha alma para entrega de pizza. Ou comida chinesa.

CHRISTINE POPE



Chosen

Jace deve ter notado minha falta de entusiasmo pela tarefa em questão, porque disse: — Não é tão ruim assim. Olha o que eu trouxe de volta. E vi que ele segurava um pacote de fettucini em uma mão e um pote de molho de creme de vodka na outra. — Adicione um pouco da linguiça de coelho que você fez há alguns dias e estamos prontos.

Eu poderia ter beijado ele. Na verdade, eu percebi que adoraria ter uma desculpa para dar um beijo nele, mas não tinha certeza se o pão seco e o molho pré-fabricado eram uma boa razão. Eu tive que me contentar em sorrir e dizer: — Isso parece perfeito. Você pode alimentar Dutchie enquanto eu faço?

Ele assentiu, colocando a massa e o pote de molho na bancada. O cachorro, vendo que estava indo em direção à despensa, levantou-se do tapete e foi até ele, abanando o rabo descontroladamente. Pelo menos ela não era do tipo que torcia o nariz para comer ração. Ela ainda ficou tão empolgada com isso como se estivéssemos alimentando seu bife com osso ou algo assim.

CHRISTINE POPE

Enquanto estavam ocupados, enchi uma panela grande com água e a coloquei no fogão, depois encontrei uma panela menor e joguei o molho nela, colocando-a em fogo baixo no queimador traseiro. As salsichas estavam sendo armazenadas em um recipiente hermético na geladeira, então eu as tirei e as comecei a cozinhar também. Na verdade, fiquei meio surpresa que elas saíram tão bem quanto antes. Digamos que fazer salsichas não estava exatamente no meu repertório de culinária antes disso, mas elas realmente não eram tão difíceis assim, depois que você descobria como tudo funcionava.

Elas estavam apenas começando a chiar quando Jace se aproximou do fogão e parou para cheirar o ar. — Aquelas cheiram bem.

— Você disse a mesma coisa há dois dias quando as tínhamos pela primeira vez.

Uma sobrancelha não se levantou. — Assim? Dois dias não devem fazê-las ter um sabor menos bom.

Talvez não. Eu não ia discutir o assunto, especialmente com ele parado tão perto de mim, a

apenas um pé de distância. Ele tirou a jaqueta, e eu pude ver como a camisa henley de malha que ele usava moldava nos músculos dos braços e no peito, a pele marrom-dourada suave onde ele deixara um botão aberto.

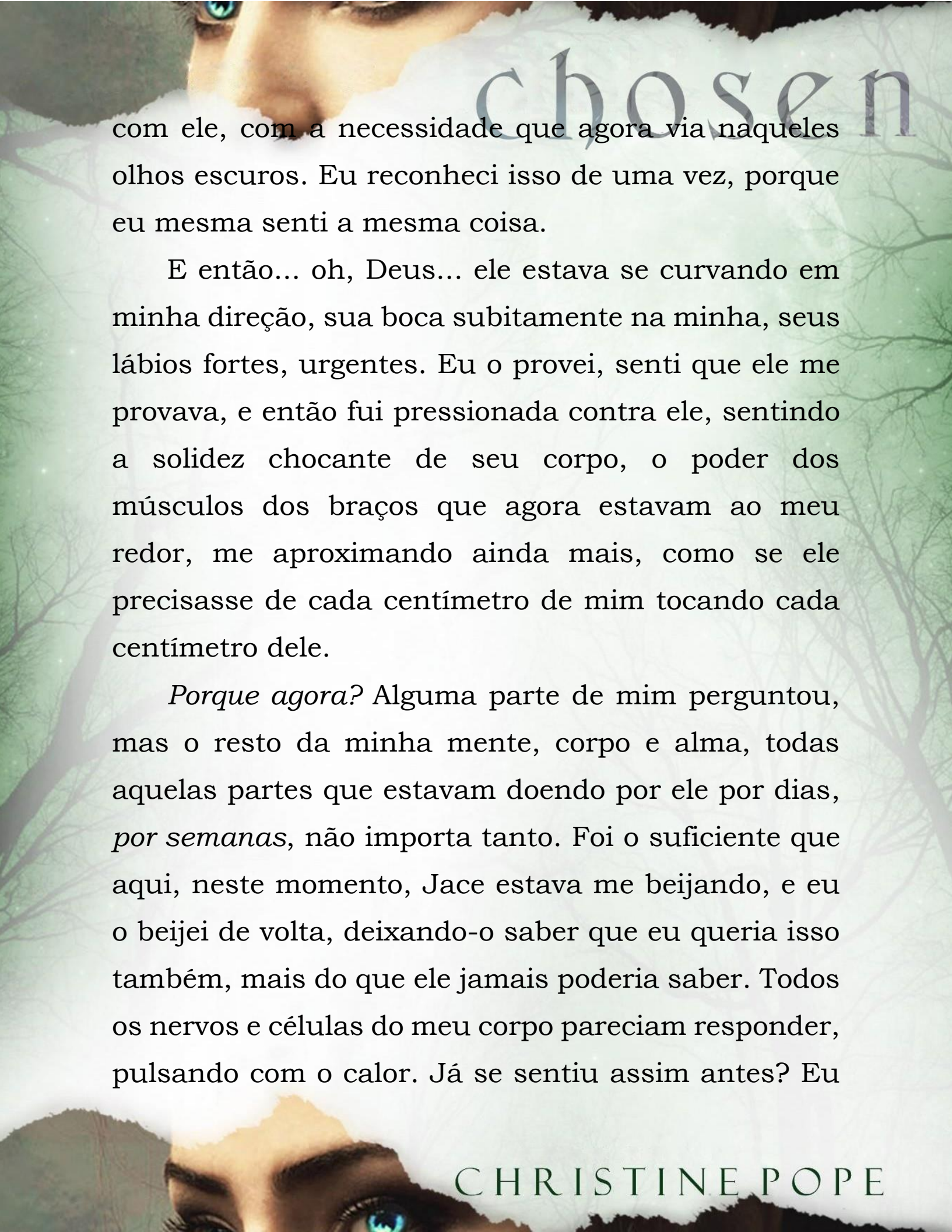
Merda. Eu não deveria estar olhando. Eu estava olhando?

Tive a sensação de que estava olhando.

O sangue subiu para minhas bochechas, e eu voltei para a frigideira, fazendo algo como um show de virar as salsichas. Eu também peguei um suporte de panela e levantei a tampa da panela de água para verificar, mas ainda não estava fervendo.

Enquanto eu colocava o suporte do pote no balcão, senti uma mão pousar na minha cintura, me virar, Jace estava ainda mais perto agora, olhos escuros fixos no meu rosto. O toque de seus dedos através da camiseta de manga comprida que eu usava parecia queimar como fogo.

Engoli em seco, pensando que precisava dizer algo. Mas as palavras fugiram, me deixando sozinha



com ele, com a necessidade que agora via naqueles olhos escuros. Eu reconheci isso de uma vez, porque eu mesma senti a mesma coisa.

E então... oh, Deus... ele estava se curvando em minha direção, sua boca subitamente na minha, seus lábios fortes, urgentes. Eu o provei, senti que ele me provava, e então fui pressionada contra ele, sentindo a solidez chocante de seu corpo, o poder dos músculos dos braços que agora estavam ao meu redor, me aproximando ainda mais, como se ele precisasse de cada centímetro de mim tocando cada centímetro dele.

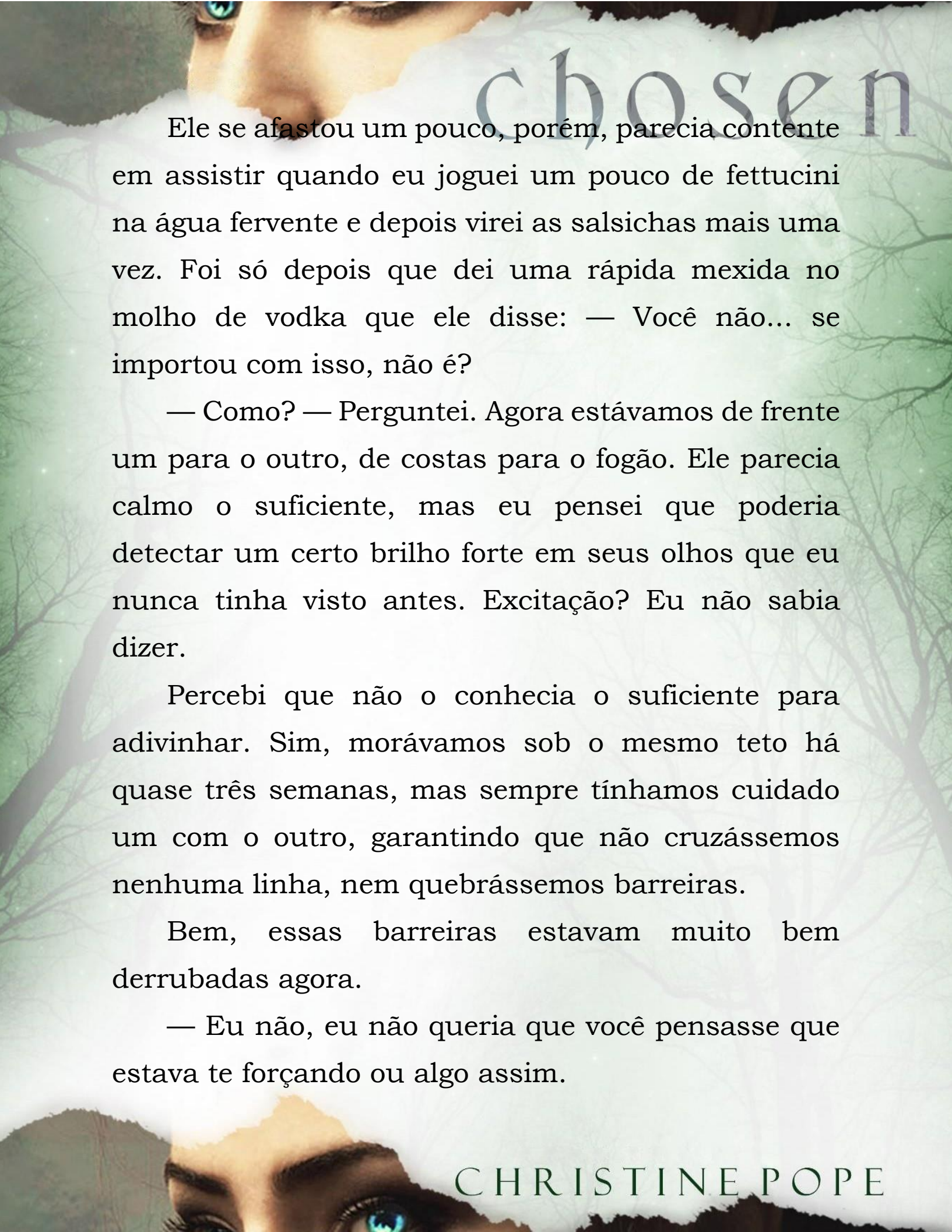
Porque agora? Alguma parte de mim perguntou, mas o resto da minha mente, corpo e alma, todas aquelas partes que estavam doendo por ele por dias, *por semanas*, não importa tanto. Foi o suficiente que aqui, neste momento, Jace estava me beijando, e eu o beijei de volta, deixando-o saber que eu queria isso também, mais do que ele jamais poderia saber. Todos os nervos e células do meu corpo pareciam responder, pulsando com o calor. Já se sentiu assim antes? Eu

CHRISTINE POPE

não sabia, porque Jace me beijando parecia ter limpado minhas memórias de todos os outros beijos que eu já tinha experimentado.

Um assobio nos interrompeu, no entanto, e Jace me soltou abruptamente. — A água está fervendo, — disse ele.

Essa não é a única coisa que está fervendo, pensei, mas não respondi, apenas estendi o braço para o porta-panela para que eu pudesse levantar a tampa da panela e depois abaixar o fogo para um nível mais razoável. Essas tarefas mundanas me ajudaram a me recompor um pouco, embora eu ainda pudesse sentir o sangue pulsando e latejando em minhas veias. Essa não era a única coisa latejante também. Eu não diria que eu era o tipo de pessoa que se excita facilmente, como meu ex-namorado idiota reclamou em mais de uma ocasião, mas naquele momento eu estava tão excitada que Jace provavelmente poderia me deitar na cozinha balcão e me levar lá absolutamente sem queixas.



Chosen

Ele se afastou um pouco, porém, parecia contente em assistir quando eu joguei um pouco de fettucini na água fervente e depois virei as salsichas mais uma vez. Foi só depois que dei uma rápida mexida no molho de vodka que ele disse: — Você não... se importou com isso, não é?

— Como? — Perguntei. Agora estávamos de frente um para o outro, de costas para o fogão. Ele parecia calmo o suficiente, mas eu pensei que poderia detectar um certo brilho forte em seus olhos que eu nunca tinha visto antes. Excitação? Eu não sabia dizer.

Percebi que não o conhecia o suficiente para adivinhar. Sim, morávamos sob o mesmo teto há quase três semanas, mas sempre tínhamos cuidado um com o outro, garantindo que não cruzássemos nenhuma linha, nem quebrássemos barreiras.

Bem, essas barreiras estavam muito bem derrubadas agora.

— Eu não, eu não queria que você pensasse que estava te forçando ou algo assim.

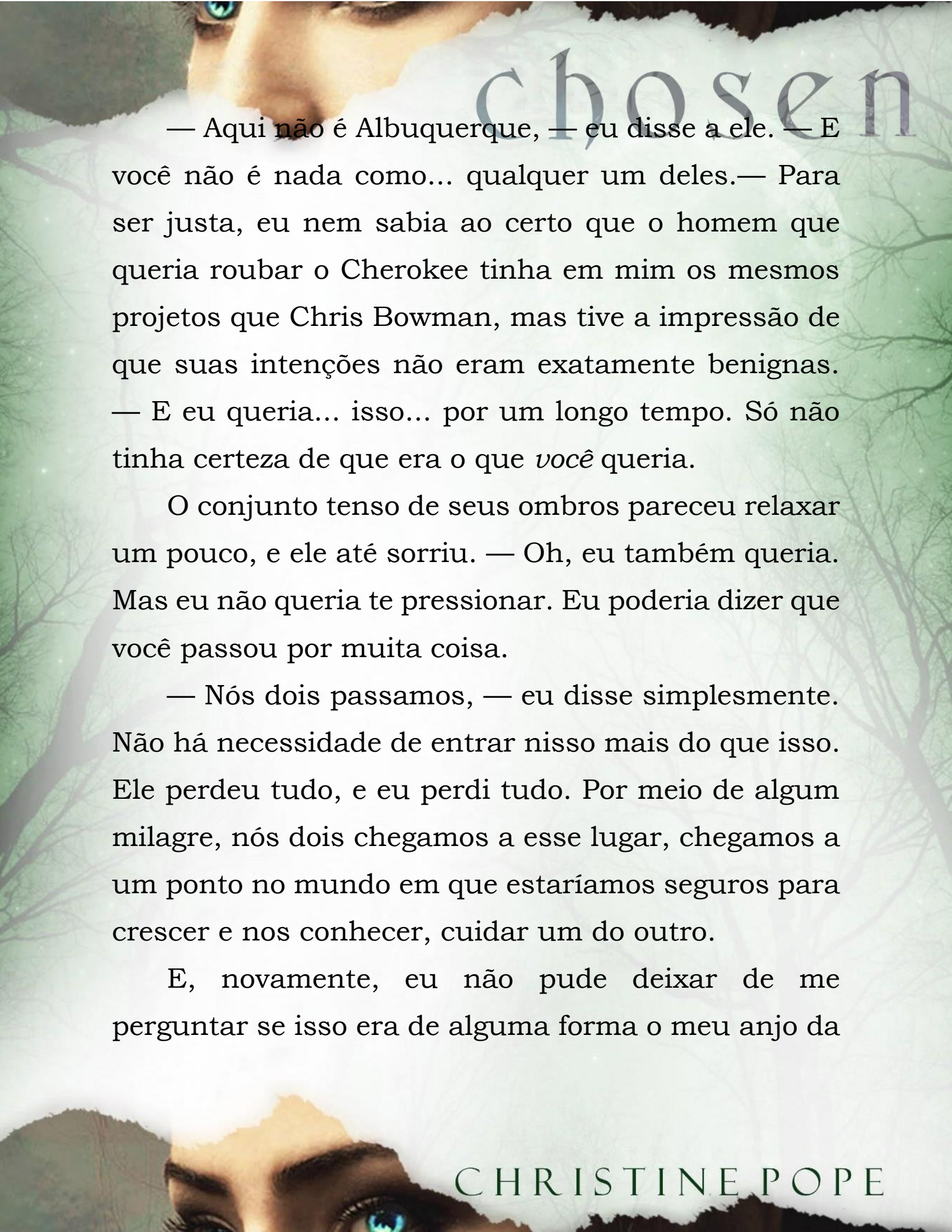
CHRISTINE POPE

Agora ele parecia quase preocupado, o brilho sumia de seus olhos, deixando-os sóbrios e escuros, tão escuros que eu não sabia dizer onde terminavam as pupilas e as íris começavam.

Me forçando? Isso foi uma piada. Eu queria aquele beijo, mas tinha me preocupado que meus sentimentos crescentes por ele não fossem correspondidos.

— Quero dizer, depois do que aconteceu com você em Albuquerque.

Hora de desiludi-lo dessa noção. Coloquei a colher no pequeno descanso de pedra que usamos para manter nossos utensílios de cozinha fora do balcão, depois me aproximei e peguei suas mãos nas minhas, pouco antes de eu ir na ponta dos pés e beijá-lo nos lábios. Um beijo rápido, não como o beijo de tirar o fôlego e bater no joelho que havíamos compartilhado alguns momentos antes, mas ainda assim o suficiente para que ele entendesse que eu gostei muito de beijá-lo.



chosen

— Aqui não é Albuquerque, — eu disse a ele. — E você não é nada como... qualquer um deles. — Para ser justa, eu nem sabia ao certo que o homem que queria roubar o Cherokee tinha em mim os mesmos projetos que Chris Bowman, mas tive a impressão de que suas intenções não eram exatamente benignas. — E eu queria... isso... por um longo tempo. Só não tinha certeza de que era o que *você* queria.

O conjunto tenso de seus ombros pareceu relaxar um pouco, e ele até sorriu. — Oh, eu também queria. Mas eu não queria te pressionar. Eu poderia dizer que você passou por muita coisa.

— Nós dois passamos, — eu disse simplesmente. Não há necessidade de entrar nisso mais do que isso. Ele perdeu tudo, e eu perdi tudo. Por meio de algum milagre, nós dois chegamos a esse lugar, chegamos a um ponto no mundo em que estaríamos seguros para crescer e nos conhecer, cuidar um do outro.

E, novamente, eu não pude deixar de me perguntar se isso era de alguma forma o meu anjo da

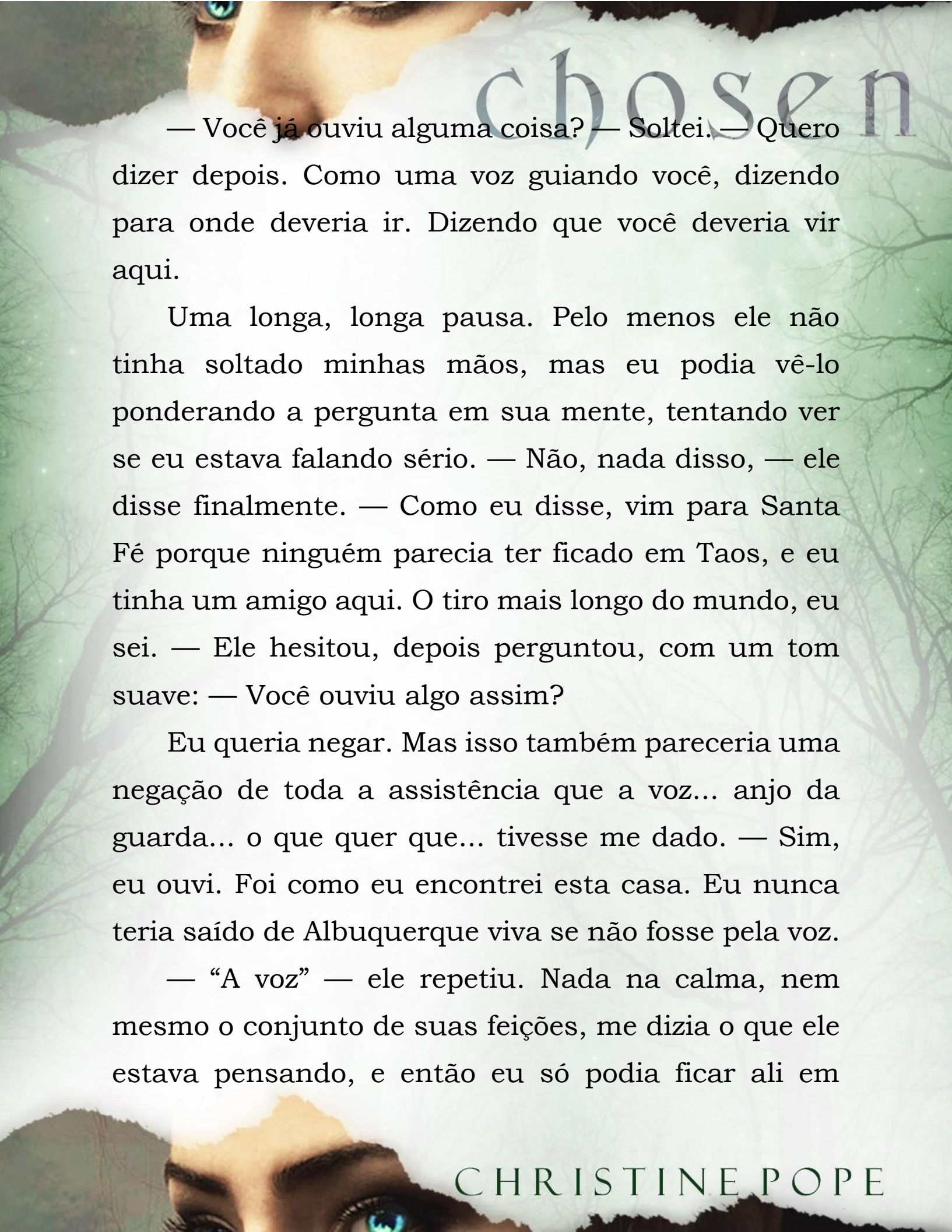
CHRISTINE POPE

guarda, a voz. Ele deu a Jace o mesmo aviso que me deu?

Olhos piscando quando ele parecia estudar meu rosto, Jace perguntou: — O que é isso?

Eu ousei mencionar a voz? Nós tínhamos acabado de abrir muito um para o outro; a última coisa que eu queria era que ele pensasse que eu era louca ou, no mínimo, um pouco desequilibrada por tudo o que havia experimentado desde que o Calor roubou tudo o que eu amava. Mas eu também não queria manter isso em segredo.

— Você ouviu... — Comecei, depois parei. Ele ainda estava segurando minhas mãos, dedos fortes e de alguma forma reconfortantes. Eu nunca quis que ele a deixasse ir, embora eu soubesse que ele teria que fazê-lo em algum momento, apenas para me deixar voltar a fazer o jantar. Mas isso poderia esperar mais um ou dois minutos. Seu olhar ainda estava descansando no meu rosto, expectante, imaginando o que eu estava tentando perguntar. E simplesmente não havia uma boa maneira de perguntar.



Chosen

— Você já ouviu alguma coisa? — Soltei. — Quero dizer depois. Como uma voz guiando você, dizendo para onde deveria ir. Dizendo que você deveria vir aqui.

Uma longa, longa pausa. Pelo menos ele não tinha soltado minhas mãos, mas eu podia vê-lo ponderando a pergunta em sua mente, tentando ver se eu estava falando sério. — Não, nada disso, — ele disse finalmente. — Como eu disse, vim para Santa Fé porque ninguém parecia ter ficado em Taos, e eu tinha um amigo aqui. O tiro mais longo do mundo, eu sei. — Ele hesitou, depois perguntou, com um tom suave: — Você ouviu algo assim?

Eu queria negar. Mas isso também pareceria uma negação de toda a assistência que a voz... anjo da guarda... o que quer que... tivesse me dado. — Sim, eu ouvi. Foi como eu encontrei esta casa. Eu nunca teria saído de Albuquerque viva se não fosse pela voz.

— “A voz” — ele repetiu. Nada na calma, nem mesmo o conjunto de suas feições, me dizia o que ele estava pensando, e então eu só podia ficar ali em

CHRISTINE POPE

agonia, me perguntando quando ele iria me soltar e se afastar. Longe da mulher louca.

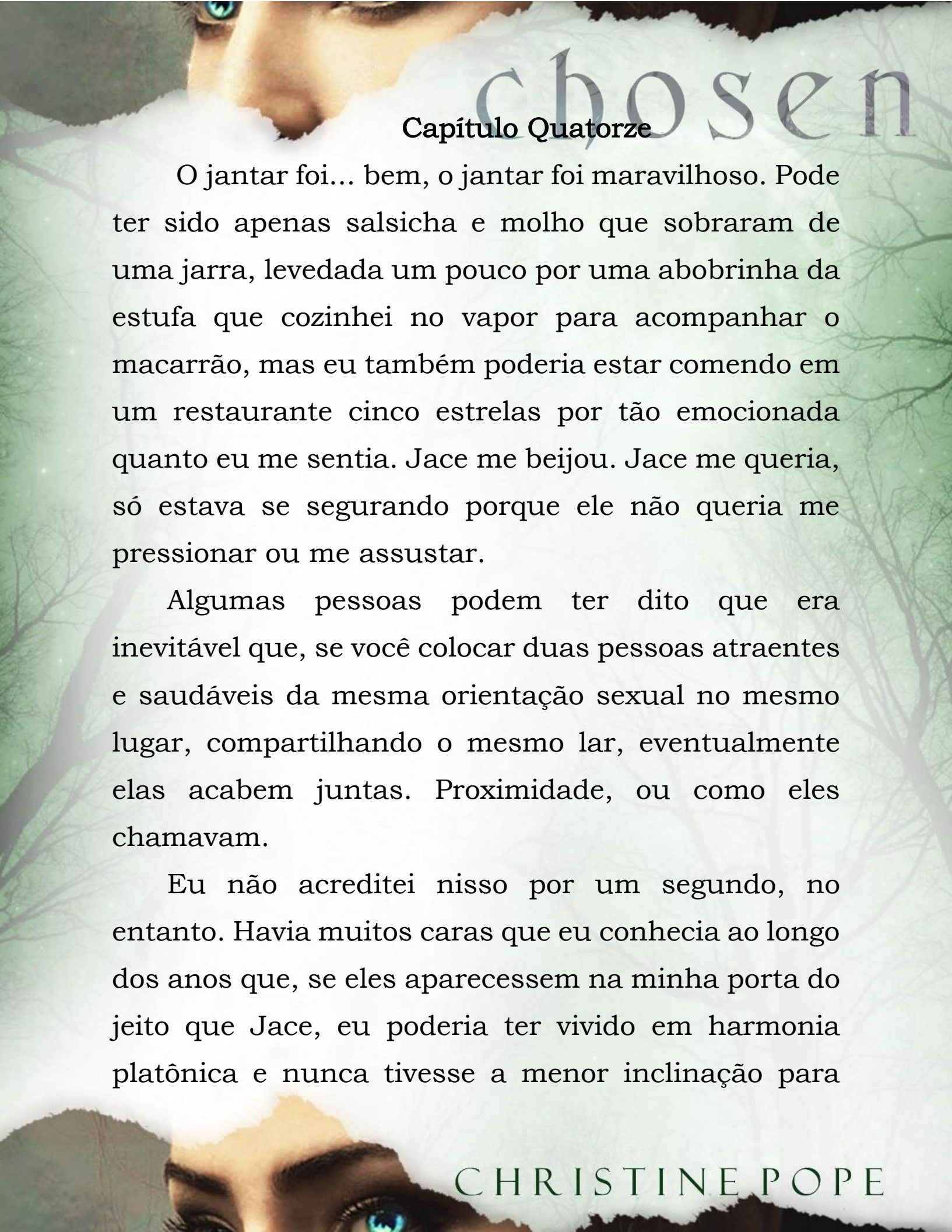
De alguma forma, eu consegui ficar lá, esperando.

— Você foi abençoada, eu acho, — Jace disse finalmente. — Algum espírito orientador olhou para você e sabia que era digna, que precisava sobreviver.

Alívio tomou conta de mim. Então ele não achou que eu era louca. Por outro lado, embora eu nunca tivesse acreditado muito nessas coisas, imaginei que o pessoal dele pensasse de maneira diferente. A linha divisória entre o nosso mundo e o mundo dos espíritos era definitivamente mais fina para eles.

— Você realmente acha que isso? — Perguntei, minha voz apenas acima de um sussurro. Até aquele momento, eu não tinha percebido o quão importante era que ele acreditasse em mim.

— Oh, sim, — ele respondeu, me puxando para mais perto dele, seus lábios encontrando os meus. — Então, vamos garantir que nossa sobrevivência seja importante.



Chosen

Capítulo Quatorze

O jantar foi... bem, o jantar foi maravilhoso. Pode ter sido apenas salsicha e molho que sobraram de uma jarra, levedada um pouco por uma abobrinha da estufa que cozinhei no vapor para acompanhar o macarrão, mas eu também poderia estar comendo em um restaurante cinco estrelas por tão emocionada quanto eu me sentia. Jace me beijou. Jace me queria, só estava se segurando porque ele não queria me pressionar ou me assustar.

Algumas pessoas podem ter dito que era inevitável que, se você colocar duas pessoas atraentes e saudáveis da mesma orientação sexual no mesmo lugar, compartilhando o mesmo lar, eventualmente elas acabem juntas. Proximidade, ou como eles chamavam.

Eu não acreditei nisso por um segundo, no entanto. Havia muitos caras que eu conhecia ao longo dos anos que, se eles aparecessem na minha porta do jeito que Jace, eu poderia ter vivido em harmonia platônica e nunca tivesse a menor inclinação para

CHRISTINE POPE

algo além de um abraço rápido em um aniversário ou algo assim.

Jace, por outro lado... bem, eu estava pensando em como ele estava desde o primeiro momento em que olhei para ele, enquanto eu o confrontava no portão do complexo, espingarda na mão. Aquele súbito e inesperado surto de admiração se transformou em atração com o passar dos dias, e agora era... o que?

Muito mais do que uma simples atração, mesmo que eu estivesse com muito medo de colocar uma etiqueta nela naquele momento.

Ele abriu uma garrafa de vinho, um pouco mais do Black Mesa Montepulciano, que, como se viu, também era um vinho do Novo México. Eu estava tão abalada quando cheguei ao complexo que nem sequer lera o rótulo tão de perto. Foi bem com a refeição simples que eu havia preparado. Mais do que isso, deu à noite uma sensação de celebração, que este era apenas o começo de algo muito mais.

Eu estava pronta para isso? Sim, eu estava tomando todo o meu remédio todas as noites, sabia

que ficaria protegida dessa maneira, se nada mais. Talvez eu devesse estar me preocupando se Jace tinha guardado alguns preservativos como parte de seu kit “sobrevivendo ao apocalipse”, mas por algum motivo, não achei que isso fosse necessário. Ele certamente não emitiu a vibração homem-prostituta. Deve ficar bem.

— Um dólar por seus pensamentos. — Jace disse, e eu me assustei, sabendo que nunca poderia dizer a ele que estava pensando em opções contraceptivas. A essa altura estávamos descendo, restando apenas algumas mordidas em nossos pratos.

— Um dólar inteiro? — Eu provoquei, feliz por estarmos comendo à luz de velas. Com alguma sorte, ele não teria notado a maneira como o sangue quente subiu para minhas bochechas.

— Bem, um centavo provavelmente vale mais de um dólar agora, já que pelo menos você pode derreter um centavo e tirar o cobre dele. — Ele pousou o garfo e se inclinou um pouco para frente, um sorriso

tocando aqueles lábios carnudos, aqueles que pareciam tão deliciosos quando pressionados contra os meus. — Mas a sua escolha.

— Eu-eu não estava pensando em nada em particular. — Falei.

Uma sobrancelha subiu.

— A sério. — Peguei meu copo de vinho e engoli rapidamente.

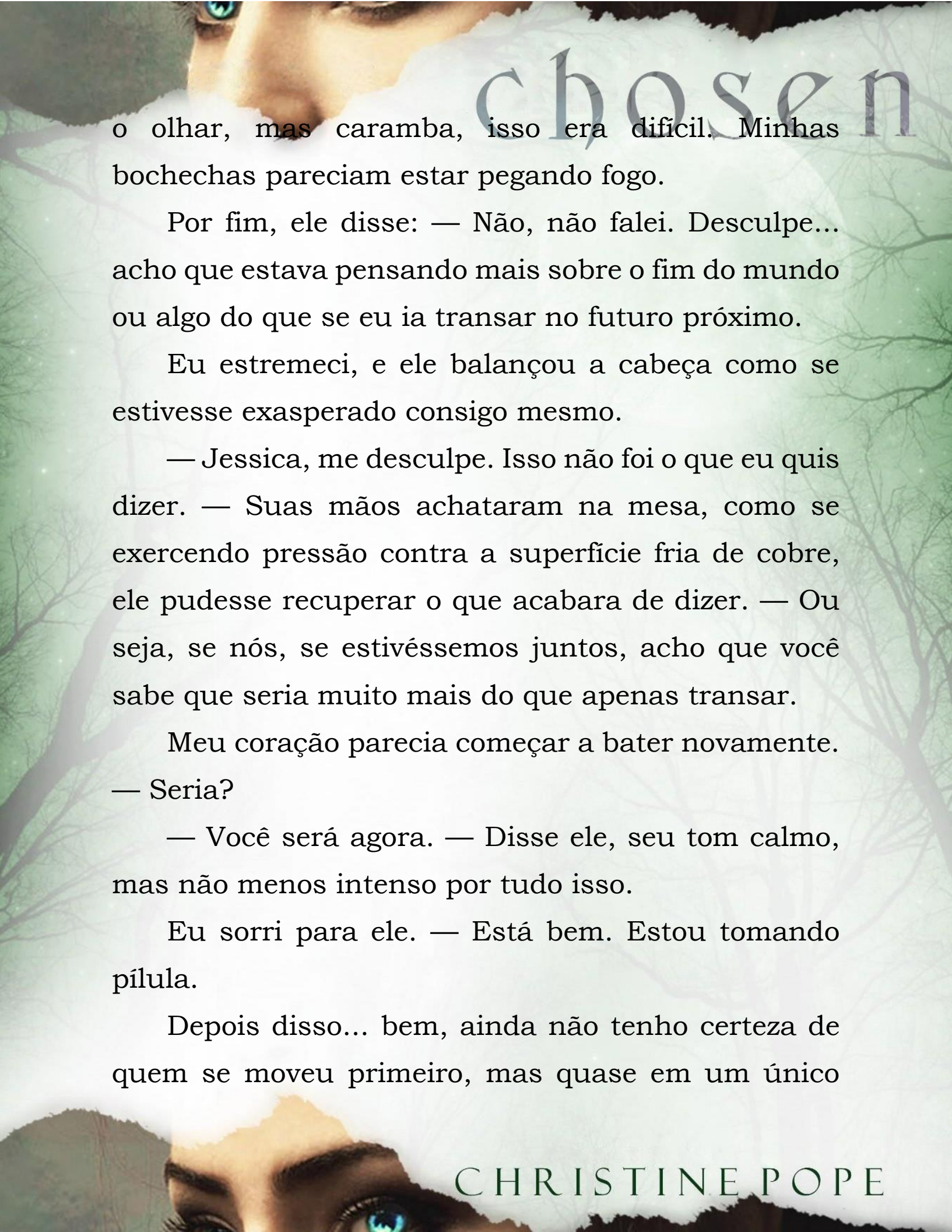
A outra sobrancelha se levantou.

Oh garoto. Eu podia parar e proteger, mas era bastante óbvio que Jace veria através de qualquer uma dessas maquinações. — Ok, tudo bem. — Eu disse a ele, colocando minha taça de vinho de volta e respirando. — Se você tem que saber, eu estava pensando se você tinha guardado algum preservativo quando saiu do Taos.

Ele soltou um suspiro, as duas sobrancelhas ainda levantadas. — Você não anda por aí, não é?

— Bem, você *perguntou*.

Por um segundo ou dois, ele não disse nada, apenas olhou para mim. Tentei não piscar ou desviar



chosen

o olhar, mas caramba, isso era difícil. Minhas bochechas pareciam estar pegando fogo.

Por fim, ele disse: — Não, não falei. Desculpe... acho que estava pensando mais sobre o fim do mundo ou algo do que se eu ia transar no futuro próximo.

Eu estremeci, e ele balançou a cabeça como se estivesse exasperado consigo mesmo.

— Jessica, me desculpe. Isso não foi o que eu quis dizer. — Suas mãos achataram na mesa, como se exercendo pressão contra a superfície fria de cobre, ele pudesse recuperar o que acabara de dizer. — Ou seja, se nós, se estivéssemos juntos, acho que você sabe que seria muito mais do que apenas transar.

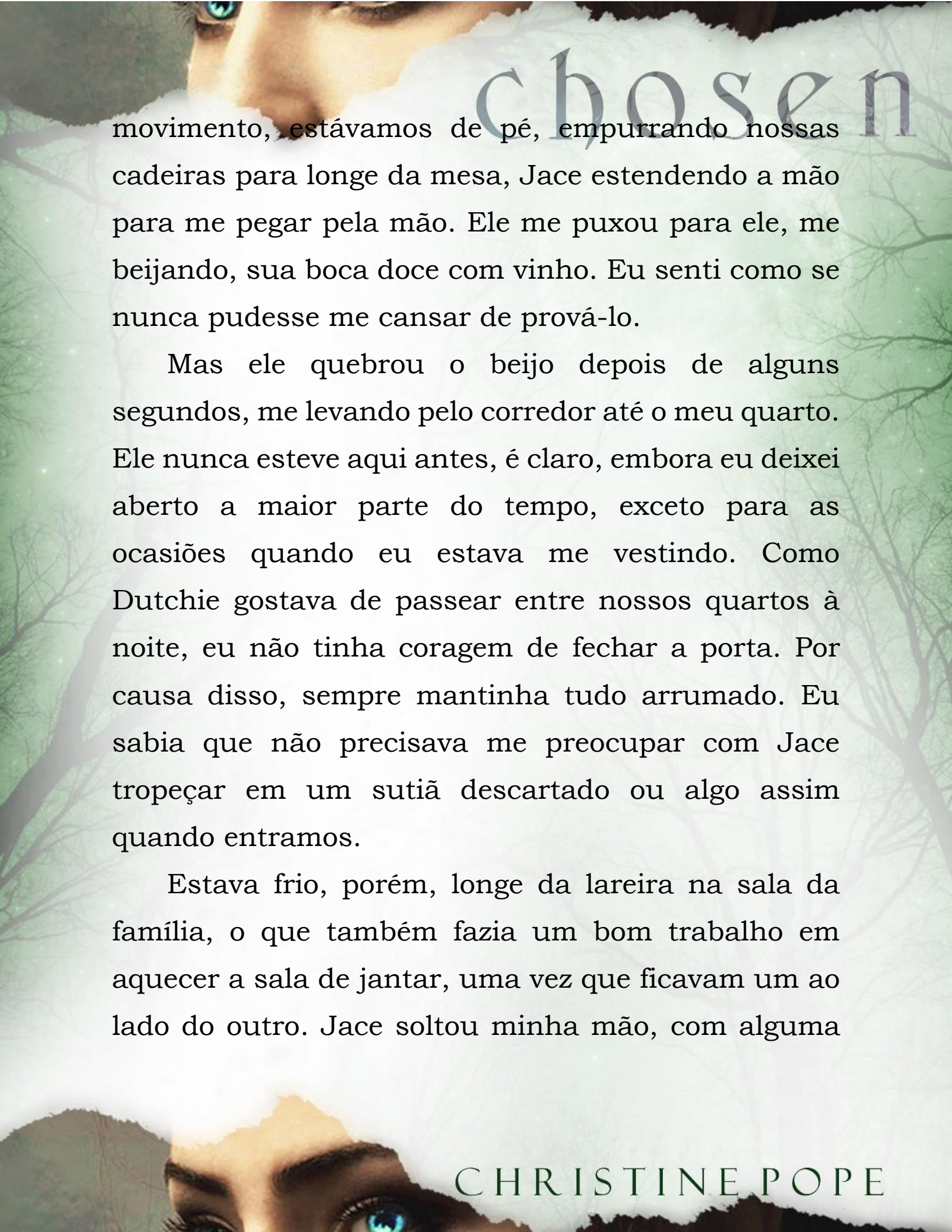
Meu coração parecia começar a bater novamente. — Seria?

— Você será agora. — Disse ele, seu tom calmo, mas não menos intenso por tudo isso.

Eu sorri para ele. — Está bem. Estou tomando pílula.

Depois disso... bem, ainda não tenho certeza de quem se moveu primeiro, mas quase em um único

CHRISTINE POPE



Chosen

movimento, estávamos de pé, empurrando nossas cadeiras para longe da mesa, Jace estendendo a mão para me pegar pela mão. Ele me puxou para ele, me beijando, sua boca doce com vinho. Eu senti como se nunca pudesse me cansar de prová-lo.

Mas ele quebrou o beijo depois de alguns segundos, me levando pelo corredor até o meu quarto. Ele nunca esteve aqui antes, é claro, embora eu deixei aberto a maior parte do tempo, exceto para as ocasiões quando eu estava me vestindo. Como Dutchie gostava de passear entre nossos quartos à noite, eu não tinha coragem de fechar a porta. Por causa disso, sempre mantinha tudo arrumado. Eu sabia que não precisava me preocupar com Jace tropeçar em um sutiã descartado ou algo assim quando entramos.

Estava frio, porém, longe da lareira na sala da família, o que também fazia um bom trabalho em aquecer a sala de jantar, uma vez que ficavam um ao lado do outro. Jace soltou minha mão, com alguma

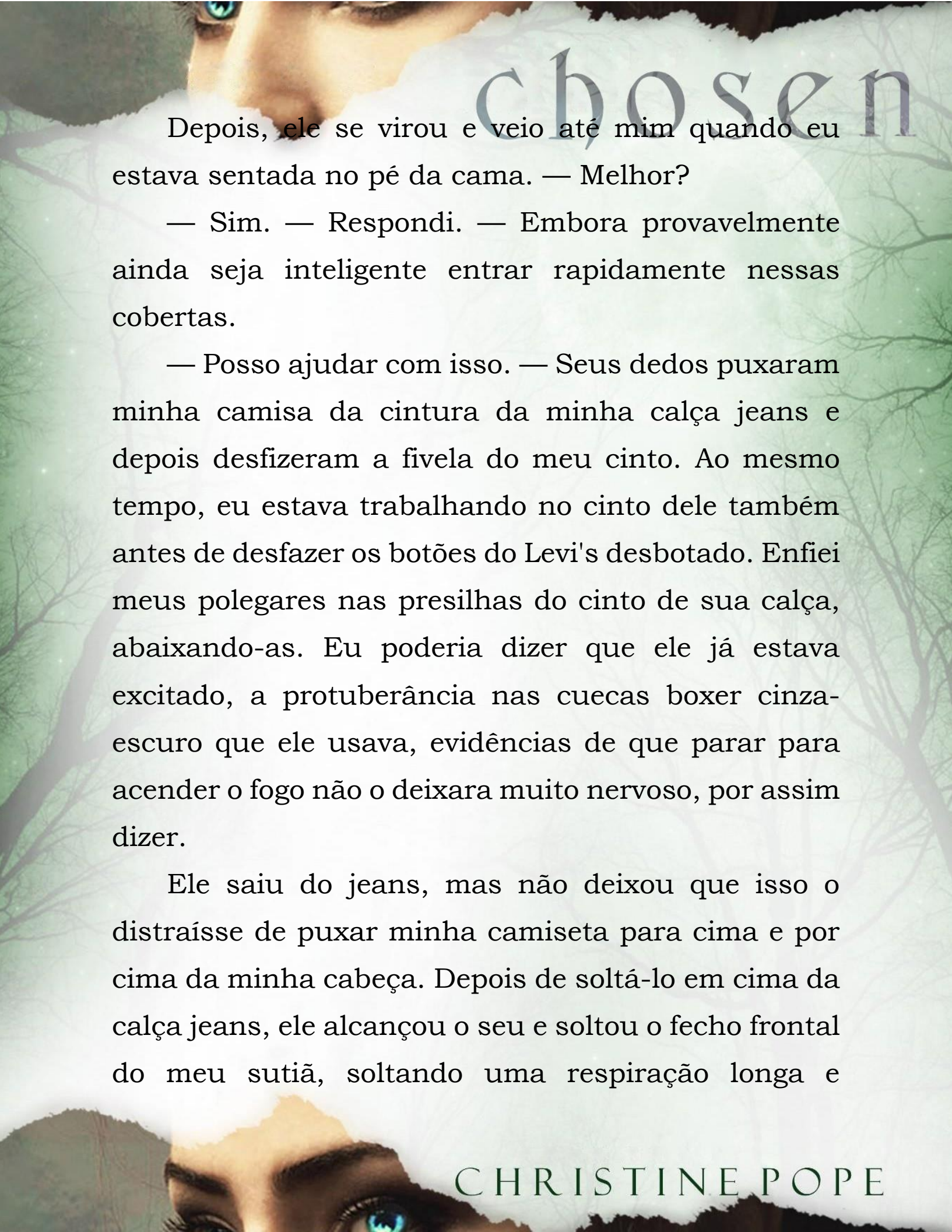
CHRISTINE POPE

relutância, ao que parece, e perguntou: — Tudo bem se eu acender um fogo?

— Você já tem, — eu disse, sorrindo, mas assenti. — Nós poderíamos usar um. Provavelmente vai ficar frio hoje à noite.

Ele foi até a lareira e começou a empilhar habilmente alguns troncos dentro dela. Já estávamos queimando muito, mas eu não estava muito preocupada. A casa tinha uma enorme sala de toras construída no lado norte, com madeira empilhada quase nas vigas de todas as paredes. Jace deu uma olhada no estoque e disse que poderíamos ter incêndios em todos os quartos até julho, se necessário.

Então, permiti-me apreciar o calor que começou a se espalhar pela sala depois que ele acendeu o fogo, e não se preocupe se ficaremos sem madeira na metade do inverno. E eu estaria mentindo se dissesse que também não gostei de ver o jeito que os jeans de Jace abraçavam sua bunda, enquanto ele se inclinava, persuadindo o fogo à vida.



Chosen

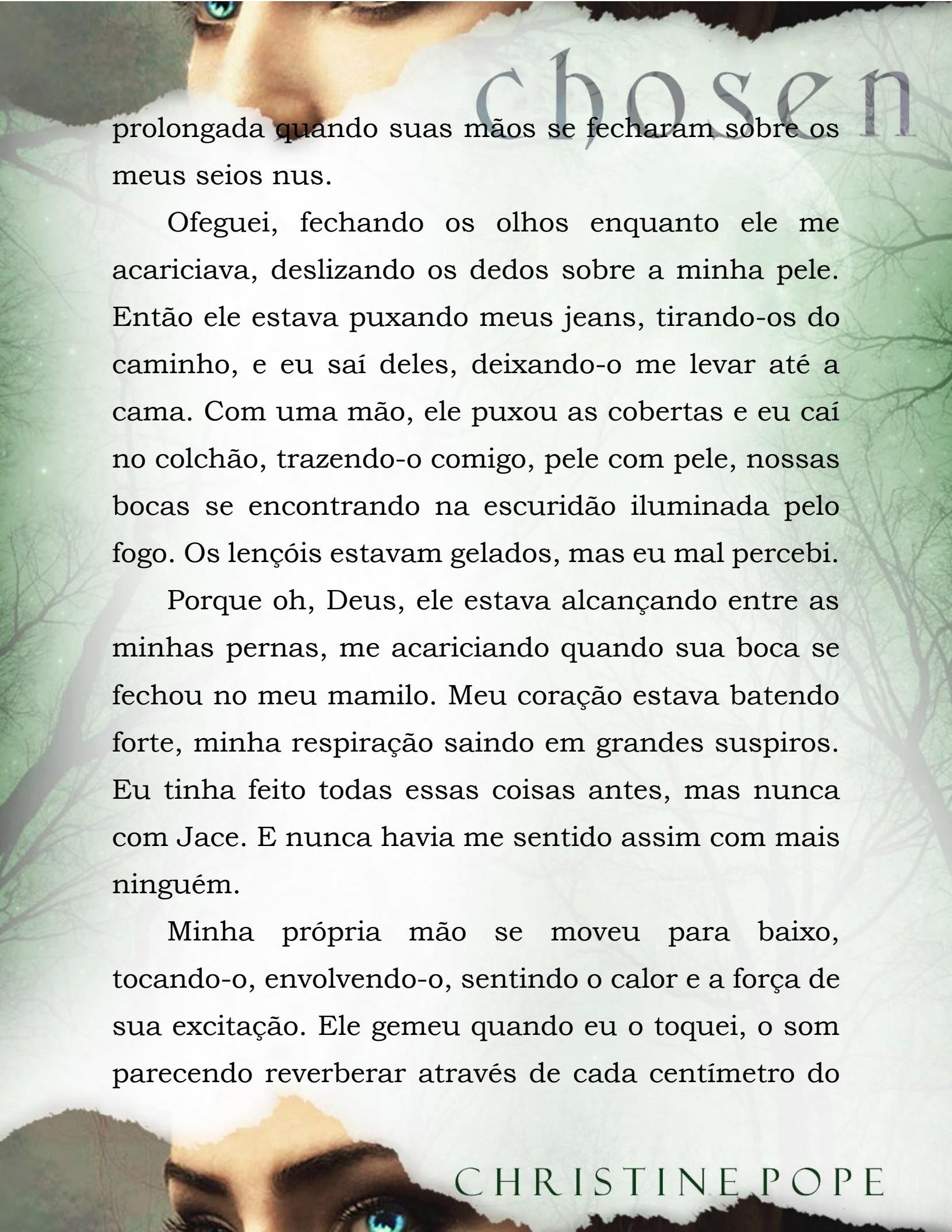
Depois, ele se virou e veio até mim quando eu estava sentada no pé da cama. — Melhor?

— Sim. — Respondi. — Embora provavelmente ainda seja inteligente entrar rapidamente nessas cobertas.

— Posso ajudar com isso. — Seus dedos puxaram minha camisa da cintura da minha calça jeans e depois desfizeram a fivela do meu cinto. Ao mesmo tempo, eu estava trabalhando no cinto dele também antes de desfazer os botões do Levi's desbotado. Enfiei meus polegares nas presilhas do cinto de sua calça, abaixando-as. Eu poderia dizer que ele já estava excitado, a protuberância nas cuecas boxer cinza-escuro que ele usava, evidências de que parar para acender o fogo não o deixara muito nervoso, por assim dizer.

Ele saiu do jeans, mas não deixou que isso o distraísse de puxar minha camiseta para cima e por cima da minha cabeça. Depois de soltá-lo em cima da calça jeans, ele alcançou o seu e soltou o fecho frontal do meu sutiã, soltando uma respiração longa e

CHRISTINE POPE



Chosen

prolongada quando suas mãos se fecharam sobre os meus seios nus.

Ofeguei, fechando os olhos enquanto ele me acariciava, deslizando os dedos sobre a minha pele. Então ele estava puxando meus jeans, tirando-os do caminho, e eu saí deles, deixando-o me levar até a cama. Com uma mão, ele puxou as cobertas e eu caí no colchão, trazendo-o comigo, pele com pele, nossas bocas se encontrando na escuridão iluminada pelo fogo. Os lençóis estavam gelados, mas eu mal percebi.

Porque oh, Deus, ele estava alcançando entre as minhas pernas, me acariciando quando sua boca se fechou no meu mamilo. Meu coração estava batendo forte, minha respiração saindo em grandes suspiros. Eu tinha feito todas essas coisas antes, mas nunca com Jace. E nunca havia me sentido assim com mais ninguém.

Minha própria mão se moveu para baixo, tocando-o, envolvendo-o, sentindo o calor e a força de sua excitação. Ele gemeu quando eu o toquei, o som parecendo reverberar através de cada centímetro do

CHRISTINE POPE

meu corpo. Ou talvez fosse apenas a onda que se aproximava do orgasmo que eu podia sentir pressionando sobre mim, aumentando até que eu não podia fazer nada, exceto permitir que Jace me tocasse, batesse sua língua contra o broto do meu peito, e então rasgou através de mim como um rio inchado quebrando uma represa, minha voz chamando seu nome, meu corpo levantando contra o dele.

Sim, já fazia um tempo, mas era mais do que isso. Era Jace, tudo, do jeito que ele me fez gozar, do jeito que eu me senti como se eu tivesse sido uma estranha meio-viva antes disso, se escondendo na escuridão até que ele me trouxe para a luz.

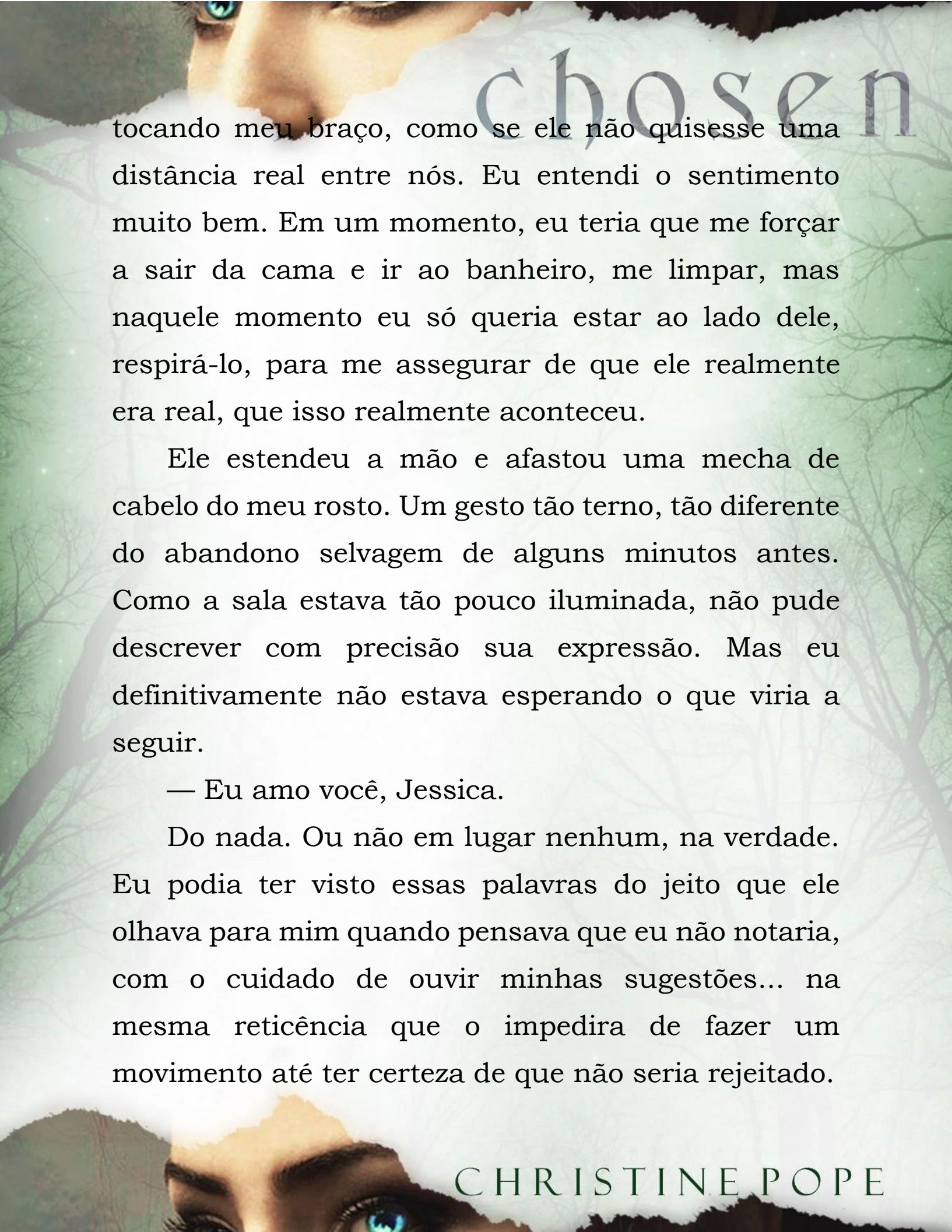
Então ele estava mudando, se movendo, e eu podia senti-lo empurrando contra mim, contra a minha entrada. Eu nunca quis nada mais do que ele queria dentro de mim, me enchendo. — Por favor, Jace, — sussurrei.

Era tudo o que ele precisava. Naquele instante, ele estava lá, em mim, se movendo cada vez mais

fundo enquanto eu balançava meus quadris contra os dele, puxando-o para dentro de mim, nossos corpos presos juntos, encontrando o ritmo, o empurrão e puxão perfeitos de homem e mulher, Jace e eu. Eu me agarrei a ele, uma mão subindo para agarrar seu pescoço, sentindo o cordão de couro que segurava seu cabelo para trás. Um puxão, e estava solto, o cabelo preto derramando sobre os ombros, roçando na minha bochecha, e foi isso, o último empurrão que eu precisava. Gritando, chamando seu nome, ofegando, meu corpo convulsionando contra o dele, e então eu pude senti-lo solto, ouvi-o gemer, seus quadris empurrando-o para dentro de mim, minhas pernas enroladas em torno dele, até que finalmente ele parou, ficou quieto, boca ao ouvido, meu nome uma respiração suave na sala silenciosa.

— Jessica...

Ficamos ali por momentos incontáveis, de carne com carne, bebendo no calor um do outro. Finalmente, ele se ergueu, afastando-se de mim, mas apenas para que ele pudesse ficar de lado, seu peito



Chosen

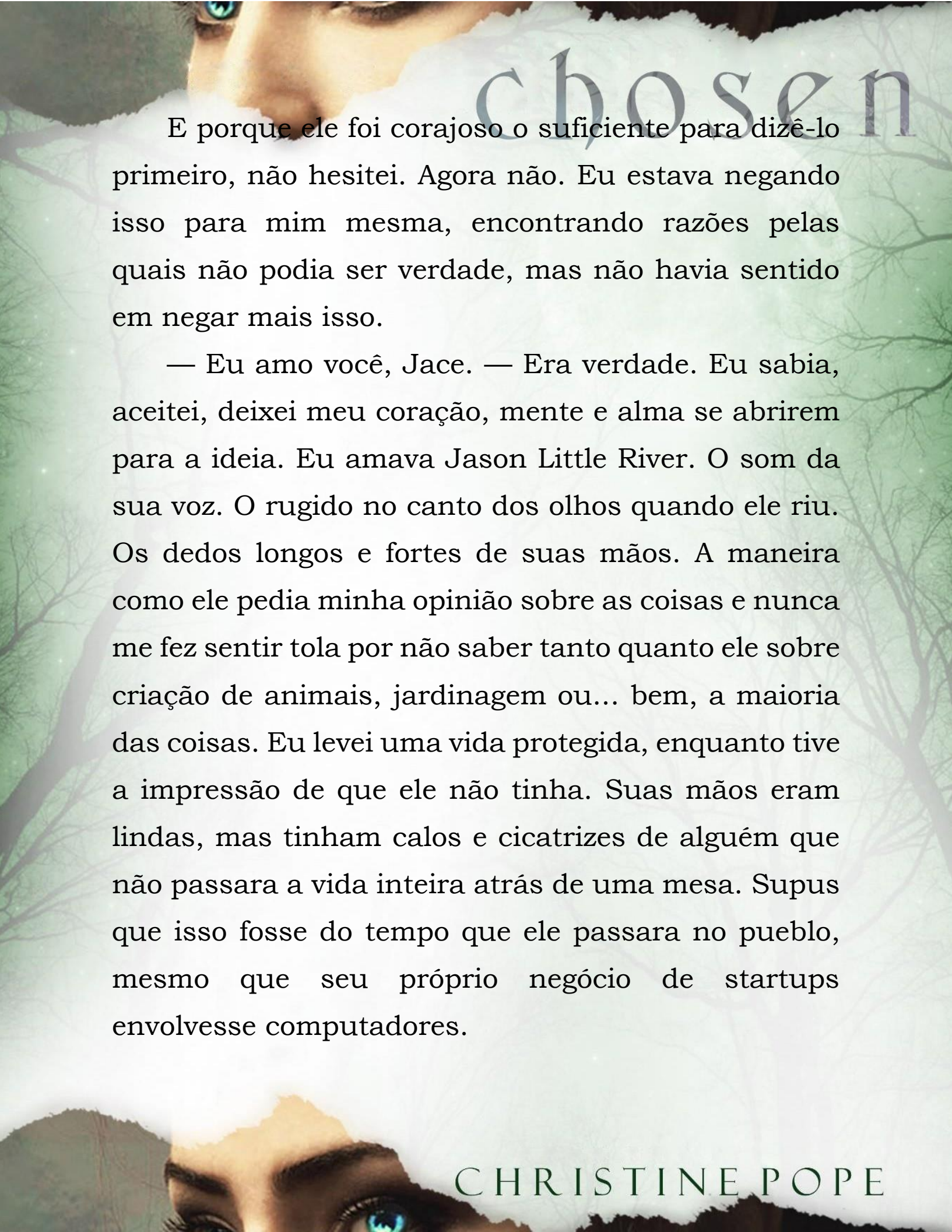
tocando meu braço, como se ele não quisesse uma distância real entre nós. Eu entendi o sentimento muito bem. Em um momento, eu teria que me forçar a sair da cama e ir ao banheiro, me limpar, mas naquele momento eu só queria estar ao lado dele, respirá-lo, para me assegurar de que ele realmente era real, que isso realmente aconteceu.

Ele estendeu a mão e afastou uma mecha de cabelo do meu rosto. Um gesto tão terno, tão diferente do abandono selvagem de alguns minutos antes. Como a sala estava tão pouco iluminada, não pude descrever com precisão sua expressão. Mas eu definitivamente não estava esperando o que viria a seguir.

— Eu amo você, Jessica.

Do nada. Ou não em lugar nenhum, na verdade. Eu podia ter visto essas palavras do jeito que ele olhava para mim quando pensava que eu não notaria, com o cuidado de ouvir minhas sugestões... na mesma reticência que o impedira de fazer um movimento até ter certeza de que não seria rejeitado.

CHRISTINE POPE

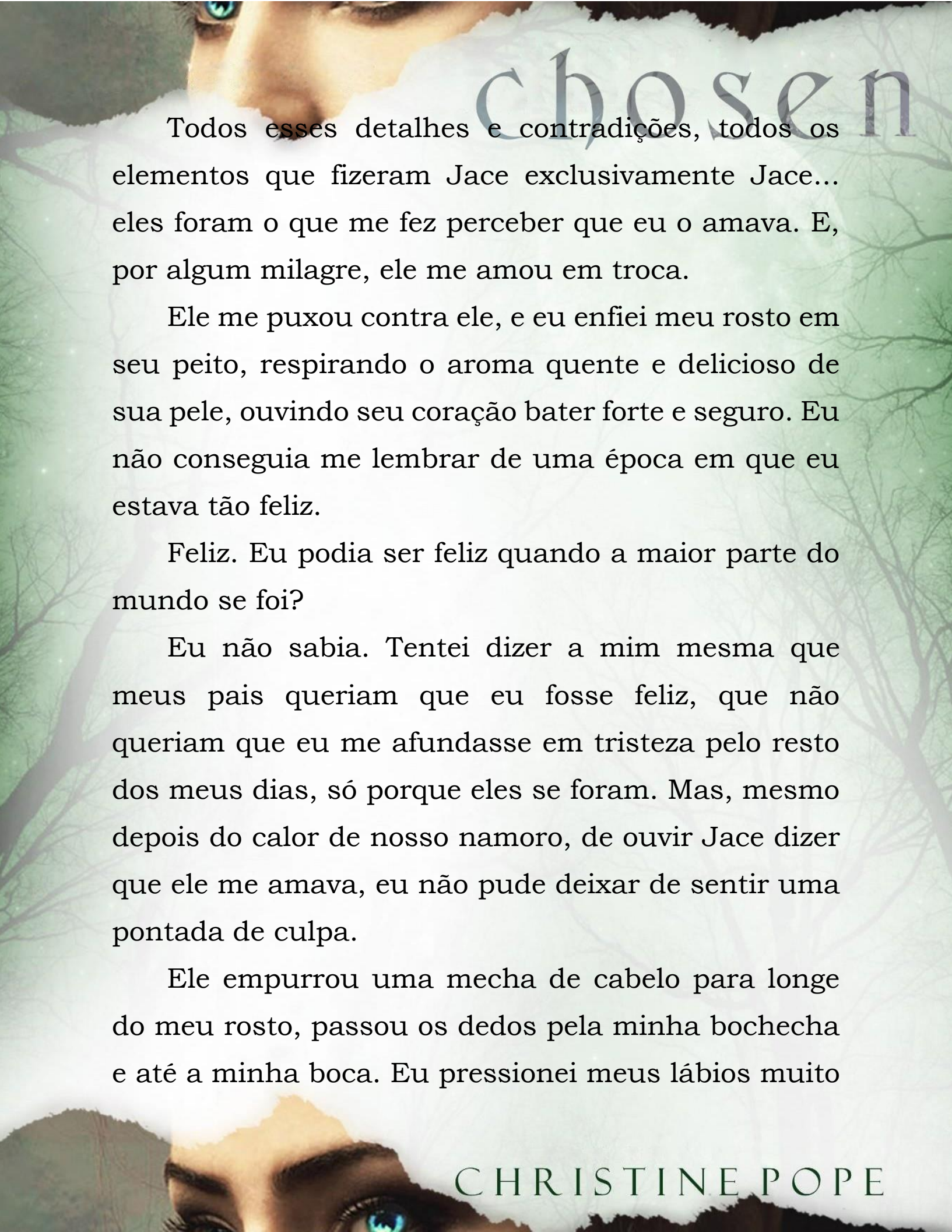
The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face, with her eyes looking upwards and to the left. Her skin is fair, and her hair is dark. The background is a soft, out-of-focus green, suggesting foliage or trees. The title 'Chosen' is written in a large, elegant, serif font at the top right. The author's name 'CHRISTINE POPE' is at the bottom right.

Chosen

E porque ele foi corajoso o suficiente para dizê-lo primeiro, não hesitei. Agora não. Eu estava negando isso para mim mesma, encontrando razões pelas quais não podia ser verdade, mas não havia sentido em negar mais isso.

— Eu amo você, Jace. — Era verdade. Eu sabia, aceitei, deixei meu coração, mente e alma se abrirem para a ideia. Eu amava Jason Little River. O som da sua voz. O rugido no canto dos olhos quando ele riu. Os dedos longos e fortes de suas mãos. A maneira como ele pedia minha opinião sobre as coisas e nunca me fez sentir tola por não saber tanto quanto ele sobre criação de animais, jardinagem ou... bem, a maioria das coisas. Eu levei uma vida protegida, enquanto tive a impressão de que ele não tinha. Suas mãos eram lindas, mas tinham calos e cicatrizes de alguém que não passara a vida inteira atrás de uma mesa. Supus que isso fosse do tempo que ele passara no pueblo, mesmo que seu próprio negócio de startups envolvesse computadores.

CHRISTINE POPE



Chosen

Todos esses detalhes e contradições, todos os elementos que fizeram Jace exclusivamente Jace... eles foram o que me fez perceber que eu o amava. E, por algum milagre, ele me amou em troca.

Ele me puxou contra ele, e eu enfiei meu rosto em seu peito, respirando o aroma quente e delicioso de sua pele, ouvindo seu coração bater forte e seguro. Eu não conseguia me lembrar de uma época em que eu estava tão feliz.

Feliz. Eu podia ser feliz quando a maior parte do mundo se foi?

Eu não sabia. Tentei dizer a mim mesma que meus pais queriam que eu fosse feliz, que não queriam que eu me afundasse em tristeza pelo resto dos meus dias, só porque eles se foram. Mas, mesmo depois do calor de nosso namoro, de ouvir Jace dizer que ele me amava, eu não pude deixar de sentir uma pontada de culpa.

Ele empurrou uma mecha de cabelo para longe do meu rosto, passou os dedos pela minha bochecha e até a minha boca. Eu pressionei meus lábios muito

CHRISTINE POPE

suavemente contra seu dedo indicador, e ele sorriu. Mas então sua expressão se desvaneceu e ele me deu um olhar muito direto.

— Não faça isso com você mesma. — disse ele.

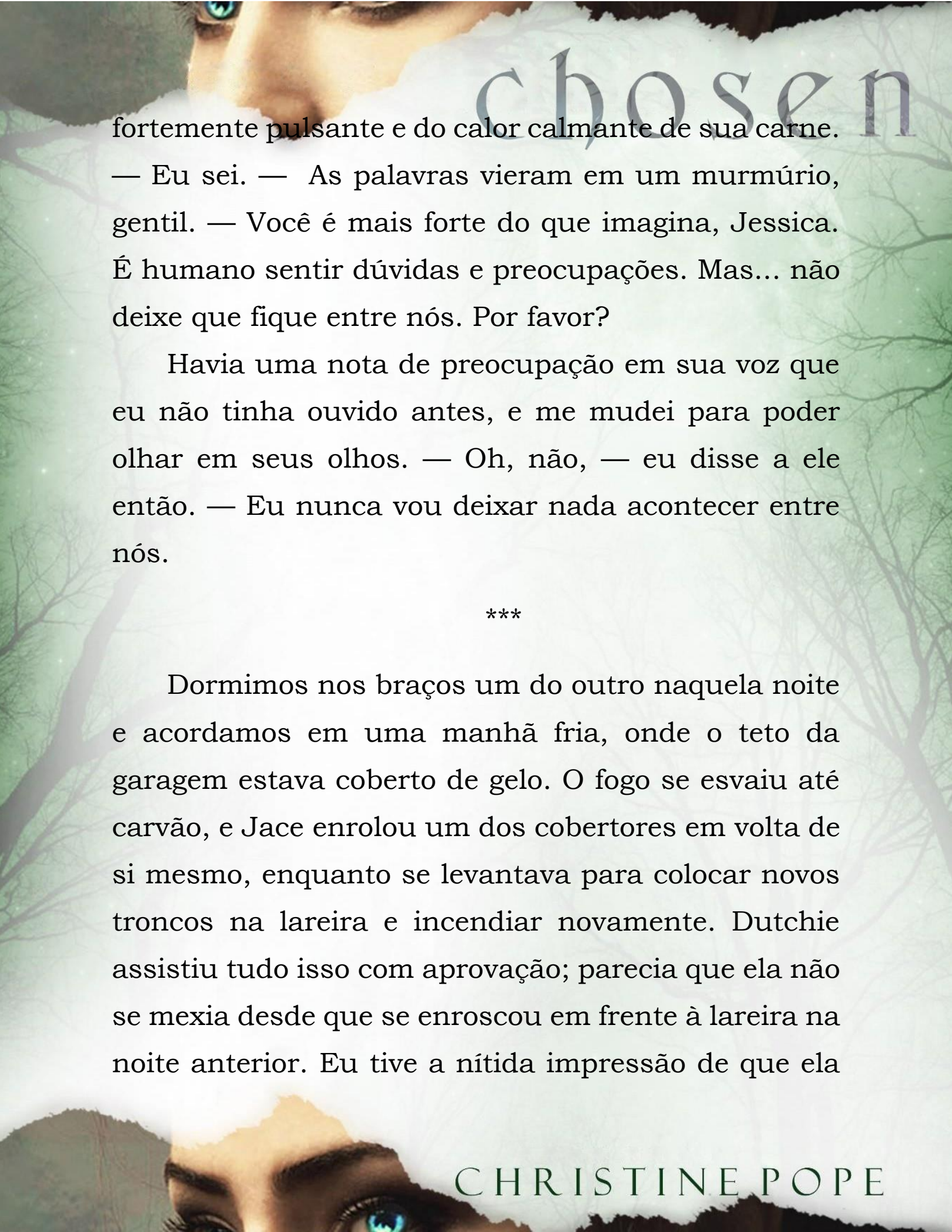
— Fazer o que? — Mas eu tinha certeza do que ele queria dizer.

— Você não pode se culpar só porque encontrou alguma felicidade em sua vida. A morte não foi sua culpa. Tudo o que você pode fazer é viver sua vida da melhor maneira possível, fazer com que sua sobrevivência signifique algo.

Os moribundos. Foi a primeira vez que o ouvi usar essa frase, mas era suficiente. Porque foi isso que mudou irrevogavelmente o mundo... toda aquela morte.

— Eu sei. — eu sussurrei. — Às vezes... vem correndo sobre mim como uma onda, sabia? Eu deixo de lado e estou bem, porque estou aqui com você e sei que estamos seguros, mas...

Seus braços foram ao meu redor, mantendo-me perto dele, perto da segurança daquele coração



chosen

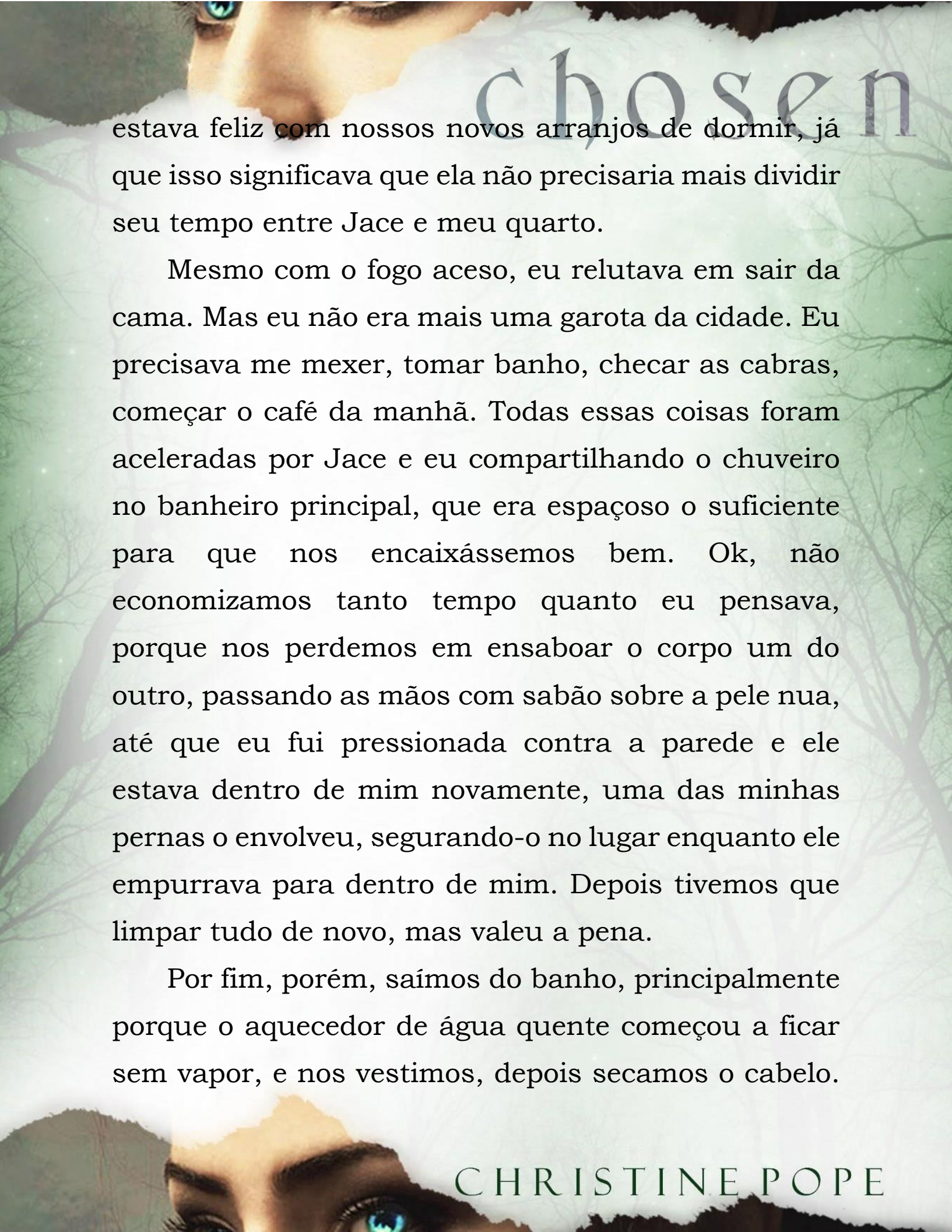
fortemente pulsante e do calor calmante de sua carne.

— Eu sei. — As palavras vieram em um murmúrio, gentil. — Você é mais forte do que imagina, Jessica. É humano sentir dúvidas e preocupações. Mas... não deixe que fique entre nós. Por favor?

Havia uma nota de preocupação em sua voz que eu não tinha ouvido antes, e me mudei para poder olhar em seus olhos. — Oh, não, — eu disse a ele então. — Eu nunca vou deixar nada acontecer entre nós.

Dormimos nos braços um do outro naquela noite e acordamos em uma manhã fria, onde o teto da garagem estava coberto de gelo. O fogo se esvaiu até carvão, e Jace enrolou um dos cobertores em volta de si mesmo, enquanto se levantava para colocar novos troncos na lareira e incendiar novamente. Dutchie assistiu tudo isso com aprovação; parecia que ela não se mexia desde que se enroscou em frente à lareira na noite anterior. Eu tive a nítida impressão de que ela

CHRISTINE POPE



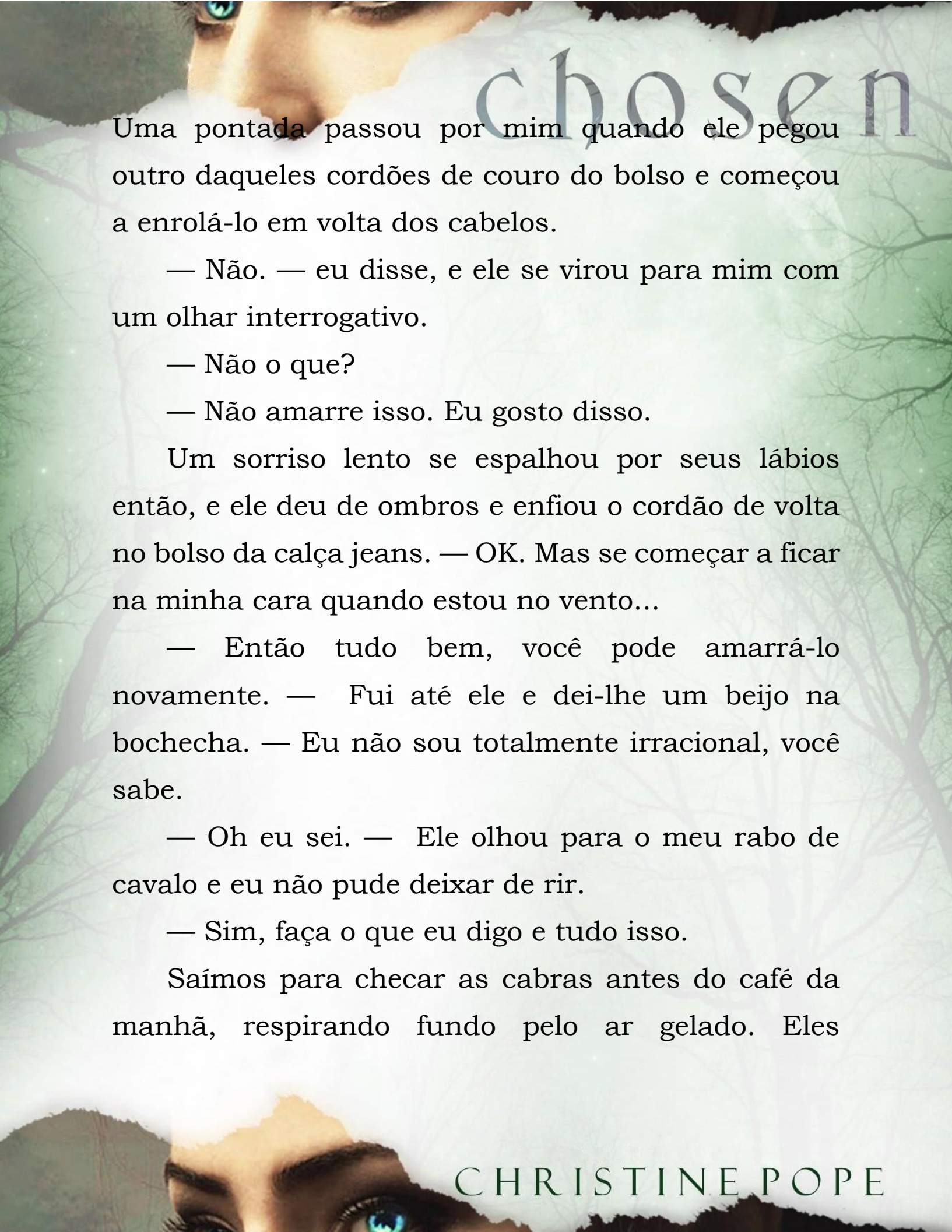
chosen

estava feliz com nossos novos arranjos de dormir, já que isso significava que ela não precisaria mais dividir seu tempo entre Jace e meu quarto.

Mesmo com o fogo aceso, eu relutava em sair da cama. Mas eu não era mais uma garota da cidade. Eu precisava me mexer, tomar banho, checar as cabras, começar o café da manhã. Todas essas coisas foram aceleradas por Jace e eu compartilhando o chuveiro no banheiro principal, que era espaçoso o suficiente para que nos encaixássemos bem. Ok, não economizamos tanto tempo quanto eu pensava, porque nos perdemos em ensaboar o corpo um do outro, passando as mãos com sabão sobre a pele nua, até que eu fui pressionada contra a parede e ele estava dentro de mim novamente, uma das minhas pernas o envolveu, segurando-o no lugar enquanto ele empurrava para dentro de mim. Depois tivemos que limpar tudo de novo, mas valeu a pena.

Por fim, porém, saímos do banho, principalmente porque o aquecedor de água quente começou a ficar sem vapor, e nos vestimos, depois secamos o cabelo.

CHRISTINE POPE



Chosen

Uma pontada passou por mim quando ele pegou outro daqueles cordões de couro do bolso e começou a enrolá-lo em volta dos cabelos.

— Não. — eu disse, e ele se virou para mim com um olhar interrogativo.

— Não o que?

— Não amarre isso. Eu gosto disso.

Um sorriso lento se espalhou por seus lábios então, e ele deu de ombros e enfiou o cordão de volta no bolso da calça jeans. — OK. Mas se começar a ficar na minha cara quando estou no vento...

— Então tudo bem, você pode amarrá-lo novamente. — Fui até ele e dei-lhe um beijo na bochecha. — Eu não sou totalmente irracional, você sabe.

— Oh eu sei. — Ele olhou para o meu rabo de cavalo e eu não pude deixar de rir.

— Sim, faça o que eu digo e tudo isso.

Sáímos para checar as cabras antes do café da manhã, respirando fundo pelo ar gelado. Eles

CHRISTINE POPE

pareciam bem, mas Jace olhou para o gelo no chão e balançou a cabeça.

— Precisamos conseguir algum tipo de proteção contra o frio. Só vai piorar depois disso, e quando tivermos nossa primeira queda de neve... — Ele não se deu ao trabalho de terminar a frase, mas eu sabia o que ele queria dizer. Nosso pequeno rebanho precisava de um lugar para ir.

— Então, o que você está pensando? — Perguntei, olhando ao redor da paisagem murada. De dentro do galinheiro, eu podia ouvir as galinhas batendo alegremente. Era óbvio que eles não sofreram muito com o frio.

— Não precisa ser chique, mas algum tipo de galpão, algum lugar onde eles possam entrar, se precisar. O galinheiro se uniu muito rapidamente, então tenho certeza de que posso fazer algo assim também para as cabras.

Vi outra incursão na Home Depot em um futuro próximo. Nós tínhamos estocado comida apenas um dia antes, mas se estivéssemos indo para Santa Fé de

qualquer maneira, eu faria um pedido para invadir uma loja de equipamentos ao ar livre ou algo semelhante. Meu agasalho definitivamente não estava à altura do rapé, e eu tinha a sensação de que adicionar uma roupa térmica ao meu repertório também não seria uma má ideia.

Então eu perguntei sobre isso, e Jace assentiu. — Eu poderia usar algumas coisas também. Então, faremos isso primeiro e depois iremos à loja de ferragens. Mas preciso verificar a biblioteca aqui, tenho quase certeza de que vi um livro com planos para diferentes tipos de dependências, e isso vai me ajudar a descobrir quanto devolver.

Com isso resolvido, ele voltou para casa para começar a fazer anotações, e eu entrei no galinheiro para pegar alguns ovos frescos no café da manhã e depois corri para a cozinha. Pelo menos lá dentro, era relativamente quente e alegre. Meus dedos descongelaram gradualmente enquanto eu fazia ovos mexidos, torradas e uma jarra de café fresco. Eu refleti então que Jace estava certo, eu não podia

deixar a culpa de sobrevivente atrapalhar a vida que eu tinha agora. Eu o tinha, e tínhamos um lugar bonito para morar, com muita comida e ninguém nos incomodando. Nesse mundo pós-morte, isso era o mais próximo do céu que eu provavelmente chegaria.

Depois do café da manhã, tocamos em Dutchie e saímos para a garagem. Eu estava pensando sobre isso enquanto Jace cuidava dessa louça, e percebi que era hora de mostrar o quanto realmente confiava nele.

— Espere. — Falei, quando ele começou a ir para o lado do passageiro do jipe. Ele olhou de volta para mim e eu abri minha mão para revelar o chaveiro na palma da minha mão. — Você quer dirigir?

Seus olhos escuros se iluminaram, mas ele não se mexeu. — Você tem certeza?

Balancei a cabeça e ele voltou para mim, pegando a chave da minha mão, enquanto se inclinava para me beijar. Mmm, café e o menor traço de bunda, rico e amigável, acolhedor, assim como o homem que estava me beijando.

— Obrigado. — disse ele, depois foi subir pela porta do lado do motorista.

Parecia estranho dar a volta para o lado do passageiro, entrar e depois assistir Jace afastar o Cherokee da garagem e manobra-o no caminho íngreme e inclinado para o portão. Eu tinha uma nova perspectiva sobre as coisas dessa maneira, podia me concentrar no meu entorno, e não apenas na estrada.

Não que houvesse muito o que ver aqui em cima. Os zimbros não mudaram muito com as estações do ano, e a grama já estava serena e amarela mesmo antes da geada. Mas o céu era de um azul profundo, coberto por tênues traços de nuvens altas, e nas montanhas Sangre de Cristo acima da cidade, eu podia ver os trechos de choupos de uva brilhante agora parecendo desbotados à medida que perdiam cada vez mais suas folhas, estabelecendo-se para o inverno.

Descemos na estrada Upper Canyon e seguimos para a cidade. — Alguma ideia sobre locais de suprimentos ao ar livre? — Jace perguntou.

— Na verdade não, — eu admiti. — Quando eu vim com meus amigos, estávamos mais interessados em festas do que em caminhadas. E é claro que você não pode fazer algo no Yelp após o apocalipse.

Sua boca parecia tremer, mas quando ele se virou levemente para olhar para mim, sua expressão era sombria o suficiente. — É isso que você pensa que é? O apocalipse?

— Bem, perto o suficiente, pois não faz diferença. — Tínhamos diminuído a velocidade para talvez mais de vinte quilômetros por hora, em parte porque Jace estava entrando e saindo dos carros abandonados nas ruas, mas também porque eu tinha a sensação de que ele não tinha ideia de onde deveria ir. — Quero dizer, a maior parte do mundo está morta, e a vida que tínhamos naquela época se foi. Não, suponho que não houvesse quatro cavaleiros e luas vermelho-sangue e espadas flamejantes e tudo isso, mas...

Ele não respondeu, mas eu quase pude senti-lo virando a ideia em sua cabeça. Meu conhecimento da mitologia dos nativos americanos era escasso, na

melhor das hipóteses, e então eu não sabia se o seu povo tinha sua própria visão do fim do mundo. A terminologia que eu usei era puramente o tipo de revelação, mas esse era meu único quadro de referência. Pelo menos, esses eram os tipos de coisas que você sempre ouvia citados nos filmes que lidam com o fim dos tempos.

— Eu tenho uma ideia, — disse ele, em um tom muito diferente. — Vamos parar e entrar naquele hotel. Eles tinham que ter listas telefônicas e diretórios locais no balcão de concierge, certo?

Ele tinha razão. Não conseguia me lembrar da última vez que usei uma lista telefônica, já que usei o Yelp ou o Google Maps para encontrar coisas com meu telefone celular, mas talvez nem todos estivessem tão firmemente enraizados na era digital quanto antes, o mundo entrou em colapso. Verificar o hotel parecia uma boa ideia.

Então, ele parou na calçada em frente ao Hotel La Fonda, em um local onde um funcionário do sindicato provavelmente havia ajudado as pessoas com sua

bagagem, mas agora estava livre de carros. Na verdade, quando saí do jipe e olhei em volta rapidamente, parecia que a rua não estava tão cheia de veículos quanto eu me lembrava.

— Qual é o problema? — Jace perguntou, parecendo perceber a maneira como eu estava examinando a situação. — Você vê alguma coisa? — Sua mão foi para o cinto e, pela primeira vez, percebi que ele estava usando sua faca longa na bainha. Eu nem tinha pensado em trazer uma das armas comigo. Talvez Jace me fizesse sentir um pouco segura *demais*. Eu estava ficando desleixada.

— Não. — Respondi rapidamente, para que ele não ficasse muito nervoso. — Isso é... eu poderia jurar que havia mais carros aqui da última vez que dirigi. É como se alguns deles simplesmente... sumissem.

As sobrancelhas dele se ergueram, e eu pude vê-lo olhar além de mim para a rua que o hotel enfrentava. Que bem isso faria, eu não tinha certeza, porque eu não achava que ele chegaria por aqui quando passasse pela cidade. Havia lacunas óbvias

nas filas de carros estacionados na calçada, mas isso não significava nada, exceto que ninguém havia estacionado lá em primeiro lugar.

— Você tem certeza? — Ele perguntou, e agora eu pensei ter detectado uma nota de paciência em sua voz, como se ele estivesse tentando me divertir.

— Não, eu não tenho certeza, porque não estava memorizando tudo o que vi quando dirigi por aqui. — Ele assentiu e então parou.

— Bem, mais uma razão para vermos se conseguimos encontrar uma lista telefônica e um mapa e depois sair daqui.

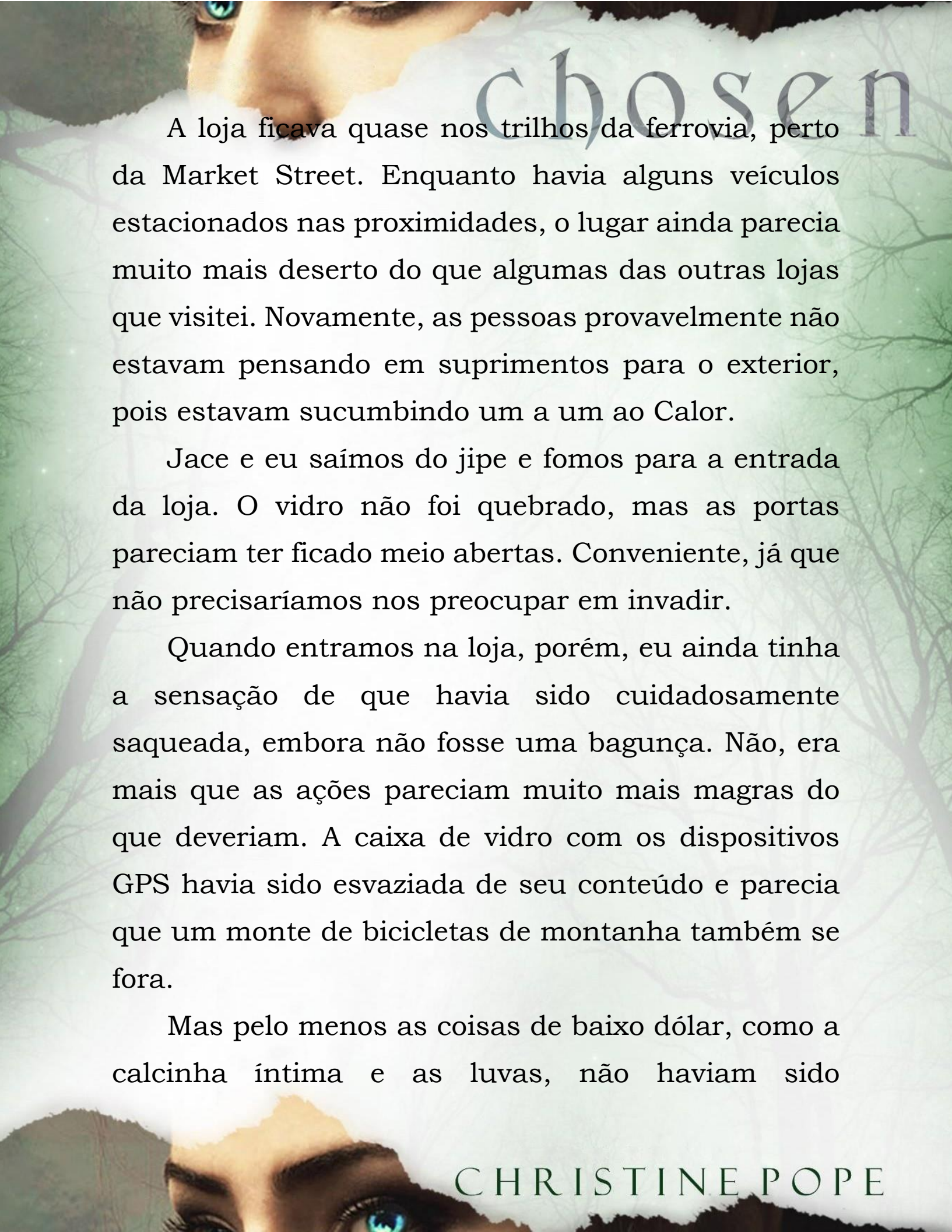
Decidi que não podia discutir com essa lógica e o segui até o saguão do hotel.

Felizmente para nós, a recepção do hotel tinha uma lista telefônica da área, bem como um mapa detalhado do centro da cidade e um mapa maior para a área maior de Santa Fé. Dei uma rápida olhada ao redor, lembrando como Tori, Elena e eu tínhamos

subido no bar da cobertura para obter tintas para dr. Naquela época, o lugar estava lotado. Agora, o piso de ladrilho ecoava sob nossos passos, e eu tive que trabalhar duro para não olhar para as rajadas de cinza que correntes de ar perdidas devem ter soprado contra as tábuas do piso e pelos cantos.

Era bom estar ao sol novamente, apesar do vento forte, apesar de termos entrado no jipe com a rapidez necessária. Pesquisei a lista telefônica e descobri que havia uma REI² provavelmente a menos de cinco minutos de nossa localização atual. Jace pareceu agradecido por isso, e nós o adicionamos lá em silêncio, embora eu continuasse olhando as ruas enquanto elas passavam, tentando determinar se elas se sentiam menos impactadas por veículos abandonados do que eu pensava anteriormente. Era difícil dizer com certeza, pois nunca havia percorrido esse caminho em particular. Ele parecia menos lotado do que deveria ser, embora eu estava baseando essa observação na intuição pura e não muito mais.

² Loja de departamentos.



Chosen

A loja ficava quase nos trilhos da ferrovia, perto da Market Street. Enquanto havia alguns veículos estacionados nas proximidades, o lugar ainda parecia muito mais deserto do que algumas das outras lojas que visitei. Novamente, as pessoas provavelmente não estavam pensando em suprimentos para o exterior, pois estavam sucumbindo um a um ao Calor.

Jace e eu saímos do jipe e fomos para a entrada da loja. O vidro não foi quebrado, mas as portas pareciam ter ficado meio abertas. Conveniente, já que não precisaríamos nos preocupar em invadir.

Quando entramos na loja, porém, eu ainda tinha a sensação de que havia sido cuidadosamente saqueada, embora não fosse uma bagunça. Não, era mais que as ações pareciam muito mais magras do que deveriam. A caixa de vidro com os dispositivos GPS havia sido esvaziada de seu conteúdo e parecia que um monte de bicicletas de montanha também se fora.

Mas pelo menos as coisas de baixo dólar, como a calcinha íntima e as luvas, não haviam sido

CHRISTINE POPE

totalmente esgotadas. Peguei um carrinho de compras e comecei a adicionar qualquer coisa do meu tamanho, enquanto Jace foi para a seção masculina e basicamente fez a mesma coisa. Ele despejou todos os seus itens e depois voltou para uma jaqueta na altura da coxa. Antes de colocá-lo no carrinho, ele olhou para o preço e balançou a cabeça.

— O que? — Perguntei.

— Esse casaco custou mais do que eu paguei pela minha motocicleta.

Ai. Bem, os preços de varejo eram definitivamente uma coisa do passado, então não era como se tivéssemos que nos preocupar se poderíamos comprar alguma dessas coisas. — Sim, — eu disse, — mas uma motocicleta não o aquece à noite.

Um canto de sua boca se curvou, mesmo quando um brilho quente veio e passou em seus olhos. — Oh, eu tenho algo muito melhor do que uma jaqueta para me manter quente à noite.

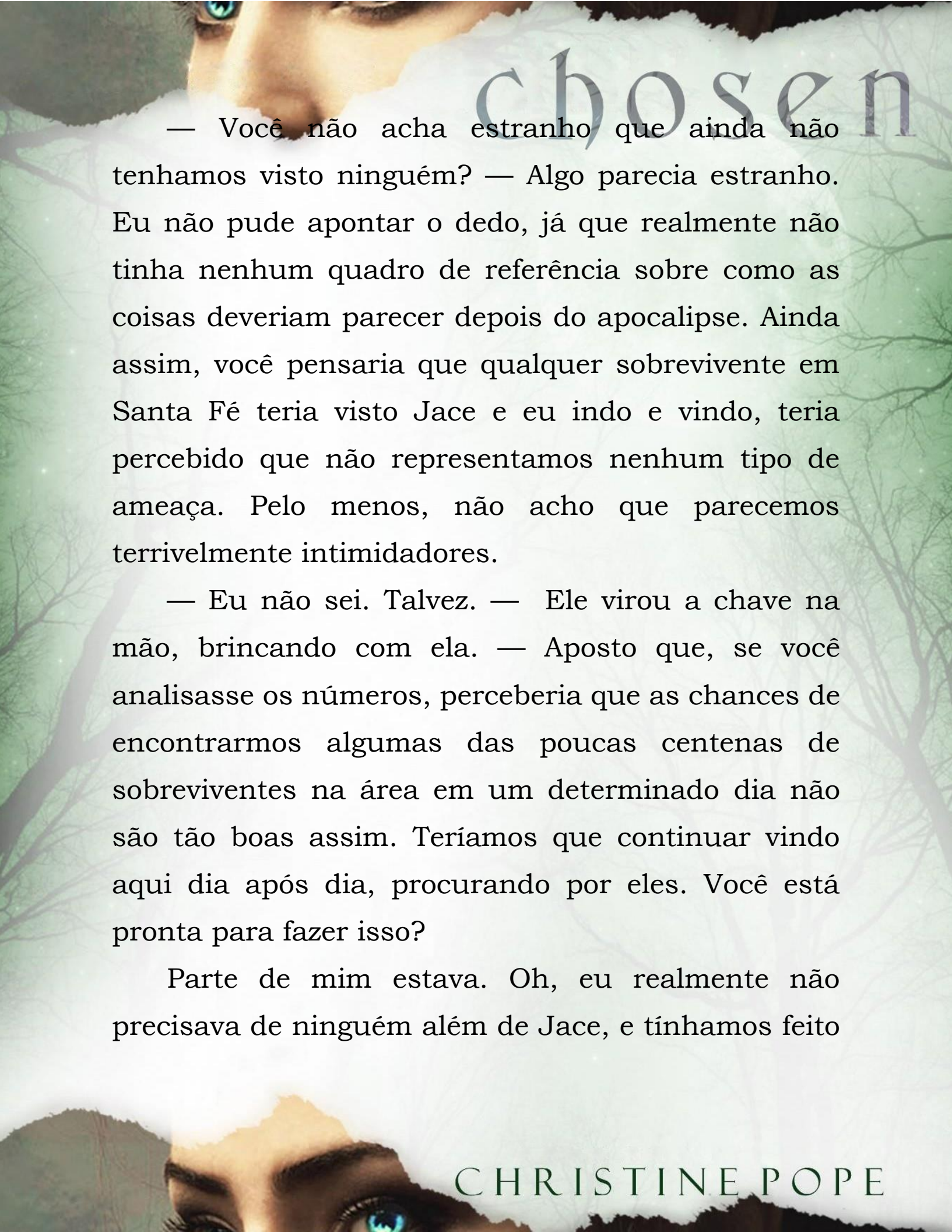
Eu também podia sentir o calor percorrendo meu núcleo, mas sabia que precisávamos manter o foco na tarefa em questão. — Algo mais?

— Isso está bom para mim. Eu gosto das minhas botas, então não vou me incomodar em substituí-las. Você?

— O mesmo. — Talvez houvesse alguns sapatos extravagantes para o exterior que me servissem melhor, mas minhas botas de caminhada eram resistentes e confortáveis. Elas também me custaram uma boa parte do dia, pensando nisso. Dinheiro bem gasto, no que me dizia respeito, considerando tudo o que elas haviam passado durante as últimas semanas.

Então nós empurramos nosso transporte para o Cherokee e guardamos tudo na mala. — Quem você acha que pegou essas outras coisas? — Perguntei a Jace, no momento em que ele estava fechando a escotilha na área de carga.

Ele encolheu-se. — Outros sobreviventes, suponho.



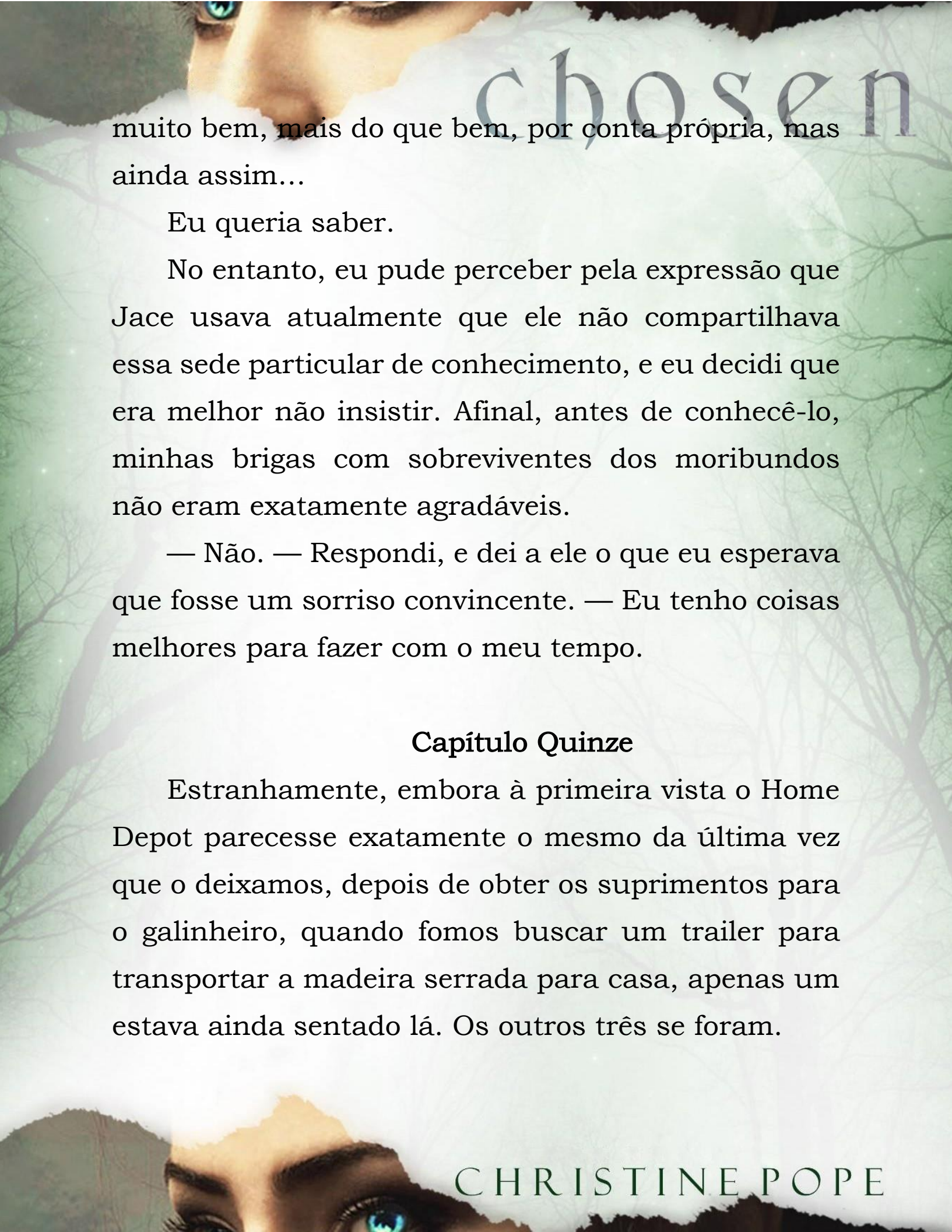
chosen

— Você não acha estranho que ainda não tenhamos visto ninguém? — Algo parecia estranho. Eu não pude apontar o dedo, já que realmente não tinha nenhum quadro de referência sobre como as coisas deveriam parecer depois do apocalipse. Ainda assim, você pensaria que qualquer sobrevivente em Santa Fé teria visto Jace e eu indo e vindo, teria percebido que não representamos nenhum tipo de ameaça. Pelo menos, não acho que parecemos terrivelmente intimidadores.

— Eu não sei. Talvez. — Ele virou a chave na mão, brincando com ela. — Aposto que, se você analisasse os números, perceberia que as chances de encontrarmos algumas das poucas centenas de sobreviventes na área em um determinado dia não são tão boas assim. Teríamos que continuar vindo aqui dia após dia, procurando por eles. Você está pronta para fazer isso?

Parte de mim estava. Oh, eu realmente não precisava de ninguém além de Jace, e tínhamos feito

CHRISTINE POPE



chosen

muito bem, mais do que bem, por conta própria, mas ainda assim...

Eu queria saber.

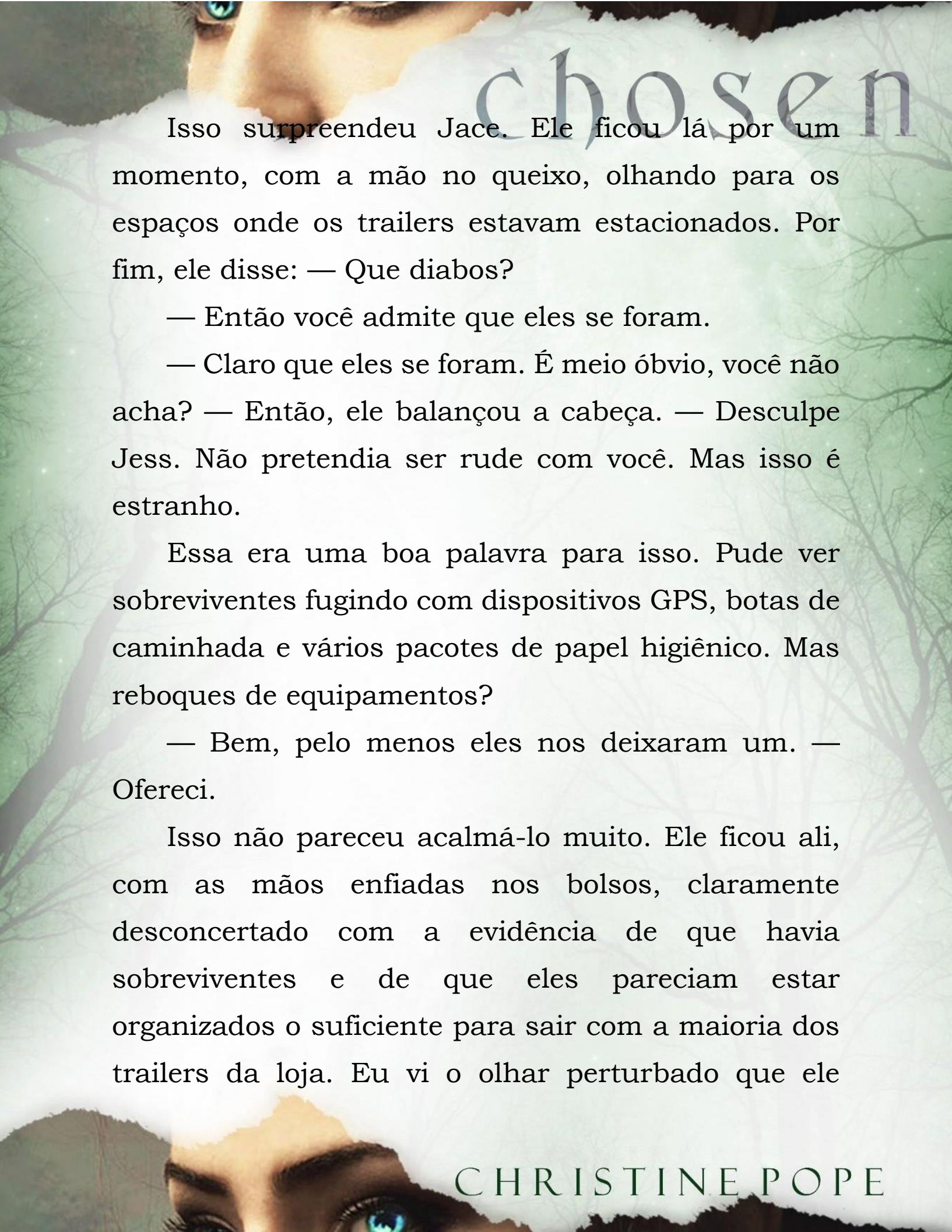
No entanto, eu pude perceber pela expressão que Jace usava atualmente que ele não compartilhava essa sede particular de conhecimento, e eu decidi que era melhor não insistir. Afinal, antes de conhecê-lo, minhas brigas com sobreviventes dos moribundos não eram exatamente agradáveis.

— Não. — Respondi, e dei a ele o que eu esperava que fosse um sorriso convincente. — Eu tenho coisas melhores para fazer com o meu tempo.

Capítulo Quinze

Estranhamente, embora à primeira vista o Home Depot parecesse exatamente o mesmo da última vez que o deixamos, depois de obter os suprimentos para o galinheiro, quando fomos buscar um trailer para transportar a madeira serrada para casa, apenas um estava ainda sentado lá. Os outros três se foram.

CHRISTINE POPE



Chosen

Isso surpreendeu Jace. Ele ficou lá por um momento, com a mão no queixo, olhando para os espaços onde os trailers estavam estacionados. Por fim, ele disse: — Que diabos?

— Então você admite que eles se foram.

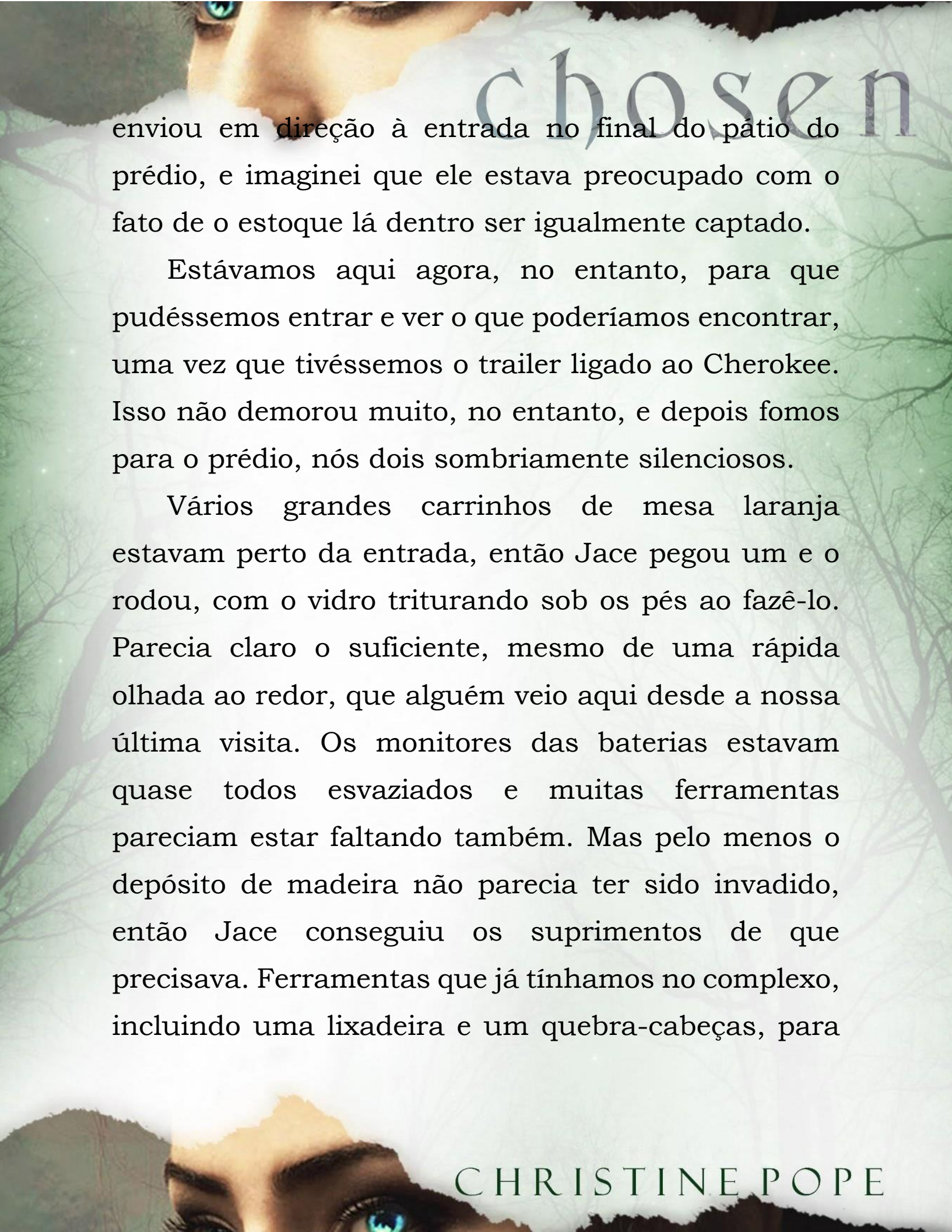
— Claro que eles se foram. É meio óbvio, você não acha? — Então, ele balançou a cabeça. — Desculpe Jess. Não pretendia ser rude com você. Mas isso é estranho.

Essa era uma boa palavra para isso. Pude ver sobreviventes fugindo com dispositivos GPS, botas de caminhada e vários pacotes de papel higiênico. Mas reboques de equipamentos?

— Bem, pelo menos eles nos deixaram um. — Ofereci.

Isso não pareceu acalmá-lo muito. Ele ficou ali, com as mãos enfiadas nos bolsos, claramente desconcertado com a evidência de que havia sobreviventes e de que eles pareciam estar organizados o suficiente para sair com a maioria dos trailers da loja. Eu vi o olhar perturbado que ele

CHRISTINE POPE



chosen

enviou em direção à entrada no final do pátio do prédio, e imaginei que ele estava preocupado com o fato de o estoque lá dentro ser igualmente captado.

Estávamos aqui agora, no entanto, para que pudéssemos entrar e ver o que poderíamos encontrar, uma vez que tivéssemos o trailer ligado ao Cherokee. Isso não demorou muito, no entanto, e depois fomos para o prédio, nós dois sombriamente silenciosos.

Vários grandes carrinhos de mesa laranja estavam perto da entrada, então Jace pegou um e o rodou, com o vidro triturando sob os pés ao fazê-lo. Parecia claro o suficiente, mesmo de uma rápida olhada ao redor, que alguém veio aqui desde a nossa última visita. Os monitores das baterias estavam quase todos esvaziados e muitas ferramentas pareciam estar faltando também. Mas pelo menos o depósito de madeira não parecia ter sido invadido, então Jace conseguiu os suprimentos de que precisava. Ferramentas que já tínhamos no complexo, incluindo uma lixadeira e um quebra-cabeças, para

CHRISTINE POPE

que os saqueadores pudessem levar qualquer coisa que ainda estivesse aqui.

— Eu me pergunto o que eles estão fazendo com tudo isso. — Falei quando ele começou a mudar a madeira do carrinho e entrar no trailer.

— Quem sabe? — ele respondeu. — Eles provavelmente são pessoas como nós, você sabe, com um lugar onde estão escondidos e seguros, mas ainda precisam de coisas para fins variados. Na verdade, tenho a sensação de que eles precisariam mais, já que nosso complexo estava tão bem abastecido quando você o encontrou. E você provavelmente está acostumada a ver lojas sendo reabastecidas regularmente. As coisas podem começar a parecer bastante complicadas quando ninguém entra com novos produtos o tempo todo.

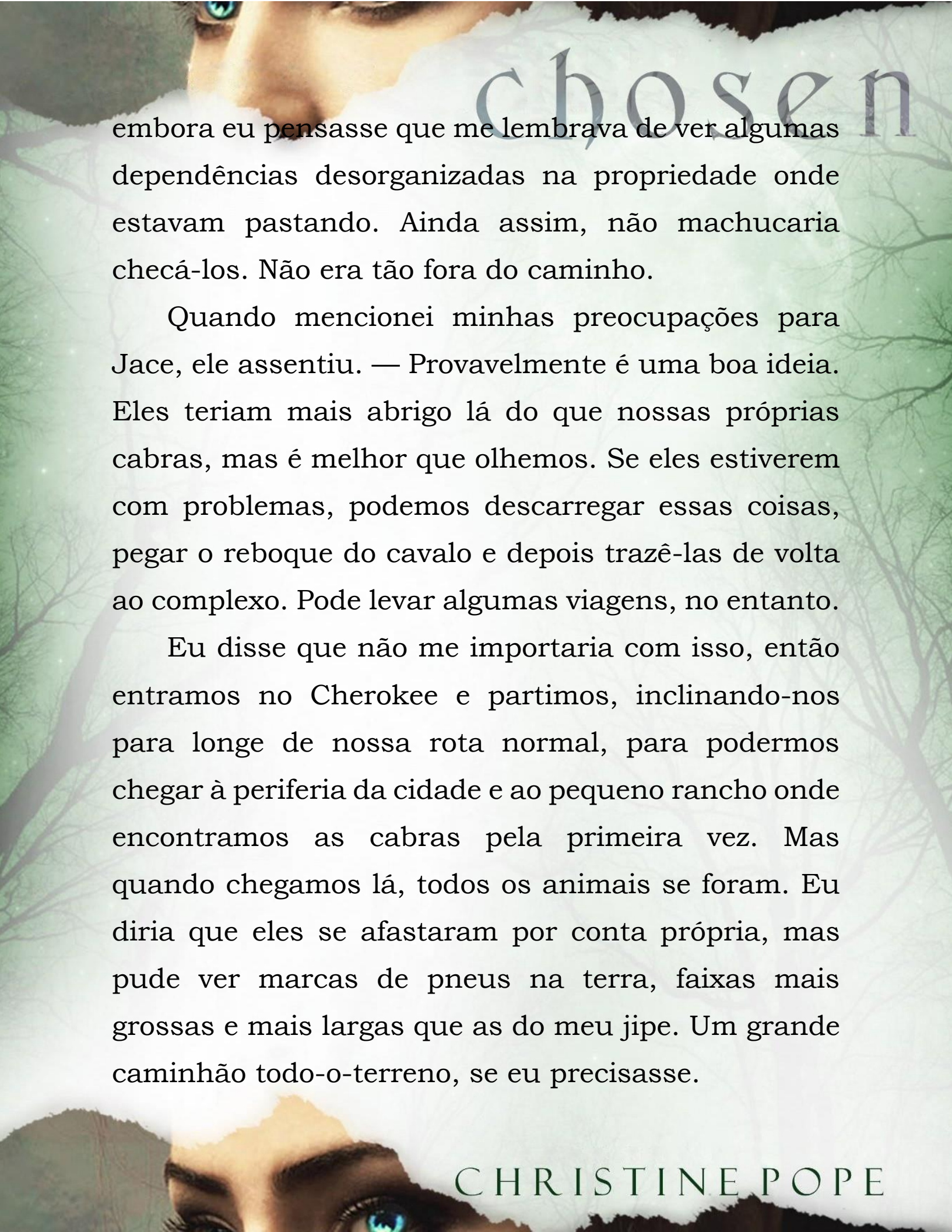
Bem, isso fez sentido. Era verdade que eu ainda não tinha muita experiência em um mundo onde as lojas não eram reabastecidas magicamente quando os suprimentos acabavam. Mesmo assim, algo não parecia certo para mim. Pilhas e martelos que eu

conseguia entender. Mas os trailers? Supus que, se tivessem coisas suficientes para transportar, fazia algum sentido. Mas isso teria que ser um *monte* de coisas.

Jace terminou de amarrar a madeira, em seguida, jogou os pregos, prendedores e outros pequenos itens que havia coletado na área de carga do jipe. Pela maneira como os cantos de sua boca estavam abaixados, eu poderia dizer que ele não estava emocionado com a perspectiva de ter que competir com outros sobreviventes por suprimentos que talvez precisássemos para passar o inverno.

Mas não, isso não aconteceria. Estávamos estocados com comida e agora tínhamos leite, ovos, queijo e manteiga, então, realmente, quando abrigássemos as cabras, não teríamos muita necessidade de voltar a Santa Fé, a menos que estivéssemos morrendo de vontade de comer... E não vi isso acontecer tão cedo.

Pensar em nossas cabras fez lembrar o rebanho de onde as tínhamos tirado. Estavam no mesmo frio,



Chosen

embora eu pensasse que me lembrava de ver algumas dependências desorganizadas na propriedade onde estavam pastando. Ainda assim, não machucaria checá-los. Não era tão fora do caminho.

Quando mencionei minhas preocupações para Jace, ele assentiu. — Provavelmente é uma boa ideia. Eles teriam mais abrigo lá do que nossas próprias cabras, mas é melhor que olhemos. Se eles estiverem com problemas, podemos descarregar essas coisas, pegar o reboque do cavalo e depois trazê-las de volta ao complexo. Pode levar algumas viagens, no entanto.

Eu disse que não me importaria com isso, então entramos no Cherokee e partimos, inclinando-nos para longe de nossa rota normal, para podermos chegar à periferia da cidade e ao pequeno rancho onde encontramos as cabras pela primeira vez. Mas quando chegamos lá, todos os animais se foram. Eu diria que eles se afastaram por conta própria, mas pude ver marcas de pneus na terra, faixas mais grossas e mais largas que as do meu jipe. Um grande caminhão todo-o-terreno, se eu precisasse.

CHRISTINE POPE

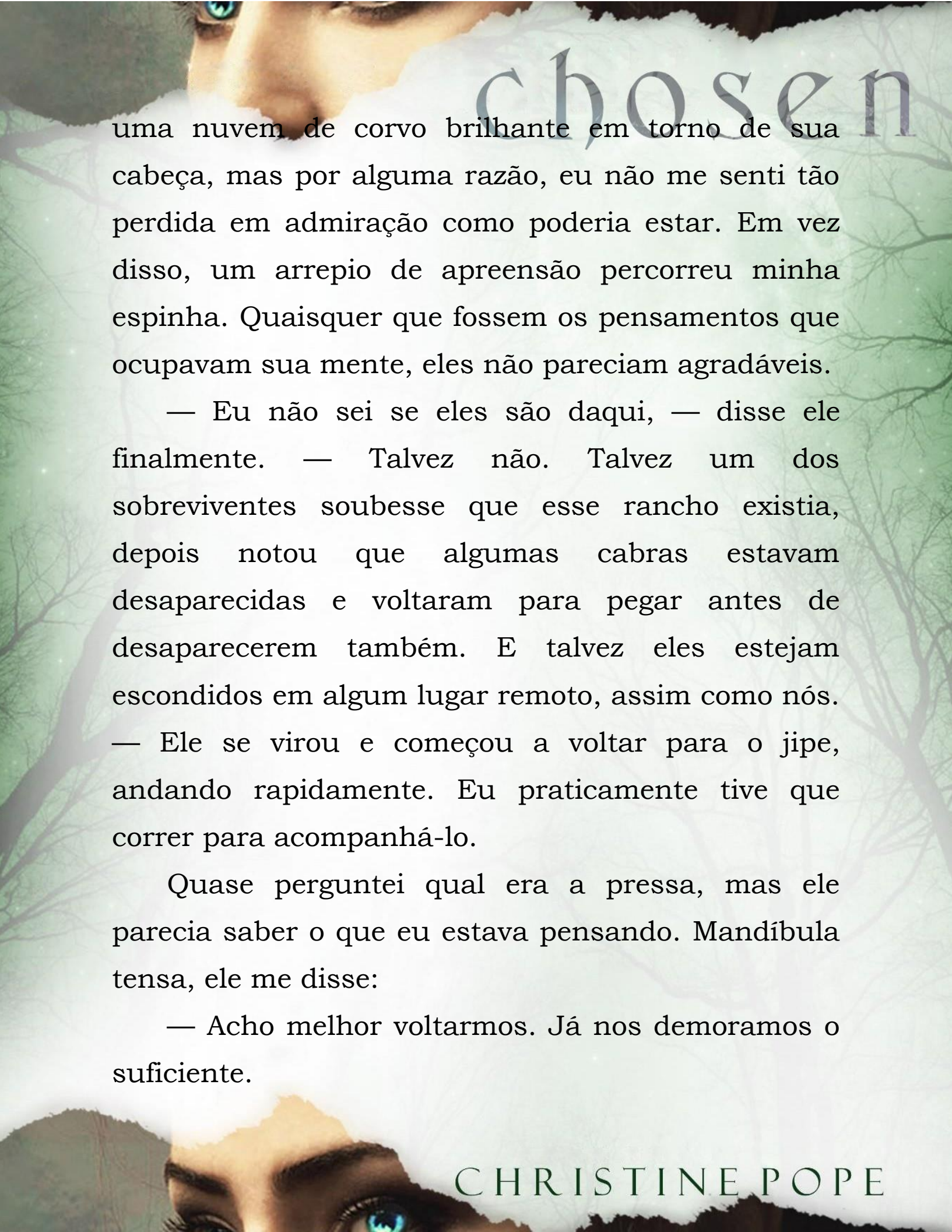
Jace parecia ter a mesma opinião, porque ele se agachou para olhar mais de perto, um dedo cavando a terra esburacada. — Provavelmente uma picape de meia tonelada, a julgar pelo piso e quanto profundo é. — Ele ficou de pé, seguindo os trilhos ao longo da estrada estreita que levava ao portão do pasto. Tínhamos chegado da mesma maneira, mas parecia que o caminhão virou e seguiu para o oeste depois, em vez de para o leste, a direção da cidade e nosso próprio complexo escondido.

— Para onde você acha que eles estavam indo? — Perguntei.

— Eu não faço ideia. Acho que não há muita coisa assim, a menos que eles estejam indo para a estrada. E se for esse o caso, a base deles pode estar em qualquer lugar.

— Então você não acha que eles são locais?

Por um segundo ou dois, Jace não me respondeu. Ele ficou parado ali, olhando para o oeste, as sobrancelhas retas unidas em uma careta. O vento soprou seus cabelos soltos, transformando-os em



Chosen

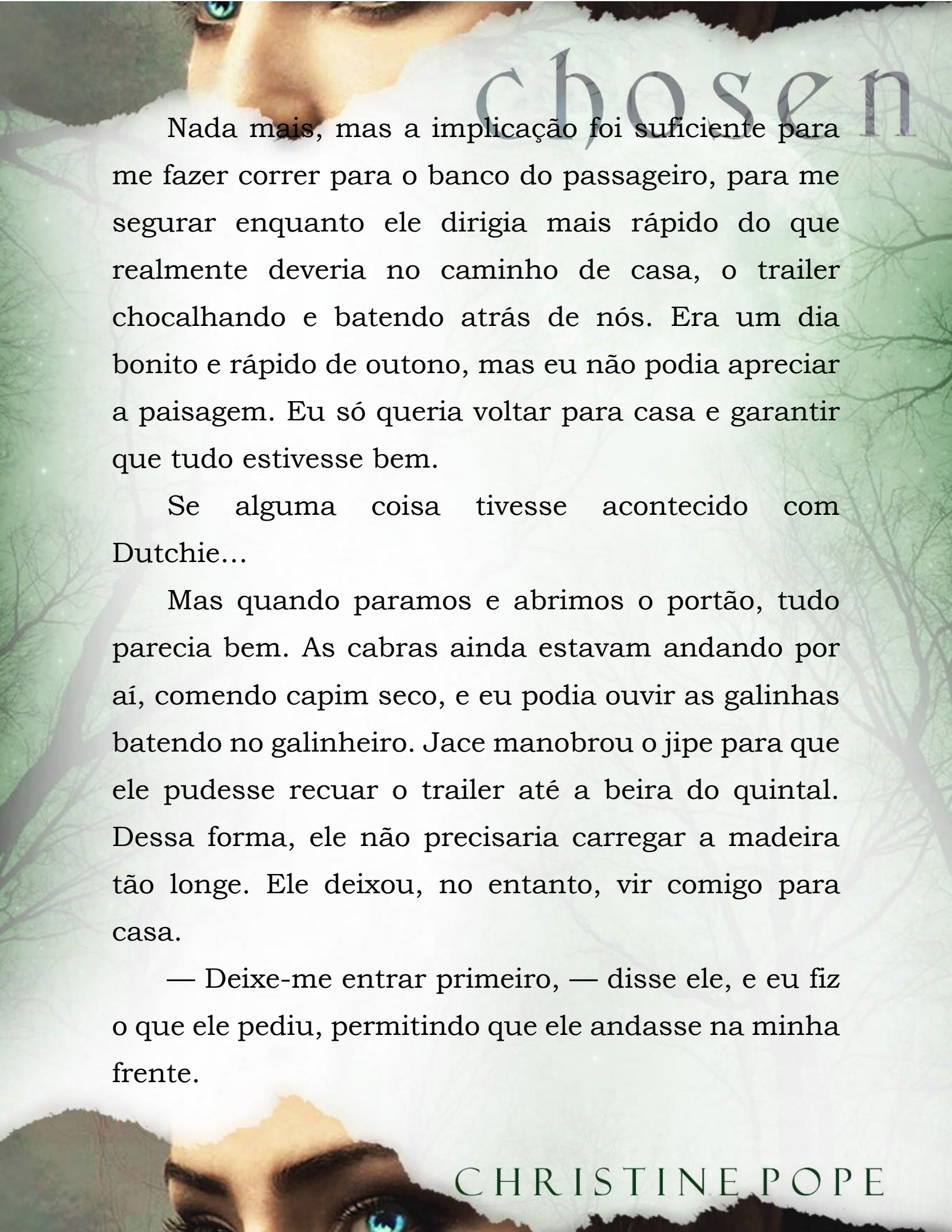
uma nuvem de corvo brilhante em torno de sua cabeça, mas por alguma razão, eu não me senti tão perdida em admiração como poderia estar. Em vez disso, um arrepio de apreensão percorreu minha espinha. Quaisquer que fossem os pensamentos que ocupavam sua mente, eles não pareciam agradáveis.

— Eu não sei se eles são daqui, — disse ele finalmente. — Talvez não. Talvez um dos sobreviventes soubesse que esse rancho existia, depois notou que algumas cabras estavam desaparecidas e voltaram para pegar antes de desaparecerem também. E talvez eles estejam escondidos em algum lugar remoto, assim como nós. — Ele se virou e começou a voltar para o jipe, andando rapidamente. Eu praticamente tive que correr para acompanhá-lo.

Quase perguntei qual era a pressa, mas ele parecia saber o que eu estava pensando. Mandíbula tensa, ele me disse:

— Acho melhor voltarmos. Já nos demoramos o suficiente.

CHRISTINE POPE



chosen

Nada mais, mas a implicação foi suficiente para me fazer correr para o banco do passageiro, para me segurar enquanto ele dirigia mais rápido do que realmente deveria no caminho de casa, o trailer chocalhando e batendo atrás de nós. Era um dia bonito e rápido de outono, mas eu não podia apreciar a paisagem. Eu só queria voltar para casa e garantir que tudo estivesse bem.

Se alguma coisa tivesse acontecido com Dutchie...

Mas quando paramos e abrimos o portão, tudo parecia bem. As cabras ainda estavam andando por aí, comendo capim seco, e eu podia ouvir as galinhas batendo no galinheiro. Jace manobrou o jipe para que ele pudesse recuar o trailer até a beira do quintal. Dessa forma, ele não precisaria carregar a madeira tão longe. Ele deixou, no entanto, vir comigo para casa.

— Deixe-me entrar primeiro, — disse ele, e eu fiz o que ele pediu, permitindo que ele andasse na minha frente.

CHRISTINE POPE

Tudo o que fez foi submetê-lo ao primeiro ataque violento de Dutchie. Ela veio correndo até nós, ofegando, abanando a cauda, cheirando o nariz, ocupada, cheirando as malas que carregávamos. Como tudo o que ele segurava era a roupa que roubamos da REI, ela perdeu o interesse em breve, ao invés de ficar na despensa, claramente inclinando-se para um petisco em borracha.

— Eu acho que é seguro. — eu disse a Jace, indo pegar o cachorro para tratar. Talvez ela não tivesse ganhado exatamente isso, mas eu estava tão feliz em vê-la e o resto da propriedade em segurança que não me importei muito.

— Provavelmente. Vou largar essas coisas no quarto, no entanto. Dessa forma, posso verificar o resto da casa.

Não me preocupei em detê-lo. Se isso o fazia se sentir melhor, ele era bem-vindo a pesquisar cada centímetro da propriedade.

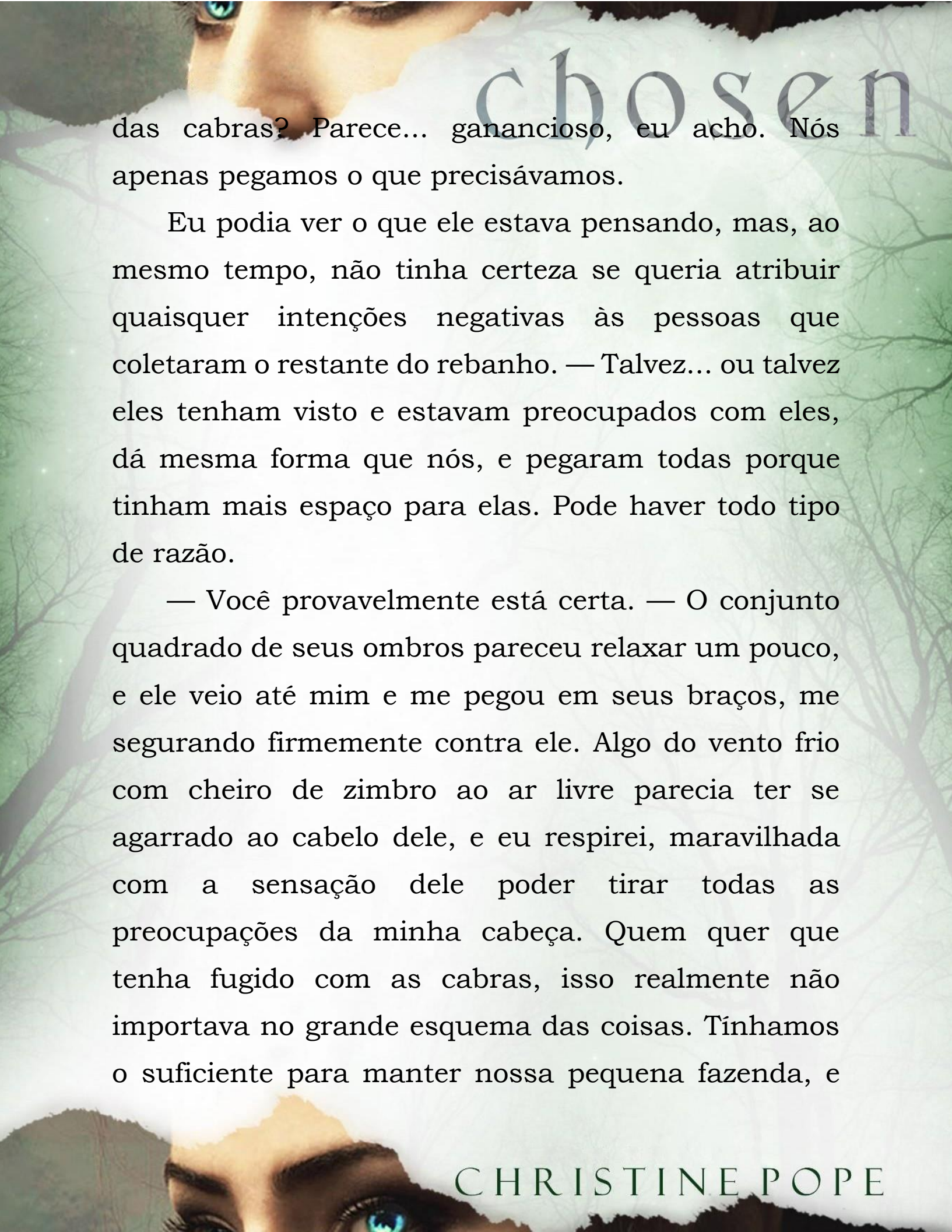
Depois que dei a Dutchie sua comida, parei e examinei a cozinha. Nada parecia fora do lugar, a

menos que você quisesse contar um pouco de água jogada no chão ao redor da tigela do cachorro. A bebedora mais arrumada do mundo, ela não era. Caso contrário, porém, estava arrumado o suficiente, os pratos empilhados no escorredor de madeira no balcão, tudo o que eu costumava fazer no café da manhã, recolocado na geladeira ou na despensa.

Jace entrou na cozinha então, com alívio claro em seu rosto. — Tudo parece bem.

— Você estava realmente preocupado que não?

— Eu não sei. Suponho que... — Ele parou ali, claramente tentando decidir o que realmente queria dizer. — Suponho que ver todas essas coisas tiradas me chateou. Não sei por que. Talvez porque a última vez que estivemos na cidade, eu não vi nenhuma evidência de outros sobreviventes. Agora, porém... — Os ombros dele se levantaram. Notei que ele havia tirado a jaqueta de couro que usara em nossa expedição. — Eu sei que é estúpido. Eles têm tanto direito de se servir de suprimentos quanto nós. Mas a maneira como eles entraram e levaram todo o resto



chosen

das cabras? Parece... ganancioso, eu acho. Nós apenas pegamos o que precisávamos.

Eu podia ver o que ele estava pensando, mas, ao mesmo tempo, não tinha certeza se queria atribuir quaisquer intenções negativas às pessoas que coletaram o restante do rebanho. — Talvez... ou talvez eles tenham visto e estavam preocupados com eles, dá mesma forma que nós, e pegaram todas porque tinham mais espaço para elas. Pode haver todo tipo de razão.

— Você provavelmente está certa. — O conjunto quadrado de seus ombros pareceu relaxar um pouco, e ele veio até mim e me pegou em seus braços, me segurando firmemente contra ele. Algo do vento frio com cheiro de zimbro ao ar livre parecia ter se agarrado ao cabelo dele, e eu respirei, maravilhada com a sensação dele poder tirar todas as preocupações da minha cabeça. Quem quer que tenha fugido com as cabras, isso realmente não importava no grande esquema das coisas. Tínhamos o suficiente para manter nossa pequena fazenda, e

CHRISTINE POPE

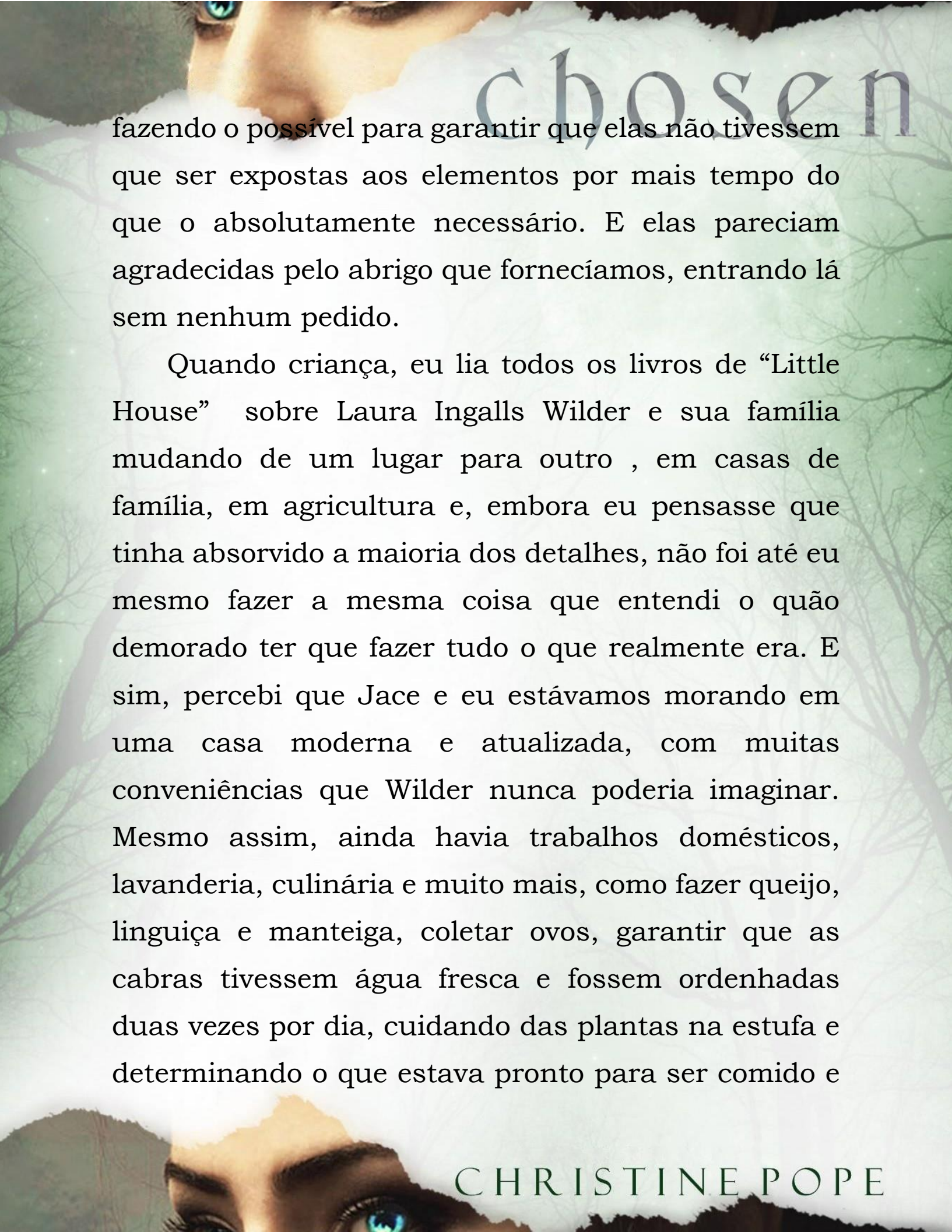
teríamos mais cabras na primavera, uma vez que elas tivessem nascido. Realmente, em um golpe de estações, nadávamos em animais e imaginávamos o que diabos deveríamos fazer com todos eles.

— Eu vou fazer alguns sanduíches. — Anunciei, depois de olhar para o relógio e perceber que eram quase uma e meia, depois da hora em que geralmente comíamos um pouco.

Jace assentiu, mas eu pude perceber pela maneira como sua boca estava firme, que ele ainda estava revirando o problema em sua cabeça. Bem, se ele queria meditar sobre isso, eu não conseguiria detê-lo.

Eu apenas sabia que tudo ficaria bem. Tinha que ficar.

Os dias pareciam embaçar depois disso, correndo juntos até que percebi que estávamos a menos de uma semana do Dia de Ação de Graças. Jace passou longas horas construindo o galpão para as cabras,

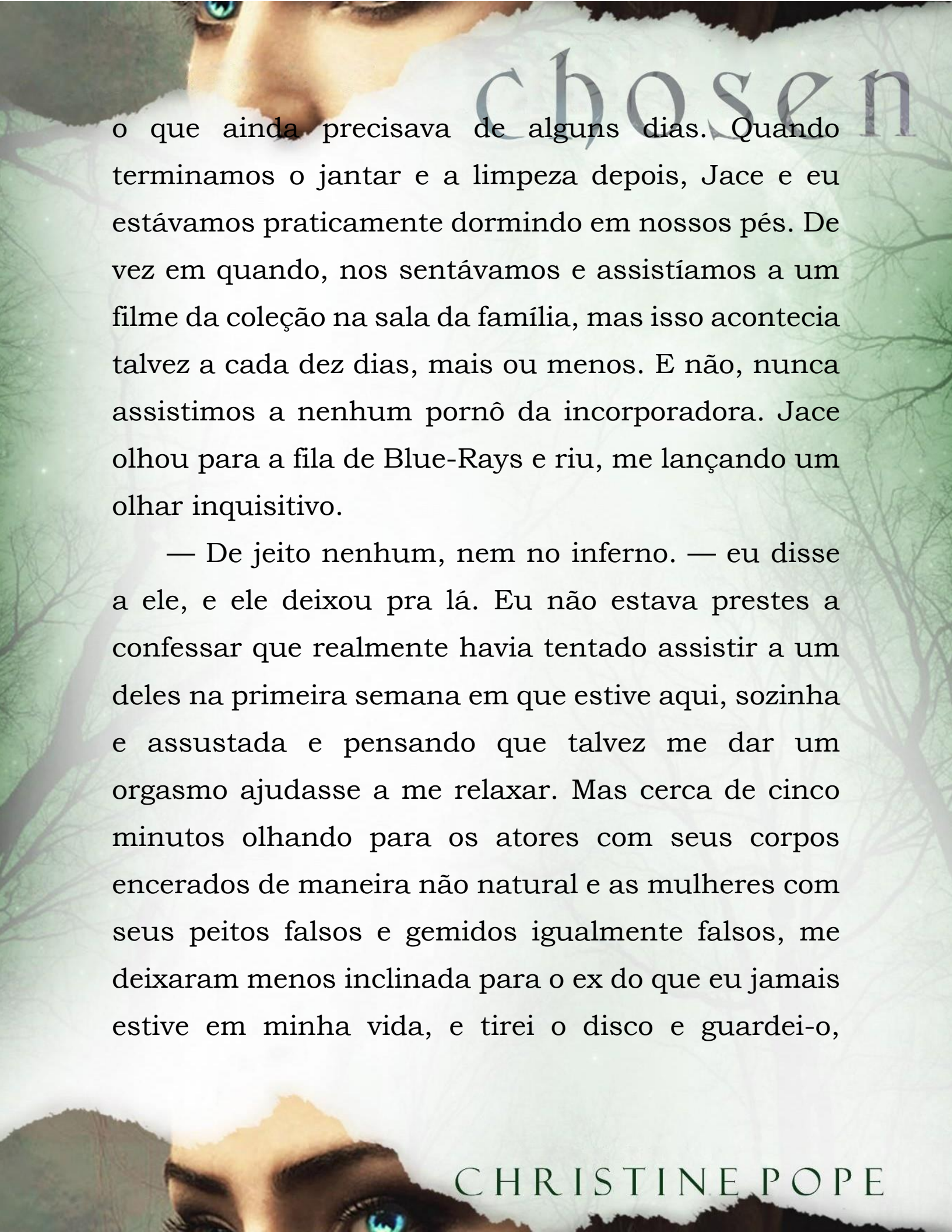


chosen

fazendo o possível para garantir que elas não tivessem que ser expostas aos elementos por mais tempo do que o absolutamente necessário. E elas pareciam agradecidas pelo abrigo que fornecíamos, entrando lá sem nenhum pedido.

Quando criança, eu lia todos os livros de “Little House” sobre Laura Ingalls Wilder e sua família mudando de um lugar para outro , em casas de família, em agricultura e, embora eu pensasse que tinha absorvido a maioria dos detalhes, não foi até eu mesmo fazer a mesma coisa que entendi o quanto demorado ter que fazer tudo o que realmente era. E sim, percebi que Jace e eu estávamos morando em uma casa moderna e atualizada, com muitas conveniências que Wilder nunca poderia imaginar. Mesmo assim, ainda havia trabalhos domésticos, lavanderia, culinária e muito mais, como fazer queijo, linguiça e manteiga, coletar ovos, garantir que as cabras tivessem água fresca e fossem ordenhadas duas vezes por dia, cuidando das plantas na estufa e determinando o que estava pronto para ser comido e

CHRISTINE POPE

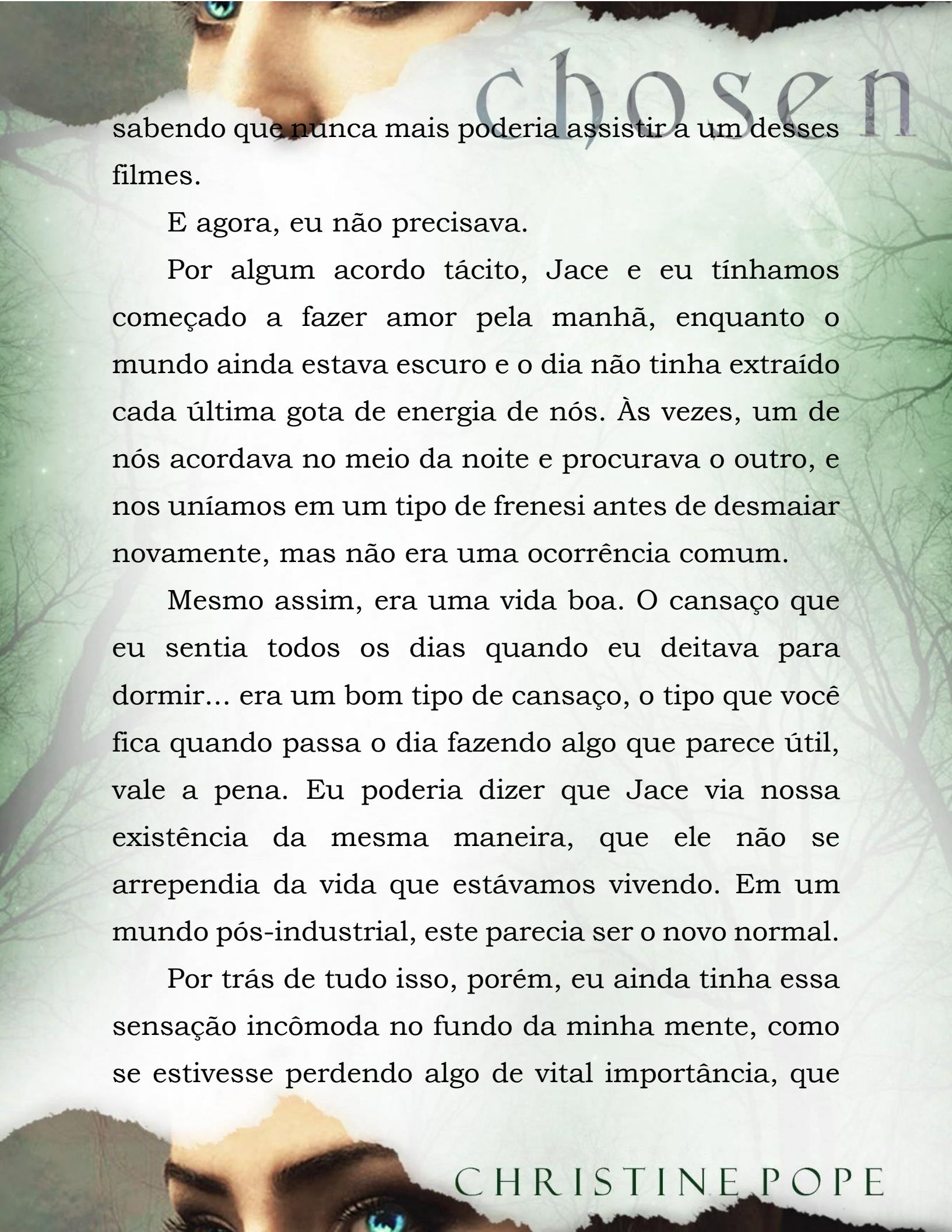


chosen

o que ainda precisava de alguns dias. Quando terminamos o jantar e a limpeza depois, Jace e eu estávamos praticamente dormindo em nossos pés. De vez em quando, nos sentávamos e assistíamos a um filme da coleção na sala da família, mas isso acontecia talvez a cada dez dias, mais ou menos. E não, nunca assistimos a nenhum pornô da incorporadora. Jace olhou para a fila de Blue-Rays e riu, me lançando um olhar inquisitivo.

— De jeito nenhum, nem no inferno. — eu disse a ele, e ele deixou pra lá. Eu não estava prestes a confessar que realmente havia tentado assistir a um deles na primeira semana em que estive aqui, sozinha e assustada e pensando que talvez me dar um orgasmo ajudasse a me relaxar. Mas cerca de cinco minutos olhando para os atores com seus corpos encerados de maneira não natural e as mulheres com seus peitos falsos e gemidos igualmente falsos, me deixaram menos inclinada para o ex do que eu jamais estive em minha vida, e tirei o disco e guardei-o,

CHRISTINE POPE



Chosen

sabendo que nunca mais poderia assistir a um desses filmes.

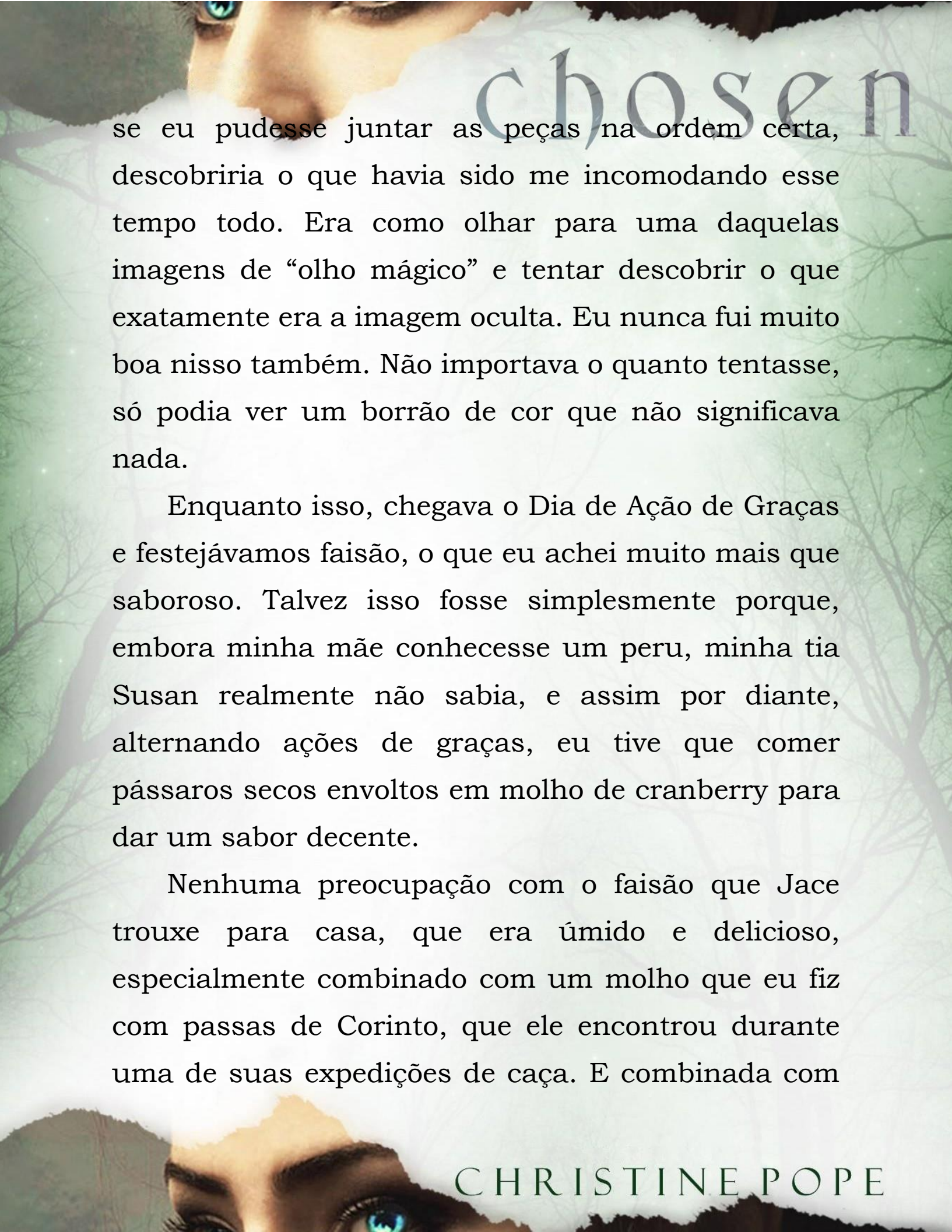
E agora, eu não precisava.

Por algum acordo tácito, Jace e eu tínhamos começado a fazer amor pela manhã, enquanto o mundo ainda estava escuro e o dia não tinha extraído cada última gota de energia de nós. Às vezes, um de nós acordava no meio da noite e procurava o outro, e nos uníamos em um tipo de frenesi antes de desmaiar novamente, mas não era uma ocorrência comum.

Mesmo assim, era uma vida boa. O cansaço que eu sentia todos os dias quando eu deitava para dormir... era um bom tipo de cansaço, o tipo que você fica quando passa o dia fazendo algo que parece útil, vale a pena. Eu poderia dizer que Jace via nossa existência da mesma maneira, que ele não se arrependia da vida que estávamos vivendo. Em um mundo pós-industrial, este parecia ser o novo normal.

Por trás de tudo isso, porém, eu ainda tinha essa sensação incômoda no fundo da minha mente, como se estivesse perdendo algo de vital importância, que

CHRISTINE POPE



Chosen

se eu pudesse juntar as peças na ordem certa, descobriria o que havia sido me incomodando esse tempo todo. Era como olhar para uma daquelas imagens de “olho mágico” e tentar descobrir o que exatamente era a imagem oculta. Eu nunca fui muito boa nisso também. Não importava o quanto tentasse, só podia ver um borrão de cor que não significava nada.

Enquanto isso, chegava o Dia de Ação de Graças e festejávamos faisão, o que eu achei muito mais que saboroso. Talvez isso fosse simplesmente porque, embora minha mãe conhecesse um peru, minha tia Susan realmente não sabia, e assim por diante, alternando ações de graças, eu tive que comer pássaros secos envoltos em molho de cranberry para dar um sabor decente.

Nenhuma preocupação com o faisão que Jace trouxe para casa, que era úmido e delicioso, especialmente combinado com um molho que eu fiz com passas de Corinto, que ele encontrou durante uma de suas expedições de caça. E combinada com

CHRISTINE POPE

arroz selvagem e feijão verde refogado da estufa, bem, foi provavelmente a melhor refeição de Ação de Graças que eu já havia consumido, mesmo que não pudesse deixar de olhar para todos os assentos vazios em torno da enorme mesa da sala de jantar e pensar nisso teria sido maravilhoso, ter amigos e familiares lá para compartilhar a refeição conosco.

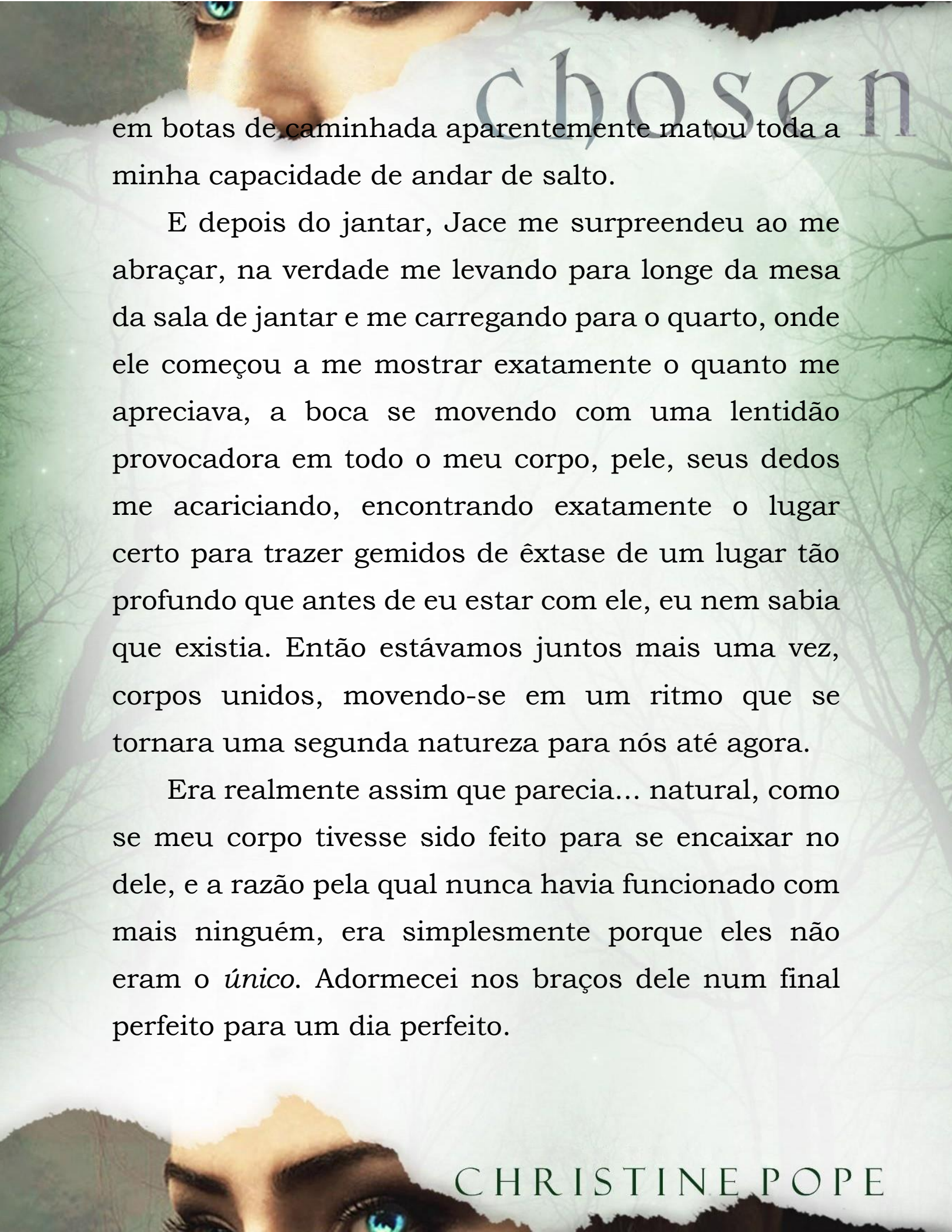
Mas esse mundo se foi há muito tempo, e se eu estivesse destinada a passar o resto da minha vida com apenas uma pessoa, não poderia pensar em alguém melhor que Jace para compartilhá-la. Durante aquela refeição, ele ficou quieto uma ou duas vezes, e eu tive a sensação de que ele estava pensando a mesma coisa, que o Dia de Ação de Graças deveria ser sobre compartilhar, sobre estar com entes queridos, e agora os nossos haviam sumido.

Aqueles momentos sombrios foram fugazes, no entanto, e eu poderia dizer que ele não estava disposto a deixar as memórias do que antes estavam arruinando o que tínhamos agora. Ele brincou com Dutchie querendo comer aquele faisão inteiro antes

mesmo de bater no traseiro do ATV, e elogiou minha comida, levantando um copo para honrar meus esforços. Parecia bom. Antes de tudo isso, eu nunca teria dito que era particularmente doméstica, mas havia chegado à ocasião com mais sucesso do que poderia imaginar.

Além disso, eu o surpreendi vestindo o vestido preto que trouxera de Albuquerque, minhas sandálias de jóias e aqueles incríveis brincos de tanzanita que apareceram tão misteriosamente no meu bolso depois da minha primeira visita à praça em Santa Fé. Maquiagem de verdade, meu cabelo estava o melhor que pude, já que eu não tinha trazido chapinha ou cacheador comigo, pensando que nunca mais precisaria deles. Jace deu uma olhada em mim e perguntou: — Você espera que eu seja paciente durante todo o jantar com você assim?

Eu lhe dei um sorriso parecido com uma esfinge e continuei cambaleando pela cozinha, trazendo comida para a mesa. Engraçado como apenas um mês



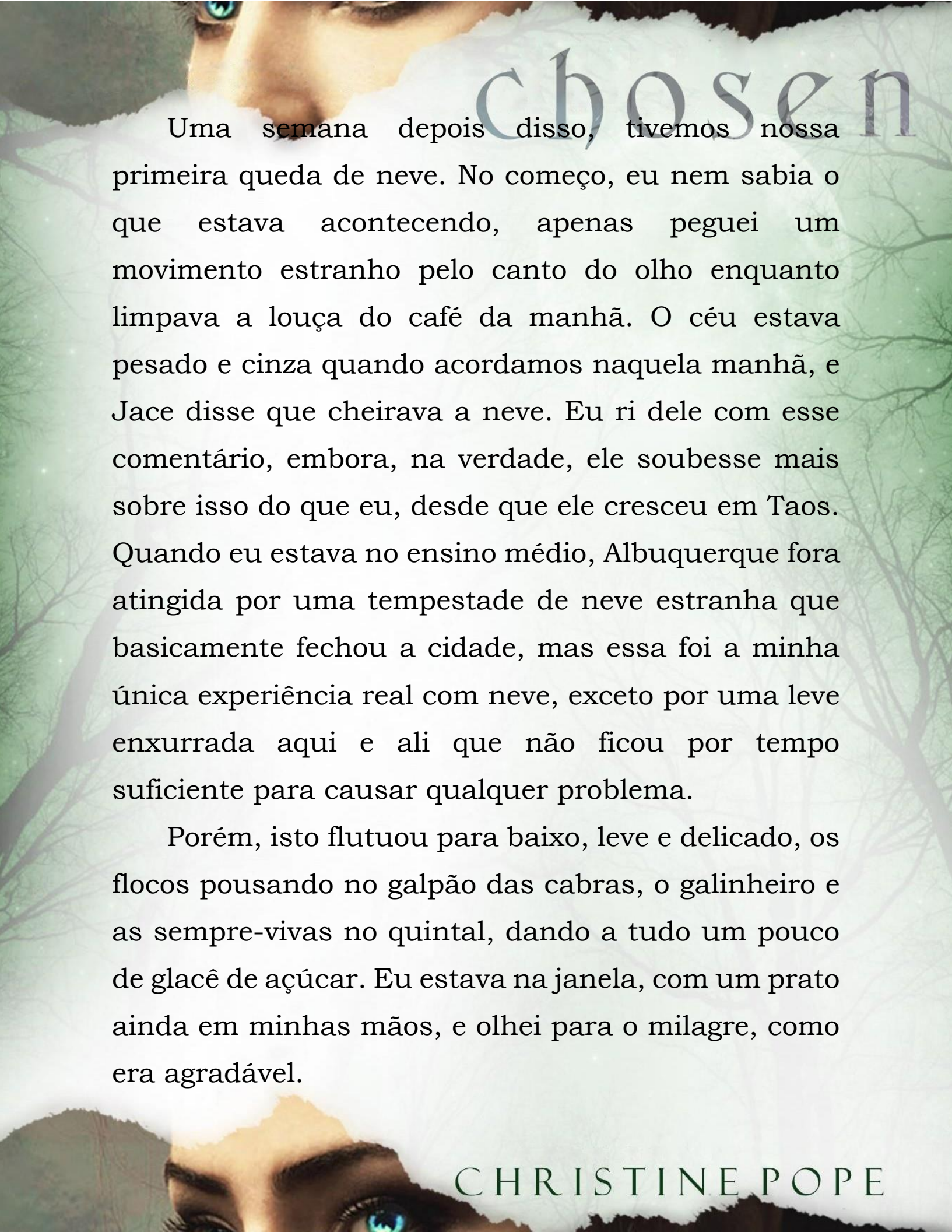
Chosen

em botas de caminhada aparentemente matou toda a minha capacidade de andar de salto.

E depois do jantar, Jace me surpreendeu ao me abraçar, na verdade me levando para longe da mesa da sala de jantar e me carregando para o quarto, onde ele começou a me mostrar exatamente o quanto me apreciava, a boca se movendo com uma lentidão provocadora em todo o meu corpo, pele, seus dedos me acariciando, encontrando exatamente o lugar certo para trazer gemidos de êxtase de um lugar tão profundo que antes de eu estar com ele, eu nem sabia que existia. Então estávamos juntos mais uma vez, corpos unidos, movendo-se em um ritmo que se tornara uma segunda natureza para nós até agora.

Era realmente assim que parecia... natural, como se meu corpo tivesse sido feito para se encaixar no dele, e a razão pela qual nunca havia funcionado com mais ninguém, era simplesmente porque eles não eram o *único*. Adormecei nos braços dele num final perfeito para um dia perfeito.

CHRISTINE POPE

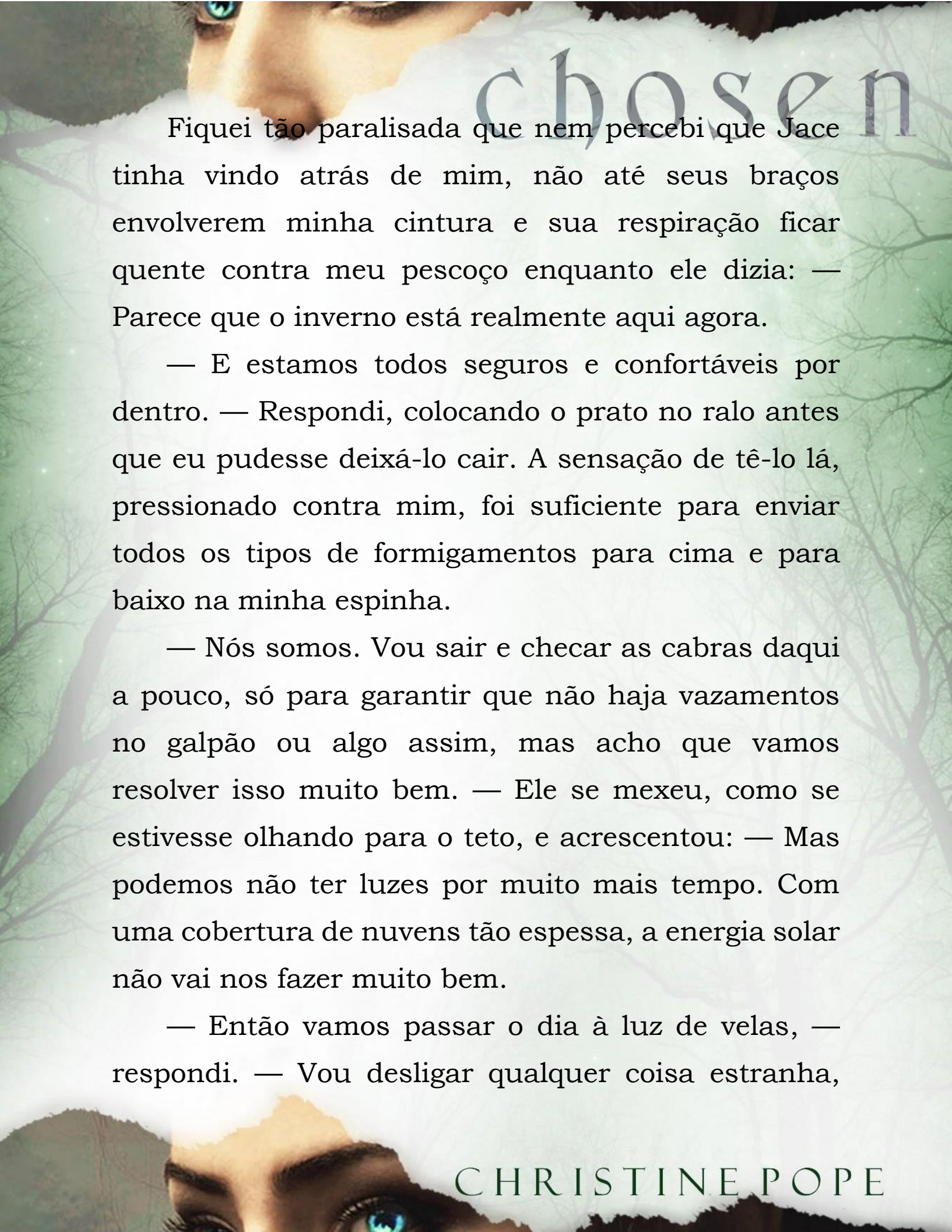


Chosen

Uma semana depois disso, tivemos nossa primeira queda de neve. No começo, eu nem sabia o que estava acontecendo, apenas peguei um movimento estranho pelo canto do olho enquanto limpava a louça do café da manhã. O céu estava pesado e cinza quando acordamos naquela manhã, e Jace disse que cheirava a neve. Eu ri dele com esse comentário, embora, na verdade, ele soubesse mais sobre isso do que eu, desde que ele cresceu em Taos. Quando eu estava no ensino médio, Albuquerque fora atingida por uma tempestade de neve estranha que basicamente fechou a cidade, mas essa foi a minha única experiência real com neve, exceto por uma leve enxurrada aqui e ali que não ficou por tempo suficiente para causar qualquer problema.

Porém, isto flutuou para baixo, leve e delicado, os flocos pousando no galpão das cabras, o galinheiro e as sempre-vivas no quintal, dando a tudo um pouco de glacê de açúcar. Eu estava na janela, com um prato ainda em minhas mãos, e olhei para o milagre, como era agradável.

CHRISTINE POPE



Chosen

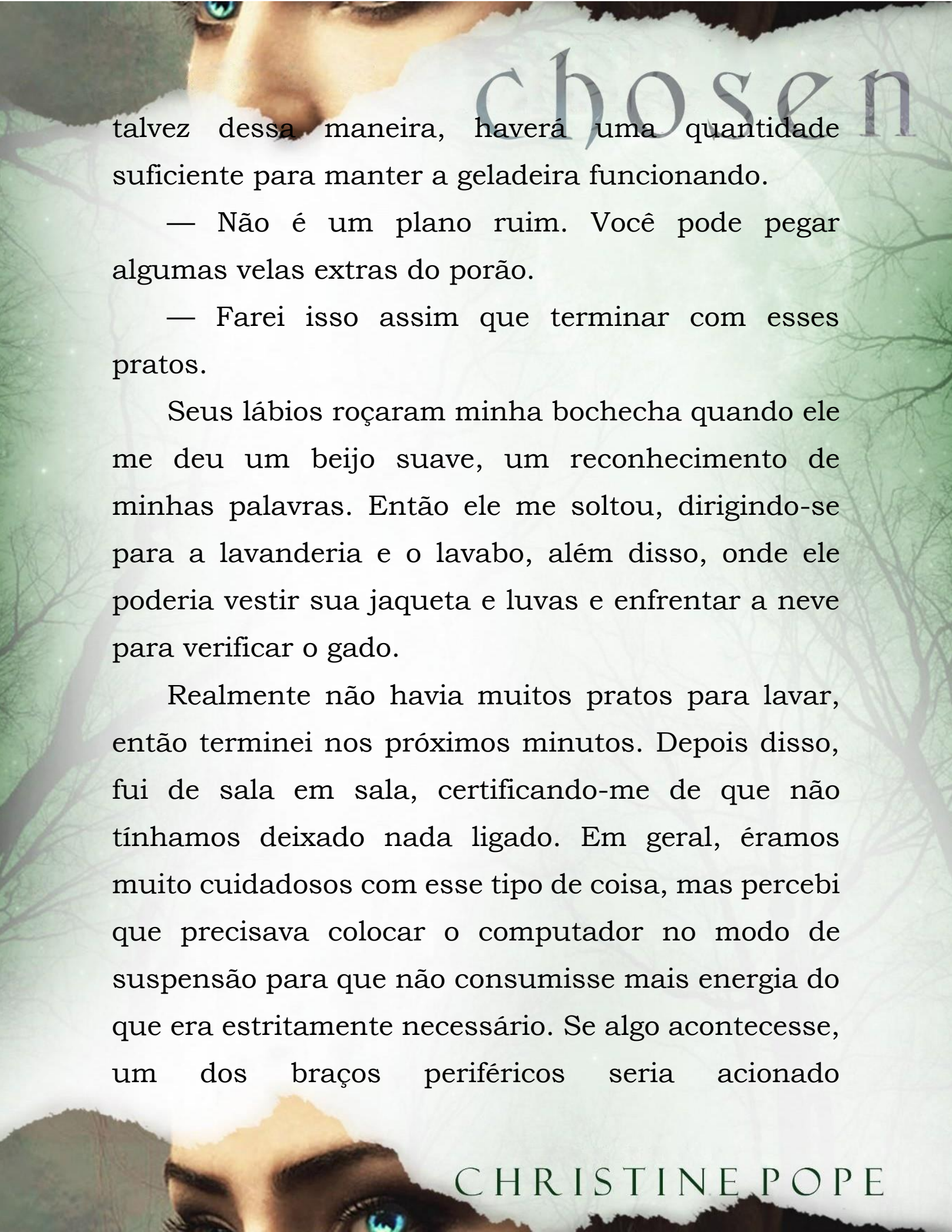
Fiquei tão paralisada que nem percebi que Jace tinha vindo atrás de mim, não até seus braços envolverem minha cintura e sua respiração ficar quente contra meu pescoço enquanto ele dizia: — Parece que o inverno está realmente aqui agora.

— E estamos todos seguros e confortáveis por dentro. — Respondi, colocando o prato no ralo antes que eu pudesse deixá-lo cair. A sensação de tê-lo lá, pressionado contra mim, foi suficiente para enviar todos os tipos de formigamentos para cima e para baixo na minha espinha.

— Nós somos. Vou sair e checar as cabras daqui a pouco, só para garantir que não haja vazamentos no galpão ou algo assim, mas acho que vamos resolver isso muito bem. — Ele se mexeu, como se estivesse olhando para o teto, e acrescentou: — Mas podemos não ter luzes por muito mais tempo. Com uma cobertura de nuvens tão espessa, a energia solar não vai nos fazer muito bem.

— Então vamos passar o dia à luz de velas, — respondi. — Vou desligar qualquer coisa estranha,

CHRISTINE POPE

The background of the page features a composite image. At the top, there is a close-up of a woman's face, showing her eyes and nose. The bottom of the page shows another close-up of a woman's face, focusing on her eyes. The central area of the page is a light green background with faint, dark silhouettes of trees, suggesting a forest scene.

chosen

talvez dessa maneira, haverá uma quantidade suficiente para manter a geladeira funcionando.

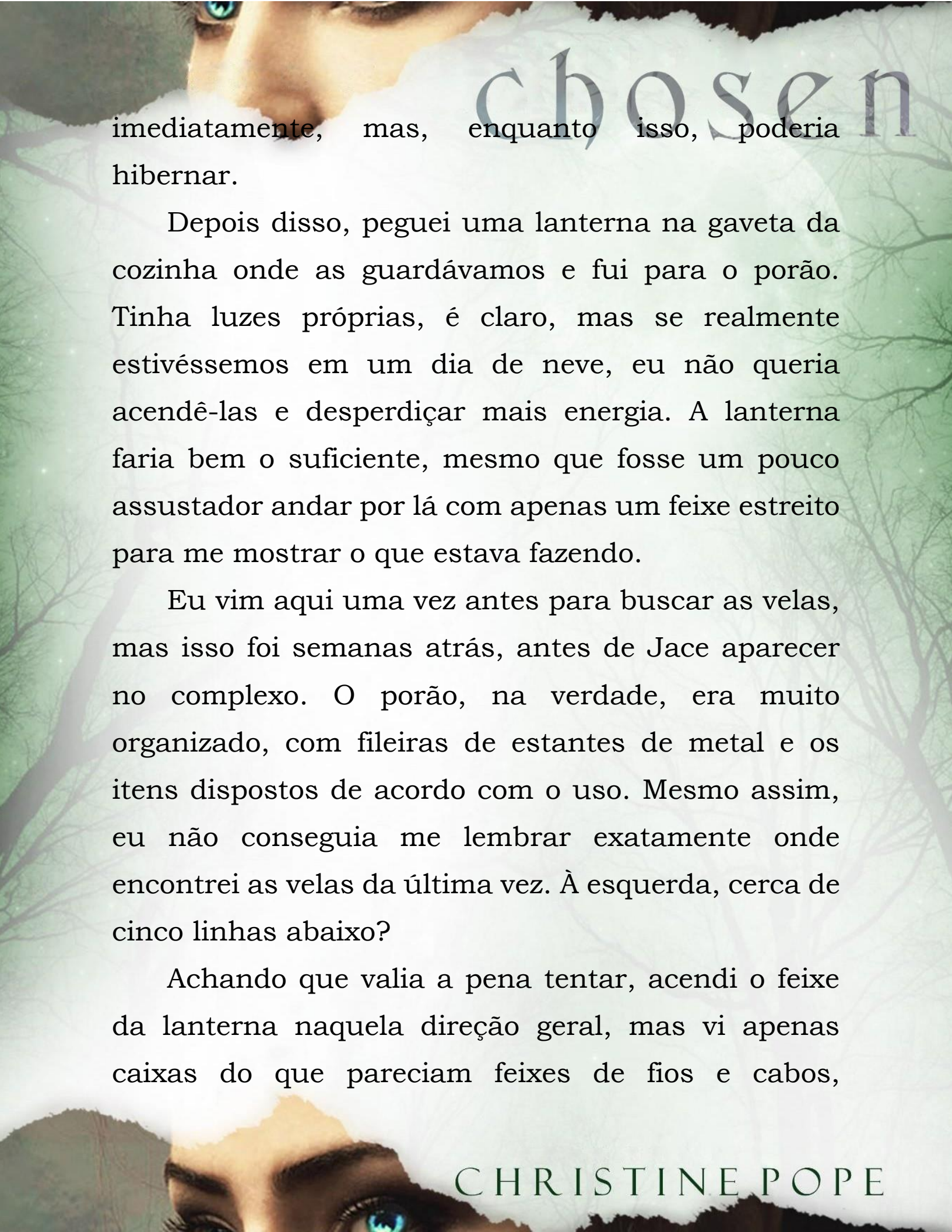
— Não é um plano ruim. Você pode pegar algumas velas extras do porão.

— Farei isso assim que terminar com esses pratos.

Seus lábios roçaram minha bochecha quando ele me deu um beijo suave, um reconhecimento de minhas palavras. Então ele me soltou, dirigindo-se para a lavanderia e o lavabo, além disso, onde ele poderia vestir sua jaqueta e luvas e enfrentar a neve para verificar o gado.

Realmente não havia muitos pratos para lavar, então terminei nos próximos minutos. Depois disso, fui de sala em sala, certificando-me de que não tínhamos deixado nada ligado. Em geral, éramos muito cuidadosos com esse tipo de coisa, mas percebi que precisava colocar o computador no modo de suspensão para que não consumisse mais energia do que era estritamente necessário. Se algo acontecesse, um dos braços periféricos seria acionado

CHRISTINE POPE



imediatamente, mas, enquanto isso, poderia hibernar.

Depois disso, peguei uma lanterna na gaveta da cozinha onde as guardávamos e fui para o porão. Tinha luzes próprias, é claro, mas se realmente estivéssemos em um dia de neve, eu não queria acendê-las e desperdiçar mais energia. A lanterna faria bem o suficiente, mesmo que fosse um pouco assustador andar por lá com apenas um feixe estreito para me mostrar o que estava fazendo.

Eu vim aqui uma vez antes para buscar as velas, mas isso foi semanas atrás, antes de Jace aparecer no complexo. O porão, na verdade, era muito organizado, com fileiras de estantes de metal e os itens dispostos de acordo com o uso. Mesmo assim, eu não conseguia me lembrar exatamente onde encontrei as velas da última vez. À esquerda, cerca de cinco linhas abaixo?

Achando que valia a pena tentar, acendi o feixe da lanterna naquela direção geral, mas vi apenas caixas do que pareciam feixes de fios e cabos,

CHRISTINE POPE

possivelmente destinados a reparos no sistema elétrico da casa, se a ocasião o justificasse. Sem se deixar abater, mudei para a próxima fila, apenas para ter meu pé colidir com uma caixa de papelão no chão ao lado de uma das prateleiras, em vez de colocá-la diretamente nela. Isso era estranho, simples, porque todo o resto que eu encontrara no porão até agora havia mostrado uma adesão quase fanática à ordem por parte da pessoa que a colocara ali.

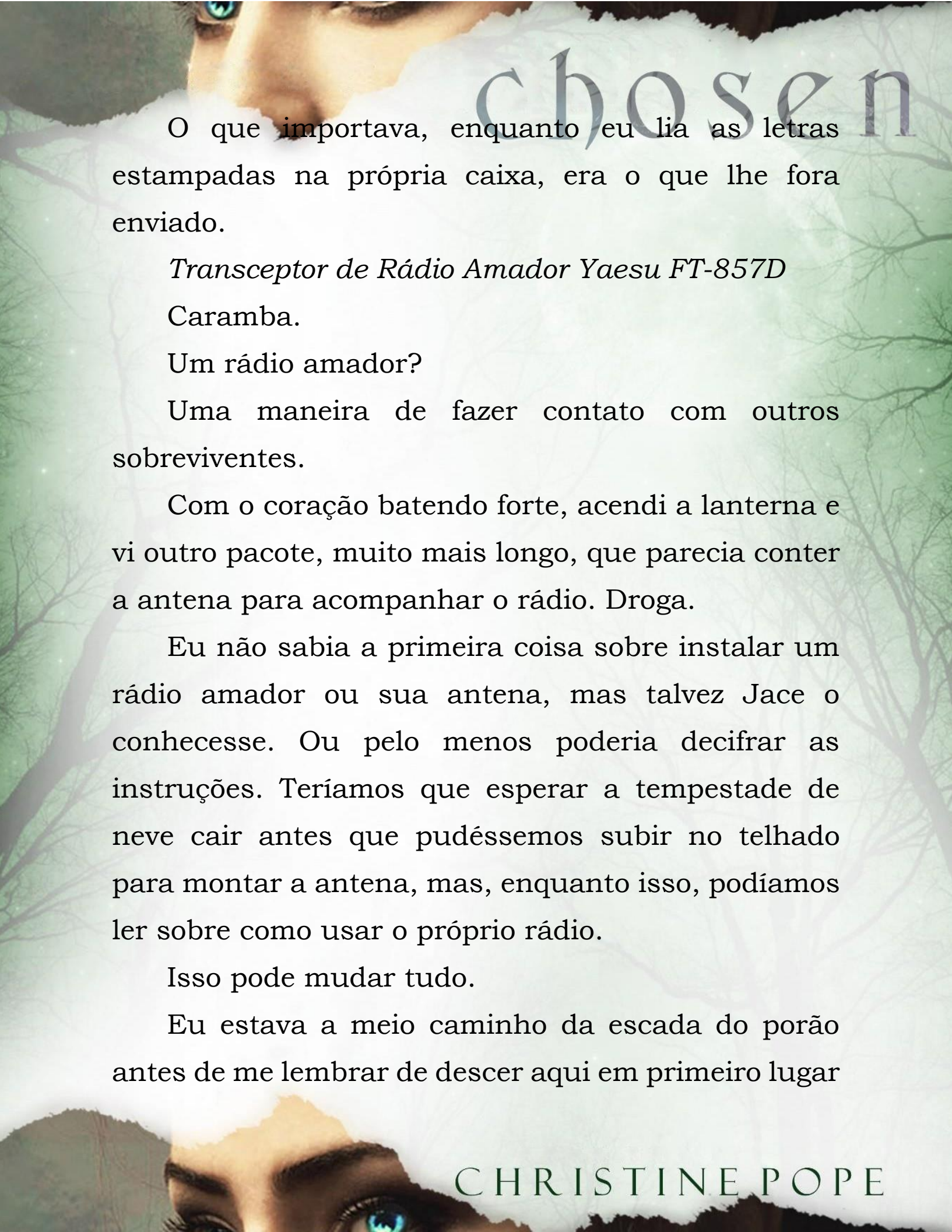
Eu fiz uma careta e movi o feixe da lanterna sobre a caixa. Era claramente de algum tipo de fabricante; havia até uma etiqueta de remessa ainda afixada. Agachado, li o nome e o endereço.

Cory Berman

Trilha do horizonte 28-A

Santa Fe, NM 87501

Cory Berman. Então era esse o nome do desenvolvedor de Phoenix que construía a propriedade ou do zelador que a vigiava? Talvez isso realmente não tenha importância. Ambos foram embora, afinal.



chosen

O que importava, enquanto eu lia as letras estampadas na própria caixa, era o que lhe fora enviado.

Transceptor de Rádio Amador Yaesu FT-857D

Caramba.

Um rádio amador?

Uma maneira de fazer contato com outros sobreviventes.

Com o coração batendo forte, acendi a lanterna e vi outro pacote, muito mais longo, que parecia conter a antena para acompanhar o rádio. Droga.

Eu não sabia a primeira coisa sobre instalar um rádio amador ou sua antena, mas talvez Jace o conhecesse. Ou pelo menos poderia decifrar as instruções. Teríamos que esperar a tempestade de neve cair antes que pudéssemos subir no telhado para montar a antena, mas, enquanto isso, podíamos ler sobre como usar o próprio rádio.

Isso pode mudar tudo.

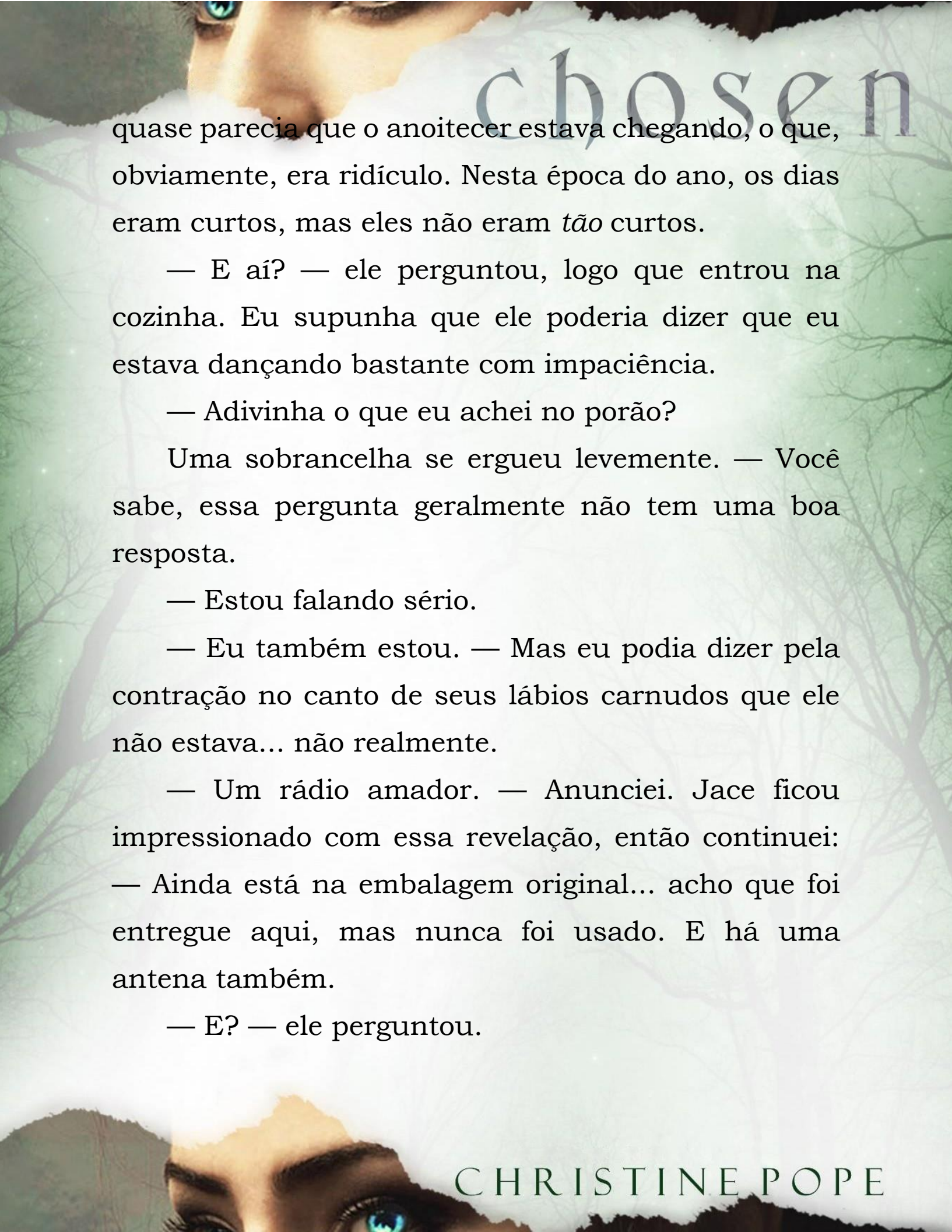
Eu estava a meio caminho da escada do porão antes de me lembrar de descer aqui em primeiro lugar

CHRISTINE POPE

para pegar algumas velas sobressalentes. Depois de subir e descer mais algumas fileiras de prateleiras, eu as encontrei, maço após pilhas de pilares e votives e afunilados, o tipo de coisa que você compraria a granel para um casamento ou algum outro grande evento. Peguei um pacote de velas e voltei para a escada, depois corri para o nível principal da casa.

Jace não estava em evidência em nenhum lugar, enquanto eu colocava o pacote de velas na mesa do café da manhã no canto. Quando espiei pela janela, no entanto, pude vê-lo carregando algo da garagem para o galpão. Um saco de bolinhas que usamos para complementar a dieta das cabras, parecia. Isso fazia sentido, elas provavelmente não iam procurar forragem até a neve parar.

Cerca de dez minutos depois, ouvi-o entrar e esperei que ele parasse na sala de lama para se livrar do casaco e raspar a neve das botas. Enquanto isso, eu andava pela casa e acendia várias velas, pois estava claro no céu lá fora, que provavelmente não veríamos sol hoje. Na verdade, estava tão escuro que



chosen

quase parecia que o anoitecer estava chegando, o que, obviamente, era ridículo. Nesta época do ano, os dias eram curtos, mas eles não eram *tão* curtos.

— E aí? — ele perguntou, logo que entrou na cozinha. Eu supunha que ele poderia dizer que eu estava dançando bastante com impaciência.

— Adivinha o que eu achei no porão?

Uma sobrancelha se ergueu levemente. — Você sabe, essa pergunta geralmente não tem uma boa resposta.

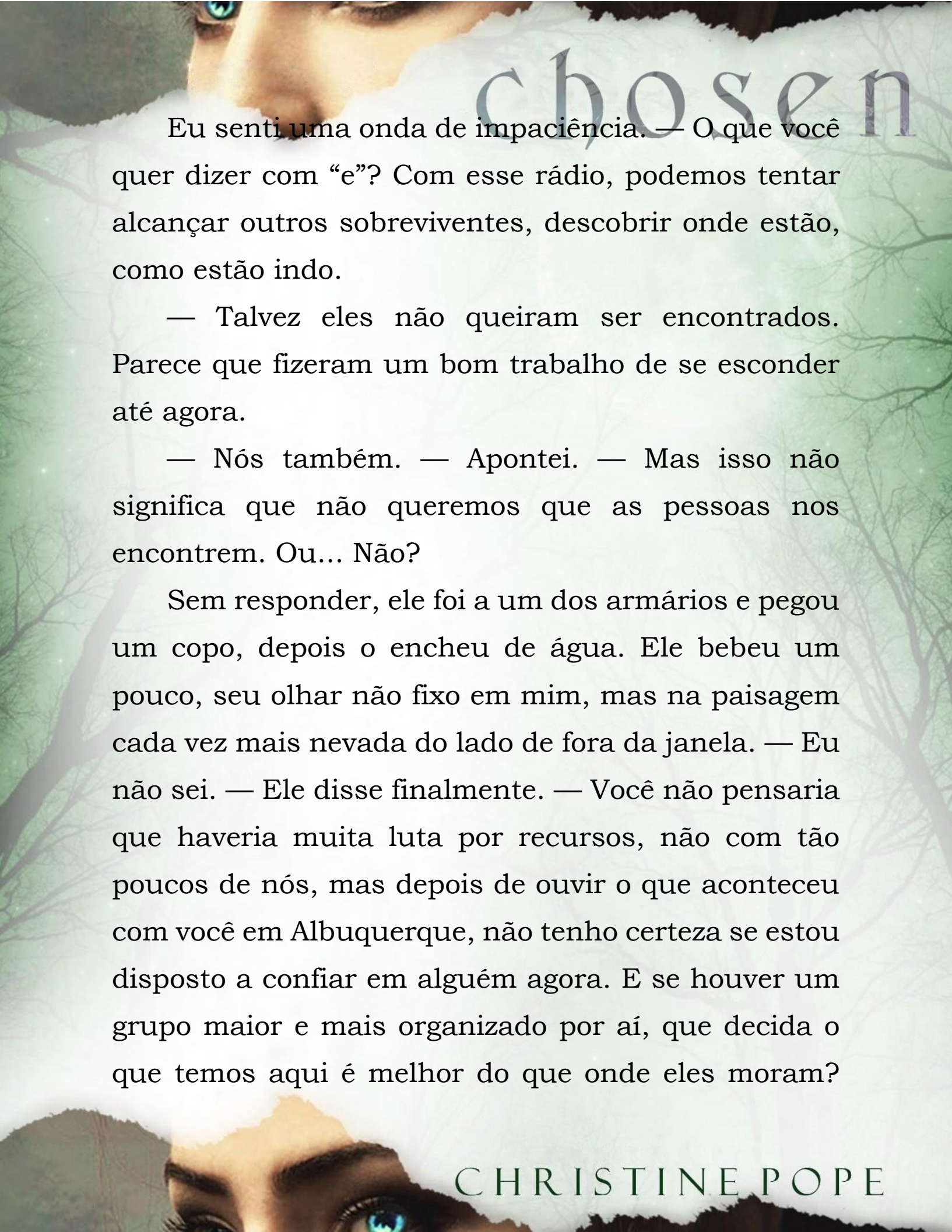
— Estou falando sério.

— Eu também estou. — Mas eu podia dizer pela contração no canto de seus lábios carnudos que ele não estava... não realmente.

— Um rádio amador. — Anunciei. Jace ficou impressionado com essa revelação, então continuei: — Ainda está na embalagem original... acho que foi entregue aqui, mas nunca foi usado. E há uma antena também.

— E? — ele perguntou.

CHRISTINE POPE



chosen

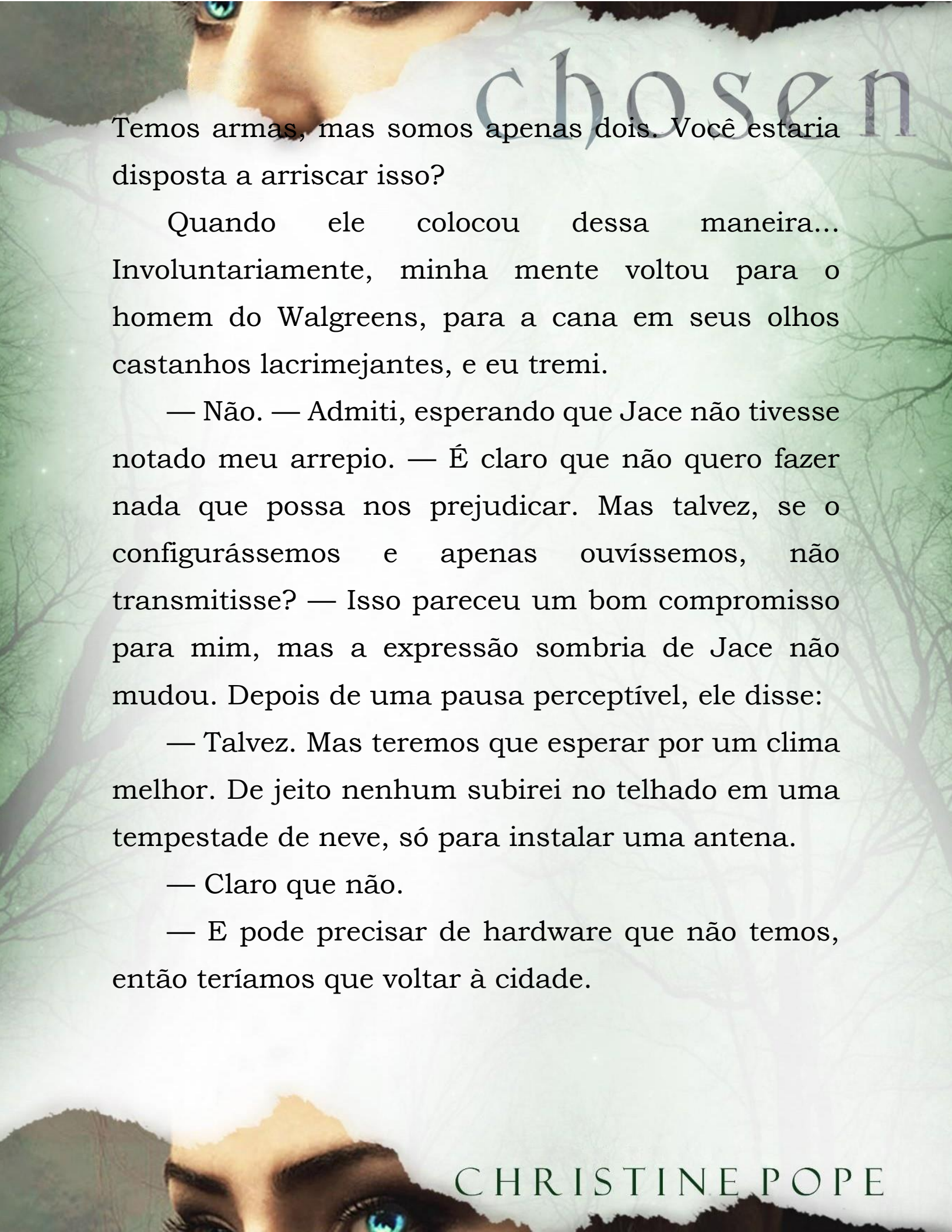
Eu senti uma onda de impaciência. — O que você quer dizer com “e”? Com esse rádio, podemos tentar alcançar outros sobreviventes, descobrir onde estão, como estão indo.

— Talvez eles não queiram ser encontrados. Parece que fizeram um bom trabalho de se esconder até agora.

— Nós também. — Apontei. — Mas isso não significa que não queremos que as pessoas nos encontrem. Ou... Não?

Sem responder, ele foi a um dos armários e pegou um copo, depois o encheu de água. Ele bebeu um pouco, seu olhar não fixo em mim, mas na paisagem cada vez mais nevada do lado de fora da janela. — Eu não sei. — Ele disse finalmente. — Você não pensaria que haveria muita luta por recursos, não com tão poucos de nós, mas depois de ouvir o que aconteceu com você em Albuquerque, não tenho certeza se estou disposto a confiar em alguém agora. E se houver um grupo maior e mais organizado por aí, que decida o que temos aqui é melhor do que onde eles moram?

CHRISTINE POPE

The background of the page is a book cover. It features a close-up of a woman's face at the top and bottom, with her eyes looking upwards. A large, dark silhouette of a tree is visible on the right side. The word "chosen" is written in a large, stylized font at the top right.

chosen

Temos armas, mas somos apenas dois. Você estaria disposta a arriscar isso?

Quando ele colocou dessa maneira... Involuntariamente, minha mente voltou para o homem do Walgreens, para a cana em seus olhos castanhos lacrimejantes, e eu tremi.

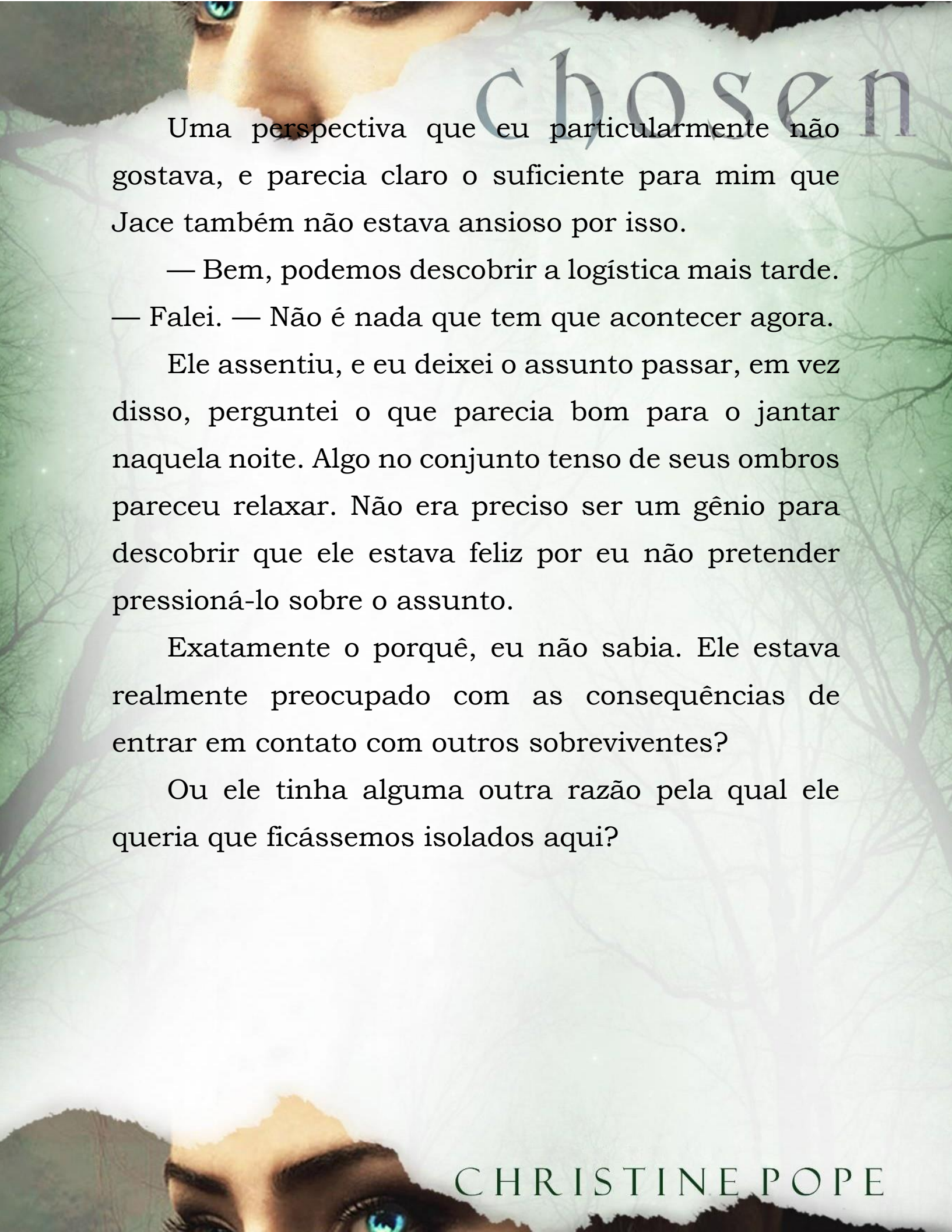
— Não. — Admiti, esperando que Jace não tivesse notado meu arrepio. — É claro que não quero fazer nada que possa nos prejudicar. Mas talvez, se o configurássemos e apenas ouvíssemos, não transmitisse? — Isso pareceu um bom compromisso para mim, mas a expressão sombria de Jace não mudou. Depois de uma pausa perceptível, ele disse:

— Talvez. Mas teremos que esperar por um clima melhor. De jeito nenhum subirei no telhado em uma tempestade de neve, só para instalar uma antena.

— Claro que não.

— E pode precisar de hardware que não temos, então teríamos que voltar à cidade.

CHRISTINE POPE

The background of the page is a book cover. It features a close-up of a person's face, specifically their eyes and nose, which are partially obscured by a torn paper effect. The person has light-colored eyes. The background is a soft green with faint, dark outlines of trees or foliage. The title 'Chosen' is written in a large, stylized, light-colored font at the top right.

Chosen

Uma perspectiva que eu particularmente não gostava, e parecia claro o suficiente para mim que Jace também não estava ansioso por isso.

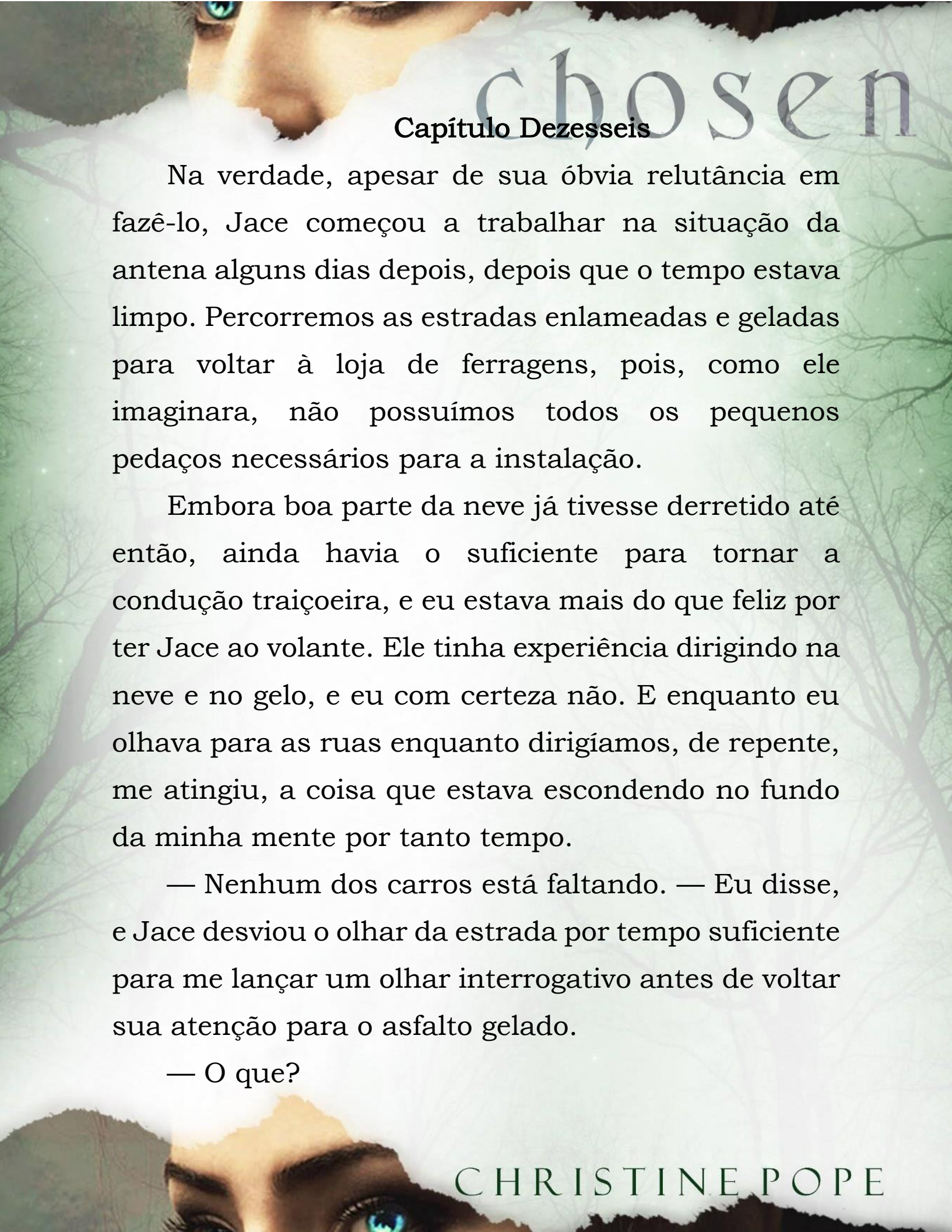
— Bem, podemos descobrir a logística mais tarde.
— Falei. — Não é nada que tem que acontecer agora.

Ele assentiu, e eu deixei o assunto passar, em vez disso, perguntei o que parecia bom para o jantar naquela noite. Algo no conjunto tenso de seus ombros pareceu relaxar. Não era preciso ser um gênio para descobrir que ele estava feliz por eu não pretender pressioná-lo sobre o assunto.

Exatamente o porquê, eu não sabia. Ele estava realmente preocupado com as consequências de entrar em contato com outros sobreviventes?

Ou ele tinha alguma outra razão pela qual ele queria que ficássemos isolados aqui?

CHRISTINE POPE



Chosen

Capítulo Dezesseis

Na verdade, apesar de sua óbvia relutância em fazê-lo, Jace começou a trabalhar na situação da antena alguns dias depois, depois que o tempo estava limpo. Percorremos as estradas enlameadas e geladas para voltar à loja de ferragens, pois, como ele imaginara, não possuímos todos os pequenos pedaços necessários para a instalação.

Embora boa parte da neve já tivesse derretido até então, ainda havia o suficiente para tornar a condução traiçoeira, e eu estava mais do que feliz por ter Jace ao volante. Ele tinha experiência dirigindo na neve e no gelo, e eu com certeza não. E enquanto eu olhava para as ruas enquanto dirigíamos, de repente, me atingiu, a coisa que estava escondendo no fundo da minha mente por tanto tempo.

— Nenhum dos carros está faltando. — Eu disse, e Jace desviou o olhar da estrada por tempo suficiente para me lançar um olhar interrogativo antes de voltar sua atenção para o asfalto gelado.

— O que?

CHRISTINE POPE

Olhei de volta para fora da janela, querendo confirmar a noção de que finalmente tinha tomado forma coerente no meu cérebro. — Você sabe como eu disse que parecia que não havia tantos veículos ao redor quanto me lembrava, que alguns pareciam ter desaparecido, mas eu não conseguia entender direito?

Um aceno de cabeça.

— Bem, os *carros* estão todos aqui. E com certeza, ainda existem utilitários esportivos e caminhões por todo o lugar. Mas... — Eu deixei as palavras sumirem quando me concentrei nos padrões que agora via nas ruas ao nosso redor.

— Mas o que?

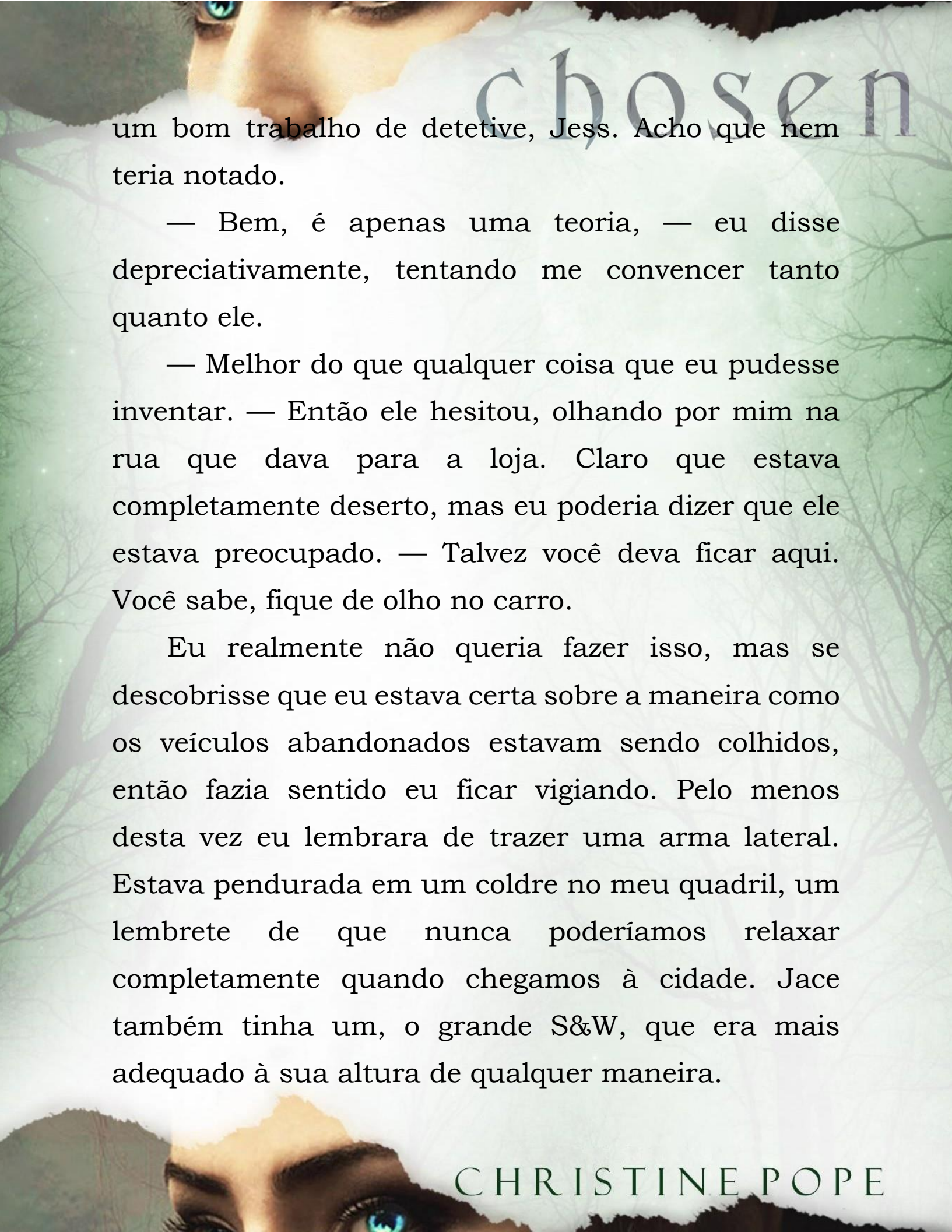
— Aposto que se parássemos e fizéssemos uma pesquisa, veríamos que os SUVs e caminhões deixados para trás são os que têm pouca utilidade. Tração nas duas rodas, motores pequenos... você sabe, carros de passageiros com carrocerias de SUV. Aqueles que podem aguentar seu próprio peso, como

este jipe, tenho a sensação de que não encontraremos tantos por aqui.

Até então, estávamos quase no Home Depot, então Jace não disse nada até depois que ele entrou no estacionamento e parou. — Você quer dizer que alguém veio aqui e sistematicamente pegou os caminhões e os utilitários esportivos com tração nas quatro rodas?

— Bem, eu duvido que eu possa provar isso, mas... sim, algo assim.

Ele balançou a cabeça e puxou a chave da ignição e a enfiou no bolso. — De certa forma, faz sentido, suponho. Quem quer que seja e onde estão os outros sobreviventes, eles terão que fazer muito mais por si mesmos. Portanto, ter veículos que podem rebocar e transportar coisas e se encontrar em estradas não aradas seria vital. — Suas sobrancelhas estavam arregaladas enquanto ele refletia sobre o dilema, mas então ele pareceu relaxar, e embora o ar estivesse nublado e frio, um lampejo de calor passou por mim enquanto ele me olhava com admiração. — Esse foi



Chosen

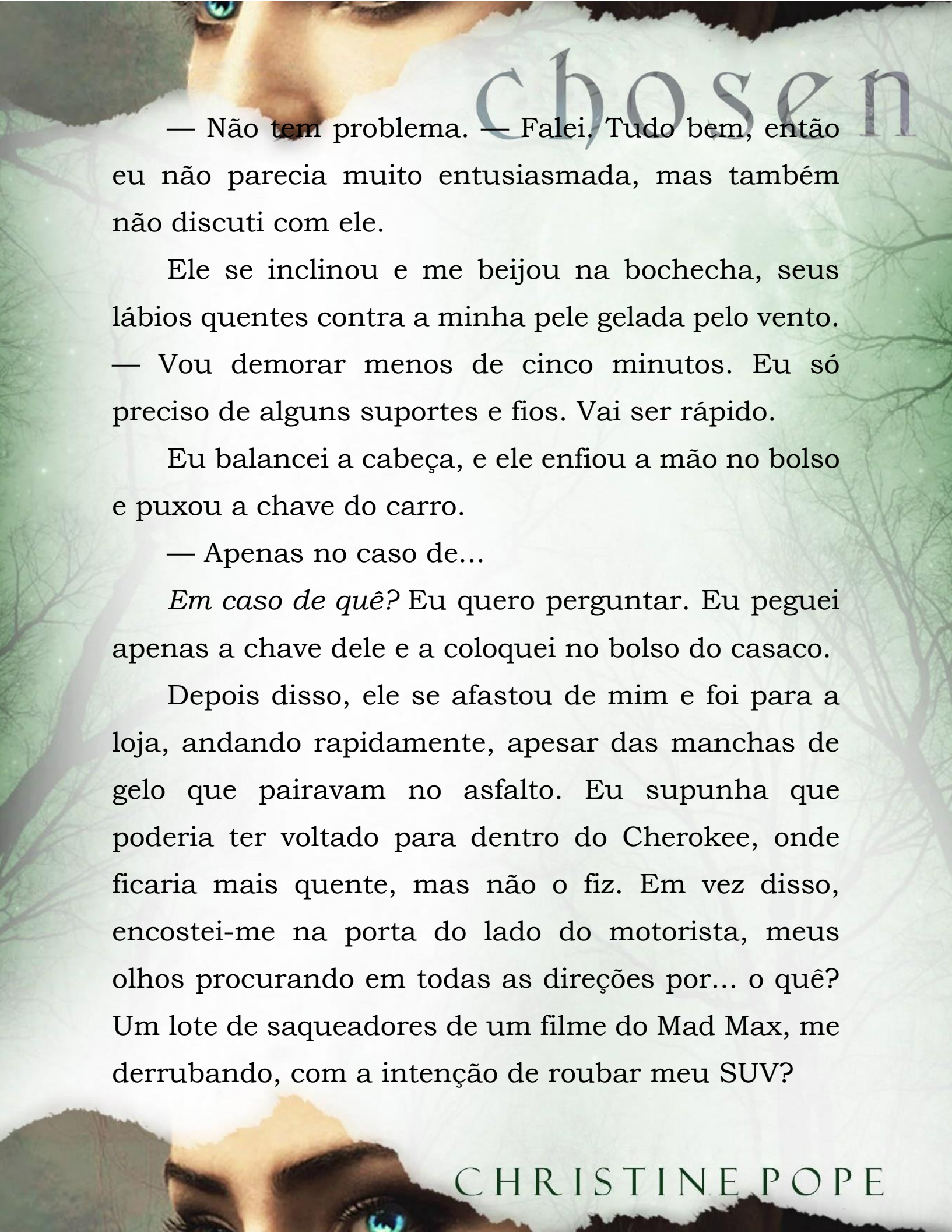
um bom trabalho de detetive, Jess. Acho que nem teria notado.

— Bem, é apenas uma teoria, — eu disse depreciativamente, tentando me convencer tanto quanto ele.

— Melhor do que qualquer coisa que eu pudesse inventar. — Então ele hesitou, olhando por mim na rua que dava para a loja. Claro que estava completamente deserto, mas eu poderia dizer que ele estava preocupado. — Talvez você deva ficar aqui. Você sabe, fique de olho no carro.

Eu realmente não queria fazer isso, mas se descobrisse que eu estava certa sobre a maneira como os veículos abandonados estavam sendo colhidos, então fazia sentido eu ficar vigiando. Pelo menos desta vez eu lembrara de trazer uma arma lateral. Estava pendurada em um coldre no meu quadril, um lembrete de que nunca poderíamos relaxar completamente quando chegamos à cidade. Jace também tinha um, o grande S&W, que era mais adequado à sua altura de qualquer maneira.

CHRISTINE POPE



Chosen

— Não tem problema. — Falei. Tudo bem, então eu não parecia muito entusiasmada, mas também não discuti com ele.

Ele se inclinou e me beijou na bochecha, seus lábios quentes contra a minha pele gelada pelo vento. — Vou demorar menos de cinco minutos. Eu só preciso de alguns suportes e fios. Vai ser rápido.

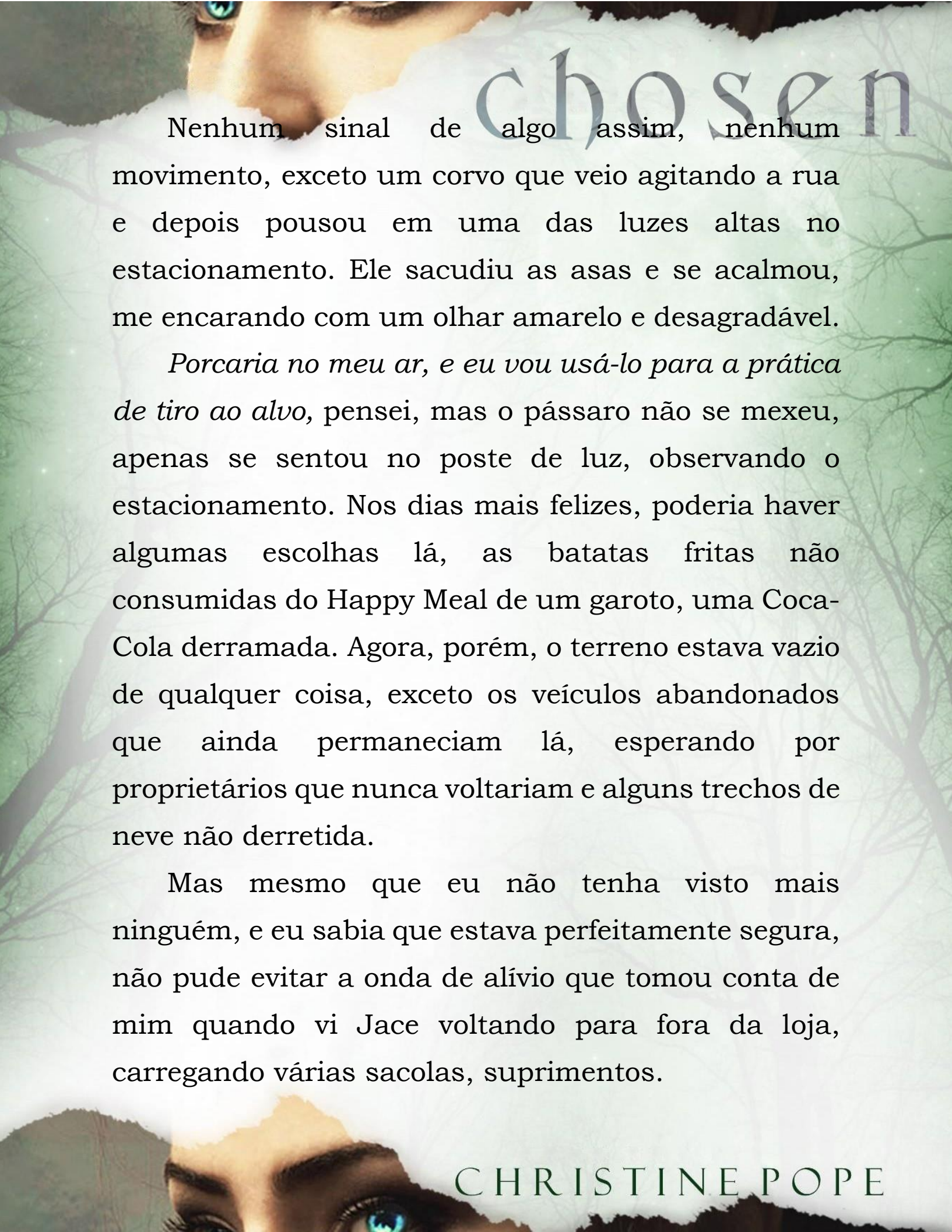
Eu balancei a cabeça, e ele enfiou a mão no bolso e puxou a chave do carro.

— Apenas no caso de...

Em caso de quê? Eu quero perguntar. Eu peguei apenas a chave dele e a coloquei no bolso do casaco.

Depois disso, ele se afastou de mim e foi para a loja, andando rapidamente, apesar das manchas de gelo que pairavam no asfalto. Eu supunha que poderia ter voltado para dentro do Cherokee, onde ficaria mais quente, mas não o fiz. Em vez disso, encostei-me na porta do lado do motorista, meus olhos procurando em todas as direções por... o quê? Um lote de saqueadores de um filme do Mad Max, me derrubando, com a intenção de roubar meu SUV?

CHRISTINE POPE



Chosen

Nenhum sinal de algo assim, nenhum movimento, exceto um corvo que veio agitando a rua e depois pousou em uma das luzes altas no estacionamento. Ele sacudiu as asas e se acalmou, me encarando com um olhar amarelo e desagradável.

Porcaria no meu ar, e eu vou usá-lo para a prática de tiro ao alvo, pensei, mas o pássaro não se mexeu, apenas se sentou no poste de luz, observando o estacionamento. Nos dias mais felizes, poderia haver algumas escolhas lá, as batatas fritas não consumidas do Happy Meal de um garoto, uma Coca-Cola derramada. Agora, porém, o terreno estava vazio de qualquer coisa, exceto os veículos abandonados que ainda permaneciam lá, esperando por proprietários que nunca voltariam e alguns trechos de neve não derretida.

Mas mesmo que eu não tenha visto mais ninguém, e eu sabia que estava perfeitamente segura, não pude evitar a onda de alívio que tomou conta de mim quando vi Jace voltando para fora da loja, carregando várias sacolas, suprimentos.

CHRISTINE POPE

— Parece que eles, quem quer que sejam, voltaram. Mais coisas se foram. — Jace me entregou as malas e tirei a chave do carro do bolso e entreguei a ele.

— Coisas que você precisava? — Eu perguntei ansiosamente.

— Não, tudo o que viemos aqui é bastante esotérico. Mas agora as baterias estão totalmente apagadas, as luzes solares do jardim e, bem, muitas coisas diferentes.

As baterias teriam me preocupado, exceto que tínhamos baterias em nosso porão, regulares e recarregáveis. E luzes solares do jardim? Nossa propriedade também era equipada com elas. Parecia que quem estava roubando a Home Depot, vinha de um lugar de muito mais necessidade do que Jace ou eu.

Mas teríamos que descobrir isso mais tarde. Ou nunca. O clima parecia estar aguentando, e eu esperava que isso continuasse assim por alguns dias, tempo suficiente para que Jace conseguisse instalar

a antena. Talvez depois poderíamos começar a obter algumas respostas.

Naquele momento, porém, era muito mais importante chegarmos em casa. Não tínhamos evidências para mostrar que alguém sabia do nosso refúgio, mas deixá-lo sem vigilância sempre me deixava nervosa. Dutchie provocaria uma tempestade, mas eu duvidava que isso fosse suficiente para assustar qualquer um que estivesse determinado a invadir e pegar o que pudesse.

Ninguém ainda havia descoberto o complexo, ou quaisquer sobreviventes da região haviam decidido que era uma colheita mais fácil na cidade, porque mais uma vez voltamos para encontrar tudo o que havíamos deixado. Nós demos a Dutchie sua saudação habitual de alguns arranhões atrás das orelhas e um presente, e então Jace foi inspecionar a área fora do escritório.

— Estamos com sorte. — disse ele, depois de cutucar a lama e enfiar um pedaço de vergalhão no chão. — Não está congelado.

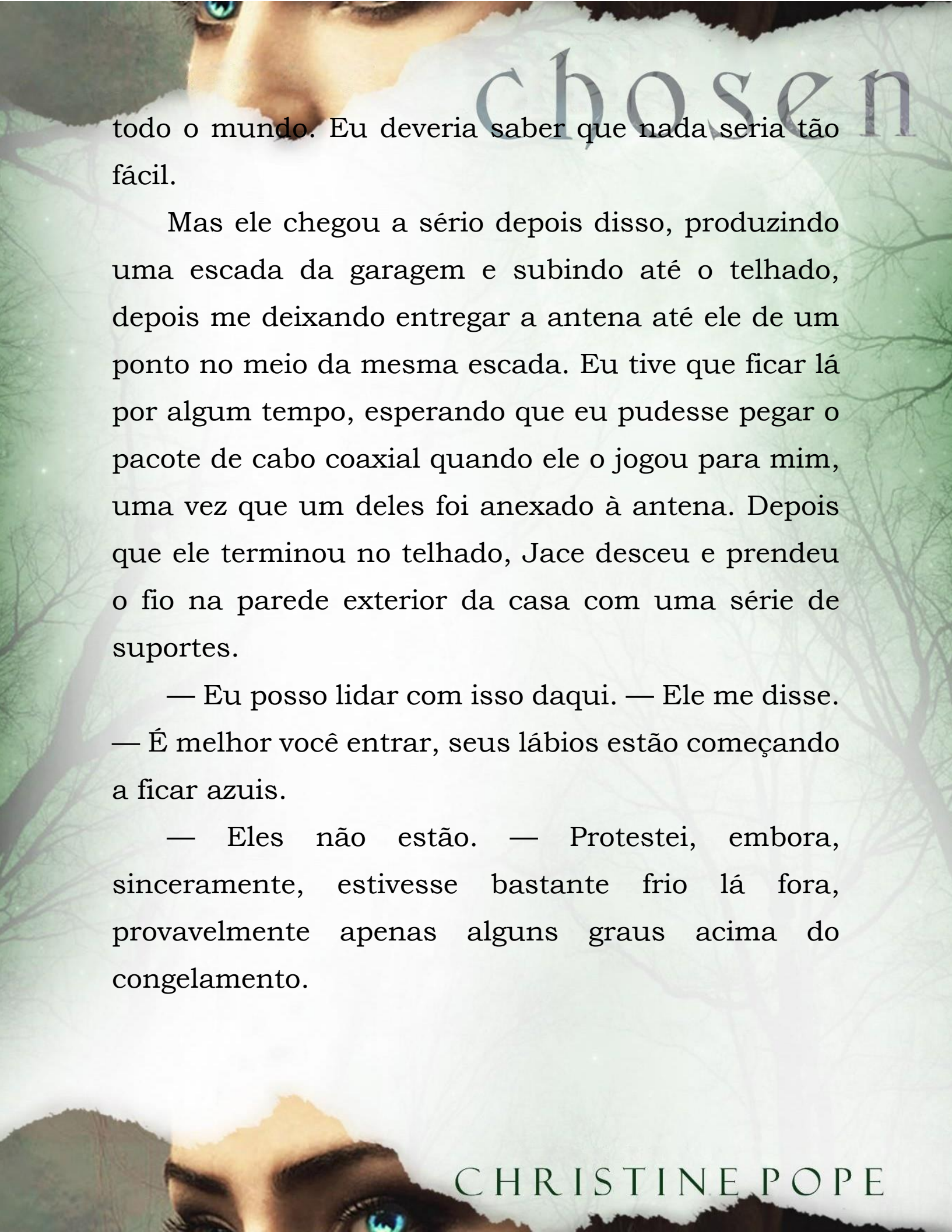
— E isso é relevante porque...? — Eu estava a poucos metros dele, perto o suficiente para ver o que ele estava fazendo, mas não tão perto que eu estaria no caminho.

— Porque eu tenho que instalar uma haste de aterramento, além de trazer os cabos da antena para a unidade no escritório. — No meu olhar vazio, ele meio que sorriu e balançou a cabeça. — É um pouco mais complicado do que colocar uma antena de TV no seu telhado.

— Consegue fazer? — Assim que as palavras saíram da minha boca, percebi que provavelmente deveria ter feito essa pergunta antes de nos darmos ao trabalho de conseguir suprimentos.

— Acho que sim. Eu li as instruções algumas vezes. Ainda bem que aprendi a soldar na minha loja na escola.

E eu pensando que tudo o que precisávamos fazer era instalar a antena no telhado, passar um fio e, *voilà*, estaríamos conversando com sobreviventes em



chosen

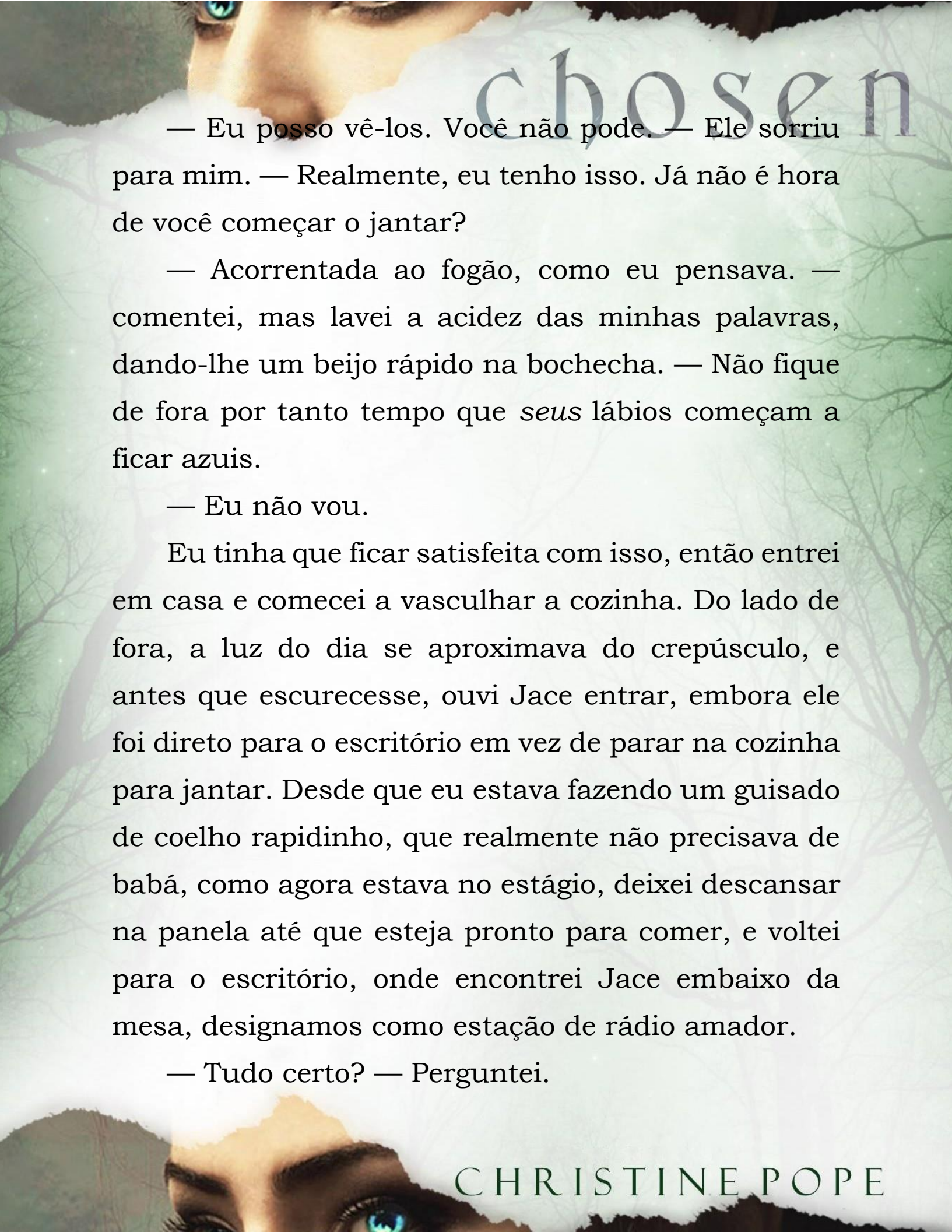
todo o mundo. Eu deveria saber que nada seria tão fácil.

Mas ele chegou a sério depois disso, produzindo uma escada da garagem e subindo até o telhado, depois me deixando entregar a antena até ele de um ponto no meio da mesma escada. Eu tive que ficar lá por algum tempo, esperando que eu pudesse pegar o pacote de cabo coaxial quando ele o jogou para mim, uma vez que um deles foi anexado à antena. Depois que ele terminou no telhado, Jace desceu e prendeu o fio na parede exterior da casa com uma série de suportes.

— Eu posso lidar com isso daqui. — Ele me disse. — É melhor você entrar, seus lábios estão começando a ficar azuis.

— Eles não estão. — Protestei, embora, sinceramente, estivesse bastante frio lá fora, provavelmente apenas alguns graus acima do congelamento.

CHRISTINE POPE



chosen

— Eu posso vê-los. Você não pode. — Ele sorriu para mim. — Realmente, eu tenho isso. Já não é hora de você começar o jantar?

— Acorrentada ao fogão, como eu pensava. — comentei, mas lavei a acidez das minhas palavras, dando-lhe um beijo rápido na bochecha. — Não fique de fora por tanto tempo que *seus* lábios começam a ficar azuis.

— Eu não vou.

Eu tinha que ficar satisfeita com isso, então entrei em casa e comecei a vasculhar a cozinha. Do lado de fora, a luz do dia se aproximava do crepúsculo, e antes que escurecesse, ouvi Jace entrar, embora ele foi direto para o escritório em vez de parar na cozinha para jantar. Desde que eu estava fazendo um guisado de coelho rapidinho, que realmente não precisava de babá, como agora estava no estágio, deixei descansar na panela até que esteja pronto para comer, e voltei para o escritório, onde encontrei Jace embaixo da mesa, designamos como estação de rádio amador.

— Tudo certo? — Perguntei.

CHRISTINE POPE

— Sim. — Veio sua voz, um pouco abafada, já que ele estava de frente para a parede. — Só preciso fazer essa última conexão.

Como eu realmente não tinha nada melhor para fazer, encostei-me no batente da porta e esperei enquanto ele tentava algo. Alguns minutos e algumas maldições abafadas depois, ele saiu de debaixo da mesa e se levantou.

— Eu acho que deveria ser isso.

— Então vamos acender e ver se conseguimos encontrar alguma coisa.

Ele largou a chave de fenda que segurava e cruzou os braços. — Não precisamos nos apressar, você sabe.

— Depois que você passou a tarde toda trabalhando nisso? — Eu disse, perplexa e irritado por sua relutância em usar o rádio. — Se você não achou uma boa ideia, por que perder tanto tempo e esforço com isso?

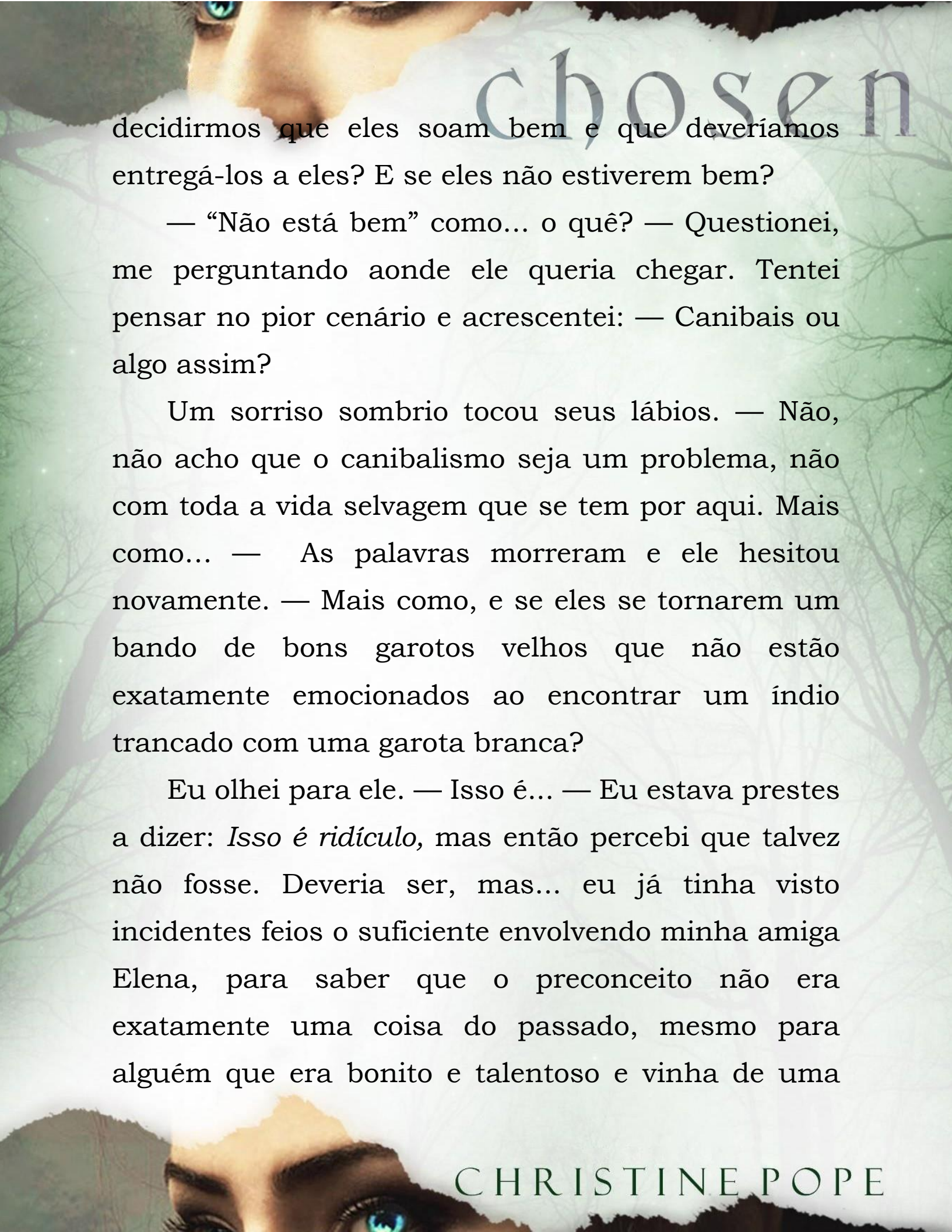
— Eu não estou dizendo isso. — respondeu ele, procurando no bolso uma outra daquelas cordas de

couro intermináveis, para que ele pudesse arrancar os cabelos do rosto. Eu me perguntava por que ele não tinha feito isso antes, mas talvez ter o cabelo caído no pescoço tivesse ajudado a mantê-lo aquecido enquanto trabalhava no telhado.

— Então o que você está dizendo? — Cruzei os braços e tentei não fazer uma careta. — Acho que simplesmente não consigo entender por que você está tão relutante em *tentar* encontrar outros sobreviventes, principalmente porque não estaríamos conversando com eles, apenas examinando para ver se há mais alguém lá fora.

Uma longa pausa. Pude perceber pela maneira como a boca dele se apertou e ele não olhou para mim, que não estava particularmente ansioso para se explicar. Talvez não, mas eu não estava disposta a deixar isso passar.

Finalmente, ele enfiou as mãos nos bolsos da calça jeans e disse: — Tudo bem, e se escutarmos e encontrarmos alguns sobreviventes, depois



Chosen

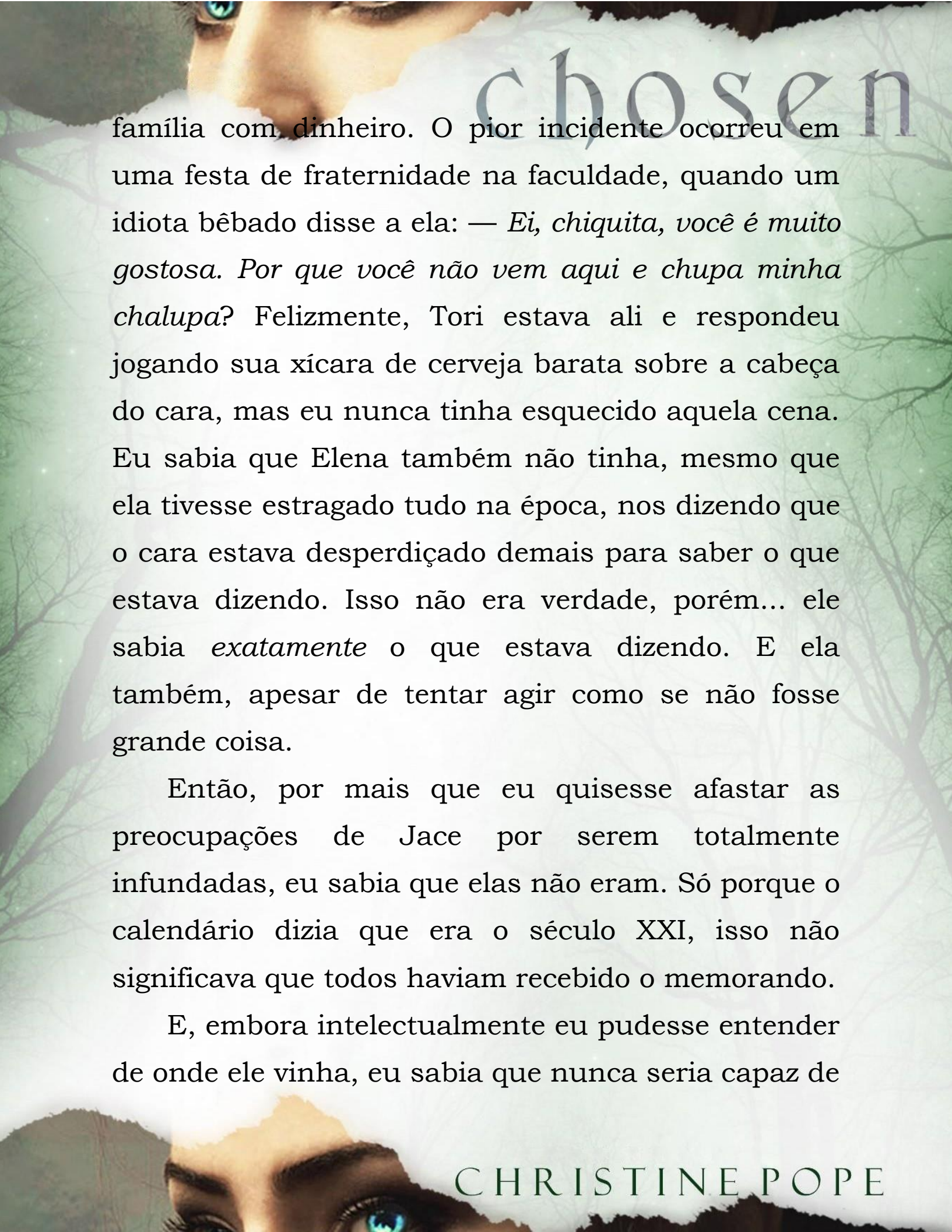
decidirmos que eles soam bem e que deveríamos entregá-los a eles? E se eles não estiverem bem?

— “Não está bem” como... o quê? — Questionei, me perguntando aonde ele queria chegar. Tentei pensar no pior cenário e acrescentei: — Canibais ou algo assim?

Um sorriso sombrio tocou seus lábios. — Não, não acho que o canibalismo seja um problema, não com toda a vida selvagem que se tem por aqui. Mais como... — As palavras morreram e ele hesitou novamente. — Mais como, e se eles se tornarem um bando de bons garotos velhos que não estão exatamente emocionados ao encontrar um índio trancado com uma garota branca?

Eu olhei para ele. — Isso é... — Eu estava prestes a dizer: *Isso é ridículo*, mas então percebi que talvez não fosse. Deveria ser, mas... eu já tinha visto incidentes feios o suficiente envolvendo minha amiga Elena, para saber que o preconceito não era exatamente uma coisa do passado, mesmo para alguém que era bonito e talentoso e vinha de uma

CHRISTINE POPE



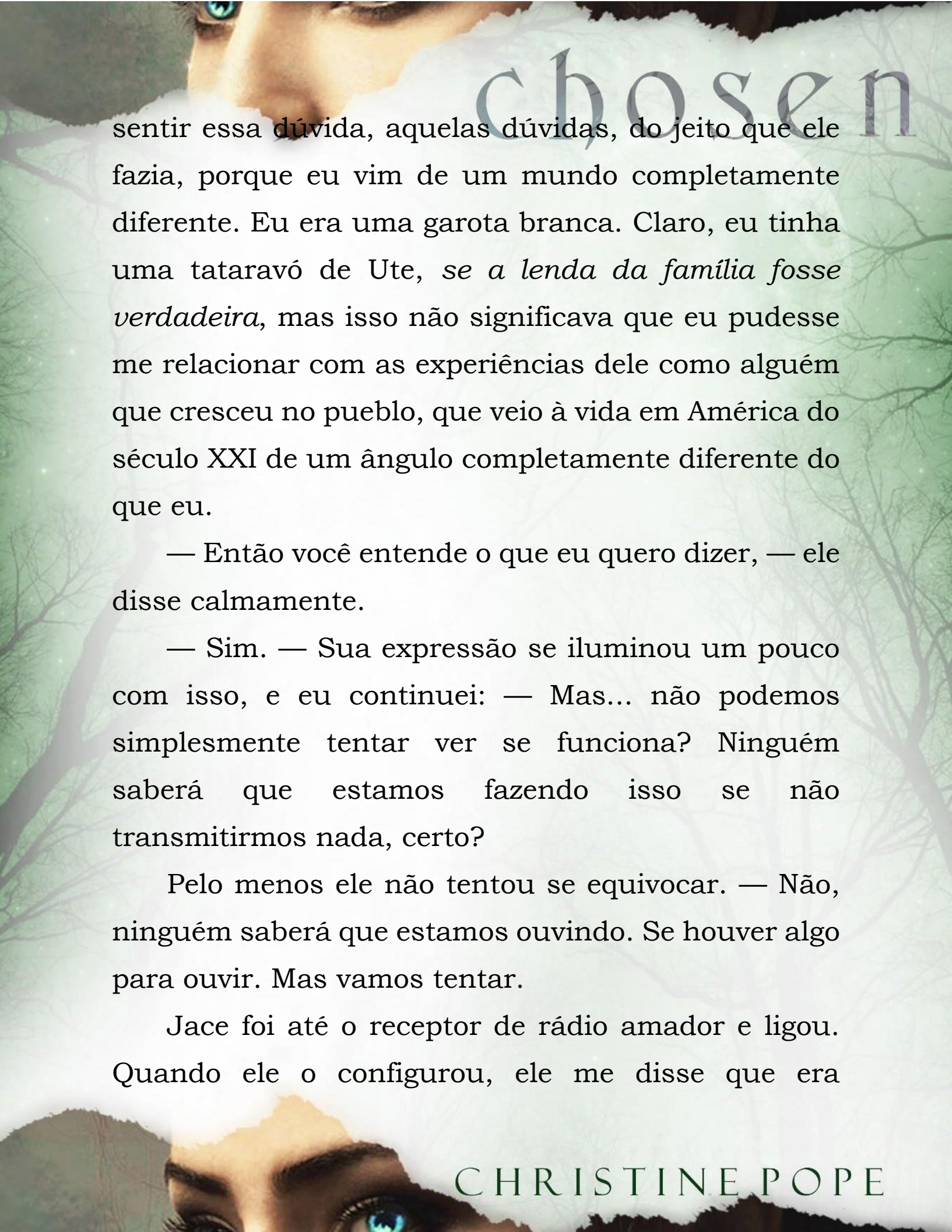
Chosen

família com dinheiro. O pior incidente ocorreu em uma festa de fraternidade na faculdade, quando um idiota bêbado disse a ela: — *Ei, chiquita, você é muito gostosa. Por que você não vem aqui e chupa minha chalupa?* Felizmente, Tori estava ali e respondeu jogando sua xícara de cerveja barata sobre a cabeça do cara, mas eu nunca tinha esquecido aquela cena. Eu sabia que Elena também não tinha, mesmo que ela tivesse estragado tudo na época, nos dizendo que o cara estava desperdiçado demais para saber o que estava dizendo. Isso não era verdade, porém... ele sabia *exatamente* o que estava dizendo. E ela também, apesar de tentar agir como se não fosse grande coisa.

Então, por mais que eu quisesse afastar as preocupações de Jace por serem totalmente infundadas, eu sabia que elas não eram. Só porque o calendário dizia que era o século XXI, isso não significava que todos haviam recebido o memorando.

E, embora intelectualmente eu pudesse entender de onde ele vinha, eu sabia que nunca seria capaz de

CHRISTINE POPE



Chosen

sentir essa dúvida, aquelas dúvidas, do jeito que ele fazia, porque eu vim de um mundo completamente diferente. Eu era uma garota branca. Claro, eu tinha uma tataravó de Ute, *se a lenda da família fosse verdadeira*, mas isso não significava que eu pudesse me relacionar com as experiências dele como alguém que cresceu no pueblo, que veio à vida em América do século XXI de um ângulo completamente diferente do que eu.

— Então você entende o que eu quero dizer, — ele disse calmamente.

— Sim. — Sua expressão se iluminou um pouco com isso, e eu continuei: — Mas... não podemos simplesmente tentar ver se funciona? Ninguém saberá que estamos fazendo isso se não transmitirmos nada, certo?

Pelo menos ele não tentou se equivocar. — Não, ninguém saberá que estamos ouvindo. Se houver algo para ouvir. Mas vamos tentar.

Jace foi até o receptor de rádio amador e ligou. Quando ele o configurou, ele me disse que era

CHRISTINE POPE

projetado para ser portátil, que se pudéssemos localizar uma configuração de antena diferente, poderíamos levá-la conosco no jipe, se quiséssemos. Por que gostaríamos de fazer isso, eu não sabia particularmente, mas poderia ser útil um dia.

— Bem, aqui vai, — Disse ele, pressionando o botão liga / desliga.

Um silvo suave começou a emergir dos pequenos alto-falantes montados em ambos os lados do receptor. Jace começou a varrer as bandas, indo devagar o suficiente para parar se encontrasse algo interessante. Tudo o que ouvi foi aquele assobio, às vezes mais alto, às vezes mais suave, mas até eu sabia que era tudo apenas ar morto.

E então... o que parecia uma voz fraca e tênue, uma única sílaba. — *Lo*.

Cortou com um guincho e foi substituído por mais estática. — Droga, — Jace disse, voltando para a banda de onde o som tinha vindo. Mas desta vez não havia voz, apenas um silvo zangado e crepitante.

— O que aconteceu com isso? — Perguntei, chegando mais perto, como se de alguma forma eu pensasse que minha presença ajudaria o sintonizador a voltar ao sinal.

— Eu não sei. — Ele parecia irritado, e eu não o culpo. Todo esse trabalho, para algo que poderia ou não ter sido uma pessoa real?

— Continue escaneando. — Sugeri, e ele soltou um suspiro e continuou sua lenta varredura pelas faixas. Apenas mais sibilos, mais estática.

Meu estômago apertou e eu disse a mim mesma para me acalmar. Só porque não estávamos pegando nada agora, não significava que não havia ninguém lá fora. Os outros sobreviventes podem não ter a habilidade de operar equipamentos de rádio amador ou ainda não haviam conseguido configurá-los. Não era como se Jace e eu estivéssemos sozinhos no planeta, os suprimentos perdidos e os caminhões e SUVs misteriosamente desaparecidos me disseram que outras pessoas estavam por aí em algum lugar e, pelo que pareciam, elas pareciam estar bem...

organizadas. Mais cedo ou mais tarde, teríamos que nos cruzar. Embora agora, depois do que Jace tenha me confidenciado sobre suas apreensões nessa questão, eu não tivesse certeza de que me encontrar com outras pessoas seria tão benéfico quanto eu esperava anteriormente.

— Eu não estou recebendo nada. — Jace disse finalmente, depois desligou o fone antes de voltar para mim. — Talvez eu estraguei alguma coisa na instalação, mas agora está tudo errado, então não poderei verificar até amanhã de manhã.

— Está tudo bem. — Eu disse a ele, embora não soubesse se realmente era. — Eu acho que funciona, só acho que ninguém está transmitindo.

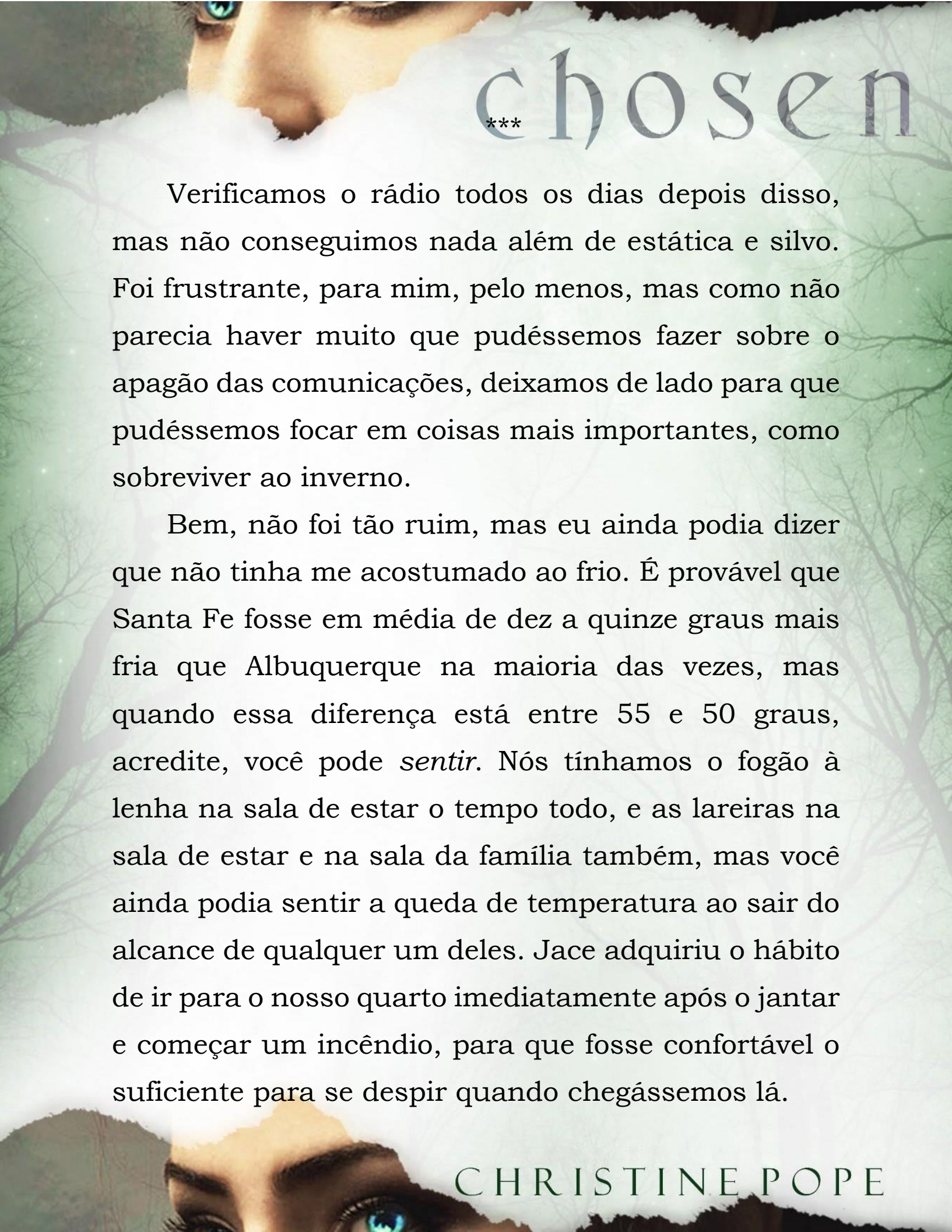
— Ainda assim, vou investigar mais amanhã. — Ele olhou para longe de mim, cheirou o ar. — Pelo cheiro como o jantar está pronto.

— Quase. — Falei, sabendo que ele havia mudado de assunto de propósito. Ainda assim, o que isso importava? Não estávamos tirando nada daquele rádio amador esta noite.

Então fomos para a cozinha, que estava quente e cheirava a coisas boas e salgadas, comprovada por Dutchie, que estava demorando muito mais perto do fogão do que deveria. Eu a afastei e depois servi a comida enquanto Jace pegava um pouco de ração. Apenas mais uma noite normal... ou tão normal quanto as coisas poderiam ser agora.

Essa sílaba ainda girava em minha cabeça, no entanto. *Lo...* “*Lo*” o que? A transmissão foi interrompida tão rapidamente que eu nem sabia se realmente fazia parte de uma transmissão real de algum tipo ou apenas uma distorção estranha que parecia parte de uma palavra, mas na verdade era apenas uma nota sem sentido gerada por uma onda sonora instável ou algo assim.

Eu não falei das minhas preocupações com Jace, no entanto. O assunto do rádio amador já um problema, e ele *tinha* tentado. Eu deixaria passar por agora, e talvez um dia eu descobrisse se realmente havia alguém transmitindo por aí... ou se eu estava apenas imaginando coisas.

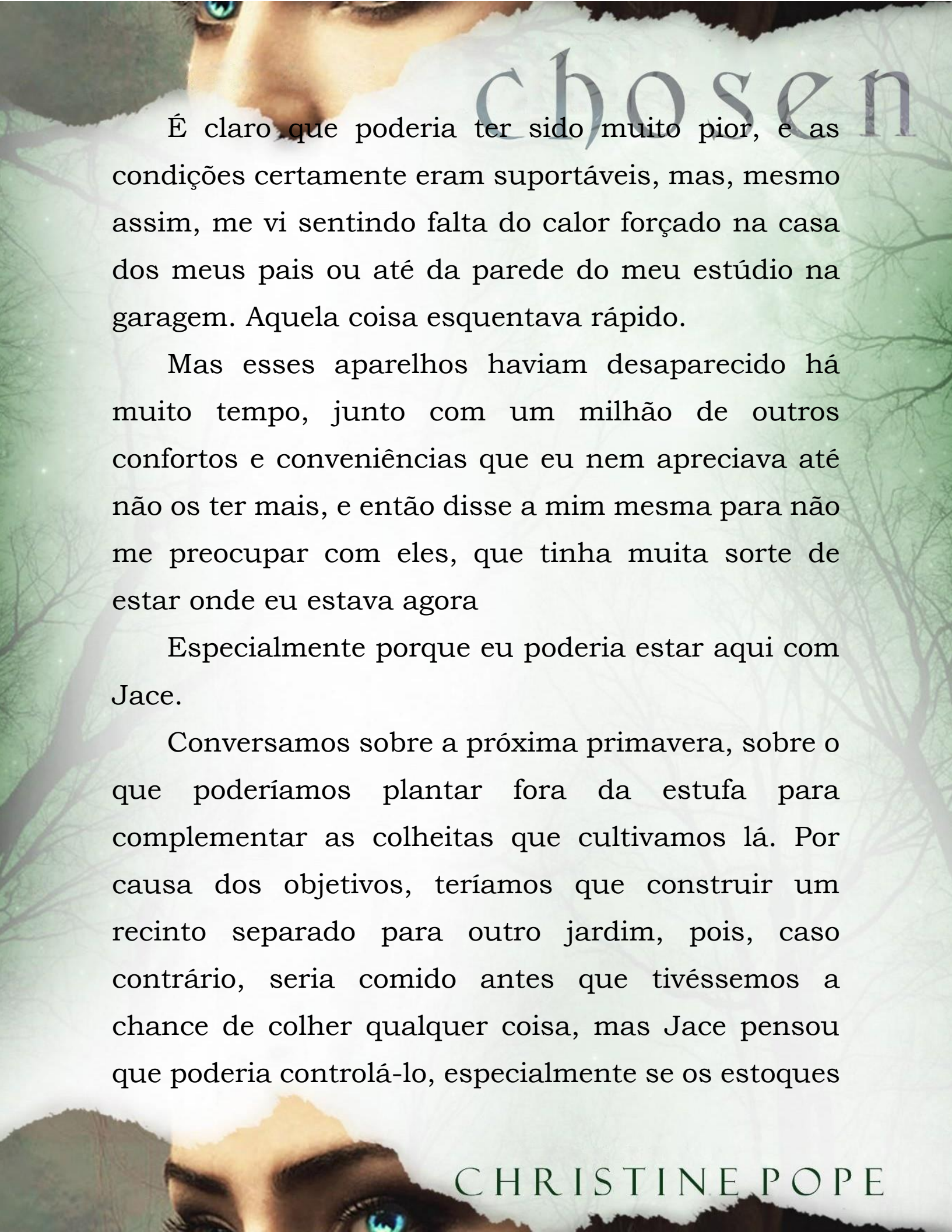
The background of the book cover features a close-up of a woman's face with striking blue eyes, partially obscured by a white, cloud-like or snow-like texture. Behind this, a faint, ethereal image of a forest with bare trees is visible. The title 'chosen' is written in a large, light blue, serif font, with three small black asterisks (***) positioned below the 'c'.

chosen

Verificamos o rádio todos os dias depois disso, mas não conseguimos nada além de estática e silvo. Foi frustrante, para mim, pelo menos, mas como não parecia haver muito que pudéssemos fazer sobre o apagão das comunicações, deixamos de lado para que pudéssemos focar em coisas mais importantes, como sobreviver ao inverno.

Bem, não foi tão ruim, mas eu ainda podia dizer que não tinha me acostumado ao frio. É provável que Santa Fe fosse em média de dez a quinze graus mais fria que Albuquerque na maioria das vezes, mas quando essa diferença está entre 55 e 50 graus, acredite, você pode *sentir*. Nós tínhamos o fogão à lenha na sala de estar o tempo todo, e as lareiras na sala de estar e na sala da família também, mas você ainda podia sentir a queda de temperatura ao sair do alcance de qualquer um deles. Jace adquiriu o hábito de ir para o nosso quarto imediatamente após o jantar e começar um incêndio, para que fosse confortável o suficiente para se despir quando chegássemos lá.

CHRISTINE POPE



chosen

É claro que poderia ter sido muito pior, e as condições certamente eram suportáveis, mas, mesmo assim, me vi sentindo falta do calor forçado na casa dos meus pais ou até da parede do meu estúdio na garagem. Aquela coisa esquentava rápido.

Mas esses aparelhos haviam desaparecido há muito tempo, junto com um milhão de outros confortos e conveniências que eu nem apreciava até não os ter mais, e então disse a mim mesma para não me preocupar com eles, que tinha muita sorte de estar onde eu estava agora

Especialmente porque eu poderia estar aqui com Jace.

Conversamos sobre a próxima primavera, sobre o que poderíamos plantar fora da estufa para complementar as colheitas que cultivamos lá. Por causa dos objetivos, teríamos que construir um recinto separado para outro jardim, pois, caso contrário, seria comido antes que tivéssemos a chance de colher qualquer coisa, mas Jace pensou que poderia controlá-lo, especialmente se os estoques

CHRISTINE POPE

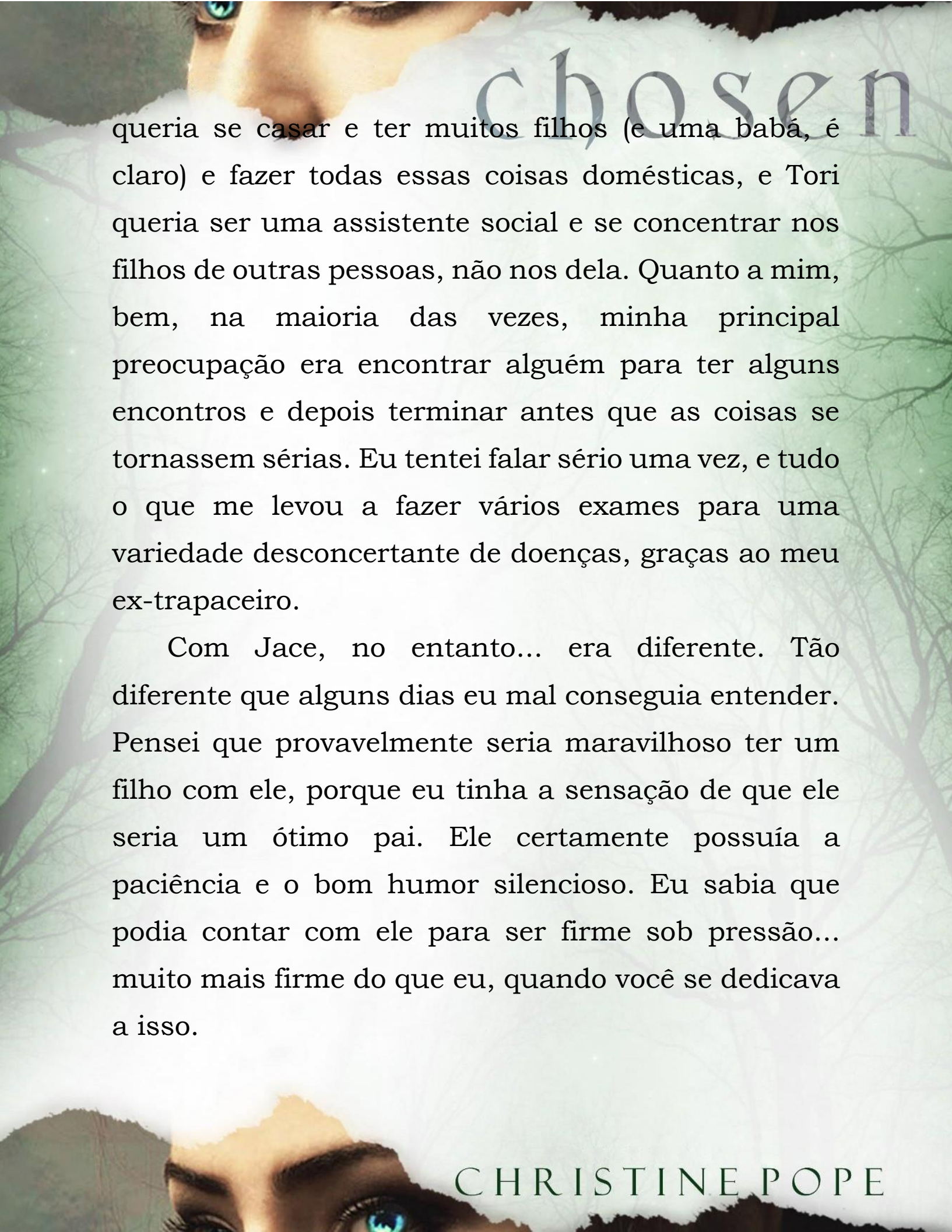
de madeira estivessem baixos, o Home Depot não foi roubado por quaisquer sobreviventes que ainda espreitavam na área.

E, ocasionalmente, depois que eu terminava de lavar às pressas o rosto e escovar os dentes, porque o calor da lareira na parte principal do quarto não chegava ao banheiro, pegava meu pacote de pílulas e hesitava antes de tomar uma. Nós não tínhamos discutido esse tipo de futuro, mas parecia claro para mim que Jace não pretendia ir a lugar algum, que ele estava planejando um futuro comigo. Era uma loucura considerar começar uma família? Afinal, alguém precisava começar a repovoar a terra.

Mas depois daquele momento selvagem de hesitação, eu sempre colocava a pílula na minha boca e a engolia resolutamente. Ter um bebê era uma ideia maluca. Sem médicos, sem instalações médicas... Sem anestesia?

Não obrigado.

O engraçado é que eu nunca tinha investido tanto na ideia de ter uma família. Elena era a pessoa que

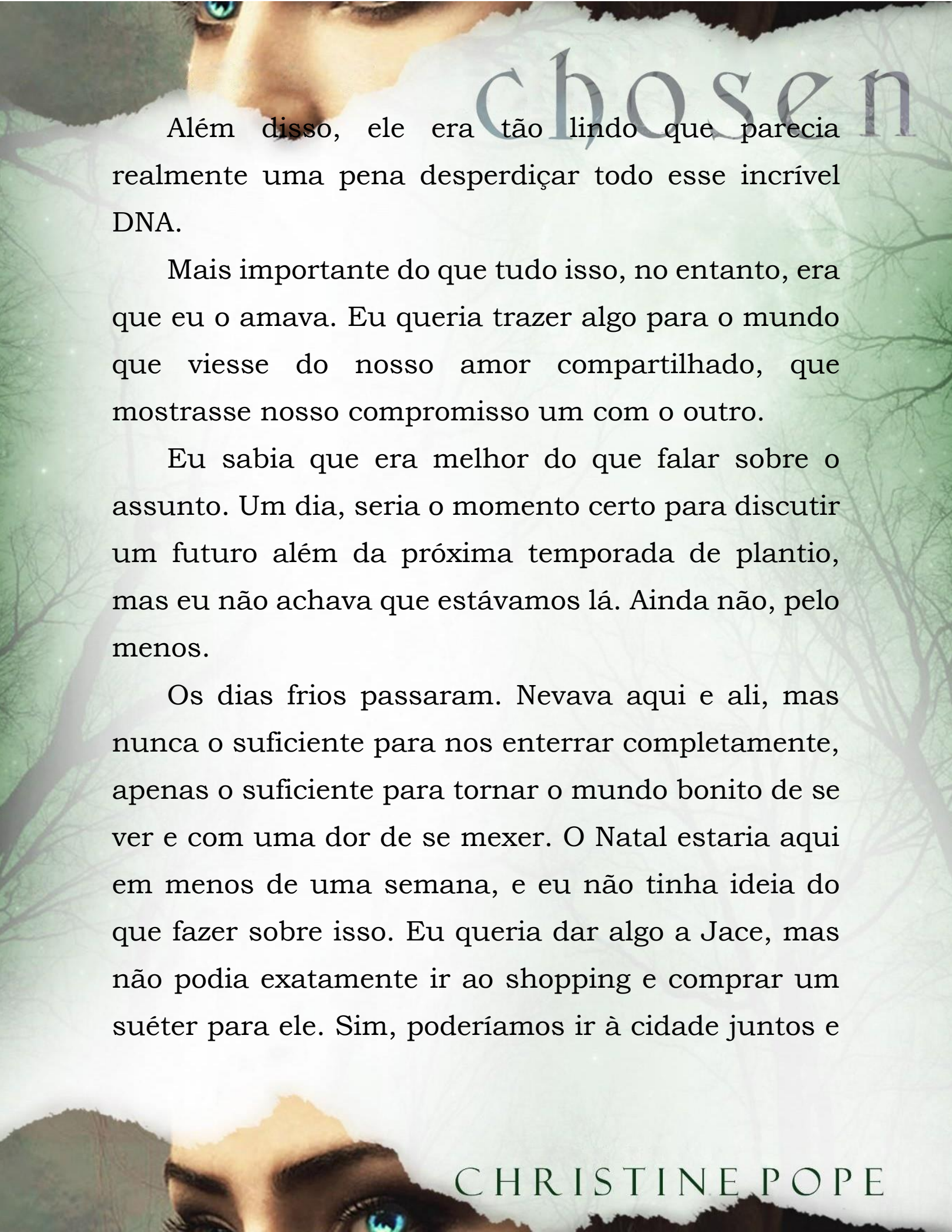


chosen

queria se casar e ter muitos filhos (e uma babá, é claro) e fazer todas essas coisas domésticas, e Tori queria ser uma assistente social e se concentrar nos filhos de outras pessoas, não nos dela. Quanto a mim, bem, na maioria das vezes, minha principal preocupação era encontrar alguém para ter alguns encontros e depois terminar antes que as coisas se tornassem sérias. Eu tentei falar sério uma vez, e tudo o que me levou a fazer vários exames para uma variedade desconcertante de doenças, graças ao meu ex-trapaceiro.

Com Jace, no entanto... era diferente. Tão diferente que alguns dias eu mal conseguia entender. Pensei que provavelmente seria maravilhoso ter um filho com ele, porque eu tinha a sensação de que ele seria um ótimo pai. Ele certamente possuía a paciência e o bom humor silencioso. Eu sabia que podia contar com ele para ser firme sob pressão... muito mais firme do que eu, quando você se dedicava a isso.

CHRISTINE POPE



Chosen

Além disso, ele era tão lindo que parecia realmente uma pena desperdiçar todo esse incrível DNA.

Mais importante do que tudo isso, no entanto, era que eu o amava. Eu queria trazer algo para o mundo que viesse do nosso amor compartilhado, que mostrasse nosso compromisso um com o outro.

Eu sabia que era melhor do que falar sobre o assunto. Um dia, seria o momento certo para discutir um futuro além da próxima temporada de plantio, mas eu não achava que estávamos lá. Ainda não, pelo menos.

Os dias frios passaram. Nevava aqui e ali, mas nunca o suficiente para nos enterrar completamente, apenas o suficiente para tornar o mundo bonito de se ver e com uma dor de se mexer. O Natal estaria aqui em menos de uma semana, e eu não tinha ideia do que fazer sobre isso. Eu queria dar algo a Jace, mas não podia exatamente ir ao shopping e comprar um suéter para ele. Sim, poderíamos ir à cidade juntos e

CHRISTINE POPE

nos separar enquanto escolhemos presentes um para o outro, mas isso não parecia muito seguro.

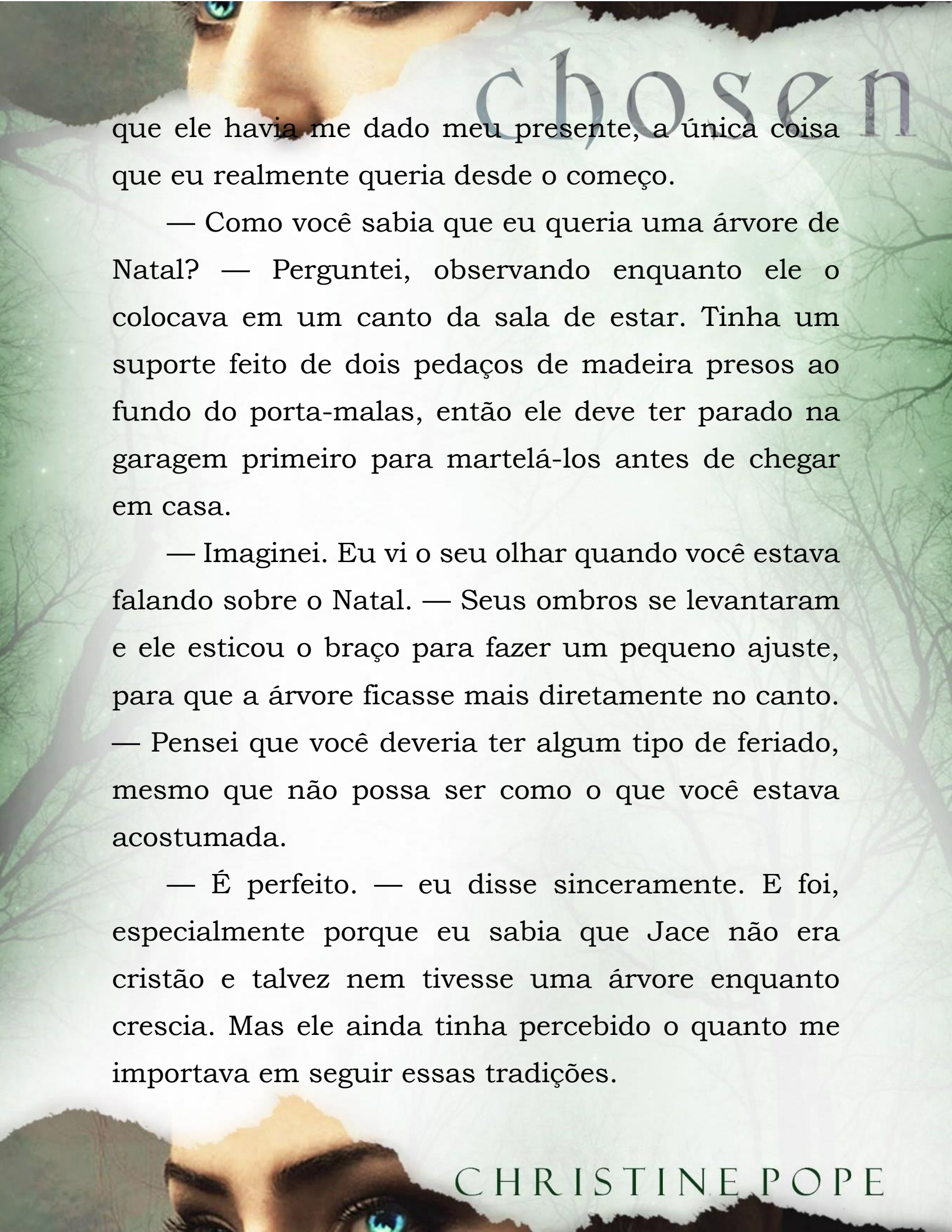
Quando mencionei o Natal para ele, que gostaria de conseguir algo para ele, ele me puxou contra ele e me deu um beijo forte e persistente, do tipo que me fez querer arrastá-lo de volta para o quarto e rasgar todas as suas roupas. embora tivéssemos que fazer uma pausa longa o suficiente para iniciar um incêndio antes que eu pudesse fazer isso com segurança. E ele disse:

— Você é o único presente que eu preciso.

Como eu deveria responder a essa afirmação? Beijando-o de volta, é claro, e dizendo a mim mesma que presentes não importavam, que estar aqui juntos era o que importava.

No dia seguinte, ele saiu com o ATV, dizendo que ia caçar e, como fazia essas expedições algumas vezes por semana, não pensei muito nisso.

Mas então ele voltou carregando um belo pinheiro, um pouco mais alto do que ele, e eu percebi



chosen

que ele havia me dado meu presente, a única coisa que eu realmente queria desde o começo.

— Como você sabia que eu queria uma árvore de Natal? — Perguntei, observando enquanto ele o colocava em um canto da sala de estar. Tinha um suporte feito de dois pedaços de madeira presos ao fundo do porta-malas, então ele deve ter parado na garagem primeiro para martelá-los antes de chegar em casa.

— Imaginei. Eu vi o seu olhar quando você estava falando sobre o Natal. — Seus ombros se levantaram e ele esticou o braço para fazer um pequeno ajuste, para que a árvore ficasse mais diretamente no canto. — Pensei que você deveria ter algum tipo de feriado, mesmo que não possa ser como o que você estava acostumada.

— É perfeito. — eu disse sinceramente. E foi, especialmente porque eu sabia que Jace não era cristão e talvez nem tivesse uma árvore enquanto crescia. Mas ele ainda tinha percebido o quanto me importava em seguir essas tradições.

CHRISTINE POPE

— Estou feliz por ter gostado. — Ele se afastou alguns metros da árvore, olhando-a com os olhos estreitados, como se tivesse certeza de que estava o mais reto possível. — Eu não tinha nada para usar como coruja, então não tenho certeza de como vamos mantê-la fresco.

— Vou pegar algumas toalhas de papel e umedecê-las, depois enrolá-las no fundo do portamalas. Deve funcionar bem. — Olhei para a árvore, me perguntando o que fazer para decorá-la. Ir para a cidade e invadir o Michael's mais próxima? Não, isso não funcionaria, mesmo que eu pudesse convencer Jace a me levar em uma expedição tão frívola. O calor chegara ao fim de setembro, e mesmo uma loja de Natal como a de Michael não teria nenhuma decoração naquele momento. Deveríamos invadir casas aleatórias ao longo da Upper Canyon Road e ver se havia alguma caixa de enfeites de Natal escondida em suas garagens?

Isso soou ainda pior.

Então me lembrei dos potes de pipocas na despensa. Perfeito. À moda antiga, mas combinava com a maneira como vivíamos agora. — Podemos fazer cordas de pipoca, e vou usar um dos cobertores mexicanos de reposição no armário de roupas para enrolar a base. Vai ficar ótimo.

Jace assentiu. — Parece bom. Vou tentar não comer toda a pipoca antes que você a ponha na corda.

— Melhor não. — eu o avisei e fui beijá-lo na bochecha antes de ir para a cozinha. Eu não tinha ideia de quanta pipoca fazer para cobrir uma árvore de sete pés, mas tive a sensação de que estava prestes a descobrir.

Muita coisa, como se viu, e embora Jace não tenha comido tudo, ou até mesmo algo próximo, eu o peguei colocando alguns núcleos em sua boca, enquanto trabalhava em fazer suas próprias cordas para decorar a árvore. Era tão adorável estar lá com ele na sala de estar, um fogo aceso na lareira, velas

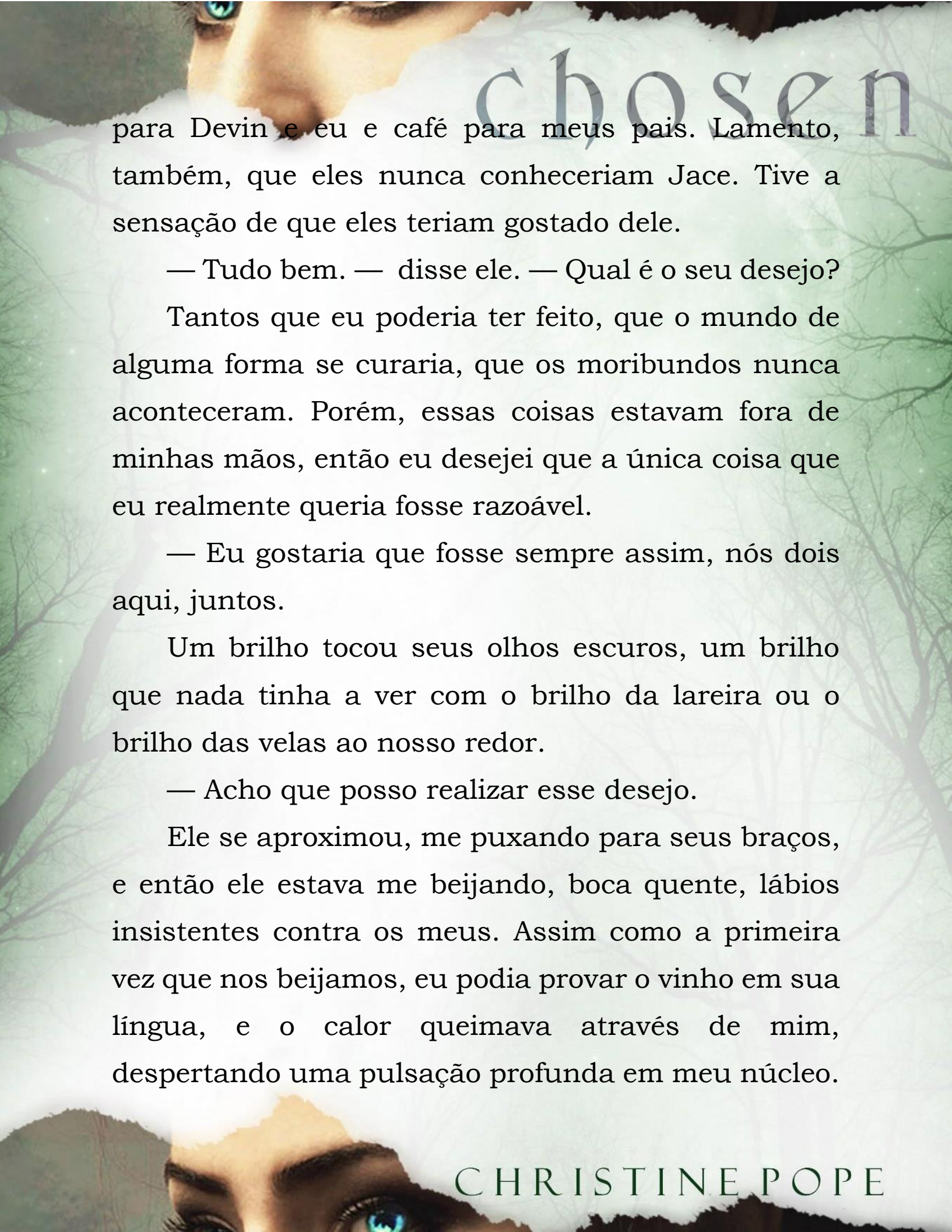
acesas nas mesas e na lareira de zimbro retorcido, que eu não conseguia nem ficar com raiva da maneira como uma boa parte do pipoca em sua tigela estava entrando em sua boca, e não no fio que ele segurava. Então, novamente, talvez isso tenha algo a ver com a meia garrafa de vinho que trouxemos aqui conosco depois que terminamos de jantar.

De qualquer maneira, eu estava me sentindo um pouco mais suave quando penduramos as cordas da pipoca na árvore, depois a cobrimos com uma estrela de cinco pontas que Jace tinha feito com papel alumínio e amarrado com um fio extra.

— Eu quero fazer um pedido, — eu disse.

— Isso é uma tradição? — ele perguntou. — Para fazer um pedido quando você coloca a estrela na árvore?

— Não sei se era para todos, mas sempre fizemos isso na minha família. — Um lampejo de tristeza tomou conta de mim, quando pensei em todos os natais da família quando era mais jovem, o papel de embrulho espalhado por toda parte, chocolate quente



chosen

para Devin e eu e café para meus pais. Lamento, também, que eles nunca conheceriam Jace. Tive a sensação de que eles teriam gostado dele.

— Tudo bem. — disse ele. — Qual é o seu desejo?

Tantos que eu poderia ter feito, que o mundo de alguma forma se curaria, que os moribundos nunca aconteceram. Porém, essas coisas estavam fora de minhas mãos, então eu desejei que a única coisa que eu realmente queria fosse razoável.

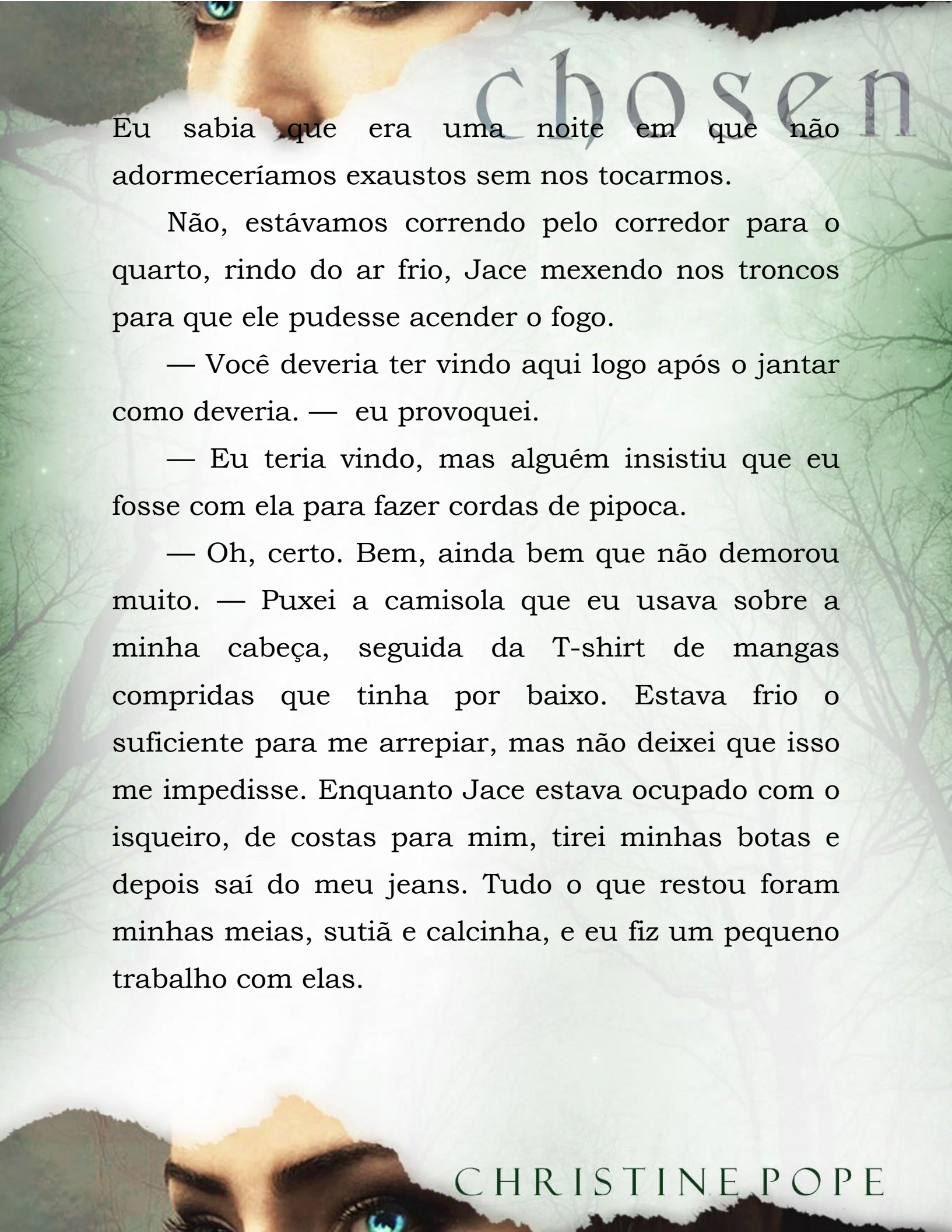
— Eu gostaria que fosse sempre assim, nós dois aqui, juntos.

Um brilho tocou seus olhos escuros, um brilho que nada tinha a ver com o brilho da lareira ou o brilho das velas ao nosso redor.

— Acho que posso realizar esse desejo.

Ele se aproximou, me puxando para seus braços, e então ele estava me beijando, boca quente, lábios insistentes contra os meus. Assim como a primeira vez que nos beijamos, eu podia provar o vinho em sua língua, e o calor queimava através de mim, despertando uma pulsação profunda em meu núcleo.

CHRISTINE POPE



Chosen

Eu sabia que era uma noite em que não adormeceríamos exaustos sem nos tocarmos.

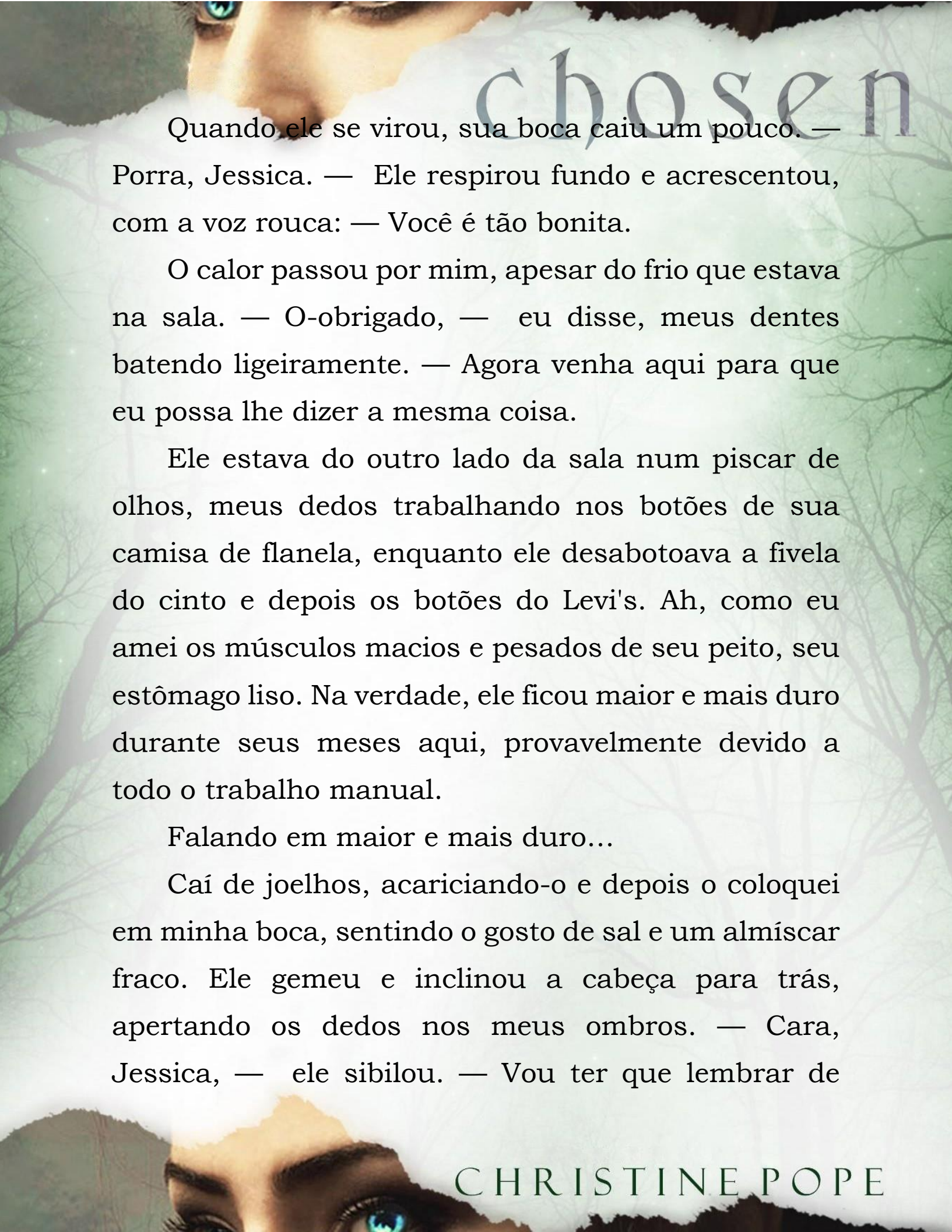
Não, estávamos correndo pelo corredor para o quarto, rindo do ar frio, Jace mexendo nos troncos para que ele pudesse acender o fogo.

— Você deveria ter vindo aqui logo após o jantar como deveria. — eu provoquei.

— Eu teria vindo, mas alguém insistiu que eu fosse com ela para fazer cordas de pipoca.

— Oh, certo. Bem, ainda bem que não demorou muito. — Puxei a camisola que eu usava sobre a minha cabeça, seguida da T-shirt de mangas compridas que tinha por baixo. Estava frio o suficiente para me arrepiar, mas não deixei que isso me impedisse. Enquanto Jace estava ocupado com o isqueiro, de costas para mim, tirei minhas botas e depois saí do meu jeans. Tudo o que restou foram minhas meias, sutiã e calcinha, e eu fiz um pequeno trabalho com elas.

CHRISTINE POPE



Chosen

Quando ele se virou, sua boca caiu um pouco. — Porra, Jessica. — Ele respirou fundo e acrescentou, com a voz rouca: — Você é tão bonita.

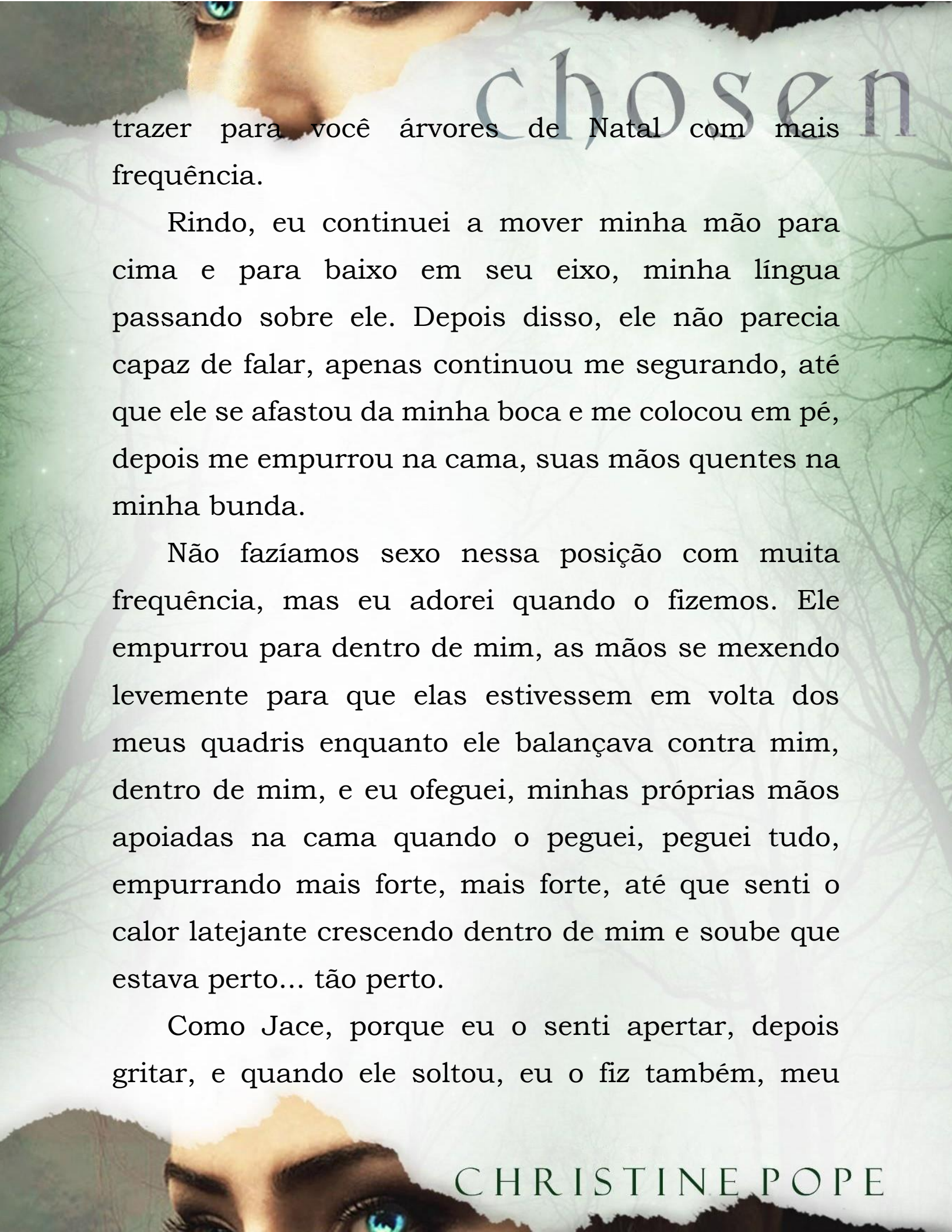
O calor passou por mim, apesar do frio que estava na sala. — O-obrigado, — eu disse, meus dentes batendo ligeiramente. — Agora venha aqui para que eu possa lhe dizer a mesma coisa.

Ele estava do outro lado da sala num piscar de olhos, meus dedos trabalhando nos botões de sua camisa de flanela, enquanto ele desabotoava a fivela do cinto e depois os botões do Levi's. Ah, como eu amei os músculos macios e pesados de seu peito, seu estômago liso. Na verdade, ele ficou maior e mais duro durante seus meses aqui, provavelmente devido a todo o trabalho manual.

Falando em maior e mais duro...

Caí de joelhos, acariciando-o e depois o coloquei em minha boca, sentindo o gosto de sal e um almíscar fraco. Ele gemeu e inclinou a cabeça para trás, apertando os dedos nos meus ombros. — Cara, Jessica, — ele sibilou. — Vou ter que lembrar de

CHRISTINE POPE



trazer para você árvores de Natal com mais frequência.

Rindo, eu continuei a mover minha mão para cima e para baixo em seu eixo, minha língua passando sobre ele. Depois disso, ele não parecia capaz de falar, apenas continuou me segurando, até que ele se afastou da minha boca e me colocou em pé, depois me empurrou na cama, suas mãos quentes na minha bunda.

Não fazíamos sexo nessa posição com muita frequência, mas eu adorei quando o fizemos. Ele empurrou para dentro de mim, as mãos se mexendo levemente para que elas estivessem em volta dos meus quadris enquanto ele balançava contra mim, dentro de mim, e eu ofeguei, minhas próprias mãos apoiadas na cama quando o peguei, peguei tudo, empurrando mais forte, mais forte, até que senti o calor latejante crescendo dentro de mim e soube que estava perto... tão perto.

Como Jace, porque eu o senti apertar, depois gritar, e quando ele soltou, eu o fiz também, meu

CHRISTINE POPE

corpo apertando-o, pulsando, apertando. Eu suspirei.

— Oh, Deus, Jace...

Isso foi tudo que eu pude controlar antes de cair na cama. Ele deslizou ao meu lado, seu peito arfando, e depois me puxou contra ele. Quão perfeito é o calor de sua pele, a maneira como nossos corpos se encaixam. Nós nos abraçamos em silêncio assim por alguns momentos, e então ele disse:

— Feliz?

Eu nem tive que parar para pensar. — Eu nunca estive tão feliz.

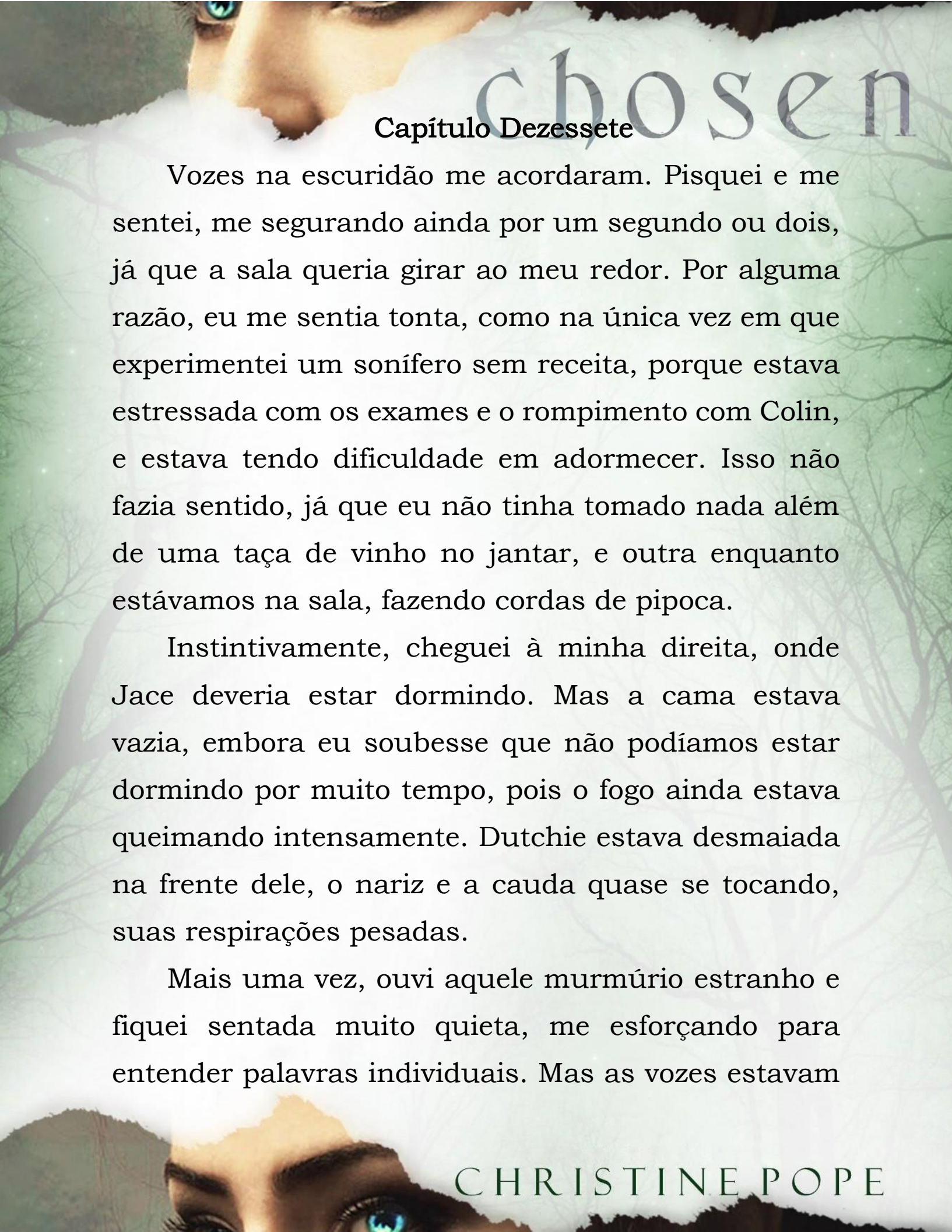
Ele me beijou então, não ferozmente como antes, mas com um toque de seus lábios na minha pele tão macia quanto um floco de neve ali. — Isso é tudo que sempre quis. Para fazer você feliz.

Como eu já podia me sentir adormecendo, eu realmente não parei para entender isso, como ele sempre poderia querer uma coisa dessas quando nos conhecíamos há menos de dois meses. Em vez disso, coloquei minha cabeça em seu peito e me deixei cair na escuridão.

The book cover features a central, large, white, torn-paper-like shape. At the top and bottom edges of this white shape, the faces of two people with striking blue eyes are visible, looking upwards. The background is a dark, moody green with silhouettes of bare, gnarled trees. The title 'chosen' is written in a dark, serif font in the upper right, and the author's name 'CHRISTINE POPE' is in a smaller, dark, serif font at the bottom right.

chosen

CHRISTINE POPE



Chosen

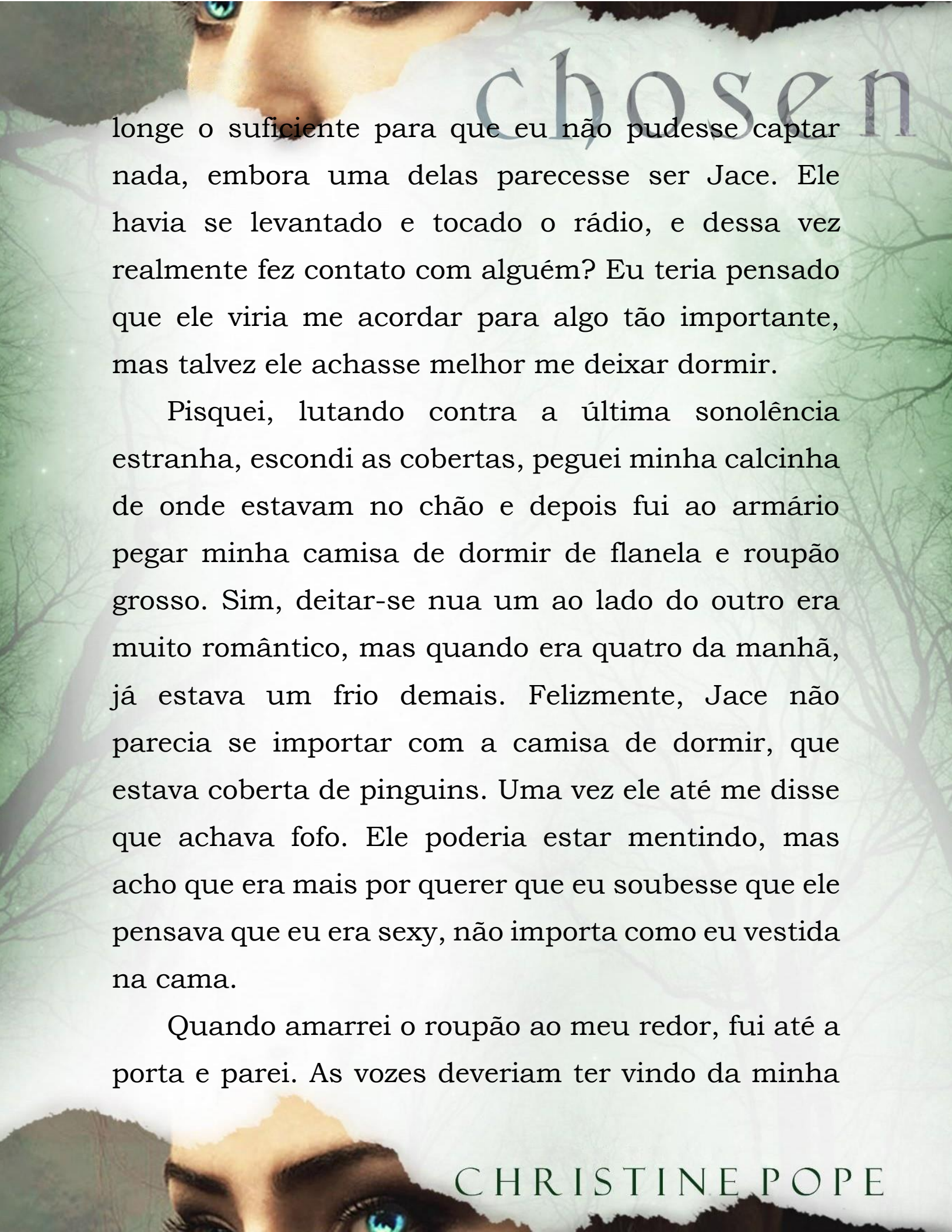
Capítulo Dezessete

Vozes na escuridão me acordaram. Pisquei e me sentei, me segurando ainda por um segundo ou dois, já que a sala queria girar ao meu redor. Por alguma razão, eu me sentia tonta, como na única vez em que experimentei um sonífero sem receita, porque estava estressada com os exames e o rompimento com Colin, e estava tendo dificuldade em adormecer. Isso não fazia sentido, já que eu não tinha tomado nada além de uma taça de vinho no jantar, e outra enquanto estávamos na sala, fazendo cordas de pipoca.

Instintivamente, cheguei à minha direita, onde Jace deveria estar dormindo. Mas a cama estava vazia, embora eu soubesse que não podíamos estar dormindo por muito tempo, pois o fogo ainda estava queimando intensamente. Dutchie estava desmaiada na frente dele, o nariz e a cauda quase se tocando, suas respirações pesadas.

Mais uma vez, ouvi aquele murmúrio estranho e fiquei sentada muito quieta, me esforçando para entender palavras individuais. Mas as vozes estavam

CHRISTINE POPE



Chosen

longe o suficiente para que eu não pudesse captar nada, embora uma delas parecesse ser Jace. Ele havia se levantado e tocado o rádio, e dessa vez realmente fez contato com alguém? Eu teria pensado que ele viria me acordar para algo tão importante, mas talvez ele achasse melhor me deixar dormir.

Pisquei, lutando contra a última sonolência estranha, escondi as cobertas, peguei minha calcinha de onde estavam no chão e depois fui ao armário pegar minha camisa de dormir de flanela e roupão grosso. Sim, deitar-se nua um ao lado do outro era muito romântico, mas quando era quatro da manhã, já estava um frio demais. Felizmente, Jace não parecia se importar com a camisa de dormir, que estava coberta de pinguins. Uma vez ele até me disse que achava fofo. Ele poderia estar mentindo, mas acho que era mais por querer que eu soubesse que ele pensava que eu era sexy, não importa como eu vestida na cama.

Quando amarrei o roupão ao meu redor, fui até a porta e parei. As vozes deveriam ter vindo da minha

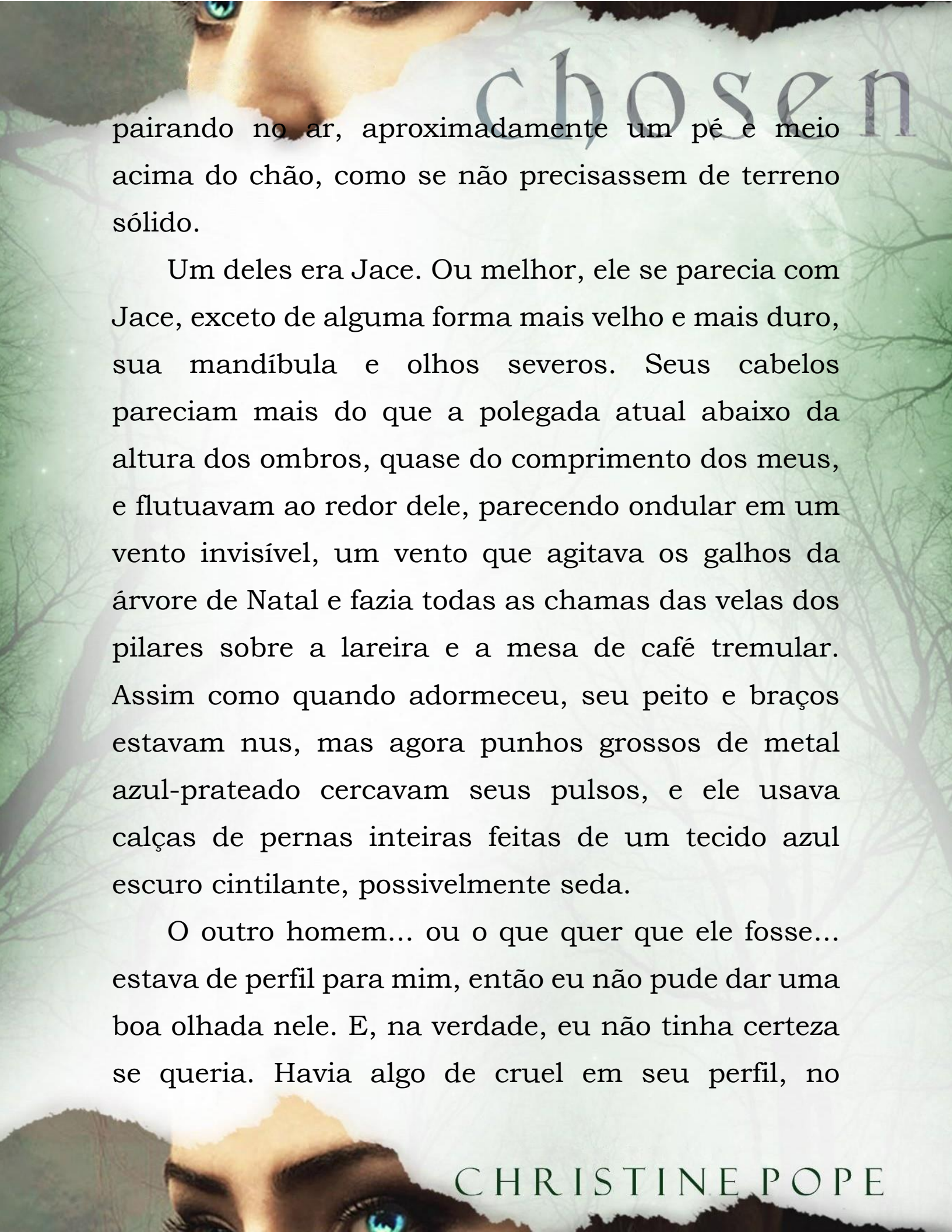
CHRISTINE POPE

direita, pelo corredor, na direção do escritório. Mas não vinham, em vez disso, pareciam se originar na sala de estar.

Isso não fazia nenhum sentido. Mesmo que o impensável tivesse acontecido e outro sobrevivente tivesse aparecido à nossa porta, eu deveria ter ouvido alguma coisa, não importando o quão profundamente estivesse dormindo. Se nada mais, Dutchie teria latido a cabeça. Mas ela estava desmaiada no chão do quarto, tão confusa que parecia que alguém a havia drogado.

Franzindo a testa, entrei no corredor, o piso de azulejo gelado contra meus pés descalços. Não estava muito escuro, já que, em nossa corrida para chegar ao quarto, Jace e eu deixamos as velas dos pilares acesas na mesa de café e na lareira. Por causa disso, ao me aproximar, pude distinguir com clareza quem estava na sala de estar.

Só que... meu cérebro não conseguia entender o que estava vendo. Dois homens. Pelo menos, eles pareciam homens, mas... eles não podiam ser. Não



Chosen

pairando no ar, aproximadamente um pé e meio acima do chão, como se não precisassem de terreno sólido.

Um deles era Jace. Ou melhor, ele se parecia com Jace, exceto de alguma forma mais velho e mais duro, sua mandíbula e olhos severos. Seus cabelos pareciam mais do que a polegada atual abaixo da altura dos ombros, quase do comprimento dos meus, e flutuavam ao redor dele, parecendo ondular em um vento invisível, um vento que agitava os galhos da árvore de Natal e fazia todas as chamas das velas dos pilares sobre a lareira e a mesa de café tremular. Assim como quando adormeceu, seu peito e braços estavam nus, mas agora punhos grossos de metal azul-prateado cercavam seus pulsos, e ele usava calças de pernas inteiras feitas de um tecido azul escuro cintilante, possivelmente seda.

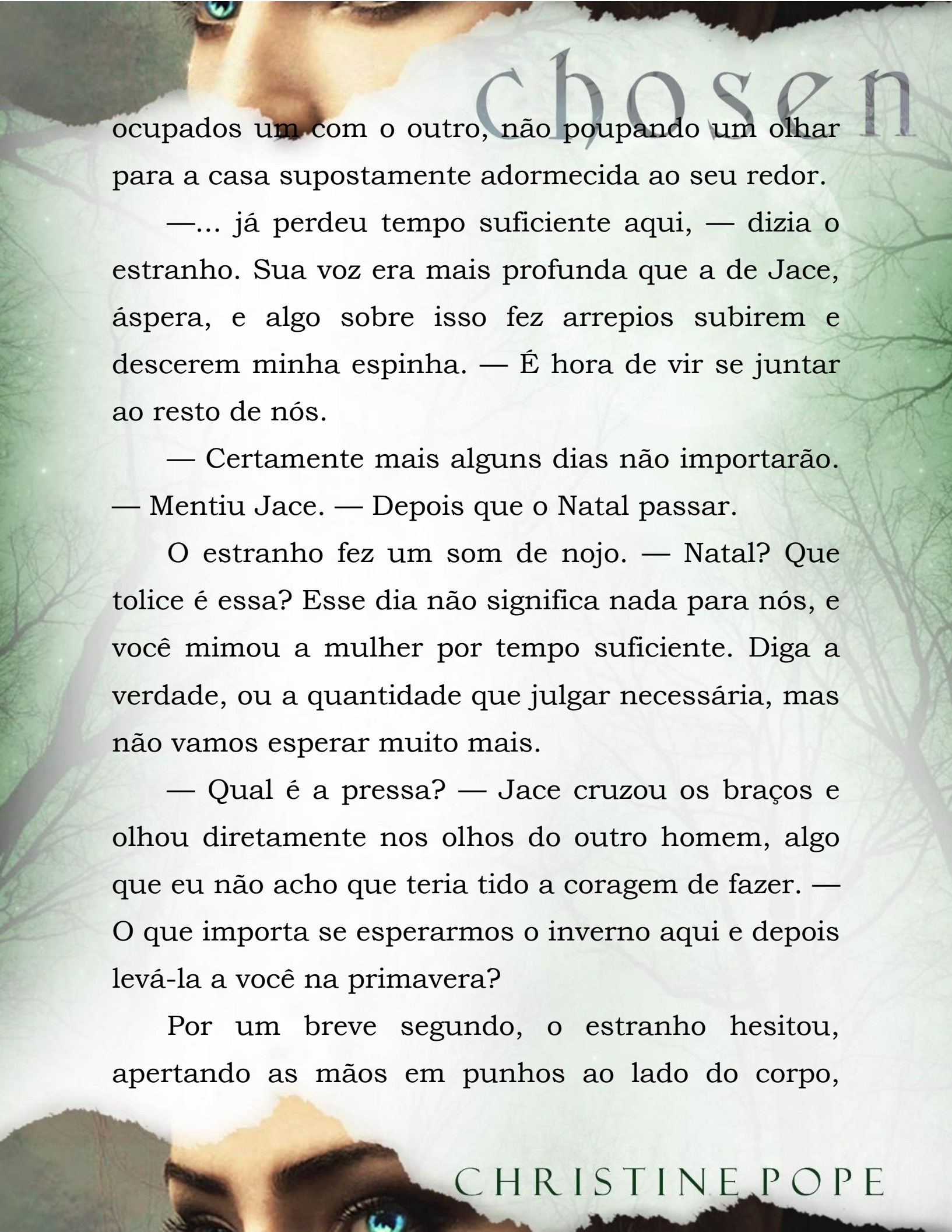
O outro homem... ou o que quer que ele fosse... estava de perfil para mim, então eu não pude dar uma boa olhada nele. E, na verdade, eu não tinha certeza se queria. Havia algo de cruel em seu perfil, no

CHRISTINE POPE

conjunto de sua mandíbula e boca. Seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo forte e com metal avermelhado, cobre, talvez, ou até ouro rosa. Mais metal avermelhado brilhava em seus pulsos, e suas calças, semelhantes em construção às que Jace usava, eram de um tipo de sombra escura e queimada.

Mais estranho do que sua presença, e ainda mais estranho do que o jeito que ele flutuava acima do chão, era o jeito que pequenas chamas pareciam dançar ao redor de seus pés e girar no ar diretamente e inclinar a cabeça, como se ele fosse de alguma forma feito de fogo, e só assumiu a forma física para que ele pudesse ter essa conversa.

Apoiei-me na parede, contente com meus pés descalços, que não emitiam som ao me aproximar, e a relativa escuridão do corredor onde me escondia. Jace... que estranhamente alterou Jace... e o estranho teria que olhar diretamente para mim para me ver, e parecia claro o suficiente que eles estavam



Chosen

ocupados um com o outro, não poupando um olhar para a casa supostamente adormecida ao seu redor.

—... já perdeu tempo suficiente aqui, — dizia o estranho. Sua voz era mais profunda que a de Jace, áspera, e algo sobre isso fez arrepios subirem e descerem minha espinha. — É hora de vir se juntar ao resto de nós.

— Certamente mais alguns dias não importarão. — Mentiu Jace. — Depois que o Natal passar.

O estranho fez um som de nojo. — Natal? Que tolice é essa? Esse dia não significa nada para nós, e você mimou a mulher por tempo suficiente. Diga a verdade, ou a quantidade que julgar necessária, mas não vamos esperar muito mais.

— Qual é a pressa? — Jace cruzou os braços e olhou diretamente nos olhos do outro homem, algo que eu não acho que teria tido a coragem de fazer. — O que importa se esperarmos o inverno aqui e depois levá-la a você na primavera?

Por um breve segundo, o estranho hesitou, apertando as mãos em punhos ao lado do corpo,

CHRISTINE POPE

enquanto as chamas dançando ao redor de seus pés e acima da cabeça brilhavam mais, passando de laranja quente para amarelo ácido. Estava aborrecido... ou algo mais? — Porque pode não ser seguro fazê-lo. Estamos perturbados por alguns dos desenvolvimentos entre os imunes. Eles se reuniram em um lugar não muito longe daqui, e, embora não saibamos como eles estão administrando, eles estão nos impedindo de examiná-los ou mesmo de chegar a quilômetros de distância de seu complexo, para que possamos acabar com eles.

“Os Imunes”? Pensei. *Outros sobreviventes? E o que diabos ele quer dizer com “acabar com eles”?*

— Isso é preocupante, — Jace disse, e parecia que o vento invisível que o envolvia ganhou força, soprando violentamente seus cabelos e fazendo com que as chamas de várias velas quase se apagassem. — Ninguém foi capaz de se aproximar?

— Não. Há duas estradas, ambas fortemente vigiadas. Vários Escolhidos se ofereceram para investigar, já que poderiam se aproximar muito mais

dos Imune do que nós, mas não tivemos contato com nenhum deles desde então, e teme-se que eles tenham se perdido.

Era difícil para mim ter certeza, mas quase parecia que Jace estremeceu ao receber essa informação em particular, como se isso fosse mais doloroso para ele do que o resto do que ele acabara de ouvir. — Essa é uma perda grave.

O estranho deu de ombros. Claramente, ele não estava muito preocupado com a perda desses “*Escolhidos*”. Quem quer que fossem. — Eles se ofereceram para a missão. Seus parceiros encontrarão substitutos, se desejarem.

Do conjunto de seus ombros, parecia que Jace não estava tão feliz com o destino dos Escolhidos que haviam desaparecido. — Há quanto tempo? Talvez você não esteja dando a eles tempo suficiente.

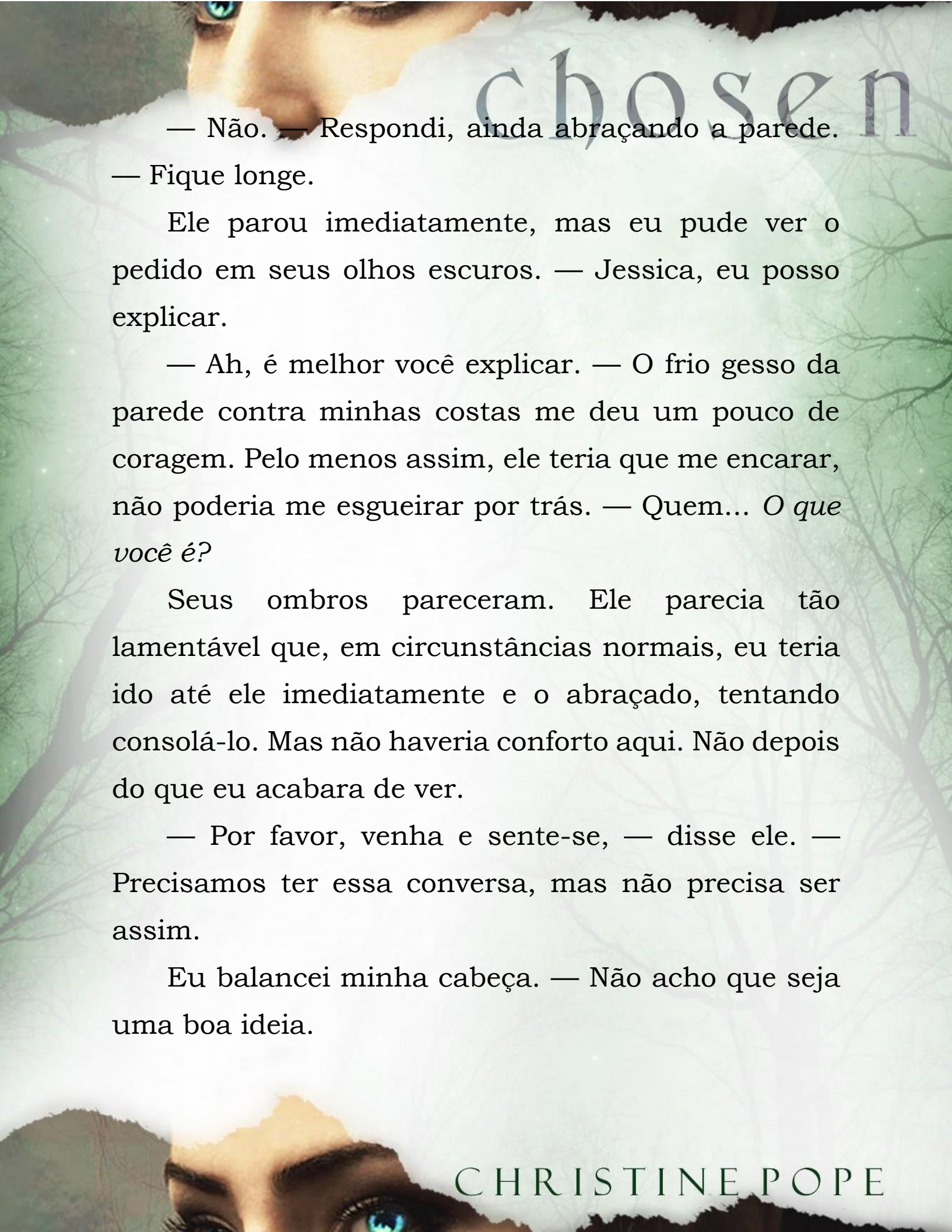
— Duas semanas, como essas coisas são contadas aqui, é tempo suficiente. — O estranho se endireitou, seus olhos no mesmo nível dos de Jace. — Estou lhe dizendo isso porque sua segurança aqui

não é garantida. Melhor que você esteja com o resto de nós. — Então ele parou, e meu coração pareceu parar no meu peito quando ele olhou em minha direção. — Sua amante está acordada. Parece que ela não estava tão profundamente adormecida quanto você pensava. Você terá algumas explicações para dar.

Essa parecia ser sua chance de despedida, porque depois que ele fez esse comentário, as chamas que lambiam seus pés pareciam crescer e inchar, subindo até que o envolveram. Então elas saíram, e Jace estava sozinho na sala de estar.

Nossos olhos se encontraram, e eu o vi respirar, depois se abaixou no chão. Ao fazê-lo, sua aparência mudou para o Jace que eu conhecia... ou achava que conhecia. Ao mesmo tempo, a lâmpada no canto da sala se iluminou, embora nenhum de nós tivesse tocado um interruptor de luz.

— Jessica. — disse ele, seus braços estendendo a mão para mim quando ele começou a se mover em minha direção.



Chosen

— Não. — Respondi, ainda abraçando a parede.
— Fique longe.

Ele parou imediatamente, mas eu pude ver o pedido em seus olhos escuros. — Jessica, eu posso explicar.

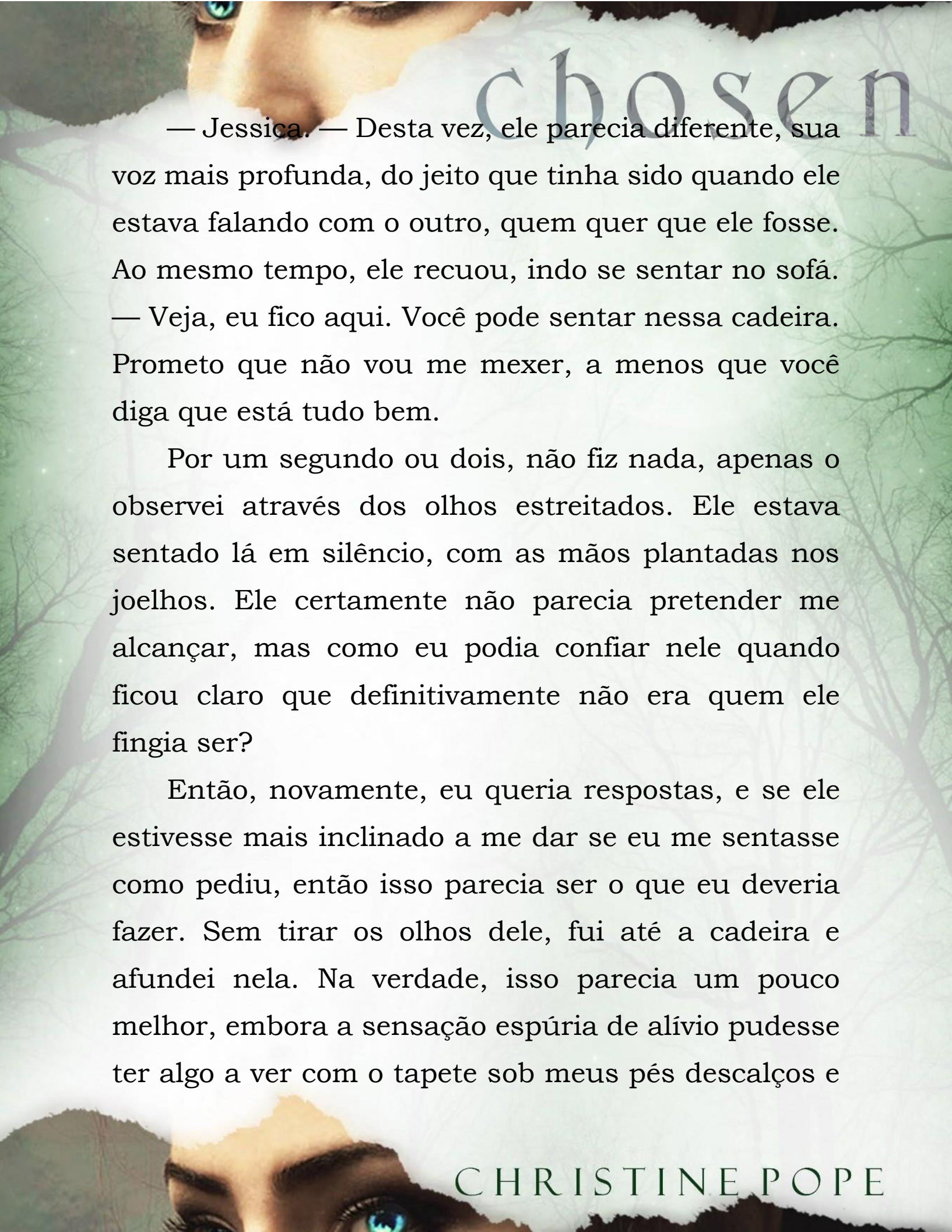
— Ah, é melhor você explicar. — O frio gesso da parede contra minhas costas me deu um pouco de coragem. Pelo menos assim, ele teria que me encarar, não poderia me esgueirar por trás. — Quem... *O que você é?*

Seus ombros pareceram. Ele parecia tão lamentável que, em circunstâncias normais, eu teria ido até ele imediatamente e o abraçado, tentando consolá-lo. Mas não haveria conforto aqui. Não depois do que eu acabara de ver.

— Por favor, venha e sente-se, — disse ele. — Precisamos ter essa conversa, mas não precisa ser assim.

Eu balancei minha cabeça. — Não acho que seja uma boa ideia.

CHRISTINE POPE



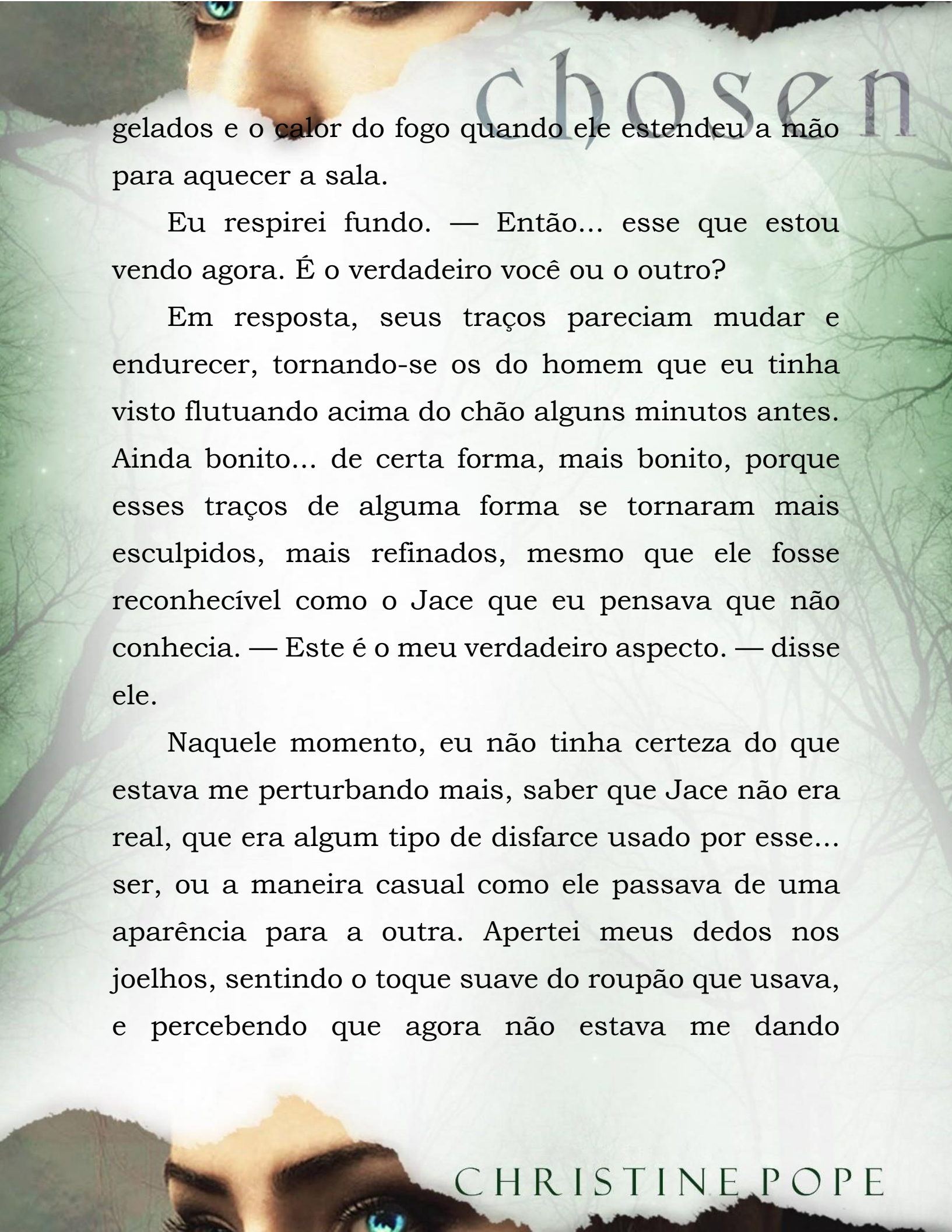
Chosen

— Jessica. — Desta vez, ele parecia diferente, sua voz mais profunda, do jeito que tinha sido quando ele estava falando com o outro, quem quer que ele fosse. Ao mesmo tempo, ele recuou, indo se sentar no sofá. — Veja, eu fico aqui. Você pode sentar nessa cadeira. Prometo que não vou me mexer, a menos que você diga que está tudo bem.

Por um segundo ou dois, não fiz nada, apenas o observei através dos olhos estreitados. Ele estava sentado lá em silêncio, com as mãos plantadas nos joelhos. Ele certamente não parecia pretender me alcançar, mas como eu podia confiar nele quando ficou claro que definitivamente não era quem ele fingia ser?

Então, novamente, eu queria respostas, e se ele estivesse mais inclinado a me dar se eu me sentasse como pediu, então isso parecia ser o que eu deveria fazer. Sem tirar os olhos dele, fui até a cadeira e afundei nela. Na verdade, isso parecia um pouco melhor, embora a sensação espúria de alívio pudesse ter algo a ver com o tapete sob meus pés descalços e

CHRISTINE POPE



Chosen

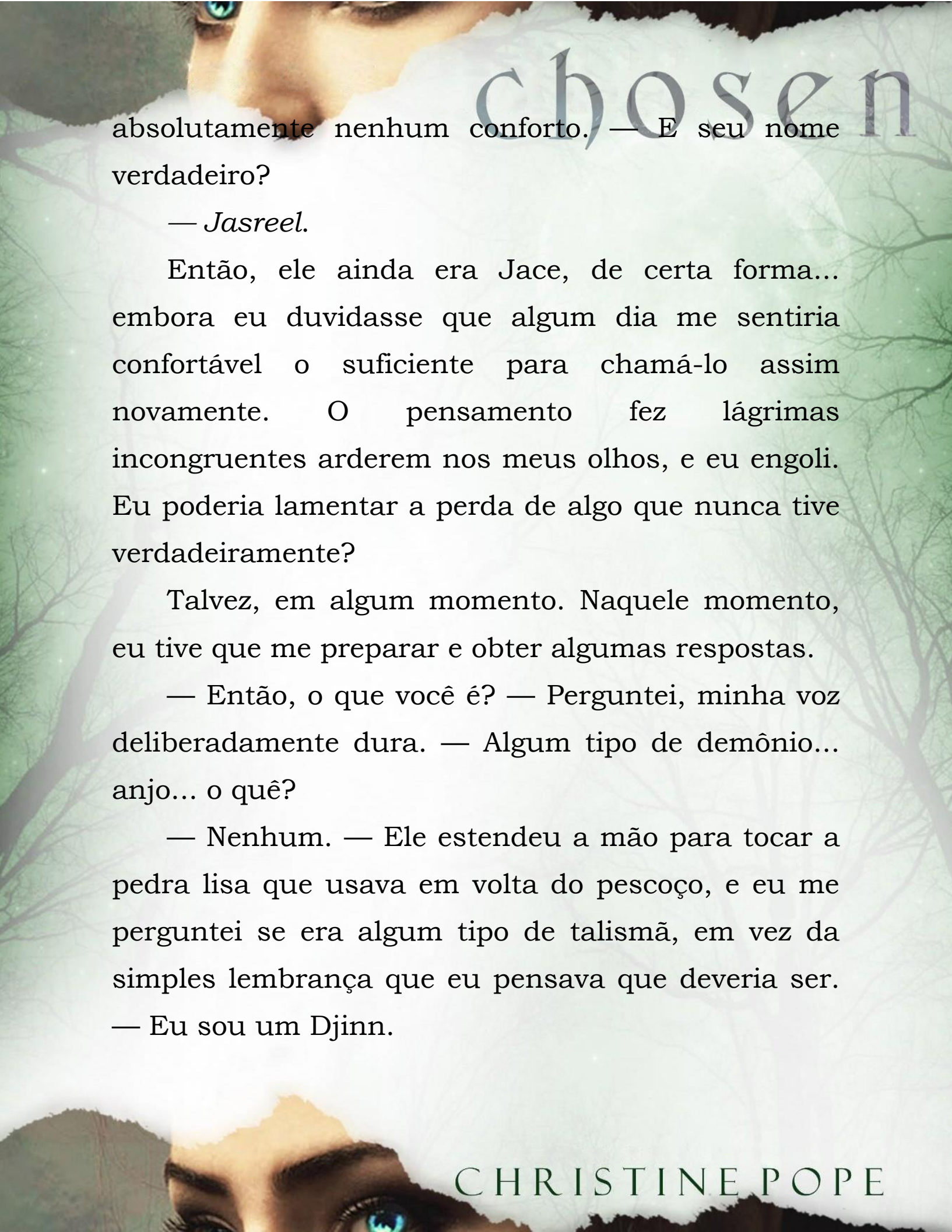
gelados e o calor do fogo quando ele estendeu a mão para aquecer a sala.

Eu respirei fundo. — Então... esse que estou vendo agora. É o verdadeiro você ou o outro?

Em resposta, seus traços pareciam mudar e endurecer, tornando-se os do homem que eu tinha visto flutuando acima do chão alguns minutos antes. Ainda bonito... de certa forma, mais bonito, porque esses traços de alguma forma se tornaram mais esculpidos, mais refinados, mesmo que ele fosse reconhecível como o Jace que eu pensava que não conhecia. — Este é o meu verdadeiro aspecto. — disse ele.

Naquele momento, eu não tinha certeza do que estava me perturbando mais, saber que Jace não era real, que era algum tipo de disfarce usado por esse... ser, ou a maneira casual como ele passava de uma aparência para a outra. Apertei meus dedos nos joelhos, sentindo o toque suave do roupão que usava, e percebendo que agora não estava me dando

CHRISTINE POPE



absolutamente nenhum conforto. — E seu nome verdadeiro?

— *Jasreel.*

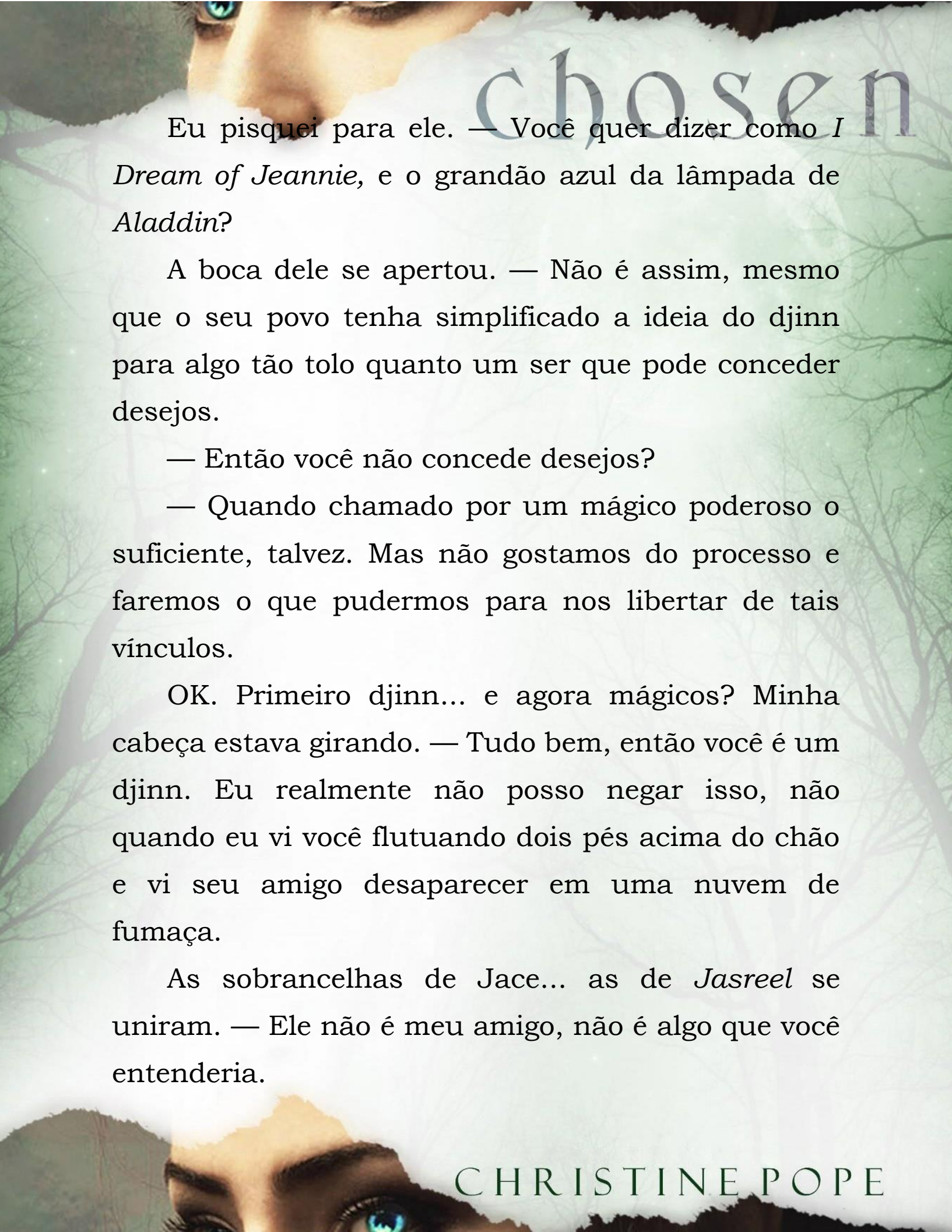
Então, ele ainda era Jace, de certa forma... embora eu duvidasse que algum dia me sentiria confortável o suficiente para chamá-lo assim novamente. O pensamento fez lágrimas incongruentes arderem nos meus olhos, e eu engoli. Eu poderia lamentar a perda de algo que nunca tive verdadeiramente?

Talvez, em algum momento. Naquele momento, eu tive que me preparar e obter algumas respostas.

— Então, o que você é? — Perguntei, minha voz deliberadamente dura. — Algum tipo de demônio... anjo... o quê?

— Nenhum. — Ele estendeu a mão para tocar a pedra lisa que usava em volta do pescoço, e eu me perguntei se era algum tipo de talismã, em vez da simples lembrança que eu pensava que deveria ser. — Eu sou um Djinn.

CHRISTINE POPE



Chosen

Eu pisquei para ele. — Você quer dizer como *I Dream of Jeannie*, e o grandão azul da lâmpada de *Aladdin*?

A boca dele se apertou. — Não é assim, mesmo que o seu povo tenha simplificado a ideia do djinn para algo tão tolo quanto um ser que pode conceder desejos.

— Então você não concede desejos?

— Quando chamado por um mágico poderoso o suficiente, talvez. Mas não gostamos do processo e faremos o que pudermos para nos libertar de tais vínculos.

OK. Primeiro djinn... e agora mágicos? Minha cabeça estava girando. — Tudo bem, então você é um djinn. Eu realmente não posso negar isso, não quando eu vi você flutuando dois pés acima do chão e vi seu amigo desaparecer em uma nuvem de fumaça.

As sobrancelhas de Jace... as de *Jasreel* se uniram. — Ele não é meu amigo, não é algo que você entenderia.

CHRISTINE POPE

Eu decidi deixar para lá por enquanto. Aquele outro djinn parecia um cara desagradável de qualquer maneira. Havia uma pergunta muito mais importante que eu queria fazer. — Tudo bem, então... *por quê?*

Um longo, longo silêncio. Ele olhou para mim, olhos escuros tristes. — Você deveria saber... *amada.*

Cada veia do meu corpo parecia estar cheia de gelo. Tentei respirar, mas ele ficou preso em algum lugar na minha garganta, me sufocando. Eu olhei para ele, então finalmente forcei as palavras. — Era você? A voz era *você?*

— Sim. — Ele disse simplesmente. — Eu tinha escolhido você e, portanto, faria o que fosse necessário para mantê-la segura.

Em minha mente, vi o corpo flácido de Chris Bowman sendo jogado pelo quintal como se tivesse sido feito de trapos, vi uma bala parar a centímetros do meu rosto e depois ricochetear inofensivamente em algum escudo invisível. Sim, este Jasreel esteve lá o tempo todo, cuidando de mim e me trazendo até aqui. Mas com que finalidade? Achei difícil acreditar que

algum tipo de ser sobrenatural e extremamente poderoso iria causar todo esse problema apenas por um pouco de dinheiro.

— Essa palavra. — eu disse. — *Escolhida*. Também ouvi seu visitante mencionar. O que isso significa realmente?

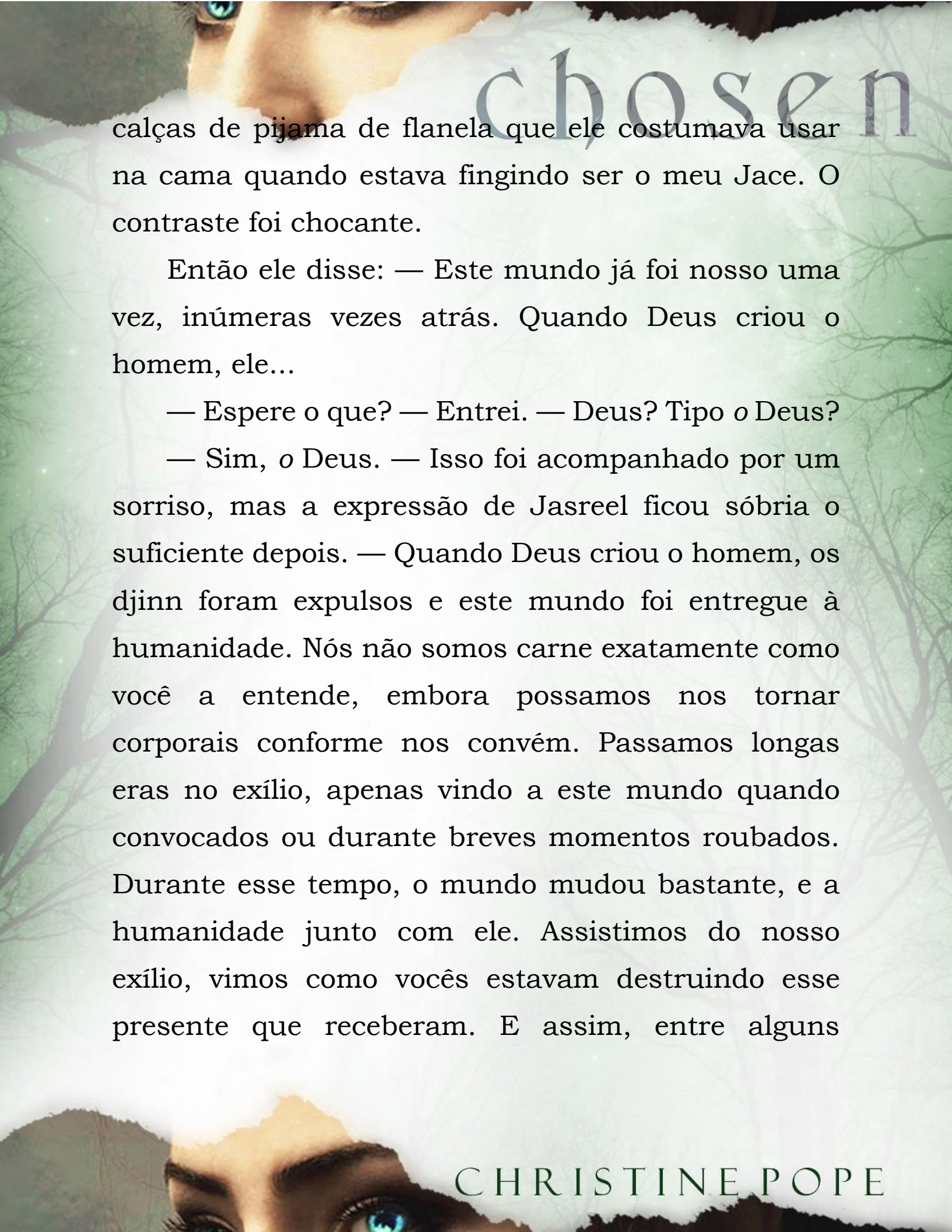
Jasreel olhou para mim com aqueles olhos tristes. Como eu poderia ter pavor dele e ficar brava com ele... e ainda assim querer estender a mão para confortá-lo? Não, isso era loucura. Já é ruim o suficiente que, poucas horas antes...

Meu cérebro desligou essa linha de pensamento com um *clique* quase audível. Eu não podia me deixar pensar nisso, ou realmente enlouqueceria.

— Será difícil ouvir. — disse ele calmamente.

— E será ainda mais difícil para mim não saber a verdade. — Respondi. — Então me conte.

Seus dedos caíram sobre os joelhos. Pela primeira vez, notei que, embora seu rosto e corpo tivessem mudado para o que ele chamava de verdadeiro eu, ele não usava aquelas roupas de seda, mas um par de



Chosen

calças de pijama de flanela que ele costumava usar na cama quando estava fingindo ser o meu Jace. O contraste foi chocante.

Então ele disse: — Este mundo já foi nosso uma vez, inúmeras vezes atrás. Quando Deus criou o homem, ele...

— Espere o que? — Entrei. — Deus? Tipo o Deus?

— Sim, o Deus. — Isso foi acompanhado por um sorriso, mas a expressão de Jasreel ficou sóbria o suficiente depois. — Quando Deus criou o homem, os djinn foram expulsos e este mundo foi entregue à humanidade. Nós não somos carne exatamente como você a entende, embora possamos nos tornar corporais conforme nos convém. Passamos longas eras no exílio, apenas vindo a este mundo quando convocados ou durante breves momentos roubados. Durante esse tempo, o mundo mudou bastante, e a humanidade junto com ele. Assistimos do nosso exílio, vimos como vocês estavam destruindo esse presente que receberam. E assim, entre alguns

CHRISTINE POPE

trimestres, foi tomada a decisão de recuperar o que havia sido roubado de nós.

Isso não parecia bom. Puxei meu roupão com mais força ao meu redor, embora não achasse que isso fosse fazer muito para combater o frio que parecia estar rastejando por todos os membros.

— Muitos anos foram dedicados à tarefa, mas finalmente os meios de destruição da humanidade foram aperfeiçoados, uma doença tão grave que levaria quase toda a população da Terra.

— Você—*você* fez isso? — Exigi, bile azeda agitando em meu estômago com o pensamento de que essa *coisa* estava por trás da morte e destruição de todos e de tudo com o que eu me importava. Me levantei, nem mesmo pensando, apenas sabendo que tinha que me afastar dele, tinha que correr.

Mas ele também se levantou, sua mão batendo no meu braço como ferro, me impedindo de fugir. — Não, *eu* não fiz isso. Houve alguns de nós que protestaram, que disseram que não poderíamos apoiar um ato tão

vil. Nós estávamos em menor número, porém, fomos ignorados.

Seus dedos pareciam queimar minha carne. — Me solte. — Cuspi entre dentes cerrados.

Para minha surpresa, ele me soltou, levantando as mãos como se estivesse se rendendo. — Jessica, me desculpe. O único compromisso que nos foi permitido era que aqueles de nós que não apoiaram medidas tão extremas pudessem escolher entre os imunes, encontrar alguém que estivesse sob nossa proteção, que não estaria sujeito ao expurgo final.

— “Expurgo final”? — Ecoei, meu estômago apertando mais uma vez. Apenas quando eu pensei que não poderia ficar pior. — Sobre o que você está falando?

Ele respirou fundo, embora notei que ele mantinha o olhar fixo no meu rosto e não tentava desviar o olhar. — Os que criaram o vírus sabiam que nenhuma doença teria uma taxa de mortalidade perfeita. Agora existem talvez dois milhões de pessoas vivas, espalhadas pela face do planeta. E assim a

próxima tarefa é erradicar os Imunes, deixando para trás apenas os Escolhidos.

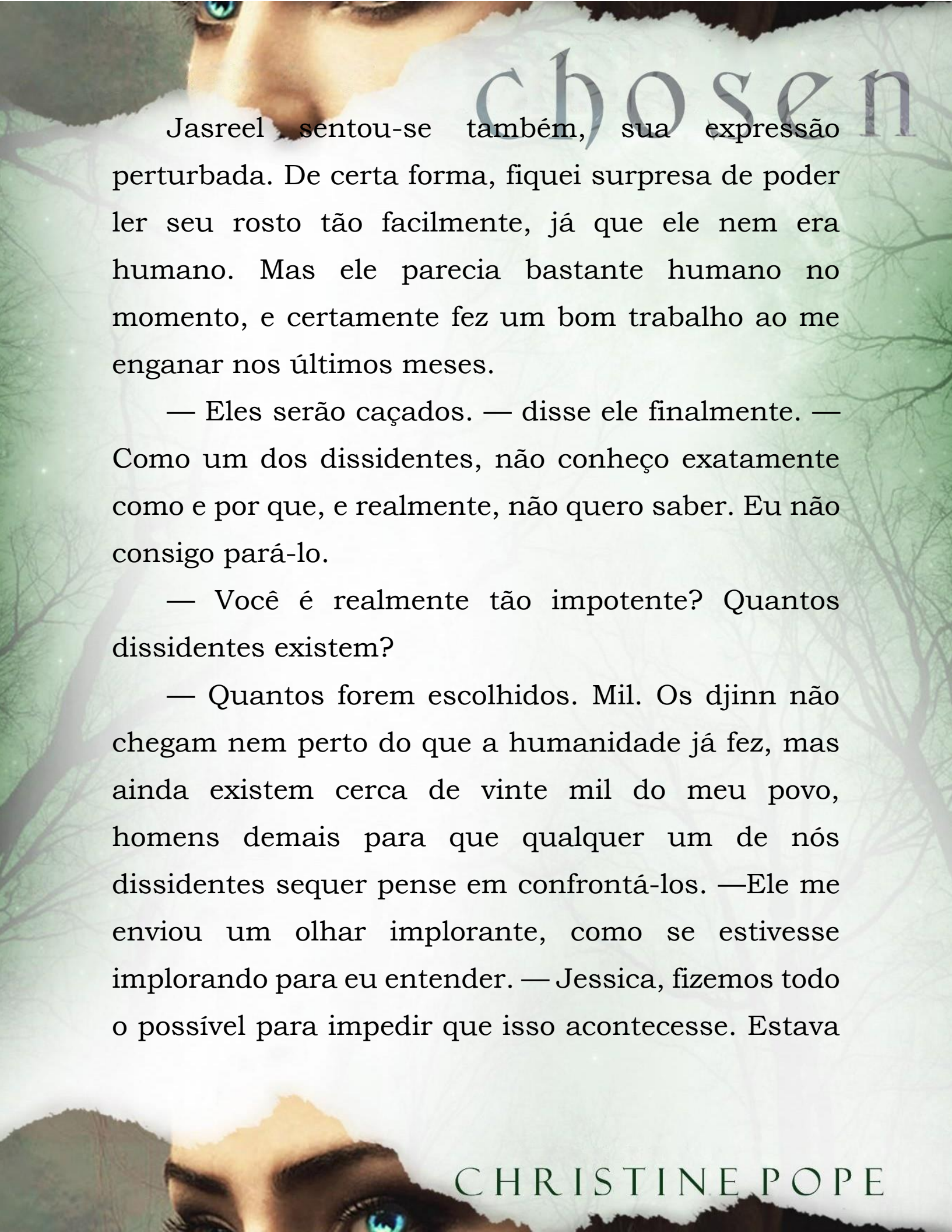
Era tão terrível que eu realmente não conseguia começar a entender o escopo do que ele estava me dizendo. Dois milhões de setenta bilhões parecia um número insignificante, mas obviamente o djinn encarregado não ficaria satisfeito com o fato de muitos seres humanos permanecerem vivos.

Minhas pernas cederam e eu caí de volta na minha cadeira. — Quantos? — Perguntei. — Quantos escolhidos?

— Mil.

Mil pessoas, dos dois milhões. Todos aqueles que pensavam ter sobrevivido ao pior, que até agora estavam lutando para pegar os pedaços de um mundo que havia desmoronado completamente... teriam tudo o que lhes foi roubado.

— O que vai acontecer com os Imunes? — Perguntei. Eu não tinha certeza de onde aquelas palavras vieram. Não era como se eu tivesse decidido conscientemente fazer essa pergunta.



chosen

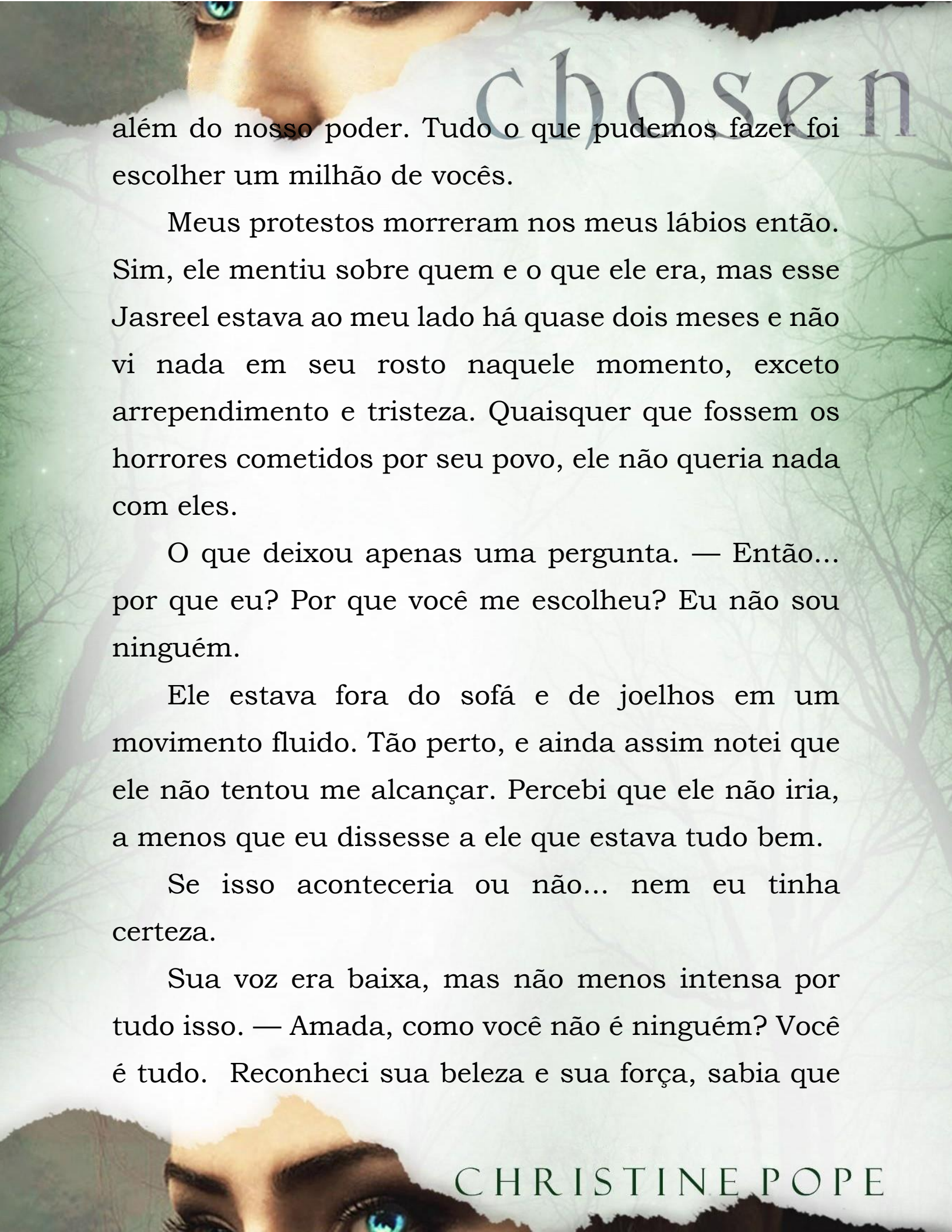
Jasreel sentou-se também, sua expressão perturbada. De certa forma, fiquei surpresa de poder ler seu rosto tão facilmente, já que ele nem era humano. Mas ele parecia bastante humano no momento, e certamente fez um bom trabalho ao me enganar nos últimos meses.

— Eles serão caçados. — disse ele finalmente. — Como um dos dissidentes, não conheço exatamente como e por que, e realmente, não quero saber. Eu não consigo pará-lo.

— Você é realmente tão impotente? Quantos dissidentes existem?

— Quantos forem escolhidos. Mil. Os djinn não chegam nem perto do que a humanidade já fez, mas ainda existem cerca de vinte mil do meu povo, homens demais para que qualquer um de nós dissidentes sequer pense em confrontá-los. — Ele me enviou um olhar implorante, como se estivesse implorando para eu entender. — Jessica, fizemos todo o possível para impedir que isso acontecesse. Estava

CHRISTINE POPE



Chosen

além do nosso poder. Tudo o que pudemos fazer foi escolher um milhão de vocês.

Meus protestos morreram nos meus lábios então. Sim, ele mentiu sobre quem e o que ele era, mas esse Jasreel estava ao meu lado há quase dois meses e não vi nada em seu rosto naquele momento, exceto arrependimento e tristeza. Quaisquer que fossem os horrores cometidos por seu povo, ele não queria nada com eles.

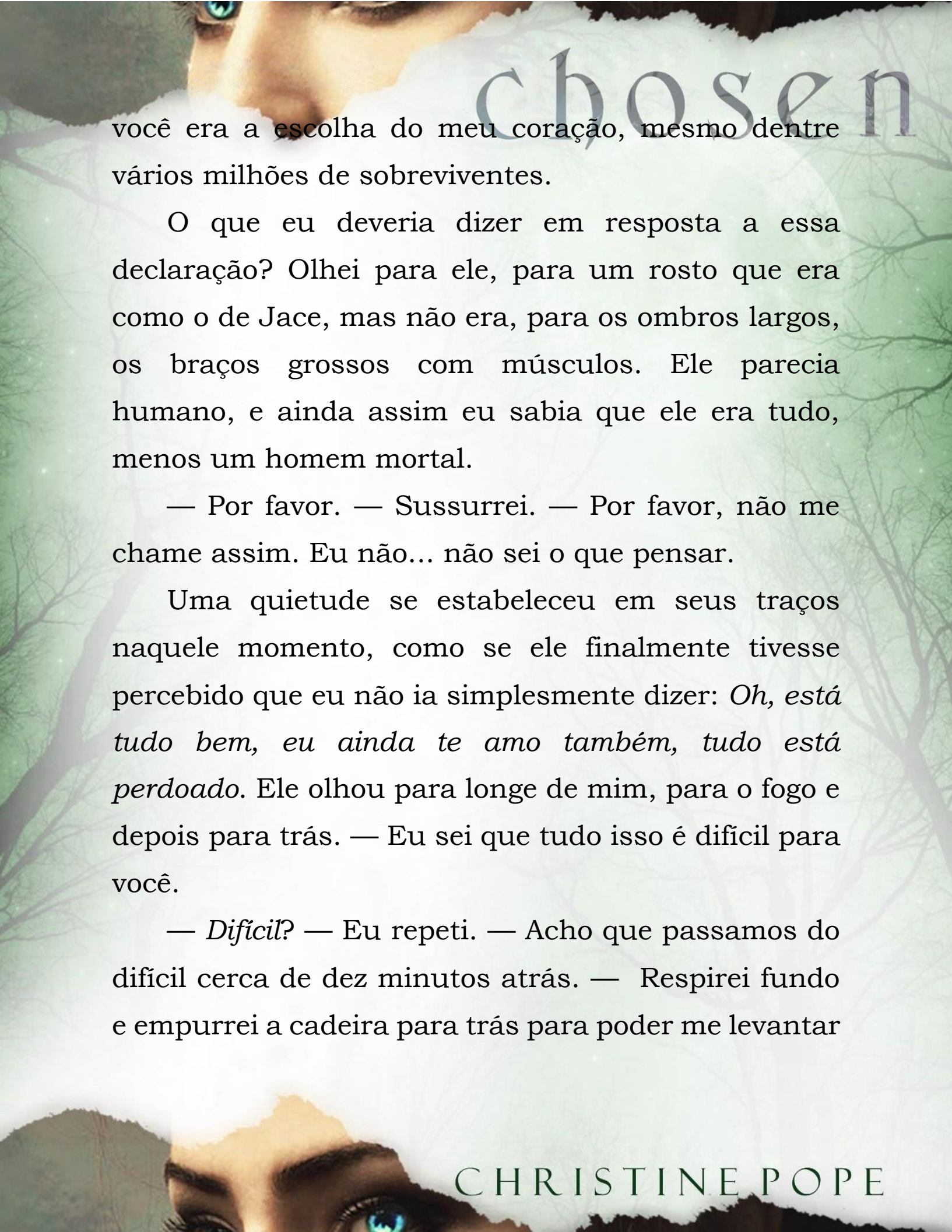
O que deixou apenas uma pergunta. — Então... por que eu? Por que você me escolheu? Eu não sou ninguém.

Ele estava fora do sofá e de joelhos em um movimento fluido. Tão perto, e ainda assim notei que ele não tentou me alcançar. Percebi que ele não iria, a menos que eu dissesse a ele que estava tudo bem.

Se isso aconteceria ou não... nem eu tinha certeza.

Sua voz era baixa, mas não menos intensa por tudo isso. — Amada, como você não é ninguém? Você é tudo. Reconheci sua beleza e sua força, sabia que

CHRISTINE POPE



Chosen

você era a escolha do meu coração, mesmo dentre vários milhões de sobreviventes.

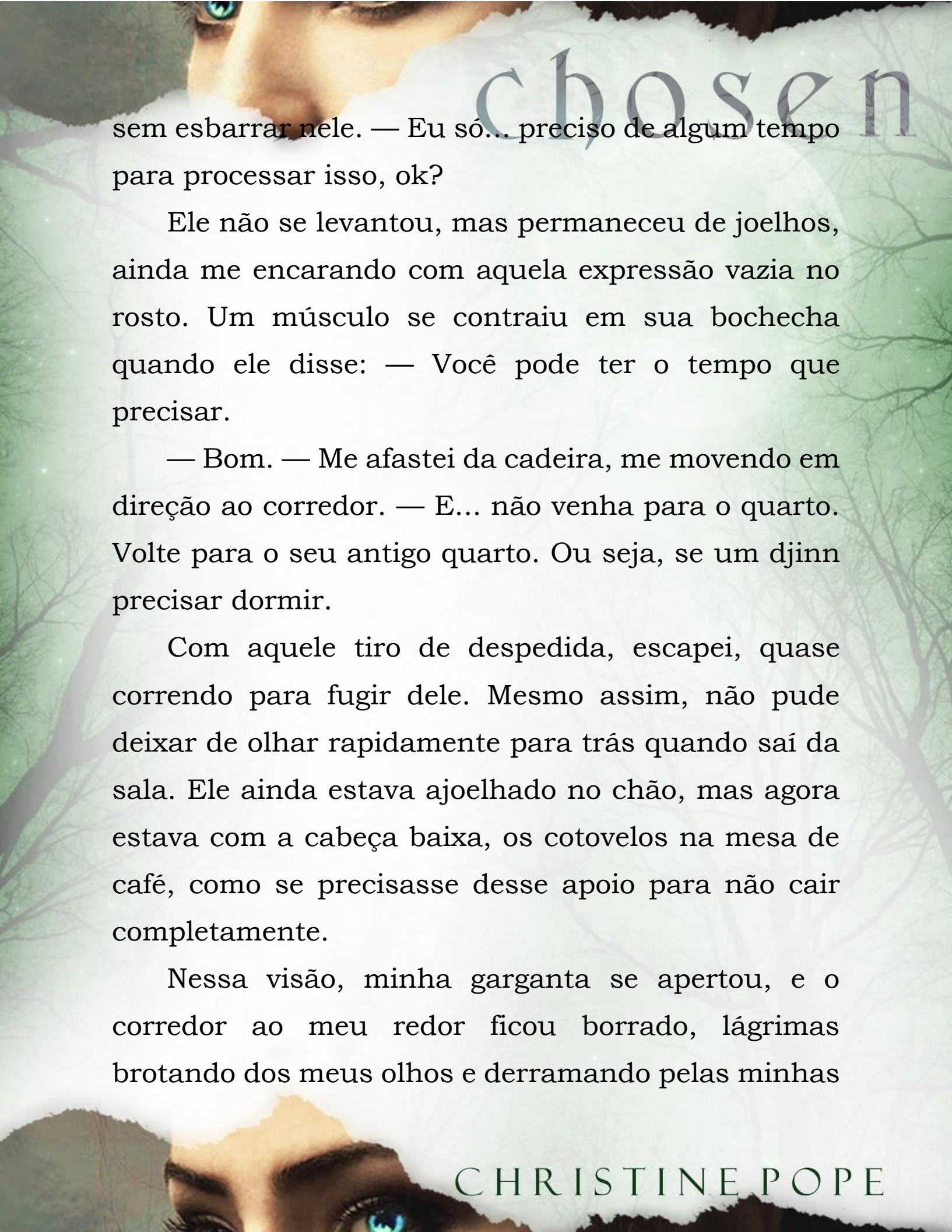
O que eu deveria dizer em resposta a essa declaração? Olhei para ele, para um rosto que era como o de Jace, mas não era, para os ombros largos, os braços grossos com músculos. Ele parecia humano, e ainda assim eu sabia que ele era tudo, menos um homem mortal.

— Por favor. — Sussurrei. — Por favor, não me chame assim. Eu não... não sei o que pensar.

Uma quietude se estabeleceu em seus traços naquele momento, como se ele finalmente tivesse percebido que eu não ia simplesmente dizer: *Oh, está tudo bem, eu ainda te amo também, tudo está perdoado*. Ele olhou para longe de mim, para o fogo e depois para trás. — Eu sei que tudo isso é difícil para você.

— *Difícil?* — Eu repeti. — Acho que passamos do difícil cerca de dez minutos atrás. — Respirei fundo e empurrei a cadeira para trás para poder me levantar

CHRISTINE POPE

The background of the page features a close-up of a person's face, focusing on their eyes which have a bright, ethereal blue glow. The person's skin is fair, and their hair is dark. The image is partially obscured by the text and has a soft, painterly quality.

sem esbarrar nele. — Eu só... preciso de algum tempo para processar isso, ok?

Ele não se levantou, mas permaneceu de joelhos, ainda me encarando com aquela expressão vazia no rosto. Um músculo se contraiu em sua bochecha quando ele disse: — Você pode ter o tempo que precisar.

— Bom. — Me afastei da cadeira, me movendo em direção ao corredor. — E... não venha para o quarto. Volte para o seu antigo quarto. Ou seja, se um djinn precisar dormir.

Com aquele tiro de despedida, escapei, quase correndo para fugir dele. Mesmo assim, não pude deixar de olhar rapidamente para trás quando saí da sala. Ele ainda estava ajoelhado no chão, mas agora estava com a cabeça baixa, os cotovelos na mesa de café, como se precisasse desse apoio para não cair completamente.

Nessa visão, minha garganta se apertou, e o corredor ao meu redor ficou borrado, lágrimas brotando dos meus olhos e derramando pelas minhas

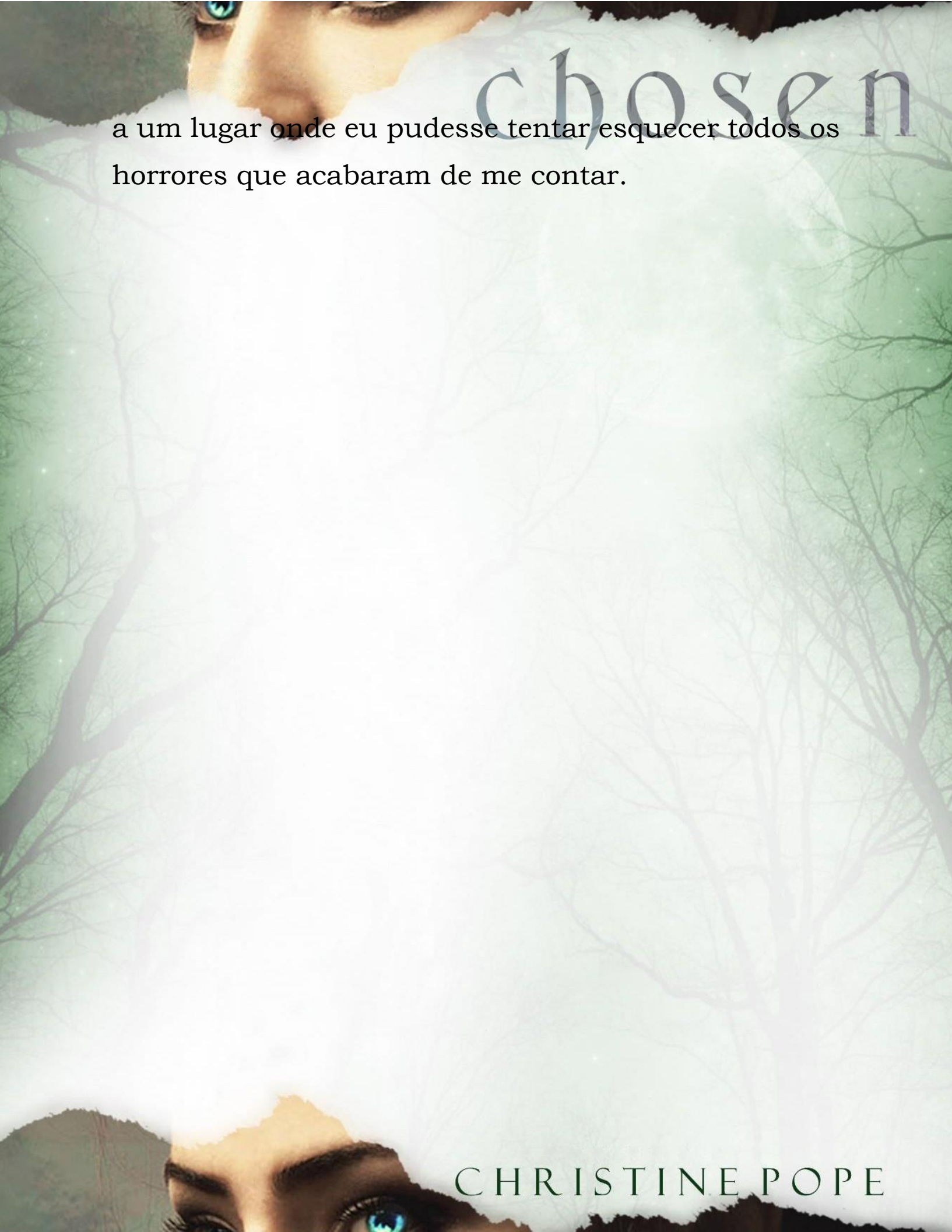
CHRISTINE POPE

bochechas. Tropecei na suíte master e depois caí na cama, a cama onde Jace havia feito amor comigo tantas vezes, soluços rasgando-se do meu peito. Eu nem sabia exatamente pelo que estava chorando. A perda do que eu pensei que tinha tido com Jace? A percepção de que os agonizantes aconteceram não por causa de algum acidente horrível da natureza, mas por intenção malévola e dirigida? Ou sabendo que os moribundos ainda não haviam terminado e que os sobreviventes, os imunes, logo seriam atacados pelos djinn, e não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso?

Tudo isso e muito mais.

Dutchie pulou na cama e lambeu meu rosto, dei uma risada estrangulada, depois a puxei para perto, enterrando meu rosto em seu pelo macio. Não, normalmente ela não era permitida na cama, mas naquele momento, ela sabia que eu precisava dela.

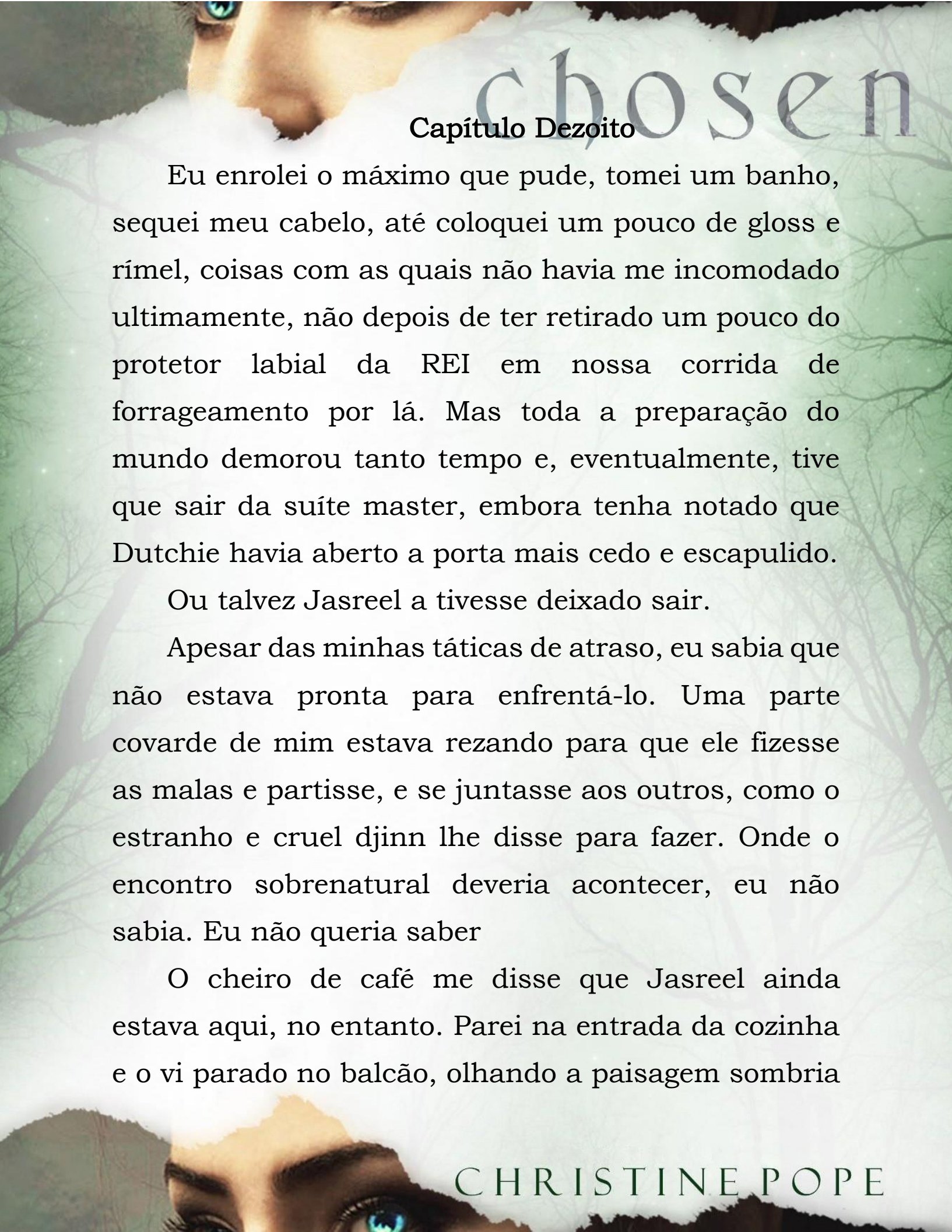
Eu me agarrei a ela da maneira que um sobrevivente de naufrágio poderia se apegar a um colete salva-vidas e, finalmente, deixei o sono me levar



Chosen

a um lugar onde eu pudesse tentar esquecer todos os
horrores que acabaram de me contar.

CHRISTINE POPE



Chosen

Capítulo Dezoito

Eu enrolei o máximo que pude, tomei um banho, sequei meu cabelo, até coloquei um pouco de gloss e rímel, coisas com as quais não havia me incomodado ultimamente, não depois de ter retirado um pouco do protetor labial da REI em nossa corrida de forrageamento por lá. Mas toda a preparação do mundo demorou tanto tempo e, eventualmente, tive que sair da suíte master, embora tenha notado que Dutchie havia aberto a porta mais cedo e escapulado.

Ou talvez Jasreel a tivesse deixado sair.

Apesar das minhas táticas de atraso, eu sabia que não estava pronta para enfrentá-lo. Uma parte covarde de mim estava rezando para que ele fizesse as malas e partisse, e se juntasse aos outros, como o estranho e cruel djinn lhe disse para fazer. Onde o encontro sobrenatural deveria acontecer, eu não sabia. Eu não queria saber

O cheiro de café me disse que Jasreel ainda estava aqui, no entanto. Parei na entrada da cozinha e o vi parado no balcão, olhando a paisagem sombria

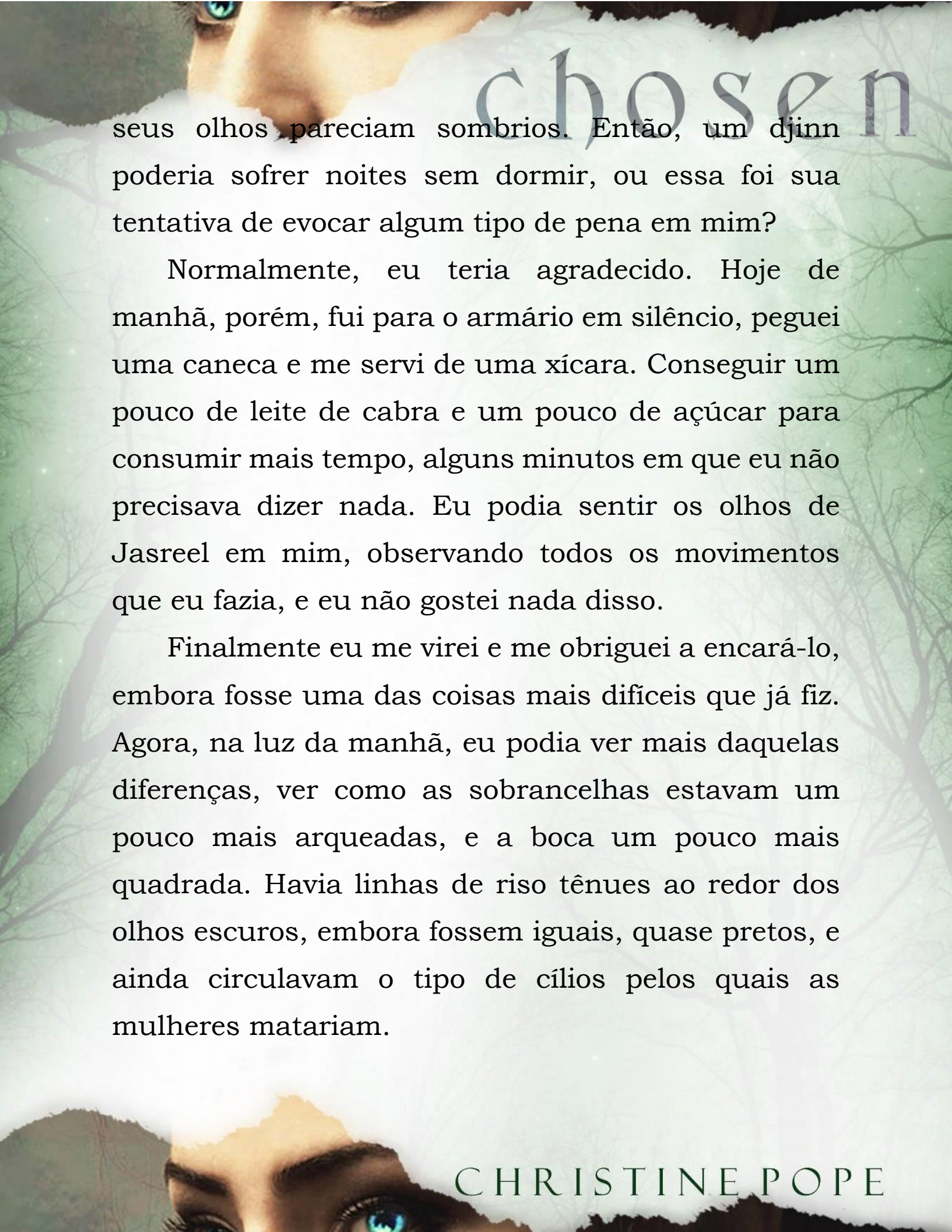
CHRISTINE POPE

além da falsa exuberância do jardim. As cabras já estavam pastando, o que significava que ele devia ter ido e as ordenhava, cuidava da água delas e depois as deitava. Como a neve da última tempestade já havia derretido até lá, exceto por alguns desvios diretamente sob os beirais da casa, nada os impedia de cortar a grama curta e amarelada.

— Você fez café. — eu disse, meu tom suave.

— Eu pensei que você poderia querer algo.

Percebi que ele estava vestindo as roupas de Jace, camisa de flanela, Levi desbotada, botas gastas, e no entanto, elas não podiam realmente ser as roupas de Jace. Este Jasreel era apenas maior o suficiente, mais musculoso, que vesti-lo exigiria um guarda-roupa totalmente novo. Não, elas tinham que ser falsificações, cópias, roupas projetadas para parecer com o que eu estava acostumado a vê-lo vestir e, portanto, pretendiam me deixar à vontade, quando na verdade estavam fazendo exatamente o oposto. Seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo e, embora sua expressão fosse serena o suficiente esta manhã,



Chosen

seus olhos pareciam sombrios. Então, um djinn poderia sofrer noites sem dormir, ou essa foi sua tentativa de evocar algum tipo de pena em mim?

Normalmente, eu teria agradecido. Hoje de manhã, porém, fui para o armário em silêncio, peguei uma caneca e me servi de uma xícara. Conseguir um pouco de leite de cabra e um pouco de açúcar para consumir mais tempo, alguns minutos em que eu não precisava dizer nada. Eu podia sentir os olhos de Jasreel em mim, observando todos os movimentos que eu fazia, e eu não gostei nada disso.

Finalmente eu me virei e me obriguei a encará-lo, embora fosse uma das coisas mais difíceis que já fiz. Agora, na luz da manhã, eu podia ver mais daquelas diferenças, ver como as sobrancelhas estavam um pouco mais arqueadas, e a boca um pouco mais quadrada. Havia linhas de riso tênues ao redor dos olhos escuros, embora fossem iguais, quase pretos, e ainda circulavam o tipo de cílios pelos quais as mulheres matariam.

CHRISTINE POPE

— Por que você ainda está aqui? — Perguntei abruptamente, meus dedos circulando a caneca de café que eu segurava, tentando desesperadamente reivindicar um pouco de seu calor. Minhas mãos estavam tão geladas quanto o mundo fora da cozinha.

A pergunta pareceu surpreendê-lo. As sobrancelhas dele se ergueram e ele disse: — Você não me disse para sair.

Tudo bem, eu não tinha, em tantas palavras. Eu disse que ele poderia voltar para seu antigo quarto, que em sua mente parecia ter sido um convite aberto para ficar. Ontem à noite, eu não estava exatamente pensando com tanta clareza.

A voz dele baixou. — Você quer que eu saia?

Eu quero? Racionalmente, eu sabia que deveria ter ordenado que ele saísse de casa na noite anterior, mas naquele momento, tudo em que consegui pensar era em ele não me seguir até o quarto.

— E-eu não sei. — Falei por fim, depois acrescentei, quando vi a esperança surgir em seus

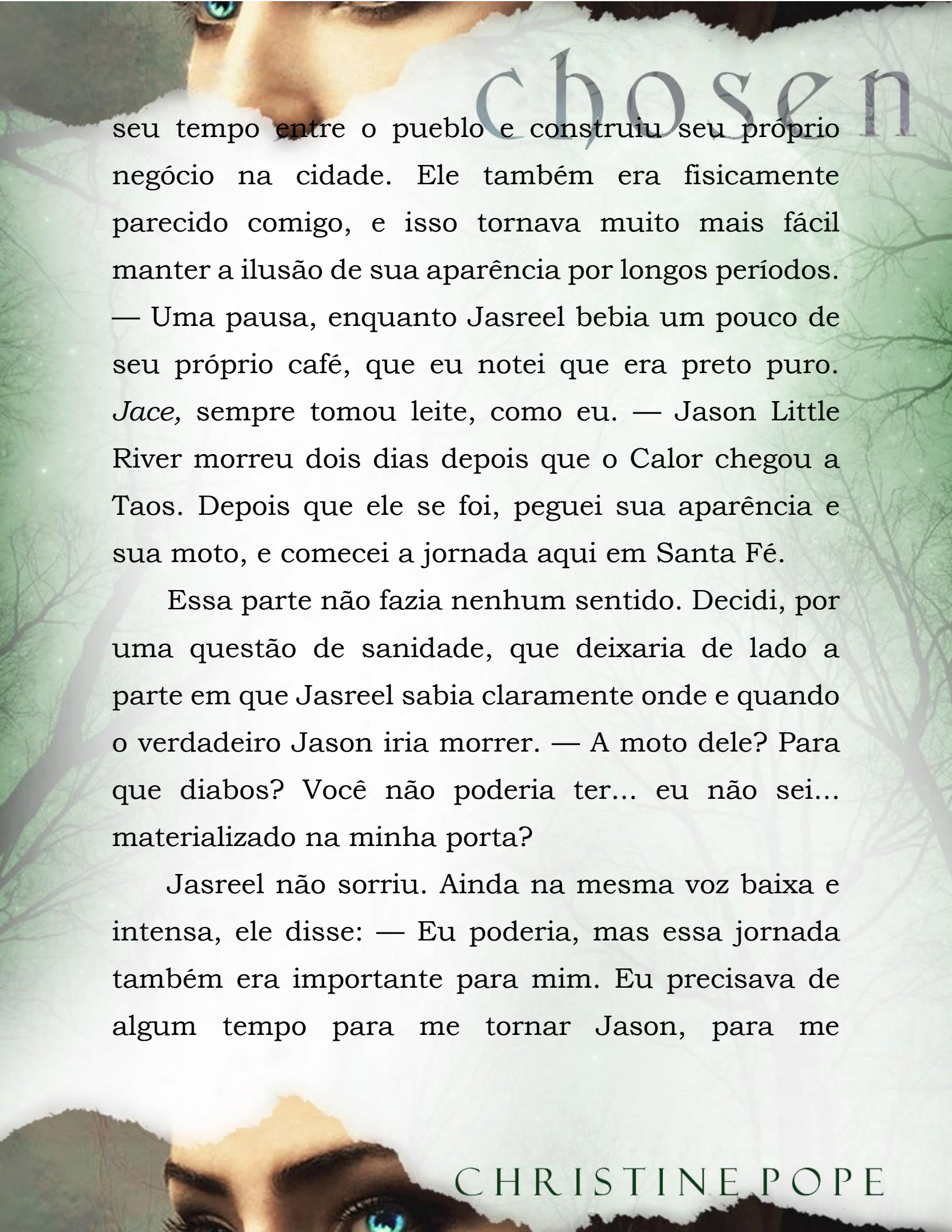
olhos. — Isto é, ainda tenho algumas perguntas que quero fazer.

Boca afinando até uma linha comprimida, ele assentiu. — Você pode me perguntar qualquer coisa.

Talvez, pensei, mas isso não significa que vou receber uma resposta que eu gosto. Bebi um pouco de café, deixando o calor passar pela minha garganta e começar a derreter aquele pedaço de gelo no meu núcleo. Quem sabia que eu podia sentir tanto frio, quando não tinha mais Jace para me aquecer?

— Jason Little River. — eu disse, trazendo à tona algo que eu estava pensando enquanto tomava banho. — Ele é apenas alguém que você inventou ou é uma pessoa real?

— Ele era uma pessoa real. — disse Jasreel. — Pelo uso do “*era*”, pela maneira como a boca de Jasreel se apertou quando ele disse isso, eu tive que assumir que o Sr. Little River não estava mais conosco. — Tudo o que eu disse sobre mim era verdade... sobre ele, isso é verdade. Ele cresceu em Taos, foi para a universidade em Albuquerque, dividiu



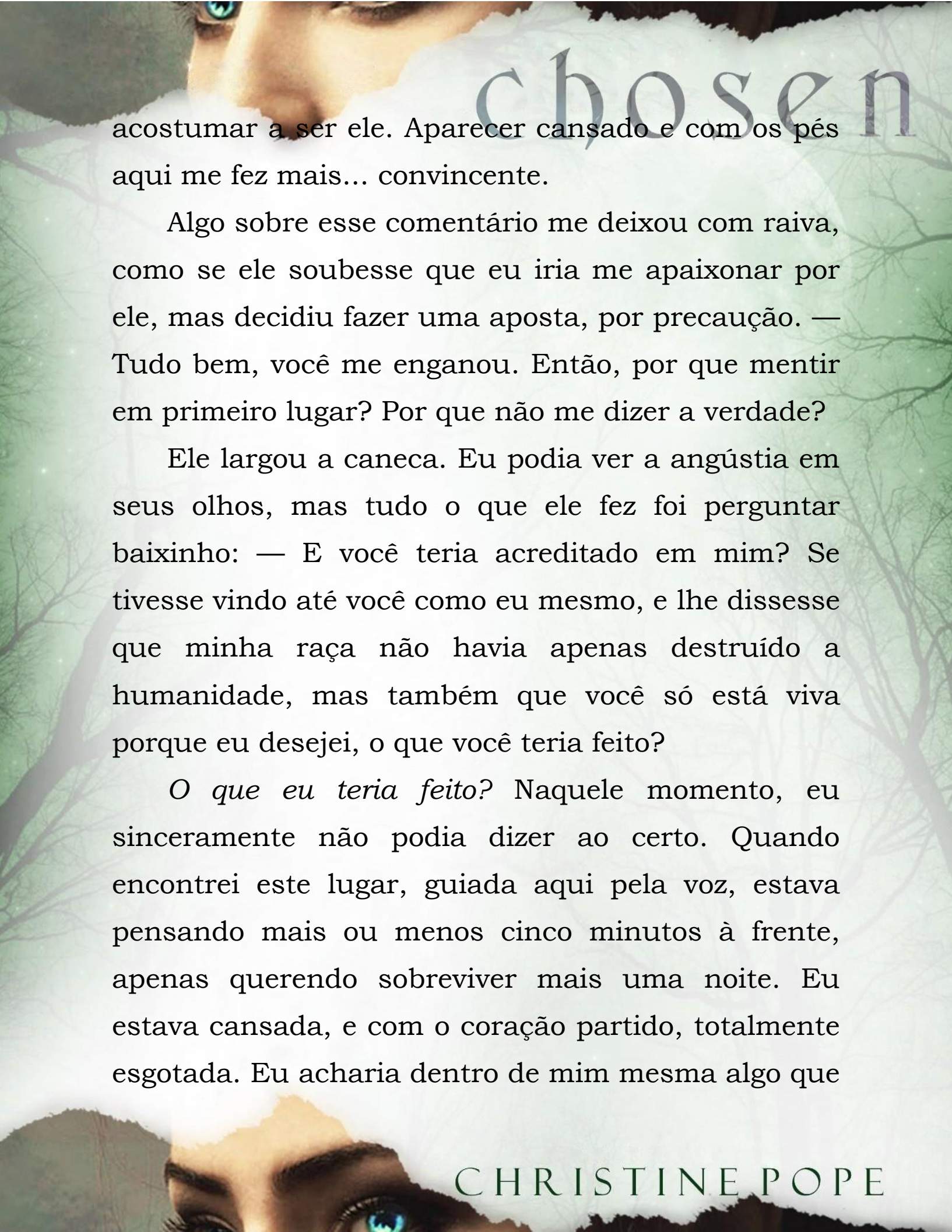
Chosen

seu tempo entre o pueblo e construiu seu próprio negócio na cidade. Ele também era fisicamente parecido comigo, e isso tornava muito mais fácil manter a ilusão de sua aparência por longos períodos. — Uma pausa, enquanto Jasreel bebia um pouco de seu próprio café, que eu notei que era preto puro. *Jace*, sempre tomou leite, como eu. — Jason Little River morreu dois dias depois que o Calor chegou a Taos. Depois que ele se foi, peguei sua aparência e sua moto, e comecei a jornada aqui em Santa Fé.

Essa parte não fazia nenhum sentido. Decidi, por uma questão de sanidade, que deixaria de lado a parte em que Jasreel sabia claramente onde e quando o verdadeiro Jason iria morrer. — A moto dele? Para que diabos? Você não poderia ter... eu não sei... materializado na minha porta?

Jasreel não sorriu. Ainda na mesma voz baixa e intensa, ele disse: — Eu poderia, mas essa jornada também era importante para mim. Eu precisava de algum tempo para me tornar Jason, para me

CHRISTINE POPE



chosen

acostumar a ser ele. Aparecer cansado e com os pés aqui me fez mais... convincente.

Algo sobre esse comentário me deixou com raiva, como se ele soubesse que eu iria me apaixonar por ele, mas decidiu fazer uma aposta, por precaução. — Tudo bem, você me enganou. Então, por que mentir em primeiro lugar? Por que não me dizer a verdade?

Ele largou a caneca. Eu podia ver a angústia em seus olhos, mas tudo o que ele fez foi perguntar baixinho: — E você teria acreditado em mim? Se tivesse vindo até você como eu mesmo, e lhe dissesse que minha raça não havia apenas destruído a humanidade, mas também que você só está viva porque eu desejei, o que você teria feito?

O que eu teria feito? Naquele momento, eu sinceramente não podia dizer ao certo. Quando encontrei este lugar, guiada aqui pela voz, estava pensando mais ou menos cinco minutos à frente, apenas querendo sobreviver mais uma noite. Eu estava cansada, e com o coração partido, totalmente esgotada. Eu acharia dentro de mim mesma algo que

CHRISTINE POPE

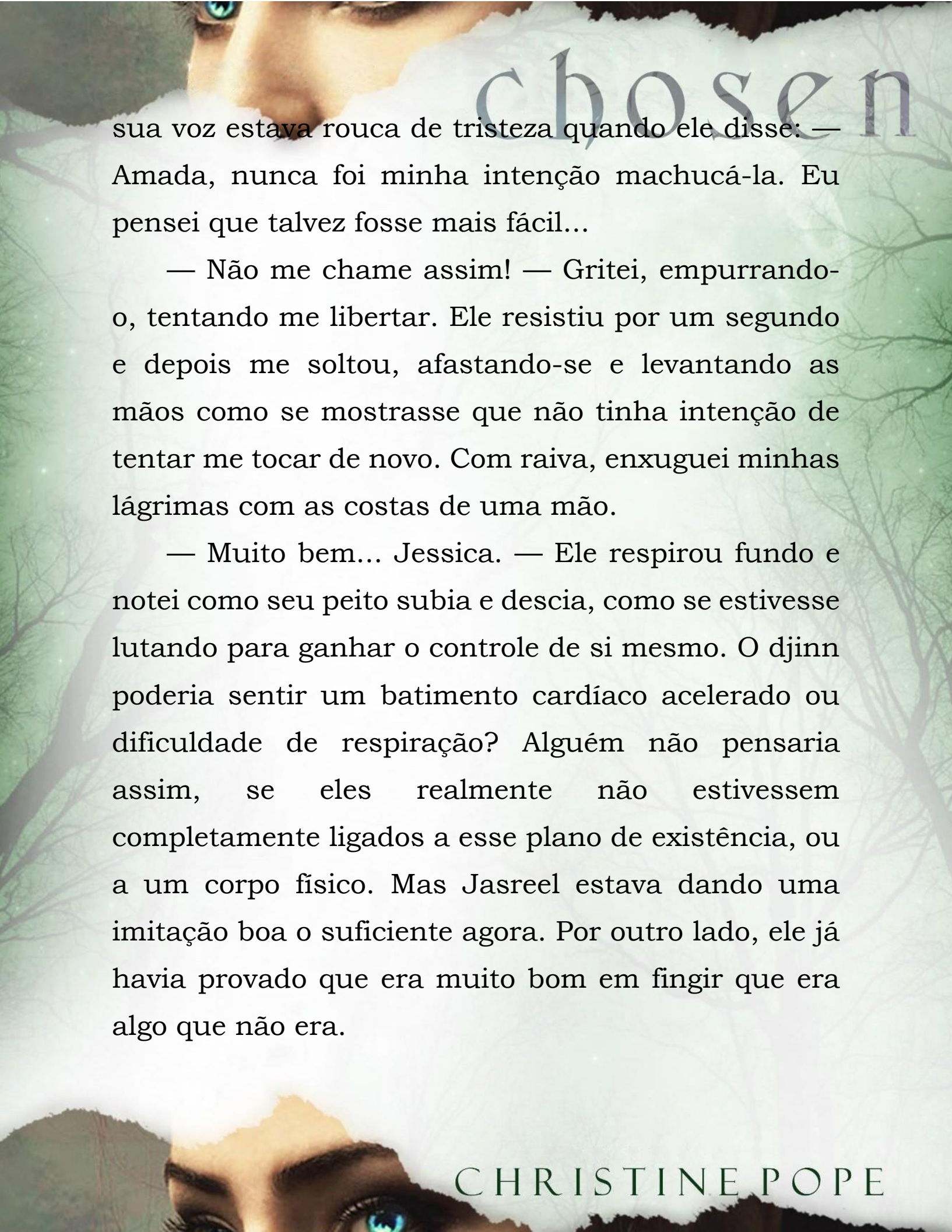
me fizesse acreditar no que ele me disse? Talvez, se ele tivesse me dado uma pequena demonstração daquele truque de *flutuar* acima do solo.

Se eu teria permitido que ele entrasse em meu coração e minha cama, era uma questão completamente diferente.

— Eu não sei! — Joguei nele. — Tudo o que sei é que você veio aqui, e *mentiu* para mim, me fez pensar que você era outra pessoa... me fez te *amar*... e agora eu tenho que conciliar isso com a verdade, com o jeito que você me usou.

Horríveis, soluços sufocantes surgiram na minha garganta depois disso, e eu tive que parar, largar minha caneca no balcão e me afastar dele para que eu não tivesse que olhar para aquele rosto, o rosto que costumava ser de Jace, mas que não era mais. Lágrimas subiram para me encontrar de novo. Uma pena, porque através delas, eu não podia vê-lo claramente.

Mas ainda podia senti-lo, dedos quentes entrelaçaram com os meus, me puxando contra ele,



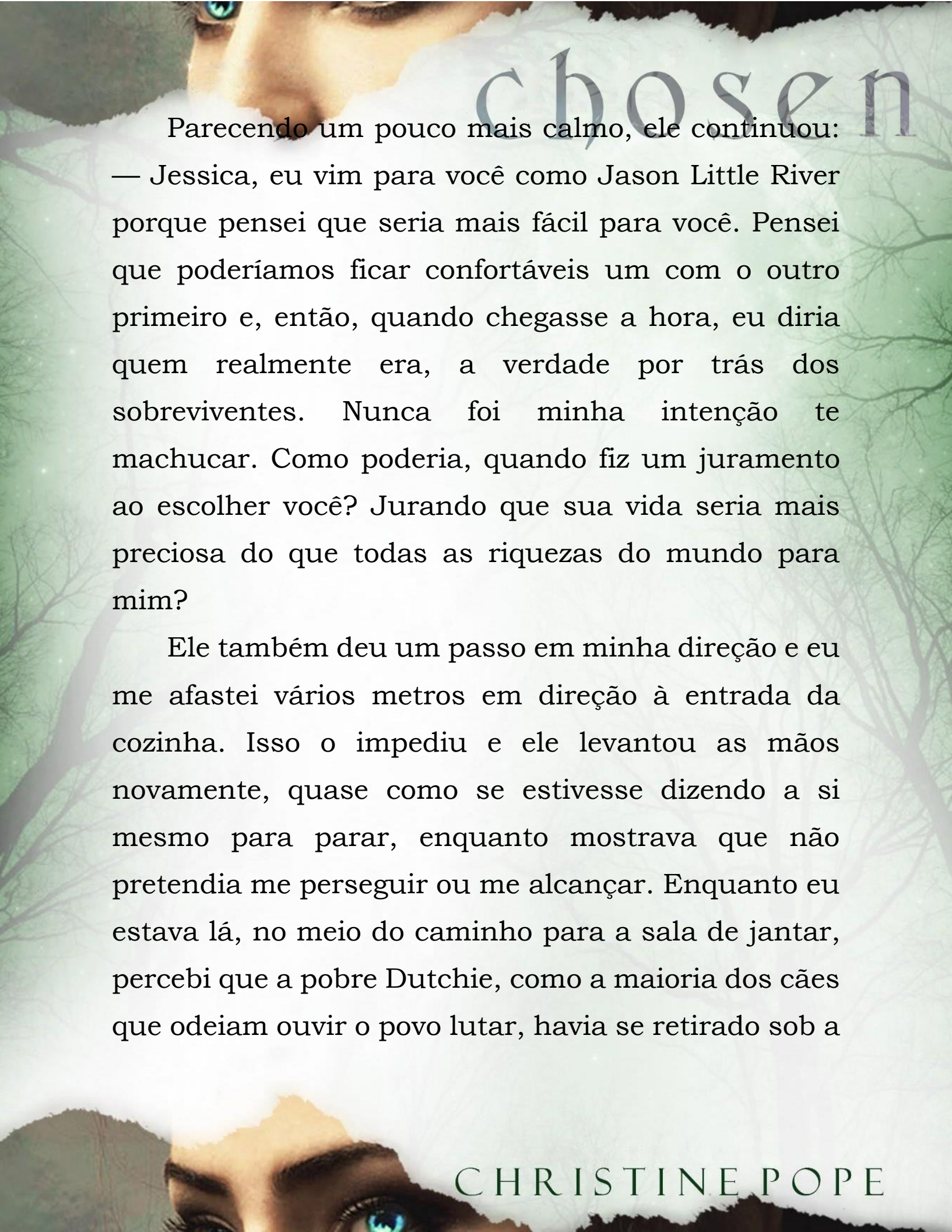
chosen

sua voz estava rouca de tristeza quando ele disse: — Amada, nunca foi minha intenção machucá-la. Eu pensei que talvez fosse mais fácil...

— Não me chame assim! — Gritei, empurrando-o, tentando me libertar. Ele resistiu por um segundo e depois me soltou, afastando-se e levantando as mãos como se mostrasse que não tinha intenção de tentar me tocar de novo. Com raiva, enxuguei minhas lágrimas com as costas de uma mão.

— Muito bem... Jessica. — Ele respirou fundo e notei como seu peito subia e descia, como se estivesse lutando para ganhar o controle de si mesmo. O djinn poderia sentir um batimento cardíaco acelerado ou dificuldade de respiração? Alguém não pensaria assim, se eles realmente não estivessem completamente ligados a esse plano de existência, ou a um corpo físico. Mas Jasreel estava dando uma imitação boa o suficiente agora. Por outro lado, ele já havia provado que era muito bom em fingir que era algo que não era.

CHRISTINE POPE

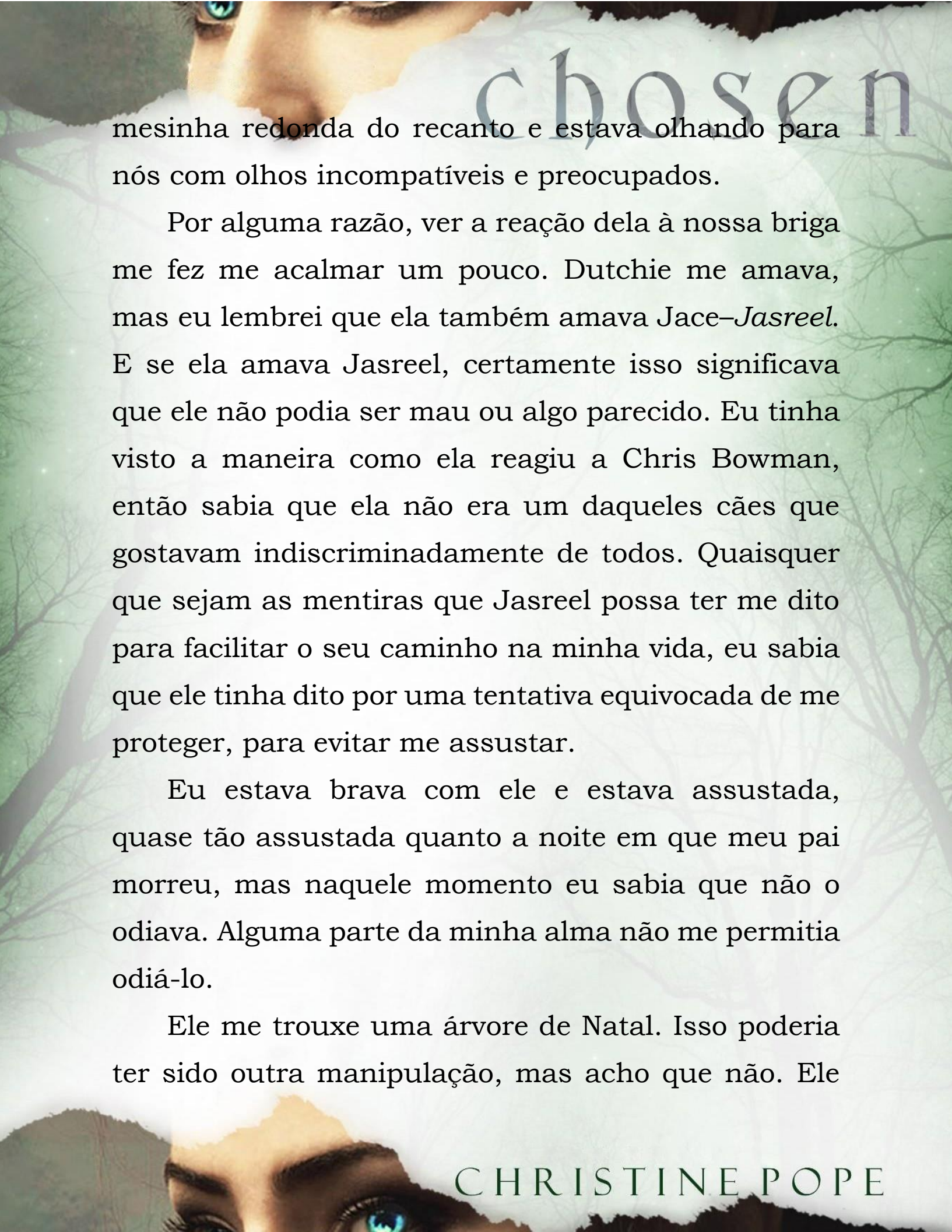
The background of the page features a close-up of a woman's face, focusing on her eyes and nose, with a soft, ethereal glow. The image is overlaid with a pattern of green, leafy branches, creating a natural, forest-like atmosphere. The title 'Chosen' is written in a large, elegant, serif font at the top right, with the 'C' and 'h' being significantly larger than the other letters.

Chosen

Parecendo um pouco mais calmo, ele continuou: — Jessica, eu vim para você como Jason Little River porque pensei que seria mais fácil para você. Pensei que poderíamos ficar confortáveis um com o outro primeiro e, então, quando chegasse a hora, eu diria quem realmente era, a verdade por trás dos sobreviventes. Nunca foi minha intenção te machucar. Como poderia, quando fiz um juramento ao escolher você? Jurando que sua vida seria mais preciosa do que todas as riquezas do mundo para mim?

Ele também deu um passo em minha direção e eu me afastei vários metros em direção à entrada da cozinha. Isso o impediu e ele levantou as mãos novamente, quase como se estivesse dizendo a si mesmo para parar, enquanto mostrava que não pretendia me perseguir ou me alcançar. Enquanto eu estava lá, no meio do caminho para a sala de jantar, percebi que a pobre Dutchie, como a maioria dos cães que odeiam ouvir o povo lutar, havia se retirado sob a

CHRISTINE POPE



Chosen

mesinha redonda do recanto e estava olhando para nós com olhos incompatíveis e preocupados.

Por alguma razão, ver a reação dela à nossa briga me fez me acalmar um pouco. Dutchie me amava, mas eu lembrei que ela também amava Jace-*Jasreel*. E se ela amava Jasreel, certamente isso significava que ele não podia ser mau ou algo parecido. Eu tinha visto a maneira como ela reagiu a Chris Bowman, então sabia que ela não era um daqueles cães que gostavam indiscriminadamente de todos. Quaisquer que sejam as mentiras que Jasreel possa ter me dito para facilitar o seu caminho na minha vida, eu sabia que ele tinha dito por uma tentativa equivocada de me proteger, para evitar me assustar.

Eu estava brava com ele e estava assustada, quase tão assustada quanto a noite em que meu pai morreu, mas naquele momento eu sabia que não o odiava. Alguma parte da minha alma não me permitia odiá-lo.

Ele me trouxe uma árvore de Natal. Isso poderia ter sido outra manipulação, mas acho que não. Ele

CHRISTINE POPE

fez isso porque sabia que eu queria, queria que uma parte da minha vida parecesse normal, mesmo quando quase nada nela era normal.

Talvez algo na minha expressão tenha mudado. Eu não podia dizer com certeza, mas deve ter sido suficiente para dar alguma esperança a Jasreel, porque ele disse: — Você ainda deseja que eu vá?

Eu não... mas também não sabia como poderia começar a processar tudo isso com ele o tempo todo. — Eu não sei. — Respondi. — Um minuto atrás, eu teria dito que sim. Mas...

— Mas?

Estava na hora de respirar profundamente. — Suponho que quero mais algumas respostas. O que foi aquilo que o outro djinn disse sobre os Imunes?

Se ele ficou desconcertado com a minha mudança de assunto, Jasreel não demonstrou. Ele poderia simplesmente ter ficado aliviado por eu estar disposta a continuar falando, mesmo que o tópico da conversa se afastasse de nós dois e onde nosso relacionamento

atualmente se encontrava, e seguisse para algo mais neutro.

— O nome dele é Zahrias. Ele é o líder do nosso grupo neste setor suponho, é a melhor palavra para isso. A região não é muito análoga ao seu estado do Novo México, mas é próxima o suficiente.

— Então este Zahrias veio aqui para o que? Avisar?

— Mais ou menos. — Jasreel mudou, e eu poderia dizer que ele estava a um passo de se aproximar de mim, mas se afastou no último segundo. — Em geral, nós, djinn, somos capazes de analisar os assuntos humanos, mas com pouca interferência. Se de repente não pudermos fazer isso com o grupo de Los Alamos.

— Lo. — eu disse, e ele parou e me lançou um olhar exigente.

— O que?

— Essa foi a transmissão, não foi? — Outra faísca que poderia ser irritação brilhou em seus olhos.

— Agora, entendi o que ouvi tão brevemente no rádio

amador. — Com a voz tensa, eu disse: — As pessoas, os *imunes*, estavam transmitindo de Los Alamos, e você... interrompeu.

— Sim. — respondeu Jasreel, parecendo resignado. — E sim, interrompi o sinal. Só porque eu queria mais tempo sozinho com você. Até Zahrias vir me ver, eu não conhecia o grupo, não havia qualquer tipo de ameaça. Eu só sabia que eles deveriam ser imunes e, portanto, seu tempo nesta terra era limitado.

Decidi deixar essa raiva de lado para ser tratada mais tarde. — Então eles são uma ameaça só porque você não pode espioná-los?

— É mais do que isso, Jessica. Os Imunes simplesmente não podem ter a capacidade de nos impedir de observar suas ações. E agora que alguns Escolhidos desapareceram, os que se ofereceram para ir aonde não podíamos, *bem*, você pode ver como isso é muito preocupante.

Da perspectiva dele, eu supunha que sim. Para mim, era mais intrigante do que qualquer outra coisa.

O que eles estavam fazendo em Los Alamos que lhes permitia fugir da vigilância dos djinns? Eu não sabia muito sobre a cidade, exceto que ainda era um local para pesquisas e tinha muitos carros do tipo contratados pelo governo. Dirigimos até lá uma vez quando eu estava no ensino médio, mais para ir a algum lugar fora do caminho habitual do que por qualquer outro motivo, e realmente parecia que eu tinha acabado de entrar no set do programa de TV *Eureka*, aquele sobre uma cidade povoada por cientistas loucos.

Mas imaginei que a probabilidade de descobrir a verdade sobre o que os imunes de Los Alamos, estavam fazendo era quase a mesma coisa que acordar para descobrir que tudo isso tinha sido um sonho terrível, então passei para a próxima pergunta. — E os djinn? Os deste setor, quero dizer. Zahrias fez parecer que todos estavam escondidos em algum lugar.

Jasreel me deu um sorriso convencido, como se aquela imagem mental o divertisse. — Os Djinn não

precisam se esconder, mas estão usando o Taos como sua base de operações.

— Sério? — Perguntei surpresa. Uma pequena cidade turística não parecia o lugar certo para um bando de vilões sobrenaturais estarem juntos. — Por que Taos?

— Como sua população era pequena, no início, ela não tinha muitos sobreviventes, um ou dois que restaram foram.... — Ele deixou a frase sumir, mas eu entendi.

— Descartados? — Sugeri.

Um aceno sombrio. — Sim. Além disso, por ser um destino de viagem, possui acomodações para várias pessoas, restaurantes com boas lojas de comida e assim por diante.

— Eles têm energia em Taos?

— Em uma maneira de falar.

Eu me perguntei exatamente o que ele quis dizer com isso, mas decidi que a logística diária de manter Taos sob ocupação djinn não era minha principal preocupação no momento. — E como os imunes de

Los Alamos, estão desenvolvendo algo que você não consegue entender, Zahrias queria que você fosse embora daqui e fosse para Taos.

— Exatamente. Você e eu estivemos seguros nesta propriedade, escondidos do mundo. É exatamente por isso que escolhi este lugar como nosso santuário, nosso refúgio. Mas se o que Zahrias diz é verdade, talvez seja melhor deixarmos e nos refugiarmos com os outros djinns e escolhidos em Taos.

Cruzando os braços, eu disse: — Isso pressupõe que eu iria com você.

Agora a expressão que ele usava era de resignação. — Eu não forçarei você. Eu posso dizer que seria mais seguro, mas essa é sua decisão a tomar.

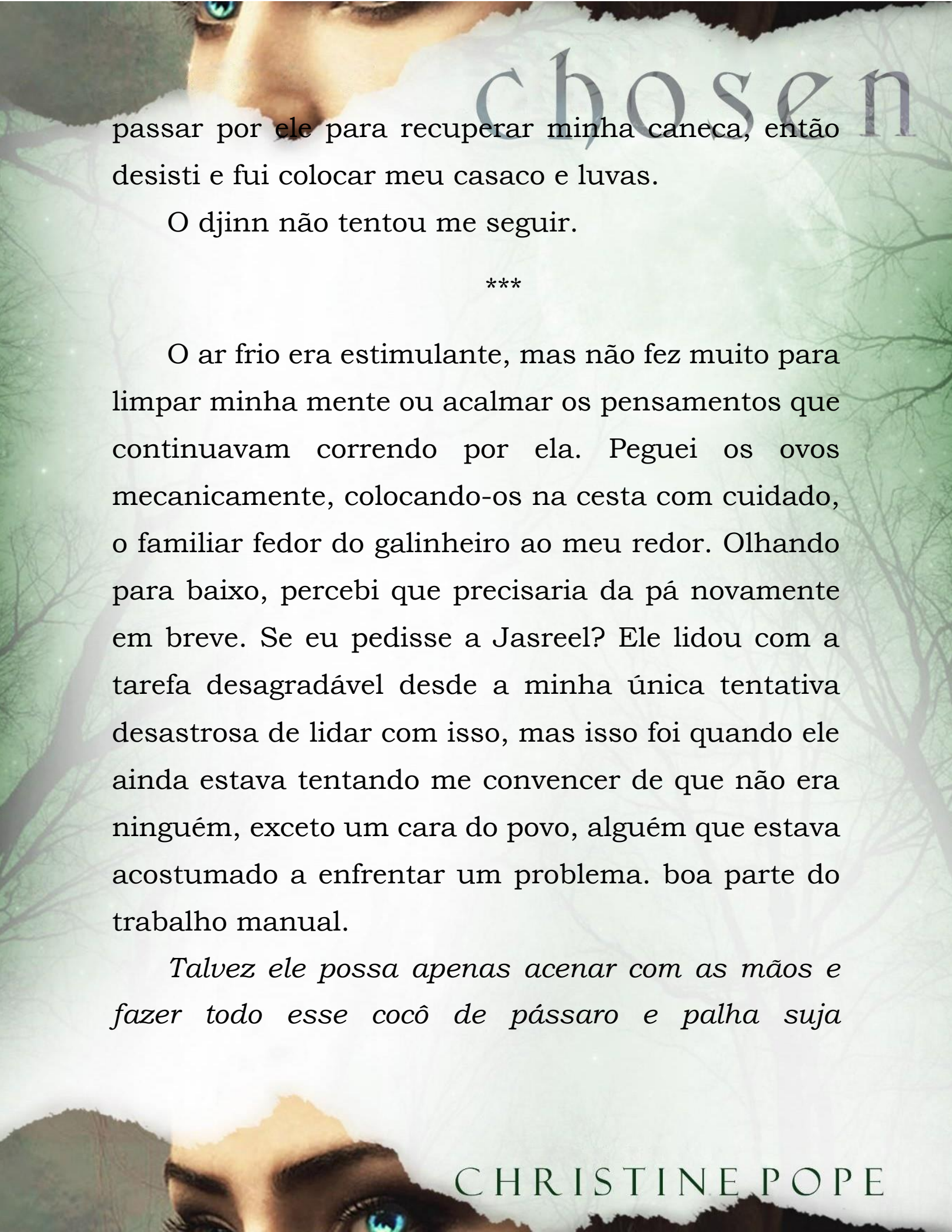
Oh, obrigado por me devolver o livre arbítrio, pensei. Mas me transportar para Taos sem sair de casa me deixaria muito, muito mais irritada. Jasreel estava me tratando como uma colega agora, dando-me a mesma opinião sobre o que devemos fazer a

seguir. Eu sabia que as notícias de Zahrias sobre os imunes em Los Alamos, preocupava Jasreel. Para mim, não achei que tivesse muito com que me preocupar. Afinal, eles eram seres humanos, eu era uma deles.

Porém... será que eu devia me preocupar? Talvez, já que eles me pareciam conspiratórios, e eu sou uma traidora da minha espécie. Claro, eu não sabia que Jasreel era djinn, mas eu não tinha ideia se esse tipo de desculpa iria me ajudar com eles ou não.

— Deixe-me pensar sobre isso. — Falei. — Eu tenho que ir buscar os ovos. — Essa sempre foi minha tarefa, assim como regar as cabras e arrastar seus pellets da garagem até a calha de alimentação que ele construiu ao lado do galpão, que era o trabalho de Jace... *Jasreel*.

Ele pareceu reconhecer que eu precisava de um tempo sozinha, porque não me deteve, apenas disse: — É claro. — E foi pegar sua xícara de café negligenciada. Percebi então que só tinha tomado alguns goles da minha. Ah bem. Eu não queria ter que



chosen

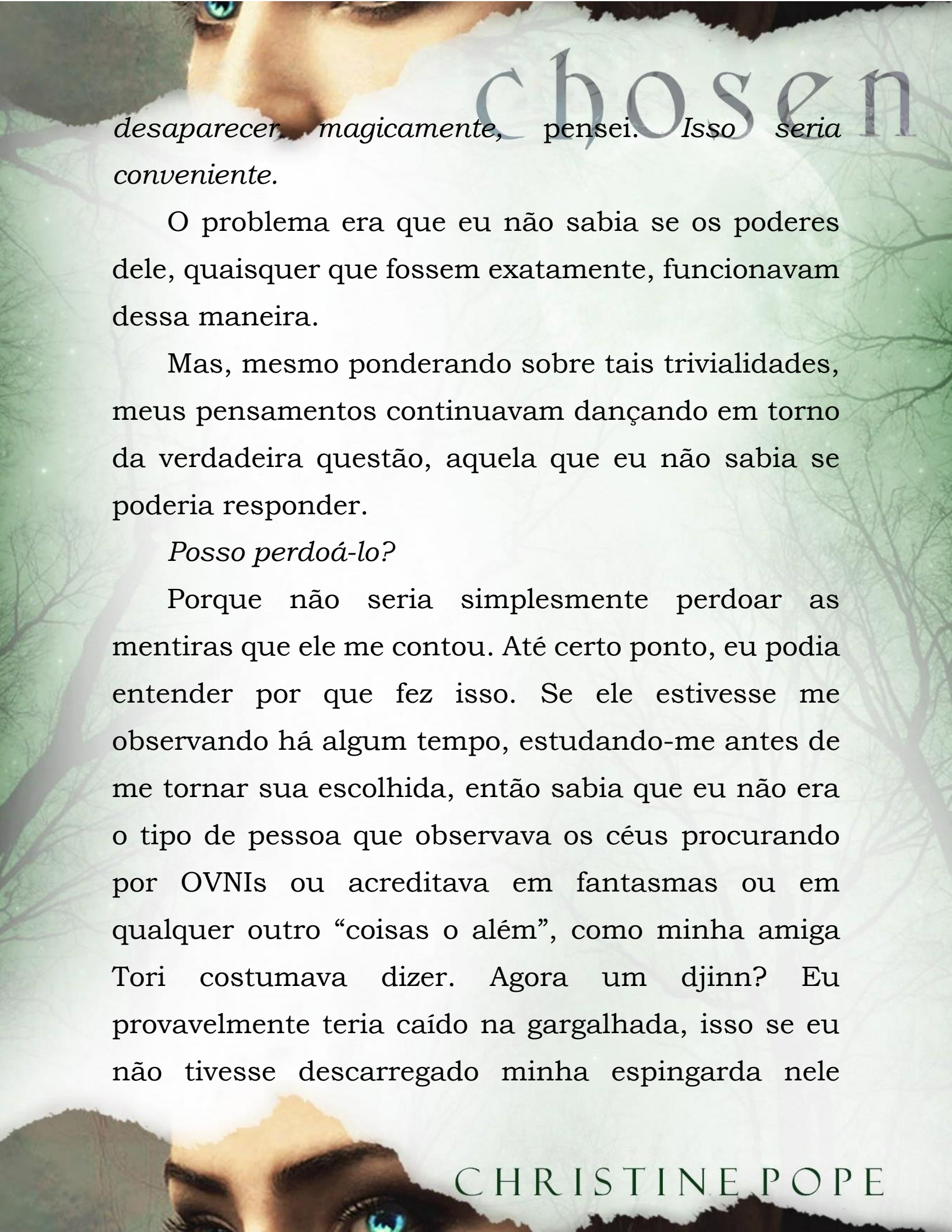
passar por ele para recuperar minha caneca, então desisti e fui colocar meu casaco e luvas.

O djinn não tentou me seguir.

O ar frio era estimulante, mas não fez muito para limpar minha mente ou acalmar os pensamentos que continuavam correndo por ela. Peguei os ovos mecanicamente, colocando-os na cesta com cuidado, o familiar fedor do galinheiro ao meu redor. Olhando para baixo, percebi que precisaria da pá novamente em breve. Se eu pedisse a Jasreel? Ele lidou com a tarefa desagradável desde a minha única tentativa desastrosa de lidar com isso, mas isso foi quando ele ainda estava tentando me convencer de que não era ninguém, exceto um cara do povo, alguém que estava acostumado a enfrentar um problema. boa parte do trabalho manual.

Talvez ele possa apenas acenar com as mãos e fazer todo esse cocô de pássaro e palha suja

CHRISTINE POPE



desaparecer, magicamente, pensei. Isso seria conveniente.

O problema era que eu não sabia se os poderes dele, quaisquer que fossem exatamente, funcionavam dessa maneira.

Mas, mesmo ponderando sobre tais trivialidades, meus pensamentos continuavam dançando em torno da verdadeira questão, aquela que eu não sabia se poderia responder.

Posso perdoá-lo?

Porque não seria simplesmente perdoar as mentiras que ele me contou. Até certo ponto, eu podia entender por que fez isso. Se ele estivesse me observando há algum tempo, estudando-me antes de me tornar sua escolhida, então sabia que eu não era o tipo de pessoa que observava os céus procurando por OVNI's ou acreditava em fantasmas ou em qualquer outro "coisas o além", como minha amiga Tori costumava dizer. Agora um djinn? Eu provavelmente teria caído na gargalhada, isso se eu não tivesse descarregado minha espingarda nele

CHRISTINE POPE

primeiro, só por segurança. É verdade, se eu tivesse feito isso e ele tivesse sobrevivido, então talvez eu tivesse começado a acreditar em suas origens sobrenaturais.

Não, o perdão teria que ir muito, muito além disso. Ele protestou dizendo que não poderia parar os sobreviventes, nem que poderia ter impedido seu povo de lançar seu terrível vírus no mundo. Talvez estivesse falando a verdade. Já que eu tinha visto esse Zahrias, o líder de fato dessa minha pequena parte do mundo. Se ele fosse parecido como o tipo de gente que os djinn estavam lutando, então eu poderia entender como os pedidos de misericórdia foram inúteis, como foram ignorados. Mas, mesmo assim, muitos diriam que Jasreel ainda era culpado por associação. Foi um djinn que fez essa coisa terrível, e ele era um djinn.

Tudo bem, a maioria das pessoas provavelmente pensaria assim. Mas eu não era uma dessas pessoas. Eu tomaria essa decisão por mim mesma, com base no que meu coração, meu instinto e minha mente me disseram.

E o que elas estavam me dizendo era que Jasreel me amava. Ele não poderia salvar todos, mas podia me salvar, e ele tinha feito. Ele me salvou e mostrou, dia após dia, que se importava comigo, em pequenas coisas, como me ajudar a limpar a mesa, mesmo que os pratos fossem o meu trabalho, ou separar adequadamente suas roupas sujas nas caixas corretas da lavanderia, para que eu não precisasse fazer. E em coisas maiores, como a árvore de Natal e a limpeza do galinheiro como já mencionei.

E a maior de todas... me vigiando, me mantendo segura o tempo todo, mesmo sabendo que não éramos exatamente iguais. Ele era um ser muito mais poderoso e experiente, e no entanto, nunca discutiu comigo, nunca desconsiderou minhas sugestões, sempre me levou a sério. Se isso não era amor e respeito, o que era?

Bem, parecia que eu tinha respondido minha própria pergunta.

Me sentindo toneladas mais leve, voltei para casa e entrei pela porta dos fundos, através do banheiro.

Limpei minhas botas, coloquei a cesta de ovos antes de tirar minha jaqueta e depois fui para a cozinha. Jasreel não estava lá, mas notei que ele limpou a caneca de café e a colocou no lugar da louça. Isso não me surpreendeu também, já que sempre limpava suas coisas.

— Jasreel? — Chamei, as sílabas de seu nome parecendo estranhas na minha língua.

— Na sala de estar. — Ele respondeu.

Eu me perguntava o que ele estava fazendo lá. Imaginando que descobriria em breve, segui nessa direção. Ele estava de pé em frente à lareira que mantivemos apagada nos últimos dias. Na mão direita, ele segurava um tronco, de modo que parecia que iria acender o fogo. Dutchie estava deitada ao lado dele, batendo em sua perna com uma pata. Obviamente, alguém pensou que era hora de esfregar a barriga.

Abafando um sorriso, eu disse: — Então...

— Sim? — Ele colocou a lenha no fogo e virou-se para mim, interrompendo as tentativas de Dutchie,

que me deu um olhar de nojo e se afastou de Jasreel, em direção à lareira.

— Então... eu vou para Taos com você. Se você acha que é o melhor.

Uma expressão de tanta alegria espalhou-se por seu rosto que, por um instante, todas as minhas dúvidas e preocupações me abandonaram. Certamente ninguém que poderia se parecer com isso me faria algum tipo de dano. Ele veio até mim e segurou minhas bochechas em suas mãos, virando meu rosto para ele.

— Você tem certeza?

Eu tinha? Seus dedos estavam quentes no meu rosto, tranquilizadores, fortes, mas gentis. Ninguém nunca me tocou assim. Ninguém, exceto Jace... Jasreel.

Eu assenti.

Ele se inclinou e me beijou, e foi a primeira vez que beijei essa versão dele, a primeira vez que senti os contornos dessa boca em particular, o gosto dessa língua. Não tão diferente de “Jace”, mas diferente o

suficiente para que eu tivesse que me lembrar de que ainda era ele, ainda o homem que havia me beijado antes, que havia feito amor comigo naquelas manhãs frias de inverno, e que ficou rindo depois que um bode bateu na minha bunda.

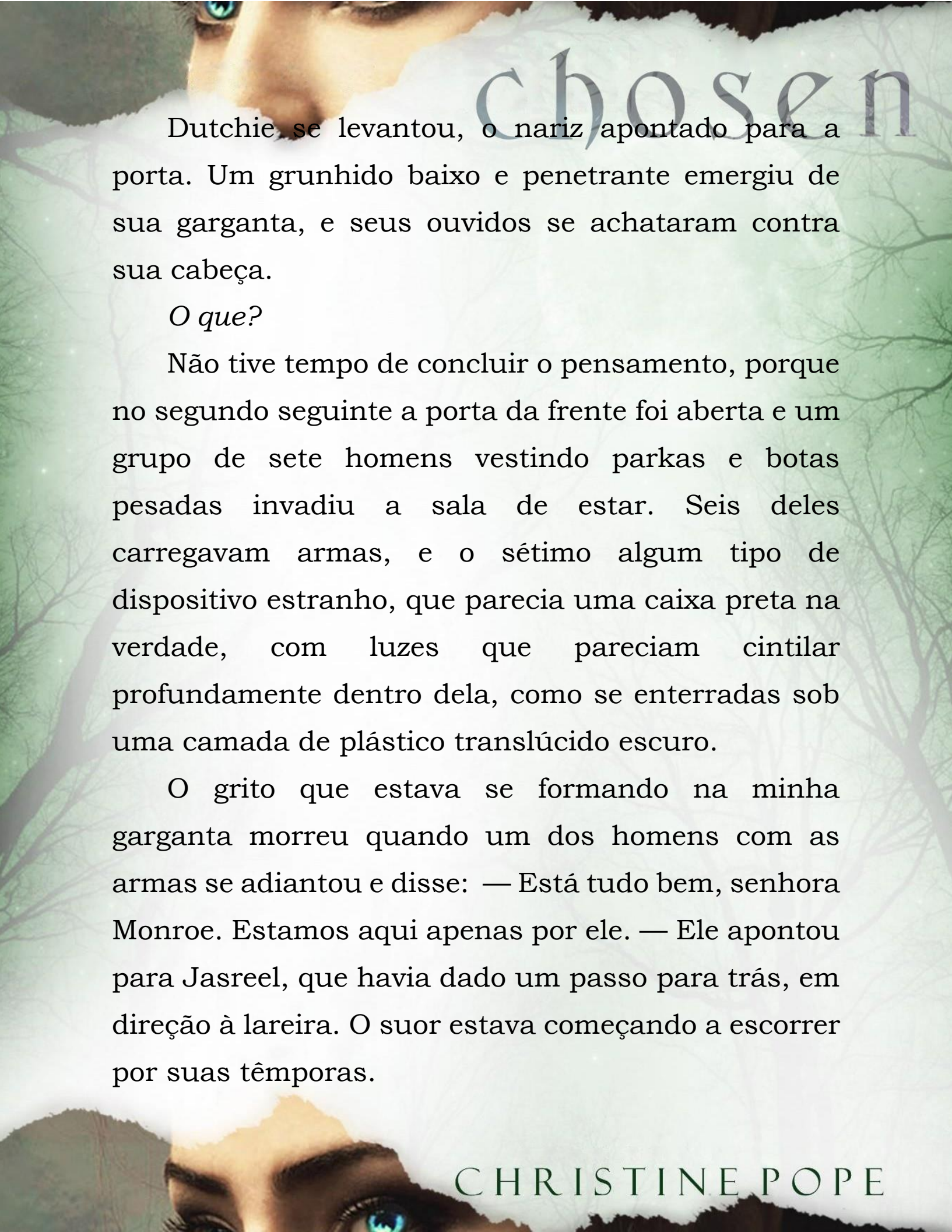
Mas então eu senti seu corpo ficar rígido, e ele deu um passo para longe de mim, uma mão indo para sua garganta.

— O que é isso? — Perguntei, estendendo a mão para segurar seus dedos. Pareciam gelo.

Suas mãos sempre estavam quentes. Sempre, não importa quantos graus podiam estar lá fora, como se o tempo não o afetasse da mesma maneira que me afetava.

— Não posso... respirar...

Coloquei minha mão em seu peito, senti seu coração batendo loucamente por dentro, senti-o trabalhando para respirar. Ele deu um suspiro curto e raso, melhor que nada, mas não explicava o que estava acontecendo com ele.



Chosen

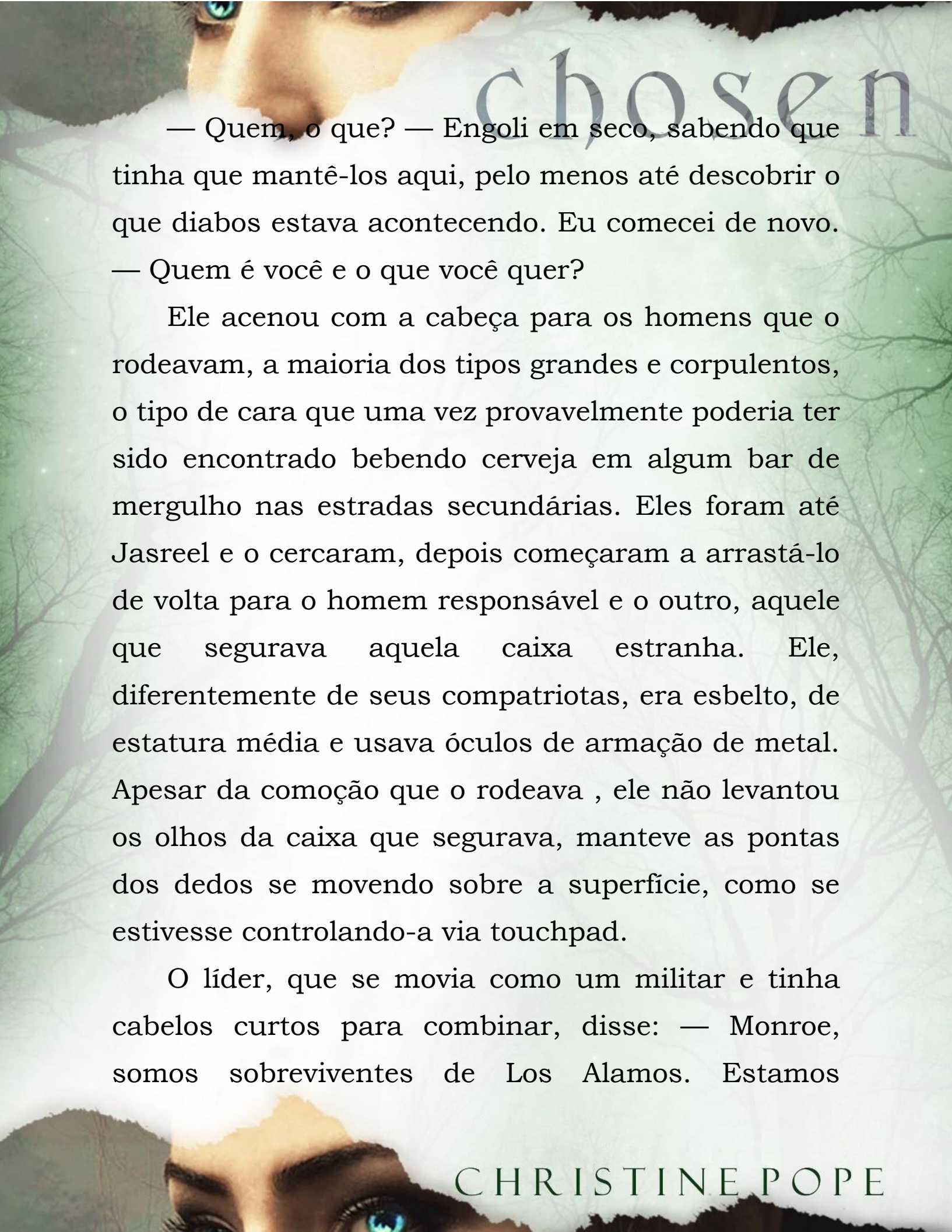
Dutchie se levantou, o nariz apontado para a porta. Um grunhido baixo e penetrante emergiu de sua garganta, e seus ouvidos se achataram contra sua cabeça.

O que?

Não tive tempo de concluir o pensamento, porque no segundo seguinte a porta da frente foi aberta e um grupo de sete homens vestindo parkas e botas pesadas invadiu a sala de estar. Seis deles carregavam armas, e o sétimo algum tipo de dispositivo estranho, que parecia uma caixa preta na verdade, com luzes que pareciam cintilar profundamente dentro dela, como se enterradas sob uma camada de plástico translúcido escuro.

O grito que estava se formando na minha garganta morreu quando um dos homens com as armas se adiantou e disse: — Está tudo bem, senhora Monroe. Estamos aqui apenas por ele. — Ele apontou para Jasreel, que havia dado um passo para trás, em direção à lareira. O suor estava começando a escorrer por suas têmporas.

CHRISTINE POPE



Chosen

— Quem, o que? — Engoli em seco, sabendo que tinha que mantê-los aqui, pelo menos até descobrir o que diabos estava acontecendo. Eu comecei de novo.
— Quem é você e o que você quer?

Ele acenou com a cabeça para os homens que o rodeavam, a maioria dos tipos grandes e corpulentos, o tipo de cara que uma vez provavelmente poderia ter sido encontrado bebendo cerveja em algum bar de mergulho nas estradas secundárias. Eles foram até Jasreel e o cercaram, depois começaram a arrastá-lo de volta para o homem responsável e o outro, aquele que segurava aquela caixa estranha. Ele, diferentemente de seus compatriotas, era esbelto, de estatura média e usava óculos de armação de metal. Apesar da comoção que o rodeava, ele não levantou os olhos da caixa que segurava, manteve as pontas dos dedos se movendo sobre a superfície, como se estivesse controlando-a via touchpad.

O líder, que se movia como um militar e tinha cabelos curtos para combinar, disse: — Monroe, somos sobreviventes de Los Alamos. Estamos

CHRISTINE POPE

coletando o máximo possível dessa escória. — Um empurrão no queixo dele na direção de Jasreel. — E os estamos julgando por crimes contra a humanidade. Parece o mínimo que podemos fazer, em nome daqueles que não estão mais por perto em busca de diversão.

Minha boca estava tão seca que machucava fisicamente engolir. Mas de alguma forma eu me forcei a fazer exatamente isso, mesmo quando enviei um olhar agonizado para Jasreel. Ele ficou pálido sob a pele tonificada e bronzeada, sua respiração saindo em lufadas curtas e difíceis. O que diabos eles estavam fazendo com ele?

— Ele não é culpado. — consegui falar. — Ele não fez nada de errado.

— Implore o quanto quiser, senhorita. — O líder da gangue de Los Alamos deu um leve aceno de cabeça, e os quatro homens que o seguravam começaram a arrastar Jasreel pela porta da frente.

— Não! — Implorei tentando segui-los, mas outro do grupo, um dos dois homens que flanqueava o cara com a caixa preta, me pegou pelo braço.

— Eu não faria isso. — Disse ele em um murmúrio. — Agora você tem o benefício da dúvida, mas... — Ele deixou as palavras morrerem, mas eu entendi o que ele queria dizer. Era Jasreel que esses homens estavam atrás, não eu. A última coisa que eu deveria estar fazendo era provocá-los.

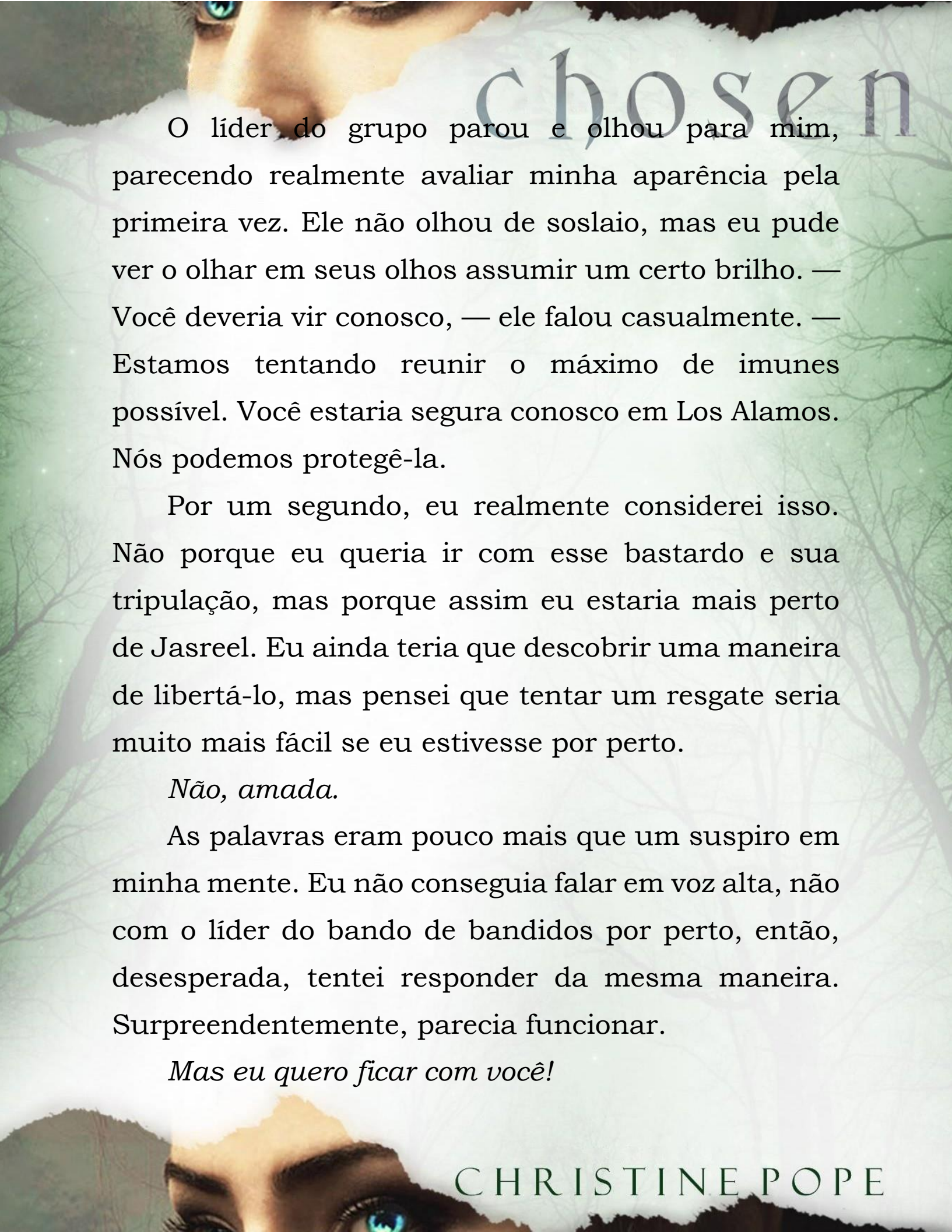
Dei ao homem loiro, que parecia ter a minha idade ou um pouco mais, o menor sinal de assentimento, e então mantive minha posição, a poucos metros do cara no comando. — Que prova você tem de que ele é culpado de alguma coisa?

— Sua natureza é prova suficiente. — Ele deu outro daqueles empurrões no homem com a caixa preta e os dois homens com ele. Pela primeira vez, aquele que usava óculos ergueu os olhos do dispositivo, seja lá o que fosse, e depois deu um leve aceno de cabeça, logo antes de sair pela porta da frente. O loiro me deu um olhar de aviso antes de se

virar e segui-lo, como se quisesse me dizer que eu precisava ficar parada, e de boca fechada.

Sem chance disso. Em vez disso, eu os segui. Assim que eu estava do lado de fora, o ar frio parecia me morder, perfurando a camisa térmica que eu usava, mas ignorei o desconforto momentâneo. Um pouco mais adiante, estacionados na estrada, havia dois Hummers, um amarelo brilhante e o outro vermelho. Em geral, esses foram alguns dos veículos roubados de Santa Fe e da região.

Eu podia ver Jasreel sendo amarrado no Hummer amarelo e amaldiçoando mentalmente. O que eu deveria fazer? Havia sete deles, *tudo bem*, o cara com a caixa parecia particularmente desinteressado em seus arredores e continuava brincando com o dispositivo, qualquer que fosse, então talvez ele não fosse uma grande ameaça, mas o resto deles eram todos grandes o suficiente para me abater sozinhos, quanto mais em grupo. E todas as minhas armas estavam trancadas no cofre de armas.



chosen

O líder do grupo parou e olhou para mim, parecendo realmente avaliar minha aparência pela primeira vez. Ele não olhou de soslaio, mas eu pude ver o olhar em seus olhos assumir um certo brilho. — Você deveria vir conosco, — ele falou casualmente. — Estamos tentando reunir o máximo de imunes possível. Você estaria segura conosco em Los Alamos. Nós podemos protegê-la.

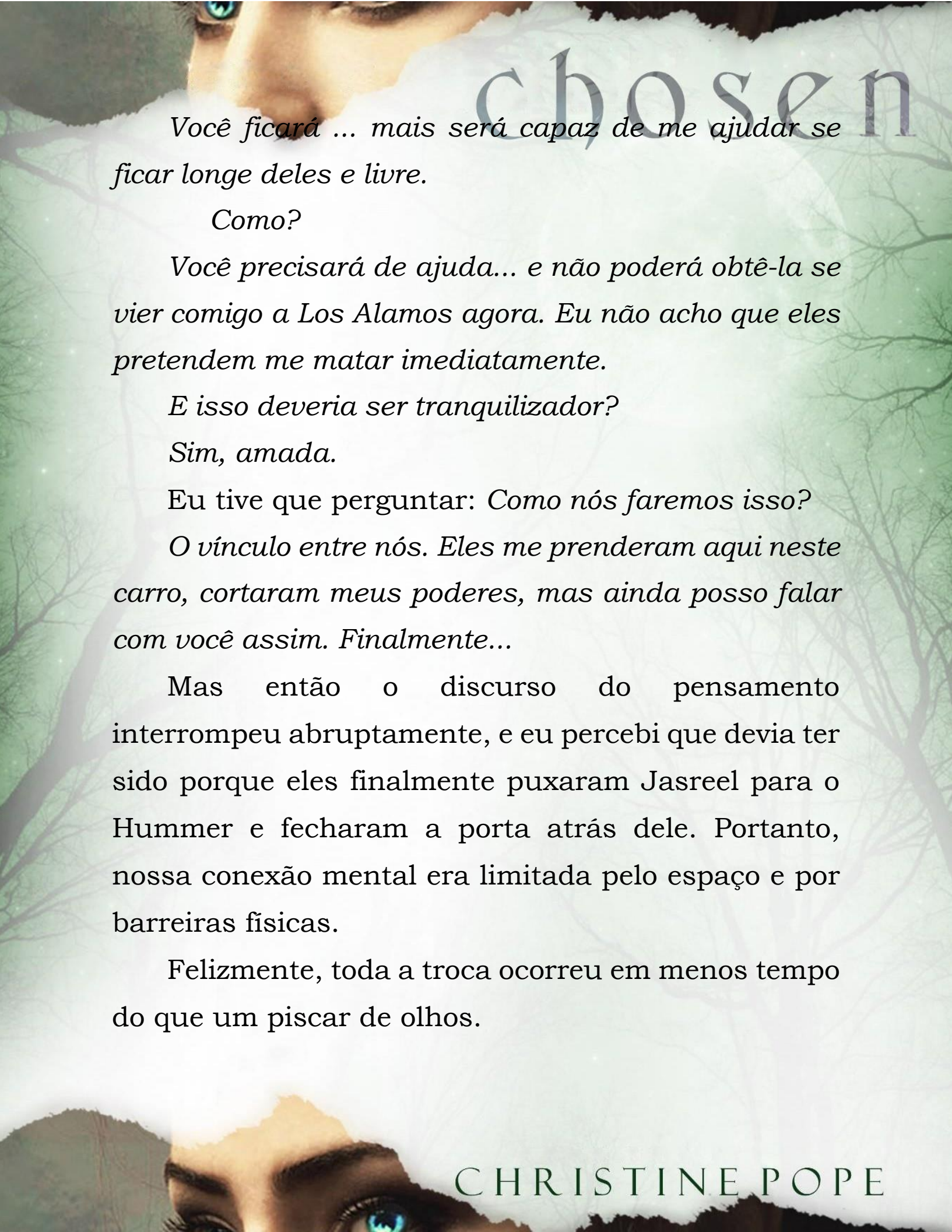
Por um segundo, eu realmente considerei isso. Não porque eu queria ir com esse bastardo e sua tripulação, mas porque assim eu estaria mais perto de Jasreel. Eu ainda teria que descobrir uma maneira de libertá-lo, mas pensei que tentar um resgate seria muito mais fácil se eu estivesse por perto.

Não, amada.

As palavras eram pouco mais que um suspiro em minha mente. Eu não conseguia falar em voz alta, não com o líder do bando de bandidos por perto, então, desesperada, tentei responder da mesma maneira. Surpreendentemente, parecia funcionar.

Mas eu quero ficar com você!

CHRISTINE POPE



chosen

Você ficará ... mais será capaz de me ajudar se ficar longe deles e livre.

Como?

Você precisará de ajuda... e não poderá obtê-la se vier comigo a Los Alamos agora. Eu não acho que eles pretendem me matar imediatamente.

E isso deveria ser tranquilizador?

Sim, amada.

Eu tive que perguntar: Como nós faremos isso?

O vínculo entre nós. Eles me prenderam aqui neste carro, cortaram meus poderes, mas ainda posso falar com você assim. Finalmente...

Mas então o discurso do pensamento interrompeu abruptamente, e eu percebi que devia ter sido porque eles finalmente puxaram Jasreel para o Hummer e fecharam a porta atrás dele. Portanto, nossa conexão mental era limitada pelo espaço e por barreiras físicas.

Felizmente, toda a troca ocorreu em menos tempo do que um piscar de olhos.

CHRISTINE POPE

— Obrigado pela oferta. — disse ao líder, meu tom o mais casual possível, como se não tivesse acabado de manter um diálogo mental desesperado com o cativo. — Mas tenho cabras e galinhas para cuidar. Acho que vou ficar bem aqui.

Os olhos dele se estreitaram. — Tem certeza? Não é seguro para uma mulher sozinha.

E eu ficaria muito mais segura em Los Alamos? Certo, idiota. Uniformemente, respondi: — Vou me arriscar.

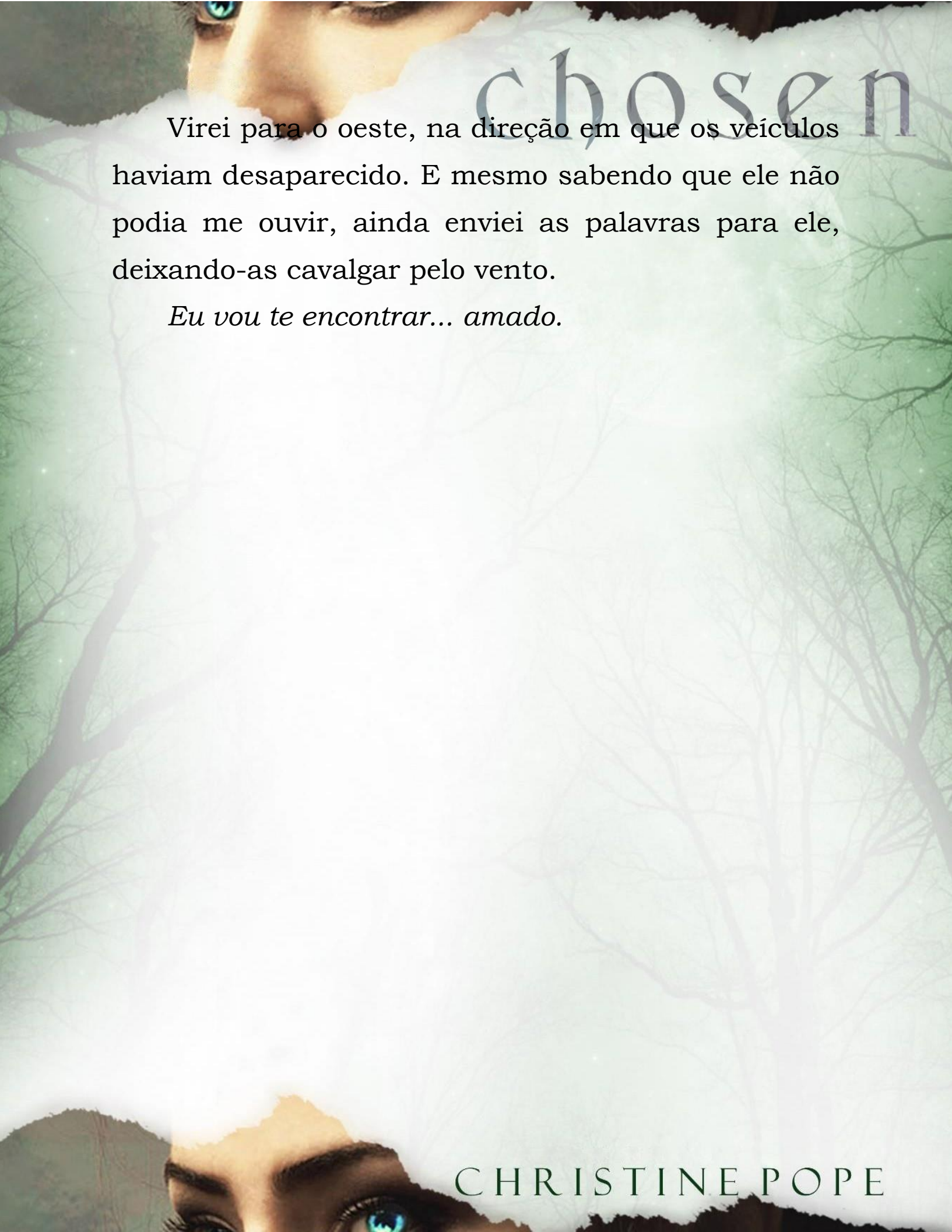
Uma longa hesitação, e fiquei preocupada que ele tentasse me forçar a entrar no outro Hummer. Mas então ele deu de ombros e disse: — A porta está sempre aberta. Venha nos encontrar lá quando estiver pronta.

Balancei a cabeça, e ele pareceu considerar isso a conclusão da nossa conversa, porque ele sinalizou para os três homens ainda esperando do lado de fora para entrar no Hummer vermelho. Imediatamente depois, ele foi até o veículo e subiu no banco do passageiro. Um tapa na porta, e os dois veículos se

afastaram saindo pelo portão, que só agora notei que estava aberto. Eles devem ter um o mecanismo ou algo assim, embora isso deveria ter acionado o sistema de alarme. Por outro lado, eu não sabia o que a caixa preta que o homem de aparência macia estava segurando poderia fazer. Talvez pudesse simultaneamente interromper o alarme e de alguma forma prender Jasreel aqui neste mundo, sem esperança de escapar. Ou talvez um dos homens do Hummers tivesse cortado alguns fios.

Em um minuto ou dois, eu teria que inspecionar o portão e ver se o que eles haviam feito era algo que eu pudesse consertar. Em um minuto ou dois, eu teria que levar Dutchie de volta para casa e trancar a porta, e rezar para que nenhum olhar hostil tivesse me visto em meu estado vulnerável atual.

Naquele momento, embora eu pudesse apenas ficar parada na entrada da garagem e sentir as lágrimas geladas escorrerem pelo meu rosto, ardendo no vento forte que soprava do Norte. *Jasreel se foi.*



chosen

Virei para o oeste, na direção em que os veículos haviam desaparecido. E mesmo sabendo que ele não podia me ouvir, ainda enviei as palavras para ele, deixando-as cavalgar pelo vento.

Eu vou te encontrar... amado.

CHRISTINE POPE